Robert Ludlum

A IDENTIDADE BOURNE

Introduzindo **Jason Bourne** – salvador ou assassino?



Robert Ludlum

A IDENTIDADE BOURNE

Tradução de
S. R. BARRETO



Para Glynis
Uma luz muito especial que todos nós adoramos.
Com o nosso amor e profundo respeito.

PREFÁCIO

The New York Times
Sexta-feira, 11 de julho de 1975
Primeira página

DIPLOMATAS ESTÃO LIGADOS AO CASO DO TERRORISTA FUGITIVO CONHECIDO COMO CARLOS

PARIS, 10 de julho — A França expulsou hoje três diplomatas cubanos do alto escalão que estavam em conexão com a procura de um homem chamado Carlos, que se acredita ter importante ligação em uma rede internacional de terrorismo.

O suspeito, cujo nome verdadeiro supõe-se ser Ilich Ramirez Sanchez, está sendo procurado pela morte de dois agentes de contra-espionagem e um informante libanês, ambos mortos em um apartamento do Quartier Latin, a 27 de junho último.

As três mortes trouxeram a polícia até aqui e depois para a Bretanha, onde crêem haver uma trilha de uma rede de agentes internacionais do terrorismo. Na busca de Carlos, depois das mortes, os policiais franceses e britânicos descobriram provisões de armas que ligavam Carlos ao terrorismo da Alemanha Ocidental e foram levados a suspeitar da existência de uma conexão entre os vários atos terroristas em toda a Europa.

Foi visto em Londres
Desde então, Carlos tem sido visto em Londres e em Beirute, no Líbano...

Associated Press
Segunda-feira, 7 de julho de 1975
Syndicated dispatch

OPERAÇÃO REDE-FINA PARA PEGAR ASSASSINO

LONDRES (AP) — Balas e garotas, granadas e boas roupas, carteira bem-recheada, passagens aéreas para lugares românticos e agradáveis apartamentos em meia dúzia de capitais de várias partes do mundo. Este é o retrato de um assassino da era do jato, procurado em uma caçada internacional.

A caçada começou quando o homem abriu sua porta em Paris e matou a tiros dois agentes do serviço de informação francês e um informante libanês. Quatro mulheres estão sob custódia em duas capitais, acusadas de crimes em sua defesa. O assassino, no entanto, desapareceu — talvez no Líbano, como acredita a polícia francesa.

Nos últimos dias, em Londres, os que travaram conhecimento com ele o têm descrito para os repórteres como sendo de boa aparência, cortês, de boas maneiras, rico e sempre vestido na moda.

Mas os seus associados são homens e mulheres conhecidos como os mais perigosos de todo o

mundo. Dizem que tem ligações com o Exército Vermelho japonês, com a Organização para a Luta Armada da Arábia, com o grupo Baader-Meinhof da Alemanha Ocidental, com a Frente de Libertação do Quebec, com a Frente de Libertação Popular Turca, com os separatistas da França e da Espanha, e com ala Provisória do Exército Republicano Irlandês.

Quando o assassino viaja — para Paris, para o Hague, para Berlim Ocidental — bombas explodem, armas estouram e sempre ocorrem seqüestros.

Um furo foi obtido em Paris quando um terrorista libanês fez uma confissão em interrogatório. O que levou dois homens do serviço de informação à porta do assassino, em Paris, no dia 27 de junho. Ele atirou em todos os três, matando-os, e depois fugiu. A policia encontrou as suas anuas e os cadernos de anotação contendo "listas de mortes" de pessoas importantes.

Ontem o London Observer disse que a policia estava à caça do filho de um advogado comunista venezuelano, para interrogá-lo sobre a tripla chacina. A Scotland Yard disse: "Não estamos proibindo as reportagens", mas adiantou que não havia nenhum mandado contra ele e que ele estava sendo procurado apenas para interrogatório.

O Observer identificou o homem caçado como sendo Ilich Ramirez Sanchez, de Caracas. Disse que seu nome estava em um dos quatro passaportes encontrados pela polícia francesa quando invadiram o apartamento de Paris onde o chacinador se escondia.

O jornal disse que o nome Ilich foi tirado de Vladimir Ilych Lenin, fundador do Estado soviético, que ele foi educado em Moscou e fala russo fluentemente.

Em Caracas, um porta-voz do Partido Comunista Venezuelano disse que Ilich é o filho de um advogado marxista de 70 anos de idade e que mora a 450 milhas a oeste de Caracas, mas que "nem o pai nem o filho pertencem ao nosso partido".

Contou aos repórteres que desconhecia o então paradeiro de Ilich.

LIVRO I

1

A traineira submergiu nas vagas violentas do mar escuro e furioso como um animal desajeitado tentando desesperadamente emergir de um atoleiro pegajoso. As ondas se elevavam a gigantescas alturas e vinham quebrar de encontro ao casco com o mesmo peso da sua tonelagem bruta; os borrifos da espuma do mar se avolumavam no céu escuro e desciam em cascatas sobre o convés, empurrados pela força do vento. De qualquer ponto de distância podia-se ouvir os gemidos de um tormento inanimado, de madeira roçando contra madeira, de cordas torcidas, esticadas até o ponto máximo de estiramento. O animal estava morrendo.

Duas explosões repentinas vararam a noite, transpassando os ruídos do mar e do vento com um som mais agudo do que os gemidos da própria nave. Então, eles saíram da cabina mal-ilumi-nada, daquela casca protetora que subia e descia alternadamente. Um homem arremessou-se porta afora, agarrando-se às grades com uma das mãos. Com a outra, segurava o estômago.

Outro homem o seguiu, num cerco cauteloso. Sua intenção era violenta. Ficou se escorando no vão da porta da cabina, ergueu a arma e atirou mais uma vez. E outra.

O homem que estava na mureta levou as mãos à cabeça, arqueando o corpo para trás sob o impacto da quarta bala. A proa da traineira mergulhou de repente no entremeio de duas gigantescas ondas, levantando do chão o homem ferido. Ele foi atirado para a esquerda, sem poder tirar as mãos da cabeça. O barco foi jogado para o alto pelo mar encapelado, aproa e o do meio do casco estavam mais para fora do que para dentro da água. O vulto que estava no vão da porta foi varrido de volta para dentro da cabina. Um quinto tiro disparou inesperadamente. O homem ferido gritou, tentando alcançar com as mãos alguma coisa a que pudesse se agarrar; tinha os olhos cegos pelo sangue e pela espuma salgada que varria incessantemente o convés. Não havia nada a que se agarrar, e ele se agarrou ao nada. Suas pernas vergaram e o corpo cambaleou para a frente. O barco jogou violentamente, caindo para sotavento, e o homem com o crânio aberto precipitou-se para dentro da escuridão desvairada.

Ele sentiu a turbulenta água gelada envolvê-lo, engolindo-o e sugando-o para o fundo, fazendo-o girar em círculos e, em seguida, impelindo-o para a superfície — apenas o tempo suficiente para uma arfada de ar. Uma arfada apenas e já estava no fundo novamente.

Havia um calor estranho, uma mistura úmida e quente na sua fronte, que queimava na água que continuava a engoli-lo. Mesmo dentro da água — era um fogo onde nenhum fogo podia queimar. E havia uma sensação gelada, também. Um latejamento gelado no estômago, nas pernas e no peito, tão gelado que o mar frio à sua volta aquecia. Era estranho! Podia sentir tudo isso enquanto reconhecia o seu próprio pânico. Podia ver o seu próprio corpo girando e se retorcendo, braços e pés lutando freneticamente contra a pressão e a voracidade das águas. Podia sentir, pensar, ver, perceber o pânico e lutar. E o mais estranho — havia paz. Havia paz na calma do observador, no seu distanciamento; o observador separado dos acontecimentos, conhecendo-os, mas sem estar essencialmente envolvido por eles.

Em seguida foi tomado por outra forma de pânico. Outra forma de pânico alastrou-se nele, avolumando-se através do calor e do frio, infiltrando-se no seu reconhecimento distante. Ainda não podia se entregar à paz! Ainda não! Devia acontecer a qualquer instante, embora não estivesse certo do que era; mas sabia que alguma coisa iria acontecer. E ele tinha que estar ali!

Então, esperneou furiosamente, agarrando-se às pesadas paredes d'água, o peito queimando, até irromper à superfície, debatendo-se para permanecer no topo das negras vagas. Subir! *Subir!*

Uma monstruosa onda o arrastava acomodado em sua crista, rodeado pelas imensas bolsas de espuma e pela escuridão. E nada. Virar! *Virar!*

Até que aconteceu. A explosão foi compacta, pôde ouvi-la mais alto do que o ruidoso entrechocar das águas com o vento — o som e a visão que eram, de alguma forma, seu descanso, sua paz. O céu acendeu-se. Parecia um ígneo diadema. E dentro daquela coroa de fogo, objetos de todos os tamanhos e formas eram jogados do círculo de luz para as sombras do lado de fora.

Vencera. De qualquer forma, ele vencera.

De repente, imergiu novamente para dentro de um abismo. Podia sentir as águas turbulentas se fecharem acima dos seus ombros, refrescando o fogo-febre das suas têmporas, aquecendo o gelo-frio dos seus ferimentos no estômago, nas pernas, e...

Seu peito. Seu peito estava em agonia! Fora golpeado — a pancada esmagadora, o impacto repentino, intolerável quase. De novo! *Deixe-me só. Dê-me paz!*

E outra vez!

E novamente tentou se firmar, outra vez se debater... Até que sentiu um objeto grosso e viscoso que se movia com os movimentos do mar. Não sabia o que era, mas lá estava, podia senti-lo, segurá-lo.

Segure-o! Ele vai levá-lo para a paz. Para o silêncio da escuridão... e da paz.

Os raios do sol nascente irromperam através da névoa do céu oriental, emprestando seu brilho calmas águas do Mediterrâneo, O capitão do pequeno barco pesqueiro, os olhos injetados e as mãos marcadas por queimaduras feitas pelas cordas, estava sentado sobre a amurada da popa, fumando um Gauloise, agradecido por ver o mar novamente brando. Passou a vista pela casa do leme, que estava aberta. Seu irmão mais novo regulava o estrangulador, acelerando para navegar mais depressa, e o outro tripulante examinava uma rede, um pouco mais afastado. Riam de alguma coisa, e isso era muito bom, pois na noite anterior haviam enfrentado sérios problemas, sem tempo para risos. De onde teria vindo aquela tormenta? Os boletins meteorológicos de Marselha não haviam previsto nada; se tivessem, ele teria ficado ao abrigo da costa, no litoral. Queria alcançar as zonas de pesca, 80 quilômetros ao sul de La Seyne-sur-Mer, ao despontar do dia, mas não à custa de avarias e reparos dispendiosos. E que reparos não são dispendiosos nestes dias?

E muito menos à custa de sua própria vida. Em alguns momentos, na noite passada, chegara a pensar nessa possibilidade.

— *Tu es fatigué, hein, mon frère*? — gritou o irmão, sorrindo para ele. — *Va te coucher maintenant. Laisse-moi faire.*

— *D'accord* — respondeu ele, jogando o cigarro para o lado e esgueirando-se para o convés, para cima de uma rede. — Dormir um pouco não vai fazer mal.

Era bom ter um irmão no leme. Um membro da família deve sempre ser o piloto de um barco de família, os olhos são mais vigilantes.

Mesmo que seja um irmão que fala a linguagem suave de um homem letrado, tão oposta à sua linguagem vulgar. Louco! Um ano apenas na universidade e o irmão quis começar uma *compagnie*. E com um único barco, que já tivera seus melhores dias há muitos anos. Louco. Para que serviram seus livros ontem à noite, quando sua *compagnie* esteve a ponto de emborcar?

Fechou os olhos e molhou as mãos na água corrente do convés. O sal do mar era bom para as queimaduras. Queimaduras feitas enquanto amarrava o equipamento, que queria perder-se na tormenta.

— Olhe! Lá adiante!

Era o irmão. Parece que o sono seria interrompido pelos vigilantes olhos da família.

— O que é? — gritou.

— A bombordo! Há um homem na água! Está se segurando em alguma coisa, algum destroço ou

um pedaço de tábua qualquer.

O capitão tomou o leme, inclinando o barco para o lado direito do corpo e desligando as máquinas para reduzir o turbilhão formado nas águas pelas hélices. Qualquer movimento podia fazer com que o homem escorregasse do pedaço de madeira a que se agarrava, de tão fraco que parecia. As mãos brancas apertavam a borda da madeira como garras, mas o resto do corpo estava flácido — como um afogado, já passado deste mundo.

— Vamos alçá-lo com as cordas! — o capitão gritou para o irmão e o ajudante. — Passem as cordas por debaixo das pernas. Devagar, agora! Passem pela cintura, agora. Puxem com cuidado.

— Ele não tira as mãos da tábua!

— Tentem! Abram à força! Pode ser o enrijecimento da morte.

— Não. Ainda está vivo... acho. Move os lábios, embora não diga nada. E os olhos também. Mas duvido que esteja nos enxergando — As mãos se soltaram!

— Levem-no. Segurem-no pelos ombros e puxem-no para cima. *Cuidado, agora*!

— Mãe de Deus! Olhem a cabeça dele! — O ajudante gritou. — Está aberta!

— Deve tê-la batido contra a tábua na tormenta — disse o irmão.

— Não — discordou o capitão, olhando surpreso para o ferimento. — É um talhe feito, como de navalha. Foi uma bala; ele levou um tiro.

— Como você pode ter certeza disso?

— Em mais de um lugar — continuou o capitão, percorrendo o corpo com os olhos, — Vamos em direção à Île de Port Noir; é a ilha mais próxima. Lá tem um médico na praia.

— Ele pratica...

— Quando pode — afirmou o irmão. — Quando a bebida o permite praticar. Tem mais sorte com os animais dos pacientes do que com os próprios pacientes.

— Não vai ter nenhuma importância. Ele será um cadáver quando chegarmos lá. Se por acaso sobreviver, cobrar-lhe-ei a gasolina extra e a pesca que perdermos. Pegue o estojo, vamos enfaixar-lhe a cabeça. Será melhor do que nada.

— Olhem! — gritou o ajudante. — Olhem para os seus olhos.

— O que têm? — perguntou o irmão.

— Estavam cinzas ainda há pouco, tão cinzas quanto o cabo de aço. Estão azuis agora!

— O sol está mais forte — respondeu o capitão, encolhendo os ombros. — Ou está pregando peças aos seus olhos. Não importa, a cor não é importante no túmulo.

Os intermitentes apitos dos barcos de pesca destoavam dos incessantes e estridentes guinchos das gaivotas, compondo o ruído característico e universal de uma praia. A tarde morria. O sol era uma bola de fogo no ocidente, a atmosfera, pesada e desoladora, e estava muito quente. Além dos píeres, de frente para o ancoradouro, havia uma rua calçada com pedras e algumas casas brancas com a pintura manchada, separadas por grama alta crescendo intrépida da terra seca misturada com a areia. O que restou das varandas era apenas um esqueleto de grades remendadas, estuque desmoronando e estacas provisoriamente encaixadas. Estas residências tinham conhecido melhores dias algumas décadas antes, quando os seus habitantes acreditaram erradamente que a Île de Port Noir poderia vir a ser outro lugar de lazer do Mediterrâneo. Isto jamais aconteceu.

Todas as casas tinham trilhas que davam para a rua, mas a última casa da série tinha uma trilha casualmente mais pisada do que as demais. A casa pertencia a um inglês que chegara a Port Noir oito anos atrás em circunstâncias desconhecidas e que ninguém se importava em conhecer; era médico, e a praia precisava de um médico, pois os anzóis, as agulhas e as facas eram ao mesmo tempo meios de sustento e instrumentos de incapacidade para o trabalho. Se alguém encontrava *1e docteur* num bom dia,

as suturas não eram tão más assim. Por outro lado, se o bafo do vinho ou do uísque era muito acentuado, era preciso arriscar a sorte.

Tant pis! Era melhor do que ninguém.

Mas não hoje, hoje ninguém ainda havia passado pela trilha. Era domingo e era fato corrente que todas as noites de sábado o doutor ficava completamente bêbado na vila e ia terminar a noite com qualquer puta que estivesse disponível. Naturalmente, também era tido como certo que durante estes últimos sábados a rotina do doutor fora alterada, ele não tinha mais sido visto na vila. Mas não fora uma mudança assim tão radical: as garrafas de uísque eram regularmente enviadas ao doutor, enquanto ele ficava em casa. Isso era o que ele vinha fazendo desde que o barco pesqueiro, vindo de La Ciotat, trouxera o desconhecido, mais morto do que vivo.

O Dr. Geoffrey Washburn acordou com um sobressalto, o queixo caído sobre a clavícula, fazendo com que o hálito de sua boca penetrasse pelas narinas. E não era nada agradável! Piscou os olhos tentando se orientar e olhou de relance para a porta do quarto. Provavelmente o seu cochilo fora interrompido por outro incoerente monólogo do paciente. Não, não escutava qualquer som. Até mesmo as gaivotas lá fora estavam indulgentemente quietas. Era o feriado da Île de Port Noir, não havia movimento de barcos chegando para açular os pássaros com suas pescas.

Washburn olhou para o copo vazio e a meia garrafa de uísque em cima da mesa ao seu lado. Era uma vitória. Em domingos normais, os dois já estariam vazios; a dor da noite anterior teria se esfumaçado com o uísque. Sorriu, mais uma vez abençoando a irmã mais velha, em Coventry, que tornava possível o seu uísque com uma pensão mensal. Era uma boa garota a Bess, uma boa garota, e só Deus sabe que ela podia lhe dar bem mais do que lhe dava, mas assim mesmo era agradecido pelo que ela lhe enviava. E o dia em que ela morresse e o dinheiro parasse de chegar, ele tentaria o esquecimento com o vinho mais barato que encontrasse, até que a dor se extinguisse totalmente. Para sempre.

Estava se acostumando com essa eventualidade, começando a aceitar essa idéia... Mas tudo mudara há três semanas e cinco dias, quando aquele estranho, meio morto, fora puxado do mar e trazido até sua porta por alguns pescadores que não quiseram se identificar. A sua missão era de indulgência, e não de envolvimento. Deus entenderia, o homem fora baleado.

O que os pescadores não sabiam, no entanto, é que muito mais do que apenas as balas haviam tomado o corpo daquele homem. E a mente.

O doutor empurrou seu frágil esqueleto para fora da cadeira e caminhou com passos vacilantes em direção à janela que dava para o ancoradouro. Baixou a vidraça, fechando os olhos para se proteger do sol forte, e depois deu uma espiada por entre as palhetas da janela para observar o movimento da rua lá embaixo, curioso para ver o motivo daquela algazarra. Era uma carreta puxada a cavalo, uma família de pescador no seu passeio dominical.Onde mais poderia alguém ter tal visão? Então, lembrou-se das carruagens e dos cavalos finamente enfeitados que atravessavam o Regent Park de Londres passeando com turistas durante os meses de verão, e riu com a comparação. Mas era uma risada efêmera, que dava lugar a alguma coisa inconcebível a menos de três semanas. Desistira de toda a esperança de rever a Inglaterra. Mas agora tudo poderia voltar a ser possível. O estranho poderia provocar uma mudança.

A menos que seu prognóstico estivesse errado, poderia acontecer a qualquer dia, hora ou minuto. Os ferimentos das pernas e do peito eram profundos e graves, quase fatais, não fosse o fato de as balas terem permanecido onde haviam se alojado e as contusões terem sido meio cauterizadas e continuamente limpas pela água do mar. Extraí-las não fora tão difícil e perigoso como poderia parecer, o tecido já estava preparado, amaciado e esterilizado, pronto para a faca. O ferimento do crânio foi mais problemático. A bala penetrara subcutaneamente e parecia ter ofendido as regiões fibrosas do tálamo e do hipocampo. Se a bala tivesse penetrado mais alguns milímetros, as funções vitais teriam cessado imediatamente, mas elas não tinham sido atingidas e Washburn tomou uma decisão — permaneceu sóbrio durante 36 horas, alimentando-se de amido e bebendo água tanto quanto lhe era humanamente

possível. Em seguida realizou o trabalho mais delicado que já empreendera desde a sua demissão do Hospital Macleans, de Londres. Limpou com pincel cada milímetro das áreas fibrosas, e depois repuxou e suturou a pele sobre a lesão craniana, sabendo que o menor erro com pincel, agulha ou pinça causaria a morte do seu paciente.

E não desejava que este paciente morresse. Por uma série de razões e mais especialmente uma.

Quando terminou a operação e os sinais vitais permaneceram constantes, o Dr. Geoffrey Washburn voltou-se para o seu complemento químico e psicológico: a garrafa. Embebedou-se, mas sem passar dos limites. Sabia exatamente onde estava e o que devia fazer durante todo o tempo, o que era positivamente uma vitória.

A qualquer dia, a qualquer instante, talvez, o estranho abri ria os olhos e ele poderia ouvir palavras inteligíveis dos seus lábios.

A qualquer momento.

As palavras vieram antes. Flutuaram no ar como a brisa da manhã, que vinha do mar e arejava a sala.

— Quem está aí? Quem está na sala?

Washburn sentou-se no estrado, movimentou as pernas devagar e pôs-se de pé com cuidado. Era muito importante não fazer nenhum barulho estridente, nenhum ruído repentino ou movimento apressado. Isto poderia assustar o paciente e levá-lo a uma regressão psicológica. Os minutos seguintes seriam tão delicados quanto os atos cirúrgicos que realizara. Como médico, já estava preparado para aquele momento.

— Um amigo — respondeu com brandura.

— Amigo?

— Você fala inglês, como pensei. Suspeito que seja americano ou canadense. O seu trabalho dentário não é do Reino Unido ou de Paris. Como se sente?

— Não tenho certeza.

— Leva um tempo. Não quer se aliviar?

— O quê?

— Ir ao banheiro, companheiro. O recipiente ao seu lado é para isso. O branco, à sua esquerda. Se o usar a tempo, é claro.

— Desculpe.

— Nada disso. É uma função perfeitamente normal. Sou médico, sou seu médico. Meu nome é Geoffrey Washburn. E o seu?

— Como?

— Perguntei o seu nome.

O estranho moveu a cabeça e ficou a olhar perplexamente para a parede branca riscada com os raios de luz da manhã. Depois, se virou, volvendo os olhos azuis para o médico. — Não sei.

— Oh, meu Deus!

— Já lhe disse mil vezes. Leva tempo. Quanto mais você luta contra isso, mais se atormenta, e é pior para você.

— Você está bêbado.

— Geralmente. E isso não é da sua conta. Mas posso lhe dar algumas pistas, se me ouvir.

— Eu tenho ouvido.

— Não, não tem. Tem dado as costas. Esconde-se no seu casulo e puxa as cobertas sobre a mente. Ouça-me de novo.

— Estou ouvindo.

— Quando esteve em coma — e foi por bastante tempo —, você falou em três línguas diferentes: inglês, francês e uma maldita ingresia que presumo ser uma língua oriental. Isso quer dizer que você é plurilíngue, está em casa em várias partes do mundo. Agora, pense geograficamente. O que lhe parece mais próximo e fácil? Mais confortável.

— O inglês, obviamente.

— Já concordamos com isso. Agora, o que é mais desconfortável?

— Não sei.

— Os seus olhos são redondos e não oblíquos. Eu diria que obviamente é a oriental.

— Óbvio.

— Mas então por que você fala? Agora, pense em termos de associação. Anotei algumas palavras, ouça. Vou pronunciá-las foneticamente. *Ma — kwa. Tam — kwa. Kee — sab*. Diga a primeira coisa que lhe vier à mente.

— Nada.

— Bom trabalho.

— Que inferno! O que você quer?

— Alguma coisa. Qualquer coisa.

— Você está bêbado.

— Já concordamos com isso. Totalmente. Mas também salvei a porcaria da sua vida. Bêbado ou não, sou um médico. E já fui muito bom.

— O que aconteceu?

— O paciente questiona o médico, agora?

— Por que não?

Washburn fez uma pausa e olhou a praia pela janela. — Eu estava bêbado — disse. — Disseram que matei dois pacientes na mesa de operação porque estava bêbado. Podia ter liquidado um. Não dois. Eles percebem um comportamento muito rapidamente, que Deus os abençoe. Nunca dê uma faca a um homem como eu e depois o desfaça com respeitabilidade.

— Era necessário?

— O que era necessário?

— A bebida.

— É claro, seu miserável — disse Washburn com brandura, voltando-se da janela. — Era, e é. E o paciente não tem permissão para fazer julgamentos no que diz respeito ao médico.

— Sinto muito.

— Você também tem o incômodo hábito de se desculpar. É um protesto muito elaborado e nada natural. Não acredito nem por um minuto sequer que você seja uma pessoa de desculpas.

— Então, conhece alguma coisa que desconheço.

— A seu respeito sim. Muito. Mas quase nada faz sentido.

O homem sentou-se mais para a frente na cadeira. A camisa abriu-se na altura do peito de musculatura firme, deixando à mostra as ataduras, cruzou os braços e as veias saltaram do seu braço musculoso e esguio. — Outras coisas além das que nós já conversamos?

— Sim.

— Coisas que eu disse quando estava em coma?

— Não, não apenas isso. Já discutimos a maior parte daquele palavrório todo. As línguas, o seu conhecimento de geografia — cidades que quase nunca ouvi falar —, a sua obsessão em evitar usar nomes próprios, nomes que você quer dizer mas não diz, a sua disposição para defender-se, atacar, recuar, se esconder, correr, tudo um pouco violento, devo admitir. Muitas vezes tive que prender seus

braços com esparadrapo para proteger os curativos. Mas já passamos por tudo isso. Existem outras coisas.

— O que quer dizer? Que coisas? Por que não me contou antes?

— Porque são coisas físicas. De estrutura externa. Eu não tinha certeza se você já estava pronto para ouvi-las, como ainda não tenho.

O homem se recostou na cadeira, juntando as sobrancelhas escuras em irritação. — Agora é o julgamento do médico que não me diz respeito. Estou pronto. Do que está falando?

— Podemos começar com a aparência comum dessa sua cabeça? O rosto, em particular.

— O que tem ele?

— Não é o mesmo com o qual você nasceu.

— O que quer dizer?

— Uma lente grossa sempre pode perceber as marcas de uma operação. O seu rosto sofreu alterações, companheiro.

— Alterações?

— Você tem um queixo bem pronunciado. Eu diria que você tinha uma cova no queixo. Ela foi removida. A parte superior do seu osso malar esquerdo — seus malares também são bem pronunciados, o que demonstra a sua ascendência eslava, de há muitas gerações — tem diminutas marcas de uma cicatriz cirúrgica. Aventuro-me a dizer que um sinal de pele foi eliminado. Seu nariz é bem inglês, e já foi um pouco mais pronunciado do que é hoje. Foi afinado muito suavemente. Seus traços mais pronunciados foram suavizados, sua característica facial foi abrandada. Entende o que estou lhe dizendo?

— Não.

— Você é um homem razoavelmente atraente, mas o seu rosto se distingue mais pela categoria em que se insere do que pelo rosto propriamente.

— Categoria?

— Sim. Você é o protótipo do anglo-saxão branco que as pessoas vêem todos os dias nos melhores campos de críquete, ou nas quadras de tênis. Ou no bar em Mirabel. Esses rostos se tornam quase indistintos um do outro, não é? Os traços no lugar certo, os dentes retos, as orelhas rentes à cabeça — nada fora do equilíbrio, tudo no lugar certo, apenas um pouco suavizado.

— Suavizado?

— Bem, abrandado talvez seja uma palavra melhor. Definitivamente autoconfiante, até mesmo arrogante, acostumado a abrir o seu próprio caminho.

— Não estou muito certo do que você está tentando me dizer.

— Tente desta forma, então. Mude a cor dos seus cabelos, e seu rosto ficará mudado. Sim, há traços de descoloração, cabelos quebradiços, tintura. Use óculos e um bigode, e você se transforma, é outro homem. Acho que você deve estar nos seus trinta e poucos, mas bem pode aparentar outra idade, dez anos a mais ou cinco a menos. — Washburn fez uma pausa, ficou a observar as reações do homem, como se estivesse em dúvida se devia ou não prosseguir. — E já que falamos sobre óculos, você se lembra daqueles exercícios, dos testes que fizemos há uma semana?

— É claro.

— A sua visão é perfeitamente normal, você não tem necessidade de usar óculos.

— É como pensei.

— Então, por que existem sinais evidentes de uso prolongado de lentes de contato em volta das suas retinas e nas pálpebras?

— Não sei. Não faz sentido.

— Posso tentar uma explicação?

— Gostaria de ouvi-la.

— Talvez não. — O doutor voltou-se para a janela e deu uma olhadela distraída para fora. — Alguns tipos de lentes de contato são criados apenas para mudar a cor dos olhos. E alguns tipos de olhos se prestam melhor ao uso das lentes do que outros, em geral os que têm matiz cinza ou azulada. Os seus são uma mistura. Castanho-acinzentados ou azuis, dependendo do reflexo da luz. A natureza o favoreceu neste aspecto; não foi preciso, nem era possível, fazer qualquer alteração.

— Preciso para quê?

— Para mudar a sua aparência. E muito profissionalmente, eu diria. Para vistos, passaporte, carteira de motorista — pode mudar à vontade, de acordo com a necessidade. Cabelos: castanhos, louros, castanho-avermelhados. Olhos — difícil deduzir — verdes, cinzas, azuis? As possibilidades são inúmeras, não acha? Tudo dentro dessa categoria comum e bem reconhecida, em que os rostos ficam anuviados pela repetição.

O homem levantou-se da cadeira com dificuldade, pondo-se de pé com a ajuda dos braços, prendendo a respiração enquanto se erguia. — Também é possível que você esteja tentando adivinhar, fazendo aproximações. Você pode estar perdido.

— Os traços são reais, são marcas. Isto é uma evidência.

— Interpretada por você, e com uma grande dose de sarcasmo ainda por cima. Suponhamos que eu tenha sofrido um acidente e tenha sido remendado? Isso explicaria a cirurgia.

— Não a do tipo que você fez. A tintura dos cabelos, a re moção de covas e malares não fazem parte de um processo de restauração.

— Você não *conhece* nada disso! — disse o desconhecido, irado. Existem diversas espécies de acidentes, diversos procedimentos. Você não estava lá, não pode ter certeza.

— Ótimo! Fique furioso comigo. Você quase não fica, não o suficiente. E enquanto está furioso, aproveite e pense. O que você era? O que é você?

— Um vendedor... Um executivo de uma companhia internacional, que fez especialização no Extremo Oriente. Podia ser. Ou um professor de línguas. . . um professor de línguas em uma universidade qualquer. Também é possível!

— Muito bem. Escolha uma. Agora!

— Eu... Eu não posso. — Os olhos do homem mostravam desamparo.

— Porque você não acredita em nenhuma delas.

O homem balançou a cabeça. — Não. E você?

— Não — disse Washburn. — Por uma razão específica. Essas ocupações são relativamente sedentárias e você tem o corpo de um homem que esteve sujeito a esforço físico. Oh, não quero dizer um atleta treinado ou coisa parecida, você não é nenhum desportista, como dizem. Mas a tonicidade de seus músculos é firme, seus braços e mãos estão acostumados a fazer força e são bastante fortes. Em outras circunstâncias eu o julgaria um trabalhador acostumado a carregar objetos pesados, ou um pescador condicionado a lançar rede o dia todo. Mas o âmbito do seu conhecimento, eu diria, do seu intelecto, exclui estas possibilidades.

— Acho que você está querendo chegar em algum ponto, não é? Alguma coisa diferente. Por quê?

— Porque nós estamos trabalhando juntos, muito juntos, e sob pressão, há algumas semanas já. Você mostrou um padrão de comportamento.

— Então estou certo?

— Sim. Mas eu tinha que ver como você aceitaria o que eu lhe disse. Sobre a cirurgia anterior, os cabelos, as lentes de contato.

— Passei no teste?

— Com um equilíbrio furioso. Já é hora, não tem por que retardar mais. Francamente, não tenho paciência. Venha comigo — Washburn precedeu-o, atravessando a sala até chegar a porta que ficava na parede de trás, a porta que dava para a farmácia. Lá dentro, foi até um canto e pegou um antigo projetor,

com o tampo da lente grossa e redonda já enferrujado e rachado. — Isto veio de Marselha junto com os meus suprimentos — disse, enquanto colocava o projetor sobre a pequena escrivaninha e enfiava o conector na tomada da parede. — Não é o melhor equipamento, mas vai nos servir. Feche as janelas, sim?

O homem sem nome e sem memória foi até a janela e abaixou a veneziana; a sala ficou escura. Washburn ligou a luz do projetor e um quadrado iluminado apareceu na parede branca. Então, inseriu um pequeno pedaço de celulóide por trás da lente.

O quadrado de luz encheu-se de repente com imensas letras.

GEMEINSCHAFT BANK
BAHNHOFSTRASSE. ZURIQUE.
ZERO — SETE — DEZESSETE — DOZE — ZERO
QUATORZE — VINTE E SEIS — ZERO

— O que é isto? — perguntou o homem sem nome.

— Olhe bem. Estude. Pense.

— É o número de alguma conta bancária.

— Exatamente. O cabeçalho timbrado e o endereço são do banco, os números escritos a mão estão no lugar de um nome, mas como estão anotados a mão, constituem a assinatura do correntista. Procedimento bancário normal.

— Onde o encontrou?

— Em você. Este é um negativo diminuto, acho que a metade de um filme de 35 milímetros. Foi implantado — cirurgicamente implantado — por debaixo da pele, um pouco acima do seu quadril direito. Os números estão escritos com a sua letra, é a sua assinatura. Com isto você pode abrir uma caixa-forte em Zurique.

2

Escolheram o nome de Jean-Pierre. Não despertava suspeitas nem ofendia ninguém, era um nome tão comum quanto qualquer outro em Port Noir.

E alguns livros chegaram de Marselha, seis livros de tamanhos diversos e diferentes espessuras; quatro em inglês, dois em francês. Eram textos de medicina, que tratavam de lesões na cabeça e no cérebro. Havia interligações no cérebro, centenas de palavras pouco familiares para memorizar e tentar entender. *Lo- bus occipitalis e temporalis*, *o córtex* e as fibras de conexão do *corpus callosun, o sistema límbico* — sobretudo *o hipocampo e os corpos mamilares* que, juntamente com o *fórnice*, eram indispensáveis à memória e à lembrança. Quando danificados, causavam a amnésia.

Havia alguns estudos psicológicos sobre o estresse emocional que produz *histeria paralisante e afasia mental*, condições que também resultavam em perda total ou parcial da memória. Amnésia.

Amnésia.

— Não existem regras — disse o homem de cabelos escuros, esfregando os olhos à luz inadequada da lâmpada da mesa. — Ë um quebra-cabeças geométrico, pode acontecer com qualquer combinação de modos, física ou psicologicamente — ou com um pouco de tudo. Pode ser permanente ou temporária, completa ou parcial. Não há nenhuma *regra*!

— De acordo — respondeu Washburn bebericando seu uísque, sentado em uma cadeira do outro lado da sala. — Mas acho que estamos mais próximos do que aconteceu. Do que penso que aconteceu.

— E o que foi? — perguntou o homem, um pouco apreensivo.

— Você acabou de dizer: "um pouco de tudo". Embora a palavra "pouco" devesse ser mudada para "muito". Muitos abalos.

— Muitos abalos a quê?

— Ao físico e ao psicológico. Eles são relacionados, entrelaçados — dois fios de experiência, ou estímulo, que deram um nó, se enredaram.

— Você não está floreando muito?

— Menos do que você pensa, quase nada. — O médico apanhou uma prancheta cheia de folhas. — Esta é a sua história — a sua nova história —, que começa no dia em que você foi trazido para cá. Vou resumir. Os ferimentos físicos indicam que a situação em que você se encontrava era de total estresse psicológico, a histeria subseqüente foi causada pelo tempo que você passou na água, que foi de pelo menos umas nove horas, que serviu para solidificar o dano psicológico. A escuridão, os movimentos violentos, a dificuldade de encher os pulmões — estes foram os instrumentos da histeria. Tudo o que precedeu a histeria teve que ser apagado para que você pudesse lutar pela vida, sobreviver. Está me acompanhando?

— Acho que sim. A cabeça estava se protegendo.

— Não a cabeça, a mente. Faça a distinção, é importante. Voltaremos à cabeça, mas vamos lhe dar um rótulo: o cérebro.

— Está bem. Mente, não cabeça... Que é, na realidade, o cérebro.

— Ótimo. — Washburn passou os dedos pelas folhas da prancheta. — Isto está cheio, tem algumas centenas de observações. Aqui estão os medicamentos que foram usados — dosagem, tempo, reação, essa coisa toda —, mas, na maior parte, são anotações que dizem respeito a *você*, o homem em si. As palavras que usa, as palavras às quais reage, as frases que emprega — quando posso anotá-las — quando está consciente ou quando fala no sono, e quando esteve em coma. Até mesmo a sua forma de

andar, o seu modo de falar, de retesar os músculos quando alguma coisa lhe chama a atenção, ou quando vê algo que lhe interessa. Você parece ser uma massa de contradições, há uma violência à flor da pele, quase sempre sob controle, mas bem viva. Há também um certo pesar, algo que lhe parece doloroso; no entanto, você raramente deixa escapar a raiva que a dor lhe provoca.

— Você a está provocando agora — interrompeu o homem — Já repetimos estas palavras e estas frases vezes e vezes...

— E vamos continuar — interrompeu Washburn — enquanto houver progresso.

— Eu não sabia que houve algum progresso.

— Não em termos de reconhecer uma identidade ou uma ocupação. Mas estamos descobrindo o que é mais confortável para você, com o que você lida melhor. É um pouco amedrontador.

— Em que sentido?

— Vou lhe dar um exemplo. — O médico pôs de lado a prancheta e levantou-se da cadeira. Foi até um antiquado armário que ficava junto à parede, abriu uma gaveta e tirou uma grande pistola de mão, automática. O homem sem memória ficou tenso na cadeira; Washburn logo percebeu-lhe a reação. — Nunca usei isto, e não tenho certeza se sei como usá-lo, mas moro na praia... — Sorriu e em seguida, subitamente, sem qualquer aviso, jogou-a para o homem. A arma foi alcançada ainda no ar, ele agarrou-a com segurança, rápida e confiantemente. — Destrave-a; acho que esta é a palavra.

— O quê?

— Destrave-a. *Agora.*

O homem olhou para a pistola. E depois, em silêncio, suas mãos e dedos se moveram com muita habilidade. Em menos de trinta segundos, ela estava completamente desarmada. Ele procurou o olhar do médico,

— Está vendo o que quero dizer? — disse Washburn. — Dentre outras habilidades, você tem um extraordinário conheci mento das armas de fogo.

— Armas? — O homem perguntou surpreso, com a voz intensa, mais uma vez apreensivo.

— É muito estranho — respondeu o médico. — Logo que você saiu do seu estado de coma, falei sobre o seu trabalho dentário. Não tem características de trabalho feito por militares. E quanto à cirurgia, eu diria que de forma alguma pode ela ser associada ao exército.

— E então?

— Não vamos falar sobre isto agora, vamos voltar ao que aconteceu. Estávamos falando da mente, lembre O estresse psicológico, a histeria. Não é cérebro físico, mas as pressões mentais. Estou sendo claro?

— Continue.

— Enquanto o choque for retrocedendo, as pressões também vão retrocedendo até que não haja qualquer necessidade fundamental de proteger a psique. Enquanto isso se processa, as suas habilidades e os seus talentos voltarão para você. Você vai se lembrar de alguns padrões de comportamento, vai vivê-los com naturalidade, liberar as suas reações instintivas mais superficiais. Mas há uma lacuna, e tudo o que está escrito naquelas páginas me faz crer que esta é irreversível. — Washburn parou e voltou para a cadeira onde estivera sentado, e para a garrafa. Sentou-se e bebeu, fechando os olhos, exausto.

— *Continue* — sussurrou o homem.

O médico abriu os olhos e olhou para o seu paciente. — Vamos voltar à cabeça, que havíamos rotulado de cérebro. O cérebro físico com seus milhares e milhares de células e componentes iterativos. Você leu os livros, conheceu os sistemas fórnice e límbico, as fibras do hipocampo e do tálamo, as técnicas cirúrgicas do *callosum* e sobretudo a lobotomia. A menor alteração pode causar mudanças dramáticas. Foi isso o que lhe aconteceu. O dano foi físico. É como se alguns blocos fossem reagrupados, recompostos, a estrutura física não é mais a mesma. — Washburn parou mais uma vez.

— E... — insistiu o homem.

— As pressões psicológicas retrocedidas vão permitir — *estão* permitindo — que suas habilidades e talentos retornem a você. Mas acho que você jamais será capaz de relacioná-los a qualquer coisa do seu passado.

— Por quê? Por que não?

— Porque os condutos físicos que permitem e transmitem essas memórias foram alterados. Foram fisicamente recompostos, a ponto de não mais funcionarem como antes. Para todos os efeitos, foram destruídos.

O homem permaneceu sentado, imóvel. — A resposta está em Zurique — disse.

— Não ainda. Você não está preparado, ainda não está sufi cientemente restabelecido, não está forte.

— Eu vou ficar.

— Sim, vai ficar.

As semanas passaram, os exercícios verbais continuaram enquanto as páginas cresciam e a força do homem retornava. Era a manhã da décima nona semana, o dia estava luminoso e o Mediterrâneo, calmo e reluzente. Como de costume, o homem estivera correndo durante uma hora, indo da praia até as montanhas; ele se exercitara, aumentando a distância até pouco mais de doze milhas diariamente, diariamente aumentando a velocidade e diminuindo as paradas para descanso.

Ele estava sentado na cadeira perto da janela, no quarto, respirando pesadamente, o suor ensopando-lhe a camiseta. Entrara pela porta dos fundos, passando pelo corredor escuro que atravessava a sala. Era bem mais fácil, a sala servia como sala de espera do consultório de Washburn, alguns pacientes ainda estavam lá, com cortes e talhos para serem reparados. Estavam todos sentados, parecendo amedrontados, talvez pensando nas condições de *le docteur* naquela manhã. Na verdade, não eram más. Geoffrey Washburn ainda bebia como um louco cossaco, mas nestes últimos dias ele permanecera seco. Era como se uma reserva de esperança tivesse sido encontrada no recesso do seu fatalismo destrutivo. E o homem sem memória entendia — essa esperança estava atada a um banco da Bahnhofstrasse, em Zurique. Por que o nome da rua lhe viera à mente com tanta facilidade?

A porta se abriu e o doutor irrompeu no quarto, sorrindo, o casaco branco, manchado com o sangue dos pacientes.

— Consegui! — disse ele. Havia triunfo em sua voz, nenhuma explicação, no entanto. — Eu podia abrir minha agência de empregos e viver de comissões. Seria mais seguro.

— Do que está falando?

— Como já conversamos, é disso que você precisa. Você *tem* que atuar fora, e a menos de dois minutos *Monsieur* Jean Pierre Sem-Nome está proveitosamente empregado! Ao menos por uma semana.

— Como conseguiu isso? Pensei que não houvesse nenhuma saída.

— O que não tinha saída era a perna infeccionada de Claude Lamouche. Expliquei-lhe que o meu suprimento de anestésico era muito, *muito* limitado. Nós negociamos, você foi a moeda de troca.

— Por uma semana?

— Se você for de algum valor, ele pode mantê-lo mais tempo. — Washburn fez uma pausa. — Embora isso não seja o mais importante, não é?

— Acho que nada disso tem importância. Se fosse há um mês, talvez, mas não agora. Já lhe disse. Estou pronto para partir. Sempre pensei que era o que você queria. Tenho um compromisso em Zurique.

— E eu gostaria que você se saísse da melhor forma possível nesse compromisso. Meus interesses

são extremamente egoístas. Nenhuma fraqueza é permitida.

— Estou pronto.

— Aparentemente sim. Mas aceite a minha palavra, é muito importante que você passe períodos prolongados na água, e que seja à noite, por um bom tempo. E que não seja sob determinadas condições, condições controladas, não como passageiro, mas submetido a condições razoavelmente duras — na verdade, quanto mais duras melhor.

— É outro teste?

— Todos os que eu puder inventar neste primitivo Menningers de Port Noir. Se eu pudesse invocar uma tempestade e provocar um naufrágio qualquer, o faria. Por outro lado, Lamouche é quase uma tormenta, é um homem muito difícil. O inchaço da sua perna vai desaparecer e ele vai indignar-se com você. E os outros também. Você vai ter que substituir alguém.

— Muito grato.

— Esqueça. Estamos combinando dois estresses. Ao menos uma ou duas noites na água, se Lamouche se mantiver dentro do programa — porque este é o meio hostil que contribuiu para a formação da sua histeria —, e o fato de estar exposto ao ressentimento e às suspeitas dos homens à sua volta, que simboliza a situação inicial de seu estresse.

— Agradeço mais uma vez. E se decidirem me lançar ao mar? Este seria o seu último teste, suponho. Mas não sei como vai funcionar se eu me afogar.

— Oh, não vai acontecer nada disso — disse Washburn com ar de zombaria.

— Fico contente que esteja assim tão confiante. Também gostaria de estar.

— Mas você também pode. Você tem a proteção e a segurança da minha presença. Posso não ser nenhum Christiaan Barnard ou Michael De Bakey, mas sou tudo o que este povo tem. Eles precisam de mim, e não vão se arriscar a me perder.

— Mas você quer partir. Sou o seu passaporte para sair daqui.

— De forma insondável, meu caro paciente. Agora venha. Lamouche o quer lá no estaleiro para que você possa se acostumar com o seu equipamento. Você começa amanhã de manhã, às quatro horas. Pense como lhe será benéfica uma semana no mar. Pense nisto como um cruzeiro.

Nunca antes houvera um cruzeiro como aquele. O capitão do imundo barco de pesca, empapado de óleo, era a versão boca- suja e insignificante de um Capitão Bligh. A tripulação era formada por um quarteto de desajustados que eram, sem dúvida alguma, os únicos homens em Port Noir que podiam se dar bem com Claude Lamouche. O quinto membro ativo era um irmão do que cuidava da rede, um personagem marcante para o homem chamado Jean-Pierre e que provocara, poucos minutos depois da partida do ancoradouro às quatro horas da madrugada, um episódio inesquecível.

— Você está tirando a comida da mesa do meu irmão! — o homem da rede sussurrou, irritado, entre rápidas baforadas de um cigarro imóvel nos lábios. — Da boca dos seus filhos!

— É por uma semana apenas — protestou Jean-Pierre. Teria sido mais fácil — muito mais fácil — oferecer-se para reembolsar o irmão desempregado com a mesada que Washburn recebia, mas o médico e o seu paciente tinham concordado em deixar de lado tais compromissos.

— Espero que você seja bom de rede!

Não era.

Houve momentos durante as 72 horas seguintes em que o homem chamado Jean-Pierre pensou que a alternativa de uma conciliação financeira fosse justificável. A hostilização não cessou, mesmo à noite — sobretudo à noite. Era como se todos os olhares estivessem dirigidos para ele no instante em que deitasse no cobertor infestado do convés, esperando que ele começasse a adormecer.

— Você! Fique de vigia! O piloto está com náusea. Você fica no lugar dele.

— Levante-se. Philippe está escrevendo suas memórias! Ele não pode ser perturbado.

— De pé! Você arrebentou uma rede esta tarde. Não vamos pagar pela sua estupidez. Estamos todos de acordo. Conserte-a agora!

Às redes.

Se dois homens eram necessários de um lado, seus dois braços tinham que valer por quatro do outro lado. Se trabalhava ao lado de um homem, havia repentinos arrastões e largadas que o deixavam com todo o peso da rede; um esbarrão inesperado de um ombro adjacente o jogava contra a amurada do barco e quase o mandava para fora.

E Lamouche! Um maníaco completo, que media cada quilômetro de água pelo peixe que havia perdido. Tinha uma voz de trompa de chifre, desagradável. Não se dirigia a ninguém sem antepor uma obscenidade ao seu nome, hábito que o paciente achou enlouquecedor. Mas Lamouche não tocou no paciente de Washburn; estava apenas enviando uma mensagem ao doutor: *Nunca mais me faça isto! Não envolva mais o meu barco e o meu peixe.*

O programa de Lamouche exigia um retorno a Port Noir ao anoitecer do terceiro dia, para descarregar o peixe e dar folga à tripulação até as quatro horas da manhã seguinte, tempo para dormir, fornicar, beber ou, tendo sorte, os três ao mesmo tempo. Logo que enxergaram terra à vista, aconteceu.

As redes estavam sendo recolhidas e dobradas no meio do convés pelo homem da rede e o seu primeiro assistente. O indesejável tripulante a quem insultavam chamando de "Jean-Pierre Sangsue" (o Sanguessuga") esfregava o convés com uma vassoura de cabo comprido. Os outros dois tripulantes jogavam baldes de água do mar em frente da vassoura mas, com mais freqüência ainda, em frente do Sanguessuga, seu alvo preferido.

Um balde cheio foi jogado muito alto, cegando momentaneamente o paciente de Washburn. Este perdeu o equilíbrio e a pesada vassoura de cerda, dura como metal, voou de suas mãos, a ponta para a frente, fazendo com que as afiadas cerdas raspas em a coxa do homem da rede, que estava ajoelhado.

— *Merde alors*!

— *Désolé* — disse o ofensor ca sacudindo a água dos

— Que diabo de coisa você disse!? — gritou ele.

— Disse que sentia muito — respondeu o homem chamado Jean-Pierre. — Diga aos seus amigos para molharem o convés e não jogarem a água em mim..

— Meus amigos não fazem de mim o objeto de sua estupidez!

— Eles foram a causa da minha agora mesmo.

O homem da rede agarrou o cabo da vassoura, pôs-se de pé e o segurou como uma baioneta. — Quer brincar, Sanguessuga?

— Vamos, dê-me a vassoura.

— Com prazer, Sanguessuga. Tome! — E empurrou-a para a frente, fazendo com que as cerdas raspassem o peito do paciente, seu estômago, penetrando pelo tecido da camisa.

Se foi por causa do contato com as cicatrizes que restaram dos antigos ferimentos, ou pela frustração e raiva resultantes dos três dias de insultos e humilhações, ele nunca soube. Sabia apenas que tinha que responder. E sua resposta foi alarmante, até para ele mesmo.

Agarrou o cabo da vassoura com a mão direita, impelindo-o de volta contra o estômago do homem da rede, empurrando-o contra ele no instante do impacto, ao mesmo tempo em que levantava o pé esquerdo do convés e o calcava contra a garganta do homem.

— *Tao*! — O sussurro gutural saiu dos seus lábios involuntariamente, sem que ele mesmo soubesse o que aquilo significava.

Antes que pudesse entender, ele girava em torno de si mesmo, o pé direito como um aríete golpeando o rim esquerdo do homem.

— *Che-sah*! — murmurou.

O homem da rede recuou, e em seguida investiu contra ele, furioso com a dor, as mãos estendidas como garras. — Porco!

O paciente se agachou, movendo rapidamente a mão direita para agarrar o braço esquerdo do homem, torcendo-o para baixo e levantando-o em seguida, forçando o braço de sua vítima para cima, girando-o novamente para só depois largá-lo, enquanto forçava o calcanhar contra a parte inferior de suas costas. O francês caiu estendido por cima das redes, esmagando a cabeça contra a base da mureta.

— *Mee-sah*! — E novamente ele não conhecia o significado de seu grito surdo.

Um dos tripulantes agarrou-lhe o pescoço por trás. O paciente esmurrou com o pulso fechado a região pélvica do homem que o agarrara e se abaixou, segurando com firmeza o cotovelo posto à direita da sua garganta. Deu uma guinada para a esquerda, levantando do chão o atacante, que girou, pernas no ar, enquanto era atirado do outro lado do convés, o rosto e o pescoço presos entre as rodas de um molinete.

Os dois homens restantes saltaram sobre ele, esmurrando-o com os pulsos e joelhos, enquanto o capitão do barco pesqueiro esbravejava repetidamente suas advertências.

— *Le docteurl Rappelons le docteur! Va doucement!*

As palavras estavam tão deslocadas quanto a visão do capitão. O paciente agarrou o pulso de um dos homens, levando-o para baixo e fazendo-o girar da esquerda para a direita, num único movimento, O homem rugiu de dor. O pulso estava quebrado.

O paciente de Washburn apertou os dedos das mãos, unindo-os, e girando os braços como uma marreta acertou no meio da garganta do homem com o pulso quebrado. Este deu um salto mortal no ar e caiu desfalecido sobre o convés.

— *Kwa-sah*! — O grito ecoou nas orelhas do paciente.

O quarto homem recuou, arregalando os olhos para aquele louco, que simplesmente olhou para ele.

Terminara. Três dos homens da tripulação de Lamouche estavam inconscientes, severamente punidos pelo que tinham feito. Era pouco provável que algum deles pudesse voltar à doca às quatro horas da manhã.

As palavras de Lamouche foram pronunciadas com espanto e desprezo ao mesmo tempo. — Não sei de onde você veio, mas vai sair já deste barco.

O homem sem memória entendeu a ironia involuntária das palavras do capitão. *Eu também não sei de onde vim*.

— Agora, você não pode mais ficar aqui — disse Geoffrey Washburn, entrando no quarto meio escurecido. — Acreditei seriamente que podia evitar qualquer ataque sobre você. Mas não posso lhe proteger quando é você quem faz o estrago.

— Foi uma provocação.

— Na mesma extensão do dano infligido? Um pulso quebrado e lacerações que precisaram de pontos na garganta e no rosto de um dos homens e no crânio de outro? Um choque grave e uma lesão ainda indeterminada em uma coxa, para não mencionar ainda um soco em uma virilha que causou distensão nos testículos? Acho que a palavra adequada é matança.

— Teria sido apenas uma simples morte, e eu teria sido o morto, se tivesse acontecido de outra forma. — O paciente fez uma pausa, mas voltou a falar antes que o doutor pudesse interromper. — Acho que devemos conversar. Muitas coisas aconteceram, outras palavras me vieram à cabeça. Devemos conversar.

— Devemos, mas não podemos. Não há tempo. Você tem que partir agora. Já arranjei tudo;

— Agora?

— Sim. Eu lhes disse que você foi à vila, talvez para beber. As famílias estarão à sua procura,

irmãos, primos e cunhados. Terão facas, ganchos, talvez uma espingarda ou duas. Quando não o tiverem encontrado voltarão. Não vão parar enquanto não o encontrarem.

— Por causa de uma briga que não comecei?

— Porque você feriu três homens que vão perder pelo menos um mês de salário. E mais uma coisa, infinitamente mais importante.

—O quê?

— O insulto. Alguém de fora, que não é da ilha, provou ser um páreo duro não apenas para um, mas para três respeitáveis pescadores de Port Noir.

— Respeitáveis?

— No sentido físico. A tripulação de Lamouche é considera da a mais dura da praia.

— Isso é ridículo.

— Não para eles. Trata-se da honra deles... Agora, rápido, vamos, junte suas coisas! Tem um barco de Marselha atracado e o capitão concordou em esconder você e depois largá-lo a meia milha do largo ao norte de La Ciotat.

O homem sem memória reteve a respiração. — Então está na hora — disse pensativamente.

— Está na hora — respondeu Washburn. — Acho que sei o que está lhe passando pela cabeça. Uma sensação de desamparo, de estar à deriva sem um leme para mantê-lo no curso. Tenho sido o seu leme e não vou mais estar com você. Não posso mudar isso, mas ouça bem o que estou lhe dizendo, você não está desamparado. Você vai se encontrar.

— Para Zurique — acrescentou ele.

— Para Zurique — concordou o doutor. — Aqui está, ajeitei algumas coisas para você neste pedaço de oleado. Amarre-o em volta de sua cintura.

— O que é isto?

— Todo o dinheiro que tenho, uns dois mil francos. Não é muito, mas vai lhe ajudar no início. E o meu passaporte. Pode servir para alguma coisa. Temos mais ou menos a mesma idade e ele já tem oito anos. As pessoas mudam. Mas não deixe ninguém observá-lo muito de perto. É apenas um papel oficial.

— O que você vai fazer?

— Se não voltar a encontrar você não vou precisar dele nunca mais.

— Você é um homem camarada.

— Acho que você também é... Pelo que pude conhecer. Mas, de agora em diante, nunca o vi antes. De forma que não posso responder por esse homem. Gostaria de poder, mas não é possível.

O homem encostou-se contra a grade, olhando para as luzes de Île de Port Noir, que ficavam para trás. O pesqueiro adentrava a escuridão, como ele mergulhara na escuridão ha quase cinco meses.

E agora mergulhava novamente na escuridão.

3

Nenhuma luz brilhava na costa da França. O clarão mortiço de um resto de luar delineava a orla rochosa. Estavam a duzentas jardas da margem e o pesqueiro balouçava suavemente, respondendo aos movimentos de contracorrente da enseada. O capitão apontou para a margem.

— Há uma extensão de praia entre aquelas duas pontas de pedra. Não é grande, mas você pode alcançá-la se nadar sempre para a direita. Podemos nos deixar arrastar por mais uns trinta ou quarenta pés, não mais. Um minuto ou dois, apenas.

— Já fez mais do que eu esperava. Sou-lhe grato por isto.

— Não há de quê. Costumo pagar meus débitos.

— Faço parte deles?

— E como! O doutor em Port Noir costurou três dos meus tripulantes depois daquela fúria, há cinco meses. Você não foi o único que sobrou, sabe?

— A tormenta? Você me conhece, então?

— Você estava branco como cera na mesa, mas não o conheço e nem quero conhecê-lo. Eu estava sem dinheiro, não tinha pescado nada, e o doutor me disse que eu podia pagar quando estivesse em melhores condições. Você está sendo o meu pagamento.

— Preciso de alguns papéis — o homem falou pressentindo possibilidade de ajuda. — Preciso falsificar um passaporte.

— E por que me diz isso? — perguntou o capitão. — Disse apenas que deixaria em segurança uma encomenda ao norte da margem de La Ciotat. Foi só isso que eu disse.

— Não teria feito isso se não fosse capaz de fazer outras coisas também.

— Não vou levá-lo até Marselha. *Não* vou me arriscar com as patrulhas. A Súreté tem esquadrões espalhados por todo o ancoradouro. As turmas contra narcóticos são maníacas, ou você paga a eles ou pega vinte anos de cadeia.

— Isso quer dizer que posso conseguir os papéis em Marselha. E você pode me ajudar.

— Eu não disse isso.

— Disse sim. Preciso de um serviço e esse serviço pode ser encontrado no lugar para onde você não vai me levar. Mas é lá que posso encontrar esse serviço, foi o que você disse.

— Mas o que foi que eu disse?

— Que você pode me encontrar em Marselha, se eu puder chegar lá sem a sua ajuda. Só me diga onde.

O capitão do pesqueiro ficou estudando o rosto do paciente e custou a tomar uma decisão. Depois disse: — Há um café na Rua Sarrasin, ao sul do Old Harbor, o Le Bouc de Mer. Estarei lá hoje à noite entre nove e onze horas. Você vai precisar de algum dinheiro, uma parte tem que ser dada adiantada.

— Quanto?

— Depende de você e do homem com quem vai negociar.

— Apenas para ter uma idéia.

— Fica mais barato se você tiver um documento que possa ser trabalhado; de outra forma, é preciso roubar um.

— Mas já lhe disse que tenho um.

O capitão encolheu os ombros. — Mil e quinhentos, dois mil francos. Estamos perdendo tempo?

O paciente lembrou-se do pacote de oleado amarrado à sua cintura. A fraudulência imperava em Marselha, mas só assim podia conseguir um passaporte falsificado. Um passaporte para Zurique. —

Podemos negociar — respondeu sem saber por que estava tão confiante. — Até a noite, então.

O capitão perscrutou a linha do mar mal-iluminada. — Só podemos chegar até aqui. Agora é por sua conta. Lembre-se: se não nos encontrarmos em Marselha, nunca o vi antes e você nunca me viu entes. E ninguém da minha tripulação tampouco conhece você.

— Estarei lá. Le Bouc de Mer, Rua Sarrasin, ao sul de Old Harbor.

— Vá com Deus. — O capitão fez um sinal para um dos homens, que estava no leme. As máquinas roncaram debaixo do barco. — A propósito, a clientela lá do café Le Bouc não está acostumada com o dialeto parisiense. Se fosse você, eu falaria mais aspirado.

— Obrigado pelo aviso. — O paciente respondeu enquanto passava as pernas por cima da mureta e entrava na água. Manteve a mochila suspensa e pôs-se a tesourar a água com as pernas, para se manter flutuando. — Até a noite — acrescentou em voz mais baixa, olhando para o casco escuro do pesqueiro.

O capitão já deixava a grade, não havia ninguém para ouvi- lo. Os únicos ruídos vinham das batidas das ondas contra a madeira e do som abafado das máquinas acelerando.

Agora é por sua conta.

Ele se debateu e rodopiou na água fria, pondo-se em direção à margem. Lembrou-se que devia avançar reto em direção à sua direita, para as pontas de pedra. Se o capitão realmente tivesse certeza do que dissera, ele seria levado pela corrente para a praia invisível.

A corrente realmente o levou até lá. Podia sentir a ressaca empurrando seus pés nus para dentro da areia. As últimas trinta jardas foram as mais difíceis de atravessar. A mochila de lona encerada estava quase seca, ele ainda a segurava acima das ondas.

Alguns minutos depois já estava sentado sobre uma duna de capim selvagem vendo os juncos altos vergarem com a brisa do mar aos primeiros raios de luz da manhã. O sol estaria em pé dali a uma hora, e ele teria que se mexer.

Abriu a mochila e tirou um par de botas e duas meias grossas que estavam enroladas com a calça, mais uma camisa de brim ordinário. Em algum lugar no seu passado aprendera a fazer uma mala com grande economia de espaço — a mochila continha muito mais coisa do que se poderia pensar. Onde teria ele aprendido isso? Por quê? As perguntas não cessavam.

Levantou-se e despiu os calções britânicos que Washburn lhe dera. Estendeu-os por cima das folhas dos juncos para secar; não podia se desfazer de nada. Depois, tirou a camiseta e também a estendeu.

Agora, sentado em cima da duna, nu, sentia um regozijo estranho, misturado com uma dor surda no meio do estômago. Era medo, ele sabia. Sabia o porquê do regozijo, também.

Saíra-se bem no primeiro teste. Acreditara no seu impulso — talvez por compulsão — e soubera o que dizer e como responder. Há uma hora não tinha destino certo, sabia apenas que Zurique era o seu objetivo e que teria que passar por divisas e muitos olhos de oficiais. O velho passaporte estava tão longe de parecer seu que até mesmo o mais estúpido funcionário da emigração poderia perceber isso. Mas mesmo que conseguisse entrar na Suíça com ele, não lhe seria de grande valor, pois logo iria sair de lá e qualquer ação mais estranha que fosse percebida ou qualquer objeto seu que fosse retido podia denunciá-lo. Não podia permitir que isso acontecesse. Não agora, antes de saber mais alguma coisa sobre si mesmo. As respostas estavam em Zurique. Tinha que viajar com liberdade e conseguira passar a lábia no capitão do pesqueiro para tornar isso possível.

Você não está desamparado. Você vai se encontrar.

Antes que o dia terminasse ele já teria feito um contato com um profissional para falsificar o passaporte de Washburn e transformá-lo em uma licença para viajar livremente. Era o primeiro passo concreto que daria. Mas antes disso, tinha que pensar no dinheiro. Os dois mil francos que o doutor lhe dera não eram suficientes, talvez até nem dessem para o próprio passaporte. Para que lhe serviria uma

licença de viagem se ele não tivesse os meios para poder viajar? Dinheiro. Tinha que arranjar dinheiro. Tinha que encontrar um meio para isso.

Sacudiu a roupa que tirara da mochila, vestiu-a e enfiou os pés nas botas. Depois deitou-se na areia e ficou olhando para o céu, que pouco a pouco se tomava claro. O dia acabara de nascer, e ele também.

Caminhou pelas ruas estreitas de La Ciotat, entrando nas lojas mais para conversar com os vendedores do que outra coisa qualquer. Era uma sensação estranha poder fazer parte da convivência humana, não ser um pária desconhecido, um náufrago retirado do alto-mar. Lembrou-se da advertência do capitão e tornou o seu francês mais gutural, o que lhe permitia passar pela cidade e ser aceito como um estrangeiro qualquer.

Dinheiro.

Havia uma parte de La Ciotat que parecia servir a uma rica clientela. As lojas eram mais limpas e as mercadorias mais caras, o peixe mais fresco e a carne mais abundante do que na área do comércio central. Até mesmo os vegetais reluziam, muitos eram exóticos, importados da África ou do Oriente Médio. O lugar tinha um toque de Paris ou de Nice que estava estampado na representação da rotina da classe média de uma comunidade costeira. Um pequeno café, cuja entrada ficava no final de um caminho da lajes, era separado das lojas, dos dois lados, por uma sala de manicure.

Dinheiro.

Entrou em um açougue e percebeu logo que o dono não gostara de sua presença, lançando-lhe um olhar frio. O homem atendia a um casal de meia-idade que, pela maneira de falar e agir, deviam ser empregados domésticos de uma mansão importante. Eram precisos, lacônicos e exigentes.

— A vitela da semana passada estava passável apenas — disse a mulher. — Quero um pedaço melhor desta vez, ou serei forçada a mandar buscar em Marselha.

— E uma noite — o homem acrescentou — o marquês comentou comigo que as postas de cordeiro estavam muito magras. Vou repetir, cuidado com a espessura das postas.

O dono suspirou e deu de ombros, murmurando algumas frases solícitas de desculpas e promessas. A mulher virou-se para o acompanhante com a mesma voz autoritária que usara para o açougueiro:

— Espere pelos pacotes e ponha-os no carro. Vou até a mercearia, vá me buscar lá.

— Está bem, querida.

A mulher saiu — parecia um pombo à procura dos grãos do conflito. No instante em que saiu pela porta o marido virou-se para o dono do açougue, já com maneiras completamente diferentes. Fora-se a arrogância e um sorriso ficara no lugar.

— A rotina diária, eh, Marcel? — disse ele, tirando um maço de cigarros do bolso.

— Nem melhor nem pior. As postas estavam mesmo muito finas?

— Meu Deus, não! Qual foi a última vez em que *ele* pôde perceber alguma coisa? Você bem sabe.

— Onde está o Marquês do Monte-de-Esterco, agora?

— Está bêbado na porta ao lado, à espera da puta de Toulon. Volto mais tarde para pegá-lo e ajudá-lo a passar pela marquesa sem ser visto, passando pelos estábulos. Até lá, ele não vai poder guiar. Usa a sala de Jean-Pierre em cima da cozinha, sabe?

— Ouvi falar.

À menção do nome Jean-Pierre, o paciente de Washburn virou-se de onde estava, perto do balcão com as aves à mostra. Foi um reflexo automático, imediato. O movimento serviu apenas para que o açougueiro se lembrasse de sua presença.

— O que é? O que você quer?

Era hora de deixar de lado o francês gutural, agora. — Você me foi recomendado por alguns amigos, em Nice. — Falou com um acento mais condizente com o Quai d'Orsay do que o Le Bouc de Mer.

— Oh? — O dono do açougue imediatamente fez um novo juízo dele. Entre a sua clientela,

sobretudo entre os mais jovens, havia os que preferiam se vestir de forma oposta ao que a sua situação permitia. A camisa comum Basque estava até na moda nestes últimos tempos. — É novo aqui, senhor?

— Meu barco está atracado aqui, para reparos. Não teremos condições de chegar a Marselha ainda hoje.

— Posso ser-lhe útil?

O paciente riu. — Pode ser útil ao chefe. Eu não me atreveria a pedir-lhe nada. Ele estará por aqui mais tarde e tenho alguma influência sobre ele.

O açougueiro e o amigo riram. — Acho que sim, senhor — o dono do açougue respondeu.

— Vou precisar de uma dúzia de patos novos e, vamos dizer, uns dezoito chatobriãs.

— Pois não.

— Ótimo. Mandarei o nosso cozinheiro diretamente para cá. — Virou-se para o homem de meia-idade. — A propósito, ouvi sem querer... Mas não, não fique preocupado. O marquês não é aquele burro do d'Ambois, não é? Acho que alguém me disse que ele mora aqui por perto.

— Oh, não, não, senhor. — O criado respondeu. — Não conheço o Marquês d'Ambrois. Referia-me ao Marquês de Chamford. Um excelente cavalheiro, senhor, mas com muitos problemas. Tem um casamento cheio de dificuldades, senhor. Muito difícil, não é nenhum segredo.

— Chamford? Sim, acho que já o encontrei. Um baixinho, não é?

— Não, senhor. Na verdade, bem alto. Mais ou menos do seu tamanho, eu diria.

— Verdade?

O paciente logo percebeu as várias entradas e escadas internas do café de dois andares. Foi rápido para memorizar — fez-se de um entregador de frutas e legumes de Roquevaire, um pouco incerto sobre a sua nova rota. Havia duas escadas que davam para o segundo andar — uma saía da cozinha e a outra ficava logo atrás da entrada da frente, no pequeno vestíbulo. Esta era usada pelos patrões para irem aos banheiros de cima. Havia até uma janela pela qual uma pessoa, se quisesse, poderia ver, do lado de fora, quem usasse esta escada especial; e ele estava certo de que se esperasse o tempo suficiente veria duas pessoas subirem por ela. Sem dúvida alguma, subiriam separadamente, nenhum dos dois se dirigiria ao banheiro, mas ao quarto que ficava acima da cozinha. O paciente gostaria de saber qual dos dois automóveis estacionados na rua quieta pertencia ao Marquês de Chamford. Qualquer que fosse o carro, no entanto, o empregado de meia idade, lá no açougue, não teria que se preocupar; seu patrão não iria dirigi-lo.

Dinheiro.

A mulher chegou bem perto de uma, hora. Era uma loura de cabelos varridos pelo vento, com os seios grandes apontando na seda azul da blusa, as pernas longas queimadas de sol, que avançava com passas graciosos, em cima de saltos finos, as coxas e os quadris bem desenhados por debaixo de branca saia justa. Chamford podia ter problemas, mas também tinha bom gosto.

Vinte minutos depois pôde ver a saia branca pela janela; ela se encaminhava para o segundo andar. Menos do que 60 segundos depois uma outra figura apareceu na esquadria da janela — de calça escura e um blazer que vestia um rosto branco cambaleando cautelosamente escada acima. O paciente contou os minutos. Seria bom se o Marquês de Chamford tivesse um relógio.

Segurando a mochila, tão discretamente quanto possível, pelas tiras, o paciente caminhou pela calçada de lajedo até a entrada do restaurante. Lá dentro, virou à esquerda no vestíbulo, desculpando-se com um senhor mais velho que se arrastava penosa mente para subir os degraus, alcançou o segundo andar, virou novamente à esquerda e deu com um longo corredor que levava à parte de trás do edifício, acima da cozinha. Passou pelos banheiros e chegou a uma porta fechada no final do estreito corredor. Permaneceu imóvel, as costas junto à parede. Virou a cabeça e esperou que o velho se aproximasse do

banheiro e abrisse a porta, enquanto descia o fecho da calça.

O paciente — instintivamente, sem pensar, na verdade — levantou a mochila e encostou-a no centro da almofada da porta. Segurou-a no lugar, os braços estendidos, deu um passo para trás e, num movimento rápido, bateu com o ombro esquerdo na lona, abaixando a mão direita assim que a porta se abriu e agarrando-a antes que batesse contra a parede. Ninguém lá embaixo, no restaurante, podia ter ouvido aquela silenciosa entrada forçada.

— *Nom de Dieu*! — gritou ela — *Qui est-ce*!...

— *Silence*!

O Marquês de Chamford rolou de cima do corpo nu da loura até a beira da cama, indo estatelar-se no chão. Parecia um personagem de uma ópera cômica. Ainda estava com a camisa engomada, o nó da gravata ainda no lugar, as longas meias pretas de seda; mas tinha só isto no corpo. A mulher se agarrou às cobertas, fazendo o melhor que podia para minorar a indelicadeza do momento.

O cliente do doutor deu suas ordens rapidamente. — Não gritem! Ninguém vai se machucar se fizerem exatamente o que eu disser.

— Minha esposa o contratou! — gritou Chamford, deixando as palavras escorregarem da boca com dificuldade, a visão difícil. — Eu lhe pago mais!

— Podemos começar — respondeu o paciente do Dr. Washburn. — Tire a camisa e a gravata. E as meias. — Avistou a pulseira de ouro brilhando no pulso do marquês. — E o relógio.

Alguns minutos depois, a transformação era completa. As roupas do marquês não lhe caíam perfeitamente, mas ninguém podia negar a qualidade do tecido e a originalidade do corte. Também o relógio — era um Girard Perregaux, e a carteira de Chamford, que continha mais de treze mil francos. As chaves do carro também eram imponentes, engastadas em prata de lei.

— Pelo amor de Deus, dê-me as suas roupas! — suplicou o marquês; a implausibilidade da sua reclamação cheirava a álcool.

— Sinto muito, mas não posso — respondeu o intruso, ajuntando tanto as suas próprias roupas quanto as da loura.

— Você não pode levar as *minhas*! — exclamou ela.

— Já avisei para falarem baixo.

— Está bem, está *bem* — continuou ela .—, mas você *não pode*...

— Claro que posso.— O paciente olhou à volta do quarto. Havia um telefone sobre uma escrivaninha, perto da janela. Foi até lá e torceu o fio, puxando-o da tomada — Agora ninguém poderá perturbá-los — ele acrescentou, enquanto pegava a mochila.

— Você não vai sair assim, entendeu?! — Chamford falou com irritação. — Não vai escapar com isto! A policia vai encontrá-lo.

— A polícia?! Você acha realmente que deve chamar a policia? Um inquérito legal seria feito e todas as circunstâncias teriam que ser descritas. Não acho que seja uma boa idéia. Creio que é melhor você esperar pelo camarada que vem lhe buscar mais tarde. Eu o ouvi dizer que iria ajudá-lo a passa pela marquesa entrando pelos estábulos. Levando em consideração tudo isso, realmente acredito que é o melhor que você tem a fazer. Tenho certeza de que você pode apresentar uma história bem melhor do que esta. Não tenho intenção de lhe contradizer em nada.

E assim o ladrão desconhecido saiu, fechando atrás de si a porta arrombada.

Você não está desamparado. Vai encontrar o seu caminho.

Ele já encontrara, e era assustador. O que dissera Washburn? Que suas habilidades e talentos voltariam... *mas acho que você não vai poder relacioná-los com as coisas do seu passado.* O passado. Que espécie de

passado era esse, que lhe havia desenvolvido tais habilidades, todas essas habilidades que demonstrara nas últimas 24 horas? Onde aprendera a machucar, mutilar e aleijar com golpes dos pés? E os dedos entrelaçados, formando um martelo? Como sabia onde precisamente aplicar os golpes? Quem o ensinara a lidar com a mente criminosa de forma a fazê-la, embora relutantemente, agir coagida pela lembrança de um erro? Como ele conseguia cifrar tão rapidamente estas meras implicações e se convencer tão depressa de que as suas intuições estavam certas? Onde teria aprendido a perceber imediatamente a possibilidade de extorsão, só por entreouvir casualmente uma conversa em um açougue? E mais ainda, a levar a cabo o crime? Meu Deus, como ele pôde?

Quanto mais você lutar contra isso, mais vai se atormentar, será pior para você.

Concentrou-se na estrada e no painel de mogno do Jaguar do Marquês de Chamford. A disposição dos instrumentos e dos mostradores não lhe era familiar; o seu passado parecia não lhe ter dado muita experiência com este tipo de carro. Isso queria dizer alguma coisa.

Em menos de uma hora atravessava a ponte por sobre um largo canal; agora tinha a certeza de ter alcançado Marselha. Pequenas casas de pedra parecendo blocos quadrados saindo da água; as ruas estreitas cercadas pelos muros — eram as imediações do velho ancoradouro. Ele o reconhecia muito bem e, no entanto, não o conhecia. Lá longe, bem no alto de uma das montanhas, destacava-se o contorno de uma catedral com uma imagem da Virgem encimando o campanário. Era a Notre-Dame de-la-Garde. O nome lhe veio à mente imediatamente. Vira-a antes — e no entanto nunca a tinha visto.

Oh, Cristo! *Já chega*!

Poucos minutos depois encontrava-se no palpitante centro da cidade, dirigindo pela movimentada Canebière, com a sua proliferação de lojas caras, enquanto os últimos raios do sol da tarde ressaltavam os cristais coloridos das vitrines dos dois lados da rua. Dos dois lados, os enormes cafés se espalhavam sobre as calçadas. Dobrou à esquerda em direção ao ancoradouro, passando pelos bordéis, as pequenas fábricas e alguns terrenos cercados, cheios de carros prontas para serem transportados para o Norte, para os salões de exposição de Saint-Etienne, Lyons e Paris. E para alguns pontos do Sul, em direção ao Mediterrâneo.

Intuição. Siga a sua intuição. Porque nada podia ser descon siderado. Qualquer recurso tinha que ser imediatamente utilizado, uma pedra tinha valor se pudesse ser usada; um veículo, se fosse necessário para alguém. Escolheu um dos lotes de carros novos e usados, mas onde só tinha carros caros. Parou no meio-fio e saiu do carro. Além da cerca havia uma garagem, os mecânicos em seus macacões andavam de lá para cá, em silêncio, transportando ferramentas. Andou em volta dos carros casualmente, até perceber um homem vestido com um terno claro, de listras finas; sua intuição mandava que se aproximasse dele.

Levou menos de dez minutos; teve que dar poucas explicações, passar um Jaguar para a África do Norte com a garantia de rasurar o número do motor.

As chaves com cabeças de prata foram trocadas por seis mil francos, quase um quinto do valor do automóvel de Chamford. Logo em seguida o paciente do Dr. Washburn pegou um táxi e pediu que o levasse a uma casa de penhores — um lugar onde não lhe fizessem muitas perguntas. A mensagem foi bem entendida, assim era Marselha. Meia hora depois o Giirard Perregaux não estava mais em seu pulso; fora trocado por um Seiko cronógrafo e mais oitocentos francos. Cada coisa tinha um valor de acordo com a sua utilidade; o cronógrafo era à prova de choque.

O pr6ximo passo foi uma pequena loja de departamentos no lado sudeste de La Canebière. As roupas eram escolhidas e tiradas dos cabides e prateleiras, pagas e vestidas, já usadas e surradas, nos provadores. Um blazer mal-assentado e uma calça foram deixados lá.

De um mostruário no chão escolheu uma maleta de couro macio, mais algumas peças adicionais de vestuário, que foram postas dentro da maleta, juntamente com a mochila. O paciente olhou para o relógio novo: quase cinco horas, hora de escolher um hotel confortável. Estava sem dormir há dias, precisava de um bom repouso antes do encontro na Rua Sarrasin, no café Lê Bouc de Mer, onde iria

fazer os arranjos para um encontro bem mais importante — o de Zurique.

Deitado na cama, ficou olhando para o teto, O reflexo das luzes da rua formavam desenhos irregulares na superfície lisa e branca. A noite chegara depressa em Marselha e lhe trouxera uma certa sensação de liberdade. Era como se a escuridão fosse uma imensa manta acobertando a impiedosa luz do dia, que desvelava tudo com muita rapidez e presteza. Aprendera mais uma coisa a seu respeito: sentia-se melhor à noite. Como um gato faminto, podia vasculhar e pilhar melhor no escuro. Mas havia uma contradição nisso: durante os meses que passara em Île de Port Noir ansiava ardentemente pela luz do dia, ávido, esperava o amanhecer desejoso de que a escuridão se dissipasse.

Coisas novas estavam acontecendo, ele estava mudando.

Algumas coisas já *tinham* acontecido. Acontecimentos que desmentiam o conceito de que pilhar era mais fácil à noite. Doze horas atrás ele estava em um barco pesqueiro, no Mediterrâneo, com um objetivo em mente e dois mil francos amarrados à cintura. Dois mil francos, quantia menor do que quinhentos dólares americanos, de acordo com o câmbio do dia fixado no saguão do hotel. E agora já tinha uma bagagem contendo algumas peças de roupa boa e estava deitado em uma cama de hotel de boa qualidade com um pouco mais de vinte e três mil francos guardados em uma carteira Louis Vuitton, que pertencera ao Marquês de Chamford. Vinte e três mil francos... quase seis mil dólares.

De onde viera? Como pudera fazer tudo o que acabara de fazer?

Chega! *Chega*!

A Rua Sarrasin era tão antiga que se ficasse em outra cidade qualquer já teria sido designada como um marco; era uma artéria larga, de pedras, que ligava ruas que haviam sido feitas muitos séculos depois. Assim era Marselha, onde o antigo coexistia com o velho, ambos destoando do novo. A Rua Sarrasin não tinha mais do que cem pés de comprimento, estava congelada no tempo, entre as paredes de pedra dos edifícios que davam frente para o mar, desprovida de luzes, aprisionando a neblina que vinha do ancoradouro. Era uma rua escondida, propícia para breves encontros entre homens que não queriam ser vistos.

Som e luz vinham do Le Bouc de Mer. O café ficava mais ou menos no centro do corredor largo; o prédio fora um edifício de escritórios do século XIX. Algumas paredes tinham sido demolidas para a construção de um grande salão de bar com várias mesas no centro; algumas paredes foram deixadas formando pequenos cubículos para conversas menos públicas. Era a correspondência que o pessoal do cais encontrara para as salas privadas dos restaurantes da Rua La Canebière; os cubículos eram fechados com cortinas, e não com portas, de acordo com as condições dos seus freqüentadores.

O paciente andou por entre as mesas lotadas, abrindo caminho por entre as camadas de fumaça, desculpando-se enquanto tentava abrir passagem entre os pescadores, soldados bêbados e prostitutas de rosto vermelho, à cata de camas para descansar e de alguns francos. Espiou para dentro de uma série de cubículos — era um marujo à procura dos seus companheiros — até encontrar o capitão do pesqueiro, que estava com outro homem à mesa. Era magro, pálido, os olhos apertados e bisbilhoteiros como os de um furão curioso.

— Sente-se — disse o casmurro capitão. — Pensei que viesse antes.

— Combinamos entre nove e onze. Faltam quinze para as onze.

— Você estica o tempo; pode pagar o uísque, então.

— Com prazer. Peça alguma coisa decente, se é que eles têm. O homem magro e pálido sorriu. Tudo ia ficar bem.

Eles estavam bem. O passaporte em questão era, naturalmente, um dos mais difíceis do mundo

para se adulterar, mas com grande cuidado, bom equipamento e maestria o trabalho poderia ser feito.

— Quanto?

— Estas habilidades — mais o equipamento — não ficam muito barato. Duzentos e cinqüenta francos.

— Para quando?

— Bem, o cuidado, a maestria, tudo isso toma tempo. Três ou quatro dias. E assim mesmo tenho que apressar o artista, que vai me dar uma bronca.

— Mais mil francos para me entregar amanhã.

— Às dez da manhã — respondeu imediatamente o homem pálido. — Vou aceitar a transgressão.

— E os mil — interrompeu o carrancudo capitão. — O que você conseguiu em Port Noir? Diamantes?

— Talento — respondeu o paciente sem entender muito bem.

— Vou precisar de uma foto — disse o contato.

— Dei uma parada em uma galeria e fiz essa — respondeu o paciente tirando do bolso da camisa uma pequena fotografia quadrada. — Com todo esse caro equipamento, acho que você pode dar um jeito nela.

— Roupa fina — disse o capitão, passando a foto para o homem pálido.

— Bem talhada — o paciente concordou com ele.

Combinaram o lugar do encontro para a manhã seguinte, a bebida foi paga, e o capitão escorregou quinhentos francos por debaixo da mesa. A entrevista terminara, o comprador deixou o cubículo e começou a abrir caminho pelo salão apinhado, passando pelo alarido das mesas, pelas camadas de fumaça, em direção à porta.

Foi tão repentino, tão rápido, tão inesperado, que nem teve tempo para pensar. Só *reagir*.

Foi um esbarrão brusco, acidental, mas o olhar que se fixou nele não tinha nada de acidental, Os olhos esbugalhados pareciam querer saltar da órbita, arregalados, descrentes do que viam. Uma expressão à beira da histeria.

— Não! Oh, meu Deus, não! Não *pode*... — O homem parou no meio da multidão, o paciente cambaleou para a frente, afastando com a mão o ombro do homem.

— Espere aí!

O homem alteou a voz novamente, encaixando o V formado pelo polegar e os demais dedos no pulso do paciente, tirando-lhe a mão do ombro. — Você! Você morreu! Você não podia ter sobrevivido!

— Sobrevivi. O que *sabe você*?

O rosto agora se contorcia em uma massa retorcida em fúria, uma expressão maligna nos olhos, a boca aberta sugando o ar, os dentes amarelos descobertos, que pareciam dentes de animal. De repente, o homem puxou uma faca. Ouviu-se o barulho da lâmina saindo do cabo, mesmo naquela zoeira. O braço estendeu-se para a frente, a lâmina era uma extensão da mão que a segurava, movendo-se em direção ao estômago do paciente. — Sei que vou dar cabo de tudo! — sussurrou o homem.

O paciente girou o braço direito por baixo, com um pêndulo, varrendo para longe todos os objetos que encontrava na frente. Depois, rodou nos calcanhares, impulsionando o pé esquerdo para cima, fincando o calcanhar no osso pélvico do atacante.

— *She-sab*! — o eco em seus ouvidos era ensurdecedor.

O homem cambaleou para trás, caindo por sobre um trio de bebedores. A faca foi ao chão, e logo que foi vista ouviram-se gritos, homens afluindo para o ponto da briga, punhos e mãos lutando para separar os combatentes.

— Saiam já daqui!

— Vão discutir em outro lugar!

— Não queremos que a polícia entre aqui, seus bêbados desgraçados.

A violenta linguagem vulgar de Marselha se elevou por entre o ruído cacófono do Le Bouc de Mer. O paciente foi cercado. Observou o seu quase assassino avançando pela multidão, segurando a virilha, forçando um caminho para a saída. A porta pesada girou e o homem desapareceu na escuridão da Rua Sarrasin.

Alguém que pensava que ele estava morto — queria que ele estivesse morto — agora sabia que ele estava vivo.

4

O vôo do Caravelle da Air France para Zurique já estava com todos os lugares da classe econômica lotados. As poltronas estreitas se tornavam ainda mais desconfortáveis com a turbulência que fustigava o avião. Um bebê chorava nos braços da mãe, outras crianças choramingavam, engolindo seus gritos de medo, enquanto os pais sorriam tentando transmitir-lhes uma tranqüilidade que não tinham. A maior parte dos demais passageiros estava em silêncio, alguns bebendo seu uísque mais rapidamente do que de costume, outros forçando um riso nas gargantas amedrontadas, falsas bravatas que só serviam para enfatizar a insegurança, em vez de disfarçá-la. Um vôo terrível significava coisas diferentes para diferentes pessoas, mas sempre havia o indispensável pensamento do terror. Quando as pessoas se encerram em um tubo de metal a trinta mil pés, do chão, tornam-se vulneráveis. Um mergulho mais prolongado e ele estaria caindo verticalmente em direção à terra. E algumas perguntas fundamentais acompanham o terror absoluto. Que pensamentos vêm à cabeça das pessoas em uma situação dessas? Como as pessoas reagem?

Tentou descobrir, era muito importante. Estava sentado próximo à janela, os olhos postos na asa da aeronave, observando a larga extensão de metal se encurvar e vibrar sob o impacto brutal dos ventos. As correntes se entrechocavam, encurralando o tubo feito pelas mãos do homem, para domesticá-lo, torná-lo submisso, de forma a não esquecer que era apenas uma partícula microscópica na imensa vastidão do firmamento. Uma pitada a mais de pressão sobre a flexão de tolerância permitida e a asa se arrebentaria, os propulsores romperiam do corpo cilíndrico, retalhando as asas. Um impacto de rebites se soltando, a explosão e, em seguida, o sensacional mergulho.

O que ele faria? O que pensaria? Alguma coisa além do medo incontrolável de morrer e ser esquecido — existiria alguma coisa mais? Era nisso que ele devia se concentrar, essa era a projeção que Washburn tanto enfatizava em Port Noir. As palavras do médico lhe vieram à memória.

Sempre que você perceber uma situação de estresse — e tiver tempo — esforce-se ao máximo para projetar-se nela. Faça associações tão livremente quanto puder, deixe que as palavras e as imagens encham sua mente. Nelas você poderá encontrar algumas chaves.

Continuou a olhar concentradamente para fora da janela, tentando conscientemente puxar seu inconsciente, firmando os olhos na violência natural, desencadeada além do vidro, destilando os movimentos, silenciosamente se "esforçando" para permitir que as suas reações puxassem palavras e imagens.

Elas chegaram — devagar. Lá estava a escuridão, novamente, e o som cortante do vento estilhaçando-lhe os ouvidos, contínuo, crescendo em intensidade até que pensou que sua cabeça iria explodir. Sua cabeça... Os ventos açoitavam-lhe a face esquerda, queimavam-lhe a pele, ele era forçado a levantar o ombro esquerdo para proteger o rosto... Ombro esquerdo. Braço esquerdo. O seu braço estava levantado, os dedos enluvados da mão esquerda apertavam uma borda lisa de metal, a mão direita segurava uma... correia, ele estava se segurando em uma correia, esperando por alguma coisa. Um sinal... uma lanterna ou uma batida no ombro, os dois talvez. Um sinal! *Acendeu*! Ele mergulhou. Para dentro da escuridão, do vazio, o corpo tombando, girando, sendo atirado para dentro da noite escura. Ele acabara de... de saltar de pára-quedas!

— *Etes-vous malade*?

Seu devaneio insano foi subitamente interrompido, o nervoso passageiro ao seu lado tocara-lhe o braço esquerdo — o que estava levantado, com os dedos da mão esticados, como se estivessem tentando

resistir, rígidos, na mesma posição. Atravessado ao peito, o baço direito comprimia o tecido do seu paletó, a mão direita segurava a lapela com força, pregueando o pano. Na testa corria um fio de suor. Acontecera. Aquela alguma- coisa-mais chegara, efêmera, insana — fora focada.

— *Pardon* — respondeu ele abaixando os braços. — *Un mauvais rêve* — acrescentou ele casualmente.

O tempo se abriu e o Caravelle estabilizou-se no ar. Os sorrisos nos rostos atormentados das aeromoças voltaram a ser naturais, todo o serviço de bordo prosseguiu, enquanto os desconcertados passageiros se entreolhavam.

O paciente pôs-se a observar à sua volta, mas não chegou a nenhuma conclusão. Estava absorvido pelas imagens e sons que tão claramente tinham se definido nos olhos e ouvidos de sua mente. Atirara-se de um avião... Era noite... Sinais, o metal e as correias eram intrínsecos ao seu salto. *Saltara* de pára-quedas. *Onde? Por quê?*

Pare de se atormentar!

Com o propósito de desviar a mente daquela loucura, tirou do bolso do paletó o passaporte falsificado e o abriu. Como era de se esperar, o nome Washburn permanecera, era bastante comum, e seu possuidor lhe dissera que não daria nenhuma bandeira. *O Geoffrey R.*, no entanto, fora mudado para *George P.*, as eliminações e preenchimentos dos intervalos na linha tinham sido habilmente trabalhados. Um trabalho perfeito. A colocação da foto também fora feita com grande habilidade, não parecia mais um retrato em papel barato, feito por uma máquina em uma galeria de diversões.

Os números de identificação, claro, eram completamente diferentes, garantindo não dar alarme em nenhum computador do serviço de imigração. Pelo menos até que o portador apresentasse o documento para a primeira inspeção. Dali para a frente, tudo ficava sobre a responsabilidade do comprador. Paga-se caro para se ter esta garantia, tão caro quanto pela mestria e pelo equipamento, pois é preciso ter contatos com a Interpol e as casas de triagem da imigração. Guardas da alfândega, especialistas em computadores e funcionários de todas as redes das fronteiras da . Europa eram regularmente pagos por suas informações vitais. Raramente cometiam enganos. Se os cometessem não era fora a de propósito perderem um olho ou um braço — esses eram os ossos da falsificação de papéis.

George P. Washburn. Não se sentia bem com o nome. O dono do passaporte original o instruíra muito bem nos princípios da projeção e associação. George P. era uma corruptela de Geoffrey R. — um homem que. fora devorado por uma compulsão que se fundamentava na fuga, na fuga da identidade. E esta era a última coisa que o seu paciente queria, ele daria a vida para saber quem era.

Daria mesmo?

Não tinha importância. A resposta estava em Zurique. Em Zurique havia...

— *Mesdames et messieurs. Nous commençons notre descente pour l'aéroport de Zurich.*

Ele sabia o nome do hotel: Carillon du Lac. Dissera instintivamente para o chofer do táxi. Lera em algum lugar? Talvez o nome estivesse em uma daquelas listas dos folhetos de Boas- vindas-a-Zurique que estavam dentro das bolsas elásticas em frente ao seu assento, no avião.

Não. Ele conhecia o saguão do hotel, a madeira pesada, escura e envernizada lhe era... de alguma forma, lhe era familiar. E as imensas janelas de espelho que davam para o Lago Zurique. Já estivera lá antes, tinha se dirigido para onde agora se dirigia — um balcão com o tampo de mármore — há muito tempo atrás.

Tudo foi confirmado pelas palavras ditas pelo funcionário por trás da escrivaninha. As palavras lhe soaram com uma explosão.

— É um prazer vê-lo novamente, senhor. Faz tempo que não nos visita.

Faz? Quanto? Por que você não diz o meu nome? Pelo amor de Deus! Eu não o conheço! Não sei quem sou!

Ajude-me! Por favor, ajude-me!

— É, faz mesmo — respondeu ele. — Pode me fazer um favor? Torci o pulso, não consigo escrever. Pode preencher para mim o cartão de registro? Farei o possível para assinar. — Prendeu a respiração; e se o educado cavalheiro lhe pedisse para repetir o nome, ou soletrá-lo?

— Pois não. — O funcionário puxou o cartão e pôs-se a escrever. — Gostaria de ver o médico do hotel?

— Mais tarde, talvez. Agora não. —. O funcionário continuou a escrever e depois levantou o cartão, virando-o do lado em que ele devia assinar.

Sr. J. Bourne. Nova York, N. Y. — U.S.A.

Olhou para o nome, petrificado, hipnotizado pelas letras. Tinha um nome — um pedaço de nome. E um país, bem como uma cidade, onde era residente.

J. Bourne. *John? James? Joseph?* O que significaria o J.?

— Alguma coisa está errada, Herr Bourne? — o funcionário perguntou.

— Errada? Não, nada. — Pegou a caneta, lembrando-se de simular certa dificuldade para escrever. Será que pediriam que ele escrevesse por extenso o nome todo? O primeiro nome, inclusive? Não, assinaria exatamente como o funcionário escrevera no cartão.

Sr. J. Bourne.

Escreveu o nome tão naturalmente quanto pôde, deixando a mente evadir-se, permitindo que quaisquer imagens ou pensamentos pudessem disparar livremente. Não apareceu nenhum. Estava apenas assinando um nome desconhecido, não sentiu nada.

— O senhor me deixou preocupado, mein Herr —- disse o funcionário. — Pensei que havia cometido um engano. Foi uma semana muito movimentada esta, e hoje um dia mais movimentado ainda. Mas, na verdade, eu estava quase certo.

E se ele tivesse cometido um engano? O Sr. J. Bourne, da cidade de Nova York, U.S.A., não se incomodou em pensar nesta possibilidade. — Jamais me ocorreu duvidar da sua memória... *Herr* Stossel — o paciente respondeu, dando uma rápida olhadela para o cartão de em-serviço, que estava do lado esquerdo, sobre o balcão. O homem por detrás da escrivaninha era o subgerente do Carillon du Lac.

— O senhor é muito gentil. — O subgerente inclinou-se para ele. — Presumo que vai solicitar as condições costumeiras de sua estadia conosco?

— Algumas podem ter mudado — respondeu J. Bourne. — Vejamos.

Quem telefonar ou perguntar pelo senhor na portaria deve ser informado que o senhor não se encontra no hotel no momento. A ocorrência, no entanto, deve ser-lhe comunicada imediatamente. A única exceção deve ser feita com relação à sua firma em Nova York, a Treadstone Seventy-One Corporation, se bem me recordo.

Outro nome! Este, ele poderia localizar com uma chamada telefônica de longa distância. Formas fragmentárias começavam a se encaixar. O pânico começava a voltar-lhe.

— Pode continuar assim. Não me esquecerei da sua eficiência.

— Estamos em Zurique — respondeu o cortês funcionário, levantando os ombros. — O senhor sempre foi muito generoso, *Herr Bourne. Page — hierher, bitte*!

Seguiu o pajem até o elevador — algumas coisas já estavam mais claras. Tinha um nome e compreendia agora por que seu nome era tão bem lembrado pelo subgerente do Carillon du Lac; tinha um país, uma cidade e uma firma para a qual trabalhava — uma firma que o havia empregado, por qualquer razão. E sempre que vinha a Zurique algumas precauções eram tomadas para protegê-lo de visitantes inesperados ou indesejados. Isso ainda não compreendia bem. Porque ou alguém se protegia completamente ou nem se dava ao trabalho de proteger-se, afinal. Qual era a vantagem de um processo de segurança tão impreciso, tão vulnerável à penetração? Parecia-lhe um serviço de segunda mão, sem

valor, como se uma criança pequena estivesse brincando de esconde-esconde. *Onde estou? Tente me achar. Vou falar alto para lhe dar uma dica.*

Mas isso não era profissional, e o que ele aprendera durante essas últimas 48 horas é que era um profissional. Do quê, não tinha a menor idéia. Só tinha certeza da posição, uma boa posição.

A voz da telefonista de Nova York sumia da linha de vez em quando. Sua conclusão, no entanto, era exasperadamente clara. E terminante.

— Não consta na lista nenhuma companhia com este nome, senhor. Consultei os guias mais recentes, consultei as listas de telefones particulares e não existe esta Treadstone Corporation — nem mesmo nada parecido com Treadstone e com números seguindo o nome.

— Talvez tenham desistido muito cedo...

— *Não* há nenhuma firma ou companhia com esse nome, senhor. Repito, se o senhor tem um primeiro ou segundo nome, ou o tipo de negócio que a firma faz, talvez possa lhe ajudar.

— Não tenho. Só o nome: Treadstone Seventy-One, Cidade de Nova York.

— É um nome muito estranho, senhor. Tenho certeza que, se constasse da lista, seria simples e fácil localizá-la. Sinto muito.

— Agradeço pelo trabalho que teve — respondeu J. Bourne colocando o fone no gancho. Era inútil continuar. O nome devia ser um código qualquer, palavras inventadas por alguém, e que lhe davam acesso a um hotel não muito acessível. E as palavras podiam ser usadas por qualquer um, não importando onde ele havia situado o nome, a companhia-fantasma. E, assim, a localização em Nova York também era insignificante. De acordo com a telefonista a cinco mil milhas dali, era.

Foi até a cômoda onde deixara a carteira Louis Vuitton e o cronógrafo Seiko. Pôs a carteira no bolso e o relógio no pulso, olhou-se no espelho e murmurou:

— Você é J. Bourne, cidadão dos Estados Unidos, residente na cidade de Nova York, e é perfeitamente possível que os números"zero-sete–dezessete-doze–zero-quatorze–vinte e seis-zero" sejam a coisa mais importante da sua vida.

O sol brilhava, infiltrando-se pelas copas das árvores que acompanhavam toda a elegante Bahnhofstrasse, refletindo-se nas vitrinas das lojas e criando blocos de sombra onde os edifícios dos grandes bancos vetavam seus raios. Era uma rua onde a solidez e a fortuna, a segurança e a arrogância, a determinação e um certo toque de frivolidade coexistiam lado a lado. E o paciente do Dr. Washburn já andara por aquelas calçadas antes.

Caminhou rápido em direção à Burkli Platz, a praça que dava para o lago de Zurique, o Zurichsee, com os seus inúmeros embarcadouros diante do cais, cercado por jardins que no forte calor do verão abriam-se em flores. Podia vê-las com os olhos da mente, as imagens chegavam-lhe com facilidade, mas sem pensamentos, sem memória.

Virou de novo para Bahnhofstrasse, sabendo instintivamente que o Gemeinschaft Bank era um edifício ali por perto, de pedras claras. Ficava do outro lado da rua onde ele andara, passando deliberadamente do edifício. Aproximou-se das pesadas portas de vidro e empurrou uma folha, que se abriu facilmente. O chão era de mármore marrom, e ele sentia que já estivera lá antes, mas não era uma imagem tão forte quanto as demais. E tinha a estranha sensação de que devia evitar o Gemeinschaft.

Más não agora.

— *Bonjour, monsieur. Vous desirez*...? — O homem que lhe dirigia a palavra estava vestido com um fraque; a boutonnière vermelha era o símbolo de sua autoridade. O uso do francês se explicava pelas roupas do cliente; até os mais subordinados e menores anões de Zurique eram bons observadores.

— Tenho negócios pessoais e confidenciais para discutir — respondeu J. Bourne, em inglês. Mais uma vez espantava-se com as palavras que lhe saíam tão naturalmente da própria boca. Usou o inglês por dois motivos: queria ver a expressão daquele gnomo ao perceber o seu erro e não queria que houvesse qualquer desentendimento sobre tudo o que dissesse durante a próxima hora.

— *Pardon, sir* — disse o homem, as sobrancelhas levemente arqueadas, estudando o sobretudo do cliente. — O elevador à esquerda, segundo andar. O recepcionista vai atendê-lo.

O recepcionista era um homem de meia-idade, cabelos cortados rente à cabeça e óculos com aros de tartaruga. Sua expressão era severa, os olhos rigidamente curiosos. — O senhor tem constantemente negócios pessoais e confidenciais conosco, senhor? — perguntou, repetindo as palavras do recém-chegado.

— Sim.

— A sua assinatura, por favor — disse o funcionário, entregando-lhe um papel timbrado do Gemeinschaft, com duas linhas em branco centradas no meio da página.

O cliente entendeu: não era necessário o nome. *Os números escritos a mão tomam o lugar do nome... eles constituem a assinatura do correntista. Procedimento normal.* Washburn.

O paciente escreveu os números por extenso, relaxando a mão para que a escrita fosse livre. Depois devolveu o papel para o recepcionista, que o estudou cuidadosamente, levantou-se da cadeira e apontou para uma fila de portas estreitas com painéis de vidro fosco. — Dirija-se à quarta sala, senhor, e alguém logo há atendê-lo.

— A quarta sala?

— A quarta porta à esquerda. Ela se fechará automaticamente.

— Isso é necessário?

O recepcionista olhou-o um pouco surpreso. — Está de acordo com a sua própria exigência, senhor — respondeu polida- mente, um tom de surpresa na voz estranha. — Esta é uma conta com três zeros. Em geral os correntistas do Gemeinschaft que têm este número telefonam antes para que uma entrada particular possa ser preparada.

— Sei disto — o paciente de Washburn mentiu com uma casualidade que nem mesmo ele percebeu. — É que tenho pressa.

— Vou transferir isso para Verificações, senhor.

— Verificações?! — O Sr. Bourne, da Cidade de Nova York, EUA, não pôde evitar a surpresa; a palavra soara como um alarma.

— Verificação de Assinatura, senhor. — O homem ajustou os óculos, dando um passo em direção a uma mesa perto de sua escrivaninha. — Sugiro que espere na Sala Quatro, senhor. — A sugestão não era um pedido, mas uma ordem, o comando dado pelos olhos pretorianos.

— Por que não? Diga-lhes para se apressarem, sim? — O paciente atravessou a sala em direção à quarta porta, abriu-a e entrou. A porta fechou-se automaticamente, pôde ouvir o dique da fechadura. J. Bourne olhou para o painel de vidro fosco. Não era uma simples vidraça de vidro; havia uma rede de finos arames tecidos por baixo da superfície. Com certeza, se ela fosse quebrada um alarme seria disparado. Ele estava em uma cela, esperando ser chamado.

O resto da pequena sala era revestido com muito bom gosto e cuidadosamente mobiliado — duas poltronas de couro estavam postas uma ao lado da outra e na frente havia um pequeno canapé flanqueado por duas mesas antigas. No lado oposto havia uma segunda porta, que contrastava totalmente com a primeira — era de aço cinza. Revistas recentes e jornais em três línguas estavam sobre as mesas. O paciente sentou-se e pegou uma edição parisiense do Herald Tribune. Lia as palavras impressas sem conseguir absorver nada do seu sentido. A porta se abriria a qualquer momento, a mente se consumia em pensamentos de estratégia. Estratégia sem memória, apenas instintiva.

Finalmente, a porta de aço se abriu e apareceu um homem alto, magro, feições aquilinas e cabelos

de cor cinza, meticulosa- mente arrumados. Seu rosto era aristocrático, pronto para servir a um igual que precisava de sua experiência. Estendeu a mão. Falava um inglês refinado, melífluo, escondendo um pouco a entonação suíça.

— Estou honrado em vê-lo. Perdoe a demora; na verdade, foi um tanto engraçado.

— Em que sentido?

— Tenho a impressão de que o senhor assustou um pouco *Herr* Koenig. Não é muito comum uma conta de três zeros chegar sem um aviso prévio. Ele é bastante formal em seus hábitos, o senhor compreende, o incomum pode arruinar os seus dias. Por outro lado, torna o meu mais agradável. Sou Waither Apfel. Por favor, entre.

O funcionário do banco soltou a mão do paciente e fez um gesto em direção à porta de aço. A sala era uma extensão da cela e tinha a forma de um V. Revestimento escuro, móveis pesados e confortáveis e uma grande escrivaninha que ficava em frente a uma janela ainda maior, de onde se avistava toda a Bahnhofstrasse.

— Sinto tê-lo incomodado — disse J. Bourne. — Tenho pressa, só isso.

— Sim, ele me contou isso. — Apfel deu a volta na escrivaninha e fez um gesto com a cabeça em direção à poltrona de couro à sua frente. — Sente-se, por favor. Mais uma ou duas formalidades apenas e poderemos discutir o seu assunto, o seu negócio. — Os dois homens sentaram-se. No mesmo instante o funcionário do banco pegou uma ficha branca e inclinou-se sobre a escrivaninha, entregando-a ao cliente do Gemeinschaft. Preso nela estava um papel timbrado; em vez das duas linhas em branco, no entanto, havia dez, que começavam logo abaixo do timbre e continuavam quase até o final da folha. — Sua assinatura, por favor. Cinco apenas serão suficientes.

— Não estou entendendo. Acabei de fazer isto.

— E muito bem. A Verificação confirmou.

— Então, por que outra vez?

— Uma assinatura pode ser praticada até o ponto em que uma única interpretação seja aceitável. No entanto, sucessivas repetições da mesma assinatura resultarão em imperfeições se ela hão for autêntica. Um examinador grafológico poderá detectá-las imediatamente, porém tenho certeza que isso não lhe diz respeito. — Apfel sorriu, enquanto colocava uma caneta na beira da escrivaninha. — Nem a mim, francamente, mas Koenig insiste.

— É um homem cauteloso — disse o paciente — tomando a caneta e pondo-se a escrever. Já havia começado a quarta linha quando o bancário o interrompeu.

— Isso é suficiente, mais será perda de tempo. — Apfel estendeu a mão para a pasta. — Na Verificação disseram que o senhor não é nem mesmo um caso limite. Logo que receberem isto, a conta será entregue. — Inseriu a folha de papel pela abertura de uma esquadria de metal que ficava no lado direito de sua escrivaninha e apertou um botão. Um raio de luz brilhante acendeu e apagou-se em seguida. — Isto transmite as assinaturas diretamente para o grafólogo — continuou o bancário —, que, naturalmente, já está programado. Francamente, tudo isso é um pouco descabido. Ninguém que tivesse sido prevenido de nossas precauções concordaria em fazer as assinaturas adicionais se por acaso fosse um impostor.

— Por que não? Tendo passado por tudo isso, por que não arriscar?

— Há apenas uma entrada para este escritório e, portanto, invertendo a situação, apenas uma saída. Tenho certeza de que ouviu o barulho da trava automática da porta, na sala de espera.

— E também vi a malha de arame no vidro — acrescentou o paciente.

— Então, o senhor entende. Um impostor logo cairia na armadilha.

— E se ele tivesse uma arma?

— O senhor não tem.

— Ninguém me revistou.

— O elevador o revistou. De quatro ângulos diferentes. Se o senhor estivesse armado, a máquina pararia entre o primeiro e o segundo andar.

— Vocês são muito cautelosos.

— Tentamos manter um bom serviço — O telefone tocou. Apfel respondeu. — Sim?... Entre. O bancário olhou para o seu cliente. — Sua pasta está aqui.

— Foi rápido.

— Herr Koenig já a havia pedido há alguns minutos. Ele estava apenas à espera do despacho do grafólogo. — Apfel abriu uma gaveta e pegou uma argola cheia de chaves. — Tenho certeza de que ele está desapontado. Estava quase certo de que alguma coisa estava errada.

A porta de aço se abriu e o recepcionista entrou trazendo um recipiente de metal preto, que colocou sobre a escrivaninha, perto de uma bandeja com uma garrafa de Perrier e dois copos.

— O senhor está gostando de sua estadia em Zurique? — perguntou o bancário para preencher o silêncio.

— Muito. Meu quarto dá para o lago. É uma bela vista, muito calma, quieta.

— Esplêndida! — disse Apfel, enchendo um copo para o cliente. Herr Koenig saiu, a porta se fechou e o bancário voltou ao assunto do negócio.

— A sua conta, senhor — falou enquanto selecionava uma chave da argola. — Posso destravar a caixa ou o senhor mesmo prefere fazê-lo?

— Não, pode continuar. Abra-a.

O bancário olhou-o. — Eu disse destravar, não abrir. Não tenho este privilégio, nem quero tal responsabilidade.

— Por que não?

— No caso de sua. identidade estar listada, não é da minha posição tomar conhecimento dela.

— E supondo que eu queira fazer negociações, transferir algum dinheiro, ou mandá-lo para alguém?

— Isso poderia ser efetuado com a sua assinatura numérica em um formulário de retirada.

— Ou enviar para outro banco — fora da Suíça, para mim?

— Então, é de praxe requerer-se um nome. Sob tais circunstâncias uma identidade seria tanto minha responsabilidade quanto meu privilégio.

— Abra-o.

Apfel abriu o cofre. O paciente do dr. Washburn segurou a respiração e sentiu uma dor aguda na boca do estômago. O banqueiro retirou um maço de extratos de conta presos por um grande grampo de prender papéis e passou os olhos pelas colunas do lado direito no alto das páginas, mantendo a expressão facial quase inalterada. O lábio inferior repuxou um pouco, vincando os cantos da boca. Curvou-se para a frente e entregou as folhas para o dono.

Abaixo do timbre do Gemeinschaft estavam algumas palavras datilografadas em inglês, a língua do cliente:

Conta: Zero — Sete — Dezessete — Doze — Zero — Quatorze
— Vinte e seis — Zero
Nome: Restrito às Instruções Legais e ao Correntista
Admissão: Lacrado em Envelope Separado
Capital Corrente em Depósito: 7.500.000 Francos

O paciente respirou devagar, olhando espantado para a cifra. Embora pensasse que estava preparado para qualquer surpresa possível, ele não estava preparado para aquilo. Era tão amedrontador

quanto tudo por que passara nos últimos cinco meses. Calculando por cima, a quantia era de mais ou menos cinco milhões de dólares.

$ 5.000.000!

Como? Por quê?

Tentando controlar um começo de tremor na mão, folheou os formulários de entrada. Eram muitos e as somas, extraordinárias, nunca inferiores a 300.000 francos. Os depósitos eram feitos em intervalos de cinco a oito semanas e haviam começado há vinte e três meses. Chegou ao último formulário, que marcava o primeiro depósito: era uma transferência de um banco de Singapura e a maior entrada — dois milhões e setecentos mil dólares malaios, convertidos em 5.175.000 francos suíços.

Por trás deste último formulário percebeu o contorno de um envelope bem mais curto do que o tamanho da folha. Levantou o papel, o envelope tinha uma tarja preta e algumas palavras datilografadas:

Identidade: De acesso exclusivo do proprietário. 0

Restrições Legais: Acesso – Funcionário Registrado, Treadstone Seventy-One Corporation, o Portador Apresentará Instruções por Escrito do Proprietário.

Sujeito a Verificações.

— Gostaria de verificar isto — disse o cliente.

— É propriedade sua — replicou Apfel. — Posso lhe assegurar que permaneceu intacto.

O paciente retirou o envelope da pasta e o abriu. Um selo do Gemeinschaft lacrava o envelope; nenhuma das letras em relevo fora danificada. Abriu o envelope, tirou o cartão de dentro e leu:

Correntista: Jason Charles Bourne
Endereço: Não consta.
Cidadania: EUA.

Jason Charles Bourne.

Jason.

O J era de Jason! O seu nome era *Jason Bourne*. O *Bourne* não lhe tinha significado nada, o J. Bourne também não, mas a combinação Jason e Bourne eram obscuras engrenagens ajustadas em um engate perfeito. Podia aceitá-lo; *aceitou-o*. Era Jason Charles Bourne, americano. Mesmo assim, ainda podia ouvir o coração batendo, a vibração nos ouvidos era ensurdecedora, a dor no estômago, mais aguda. *O que era? Por que a sensação de que estava mergulhando no escuro novamente, nas águas escuras outra vez?*

— Alguma coisa está errada? — perguntou Waither Apfel.

Alguma coisa está errada, Herr Bourne?

— Não. Está tudo certo. Meu nome é Bourne. Jason Bourne.

Estaria gritando? Sussurrando? Não podia dizer.

— É um privilégio conhecê-lo, Sr. Bourne. Sua identidade permanecerá confidencial, O senhor tem a palavra de um funcio- nário do Banco Gemeinschaft.

— Obrigado. Agora, acho que tenho que transferir uma boa parte deste dinheiro e vou precisar de sua ajuda.

— Mais uma vez, será um privilégio para mim. Será um prazer prestar-lhe qualquer assistência ou poder lhe aconselhar.

Bourne procurou a garrafa de Perrier.

A porta de aço do escritório de Apfel fechou-se atrás dele. Dentro de alguns segundos sairia da bem-decorada ante-sala da cela para a sala de recepção e depois para os elevadores. Dentro de minutos estaria na Bahnhofstrasse com um nome, uma grande soma de dinheiro, e ainda medo e confusão.

Conseguira. O Dr. Geoffrey Washburn fora pago com muito mais do que o valor da vida que salvara. Uma transferência feita por telex na quantia de 1.500.000 francos suíços fora mandada para um banco de Marselha, um depósito feito em uma conta em código, que encontraria o seu destino: o único médico da Île de Port Noir, sem que jamais o nome de Washburn fosse usado ou revelado. Tudo o que Washburn tinha a fazer era ir a Marselha, declarar os números do código e o dinheiro seria dele. Bourne sorriu para si ao imaginar a expressão do rosto de Washburn quando a conta lhe fosse apresentada. O médico excêntrico e alcoólatra já teria ficado satisfeito com dez ou quinze mil libras, mas agora tinha mais de um milhão de dólares. Isto iria ou assegurar a sua recuperação ou apressar a sua destruição. Escolher era um problema dele.

Uma segunda transferência, de 4.500.000 francos, foi remetida para um banco em Paris, à Rue Madeleine, e depositada no nome de Jason C. Bourne. A transferência foi expedida via malote — o Gemeinschaft mantinha dois por semana para Paris — com os cartões de assinatura em três vias e os demais documentos. Herr Koenig assegurara a ambos, ao seu superior e ao cliente, que os papéis chegariam a Paris em três dias.

O resto da transação era insignificante, se comparada com as complicações anteriores. Cem mil francos em notas graúdas foram trazidos para o escritório de Apfel; o recibo da retirada foi feito com a assinatura numérica do portador da conta.

Restou em depósito no Gemeinschaft Bank 1.400.000 francos suíços, soma não tão pequena.

Como? Por quê? De onde?

Toda a transação levou apenas uma hora e vinte minutos. E só houvera uma nota discordante de todas as facilidades que lhe foram oferecidas para as transações: a expressão de Koenig — um misto de solenidade e triunfo. Ele telefonara para Apfel, fora mandado entrar e trouxera para o seu superior um pequeno envelope com as bordas tarjadas de preto.

— *Une fiche* — anunciara em francês.

O banqueiro abrira o envelope, retirara dele um cartão, lera com cuidado o seu conteúdo e, em seguida, devolvera o cartão e o envelope para Koenig. — Serão seguidos os procedimentos normais — dissera ele.

Koenig deixara a sala imediatamente.

— É alguma coisa a meu respeito? — perguntara Bourne.

— Apenas no caso de liberar grandes somas como estas. Simples normas da casa. — O banqueiro lhe dera um sorriso tranqüilizador.

A fechadura fez um clique. Bourne abriu a porta de vidro fosco e entrou nos domínios pessoais de Herr Koenig. Dois outros homens haviam chegado e estavam sentados separados, um em cada lado da sala de recepção. Como não estavam em celas separadas e por detrás das janelas de vidro opaco, Bourne presumiu que nenhum dos dois devia ter uma conta de três zeros. Ficou a imaginar se haviam assinado os seus nomes ou escrito por extenso uma série de números, como fizera. Mas parou em seguida, no instante em que chegara ao elevador e apertara o botão.

Pelo canto do olho, percebeu um movimento. Koenig movera a cabeça, fazendo um sinal para os dois homens. Eles se levantaram logo que a porta do elevador se abriu. Bourne voltou-se. O homem à sua direita puxou do bolso do sobretudo um pequeno rádio e disse alguma coisa — breve, rápida.

O homem à esquerda tinha a m direita escondida dentro da capa de chuva. E quando a tirou, segurava uma arma, uma pistola automática preta, calibre 38, com um cilindro perfurado encaixado ao cano. Um silenciador.

Os dois homens se aproximaram de Bourne, enquanto ele recuava para dentro do elevador deserto. E começou o desvario.

5

As portas do elevador começaram a se fechar. O homem com o rádio na mão já tinha entrado, o outro procurava segurar as portas com os ombros, enquanto apontava a arma para a cabeça de Bourne.

Jason inclinou-se para a direita — uma reação imediata de medo — repentinamente, moveu o pé esquerdo, levantando-o do chão, e girou o corpo. O calcanhar foi bater na mão armada do homem, o revólver foi jogado para cima e ele cambaleou de costas para fora do recinto. Dois tiros silenciosos foram dados antes que as portas se fechassem; as balas foram se alojar na madeira grossa do forro. Bourne completou a volta do corpo e jogou o ombro contra o estômago do outro homem, escorregando a mão direita para o seu peito, enquanto com a esquerda prendia a mão que segurava o rádio. Depois arremessou o homem contra a parede. O rádio voou pelo elevador, e quando caiu algumas palavras saíram pelo alto-falante.

— *Henri? Ça va? Qu'est-ce qui se passe?*

A imagem de outro francês voltou à cabeça de Jason. Um homem à beira da histeria, não podendo acreditar no que via — seu quase assassino, que correra do Le Bouc de Mer para as sombras da Rua Sarrasin havia menos de vinte e quatro horas. Aquele homem não perdera tempo, havia mandado para Zurique uma mensagem: o homem que supunham morto estava vivo. E bem vivo. *Matem-no*!

Bourne agarrou o francês à sua frente, passando o braço esquerdo em volta de sua garganta e puxando-lhe violentamente a orelha esquerda com a mão direita. — *Quantos*? — perguntou era francês. — Quantos estão lá embaixo? Onde estão?

— Descubra você, *seu porco*!

O elevador estava a meio caminho do saguão do primeiro andar.

Jason empurrou a cabeça do homem para baixo, quase arrancando a orelha da base, e jogou-o contra a parede. Este gritou enquanto caía. Bourne calcou-lhe ó joelho sobre o peito e sentiu o coldre. Abriu-lhe o sobretudo e puxou o revólver de cano curto. Imediatamente pensou que alguém desativara as máquinas do elevador. *Koenig*. Ele se lembraria; não haveria nenhuma amnésia com relação a *Herr* Koenig. Enfiou o revólver pela boca aberta do francês.

— Fale ou parto a sua cabeça com um tiro! — O homem deixou escapar um lamento gutural. Bourne tirou o cano da arma da sua boca e empurrou-lhe contra o rosto.

— Dois. Um perto dos elevadores, outro fora, na calçada, perto do carro.

— Que espécie de carro?

— Peugeot.

— Que cor? — O elevador já estava parando.

— Marrom.

— O homem no saguão, com que roupa está?

— Não sei...

Jason estalou a arma contra a testa do homem. — É melhor se lembrar!

— Um casaco preto!

O elevador parou. Bourne obrigou o francês a ficar de pé. As portas se abriram. Do lado esquerdo, um homem estava vestido com uma capa de chuva escura e usava óculos de armação dourada, muito estranhos. Ele deu um passo para a frente. Os olhos por detrás das lentes pareciam ter reconhecido o que se passava; o sangue escorria pelo peito do francês. Levantou a mão encoberta pelo bolso largo da capa — mais uma arma automática com silenciador era apontada para o alvo de Marselha.

Jason empurrou o francês pela porta, escudando-se nele.

Três rápidos tiros foram ouvidos. O francês gritou, levantou os braços e deu um último grito de protesto. Depois dobrou o corpo e caiu contra o chão de mármore. Uma mulher, que estava do lado direito do homem com os óculos de armação dourada, gritou, juntamente com alguns homens que chamavam por *Hilfe*!, pela *Polizei*!

Bourne logo percebeu que não poderia usar o revólver que tirara do francês. A arma não tinha silenciador, qualquer tiro que desse seria ouvido e ele ficaria marcado. Enfiou-a no bolso do paletó, passou pela mulher que gritava e agarrou um ascensorista pelos ombros, jogando-o contra o assassino de capa escura.

O pânico cresceu no saguão, enquanto Jason corria em direção às portas de vidro da entrada, O porteiro de boutonnière, que trocara a sua língua uma hora e meia antes, gritava em um telefone de parede, um guarda uniformizado estava do seu lado, de arma em punho, obstruindo a passagem, de olhos pregados no caos que se formara. E, de repente, de olhos postos *nele*. No momento era difícil sair. Bourne evitou o olhar do guarda e dirigiu-se ao recepcionista que estava ao telefone.

— O homem com óculos de armação dourada! — gritou ele. — É ele! Eu vi!

— O quê? Quem é você?

— Seu amigo de Walther Apfel! Obedeçam! O homem de óculos dourados, de capa preta. Lá!

A mentalidade burocrática não mudou em milênios. O nome de um superior vale por uma ordem.

— Herr Apfel! .—. O recepcionista do Gemeinschaft virou-se para o guarda. — Você o ouviu! O homem de óculos. Óculos de armação dourada!

— Sim, senhor! — O guarda avançou correndo.

Jason passou pelo lado do recepcionista em direção às portas de vidro, empurrou a porta da direita, deu uma olhada para trás. Sabia que tinha que correr novamente, mas não sabia se um homem do lado de fora, na calçada, ao lado de um Peugeot mar- rom, o reconheceria se saísse. Na certa atiraria nele.

O guarda correu em direção a um homem vestido com uma capa preta. Um homem caminhando mais lentamente do que as figuras em pânico à sua volta. Um homem que não usava óculos. Acelerou o pano direção à entrada, em direção a Bourne.

Do lado de fora, o caos crescente era a proteção de Jason. As vozes se extinguiram no banco, as sirenas gemiam cada vez mais alto, enquanto carros de polícia se aproximavam da Bahnhofstrasse. Andou algumas jardas para a direita, rodeado de pedestres, em seguida pôs-se a correr, forçando caminho por entre uma multidão de curiosos e se refugiando na frente de uma loja, com a atenção presa nos automóveis parados no meio-fio. Viu o Peugeot e o homem parado ao seu lado com a mão ameaçadoramente no bolso do sobretudo. Em menos de quinze segundos o motorista do Peugeot juntou-se ao homem da capa preta, que agora punha de novo os óculos de armação dourada, tentando ajustar-se à nova visão. Os dois conversavam rapidamente, examinando atentamente a Bahnhofstrasse.

Bourne entendia a confusão deles. Saíra pelas portas de vidro do Gemeinschaft e caminhara em direção à multidão sem nenhum pânico. Estivera pronto para correr, mas não correra por medo de ser parado enquanto estivesse próximo à entrada. Ninguém mais tivera permissão para sair de lá — e o motorista do Peugeot não percebera, não reconhecera o seu alvo, identificado e marcado para execução em Marselha.

O primeiro carro de polícia chegou quando o homem com os óculos de armação dourada tirara a capa e a empurrava pela janela para dentro do carro. Fez um sinal com a cabeça para o motorista do Peugeot, que pôs o carro em movimento. O assassino tirou os delicados óculos e fez algo completamente inesperado: voltou para as portas do banco, juntando-se à policia, que estava entrando.

Bourne ficou olhando o Peugeot afastar-se do meio-fio e acelerar na Bahnhofstrasse. A multidão na frente da loja começou a se dispersar; muitos iam em direção às portas de vidro, esticando o pescoço na tentativa de enxergar, na ponta dos pés, espiando para dentro do banco. Um policial saiu fazendo com que os curiosos se afastassem para abrir caminho até a calçada. Enquanto gritava, uma ambulância,

como um casco de navio, querenava na esquina noroeste, acompanhando a todos que dessem passagem, O motorista da ambulância estacionou o descomunal veículo no espaço deixado pelo Peugeot. Jason não podia mais enxergar, tinha que ir até o Carilon du Lac pegar suas coisas e sair de Zurique, da Suíça. Ir para Paris.

Mas por que Paris? Por que insistira que seu capital fosse transferido para *Paris*? Não pensara nisso antes de sentar-se no escritório de Walther Apfel, assombrado com a extraordinária quantia que lhe fora apresentada. Era bem maior do que jamais pudera imaginar — tanto que só podia reagir mudamente, instintivamente. E o seu instinto evocara uma cidade: Paris. Como se fosse, de alguma forma, vital. *Por quê?*

De novo, não tinha tempo... Viu os enfermeiros da ambulância saírem do banco com uma maca. O corpo estava com a cabeça coberta. Morto. Isso tinha uma significação para Bourne — fora salvo por suas habilidades, que não sabia de onde vinham. Se não fosse por isso, ele seria agora aquele homem morto na maca.

Viu um táxi na esquina e correu para ele. Tinha que sair de Zurique — uma mensagem fora enviada de Marselha. Jason Bourne está vivo. Matem-no. Matem Jason Bourne!

Deus do céu, *por quê*?

Esperava encontrar o subgerente do Carillon du Lac atrás do balcão da portaria, mas ele não estava lá. Então pensou que um bilhete curto para o homem... Como era o nome dele? Stossel. Sim, Stossel. Um bilhete curto para Stossel seria suficiente. Não era necessário dar nenhuma explicação por sua súbita saída; e quinhentos francos seriam suficientes pelas poucas horas que passara no Carilon du Lac — e pelo favor que pediria a Herr Stossel.

No quarto, jogou o estojo de barbear dentro da mala desfeita, examinou a pistola que tirara do francês, colocou-a no bolso do sobretudo e depois sentou-se à escrivaninha para escrever um bilhete para Herr Stossel, o subgerente. Escreveu uma frase que lhe saiu com muita facilidade — muito espontânea:

. . .Entrarei logo em contato com o senhor para receber as mensagens que possam me ser enviadas. Estou certo de que será conveniente manter-se atento a elas, e aceitá-las em meu nome.

Se chegasse alguma comunicação da indefinível Treadstone Seventy-One, ele gostaria de saber. E saberia, pois assim era Zurique.

Colocou uma nota de quinhentos francos entre os papéis e lacrou o envelope. Depois, pegou a maleta e caminhou em direção ao corredor, onde ficavam os elevadores. Eram quatro. Logo que apertou o botão, lembrou-se do Gemeinschaft e deu uma olhada em volta. Mas não havia ninguém. Uma sineta soou e a luz vermelha indicando o terceiro andar acendeu-se. Ótimo, o elevador estava descendo; precisava ir para o aeroporto o mais depressa possível, sair de Zurique, da Suíça. Uma mensagem fora transmitida.

Quando as portas se abriram, viu dentro do elevador dois homens rodeando uma mulher de cabelos avermelhados. Interromperam a conversa e cumprimentaram-no com um sinal de cabeça, afastando-se um pouco para dar lugar à sua maleta. Tão logo as portas se fecharam, recomeçaram a conversar. Estavam na casa dos trinta e falavam em um francês fluente, com rapidez. A mulher olhava alternadamente ora para um ora para outro homem, sorrindo e parecendo pensativa. Tomavam algumas decisões de pouca importância, e as risadas se misturavam com as perguntas pretensiosamente sérias.

Você vai para casa depois do encerramento, amanhã? — o homem à esquerda perguntou.

— Não sei ainda. Estou esperando ordens de Ottawa — respondeu a mulher. — Tenho parentes em Lyon, seria bom se pudesse vê-los.

— É quase impossível — disse o homem da direita — que a direção deste comitê consiga encontrar dez pessoas que queiram fazer um resumo deste maldito seminário em um único dia. Vamos ter que ficar aqui por mais uma semana.

— Mas Bruxelas não vai aprovar uma coisa dessas — disse sorrindo o primeiro homem. — O hotel é muito caro!

— Sem dúvida, o jeito será mudar-se para outro — disse o segundo, dando uma olhada de soslaio para a mulher. — Estávamos esperando que você fizesse exatamente isso, não é?

— Você é um tolo — disse a mulher. — Aliás, vocês são dois loucos, e esta é a minha opinião final.

— Mas você não é, Marie — interpelou o primeiro. — Quero dizer, não é louca. A sua apresentação, ontem, foi brilhante.

— Nada disso. Foi rotineira e bem monótona.

— Não, não! — discordou o segundo. — Foi soberba, tinha que ser. Não entendi uma única palavra. Mas não tem importância, tenho outros talentos.

— Oh, você é um tolo...

O elevador estava parando; o primeiro homem falou novamente. — Vamos sentar na última fileira do salão. Já estamos mesmo atrasados e além do mais Bertineili está falando — deve ser sem importância, creio. As suas teorias de flutuações cíclicas impostas saíram de moda com a queda do império financeiro dos Bórgias.

— Antes até — disse a mulher de cabelos avermelhados, dando uma risada. — Com os impostos de César. — Ela fez uma pausa e continuou, em seguida. — Ou com as guerras púnicas.

— A última fileira então — disse o segundo homem, oferecendo o braço à mulher. — Poderemos dormir. Ele costuma usar um projetor de *slides*, a sala deve estar escura.

— Não. Vocês dois vão na frente, eu os encontro daqui a pouco. Na verdade, preciso enviar alguns telegramas e não tenho confiança nas telefonistas, elas nunca ditam a mensagem exata.

As portas se abriram e os três saíram. Os dois homens tomaram o caminho do saguão, andando em direção diagonal, e a mulher dirigiu-se ao balcão em frente. Bourne pôs-se ao seu lado enquanto lia distraidamente um aviso em um mural triangular alguns passos em frente.

BEM-VINDOS
MEMBROS DO SEXTO SEMINÁRIO MUNDIAL
DE ECONOMIA
PROGRAMA DE HOJE:

13h: Honorável James Frazier, Membro do Reino Unido.
Suíte 12
16h: Dr. Eugenio Bertinelti, Universidade de Milão, Itália.
Suíte 7
21h: Jantar de despedida do Presidente.
Suíte da Hospitalidade.

— Apartamento 507. A telefonista disse que havia um telegrama para mim.

Falava em inglês agora, a mulher de cabelos avermelhados, no balcão da portaria, ao seu lado. Ela dissera que estava "esperando ordens de Ottawa". Era canadense, portanto.

O funcionário examinou os escaninhos e voltou com o telegrama. — Dra. St. Jacques? — perguntou, entregando-lhe o envelope.

— Sim. Muito obrigada.

A mulher se afastou enquanto abria o telegrama. O funcionário chegou-se a Bourne. — O senhor?

— Gostaria de deixar este bilhete para Herr Stossel. — Colocou o envelope timbrado do Carilon du Lac em cima do balcão.

— Herr Stossel só voltará às seis horas da manhã, senhor. Todas as tardes sai às quatro horas. Posso ajudá-lo?

— Não, obrigado. Entregue-lhe isto, apenas. — Em seguida lembrou-se: estava em Zurique. — Não é urgente — acrescentou — mas preciso de uma resposta. Verifico com ele de manhã.

— Pois não, senhor.

Bourne pegou a maleta e atravessou o saguão do hotel, em direção à entrada, que era composta de uma fila de portas de vidro que davam para uma calçada circular, de frente para o lago. Podia ver alguns táxis esperando, em fila, sob a iluminação intensa da cobertura da entrada. O sol se pusera, era noite em Zurique. Ainda assim havia vôos para todos os pontos da Europa até bem depois da meia-noite.

De repente, parou de andar, de respirar, uma espécie de paralisia tomou conta de seu corpo. Os olhos não podiam acreditar no que viam além das portas de vidro. Um Peugeot marrom parara na frente do primeiro táxi na entrada circular. Um homem desembarcou — um assassino em uma capa preta, usando uma armação de óculos fina e dourada. Outro homem saiu do carro, mas não era o motorista que estivera parado no meio-fio na Bahnhofstrasse, à espera de um alvo que não reconheceu. Em vez disso, era um outro assassino, com outra capa de chuva, os bolsos largos pesados, cheios de poderosas armas. Era o homem que estivera sentado na sala de recepção do segundo andar do Banco Gemeinschaft, o mesmo que puxara uma pistola calibre 38 de um coldre por baixo do casaco. Uma pistola com silenciador que detonara duas balas em direção ao crânio da vítima que seguira dentro de um elevador.

Como? Como o haviam encontrado?... Lembrou-se e sentiu-se nauseado. Fora tão casual, tão inofensivo! O senhor está gostando de sua estadia em Zurique? Walther Apfel perguntara enquanto esperavam que o agente saísse para que ficassem a sós novamente.

Muito. Meu quarto dá para o lago. É uma bela vista, muito calma, quieta.

Koenig! Koenig o ouvira dizer que seu quarto dava para o lago. E quantos hotéis tinham quartos de frente para o lago? Especialmente hotéis que um homem com uma conta de três zeros pudesse freqüentar. Dois? Três De sua remota memória apareceram os nomes: *Carilon d Lac, Baur au Lac, Eden au Lac.* Existiriam outros? Nenhum nome lhe veio à memória. Como fora fácil encontrá-los! Como lhe fora fácil dizer aquelas palavras. Que estúpido!

Não havia tempo agora, em muito tarde. Podia enxergar através das portas de vidro, e os assassinos também. O segundo homem o havia visto. Algumas palavras foram trocadas por cima do capô do Peugeot, os óculos de armação dourada foram ajustados, as mãos postas dentro dos bolsos descomunais, armas bem seguras nas mãos. Os dois homens se dirigiram para a entrada e se separaram no último momento, cada um ia para um dos painéis de vidro transparente. Os flancos estavam cobertos, a armadilha pronta. Ele não podia correr para fora.

Será que pensavam que podiam entrar no saguão lotado de um hotel e simplesmente *matar* um homem?

É claro que pensavam! A multidão e o barulho eram-lhes uma cobertura. Dois, três, quatro tiros mudos dados em seguida seriam tão eficientes quanto uma emboscada em uma praça repleta à luz do dia. A fuga era fácil no caos que se seguia então.

Mas não permitiria que chegassem perto dele! Retrocedeu, os pensamentos corriam-lhe pela mente. Supremo ultraje! Como ousavam? O que os fazia pensar que não procuraria proteção, ou gritaria pela polícia? A resposta estava clara, tão surpreendente quanto a própria pergunta. Os assassinos sabiam com

certeza aquilo que ele apenas podia suspeitar: ele não podia procurar por essa forma de proteção — não podia procurar a policia. Para Jason Bourne todas as autoridades deviam ser evitadas... Por quê? Estariam à sua procura?

Cristo, por quê?

As duas portas laterais foram abertas com as mãos disponíveis, as outras permaneceram escondidas, segurando o aço. Bourne virou-se; à sua frente, elevadores, corredores, portas — telhado e despensas subterrâneas. O hotel devia ter uma dúzia de saídas.

Ou não? Ou os assassinos, que agora abriam caminho por entre a multidão, sabiam de algo de que ele apenas podia suspeitar? O Carilon du Lac teria duas ou três saídas? Todas facilmente cobertas por homens a postos do lado de fora, todas usadas como armadilhas para abater a figura solitária de um homem em fuga.

Um homem sozinho; um homem sozinho era um alvo muito fácil. E se não estivesse sozinho? Se alguém estivesse com ele? Duas pessoas não eram uma, mas para quem estava sozinho outra pessoa podia ser uma camuflagem — sobretudo numa multidão, sobretudo à noite, e era noite. Verdadeiros assassinos sempre evitavam tirar a vida errada, não por compaixão, mas por objetividade: se provocassem pânico, o alvo certo poderia escapar.

Sentiu o peso da arma no bolso, mas isso não lhe dava nenhum conforto. Usá-la, ou até mesmo mostrá-la, o exporia. Ainda assim estava lá. Voltou para o centro do saguão, em seguida virou-se para a direita onde havia uma grande concentração de pessoas. Era o burburinho do início da noite para um grupo que participava de um seminário internacional, muitos planos sendo ensaiados, paqueradores e cortesãs se separavam por entre olhares de aprovação ou censura, grupinhos excêntricos por todos os lados.

Havia um balcão de mármore encostado à parede, um funcionário examinava algumas páginas de papel amarelo, enquanto segurava um lápis como se fosse um pincel. Telegramas. Duas pessoas estavam em frente ao balcão, um homem de idade, obeso, e uma mulher com um vestido vermelho-escuro, a cor da seda complementando a cor dos seus cabelos longos, castanho-averme-lhados... Cabelos castanho-avermelhados! Era a mulher que estava no elevador e que fizera uma piada a respeito dos impostos de César e as guerras púnicas; a doutora, que estivera ao seu lado na portaria do hotel, perguntando pelo telegrama.

Bourne olhou para trás. Os assassinos estavam usando a multidão muito bem, pedindo passagem polidamente, mas abrindo caminho com firmeza; um vinha pela direita, o outro, pela esquerda, acercando-se como dois dentes de uma pinça. Se continuassem a mantê-lo à vista, podiam forçá-lo a continuar fugindo cegamente, sem nenhuma direção, sem saber se o caminho que tomasse daria em um lugar sem saída, de onde não pudesse mais fugir. Então os silenciosos tiros dispariam contra ele, deixando apenas as marcas de queimado nos bolsos dos assassinos...

Mantê-lo à vista?

A última fileira então... Poderemos dormir. Ele costuma usar um projetor de slides, a sala deve estar escura.

Jason virou-se de novo e olhou para a mulher de cabelos castanho-avermelhados. Ela terminara o telegrama e agradecia ao funcionário, enquanto retirava do rosto os óculos com aros de chifre e os colocava dentro da carteira. Não estava a mais de oito pés de distância dele.

Bertinelli está falando — coisa sem importância, acho.

Não havia mais tempo, tinha que tomar uma decisão instintiva. Bourne passou a maleta para a mão esquerda, caminhou depressa em direção à mulher no balcão, tocou o seu cotovelo de leve, para não alarmá-la.

— Doutora?...

— Sim?

— Você é a doutora?... — Ele a soltou, fazendo-se de embaraçado.

— St. Jacques — completou ela, usando a pronúncia francesa para o Saint. — Você estava no elevador.

— Não sabia que era você — ele disse. — Disseram-me que poderia me informar onde Bertinelli está falando.

— Está lá no quadro. Suíte sete.

— Acho que não sei onde fica. Importa-se em me mostrar? Estou atrasado e tenho que tomar notas da sua palestra.

— Da palestra de Bertinelli? Por quê? Trabalha em algum jornal marxista?

— Não, uma cadeia neutra. — Jason respondeu, sem saber de onde vinham as suas frases. — Estou cobrindo a palestra para algumas pessoas que acham que ele não vale a pena.

— Talvez não, mas deve ser ouvido. Costuma dizer algumas verdades bem brutais.

— Perdi. Tenho que achá-lo agora. Talvez você possa me apresentá-lo.

— Creio que não. Mas posso lhe mostrar a sala. Tenho que dar um telefonema. — Ela fechou a carteira.

— Por favor. *Depressa*!

— O quê? — Ela o olhou sem indulgência.

— Sinto, mas estou com pressa. — Ele olhou à direita, os dois homens não estavam a mais de vinte pés dali.

— E também esta sendo grosseiro — disse friamente a Dra. St. Jacques.

— Por favor. — Ele reprimiu a vontade de empurrá-la para a frente, para fora daquela armadilha ambulante que se aproximava.

— É por aqui. — Ela se pôs em direção a um amplo corredor que saía da parede de trás. Os grupos de pessoas estavam ficando cada vez menores, as saliências eram menos altas na parte de trás do saguão. Chegaram ao que parecia um túnel forrado de veludo de um vermelho intenso, com duas portas de cada lado e por cima, indicando Sala de Conferência Um, Sala de Conferência Dois. No fim do corredor ficavam duas portas duplas, as letras douradas do lado direito indicando ser ali a entrada para a Suíte Sete.

— Aqui está — disse Marie St. Jacques. — Tenha cuidado ao entrar, é provável que esteja escuro lá dentro. Bertinelli sempre usa *slides* em suas conferências.

— Como um cinema — comentou Bourne olhando para trás, para a aglomeração no final do corredor. Lá estava ele, o homem com os óculos de aro dourado, pedindo licença para passar por um animado trio no saguão. Vinha em direção ao corredor e seu companheiro vinha logo atrás.

— ... uma diferença considerável. Ele se senta abaixo do palco e faz a sua doutrinação. — A Dra. St. Jacques dissera alguma coisa e agora estava indo embora.

— O que você disse? Um palco?

— Bem, uma plataforma alta. Para espetáculos, acho.

— Eles têm que entrar — ele disse.

— Como?

— Espetáculos. Há uma saída lá dentro? Outra porta?

— Não tenho idéia, preciso realmente fazer esta ligação. Aprecie o *professore*. — E virou-se pan ir embora.

Ele deixou cair a maleta e tomou-lhe o braço. Ao toque, ela olhou-o com firmeza. — Tire sua mão de mim, sim?

— Não quero amedrontá-la, mas não tenho outra escolha. — Ele falou calmamente, os olhos postos no fim do corredor, por cima dos ombros dela. Os assassinos haviam diminuído o passo, a

armadilha estava para se fechar. — Tem que vir comigo.

— Não seja ridículo!

Ele apertou-lhe o braço, fazendo com que ela se movimentasse e ficasse na sua frente. Em seguida, tirou a arma do bolso, certificando-se de que o corpo dela escondia a pistola dos homens, que estavam a uns trinta pés dali. — Não quero usar isto e não quero machucá-la também. Mas é o que farei se for obrigado.

— Meu Deus...

— Fique quieta. Faça o que lhe digo e ficará bem. Tenho que sair deste hotel e você vai me ajudar. Logo que estiver fora, deixa-la-ei ir-se. Mas não até que consiga sair daqui. Venha. Vamos entrar.

— Você *não pode*...

— Posso, sim. — Pressionou o cano da pistola contra o seu estômago, afundando-o na seda escura, que enrugou-se sob a pressão de sua força. Ela estava completamente aterrorizada e permaneceu silenciosa, submissa. — Vamos.

Ele pôs-se do lado esquerdo dela, com a mão ainda segurando.lhe firmemente o braço, a pistola atravessada ao peito, a centímetros do peito dela. Os olhos dela permaneciam presos à arma, os lábios abertos, a respiração irregular. Bourne abriu a porta, empurrando-a para a frente. E ainda teve tempo de ouvir uma palavra gritada no corredor.

— *Schnell*!

Entraram na escuridão, mas por um momento apenas; um raio de luz branca atravessou a sala, por cima das fileiras de poltronas, iluminando as cabeças do auditório. Era a projeção de um gráfico na tela distante, com os quadrados numericamente marcados e uma linha grossa e preta começando no lado direito e se estendendo em um desenho irregular, subindo pelas linhas em direção ao lado direito. Ouvia-se uma voz bem acentuada falando, amplificada por um alto-falante.

— Podem observar que durante os anos de 70 e 71, quando restrições específicas foram auto-impostas à produção — repito, auto-impostas — por estes líderes da indústria, a recessão econômica resultante foi muito menos severa de que na — *slide* doze, por favor — assim chamada regulamentação da praça de mercado pelos intervencionistas governamentais. O próximo *slide*, por favor.

Jason empurrou a mulher, fazendo-a passar pela frente das pessoas que estavam próximas à parede de trás, atrás da última fileira de poltronas. Tentou calcular o tamanho da sala de conferências, procurando uma luz vermelha que pudesse significar uma porta para a fuga. E a viu! Uma débil luz vermelha ao longe. Ficava sobre o palco, por trás da tela. Não havia nenhuma outra saída, nenhuma porta. Apenas entrada para a Suíte Sete. Tinha que chegar até lá, tinha que levá-los para aquela saída. Por trás do palco.

— *Marie... par ici*! — O sussurro veio do lado esquerdo, de uma das poltronas da última fila.

— *Non, chérie. Reste avec moi*. — O segundo sussurro veio da sombria figura de um homem que estava diretamente em frente de Marie St. Jacques. Ele dera um passo à frente para interceptá-la. — *On nous a séparé. Il n'y a plus de chaises.*

Bourne pressionou firmemente a arma na costela da mulher, a mensagem era clara. Ela sussurrou sem respirar, e Jason estava contente por seu rosto estar escondido no escuro e não poder ser visto claramente. — Por favor, deixe-nos passar — disse ela em francês. — *Por favor.*

— O que é isto? Ele é o seu telegrama, minha querida?

— Um velho amigo — sussurrou Bourne.

Um grito foi ouvido, mais alto do que o crescente burburinho do auditório. — Pode me dar o *"slide" doze! Per favore*!

— Temos que ver alguém no final da fila — continuou Jason, olhando para trás. A porta da direita da entrada abriu-se e ele conseguiu enxergar um aro dourado no meio de um rosto ensombreado. Uma

armação dourada refletindo a luz pálida do corredor. Bourne fez a moça avançar, passando pelo amigo espantado, empurrando-o para a parede enquanto murmurava uma desculpa.

— Desculpe, mas temos muita pressa!

— E muita grosseria, também!

— Sim, eu sei.

— *"Slide" doze! Ma che infamia!*

O raio de luz projetou-se na tela, vibrando por causa da mão trêmula e nervosa do operador. Outro gráfico apareceu sobre a tela no instante em que Jason e a mulher alcançavam a parede de trás, o início da estreita passagem que acompanhava toda a extensão da sala até o palco. Empurrou-a para o canto, comprimindo seu corpo contra o dela, seu rosto contra o rosto dela.

— Eu grito — sussurrou ela.

— Eu atiro — respondeu ele. Espiou para as figuras se esgueirando abaixadas contra a parede; os dois matadores tinham entrado, os dois procurando-o, mexendo as cabeças como roedores assustados, tentando encontrar o seu alvo entre as filas de rostos.

A voz do conferencista se alteou como o soar de um sino quebrado, um protesto curto mas estridente. — *Ecco*! Aos céticos, a quem me apresento aqui esta noite — a maioria — aqui está uma prova estatística! De substância idêntica a cem outras análises que preparei. Deixem a praça do mercado para os que vi vem lá. Excedentes menores sempre poderão ser encontrados. E são um preço pequeno para o bem geral.

Seguiu-se o ruído de algumas palmas, a aprovação de limitada minoria. Bertinelli deu continuidade à palestra, retomando seu tom normal e monótono, fincando um longo mostrador sobre a tela, enfatizando o obvio — o que lhe era óbvio. Jason inclinou-se para trás novamente. Os óculos de aro dourado brilharam no clarão da luz do projetor; o matador que os usava tocava o braço do companheiro, apontando com a cabeça para a esquerda, ordenando que seu subordinado efetuasse a busca do lado esquerdo da sala, enquanto ele ficaria com o direito. Começou a procura, o aro dourado se aproximando cada vez mais brilhante enquanto ele se esquivava por entre os que estavam em pé, estudando cada rosto. Logo estaria no canto, perto deles, em questão de segundos. Deter o assassino com um tiro era tudo o que restava. E se alguém da fila dos que estavam de pé se movesse, ou se a mulher que ele comprimira contra a parede entrasse em pânico e o empurrasse... ou se perdesse o matador por qualquer outra razão possível, estaria perdido. Mesmo se conseguisse acertar no homem, havia outro matador do outro lado da sala, e devia ser certamente um bom atirador.

— Por favor, o *slide treze*.

Era isso. *Agora*!

O raio de luz apagou-se. No escuro, Bourne arrancou a mulher da parede, fez com que ela rodasse onde estava, ficando de frente pan ele. — Se fizer algum barulho, eu a mato!

— Acredito — sussurrou aterrorizada. — Você é louco.

— Vamos! — Empurrou-a para a estreita passagem que ia dar no palco, a cinqüenta passos dali. A luz do projetor acendeu- se novamente. Agarrou o pescoço da moça, forçando-a a se abaixar até ficar de joelhos, enquanto ele também se punha de joelhos ao seu lado.

Estavam escondidos dos assassinos pelas filas de corpos sentados nas poltronas. Pressionou a carne da mulher com os dedos, era o sinal para continuar a se movimentar, arrastando-se... lentamente, mantendo-se abaixada, mas movendo-se. Ela entendeu e começou a se movimentar de joelhos, trêmula.

— A conclusão desta fase é irrefutável — gritou o conferencista. — A causa do lucro é inseparável do incentivo da produtividade, mas os papéis antagônicos jamais podem ser iguais. Como entendia Sócrates, a desigualdade dos valores é constante. O outro não é simplesmente lata ou ferro, quem dentre vocês pode negar isto? *Slide* quatorze, por favor!

Novamente a escuridão. *Agora.*

Com um puxão, ele levantou a mulher, empurrando-a para a frente, em direção ao palco. Estavam a três pés da borda.

— *Cosa succede*? Qual é o problema, por favor? *Slide quatorze*!

Acontecera! O projetor emperrara novamente e a escuridão se prolongava outra vez. E lá, sobre o palco à frente deles, em cima, o brilho vermelho do sinal de saída. Jason apertou o braço da moça com crueldade. — Fique de pé sobre o palco e corra para a saída! Eu a seguirei de perto. Se parar ou gritar, atiro.

— Pelo amor de Deus, deixe-me ir!

— Ainda não. — Era verdade. Devia haver uma outra saída em algum lugar; com outros homens esperando pelo alvo de Marselha. — Vá! Agora.

A Dra. St. Jacques pôs-se de pé e correu para o palco. Bourne levantou-a do chão, passando-a por cima da borda do palco, depois pulou para dentro e colocou-a de pé novamente.

A luz ofuscante do projetor arremessou-se contra a tela, inundando-a e lavando o palco. Gritos de surpresa e zombaria se elevaram do auditório à visão das duas figuras. Os gritos do indignado Bertinelli foram ouvidos no tumulto.

— *É insoffribile! Ci sono comunisti qui*!

Outros sons foram ouvidos — três disparos mortais, agudos, repentinos. Estalos abafados de uma arma com silenciador — ou armas; a madeira do arco do proscênio fora estilhaçada. Jason socou a moça para se abaixar e adiantou-se em direção às sombras do espaço estreito da ala, puxando-a atrás dele.

— *Da ist er*! *Da oben*!

— *Schnell*! *Der projektor*!

Um grito veio da passagem do centro da sala no momento em que as luzes do projetor se moveram para a direita, espalhando-se pelas alas do palco — mas não completamente. O facho de luz foi interceptado por algumas peças verticais dentro do palco, que escondiam os bastidores: luz, sombra, luz, sombra. E no final das peças, na parte de trás do palco, estava a saída. Uma porta de metal larga e alta com uma barra de proteção.

Estilhaços de vidro — a luz vermelha explodiu com um tiro certeiro. O sinal em cima da porta estava apagado. Não tinha importância, ele ainda podia ver o brilho do metal da barra de proteção.

A sala de conferência virou um pandemônio. Bourne agarrou a mulher pela fazenda da blusa e a conduziu entre percalços pelas peças dos bastidores até a porta. De início, ela resistiu. Ele a esbofeteou e puxou-a para o seu lado, enquanto levantava a barra da porta para cima.

Algumas balas atravessaram a parede do lado direito, os matadores se aproximavam, correndo pelas passagens à procura de melhor campo de visão. Eles os alcançariam em poucos segundos, e daqui a alguns segundos viriam outras balas, ou mais uma bala, uma só, de fatal pontaria. Restavam ainda algumas balas, ele sabia. Não tinha idéia de como ou por que sabia, mas sabia. Pelos ruídos, podia visualizar as armas, extrair os pentes das balas, contar os cartuchos.

Dando um golpe violento na barra de proteção, abriu a porta e empurrou-a para fora, carregando a Dra. St. Jacques, que esperneava.

— Pare com isso! — gritou ela. — Não vou sair daqui! Você é um louco! Ouvi tiros!

Jason bateu a porta com o pé, fechando-a. — Levante-se!

— Não!

Ele golpeou-lhe o rosto com as costas da mão. — Desculpe, mas tem que vir comigo. Levante-se! Logo que estivermos fora, dou-lhe a minha palavra, deixo-a ir. — Mas para onde iria ele agora? Estavam em outro túnel, mas não era acarpetado nem tinha porta de metal polido ou sinais luminosos de saída. Encontravam-se em uma espécie de área de carregamento, deserta, com um chão de concreto. E à sua frente, na parede, estavam dois carrinhos de transporte. Ele estava certo: os objetos usados no palco da

Suíte Sete tinham de ser transportados e a porta de saída era alta e larga o suficiente para dar passagem a grandes peças de cenário.

A porta! Tinha que fechar a porta! Marie St. Jacques estava de pé. Segurou-a enquanto agarrava o primeiro carrinho, puxando-o pelo chassis até perto da porta de saída, empurrando-o com o ombro e o joelho até que ficasse junto ao metal da porta. Olhou para baixo; por baixo da grossa base de madeira, estavam as travas de pé das rodas. Calcou a alavanca da frente e depois a de trás.

A moça tentou escapar, virando o corpo enquanto ele esticava a perna até o fim do carrinho. Imediatamente ele baixou a mão até o seu pulso, segurou-o firmemente e torceu-o. Ela deu um grito, as lágrimas encheram-lhe os olhos, os lábios tremiam. Puxou-a para si, empurrando-a para a esquerda e começando a correr, supondo que a saída o levasse em direção à parte de trás do Carillon du Lac e na esperança de encontrar uma saída. Porque apenas na saída ele iria precisar da mulher, porque daí então um casal, e não um homem sozinho e em fuga, estaria saindo do hotel.

Em seguida, o som alto e forte de batidas foi ouvido. Os matadores tentavam forçar a porta do palco, mas o carrinho travado era uma barreira muito pesada.

Sacudiu a moça no chão de cimento, ela tentou livrar-se esperneando novamente, torcendo-se de um lado para o outro, à beira da histeria. Ele não teve outra escolha: segurou-lhe firmemente o cotovelo e enfiou-lhe o polegar na carne, pressionando fortemente. Ela suspirou, a dor foi repentina e torturante, e começou a soluçar, o que deu a ele chance de empurrá-la para a frente.

Chegaram a uma escada de cimento. Os quatro degraus tinham uma beirada de aço e davam para uma porta dupla de metal que ficava embaixo. Era a saída para o descarregamento; de pois das portas ficava a parte de trás do Carilon du Lac, a área de estacionamento. Estava chegando lá. Agora era apenas uma questão de aparência.

— Ouça-me — disse para a mulher amedrontada, rígida — você quer que eu a solte?

— Oh, por Deus, sim! *Por favor*!

— Então, faça o que digo! Vamos descer estes degraus e sair por aquela porta como duas pessoas perfeitamente normais, ao fim de um dia normal de trabalho. Você vai me dar o braço e caminharemos lentamente, conversando calmamente, até os carros que estão no fim do estacionamento. E vamos rir — não alto, mas um riso normal —, como se estivéssemos lembrando de coisas engraçadas que aconteceram durante o dia. Entendeu?

— Nada de engraçado me aconteceu durante os últimos quinze minutos — respondeu ela numa voz quase inaudível e monótona.

— Finja o contrário. Posso cair numa cilada e se isto acontecer não me importa mais nada. Entendeu?

— Acho que meu pulso está quebrado.

— Não está.

— Meu braço esquerdo, meu ombro... Não posso mexê-los, estão latejando.

— A raiz do nervo foi premida, vai passar daqui a alguns minutos. Você vai ficar bem.

— Você é um animal.

— Quero viver — respondeu ele. — Venha. Lembre-se, quando eu abrir a porta, olhe para mim e sorria, jogue a cabeça para trás e ria um pouco.

— É a coisa mais difícil que já fiz.

— Melhor do que morrer.

Ela pôs a mão machucada no braço dele e desceram a escada curta até a plataforma da porta. Ele a abriu e então saíram. Com a mão no bolso do sobretudo segurando a pistola do francês, ele perscrutou o terminal de descarregamento. Havia apenas uma lâmpada presa em um fio de arame por cima da porta; sua luz clareava os degraus de concreto à esquerda, que davam para a calçada embaixo. Conduziu sua refém para lá.

Ela representou o que ele lhe pedira, mas o efeito foi macabro. Enquanto desciam os degraus ela virou o rosto para ele e suas feições aterrorizadas foram iluminadas. Os lábios carnudos estavam abertos, esgarçados sobre os dentes brancos em um sorriso falso e tenso; os olhos arregalados eram duas órbitas escuras e sombrias, refletindo intenso temor; a pele marcada por sulcos de lágrimas estava retesada e pálida, manchada pelos vergões vermelhos das bofetadas. Ele via um rosto cinzelado em pedra, uma máscara emoldurada pelos cabelos vermelho-escuros que caíam em cascata por sobre os seus ombros, afagados pela brisa noturna — o único movimento vivo naquela máscara petrificada.

Um riso sufocado saiu-lhe da garganta, pronunciando as veias do pescoço longo. Ela não estava muito longe de um desmaio, mas ele nem sequer podia pensar nisso. Tinha que se concentrar no espaço em volta deles, ficar atento a qualquer movimento — qualquer pequeno movimento que pudesse perceber — no escuro estacionamento. Era óbvio que esta parte de trás, escura, era usada apenas pelos empregados do Carilon du Lac. Eram quase seis e meia, a noite já estava imersa em seus afazeres. Tudo estava quieto. O pátio era escuro e tinha manchas descontínuas forma das pelas fileiras de automóveis parados, silentes — uma formação de insetos imensos, os vidros opacos dos faróis eram como cem olhos fixos no vazio.

Um ruído, um arranhão. Metal contra metal. Vinha da direita, de um dos carros de uma fila próxima. *Que fila*? *Que carro*? Ele jogou a cabeça para trás;, como se estivesse respondendo com um riso a uma piada feita pela companheira, e passou os olhos pelas janelas dos carros mais próximos. Nada.

Alguma coisa? Era. Mas tão pequena! Uma diminuta chama de luz verde.., que se movimentava quando eles se movimentavam.

Verde. Pequena... Seria luz? De repente, de algum lugar num passado remoto, a imagem de uma linha cruzada irrompeu na sua vista. Seus olhos viam dois traços finos, duas linhas que se cruzavam. Linhas cruzadas! Uma lente de alcance... A luz infravermelha de um rifle.

Como os assassinos souberam? A pergunta tinha muitas respostas. Um rádio de mão fora usado no Gemeinschaft; outro poderia estar sendo usado agora. Ele estava com um sobretudo, sua refém, com um vestido de seda fina. E a noite estava fria, nenhuma mulher sairia daquela maneira.

Ele girou para a esquerda, abaixando-se e jogando-se contra Marie St. Jacques, batendo com o ombro no seu estômago, o que a fez rolar escada abaixo. Os estalos abafados se repetiram, estilhaços dê pedra e asfalto explodiram à volta deles. Ele mergulhou para a direita rolando várias vezes na calçada, enquanto retirava do bolso a pistola. Em seguida, pulou para a frente, segurando com a mão esquerda o pulso direito, e fez mira com o revólver para a janela onde estava o rifle. Disparou três tiros.

Um grito veio do espaço aberto do carro estacionado, que se transformou em gemido, depois em um arquejo, e depois silêncio. Bourne permaneceu imóvel, à espera, ouvindo, observando, pronto para atirar novamente. Silêncio. Quis ficar de pé mas não conseguiu. Alguma coisa tinha acontecido. Mal podia se mexer. Depois, a dor se espalhou por todo o peito. Era tão violenta que se encolheu, apoiando-se com as duas mãos, balançando a cabeça, tentando focalizar a visão, rejeitar a agonia. O ombro esquerdo, a parte inferior do peito, debaixo das costelas... A coxa esquerda, acima do joelho e abaixo do quadril, os mesmos lugares dos ferimentos anteriores, onde algumas dúzias de pontos tinham sido removidos há apenas um mês. Tinha ferido as áreas enfraquecidas, distendido tendões e músculos que ainda nem estavam restaurados. Oh, Cristo! Tinha que se levantar, tentar alcançar o carro do seu quase assassino, tirá-lo de lá e fugir.

Balançou a cabeça rapidamente, fazendo uma careta de dor, e olhou para Marie St. Jacques. Ela se levantava lentamente, primeiro pondo-se sobre um joelho, depois sobre um pé, segurando-se na parede externa do hotel. Logo estaria de pé, correndo. Para longe.

Não podia deixá-la ir-se! Ela correria gritando para dentro do Carillon du Lac e os homens apareceriam, alguns para prendê-lo, outros para matá-lo. Tinha pie detê-la!

Jogou-se para a frente e começou a rolar para a esquerda, girando como um manequim

completamente fora de controle, até chegar bem perto da parede, bem perto dela. Então, levantou a arma e fez pontaria em direção à sua cabeça.

— Ajude-me — disse, ouvindo a tensão de sua própria voz.

— O quê?

— Você me ouviu. Ajude-me a levantar.

— Você disse que me deixaria ir! Deu-me a sua palavra!

— Tenho que retirá-la.

— Não, por favor.

— Esta arma está apontada para o seu rosto, doutora. Venha cá e me ajude ou vou explodi-la.

Ele tirou o morto do carro e mandou que ela se pusesse atrás do volante. Depois, abriu a porta traseira e rastejou para o assento de trás, para não ser visto.

— Dirija — disse ele. — Vá para onde eu a mandar.

6

Sempre que você se encontrar numa situação de tensão — e tiver tempo, é claro — faça exatamente como faria quando se projeta em alguém que está observando. Deixe a sua mente vagar livre, deixe todos os pensamentos e imagens aflorarem claramente. Tente não exercitar qualquer disciplina mental. Seja uma esponja, concentre-se em tudo e em nada. Algumas especificações podem vir a você, alguns condutos reprimidos podem contatar eletricamente e começar a funcionar.

Bourne lembrou das palavras de Washburn enquanto tentava se acomodar no canto do assento e readquirir o controle. Massageou o peito suavemente, esfregando os músculos magoados em volta do ferimento. Ainda sentia dor, mas não era tão aguda quanto há alguns minutos.

— Você não pode apenas me mandar dirigir! —. lamentou-se a Dra. St. Jacques. — Não sei para onde ir!

— Nem eu — disse Jason. Pedira que ela fizesse a volta no passeio à margem do lago; estava escuro e ele precisava de tempo para pensar. Mesmo que fosse apenas para ser uma esponja.

— As pessoas vão me procurar — exclamou ela.

— Também estão me procurando.

— Mas você me pegou contra a minha vontade. Você me bateu. Várias vezes. — Falava com mais calma agora, impondo-se um certo controle. — Isso é rapto, assalto... Crimes sérios. Você só queria sair do hotel, foi o que disse. Deixe-me ir e prometo não contar nada. Prometo!

— Você está querendo dizer que me dá a sua palavra?

— Sim!

— Dei-lhe a minha e retirei-a. Você pode fazer o mesmo.

— Você é diferente. Eu *não* vou fazer isto. Ninguém está tentando me matar! Oh, Deus do Céu! *Por favor*!

— Continue dirigindo.

Uma coisa estava clara para ele. Os assassinos o tinham visto deixar cair a maleta e deixá-la para trás na corrida para a fuga. Aquela mala lhes dizia o óbvio: ele estava saindo de Zurique e, sem dúvida, saindo da Suíça. O aeroporto e a estação de trem estariam sendo vigiados. E o carro que ele tomara do homem que matara — o homem que tentara matá-lo — seria procurado.

Não podia ir para o aeroporto ou para a estação de trem; tinha que se livrar do carro e encontrar outro. Não estava sem recursos, tinha 100.000 francos suíços e mais 16.000 francos franceses; a conta corrente da Suíça na carteira do passaporte, a da França, na carteira de notas que roubara do Marquês de Chamford. Era mais do que o suficiente para levá-lo em segredo a Paris.

Por que Paris? Era como se a cidade tivesse um magnetismo especial para ele, atraindo-o sem nenhuma explicação.

Você não está desamparado. Você vai encontrar o seu caminho... Siga os seus instintos; razoavelmente, é claro.

Para Paris.

— Você já esteve em Zurique antes? — perguntou ele à sua refém.

— Nunca.

— Você não mentiria para mim, não?

— Não tenho nenhuma *razão* para isso! Por favor. Deixe-me parar. Deixe-me ir!

— Há quanto tempo está aqui?

— Uma semana. O seminário durou uma semana.

— Então teve tempo de dar umas voltas, conhecer alguns lugares.

— Quase não saí do hotel. Não houve tempo.

— O programa que vi no mural não parecia muito cheio. Apenas duas conferências por dia.

— Eram conferencistas convidados; nunca mais do que dois por dia. A maior parte do nosso trabalho foi em seminários... pequenas conferências. Entre dez e quinze pessoas de países diferentes, com interesses diferentes.

— Você é do Canadá?

— Trabalho para o governo canadense, pan a Treasury Board, Department of National Revenue.

— O "doutora" não é de médica, então?

— Economia. Universidade McGiil. Universidade de Pembroke, Oxford.

— Estou impressionado.

Subitamente, com uma irritação controlada, ela acrescentou: — Os meus superiores esperam que eu entre em contato com eles. *Hoje à noite*. Se não tiverem notícias minhas, ficarão alarmados. E farão interrogatórios, chamarão a polícia de Zurique.

— Percebo. Temos que pensar nisso, não é? — De repente, Bourne lembrou-se de que durante todo o choque e violência da última meia hora, a Dra. St. Jacques não largara da carteira nenhuma vez. Ele se inclinou para a frente, estremecendo, a dor no peito ficara aguda de repente. — Dê-me a sua carteira.

— O quê? — Ela tirou rapidamente a mão do volante, agarrando a carteira, numa tentativa inútil de resguardá-la.

Ele esticou a mão direita por cima do assento, agarrando o couro com os dedos. — Dirija, doutora! — Ele levantou a carteira do assento e recostou-se novamente.

— Você não tem o direito... — Calou-se: era óbvia a infantilidade de sua observação.

— Sei disso. — Abriu a carteira, acendendo a lâmpada de leitura do carro, virando do avesso a carteira de mão. Condizendo com a dona, a carteira era bem-organizada. Passaporte, carteira de dinheiro, uma bolsinha com trocados, chaves e, nas divisões de trás, algumas anotações e bilhetes. Procurava uma mensagem específica, um envelope amarelo que lhe fora entregue pelo funcionário da portaria do Carillon du Lac. Encontrou-o, abriu o envelope e tirou o papel dobrado. Era um telegrama de Ottawa.

RELATOS DIÁRIOS PRIMEIRA QUALIDADE. SAÍDA ATENDIDA. IREI ENCONTRÁ-LA NO AEROPORTO QUARTA-FEIRA 26. TELEFONE OU TELEGRAFE VÔO. EM LYON NÃO ESQUEÇA BELLE MEUNIERE. COZINHA SOBERBA. AMOR PETER;

Jason botou o telegrama na carteira e viu a pequena caixa de fósforos, de cobertura branco-acetinada e com uma lista de palavras escritas. Pegou-a e leu. Kronenhalle. Um restaurante... Um restaurante. Alguma coisa o incomodava, não sabia o que poderia ser, mas era alguma coisa. Alguma coisa a respeito de um restaurante. Ficou com a caixa de fósforos, fechou a carteira e curvou-se para a frente, deixando-a cair no assento da frente. — Era tudo o que eu queria ver — disse, acomodando-se de novo no banco, olhando para a caixa de fósforos. — Parece que me lembro de você ter dito alguma coisa sobre "ordens de Ottawa". Você as recebeu; vinte e seis foi na semana passada.

— Por favor...

A súplica era um pedido de ajuda; ele entendeu, mas não podia responder. Até a hora seguinte, ou mais, ele iria precisar daquela mulher como um homem aleijado precisa de uma muleta ou, mais apropriadamente, como um pessoa impossibilitada de dirigir precisa de um motorista. Mas não naquele carro.

— Vire — comandou ele. — Faça a volta para o Carillon.

— Para o... hotel?

— Sim — disse ele, o olhar fixo na caixa de fósforos, virando-a na mão sob a luz da lanterna do carro. — Precisamos de outro carro.

— Nós? Não, você não pode! Não irei mais... — E novamente ela parou antes de terminar de falar, antes de completar o pensamento. Ocorreu-lhe outro pensamento e ficou em silêncio, de repente, enquanto girava a direção do sedã até que ele virasse para o outro lado da rua escura à margem do lago. Depois apertou o acelerador com tal força que o carro disparou, os pneus giraram sob a súbita velocidade. Mas logo tirou o pé do pedal, segurando a direção, tentando se controlar.

Bourne levantou os olhos da caixa de fósforos e olhou para a sua cabeça, para os longos cabelos vermelho-escuros que brilhavam na luz. Pegou a arma do bolso e mais uma vez inclinou-se para a frente diretamente para as costas dela. Levantou a arma, levou a mão ao ombro dela e virou o cano contra o seu rosto.

— Quero que isto fique bem claro. Você vai fazer exatamente o que eu lhe mandar. Você ficará ao meu lado, e esta arma ficará no meu bolso, apontando para o seu estômago, como agora, exatamente neste momento, está apontando para a sua cabeça. Como vê, estou fugindo para salvar a minha vida e não hesita rei em puxar o gatilho. Quero que isto fique bem claro, entende?

— Entendo. — A resposta saiu como um murmúrio. Ela respirou pelos lábios entreabertos. Estava completamente aterrorizada. Jason afastou a arma do seu rosto; estava satisfeito.

Satisfeito e revoltado.

Deixe a sua mente vagar livre... A caixa de fósforos. O que significava? Mas não era ela, era o restaurante — e não era o Kronenhalle, mas outro restaurante. Pesadas luzes, luz de vela, escuro... triângulos no lado de fora. Pedra branca e triângulos pretos. Três?... Três triângulos pretos.

Havia alguém lá... Nesse restaurante com três triângulos na fachada. A imagem era tão clara, tão vívida... tão perturbadora! O que era? Teria existido este lugar?

Algumas especificações podem vir a você... alguns condutos reprimidos... começar a funcionar.

Estaria acontecendo agora? *Oh, Cristo, eu não agüento*!

Podia divisar as luzes do Carillon du Lac a algumas centenas de jardas, lá embaixo na rua. Não planejara bem os seus movimentos, mas pensava em duas possibilidades, tinha duas suposições. A primeira: os matadores não haviam permanecido no local. Mas, por outro lado, Bourne não estava a fim de cair em uma armadilha criada por ele mesmo. Conhecia apenas dois deles, e não poderia reconhecer os outros se ainda estivessem lá.

A área principal do estacionamento ficava depois do caminho circular, no lado esquerdo do hotel. — Diminua a marcha — ordenou Jason. — Vire na primeira entrada à esquerda.

— É uma saída — protestou ela, a voz tensa. — Vamos tomar um caminho errado.

— Ninguém está saindo. Vá, continue! Para dentro do estacionamento, passando pelas luzes.

A cena à entrada do hotel, embaixo da cobertura da entrada, explicava claramente por que eles não haviam sido notados. Quatro carros da polícia estavam alinhados no passeio circular, com as luzes vermelhas girando na capota, transmitindo uma aura de emergência. Os policiais uniformizados, acompanhados pelos funcionários do hotel vestidos de casaca transitavam por entre uma multidão de hóspedes excitados, respondendo e fazendo perguntas, examinando a lista dos que saíam de automóvel.

Marie St. .Jacques atravessou o estacionamento, passando pelos holofotes, e estacionou em um espaço vazio do lado direito. Depois desligou o motor e permaneceu sentada, imóvel, olhando fixamente para a frente.

— Preste atenção, tenha cuidado — disse Bourne, abaixando a vidraça. — E mova-se lentamente. Abra a sua porta e saia, fique ao meu lado e me ajude. Lembre-se, a janela está aberta e tenho uma arma na mão. Você está perto de mim; não vou errar se atirar.

Ela fez o que ele disse, como um autômato aterrorizado. Jason segurou-se na estrutura da janela e

conseguiu sair para a calçada. Trocou o peso do corpo de um pé para o outro — a mobilidade estava voltando. Já podia andar. Não bem, com um certo manquejo, mas podia andar.

— O que vai fazer? — perguntou a Dra. St. Jacques como se estivesse com medo de ouvir a resposta.

— Esperar. Cedo ou tarde alguém vai estacionar um carro aqui. Não importa o que tenha acontecido lá dentro, ainda é hora do jantar. As reservas de mesa já foram feitas, alguns encontros já foram programados, a maioria para tratar de negócios — essas pessoas não vão mudar de idéia.

— E quando aparecer um carro, como vai tomá-lo? — Ela fez uma pausa e, em seguida, respondeu à sua própria pergunta. — Oh, meu Deus, você vai matar quem estiver dirigindo.

Ela agarrou-lhe o braço, seu rosto estava a centímetros dele, branco como cera. Ele tinha que controlá-la pelo medo, mas mão a ponto de deixá-la cair em histeria. — Se tiver que matar, mato. Mas acho que não vai ser necessário. Os empregados do estacionamento trazem o carro para cá. As chaves em geral são deixadas sobre o painel do carro, ou embaixo dos bancos. É fácil.

Luzes de farol iluminaram a bifurcação do caminho circular; um pequeno cupê acelerou ao entrar na quadra — provavelmente dirigido por um dos empregados do hotel. O carro veio diretamente para eles, deixando Bourne um pouco alarmado até perceber o espaço vazio ao lado. Mas eles estavam na frente dos faróis, tinham sido vistos.

Reservas para o jantar... Um restaurante. Jason tomou uma decisão; usaria a oportunidade.

O empregado saiu do cupê e pôs as chaves embaixo do banco. Enquanto se encaminhava para a traseira do carro, cumpriinentou-os com um aceno de cabeça, parecendo um pouco curioso. Bourne falou em francês.

— Olá, meu jovem! Talvez possa nos ajudar.

— Sim, senhor? — O empregado se aproximou um pouco, hesitante, cauteloso; obviamente os acontecimentos no hotel ainda estavam em sua memória.

— Não estou muito bem, bebi demais do excelente vinho suíço de vocês.

— Acontece, senhor. — O jovem sorriu aliviado.

— Minha mulher achou bom tomar um pouco de ar fresco antes de ir para a cidade.

— Uma boa idéia, senhor.

— Ainda está tudo agitado lá dentro? Achei até que o policial não nos deixaria sair. Mas quando viu que eu estava na iminência de vomitar em cima do seu belo uniforme...

— Muito agitado, senhor. Estão por toda parte... Temos ordens de não comentar.

— É claro. Mas estamos com uni problema. Um amigo nosso chegou esta tarde e concordamos em nos encontrar em um restaurante. Mas esqueci o nome. Já estive lá antes, mas não consigo me lembrar onde fica nem como se chama, Só me lembro que na fachada havia três formas estranhas... Um desenho qualquer... Triângulos, acho.

— É o Drei Alpenhäuser, senhor. Os... Três Chalés. Fica numa rua lateral, depois da Falkenstrasse.

— Sim, é claro, é isso mesmo! E para ir lá, saindo daqui, nós... — Bourne foi pronunciando as palavras lentamente, como um homem bêbado tentando se concentrar.

— Vire a esquerda no fim da saída, senhor. Vá reto pelo Uto Quai por uns cem metros mais ou menos, até alcançar um píer grande então vire à direita. Vai levá-lo até a Falkenstrasse. Logo que o senhor passar a Seefeld, fique atento à rua do restaurante. Tem uma placa na esquina.

— Obrigado. Estará aqui daqui a algumas horas, quando voltarmos?

— Estou de serviço até as duas da manhã, senhor.

— Ótimo. Procura-lo-ei para expressar-lhe minha gratidão mais concretamente.

— Obrigado, senhor. Posso ir buscar seu carro?

— Você já fez muito, obrigado. Preciso andar mais um pouco. — O empregado se despediu e se dirigiu para o hotel. Jason guiou Marie St. Jacques até o cupê, capengando um pouco ao seu lado. —

Depressa! As chaves estão debaixo do assento.

— Se nos deterem, o que faremos? Esse empregado vai ver o carro sair, vai perceber que você o roubou.

— Duvido. Não se nós sairmos já, logo que ele entrar naquela confusa multidão.

— E se ele perceber?

— Se isso acontecer, espero que você saiba correr — disse Bourne enquanto a empurrava para a porta do carro. — Entre. — O empregado dobrou a calçada em direção à frente do hotel e, de repente, apressou o passo. Jason puxou a arma e capengou rapidamente em volta do carro, segurando-se na capota, enquanto apontava o revólver para o pára-brisa. Depois, abriu a porta de trás e pôs-se ao lado dela. — Merda. Eu disse para pegar as *chaves*!

— Está bem... Não consigo pensar.

— Tente, tente!

— Oh, Deus... — Ela estendeu a mão por baixo do assento e pôs-se a procurar sob o tapete até que achou o pequeno estojo de couro.

— Ligue o motor, mas espere até que eu lhe diga para dar a ré. — Ele esperou para ver se aparecia algum farol na entrada do estacionamento, porque então o empregado teria uma razão para voltar correndo, pois haveria mais um carro para estacionar. Mas não apareceu nada. E talvez por outra razão: havia duas pessoas desconhecidas na área do estacionamento. — Em frente, depressa! Quero sair daqui. — Ela jogou a marcha para a ré e segundos depois estavam se aproximando da saída pelo caminho que dava frente para o lago. — Diminua a marcha — ordenou ele. Um táxi apareceu na frente deles, na curva do caminho.

Bourne prendeu a respiração e olhou pela janela de trás para a entrada do Carillon du Lac. O que se passava debaixo do toldo da entrada explicava bem a súbita necessidade que teve o empregado de se apressar — iniciara-se uma discussão entre a polícia e um grupo de hóspedes do hotel. Estava-se formando uma fila para checar os nomes daqueles que estavam deixando o hotel; a demora resultante impacientava os inocentes.

— Vamos — disse Jason, de novo tremendo. A dor vinha em pontadas por todo o peito. — O caminho está limpo.

Era uma sensação de entorpecimento, estranha e misteriosa. Os três triângulos eram exatamente como ele os imaginara: em madeira grossa e escura, em baixo-relevo na parede de pedra branca. Três triângulos iguais, como uma rendição à abstração geométrica dos telhados do chalé cobertos de neve e com os andares mais baixos completamente cobertos. Acima das três pontas estava o nome do restaurante, escrito em letras góticas: DREI ALPENHÄSER. Embaixo dos triângulos ficava a entrada. Duas portas que formavam um arco de catedral; as aldravas de ferro maciço, em forma de argolas, eram comuns aos *château* alpinos.

Os prédios em volta, dos dois lados da rua estreita e de pedras, eram estruturas restauradas de um passado antigo de Zurique e da Europa. Não era uma rua para automóveis. Imaginava-se passando por ali formosas carruagens puxadas por cavalos, com os cocheiros naqueles assentos altos usando cachenê e cartola, iluminados pelos lampiões a gás. Era uma rua repleta de visões e ruídos de lembranças esquecidas, apesar de o homem não ter memórias para lembrar.

Mesmo assim, *teve* uma, vívida e perturbadora. Três triângulos escuros, luzes intensas e velas. Estava certo, era uma lembrança de Zurique. Mas de outra vida.

— Chegamos — disse a mulher.

— Eu sei.

— Diga-me o que fazer! — gritou ela. — Estamos passando.

— Siga até a esquina e vire à esquerda. Dê a volta no quarteirão e depois volte até aqui.

— Por quê?

— Quisera saber.

— O quê?

— Porque mandei. — *Havia alguém lá ... no restaurante. Por que não lhe vinham outras imagens? Outra imagem. Um rosto.*

Rodaram pela rua e passaram pelo restaurante mais duas vezes. Dois casais, um depois do outro e mais um quarteto entra ram; um homem saiu, indo em direção à Falkenstrasse. A julgar pelos carros estacionados na calçada, havia um pequeno grupo no Drei Alpenhäuser. Logo chegaria mais gente, dali a umas duas horas, porque a maioria das pessoas preferia a refeição da noite às dez e meia, em vez das oito. Não havia mais por que se retardar, nada mais lhe vinha à mente. Podia sentar-se e ficar atento, na esperança de que alguma coisa lhe viesse à cabeça. Alguma coisa. Porque já viera antes, como aquela caixa de fósforos, que lhe evocou uma imagem real. E dentro dessa realidade havia uma verdade que ele tinha que descobrir.

— Encoste à direita, na frente do último carro. Vamos a pé.

Em silêncio, sem comentários ou protestos, a mulher fez como ele lhe mandara. Jason olhou para ela, estava sendo muito dócil, incoerente com o seu comportamento anterior. Ele entendeu. Tinha que lhe dar uma lição de novo. Sem levar em conta o que podia acontecer lá dentro, no Drei Alpenhäuser, ainda precisava dela para uma última contribuição. Ela teria que levá-lo para fora de Zurique.

Q carro parou, os pneus arranhando o meio-fio. Ela desligou o motor e ia tirar as chaves do contato com um movimento lento, muito lento. Ele estendeu o braço e segurou-lhe o pulso; ela o olhou naquela escuridão, sem respirar. Ele foi escorregando os dedos até encontrar o chaveiro.

— Fico com elas — disse.

— É claro — respondeu ela, deixando a mão esquerda cair mecanicamente do lado do corpo, sustentado pelo painel da porta.

— Agora saia e fique ao lado do carro — continuou ele. — Não faça nenhuma bobagem.

— E por que faria? Você me mataria.

— Ótimo. — Ele estendeu o braço para o trinco, exagerando um pouco a dificuldade, a cabeça virada para o outro lado. Então abaixou o trinco...

De repente, o ruído do tecido do vestido, a golfada de ar, a porta da frente aberta, e a mulher já estava com meio corpo para fora, para a rua. Mas Bourne estava alerta; a lição tinha que ser dada. Virou-se, o braço esquerdo como uma mola, a mão uma garra, e segurou a seda do vestido que estava entre as suas espáduas. Puxou-a de volta para o assento e, agarrando-a pelo cabelo, virou-lhe a cabeça para trás até que o seu pescoço estivesse esticado e o rosto de frente para ele.

— Não vou fazer isso de novo! — disse ela, enquanto as lágrimas lhe brotavam dos olhos. — Juro que não vou fazer de novo!

Ele estendeu o braço e bateu a porta, fechando-a. Depois olhou-a fixamente, tentando entender alguma coisa nele mesmo. Meia hora antes, em outro carro, experimentara certa náusea ao encostar o cano da arma no rosto dela, ameaçando-a de morte se não o obedecesse. Agora não sentia essa mudança; com esta ação indissimulada ela passara para um outro território, tornara-se uma inimiga, uma ameaça; se precisasse, mata-la-ia, e sem nenhuma emoção, simplesmente porque era a coisa mais prática a ser feita.

— *Diga* alguma coisa! — sussurrou ela. E seu corpo teve um leve espasmo, os seios apontando contra a seda escura do vestido, o peito arfando, subindo e descendo com um movimento agitado. Segurou o próprio pulso na tentativa de controlar-se e quase conseguiu. De novo falou, mas em vez do

sussurro, era agora num tom monótono e lento. — Eu disse que não vou fazer isso de novo e não vou.

— Mas vai tentar — respondeu ele calmo. — Vai chegar um momento em que você vai achar que pode e vai tentar de novo. Acredite em mim quando lhe digo que não pode. Mas se tentar de novo vou ter que matá-la. Não quero fazer isso. Não há motivos para fazer isso, nenhuma razão, a menos que você se torne uma ameaça para mim. E quando tenta fugir antes que eu a deixe ir, é isso que você se torna: uma ameaça. Não posso permitir isso.

Dissera a verdade, pelo menos como ele a entendia. A simplicidade da decisão lhe era tão surpreendente quanto a própria decisão em si. Matar era apenas uma questão prática, nada mais.

— Você disse que me deixaria ir — falou ela. — Quando?

— Quando eu estiver a salvo — respondeu. — Quando não fizer mais nenhuma diferença o que você fizer ou disser.

— Quando será isso?

— Mais ou menos daqui a uma hora. Quando estivermos fora de Zurique e eu estiver indo para qualquer outro lugar. Você não saberá para onde nem como.

— Por que devo acreditar em você?

— Não me interessa se acredita ou não. — Soltou-a. — Arrume-se. Limpe os olhos e penteie os cabelos. Vamos entrar.

— O que há lá dentro?

— Quisera saber — disse ele dando uma olhada pela janela de trás para a porta do Drei Alpenhäuser.

— Você já disse isso antes.

Ele olhou para ela, para os arregalados olhos castanhos que procuravam os seus. Procuravam com medo, com espanto. — Eu sei. Depressa!

Grossas vigas atravessavam o teto alto, estilo alpino, as mesas e cadeiras eram de madeira pesada, havia muitos compartimentos e luz de vela espalhada por todos os cantos. Uma acordeonista movimentava-se por entre as pessoas, graves acordes saíam do seu instrumento.

Ele já vira aquela sala ampla antes, as vigas e as luzes de vela estavam impressas em alguma parte de sua mente; os sons também. Já viera ali em outra vida. Os homens de casaca o cumprimentaram.

— *Haben Sie einen Tisch schon reserviert, mein Herr*?

— Se está falando em reservas, não, acho que não. Mas vocês me foram muito recomendados. Espero que tenha lugar para nós. Um reservado, se possível.

— Certamente, senhor. É cedo ainda, temos lugares, as mesas ainda não estão lotadas. Por aqui, por favor.

Foram conduzidos até um reservado no canto mais próximo; a luz de uma vela tremulava no centro da mesa. Sua dificuldade de andar, apoiado na mulher, fez com que fossem logo acomodados na mesa mais próxima. Ele fez um sinal para Marie St. Jacques e ela sentou-se. Ele deslizou para o banco, sentando-se à sua frente.

— Fique do lado da parede — disse depois que o *maître* se afastou. — Lembre-se de que a arma está no meu bolso e tudo o que tenho a fazer é me levantar, e será o seu fim.

— Eu disse que não iria tentar.

— Espero que não. Peça um drinque, não há tempo para comer.

— Nem eu poderia comer. — Segurou o pulso de novo, a mão tremia visivelmente. — Por que não há tempo? O que você está esperando?

— Não sei.

— Por que continua a dizer isso? "Não sei." "Quisera saber." Por que veio para cá?

— Porque já estive aqui antes.

— Isso não é resposta!

— Não tenho nenhuma razão para lhe dar uma resposta.

Um garçom se aproximou e ela pediu vinho. Bourne ordenou um uísque, precisava de uma bebida mais forte. Olhou em torno, tentando se concentrar em *tudo e nada*. Uma esponja. Mas havia apenas um nada. Nenhuma imagem, nenhum pensamento preenchia aquele vazio. *Nada*.

Mas de repente avistou o rosto do outro lado da sala. Um rosto grande numa cabeça redonda, assentada em um corpo obeso, encostado à parede de um reservado no fim do salão, perto de uma porta fechada. O homem gordo permanecia nas sombras do seu posto de observação, como se elas fossem a sua proteção, como se aquela parte escura fosse o seu santuário. Pôs os olhos em Jason: era um olhar de medo e descrença. Bourne não conhecia aquele rosto, mas o rosto o conhecia. O homem enxugou os cantos da boca os dedos e em seguida passou os olhos pelas mesas, detendo-se em cada uma delas. Depois começou a andar em direção ao reservado, parecendo cheio de pesar.

— Um homem vem vindo para cá — disse Jason por sobre a chama da vela. — Um homem gordo, que parece estar com muito medo. Não diga nada. Não importa o que ele diga, mantenha-se calada. E não olhe para ele, ponha o cotovelo na mesa e descanse a cabeça na mão naturalmente. Olhe para a parede, não para ele.

A mulher enrugou a face, colocou a mão direita no rosto, os dedos tremiam. Os lábios pareciam querer fazer uma pergunta, mas nenhuma palavra saiu da boca. Jason respondeu à pergunta.

— Para o seu próprio bem — disse —, ele não deve identificá-la.

O homem gordo apareceu no canto da mesa. Bourne soprou a vela. A chama se apagou e a mesa ficou em meia escuridão. O homem olhou espantado para ele e falou em voz baixa, tensa.

— *Du lieber Gott*! Por que veio aqui? O que fiz para que você me fizesse isto?

— Gosto da comida, você sabe disso.

— Você não tem *sentimentos*? Tenho uma família, mulher e filhos. Fiz apenas o que me mandaram. Entreguei-lhe um envelope, nem mesmo olhei o que continha. Não sei de nada!

— Mas você foi pago, não foi? — Jason perguntou instintivamente.

— Sim, mas nada disse. Nunca nos vimos, nunca o descrevi. Não contei nada a ninguém!

— Então por que está com medo? Sou apenas um freguês pedindo um jantar.

— Peço-lhe, saia.

— Agora estou com raiva. É melhor me dizer por quê.

O homem gordo levou as mãos ao rosto, os dedos enxugando novamente a umidade que se formara em volta da boca. Apontou com a cabeça para a porta, depois voltou-se para Bourne. — Alguém deve ter falado, alguém pode conhecê-lo. Já tive muito problema com a polícia, eles viriam diretamente a mim.

A Dra. St. Jacques perdeu o controle, olhou para Jason, e as palavras lhe escaparam. — A polícia... Era a *polícia*.

Bourne olhou-a firmemente, e depois voltou-se para o nervoso homem gordo. — Está dizendo que a polícia faria mal a sua mulher e filhos?

— Não a eles propriamente. O senhor sabe muito bem... O interesse deles traria outras pessoas para cá. Iriam até minha família. Quantos estão à sua procura, *mein Herr*? O que são eles e o que fazem? Nem precisa da minha resposta, eles fazem qualquer coisa — a morte de uma esposa ou de uma criança não representa nada. Por favor. Pela minha vida. Eu nada disse. Saia.

— Você está exagerando. — Jason começou a beber seu drinque tentando despachá-lo.

— Em nome de Cristo, não faça isto! — O homem inclinou-se agarrando-se à borda da mesa. —

Você quer uma prova do meu silêncio? Pois lhe dou. A notícia foi espalhada por todo o *Verbrecherwelt*. Qualquer pessoa que tivesse alguma informação devia chamar um número indicado pela policia de Zurique. Tudo seria mantido na mais restrita confidência, eles não mentiriam no *Verbrecherwelt* sobre isso. Os prêmios eram vultosos, policia de vários países envidando fundos através da Interpol. Qualquer equívoco podia ser visto sob novas luzes judiciais. — O conspirador ficou ereto, enxugando a boca novamente, o imenso corpo se elevando por sobre a mesa. — Um homem como eu poderia ter bom proveito com uma relação melhorada com a polícia. Mesmo assim, nada fiz. Mesmo com a garantia de que tudo seria confidencial, nada fiz!

— Alguém fez? Diga-me a verdade, e saberei se você está mentindo.

— Só conheço Chernak. Ele é o único com quem falei e que admite tê-lo visto. Mas o senhor sabe dessas coisas; o envelope me foi passado por ele. Ele jamais diria alguma coisa.

— Onde está Chernak agora?

— Onde sempre está. Em seu apartamento na Lõwenstrasse.

— Nunca estive lá. Qual é o número?

— Nunca esteve...? — O homem gordo parou, os lábios apertados, ,os olhos mostrando espanto. — Está me testando?

— Respõnda à pergunta.

— Número 37. Sabe tão bem quanto eu.

— Então estou testando-o. Quem deu o envelope para Chernak?

O homem ficou imóvel, sua dúbia integridade desafiada. — Não tenho meios de saber. E jamais perguntaria.

— Nem mesmo teve curiosidade?

— É claro que não. Uma ovelha não entra na caverna do lobo.

— As ovelhas são muito bem equipadas, têm olfato muito acurado.

— E são cautelosas, *mein Herr*. Porque o lobo é mais rápido e muito mais agressivo. Haveria apenas uma perseguição, e seria a última da ovelha.

— O que havia dentro do envelope?

— Já lhe disse, não o abri.

— Mas sabe o que tinha dentro.

— Dinheiro, acho.

— Você *acha*?

— Muito bem. Dinheiro. Uma grande soma de dinheiro. Se houve qualquer discrepância, não tem nada a ver comigo. Agora, por favor, eu lhe peço. Saia daqui!

— Uma última pergunta.

— *Qualquer* coisa. Mas saia!

— Para que era o dinheiro?

O homem obeso olhou-o espantado, a respiração era audível, o suor começava a brilhar-lhe no rosto. — Você me deixa encurralado, *mein Herr*, mas não cederei. Chame a isso coragem de uma insignificante ovelha que sobreviveu. Leio os jornais todos os dias. Em três línguas. Há seis meses um homem foi morto. Sua morte foi notícia de primeira página em cada um desses jornais.

7

Eles circularam o quarteirão, saindo na Falkenstrasse. Depois viraram à direita no Limmat Quai em frente à catedral de Grossmünster A Löwenstrasse ficava do outro lado do rio, no lado oeste da cidade. O caminho mais rápido para chegar até lá era atravessar a Ponte Münster, seguir pela Bahnhofstrasse e depois pela Nüschelerstrasse. As ruas se cruzavam, de acordo com a informação de um casal que ia entrando no Drei Alpenhäuser.

Marie St. Jacques estava silenciosa, segurando firmemente o volante, como se agarrara às tiras da bolsa durante toda aquela loucura no Carillon. Talvez tentasse se agarrar à sua própria sanidade mental. Bourne olhou para ela e entendeu.

... um homem foi morto. A sua morte foi notícia de primeira página em cada um desses jornais.

Jason Bourne fora pago para matar e a polícia de vários países enviara fundos através da Interpol para pagar os informantes mais relutantes e poder aumentar a possibilidade de prendê-lo. Isso significava que outros homens já tinham sido mortos...

Quantos estão a sua procura, mein Herr*? O que são eles e o que fazem?... Eles fazem qualquer coisa — a morte de uma esposa ou de uma criança não representa nada!*

Não se referia à polícia. A outros.

As duas torres do campanário da igreja Grossmünster se erguiam na noite escura, as luzes criavam sombras misteriosas. Jason olhou espantado para a antiga estrutura — como tantas outras coisas ele a conhecia mas sem conhecê-la. Já a vira antes e, no entanto, via-a pela primeira vez.

Só conheço Chernak . . .O envelope me foi passado por ele. ...Löwenstrasse. Número 37. Sabe tão bem quanto eu.

Sabia? Saberia algum dia?

Atravessaram a ponte e entraram no tráfego para a cidade nova. As ruas estavam cheias, automóveis e pedestres competindo e se impondo em cada cruzamento, os sinais vermelhos e verdes trocando interminavelmente, Bourne tentou dispersar os pensamentos, pensar em nada... em tudo. Os contornos da verdade lhe haviam sido apresentados, ganhando forma enigmática, uma revelação mais assustadora do que a outra. Não tinha certeza de ser capaz — mentalmente capaz — de absorver mais alguma coisa.

— Halt! Die Dame da! Die Scheinwerfer sind aus und Sie haben links signaliziert. Das ist eine Einbahnstrasse!

Jason olhou em volta, procurando saber de onde vinha a voz. Uma dor profunda atravessava-lhe o estômago. Um carro de patrulha estava ao lado deles, um policial gritava pela janela aberta. De repente tudo ficou-lhe claro... claro e enraivecedor. A Dra. St. Jacques avistara o carro da polícia pelo espelho, apagara os faróis e fizera sinal para virar à esquerda. Virar à esquerda em rua de mão única cujas setas nos cruzamentos indicavam clara mente que só era permitido seguir em frente! Virar à esquerda e jogar o carro na frente do carro da polícia constituía uma série de contravenções de trânsito: faróis apagados, e talvez até uma batida premeditada, o que faria com que fossem detidos e a mulher pudesse gritar por socorro.

Bourne acendeu os faróis, inclinou-se em direção a ela, com uma mão desligou a lanterna e com a outra segurou-lhe o braço, no lugar onde segurara antes.

— Eu a mato, doutora — disse ele baixinho. E depois gritou pela janela para o policial: — Desculpe-nos! Estamos um pouco perdidos! Turistas! Queremos entrar no próximo quarteirão!

O policial estava a pouca distância de Marie St. Jacques, com os olhos postos no seu rosto, confundido com a falta de reação dela.

A luz do sinal mudou. — Em frente, com calma. Não faça nenhuma bobagem — disse Jason.

Acenou para o policial pelo vidro da janela. — Desculpe de novo! — gritou. O policial deu de ombros e virou-se para o seu companheiro, provavelmente para retomar a conversa.

— Eu estava confusa — disse a moça, com a voz suave e trêmula. — O tráfego é tão intenso... Oh, Deus, você quebrou o meu braço!... Seu filho da puta!

Bourne soltou-a, perturbado por sua fúria. Preferia o seu medo. — Não espera que acredite em você, espera?

— Sobre o braço?

— Sobre a sua confusão.

— Você disse que íamos virar à esquerda logo. Eu estava apenas pensando nisso.

— Da próxima vez olhe bem para os sinais. — Afastou-se dela, mas sem tirar os olhos do seu rosto.

— Você é um animal — sussurrou ela fechando os olhos rapidamente e depois abrindo-os, amedrontada. O medo voltara.

Chegaram à Löwenstrasse. Era uma avenida larga, onde alguns prédios baixos, de tijolos e madeira pesada, eram prensados pelos edifícios modernos, de concreto liso e vidro. O desenho dos prédios do século XIX competindo com o pragmatismo da neutralidade da arquitetura contemporânea: mas os antigos não perdiam em nada. Jason olhou para os números; estavam perto do oitenta, iam em ordem decrescente. A cada quarteirão que passava as casas antigas ficavam em mais evidência do que os altos edifícios de apartamentos. Até que a rua retrocedeu no tempo. Havia uma fileira de prédios de quatro andares, os telhados e as janelas em estruturas de madeira, passeios e calçadas de pedra que davam para portas de entrada mais afastadas, iluminadas pelas luzes das antigas carruagens. Bourne reconheceu tudo aquilo, o que não o surpreendia; mas outra coisa, que viera junto com essa memória, era bastante surpreendente. A fileira de casas lhe evocara outra imagem, uma imagem bem forte, de outra fileira. Eram apartamentos com desenho semelhante, embora bem diferentes. Batidos pelo tempo, mais velhos, nem de longe tão próximos, bem cuidados e limpos... Mas com vidraças quebradas, degraus partidos, cercas caídas e rachadas — as pontas de metal enferrujado. Era mais longe, ficava em outra parte de... de Zurique. Sim, ficava em Zurique. Era um distrito pequeno, afastado, onde raramente iam outras pessoas que não fossem as que habitavam lá, uma parte da cidade abandonada, e não gratuitamente.

— Steppdeckstrasse — pensou alto, tentando se concentrar na imagem que estava em sua mente. Podia ver uma fachada, um vermelho desbotado, tão escuro quanto o vestido de seda vermelha que a mulher ao seu lado usava. — Uma pensão... na Steppdeckstrasse.

— O quê? — Marie St. Jacques estava espantada. Suas palavras assustaram-na. Ela compreendera e estava aterrorizada.

— Nada. — Desviou os olhos do seu vestido vermelho e olhou pela janela. — Lá está o número 37 — disse apontando para a quinta casa da fileira. — Pare o carro.

Saiu primeiro, mandando que ela se movesse para o outro lado do assento e o acompanhasse. Depois experimentou as pernas e tomou-lhe as chaves.

— Você pode andar — disse ela. — Se pode andar, também pode *dirigir*.

— Provavelmente.

— Então deixe-me ir! Fiz tudo o que você queria.

—E mais alguma coisa..

— Não vou contar nada, não consegue *entender* isso? Você é a última pessoa na face da terra que quero voltar a ver... Não quero *nada* com você. Não quero ser testemunha, nem ficar envolvida com a polícia, fazer declarações, *nada*! Não quero tomar parte nisso de que você faz parte! Estou assustada demais... Esta é a sua proteção, não percebe? Deixe-me ir, *por favor*.

— Não posso.

— Não acredita em mim?

— Isso não é importante. Preciso de você.

— Para quê?

— Para uma coisa muito tola. Não tenho carteira de motorista. E não se pode alugar um carro sem carteira, e tenho que alugar um carro.

— Você já tem *este*.

—Só vai servir por mais uma hora talvez. Logo alguém sairá do Carillon du Lac e irá querê-lo. A descrição será dada pelo rádio para todos os carros de polícia de Zurique.

Ela olhou para ele, havia um medo mortal em seus olhos. — Não quero ir lá com você. Ouvi o que aquele homem disse no restaurante. Se eu ouvir mais alguma coisa, você me matará.

— O que você ouviu faz tanto sentido para mim quanto para você. Talvez faça menos para mim. Venha. — Segurou-a pelo braço e pôs a mão livre no corrimão, para poder subir a escada sem sentir muita dor.

Ela olhou-o, estava assustada e ao mesmo tempo surpresa.

O nome M. Chernak estava debaixo do segundo escaninho para correspondência; havia uma campainha debaixo das letras. Ele não a apertou, mas apertou todas as outras quatro. Em poucos segundos ouviu-se uma confusão de vozes vindas dos pequenos, minúsculos alto-falantes a perguntarem em suíço quem estava Já. Mas alguém não respondeu à campainha. Apenas apertou um botão que destravava a porta. Jason abriu a porta, empurrando Marie St. Jacques na sua frente.

Encostou-a na parede e esperou. Lá de cima vinham os ruídos de portas se abrindo, passos em direção à escada.

—*Wer ist da*?

— Johann?

— *Wo bist du denn*?

Silêncio. E depois palavras irritadas. Mais ruídos de passos, portas fechadas.

M. Chernak ficava no segundo andar, apartamento 2C. Bourne segurou o braço da moça, capengou perto dela até a escada e começou a subir. Ela estava bem, é claro. Mas seria muito melhor se estivesse sozinho; embora nada pudesse fazer para modificar a situação, pois precisava dela.

Estudara alguns mapas de estradas enquanto estivera em Port Noir. Lucerna ficava a meia hora dali, não mais, e Berna a duas e meia ou três. Podia ir para uma das duas, deixá-la em algum lugar deserto durante a viagem e depois desaparecer. Era simplesmente uma questão de tempo; tinha os recursos para comprar uma centena de contatos. Precisava apenas de um conduto para sair de Zurique. e ela era esse conduto.

Ms antes de sair de Zurique precisava saber, tinha que conversar com um homem chamado...

M. Chernak. O nome estava do lado direito da campainha. Afastou-se da porta, puxando a mulher com ele.

— Você fala alemão? — perguntou Jason.

— Não.

— Não minta.

— Não estou mentindo.

Bourne pensou, enquanto olhava de cima abaixo o corredor. Então: — Aperte a campainha. Se a porta abrir fique parada. Se alguém responder de dentro, diga que você tem uma mensagem — uma mensagem urgente — de um amigo do Drei Alpenhäuser.

— E se ele — ou ela — disser para enfiá-la por baixo da porta?

Jason olhou-a. — Muito bem!

— Apenas não quero mais violência. Não quero *saber* mais nada ou *ver* mais alguma coisa. Só quero...

— Sei — ele a interrompeu. — Voltar para os impostos de César e as guerras púnicas. Se ele — ou ela — disser alguma coisa parecida, pode explicar em poucas palavras que a mensagem é oral e só pode ser entregue para o homem que lhe descreveram.

— E se me perguntar qual é a descrição? — disse Marie St. Jacques friamente, a análise esvaziando momentaneamente o medo.

— Tem uma boa cabeça, doutora — ele disse.

— Estou tentando ser precisa. Estou assustada, já lhe disse isso. O que faço?

— Mande-os para o inferno, outra pessoa pode vir entregá-la. Em seguida, comece a andar.

Ela foi até a porta e apertou a campainha. Lá de dentro veio um ruído estranho. Um rangido que foi ficando mais alto, mais constante. De repente parou. Uma voz grave soou por trás da madeira.

— Sinto muito, não falo alemão.

— *Ja*?

— *Englisch*? O que é? Quem é você?

— Trago uma mensagem urgente de um amigo do Drei Alpenhäuser.

— Enfie-a por baixo da porta.

— Não posso. Não está escrita. Tenho que transmiti-la pessoalmente ao homem que me foi descrito.

— Bem, isso não será difícil — disse a voz. Ouviu-se o ruído de chave e a porta se abriu.

Bourne saiu do corredor e chegou-se à porta.

— Você está louco! — gritou o homem, que não tinha pernas, apenas dois cotos, enquanto se movia em uma cadeira de rodas. — Saia! Saia daqui!

— Já estou cansado de ouvir isso — disse Jason, empurrando a moça para dentro, entrando e fechando a porta.

Não foi necessária qualquer pressão para convencer Marie St. Jacques a permanecer em um quarto pequeno e sem janelas enquanto conversavam. Ela estava dócil. O homem sem pernas estava em pânico, o rosto desolado e branco como vela, os cabelos cinzas despenteados, caindo desgrenhados sobre o pescoço e a testa.

— O que você *quer* de mim? — perguntou. — Você jurou que aquela seria a nossa última transação! Não posso mais fazer outra, não posso me arriscar. Alguns mensageiros estiveram aqui. Não importa que sejam cuidadosos, nem quantos já foram eliminados. Mas estiveram aqui! Se um deles deixa um endereço no apartamento errado, sou um homem morto!

— Você agiu muito bem, levando em conta os riscos que assumiu — disse Bourne pondo-se na frente da cadeira de rodas. A mente corria veloz, tentando imaginar se havia uma palavra ou frase que pudesse puxar uma corrente de informações. Então, lembrou-se do envelope. *Se houve qualquer discrepância, não tem nada a ver comigo*. O homem gordo do Drei Alpenhäuser.

— É insignificante se comparado com a magnitude desses riscos. — Chernak balançou a cabeça, o peito estufado, os cotos dependurados da cadeira balançando-se obscenamente para a frente e para trás. — Eu estava muito satisfeito antes de você aparecer na minha vida, *mein* Herr, porque eu era insignificante. Um velho soldado que conseguiu chegar até Zurique — estourado, um aleijado, sem valia, exceto por algumas informações reservadas pelas quais velhos camaradas pagavam miseravelmente para eliminá-las. Era uma vida decente, não muito, mas o suficiente. Até que *você* me descobriu...

— Estou comovido — interrompeu Jason. — Vamos falar sobre o envelope — o envelope que você passou para o nosso amigo do Drei Alpenhäuser. Quem lhe deu?

— Um mensageiro. Quem mais?

— De onde veio?

— Como eu saberia? Veio dentro de uma caixa, como os outros. Abri a caixa e passei-o adiante. Foi você quem pediu que fosse assim. Disse que não podia mais vir aqui.

— Mas você o abriu. — Falou sério, fazendo uma declaração.

— Nunca!

— Se eu lhe disser que estava faltando dinheiro?

— Então foi porque não lhe foi pago. Não estava no envelope! — O homem sem pernas levantou a voz. — De qualquer forma, não acredito em você. Se fosse assim, você não teria aceito o trabalho. Mas você o aceitou, aceitou aquele trabalho. E por que está aqui agora?

Porque preciso saber. Porque estou ficando louco. Vejo coisas e ouço coisas que não entendo. Sou bem um perfeito e completo... vegetal! Ajude-me!

Bourne se afastou da cadeira de rodas. Caminhou até uma estante onde estavam várias fotografias em cima de uma prateleira, encostadas à parede. Elas explicavam bem o homem que estava atrás dele. Grupos de soldados alemães, alguns com cães pastores, posando do lado de fora das barracas ou próximo às cercas... e em frente a uma alta cerca de arame farpado aparecia parte de uma palavra. DACH...

Dachau.

O homem atrás dele! Estava se mexendo! Jason virou-se. O homem sem pernas enfiara a mão dentro de uma bolsa de lona amarrada à cadeira, os olhos em fogo, o rosto em fúria, contorcido. A mão saiu devagar com um revólver de cano curto. E antes que Bourne pudesse puxar a sua arma, Chernak atirou. Os tiros foram rápidos. A dor lancinante, como um gelo, tomou seu ombro esquerdo, depois a cabeça — oh, *Deus*! Jogou-se para a direita, rolando sobre o tapete e jogando contra o aleijado uma luminária de chão, pesada. Depois rolou de novo até ficar atrás da cadeira, mas distante. Inclinou-se e investiu com o ombro direito contra as costas de Chernak, jogando o homem sem penas para fora da sua cadeira, enquanto procurava a arma no bolso.

— Eles vão pagar pelo seu cadáver! — gritou o homem deformado contorcendo-se no chão e tentando firmar o corpo aleijado para poder levantar a arma e fazer pontaria. — Você não vai me pôr num caixão. Eu sim o verei lá dentro! Carlos vai me pagar muito bem! Por Cristo, ele vai me pagar!

Jason virou-se para a esquerda e atirou. A cabeça de Chernak foi jogada para trás, da garganta irrompia o sangue. Estava morto.

Um grito veio da porta do quarto, se avolumou, ficou mais alto, intenso, depois grave e se alongando, como um lamento, medo e revolta, tudo combinado em um mesmo acorde. Um grito de mulher... É claro, era uma mulher! A sua refém, o seu passe para sair de Zurique! Oh, Jesus, ele não conseguia enxergar bem! Suas têmporas estavam em agonia!

Mas logo pôde ver de novo, recusando-se a dar atenção à dor. Conseguiu enxergar um banheiro, a porta aberta, toalhas, uma pia e um armário com espelho. Precipitou-se para lá, puxou o espelho com tanta força que partiu as dobradiças e o espelho foi estatelar-se no chão. *Prateleiras*. Rolos de gaze e esparadrapo e... Era tudo o que ele podia agarrar. Tinha que sair... *Tiros,* tiros sempre davam alarme. Tinha que sair, pegar sua refém e sair dali! O quarto, o *quarto*. Onde *ficava*?

Aquele grito, o lamento... Tinha que seguir o grito! Aproximou-se da porta e abriu-a com um pontapé. A mulher... Sua refém — como era mesmo o seu *nome*? — estava encostada na parede, as lágrimas lhe corriam pelo rosto, os lábios abertos. Correu até ela, agarrou-a pelo pulso e puxou-a para fora.

— Meu Deus, você o matou! — gritou ela. — Um velho sem...

— Cale-se! — Empurrou-a em direção à porta, abriu-a e a empurrou pata fora, para o corredor. Podia ver alguns vultos escondidos em alguns lugares, perto das grades do corrimão, dentro das salas. Em seguida, eles começaram a correr e desapareceram. Pôde ouvir batidas de porta, gente gritando.

Então, segurou o braço da mulher com a mão esquerda; a pressão causava- lhe dor no ombro. Impeliu-a em direção à escada e forçou-a a descê-la com ele, segurando-se nela com a mão esquerda, a arma na mão direita.

Logo chegaram ao saguão, onde ficava a pesada porta de entrada. — Abra-a! — ordenou-lhe; e ela o fez imediatamente. Passaram pela fileira das caixas de correspondência até chegar à porta que dava para a rua. Largou-a um pouco, abriu a porta e espiou para fora, para ver se ouvia alguma sirene. Mas não ouviu nada. — Venha! — disse, enquanto a empurrava para os degraus de pedra e corria para a calçada. Procurou no bolso as chaves do carro. — Entre!

Já dentro do carro, desembrulhou a gaze e comprimiu-a contra a cabeça, limpando o filete de sangue que escorria. Das profundezas da sua consciência vinha uma estranha sensação de alívio. O ferimento era apenas um raspão de bala; mas o fato de ter sido um ferimento na cabeça deixara-o em pânico. A bala não entrara no crânio. Não entrara. Não haveria portanto nenhum retomo à agonia de Port Noir.

— Maldição, ligue o carro! Saia daqui!

— Para onde? Você não disse para onde. — A mulher não gritava; ao contrário, estava calma. Estranhamente calma, e olhava para ele. Estaria mesmo olhando para ele?

Estava ficando tonto de novo, perdendo a visão. — Steppdeckstrasse... Ele ouviu a palavra sendo pronunciada sem ter certeza se vinha dele. Mas podia muito bem imaginar a porta de entrada. A pintura era vermelho-escuro, a parede desbotada, os vidros, quebrados... os gradis, enferrujados. — Steppdeckstrasse — repetiu.

O que estava errado? Por que o motor não começava a funcionar? Por que o carro não saía do lugar? Ela não o ouvira?

Ela estava com os olhos fechados. Abriu-os. A arma! A arma que estava no seu colo! Ele a deixara no colo para desenrolar a atadura e passá-la na testa... Ela estava procurando pegá-la, pegá-la! A arma caiu ao chão, ele tentou alcançá-la, mas ela o empurrou e ele bateu com a cabeça no vidro da janela. A porta do lado abriu-se e ela saiu para a rua, começando a correr. Estava fugindo! A sua refém, o seu salvo-conduto para a liberdade estava fugindo pela Löwenstrasse.

Não podia ficar no carro e também não ousava guiá-lo. O carro era uma armadilha de aço, podia marcá-lo. Colocou a arma no bolso, junto com o rolo de esparadrapo, e segurou a gaze na mão esquerda, pronto para pressioná-la contra a testa logo que o sangue escorresse. Depois saiu do carro e começou a andar mancando, tão rápido quanto podia.

Devia haver uma esquina ali por perto, um táxi. Steppdeckstrasse.

Marie St. Jacques continuou a correr pelo meio da avenida larga e deserta, passando por baixo dos postes de luz e fazendo sinais para os carros que passavam pela Löwenstrasse. Eles passavam correndo por ela. Ela virava-se a cada carro que aparecia e implorava atenção, levantando as mãos. Os carros aceleravam e passavam. Zurique era assim. E a Löwenstrasse à noite era muito larga, muito escura e ficava muito perto do parque deserto e do rio Sihl.

Um homem, no entanto, tomou consciência dela. Com os faróis apagados, enxergou a mulher, e disse ao seu companheiro em suíço:

— Pode ser ela. Aquele tal de Chernak mora a um quarteirão daqui, mais ou menos.

— Pare, deixe que ela se aproxime. Ela estava usando um vestido de seda... É *ela*!

— Vamos averiguar antes de informar pelo rádio.

Os dois saíram do cano, movendo-se discretamente pelas margens da avenida. Usavam ternos sociais comuns, de homens de negócio, tinham rostos agradáveis, mas eram sérios, pareciam homens de negócio mesmo. A mulher em pânico se aproximou. Caminharam rapidamente em sua direção, no meio da rua. O motorista chamou-a.

— *Was ist passiert, Fräulein*?

— Ajudem-me! — gritou ela — Não... não falo alemão. Nicht sprechen. Chamem a polícia. A... *Polizei*!

O companheiro do motorista falou num tom autoritário, tentando acalmá-la — Somos da polícia — disse em inglês. — Zurich Sicherheitpolizei. Não estávamos certos, senhorita, mas a senhorita é a mulher do Carillon du Lac?

— *Sim*! — gritou ela. — Ele não me soltava! Continuou a me bater e a me amedrontar com um revólver! Foi horrível!

— Onde está ele agora?

— Está ferido. Levou um tiro. Fugi do carro... Ele estava no carro quando fugi! — Apontou para o lado de baixo da Löwenstrasse. — Lá. A duas quadras, acho. No meio do quarteirão. Um cupê, um cupê cinza. Tem um revólver.

— Nós também temos, senhorita — disse o motorista. — Venha conosco, acomode-se no assento traseiro do carro que ficará completamente a salvo; seremos cuidadosos. Rápido agora.

Aproximaram-se do cupê cinza, encostaram, os faróis apagados. Não havia ninguém dentro. Mas havia muita gente conversando excitadamente na calçada e nos degraus do número 37. O companheiro do motorista virou-se e falou com a mulher, aterrorizada no assento de trás.

— Esta é a residência de um homem chamado Chernak. Ele o mencionou? Disse que iria vê-lo?

— Ele veio vê-lo e me fez vir junto! Ele o matou! Matou aquele velho aleijado!

— *Der Sender — schnell* — disse o companheiro do motorista, enquanto puxava um microfone do painel. — *Wir sind zwei Strassen von da.* — O carro arrancou; a mulher agarrou-se no assento da frente.

— Mas o que estão fazendo? Um homem foi morto lá!

— E precisamos encontrar o assassino — disse o motorista. — Como você disse, ele estava ferido e deve estar ainda por esta área. Este carro não é marcado e podemos descobri-lo. Vamos esperar, é claro, para nos certificarmos até que o pessoal da inspeção chegue, mas os nossos deveres são completamente diferentes. — O carro diminuiu a marcha, encostando no meio-fio, bem mais à frente do número 37 da Löwenstrasse.

O homem falou ao microfone, enquanto o motorista explicava a sua posição oficial. Houve um ruído de estática no painel onde estava o microfone, depois foram ouvidas as palavras: — *Wir kommen binnen zwanzig Minuten. Wartet.*

— Nosso superior logo estará aqui — disse.

— Temos que esperá-lo. Quer falar com você.

Marie St. Jacques encostou-se no banco, fechando os olhos e respirando fundo. — Oh, Deus... Quisera ter alguma coisa para beber!

O motorista riu e fez um sinal com a cabeça para o companheiro, que tirou do porta-luvas uma garrafinha e entregou-lhe, sorrindo. — Não somos muito chiques, senhorita. Não temos copos nem taças, mas temos brandy. Para emergências como esta, é claro. Por favor, com os nossos cumprimentos.

Ela sorriu em agradecimento e aceitou a garrafa. — Vocês são duas pessoas muito simpáticas e jamais poderão saber como lhes sou grata. Se algum dia forem ao Canadá, far-lhes-ei a melhor comida francesa da província de Ontário.

— Obrigado, senhorita — disse o motorista.

Bourne examinou a bandagem do ombro, tentando enxergar no reflexo escuro do espelho sujo e riscado à luz fraca da sala imunda. Estivera certo a respeito da Steppdeckstrasse. Aquela imagem da fachada vermelho-desbotada era precisa, até o detalhe das vidraças quebradas e dos gradis enferrujados Nenhuma pergunta lhe fora feita quando alugara o quarto, apesar de o seu ferimento estar bem visível.

No entanto, fora-lhe feita uma declaração pelo administrador da pensão, depois de Bourne ter-lhe pago.

— Se for alguma coisa de maior gravidade, pode-se encontrar um médico que mantenha a boca fechada.

— Aviso-o se precisar.

O ferimento não era assim tão grave. O esparadrapo agüentaria até que pudesse encontrar um médico que não praticasse a profissão assim tão sub-repticiamente, ainda mais na Steppdeckstrasse.

Se uma situação de tensão resultar em ferimento, esteja consciente de que este dano pode ser tanto psicológico quanto físico. Você pode ter uma revolta verdadeira contra a dor e o ferimento do corpo. Não se arrisque e, se houver tempo, dê-se uma oportunidade de se ajustar. Não entre em pânico...

Mas ele entrara em pânico, algumas partes do seu corpo estavam geladas. Embora a bala tivesse penetrado no seu ombro e estivesse com um ferimento na testa, ferimentos reais e dolorosos, nenhum deles era tão sério que pudesse imobilizá-lo. Não podia se mexer tão rápido quanto desejava, nem com a força que sabia possuir, mas ainda assim podia se locomover. Algumas mensagens já tinham sido enviadas e recebidas, do cérebro para os músculos e as pernas. Ele ainda podia funcionar.

E podia funcionar melhor ainda depois de um repouso. Agora não tinha mais um salvo-conduto, tinha que estar de pé bem antes do amanhecer e descobrir uma nova forma de sair de Zurique. O gerente da pensão, lá embaixo, parecia gostar de dinheiro. Ele o acordaria, aquele desleixado senhorio, dali a uma hora, mais ou menos.

Deitou-se no colchão mole e cheio de reentrâncias e encostou a cabeça no travesseiro, olhando fixamente a lâmpada nua pendurada no teto. Tentou não ouvir nenhuma palavra e descansar. Mas elas vinham, apareciam na sua mente, enchiam suas ore lhas como batidas de timbales.

Um homem foi morto...

Mas você aceitou aquele trabalho...

Virou-se para a parede, fechando os olhos e tentando bloquear aquelas palavras. Então apareceram outras palavras e ele sentou-se. O suor começava a escorrer-lhe da testa.

Eles vão pagar pelo seu cadáver!... Carlos vai me pagar muito bem! Por Cristo, ele vai me pagar!

Carlos.

Um grande sedã parou em frente ao cupê e estacionou no meio-fio. Atrás deles, o número 37 da Löwenstrasse, os carros de patrulha tinham chegado quinze minutos antes; a ambulância, havia menos de cinco. Grupos de pessoas dos prédios em volta faziam fila na calçada próximo à escada; mas agora a excitação era muda. Uma morte ocorrera, um homem fora morto à noite, naquele lado quieto da Löwenstrasse. Havia grande excitação; afinal, o que acontecera no Número 37 poderia acontecer no 32, no 40 ou no 53. O mundo estava ficando maluco, e Zurique junto.

— Nosso superior chegou, senhorita. Podemos levá-la até ele, por favor? — O motorista saiu do carro e abriu a porta para Marie St. Jacques.

— Certamente. — Pisou na calçada e sentiu a mão do homem em seu braço. Era muito mais gentil do que a força grosseira com que aquele animal a agarrava, encostando o cano da pistola em seu rosto. Estremeceu à simples lembrança. Aproximaram-se da parte traseira do sedã e ela entrou. Sentou-se atrás; olhou para o homem que estava ao seu lado e ficou paralisada de repente, incapaz de respirar. O homem sentado ao seu lado evocava-lhe uma memória de terror.

A luz que vinha da rua refletia-se nos seus óculos de armação metálica e dourada.

— *Você*!... Você estava no hotel! Era um deles!

O homem balançou a cabeça cansado, sua fadiga era bem aparente. — Certo. Somos um grupo especial da polícia de Zurique. E antes de conversarmos mais, quero deixar-lhe bem claro que em nenhum momento, durante todos aqueles acontecimentos do Carillon du Lac, você esteve em perigo de

ser ferida por nós. Somos atiradores muito treinados, nenhum daqueles tiros poderia ter-lhe atingido. Muitos nem foram dados porque você estava muito próxima do homem que estávamos procurando.

O seu estado de choque melhorou, a autoridade do homem dava-lhe segurança. — Obrigada por tudo isso.

— É um talento menor — respondeu ele. — Agora, como já sei, você o viu por último no assento da frente do carro que está ali.

— Sim. Estava ferido.

— Era muito grave?

— O bastante para perder a consciência. Segurava uma atadura na cabeça e o sangue corria-lhe do ombro — quero dizer, pelo pano do casaco. Quem é ele?

— Os nomes não são importantes, ele usa muitos. Mas como testemunhou, é um assassino. Um assassino brutal. E tem que ser encontrado antes que volte a matar de novo. Já estiamos à sua procura há alguns anos. Muitos policiais, de muitos paises. E agora temos uma oportunidade que ninguém antes teve: sabemos que ele está em Zurique e está ferido. Claro que não ficará por aqui, mas também não pode ir muito longe. Falou de como ia sair da cidade?

— Ia alugar um carro. Em meu nome, creio. Não tem carteira de motorista.

— Estava mentindo. Viaja com muitos documentos falsos. Você era uma refém que ia ser sacrificada. Agora, desde o início, conte-me tudo o que ele lhe disse. Onde foram, com quem ele se encontrou, tudo o que se lembrar.

— Há um restaurante, o Drei Alpenhäuser, onde havia um imenso homem, muito gordo, que estava morrendo de medo... — Marie St. Jacques contou tudo que pôde se lembrar. De vez em quando o policial interrompia, fazia perguntas sobre o que ela dissera, sobre uma frase, uma reação ou. uma decisão súbita do assassino. Constantemente ele tirava os óculos de armação dourada, limpava-os com um ar ausente, enquanto segurava com força a armação, como se aquela pressão controlasse a sua irritação. O interrogatório durou quase vinte e cinco minutos. Depois o policial tomou uma decisão e deu uma ordem ao motorista.

— Drei Alpenhäuser. *Schnell*! — E virou-se para Marie St. Jacques. — Vamos testar aquele homem diante do que ele disse. A sua incoerência foi bastante intencional; ele sabe muito mais do que disse à mesa.

— Incoerência... — Ela disse a palavra devagar, lembrando-se do próprio uso que fizera dela. — Steppdeck... Steppdeckstrasse. Vidraças quebradas, quartos...

— O quê?

— Uma pensão na Steppdeckstrasse. Foi isso o que ele disse. Tudo aconteceu muito rápido, mas ele disse isto. E logo antes de eu ter fugido do carro, repetiu esta palavra. Steppdeckstrasse.

E O motorista falou. — *Ich kenne diese Strasse. Früher gab es Textilfabriken da.*

— Não entendo — disse Marie St. Jacques.

— É uma parte abandonada da cidade sobre a qual não dispomos de muitas referências — respondeu o policial. — São oficinas de velhas fábricas têxteis. Um refúgio para os menos afortunados... e outros. *Los*! — ordenou.

E puseram-se a caminho.

8

Um ruído! Um ruído do lado de fora do quarto. Parecia um estalido, uma nota aguda; um som penetrante, que depois foi diminuindo, ficando distante. Bourne abriu os olhos.

A escada! A escada daquele corredor imundo do lado de fora do quarto! Alguém começara a subir os degraus e parara, tomando consciência do barulho que seu peso fazia sobre a madeira rachada e empenada. Um hóspede da pensão da Steppdeckstrasse não teria tais cuidados.

Silêncio.

Craque. Mais próximo agora. Quem quer que fosse, aceitara o risco. O tempo talvez fosse mais urgente do que o risco, e a velocidade lhe dava cobertura. Jason rolou para fora da cama, agarrou a arma que estava perto da sua cabeça e se jogou contra a parede perto da porta. Curvou-se e ficou ouvindo os passos — era um homem — do homem correndo, não mais preocupado com o barulho que fazia, querendo apenas chegar ao seu destino. Bourne não tinha dúvida alguma do que se tratava: tinha certeza.

A porta se abriu repentinamente. Empurrou-a de volta, depois jogou todo o seu peso contra a madeira, prendendo o intruso no batente da porta, enquanto lhe esmurrava o estômago, o peito e o braço, preso entre o vão da porta e a parede. Depois, puxou a porta de volta, levantou a perna e enfiou o dedo do pé direito na garganta do homem, que caíra ao chão. Então abaixou-se e segurou com a mão esquerda a cabeleira loura, puxando o corpo para dentro do quarto. A mão do homem soltou-se, mole e lassa, a arma desprendeu-se e caiu. Era um revólver de cano longo com um silenciador.

Jason fechou a porta e ficou em silêncio, tentando ouvir mais algum barulho. Nada. Olhou para o homem, que estava desacordado Seria ladrão? Assassino? O que seria?

Seria um policial? Ou o administrador da pensão, que decidira ignorar o código da Steppdeckstrasse, resolvera ganhar o prêmio que estava sendo oferecido por sua cabeça? Bourne virou o corpo do intruso e tirou-lhe a carteira. Sua segunda natureza fez com que retirasse o dinheiro da carteira, mesmo sabendo que era ridículo fazer tal coisa, pois tinha consigo uma pequena fortuna. Examinou os vários cartões, a carteira de motorista e sorriu. Mas o sorriso desapareceu imediatamente. Não havia nada engraçado: os nomes que estavam nos cartões eram todos diferentes assim como o nome que constava na carteira. Portanto, não era um policial. Era um profissional contratado para matar um homem ferido na Steppdeckstrasse. Alguém o pagara. Quem? Quem poderia saber que ele estava lá?

A mulher? Teria ele mencionado a Steppdeckstrasse quando vira aquela fileira de casas, à procura do número 37? Não, não fora ela. Ele possivelmente dissera alguma coisa, mas ela não teria entendido nada. E se tivesse, não seria um profissional que apareceria; ao contrário, os arredores da pensão estariam cercados pela polícia.

A imagem de um homem gordo transpirando sobre a mesa lhe veio à cabeça. Aquele mesmo homem, enquanto enxugava o suor dos lábios grossos, falara sobre a coragem de uma insignificante ovelha — quem sobrevivera? Seria isso um exemplo da sua técnica de sobrevivência? Será que sabia da Steppdeckstrasse? Conhecia os hábitos do seu freguês, cuja visão o aterrorizava? Será que *viera* até esta casa imunda e deixara um envelope?

Jason pôs a mão na testa e fechou os olhos. *Por que não posso me lembrar? Quando esta névoa desaparecerá? Será que desaparecerá?*

Não se martirize...

Bourne abriu os olhos e fixou-os no homem louro. E quase imediatamente começou a gargalhar. Acabara de ser apresentado ao seu novo visto de saída de Zurique e, em vez de reconhecê-lo logo,

perdia tempo e se atormentava. Pôs a carteira no bolso, enfiando-a com força por trás da carteira do Marquês de Chamford, pegou a arma e colocou-a por dentro do cinto, depois, levou o homem inconsciente para cima da cama.

Um minuto depois o homem já estava amarrado ao colchão e amordaçado com um pedaço de lençol. Ficaria assim, onde estava, por algumas horas. E dali a algumas horas Jason estaria fora de Zurique, por cortesia do suado gordo.

Dormira com as roupas do corpo. Não tinha nada para levar senão o sobretudo. Vestiu-o e testou a perna; um pouco tarde, pensou. No calor daqueles minutos anteriores, esquecera-se da dor. Mas ela persistia, e ele continuava a mancar; mas nada disso o imobilizava. Já o ombro não estava em boa forma, Uma paralisia lenta começava a se espalhar — tinha que procurar um médico. A cabeça... Não queria pensar na cabeça!

No corredor pouco iluminado, depois de fechar a porta, ficou imóvel, ouvindo. De cima vinha o barulho de uma risada. Encostou as costas contra a parede, de arma em punho. A risada desapareceu; era uma gargalhada de bêbado — incoerente e sem propósito.

Em seguida, foi mancando até a escada, segurou-se no corrimão e começou a descer. Estava no terceiro andar de um prédio de quatro andares. Insistira que queria um quarto bem no alto, logo que *andar alto* lhe aparecem na mente instintivamente. Por que lhe aparecera esta frase? O que significava, nesta situação, alugar um quarto imundo por uma noite? Um santuário?

Chega!

Segundo andar. Cada passo dado fora acompanhado dos rangidos da escada de madeira. Se o administrador saísse agora do seu apartamento no andar térreo para satisfazer a curiosidade de saber quem estava descendo — bem, seria a ultima coisa que faria, pois ele o deixaria desacordado por muitas horas.

Um barulhos Um rangido. Como um roçar de fazenda macia contra a madeira áspera. Fazenda contra madeira. Alguém estava escondido no pequeno prolongamento do corredor, entre o fim de um lance de escada e o começo de outro. Sem quebrar o ritmo do andar, olhou para o escuro. Havia três portas em reentrância na parede da direita, como no andar de cima. Em uma delas...

Deu um passo, aproximando-se. Não era na primeira, estava fechada. E também não seria na última. A parede que cercava o corredor formava um cul-de-sac, não havia nenhum quarto onde pudesse entrar. Devia estar na segunda porta. Sim, na segunda porta. Um homem podia sair de lá de repente, jogando-se para a direita ou para a esquerda, ou podia até mesmo atirar-se de ombros contra uma vítima insuspeita, jogando-a por sobre o corrimão lá para baixo.

Bourne virou-se para a direita, passando o revólver para a mão esquerda. Tirou do cinto a arma com silenciador. Já bem próximo da porta, levantou a pistola automática em direção à escuridão, enquanto girava encostado à parede.

— Was ist?... — Um braço apareceu. Jason atirou uma vez, dilacerando a mão do homem. — Ahh! — O homem cambaleou, em choque, incapaz de apontar a arma. Bourne atirou outra vez, acertando-o na coxa. Ele rolou no chão, contorcendo-se e se encolhendo de dor. Jason deu um passo à frente e ajoelhou-se, o joelho em cima do tórax do homem, a arma apontada para a sua cabeça. Depois sussurrou.

— Há mais alguém lá embaixo?

— *Nein*! — disse o homem, estremecendo de dor. — *Zwei*... somos dois apenas. Fomos pagos.

— Por quem?

— Você sabe.

— Um homem chamado Carlos?

— Não vou responder a essa pergunta. Mate-me primeiro.

— Como sabia que eu estava aqui?

— Chernak.

— Ele está morto.

— Agora. Não ontem. Chegou uma mensagem de Zurique: que você estava vivo. Nós procuramos todos... Em todas as partes. Chernak sabia.

Bourne arriscou. — Você está mentindo! — E enfiou o revólver na garganta do homem. — Nunca contei a Chernak que estava na Steppdeckstrasse.

O homem estremeceu de novo, o pescoço contorcido. — Talvez nem precisasse. Aquele porco nazista tinha informantes em todos os cantos. Por que seria diferente com a Steppdeckstrasse? Ele podia descrevê-lo. Quem mais poderia?

— Um homem no Drei Alpenhäuser.

— Nunca ouvimos falar de tal homem.

— Quem é "nós"?

O homem engoliu, os lábios se esgarçaram em dor. — Homens de negócio... apenas negócio.

— E o serviço de vocês é matar.

— Como se você pudesse ter algo contra. Mas, *nein*. Você devia ser aprisionado, não morto.

— Onde?

— Seríamos avisados pelo rádio, no carro.

— Terrível — disse Jason positivamente. — Vocês não são apenas de segunda categoria, mas também acomodados. Onde está o carro?

— Lá fora. -

— Dê-me as chaves. — O rádio podia identificar.

O homem tentou resistir, empurrou o joelho de Bourne e começou a rolar em direção à parede. — Nein!

— Você não tem escolha. — Jason bateu com o cabo da pistola em seu crânio, O suíço desmaiou.

Bourne encontrou as chaves — havia três em um chaveiro de couro — E pôs o revólver dele em seu bolso. Era uma arma pequena, muito menor do que a que tinha em mãos, e sem silenciador, o que dava crédito ao que o homem dissera, que ele devia ser pego sem ser morto, O homem louro que ficara lá em cima fora o ponto de avanço e necessitava da proteção de uma arma com silenciador, se por acaso viesse a precisar usá-la. Mas qualquer tiro que pudesse ser ouvido trairia complicações. Este suíço do segundo andar era um apoio e devia usar a arma apenas como ameaça.

Mas então por que estava no segundo andar? Por que não seguira o colega e subira a escada. Alguma coisa parecia estranha, mas não havia tempo para pensar em táticas Havia um carro do lado de fora e ele estava com as chaves dele.

Nada podia ser desprezado. A terceira arma.

Levantou-se com esforço, sentindo dores, e achou o revólver que tomara do francês no elevador do Gemeinschaft Bank. Levantou a perna esquerda da calça e colocou a arma dentro do elástico da meia. Lá estaria segura.

Depois fez uma pausa para respirar e readquirir o controle e foi em direção à escada, sem levar em consideração a dor no ombro esquerdo, que estava mais forte e a paralisia, que se espalhava agora mais rapidamente. O comando do cérebro para os membros era menos claro. Pedia a Deus que ainda pudesse dirigir.

No quinto degrau parou de repente, pondo-se à escuta, tentando captar sons de tocaia, como os que ouvira antes. Nada. O homem ferido podia ter sido taticamente deficiente, mas dissera a verdade. Jason apressou-se em descer os degraus. Sairia de Zurique — de alguma forma — e encontraria um médico em algum lugar.

Avistou o carro facilmente. Era diferente dos outros automóveis sujos e velhos que estavam na rua.

Um sedã comprido e muito bem-cuidado. Pôde distinguir a saliência da base de uma antena que saía do teto. Andou até o carro, passou a mão pelo painel e pelo pára-lama esquerdo — não havia nenhum alarme instalado.

Abriu a porta, ainda prendendo a respiração — podia estar errado quanto ao alarme. Mas não estava. Depois entrou, sentou-se em uma posição bem cômoda por trás do volante e ficou agradecido pelo fato de o carro ser automático. A arma com silenciador, que colocara na cintura, o atrapalhava um pouco. Colocou-a no assento ao lado, depois tentou, com a mesma chave com que abrira a porta, dar partida no motor. Mas não era a chave certa.

Tentou a outra, que também não entrou no contato. Devia ser a chave do tanque, pensou. A chave certa devia ser a terceira.

Seria mesmo? Continuou tentando. Nenhuma cabia na abertura. A chave não entrava. Tentou novamente a segunda — não entrava. Depois a primeira. Nada. Nenhuma das chaves cabia na ignição. Ou será que o comando do cérebro para os membros e para os dedos estava truncado? Talvez a coordenação estivesse ruim. Desgraça! Tentar de novo!

Uma luz potente acendeu-se à sua esquerda, queimando-lhe os olhos, cegando-o. Agarrou a arma, mas um segundo facho de luz surgiu da direita, a porta do carro foi aberta de repente e uma luz forte iluminou a sua mão, enquanto outra mão tirava a arma do assento.

— Saia! — A ordem veio da sua esquerda. O cano de um revólver foi encostado ao seu pescoço.

Saiu; os olhos tinham mil pontos de cintilação, faiscavam. Logo que a visão lhe foi voltando lentamente, a primeira coisa que viu foi o contorno de dois círculos. Dois círculos dourados: os óculos do assassino que o caçara durante toda a noite! O homem falou:

— Dizem as leis da física que a cada ação corresponde uma reação oposta e equivalente. O comportamento de certos homens em determinadas condições é igualmente previsível. Para um homem como você, alguém tem que montar um esquema de desafio, cada combatente tem que saber o que fazer quando cai. E se não cair, então você é preso. Se cair, você é desviado, embalado em uma falsa esperança de estar progredindo, escapando.

— É uma alta escala de riscos — disse Jason. — Para os que estão no desafio.

— Foram bem pagos. E tem mais uma coisa — sem garantia, é claro, mas ainda assim com *uma* garantia. O enigmático Bourne. não mata indiscriminadamente. Não por compaixão, naturalmente, mas por uma razão muito mais prática. Os homens nunca se esquecem quando são poupados. Assim, ele se infiltra nos exércitos dos outros. Refinadas táticas de guerrilha aplicadas a um campo de batalha muito sofisticado. Dou-lhe os parabéns.

— Você é um asno! — Foi tudo o que Jason pôde pensar em dizer. — Mas os seus dois homens estão vivos, se é isso que deseja saber.

Uma outra figura apareceu, vinda da escuridão do edifício, ao lado de um homem baixo e atarracado. Era a mulher! Era Marie St. Jacques.

— É ele — disse ela baixinho, o olhar firme.

— Oh, meu Deus... — Bourne balançou a cabeça em descrença. — Como conseguiu isso, doutora? — ele lhe perguntou, levantando a voz. — Alguém estava vigiando o meu quarto no Carillon? A cena do elevador foi marcada para o momento certo? Você é bastante convincente. E eu que pensei que você estava querendo apenas achar um carro de polícia!...

— Da forma como aconteceu nem foi preciso — ela respondeu. — Eles são da policia.

Jason olhou para o assassino à sua frente; o homem ajeitava os óculos dourados. — Dou-lhe os parabéns! — disse ele.

— Um talento menor — respondeu o assassino. — As condições foram propícias, foi você mesmo quem as criou.

— O que vai acontecer agora? O homem lá em cima disse que eu devia ser preso sem ser morto.

— Você se esqueceu. Ele sabia o que devia dizer. Foi tudo planejado. — O suíço fez uma pausa. — Então é assim que você é. Muitos de nós ficamos imaginando como seria, durante estes últimos dois ou três anos. Quanta especulação foi feita! Quantas contradições! Ele é alto, sabe? Não, é de altura média. É louro, não, tem cabelos bem escuros. Olhos azuis claros, é claro; não, é quase certo que são castanhos. Seus traços são finos; não, são bem comuns até, é impossível distingui-lo em uma multidão. Mas nada era comum; tudo era extraordinário quando se falava de você.

Os seus traços mais pronunciados foram suavizados, a sua característica facial foi abrandada. Mude a cor dos seus cabelos, e seu rosto ficará mudado... Alguns tipos de lentes de contato são criadas para mudar apenas a cor dos olhos... Use óculos e já é outro homem. Para vistos, passaporte... muito próprio para mudanças.

Era esse o perfil. Tudo se encaixava. Não tinha todas as respostas, mas já tinha mais do que a verdade que gostaria de ouvir.

— Gostaria de acabar logo com tudo isso — disse Marie St. Jacques, dando um passo à frente. — Assinarei tudo o que for preciso — no escritório de vocês, é claro. Assim suponho. Mas depois tenho que voltar ao hotel. Nem preciso lhes contar o que passei esta noite.

O suíço lançou um olhar para ela por trás daqueles óculos de armação dourada. O homem atarracado, que a trouxera lá do escuro, segurou-lhe o braço. Ela olhou assustada para os dois, e depois para a mão que a segurava..

E depois olhou para Bourne. Sua respiração parou por um momento quando percebeu o que estava acontecendo. Uma terrível constatação! Arregalou os olhos.

— Deixe-a ir — disse Jason. — Ela está a caminho do Canadá. Vocês nunca mais a verão.

— Seja prático, Bourne. Ela *nos* viu. Nós somos profissionais; existem as regras. — O homem agitou o revólver debaixo do rosto de Jason, depois encostou o cano na sua garganta. Correu a mão esquerda pela roupa da vítima, encontrou o revólver no seu bolso e o tirou. — Já pensei — disse ele, e virou-se para o homem atarracado. — Leve-a no outro carro. Para o Limmat.

Bourne gelou. Marie St. Jacques devia ser morta, o corpo jogado às águas do Rio Limmat.

— Espere um pouco! — Jason deu um passo à frente. O revólver foi empurrado contra o seu pescoço, forçando-o a retroceder até encostar no carro. — Você está sendo estúpido! Ela trabalha para o governo canadense. Eles vão dar busca por toda Zurique.

— E por que se preocupa? Você não estará mais aqui.

— Porque é uma perda! — gritou Bourne. — Somos profissionais, lembra-se?

— Você me chateia. — O assassino virou-se para o homem atarracado. — *Geh! Schnell. Guisan Quai!*

— Berre o quanto puder! — gritou Jason. — Comece a gritar! Não pare! Não pare!

Ela tentou, mas o grito logo foi cortado por uma pancada na garganta, que lhe paralisou as cordas vocais. Ela caiu. O seu futuro carrasco levou-a para um pequeno sedã preto, indescritível.

— Que estúpido! — disse o assassino, olhando para Bourne através das lentes com armação dourada. — Você apenas apressou o inevitável. E por outro lado, agora vai ser mais simples. Posso deixar um homem para atender os nossos feridos. É tudo tão militar, não é? É realmente um campo de batalha. — Virou-se para o homem que estava com a lanterna — Dê o sinal para Johann entrar. Voltaremos para buscá-los.

A lanterna foi acendida e apagada duas vezes. Um quarto homem, o que abrira a porta do pequeno sedã para a mulher condenada, fez um sinal com a cabeça. Marie St. Jacques foi jogada no assento de trás do carro e a porta, fechada. O homem que se chamava Johann começou a subir os degraus e fez um sinal de cabeça para o executor.

Jason sentiu náuseas quando o motor do pequeno sedã acelerou e o carro arrancou para a frente,

saindo do meio-fio e descendo a Steppdeckstrasse. O pára-choque cromado do carro, todo retorcido, desapareceu no escuro ao longe. Dentro daquele carro estava uma mulher a quem ele nunca vira antes em toda a sua vida... Até três horas atrás. E ele a levara à morte. — Não lhe faltam soldados — disse ele.

— Se existisse uma centena de homens em quem eu pudesse acreditar, eu os pagaria generosamente. Como dizem, a reputação sempre vem antes.

— Suponhamos que eu lhe pague. Você estava no banco. Sabe que tenho fundos.

— Provavelmente milhões, mas eu não tocaria em uma nota sequer.

— Por quê? Está com medo?

— É mais certo. A riqueza é relativa ao tempo em que uma pessoa tem para gozá-la. Eu não teria nem cinco minutos. — O assassino virou-se para o subordinado. — Ponha-o lá dentro. Amarre-o, Quero fotografias dele nu — antes e depois de nos deixar. Vocês vão encontrar uma grande quantidade de dinheiro junto com ele; deixem onde está. Eu dirijo. — E olhou novamente para Bourne. — Carlos vai ganhar a primeira cópia. E não tenho dúvida de que poderei vender as outras cópias com bastante lucro no mercado livre. As revistas pagam um bom preço.

— E por que Carlos iria acreditar em você? Por que alguém deve acreditar em você? Você mesmo já disse: ninguém sabe como eu sou.

— Terei cobertura — disse o suíço. — O suficiente para este dia. Dois banqueiros de Zurique se adiantarão em identificá-lo como Jason Bourne. O mesmo Jason Bourne que se deparou com os padrões excessivamente rígidos mantidos pela lei suíça para a movimentação de uma conta numerada. Isso será o bastante. — Ele disse ao atirador. — Depressa! Ainda tenho que enviar uns telegramas. E dinheiro para receber.

Imediatamente um braço foi passado em volta do outro de Jason, apertando-lhe a garganta. O cano de um revólver foi empurrado contra a sua espinha; a dor se espalhou por todo o peito, enquanto era carregado para dentro do carro. O homem que o segurava era um profissional; mesmo se não estivesse ferido seria impossível quebrar aquele grilhão. A habilidade do atirador, no entanto, não satisfazia o líder de óculos daquela caça. Entrou no carro, pondo-se na direção, e deu nova ordem.

— Quebre-lhe os dedos — disse.

O fecho do braço quase sufocou Jason, enquanto o cabo do revólver batia-lhe repetidamente sobre a mão — *mãos*. Instintivamente, Bourne pusera a mão direita sobre a esquerda, protegendo-a. Logo que o sangue começou a jorrar das costas da mão esquerda, ele mexeu os dedos, deixando que o sangue cobrisse também a mão direita. E sufocou os gritos. Quando o gancho no pescoço ficou um pouco mais solto, gritou.

— Minhas mãos! Estão quebradas!

— *Gut*!

Mas não estavam. A esquerda estava bem machucada, a ponto de não poder ser, usada, mas não a direita. No escuro, movimentou os dedos. A mão estava intacta.

O carro ganhou velocidade na Steppdeckstrasse, depois virou numa rua e foi em direção ao Sul. Jason caiu sobre o assento, arquejando. O atirador começou a rasgar-lhe as roupas, arrancando a camisa e procurando tirar o cinto. Em poucos segundos a parte de cima do seu corpo estaria nua. Passaporte, papéis, cartões e dinheiro seriam perdidos, todas as possibilidades de fugir de Zurique estariam sendo tiradas dele. Era agora ou nunca. Gritou.

— Minha *perna*! Miserável! — Jogou-se para a frente; a mão direita rapidamente no escuro por baixo da calça, até sentir o cabo da pistola automática.

— *Nein*! — rosnou o profissional da frente. — Segure-o! Vigie-o! Ele sabia, era conhecimento instintivo.

Mas era muito tarde, também. Bourne segurou a arma no chão, no escuro, enquanto o forte soldado o segurava de novo. Caiu com a pancada, o revólver estava agora na altura da cintura, apontado

diretamente para o peito do atacante.

Atirou duas vezes. O homem caiu para trás. Jason atirou mais uma vez, a pontaria segura: o coração fora perfurado. O homem caiu sobre o assento.

— Largue-a! — exclamou Bourne, passando o revólver por cima do assento arredondado da frente e encostando o cano da arma na base do crânio do motorista. — Deixe-a cair!

Com a respiração difícil, o matador deixou a arma cair. — Podemos conversar — disse, segurando firmemente o volante. — Somos profissionais. Podemos conversar. — O imenso automóvel corria, ganhando velocidade, enquanto o motorista pisava mais ainda o acelerador.

— Reduza!

— Qual é a sua resposta? — O carro acelerava mais. À frente estavam os faróis do tráfego intenso; eles estavam deixando o distrito de Steppdeckstrasse e entrando nas ruas mais movimentadas da cidade. — Você quer sair de Zurique, posso levá-lo. Sem mim, você não pode. Tudo que tenho a fazer é girar o volante e jogar o carro contra a calçada. Nada tenho a perder, *Herr* Bourne. Há policiais por todos os lados lá na frente, e creio que você não quer se encontrar com a policia.

— Nós conversaremos — mentiu Jason. Tudo era uma questão de tempo, frações de segundo eram muito importante. Agora, os dois estavam em um cerco veloz, que em si mesmo já era uma armadilha. Nenhum dos dois era digno de crédito; ambos sabiam muito bem disso. Um teria que usar aquela fração extra de segundo que o outro iria perder. Eram profissionais. — Aperte os freios — disse Bourne.

— Ponha a sua arma no assento ao meu lado.

Jason soltou a arma, que caiu em cima da arma do assassino, o barulho do metal pesado à prova de contato. — Feito.

O assassino tirou o pé do acelerador e colocou-o no freio. Fez uma pressão leve primeiro, depois em curtas estocadas, enquanto o imenso automóvel se jogava para a frente e para trás. As cutucadas no pedal começaram a ficar mais rápidas. Bourne entendeu. Fazia parte da estratégia do motorista: o equilíbrio era um fator de vida e morte.

O ponteiro do velocímetro girou para a esquerda: 30 quilômetros, 18 quilômetros, 9 quilômetros. Quase pararam. Era o momento exato para usar aquele meio segundo extra: o equilíbrio era um fator importante, a vida por um fio.

Jason segurou o homem pela nuca, agarrou-lhe o pescoço e sacudiu-o para fora do assento. Depois levantou a mão esquerda, que ainda sangrava, e a estendeu para a frente, lambuzando os olhos do assassino. Soltou o seu pescoço, enquanto aproximava a mão direita das armas que estavam sobre o assento. Bourne conseguiu apanhar uma das armas e empurrar a mão do assassino para fora do assento. O homem gritou, a visão toda manchada e a arma fora do alcance. Jason jogou-se contra o peito do homem, esmagando-o contra a porta e dando uma estocada com o cotovelo esquerdo em sua garganta, ao mesmo tempo em que segurava o volante com a palma da mão ensangüentada. Depois, girou o volante para a direita, jogando o carro contra uma pirâmide de lixo que estava sobre a calçada.

O automóvel abriu caminho por entre o monte de entulho — era como um imenso inseto sonâmbulo rastejando sobre o lixo; a aparência escondia a violência dentro de sua casca.

O homem debaixo dele deu um empurrão para cima e rolou no assento. Bourne segurou a automática na mão, os dedos tentando cravar-se no espaço do gatilho. Abaixou o pulso e atirou.

O seu quase executor caiu, com um buraco vermelho-escuro na testa.

Na rua, os homens correram em direção ao que parecia ser um perigoso acidente. Jason jogou o corpo morto no assento ao lado e pôs-se atrás do volante. Engrenou a ré e o sedã andou um pouco desajeitadamente, saindo do entulho, descendo a calçada e saindo para a rua. Depois baixou o vidro da janela e gritou para os que estavam querendo ajudar no salvamento e se aproximavam,

— Sinto muito! Tudo está bem. Apenas uma bebedeira.

O pequeno grupo de cidadãos consternados dispersou-se rapidamente, alguns faziam gestos de

admoestações, outros corriam de volta para os seus acompanhantes e companheiros. Bourne respirou profundamente, tentando controlar o involuntário tremor que lhe percorria todo o corpo. Engatou a marcha e o carro foi em frente. Tentava ver as ruas de Zurique com o que ainda tinha na memória, mas era uma memória que não lhe servia para nada.

Sabia vagamente onde estava — onde estivera — e, mais importante ainda, sabia com mais clareza onde ficava o Guisan Quai, ao lado do Rio Limmat.

Geh! Schnell! Guisan Quai!

Marie St. Jacques seria morta no Guisan Quai, seu corpo jogado no rio. Só havia uma faixa onde o Guisan e o Limmat se encontravam: ficava na boca do Lago de Zurique, no início da praia do lado Oeste. Em algum lugar, em um estacionamento vazio ou em um terreno deserto, de frente para a água, um homem baixo e atarracado estava pronto para levar a cabo uma ordem de execução; uma ordem que lhe fora dada por um homem morto. Talvez por esta hora a arma já tivesse sido acionada, ou uma faca tivesse sido cravada no alvo certo. Não havia como saber, embora Jason soubesse que precisava descobrir. Seja lá quem fosse ele, ou o que fosse... Não fugiria assim, cegamente.

Seu lado mais profissional, no entanto, dizia-lhe para desviar e entrar na escura e larga passagem à sua frente. Havia dois homens mortos dentro do carro e eles eram um risco e um peso que não podiam ser tolerados. Os preciosos segundos que ia gastar para livrar-se deles poderiam evitar no entanto o perigo que representavam se um guarda de trânsito, por acaso, olhasse para dentro do carro e lá pudesse entrever a morte.

Fez a conta aproximada de vinte e dois segundos. Levou menos de um minuto para tirar do carro os seus quase executores. Antes de voltar a entrar no carro, ainda mancando, olhou-os por um momento. Estavam encolhidos de forma obscena, um junto ao outro, encostados em uma imunda parede de tijolos. No escuro.

Entrou no carro, pôs-se atrás da direção e deu a ré para sair da passagem.

Geh! Schneil! Guisan Quai!

9

Jason chegou a um cruzamento. O sinal estava vermelho. Luzes. À sua esquerda, alguns quarteirões para o Leste, podia distinguir algumas luzes contra o céu noturno. Uma ponte! O rio Limmat! O sinal ficou verde e ele virou o sedã para a esquerda.

Estava de volta à Bahnhofstrasse. O cais começava logo em frente. A avenida larga fazia uma curva em volta das águas: as margens do rio e a frente do lago se encontravam. Momentos depois, à sua esquerda, delineava-se o contorno de um parque, no verão, refúgio de vagabundos. Agora estava escuro, não havia turistas nem habitantes de Zurique. Passou por uma entrada de veículos. Uma pesada corrente, suspensa entre dois postes de pedra, impedia a entrada. Passou por uma segunda entrada, outra corrente proibindo o acesso ao parque. Mas esta era diferente. Tinha alguma coisa diferente, estranha. Parou o carro e olhou mais de perto, pegando a lanterna que estava no assento ao lado, a lanterna que tirara dos seus quase executores. O quê? O que era diferente?

Não era a corrente. Era *embaixo* da corrente, na calçada branca, mantida impecável pelo pessoal da limpeza. Havia marcas de pneu no chão. Era estranho que tivesse alguma marca naquela limpeza toda. No verão, nem teriam sido notadas, mas agora sim. Era como se a imundície da tivesse viajado até ali.

Bourne apagou a lanterna e deixou-a sobre o assento. A dor da mão esquerda, que fora golpeada, de repente se confundiu com a lenta agonia do ombro esquerdo e do braço. Tinha que cortar toda a dor da mente, estancar o sangramento da melhor forma possível. A camisa fora rasgada; rasgou-a mais um pouco e arrancou uma tira de pano. Depois amarrou-a em volta da mão esquerda usando os dentes para dar um nó na tira. E já estava pronto, como sempre.

Pegou a arma — a arma do seu quase executor — e examinou o pente de balas: estava cheio. Esperou um pouco até que dois carros passassem, apagou os faróis e fez uma curva em forma de U, estacionando bem perto da corrente. Saiu do carro, testou a perna na calçada e andou com cuidado até o poste onde estava amarrada a corrente. Levantou o gancho do círculo de ferro que saía da pedra, abaixou a corrente, cuidando para não fazer barulho, e voltou para o carro.

Depois engrenou a marcha e encostou o pé no acelerador, de leve, e retirou-o. Estava circulando por uma larga área escura, que ficara ainda mais escura depois que saíra da entrada branca e entrara por uma meia de asfalto. Mais adiante, a umas duzentas jardas de distância, ficava a linha reta e escura do paredão marítimo. Um paredão que não continha o mar, mas as correntes do Limmat, que se encontravam com as águas do Lago de Zurique. Mais ao longe, dava para divisar as luzes dos barcos, balouçando em grande esplendor. E mais além ainda estavam as luzes da Velha Cidade. As luzes enevoadas dos holofotes dos píeres escurecidos. Os olhos de Jason acolhiam a tudo, pois a distância era o seu pano de fundo; estava à procura de formas e contornos.

Para a direita. A *direita*. Apareceu um contorno mais escuro ainda do que o paredão, uma intromissão preta sobre um preto de menor intensidade, menos preto — estava escuro, quase impossível de discernir. Mas lá estava. Cem jardas à frente... noventa... oitenta e cinco... Desligou o motor e parou o carro. Ficou sentado sem se mexer, imóvel perto da janela aberta, espiando a escuridão, tentando enxergar melhor. O barulho do vento que vinha das águas devia ter encoberto qualquer ruído do carro.

Ruídos. Um grito. Baixo, abafado na garganta... De medo. Depois, som de uma bofetada, agudo, depois outro, e outro mais. Um começo de grito, que foi abafado, engolido, ecoando no silêncio.

Bourne saiu do carro em silêncio, O revólver na mão direita, a lanterna desajeitadamente presa nos dedos ensangüentados da mão esquerda, caminhou em direção àquela forma indistinta e escura. A cada

passo que dava, mancando, fazia um exame silencioso daquela mancha.

O que viu era igual ao que vira por último, quando o pequeno sedã desaparecera nas sombras da Steppdeckstrasse. O brilhante metal cromado do pára-choque amassado reluzia agora sob as luzes noturnas.

Quatro bofetadas em sucessão rápida. Carne contra carne, socos dados freneticamente e recebidos com abafados gritos de terror. Depois dos gritos, respirações convulsas e movimentos. Movimento dentro do carro!

Jason se agachou o mais que pôde e deu a volta no carro, com cuidado, indo até a janela traseira do lado direito. Depois foi se levantando devagar e de repente, usando a voz como arma de choque, gritou, e ao mesmo tempo acendeu a poderosa lanterna.

— Não se mexa ou atiro!

O que viu lá dentro deixou-o revoltado e furioso. Marie St. Jacques estava com as roupas todas rasgadas, retalhadas em tiras. O corpo quase nu estava preso naquelas mãos em garra, que lhe amassavam os seios e abriam as pernas. O órgão protuberante e intumescido do homem que devia ser o seu executor estava à vista, fora da calça. Infligia-lhe a última indignidade antes de executar a sentença de morte.

— *Saia,* seu *filho da puta*!

Uma explosão de cacos de vidro. O homem que violentava Marie St. Jacques percebeu o óbvio. Bourne não podia atirar, tinha medo de acertar a mulher; ele a fizera rolar e arrebentara com o salto do sapato a janela do carro, O vidro estilhaçou-se. Alguns fragmentos finos cobriram o rosto de Jason. Este fechou os olhos e se afastou, mancando, para evitar a chuva de cacos de vidro.

A porta se abriu uma fagulha de luz acompanhou a explosão. Um calor, uma dor quente se espalhou pelo lado direito de Bourne. O tecido do seu casaco fora arrebentado; o sangue recobria o que restava de sua camisa. Apertou o gatilho. Enxergava vagamente a figura que rolara ao chão. Atirou de novo, a bala raspou a superfície do asfalto. O executor rolara e saíra de sua vista, entrando na escuridão da noite.

Jason sabia que não podia ficar onde estava, seria aprontar a sua própria execução. Apressou-se puxando a perna, até a frente da porta aberta.

— Fique aí dentro! — gritou para Marie St. Jacques.

A mulher começara a se mexer, em pânico. — Diabo! Fique aí dentro!

Um tiro. A bala se cravou no metal da porta. Uma silhueta correu por cima do paredão. Bourne deu dois tiros e sentiu-se grato por ter ouvido um gemido na distância. Ele o ferira, mas não o matara. De qualquer forma, o executor não funcionaria tão bem quanto há alguns segundos.

Luzes. Luzes fracas... quadradas. Quadrados iluminados. O que era? O que seriam? Olhou para a esquerda e viu o que antes não enxergara, Uma pequena estrutura de tijolos, uma espécie de habitação junto ao paredão. As luzes foram acesas lá dentro. Devia ser um posto de vigia; quem estava lá dentro com certeza ouvira os tiros.

— *Was ist los? Wer ist da?* A voz vinha do vulto de um homem — um homem arcado, velho —, que estava parado na porta iluminada. Em seguida, o facho de uma luz de lanterna dançou pela escuridão. Bourne seguiu-lhe o rastro com os olhos, esperando que aquela luz pudesse iluminar o executor.

E iluminou. Ele estava agachado contra o muro. Jason se levantou e atirou. Ao ouvir o tiro, o homem moveu a lanterna em sua direção. Ele era agora o alvo. Dois tiros vieram da escuridão, uma bala ricocheteou em uma tira de metal da janela. O aço abriu-lhe o pescoço. O sangue jorrou.

Alguém correu. O executor corria em direção à luz.

— *Nein*!

Estava na casa. O vulto que estava na porta foi agarrado por um braço que era tanto a sua coleira

quanto a sua jaula. A luz se apagou. Contra a luz das janelas, Jason podia ver o assassino empurrando o vigia para fora, usando o velho como proteção levando-o para a escuridão.

Bourne ficou olhando até não enxergar mais nada. Depois levantou a arma por cima da capota do carro. Estava completamente exangue, o corpo esgotado.

Ouviu-se um último tiro, seguido de um grito gutural e, mais uma vez, passos em corrida. O assassino executara a sua sentença de morte, e não fora com a mulher que fora condenada, mas com o velho. E agora corria, fugia.

Bourne não podia mais correr. A dor por fim o imobilizara. A vista estava embaralhada, o instinto de sobrevivência completamente exaurido. Abaixou-se e sentou-se no chão. Mais nada, não havia mais nada. Não se importava com mais nada.

O que quer que ele fosse, não importava. Não tinha importância.

A mulher, a Dra. St. Jacques, rastejou para fora do carro, segurando suas roupas; cada movimento era feito em pânico. Olhou para Jason. Descrença, horror e confusão apareciam-lhe nos olhos.

— Vá embora — sussurrou ele na esperança de que ela pudesse ouvi-lo. — Há um carro lá atrás, as chaves estão dentro. Saia daqui. Ele pode trazer outros homens, não sei.

— Você veio à minha procura — disse ela. Sua voz saía de um túnel de espanto.

— Sala! Entre naquele carro e sala correndo daqui, doutora. E se alguém tentar lhe parar desta vez, passe por cima. Procure a polícia... policiais de verdade, com uniformes, sua tola! — Sentia a garganta ardendo, o estômago frio, gelado. Fogo e gelo. Já sentira aquilo antes. Os dois. Onde foi?

— Você salvou a minha vida — continuou ela num tom baixo, as palavras flutuando no ar. — Você veio à minha procura. Você voltou por minha causa e salvou... a minha... vida.

— Não transforme isso no que não é. *Você é acidental, doutora. Você é apenas um reflexo, um instinto nascido de memórias perdidos, condutos elétricos que foram excitados pelo cansaço, Vê, conheço os nomes... Não me importo mais. Estou ferido... Oh, meu Deus, estou ferido.*

— Você estava livre. Podia ter ido embora, mas não foi. Voltou para me buscar.

Ouviu-a através das ondas de dor. Viu-a e o que viu era irrazoável — tão irrazoável quanto a dor. Ela estava ajoelhada ao seu lado, tocando-lhe o rosto *Pare! Não toque a minha cabeça. Deixe-me.*

— Por que fez isso? — Era a voz dela, não dele.

Ela lhe fazia uma pergunta. Será que não podia entender? Ele não podia responder.

O que estava fazendo agora? Ela rasgara um pedaço de tecido e o passava em torno do seu pescoço... E mais um pedaço agora, um pouco mais largo, um pedaço do vestido. Ela abriu o seu cinto e empurrou o pano macio em direção à pele quente do seu quadril direito.

— Não foi por *você*. — Ele encontrou as palavras e as usou rapidamente. Queria a paz da escuridão — como já desejara antes, embora não se lembrasse quando. Sabia que poderia encontrá-la se ela o deixasse. — Aquele homem... ele me viu. Pode me identificar. Era ele. Eu queria *ele*. Agora, vá embora!

— E pelo menos mais uma meia dúzia de homens pode identificá-lo — respondeu ela com um tom diferente na voz. — Não acredito em você.

— Acredite-me!

Ela agora estava de pé ao seu lado. E em seguida já não estava. Fora embora. Ela o deixara. Agora a paz poderia chegar rapidamente. Seria engolido pelas águas turbulentas e a dor seria lavada, desapareceria totalmente. Encostou-se no carro e deixou- se boiar nas correntes de sua mente.

Mas ouviu um barulho. Um motor trabalhando. Mas nem se importava; ele apenas interferia na liberdade de seu mar particular. Em seguida sentiu uma pressão no braço: era uma mão. Depois outra, gentilmente puxando-o para cima.

— Venha — disse a voz — ajude-me.

— Deixe-me. Largue-me! — gritou. Gritara mas não fora obedecido. Estava estarrecido. Toda

ordem devia ser obedecida. Mas nem sempre; alguma coisa lhe dizia isso. O vento voltara; não era um vento de Zurique, era um vento de qualquer outro lugar, em uma noite escura. E apareceu um sinal, um holofote ofuscante. E ele foi novamente jogado para cima, batido pelas furiosas correntes.

— Está tudo bem. Você está bem — disse aquela voz enlouquecedora, que não dava atenção às suas ordens. — Fique de pé. *Levante-se*!... Assim. Conseguiu. Agora, para dentro do carro. Vá se deitando... devagar. Assim.

Ele estava caindo... caindo no poço escuro do céu. Em seguida a queda parou, tudo parou, havia silêncio e quietude. Podia ouvir a própria respiração. E passos, agora. Podia ouvir passos... Uma porta se fechando e em seguida aquele barulho, aquele motor rolando embaixo dele, na sua frente, em algum lugar...

Movimento, estava se balançando em círculos. O balanço parou, ele caía novamente, depois parou de novo. Um outro corpo estava em cima do seu, uma mão o segurava, o abaixava. Seu rosto estava frio. Depois não sentiu mais nada. Estava sendo levado novamente pelas correntes, agora mais suaves. Escuridão total.

Havia vozes acima dele, na distância, mas não muito longe. Algumas formas vieram lentamente à visão, iluminadas pelas lâmpadas da cabeceira. Estava em uma sala ampla, sobre uma cama, uma cama estreita. Estava coberto. Do outro lado da sala estavam duas pessoas... Um homem vestido com um sobretudo e uma mulher... Uma mulher vestida com uma saia vermelho-escura e uma blusa branca. Vermelho-escuro. Os cabelos eram...

Era a Dra. St. Jacques? *Era* ela, em pé, perto de uma porta, conversando com um homem que segurava unta maleta de couro na mão esquerda. Falavam em francês.

— Sobretudo repouso — dizia o homem. — Se não me encontrar, qualquer pessoa pode tirar os pontos. Podem ser retirados daqui a uma semana, creio.

— Obrigado, doutor.

— Eu que lhe agradeço. Foi bastante generosa. Agora tenho que ir. Talvez ainda tenha notícias suas, talvez não.

O médico abriu a porta e saiu. Depois que se foi, a mulher abaixou-se a aferrolhou a porta, virou-se e viu que Bourne a olhava. Então caminhou devagar, com cautela, em direção à sua cama.

— Pode me ouvir? — perguntou ela.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Você está ferido — disse ela —, e bastante. Mas se ficar quieto não será necessário ir para um hospital. Este era um médico... é óbvio. Paguei a ele com o dinheiro que encontrei com você. Muito mais do que o usual, mas me disseram que podia confiar nele. Aliás, era idéia sua. Enquanto estávamos no carro, você repetia que tinha que encontrar um médico, um médico a quem você pudesse pagar para ficar em silêncio, sem contar nada. Não foi difícil.

— Onde estamos? — Ele podia ouvir a sua própria voz. Estava fraca, mas ainda assim podia ouvi-la.

— Em uma vila chamada Lenzburg, a cerca de vinte milhas de Zurique. O médico é de Wohlen. É uma cidade que fica perto daqui. Ele o verá daqui a uma semana, se você ainda estiver aqui.

— Como? — Tentou levantar-se mas faltou-lhe força. Ela tocou-lhe o ombro; era uma ordem para que ficasse deitado.

— Vou lhe dizer o que aconteceu. Talvez isso responda às suas perguntas. Pelo menos assim espero, porque se não responder, não tenho certeza de poder lhe responder mais nada. — Ela ficou imóvel, olhando-o, o tom de voz controlado. — Aquele animal estava me violentando — depois disso, ele tinha ordens de me matar. Teria sido impossível sobreviver. Na Steppdeckstrasse, você tentou detê-los, e quando não conseguiu disse-me para gritar, para gritar bem alto. Era tudo o que você podia fazer, e ao ter me dado este aviso você se arriscou a ser morto naquele momento. Mais tarde, libertou-se deles

de alguma forma — não sei como, sei que você saiu mortalmente ferido — e depois voltou para me procurar.

— A ele — interrompeu Jason. — Queria encontrá-lo.

— Você me disse isso. E só posso lhe dizer o que já disse antes. Não acredito em você. Não que você seja um mentiroso qualquer, mas porque isto não se encaixa com os fatos. Trabalho com estatísticas, senhor Washburn, ou senhor Bourne, seja lá qual for o seu nome. Respeito os dados observáveis e posso detectar qualquer incorreção. Sou treinada para isso. Dois homens entraram naquele prédio à sua procura e ouvi você dizer que os dois ainda estavam vivos. Eles também podiam identificá-lo. E há o dono do Drei Alpenhäuser, que também pode. Esses são os fatos, e você os conhece tão bem quanto eu. Não, você voltou para me procurar. Voltou e salvou a minha vida.

— Continue — disse ele. A voz ganhava força. — O que aconteceu?

— Tomei uma decisão. Foi a decisão mais difícil de toda a minha vida. Creio que uma pessoa só pode tomar uma decisão como esta se, depois que quase *perdeu* a vida por um ato de violência, sua vida é salva por alguém diferente. Decidi ajudá-lo. Apenas por uns tempos — por algumas horas, talvez —, mas vou ajudá-lo a sair daqui.

— Por que não procurou a policia?

— Quase fiz isso. E acho que nem posso lhe explicar por que não procurei a policia. Talvez tenha sido aquele estupro, não sei. Estou sendo honesta com você. Sempre me disseram que é a experiência mais horrível por que uma mulher pode passar. E agora acredito. E ouvi a raiva e... a revolta na sua própria voz quando você gritou com ele. Nunca vou me esquecer daquele momento enquanto viver, tanto quanto desejo esquecê-lo.

— E a polícia? — repetiu ele.

— O homem do Drei Alpenhäuser disse que a polícia estava à sua procura. Que um número de um telefone fora dado em Zurique. — Fez uma pausa. — Eu não podia entregá-lo à polícia. Não para eles. E não depois do que você fez.

— Mesmo sabendo quem sou? — perguntou ele.

— Sei apenas o que ouvi. E o que ouvi não corresponde ao homem ferido que voltou para me buscar e ofereceu a sua vida pela salvação da minha.

— Isso não é muito inteligente.

— É assim que sou, senhor Bourne. Presumo que seja Bourne, é como ele o chamou. *Muito* inteligente!

— Bati em você. Amedrontei-a, ameacei-a de morte.

— Se eu fosse você e alguns homens estivessem tentando *me* matar, acho que provavelmente teria feito o mesmo — se fosse capaz.

— Então você saiu de Zurique?

— Não de imediato. Esperei uma meia hora mais ou menos. Tinha que me acalmar, tomar uma decisão. Sou metódica.

— Começo a perceber isso.

— Estava um trapo, toda suja, precisava de roupas, passar uma escova no cabelo e me pintar. Não podia continuar como estava. Então achei uma cabine de telefone perto do rio. Não tinha ninguém por peno. Desci do carro e dei um telefonema para uma pessoa no hotel ...

— O francês? O belga? — interrompeu Jason.

— Não. Eles estiveram na conferência de Bertinelli, se me reconheceram no palco com você, creio que deram o meu nome para a policia. Chamei uma mulher que é membro da nossa delegação. Ela detesta Bertinelli e ficara no quarto. Já trabalhamos juntas há muitos anos e somos amigas. Disse-lhe que se ouvisse qualquer coisa a meu respeito, não desse atenção, eu estava perfeitamente bem. E de qualquer forma, se alguém perguntasse por mim, devia dizer que eu estava com um amigo, que ia passar a tarde

com ele — a noite, se insistissem. E que eu saíra da conferência de Bertinelli mais cedo.

— Metódica — disse Bourne.

— Sim. — Marie permitiu-se um sorriso. — Pedi-lhe que fosse até o meu quarto — o quarto dela fica perto do meu, e a camareira da noite sabe que somos amigas. Se ninguém estivesse lá, ela devia pôr algumas roupas e objetos de maquilagem em uma maleta e voltar para o quarto dela. Eu a chamaria em cinco minutos.

— E ela aceitou tudo ó que você disse?

— Já lhe disse, somos amigas. Ela sabia que eu estava bem, talvez um pouco excitada, mas bem. E sabia que eu queria que ela fizesse o que pedi. — Marie fez uma pausa novamente. — Provavelmente pensou que eu estivesse contando a verdade.

— Continue.

— Chamei-a novamente, e ela já estava com as minhas coisas.

— O que quer dizer que os outros dois delegados não deram o seu nome para a polícia. Senão o seu quarto estaria sendo vigiado, fechado.

— Não sei se deram ou não. Mas se deram a minha amiga provavelmente deve ter sido interrogada depois. E deve ter dito simplesmente o que lhe contei.

— Ela estava no Carillon, e você lá embaixo, perto do rio. Como conseguiu pegar as suas coisas?

— Foi muito simples. Um tanto deselegante, mas simples. Ela falou com a camareira da noite, dizendo-lhe que eu estava tentando evitar um homem que estava no hotel e que ia me encontrar com outro. Eu precisava das minhas roupas e será que ela poderia sugerir uma forma de entregar-me a maleta? Deixar em um carro... perto do rio. Um garçom que não estava de serviço me trouxe a maleta.

— Ele não ficou surpreso com a sua aparência?

— Ele não teve chance de ver nada. Abri o porta-malas, fiquei no carro e pedi que colocasse a maleta atrás. Eu deixara uma nota de dez francos no pneu sobressalente.

— Você não é metódica, é formidável.

— Metódica basta.

— Como encontrou o médico?

— Aqui mesmo. O *concierge*, não sei como é chamado aqui na Suíça. Lembre-se, eu o amarrei da melhor forma que pude, reduzi o sangramento tanto quanto pude. Como a maioria das pessoas, tenho uma noção básica de primeiros socorros. Isso quer dizer que tive que tirar toda a sua roupa. Achei o dinheiro e então entendi o que você queria dizer quando falava em chamar um médico a quem pudesse pagar. Você tem milhares e milhares de dólares; sei fazer as conversões de libra para dólar.

— Isso é apenas o começo.

— O quê?

— Não é nada, não. — Tentou levantar-se de novo. Era muito difícil. — Você não está com medo de mim? Com medo do que fez?

— É claro que sim. Mas sei o que você fez por mim.

— Você tem mais confiança do que eu teria se estivesse em tais circunstâncias.

— Então, talvez você não esteja assim tão consciente das circunstâncias. Você ainda está muito fraco e estou com a arma. Além disso, você está completamente sem roupa.

— Nenhuma?

— Nem mesmo cueca. Joguei tudo fora. Você ficaria muito engraçado correndo pelas ruas apenas com um cinto de plástico cheio de dinheiro na cintura.

Bourne riu, embora estivesse sentindo dores, lembrando-se de La Ciotat e do Marquês de Chamford. — Metódica — disse ele.

— Muito.

— O que vai acontecer agora?

— Anotei o nome do médico e paguei o quarto por uma semana. A partir de hoje, o *concierge* vai lhe trazer as refeições. Vou ficar aqui até o meio da semana. São quase seis horas, logo vai amanhecer. Depois vou voltar para o hotel para pegar o resto das minhas coisas, as passagens aéreas, e fazer o melhor possível para nada dizer sobre você.

— Suponhamos que você não possa? Que seja identificada?

— Nego tudo. Estava muito escuro e todo mundo em pânico...

— Agora não está sendo muito metódica. Pelo menos não tão metódica quanto a polícia de Zurique. Tenho uma forma melhor. Chame sua amiga e diga-lhe para fazer as suas malas e pagar a sua conta. Pegue quanto dinheiro quiser de mim e tome o primeiro avião para o Canadá. É mais fácil negar tudo isso de longa distância.

Ela olhou-o em silêncio, depois fez um sinal com a cabeça. — Isso é muito tentador.

— É bem lógico.

Ela continuou a olhar para ele por mais um instante, a tensão dentro dela crescia e se refletia em seus olhos. Depois virou-se e foi até a janela; e ficou olhando para os primeiros raios de sol da manhã. Ele olhou-a, sentindo a sua intensidade, conhecendo-lhe os caminhos, vendo seu rosto na luz pálida do amanhecer. Nada podia fazer. Ela devia fazer o que sentia, porque agora já estava livre do terror. Livre daquela terrível degradação que nenhum homem poderia realmente entender. Livre da morte. E ao fazer o que fizera, ela quebrara todas as regras. Ela olhou em sua direção, os olhos brilhando.

— Quem é você?

— Você ouviu o que disseram.

— Só sei o que vi! O que *senti*!

— Não tente justificar o que fez. Você apenas fez, só isso. Deixe estar.

Deixe estar. Oh, Deus, você podia ter-me deixado em paz. E teria havido paz. Mas agora você me devolveu parte da minha vida e tenho que lutar de novo, de novo começar a encarar tudo.

De repente ela estava aos pés da cama, com a arma na mão. Apontou-a para ele e a voz tremeu. — Devo desfazer tudo, então? Devo chamar a polícia e dizer-lhes para vir e prendê-lo?

— Poucas horas atrás eu teria dito vá em frente. Agora já não consigo.

— Então quem é você?

— Dizem que meu nome é Bourne, Jason Charles Bourne.

— O que significa isso: "dizem"?

Ele olhou firmemente para a arma, para o círculo escuro do cano. Nada restava senão a verdade — como ele a conhecia.

— O que significa? — repetiu ele. — Você sabe quase tudo que sei, doutora.

— O quê?

— E você tem que ouvir também. Talvez isso a faça sentir- se melhor. Ou pior, não sei. Mas tem que ser assim, porque não sei mais o que lhe dizer.

Ela abaixou a arma. — Dizer-me o quê?

— A minha vida começou há cinco meses em uma pequena ilha do Mediterrâneo chamada Île de Port Noir...

O sol já estava alto em cima das árvores que rodeavam a casa. Seus raios eram filtrados pelo galhos que balançavam ao vento e refletiam pelas janelas, manchando as paredes com formas irregulares de luz e sombra. Bourne recostou-se no travesseiro, exausto. Terminara de contar; não havia mais nada a dizer.

Marie estava sentada do outro lado da sala, em uma poltrona de couro, as pernas cruzadas por baixo da cadeira. Os cigarros e o revólver estavam sobre uma mesa à sua esquerda.. Ela se movimentara muito pouco, o olhar fixo em seu rosto; até mesmo quando fumava, seu . olhar nunca se desviava dele.

Era uma analista técnica, estava avaliando os dados, filtrando os fatos, como as árvores filtram a luz do sol.

— Você continuava a repetir — disse ela com suavidade, quase soletrando as palavras seguintes — "não sei e "quisera saber..." E tinha um olhar espantado; eu estava assustada. Eu lhe perguntava, o que é?. O que você vai fazer? E você dizia de novo: "Quisera saber." Meu Deus, o que você passou... O que está passando!

— Depois de tudo o que lhe fiz, ainda pode pensar no que acontece comigo?

— São duas linhas de ocorrência separadas — disse ela com ar ausente, franzindo a testa pensativa.

— Separadas...

— Relacionam-se na origem, mas se desenvolvem independentemente. Bobagens da economia... E depois, na Löwenstrasse, antes de irmos para o apartamento de Chernak, pedi-lhe para não me obrigar a ir com você. Eu estava certa de que se ouvisse mais alguma coisa você me mataria. Foi quando você disse a coisa mais estranha possível: "O que você ouviu não faz mais sentido para mim do que para você. Talvez até menos..." Pensei que você fosse louco.

— O que tenho é uma forma de insanidade mental. Uma pessoa mentalmente sã tem memória. Eu não tenho.

— Por que não me disse que Chernak tentou matá-lo?

— Não houve tempo, e achei que não fazia diferença.

— Naquele momento não fazia — para você. Para mim fazia.

— Por quê?

— Porque tinha esperança de que você não fosse atirar em ninguém que não tivesse tentado matá-lo primeiro.

— Mas ele tentou. Eu estava ferido.

— Eu não sabia disso, você não me disse.

— Não entendo.

Marie acendeu um cigarro. — É difícil explicar mas durante todo o tempo em que você me manteve como refém, e até mesmo quando me batia e me arrastava e encostava o revólver no meu estômago ou contra a minha cabeça — Deus sabe o quanto eu estava aterrorizada! — mesmo assim pensei ter visto alguma coisa em seus olhos. Pode chamar relutância. É a melhor palavra que consigo encontrar para descrever.

— Acho que serve. Qual seu ponto de referência?

— Não tenho certeza. Talvez tenha ligação com alguma coisa que você disse no reservado do Drei Alpenhäuser. Aquele homem gordo estava se aproximando e você me disse para ficar encostada à parede e cobrir meu rosto com a mão. "Para o seu próprio bem", você disse. "Ele não precisa identificar você."

— Não precisava.

— "Para o seu próprio bem" não é argumento de um assassino patológico. Acho que me agarrei a isso — para manter a minha própria sanidade, talvez —, nisso e no seu olhar.

— Ainda não entendi.

— O homem que usava aqueles óculos de armação dourada, e que me convenceu que era um policial, disse que você era um assassino brutal, que tinha que ser detido antes que matasse de novo. Se não fosse por Chernak eu não teria acreditado nele. E por dois motivos. A polícia não se comporta dessa forma; eles não usam armas em lugares escuros e cheios de gente. E você era um homem que estava tentando defender a sua vida — que tenta defender a sua vida. Mas não é um assassino.

Bourne levantou a mão. — Perdoe-me, mas isso me parece um julgamento baseado em uma falsa gratidão. Você diz que tem respeito pelos fatos — então, olhe para eles. Repito: você ouviu bem o que eles disseram — não levando em conta o que você pensa, viu ou sentiu —, ouviu as palavras. Resumindo: envelopes cheios de dinheiro me foram passados para que eu fizesse alguns trabalhos. Acho

que esses trabalhos são bem claros. E aceitei-os. Eu tinha uma conta bancária numerada no Gemeinschaft Bank no total de quase cinco milhões de dólares. Onde consegui tanto dinheiro? Onde um homem como eu — com as habilidades que tenho e que são bem claras — obtém essa soma de dinheiro? — Jason olhou para o teto. A dor voltava, aquele sentido de futilidade também. — Estes são os fatos, doutora St. Jacques. Está na hora de ir-se.

Marie levantou-se da cadeira e esmagou o cigarro. Depois pegou a arma e se aproximou da cama — Você está muito ansioso em se condenar, não está?

— Respeito os fatos.

— Então, se o que diz é verdade, também tenho uma obrigação, não é? Estando do lado da lei, como membro da ordem social, devo chamar a policia de Zurique e dizer-lhes que você está aqui. — Ela levantou a.arma.

Bourne olhou-a. — Pensei...

— Por que não? — interrompeu ela. — Você é um homem condenado que quer acabar com tudo isso, não é? Está aí deitado falando nisso. E sem, se me perdoa, qualquer autopiedade esperando apelar para a minha... como é mesmo?... falsa gratidão. Bem acho que é melhor você entender uma coisa. Não sou boba. Se pensasse por um minuto apenas que você é o que diz ser, eu não estaria aqui. E nem você. Fatos que não podem ser documentados ainda assim são fatos. Você não tem fatos, tem conclusões, suas próprias conclusões, baseadas em declarações feitas por homens que sabe que não prestam.

— E tenho uma inexplicável conta bancária de cinco milhões de dólares.: Não se esqueça disso.

— E como poderia? Sou um gênio das finanças. Essa conta não pode ser explicada da forma que você quer, mas há uma cláusula anexa que lhe dá um certo grau de legitimidade. E pode ser inspecionada — provavelmente violada — por qualquer diretor legal de uma corporação chamada qualquer-coisa mais Seventy One: Essa não deve ser a companhia de um assassino pago.

— A corporação tem um nome, mas não está registrada.

— Em uma lista de telefone. Você *é* ingênuo! Mas voltemos a você. Agora. Devo realmente chamar a polícia?

— Sabe a minha resposta. Não posso detê-la, mas não gostaria que fizesse isso.

Marie abaixou a arma. — E não vou. Pela mesma razão pela qual você não quer que eu o faça. Não acredito no que eles dizem, não mais do que você.

— Então em que acredita?

— Já lhe disse; não estou certa. Tudo o que sei é que há sete horas estava sob o domínio de um animal, com sua boca enorme em cima de mim, as mãos me agarrando... E sabia que ia morrer. Depois um homem veio à minha procura — um homem que devia ter continuado a fugir, mas que veio à minha procura — e se ofereceu para morrer por mim. Acho que confio nele.

— E se estiver errada?

— Então terei cometido um engano terrível.

— Obrigado. Onde está o dinheiro?

— Sobre a cômoda. Dentro da carteira do passaporte. E também. na carteira. Junto com o nome do médico e o recibo pelo quarto.

— Pode me passar o passaporte, por favor? É o número da vigência suíça.

— Eu sei. — Marie os trouxe. — Dei ao *concierge* trezentos francos pelo quarto e duzentos por ter-me informado o nome do médico. Os serviços do médico custaram quatrocentos e cinqüenta francos, aos quais acrescentei mais cento e cinqüenta como pagamento pela cooperação. Ao todo paguei mil e cem francos.

— Não precisava me prestar contas — disse ele.

— Você deve saber. O que vai fazer?

— Dar-lhe dinheiro para voltar para o Canadá.

— Quero dizer depois. O que vai fazer depois?

— Vou ver como me sinto. Provavelmente pagarei o *concierge* para me comprar algumas roupas. Depois far-lhe-ei algumas perguntas. Ficarei bem. — Tirou da carteira uma quantidade de notas e entregou-as a ela.

— Isso é mais do que cinqüenta mil francos.

— Fiz você passar por um mau bocado.

Marie St. Jacques olhou para o dinheiro e depois a arma que tinha na mão esquerda. — Não quero seu dinheiro — disse ela deixando a arma sobre a mesinha de cabeceira.

— O que quer dizer?

Ela se virou e foi até a poltrona. Sentou-se e olhou para ele. — Acho que quero ajudá-lo.

— Espere um pouco...

— Por favor — interrompeu-o ela. — Não faça perguntas, por favor. Não diga nada por um instante.

LIVRO II

10

Nenhum dos dois sabia quando acontecera ou se na verdade acontecera mesmo. E se acontecera, até que ponto poderiam preservar ou aprofundar aquilo. Não havia nenhum drama essencial, nenhum conflito a ser ultrapassado, nenhuma barreira a ser transposta. Em necessária apenas a comunicação através de palavras e olhares — e talvez tão vital quanto palavras e olhares — com o freqüente acompanhamento de um sorriso.

A vida deles naquele quarto de uma hospedaria da vila era tão clínica quanto podia ser em uma enfermaria de hospital. Durante o dia Marie se incumbia das coisas práticas como roupas, refeições, mapas e jornais. Por sua própria vontade decidiu levar o carro roubado dez milhas para o sul da cidade de Reinach, onde o abandonou, tomando um táxi de volta para Lenzbifrg. Enquanto ela estava fora, Bourne se limitava a descansar e fazer exercícios motores. De algum lugar do seu passado ele sabia que para se recobrar eram necessários os dois, descanso e mobilidade, e se dedicava rigorosamente a isso. Já estivera nessa antes... antes de Port Noir.

Quando estavam juntos, conversavam. No início fora um pouco difícil, uma situação delicada, cheia de perguntas e curiosidades de dois estranhos que foram postos juntos e sobreviveram às ondas do cataclisma. Tentavam viver uma normalidade onde ela não podia existir. Mas tudo se tomava bem mais fácil quando ambos aceitavam a anormalidade essencial: não havia o que conversar que não estivesse relacionado ao que acontecera. E se havia, começava a aparecer durante aqueles momentos em que a sondagem do já-acontecido estava temporariamente exaurida, e os silêncios eram trampolins para o alivio, para outras palavras e pensamentos.

Era durante esses momentos que Jason ficava conhecendo os fatos mais importantes sobre a mulher que salvam a sua vida. Ele protestava, porque ela o conhecia tanto quanto ele mesmo se conhecia, mas ele não conhecia quase nada sobre ela: De onde ela tinha vindo? Por que uma mulher tão atraente, de cabelos vermelho-escuro e pele clara, obviamente criada em alguma fazenda, desempenhava o papel de doutora em economia?

— Por que estava cheia da fazenda — respondeu Marie.

— Brincadeira! De uma fazenda? Verdade?

— Bem, na verdade, um pequeno rancho. Pequeno em comparação com os grandes de Alberta. No tempo do meu pai, quando um franco-canadense ia ao Oeste comprar terras, havia uma série de restrições, embora não escritas. Por, exemplo, não entre em competições com oi que têm mais terra e são melhores do que você. Ele costumava dizer que se usasse o nome de St. James em vez de St. Jacques seria um homem muito mais rico hoje.

— Ele era rancheiro?

Marie riu. — Não, era um contador que se tornou rancheiro. E por causa de um bombardeiro Vickers, durante a guerra. Era piloto da Força Aérea canadense. Acho que quando viu aquele céu todo... Acho que depois daquela imensidão, um escritório de contabilidade seria muito enfadonho.

— Precisa ter muita paciência.

— Mais do que você pensa. Ele vendeu gado dos outros em terras que não possuía, antes de comprar seu próprio rancho. Francês até a alma, como diziam.

— Acho que eu iria gostar dele.

— Acho que sim.

Ela morara em Calgary com os pais e dois irmãos até completar dezoito anos, quando foi para a

Universidade de McGill, em Montreal, para começar uma vida que jamais sonhara. Fora uma aluna indiferente, que preferia cavalgar pelos campos montada em um belo animal do que ficar presa na estrutura entediante de uma escola-convento em Alberta, descobrindo a excitação de usar o cérebro.

— Era assim mesmo, simples — ela lhe contou. — Eu encarava os livros como inimigos naturais e, de repente, lá estava, em um lugar cercado de pessoas que eram prisioneiras deles, e se divertiam muito com isto. Tudo o que acontecia era discussão de conversa. Conversa durante o dia todo, a noite toda — nas salas de aula e seminários; em grupos, nos reservados dos restaurantes, por cima das canecas de cerveja. Acho que foi a conversa que me ligou. Isso faz algum sentido para você?

— Não tenho lembrança, mas posso entender — disse Bourne. — Não tenho lembrança de colegas ou amigos, coisas assim, mas tenho certeza de que vivi isso também. — Sorriu. — Conversar por sobre canecas de cerveja é uma imagem boa, forte.

Ela sorriu em resposta. — E eu estava multo impressionada com aquele departamento. Era uma robusta moça de Calgary, competindo com dois irmãos que podiam beber mais cerveja do que a metade dos outros rapazes da universidade em Montreal.

— Você deve ter ficado ressentida.

— Não. Apenas com inveja.

Um novo mundo fora apresentado a Marie St. Jacques. E ela nunca mais voltou ao seu antigo mundo. Exceto por alguns períodos de férias. As estadias mais prolongadas em Calgary foram ficando cada vez menos freqüentes. Seus círculos de amizade, em Montreal, foram se expandindo, os verões sendo tomados pelos empregos, tanto dentro quanto fora da universidade. Primei ro, ela se sentiu atraída pela história, depois percebeu que a história era formada pelas forças econômicas — poder e significado tinham que lhes ser conferidos e então experimentou as teorias econômicas. E foi absorvida por elas.

Durante cinco anos permaneceu na McGill, onde completou o mestrado e recebeu uma bolsa-de-estudos canadense para Oxford.

— Foi um dia e tanto! Pensei que o meu pai fosse ter um ataque. Ele deixou os seus preciosos rebanhos com os meus irmãos a tempo de voar para o Leste e tentar me fazer mudar de opinião.

— Para fazê-la mudar de opinião? Ele era um contador, você ia fazer um doutorado em economia!

— Não cometa este equívoco — exclamou Marie. — Contadores e economistas *são* inimigos naturais. Um enxerga árvores, o outro, florestas; e são visões completamente diferentes. Além disso, ele não é apenas canadense, é franco-canadense. Ele deve ter me achado uma traidora de Versalhes. Mas acho que se acalmou quando lhe contei que uma das condições para ganhar a bolsa era o compromisso de trabalhar para o Governo durante um período mínimo de três anos. Então disse que eu "podia servir melhor à causa estando lá dentro". *Vive Québec libre — vive la France*!

Os dois riram.

Os três anos de compromisso com Ottawa foram se estendendo por motivos lógicos: cada vez que pensava em sair, era promovida ou lhe davam um grupo de trabalho maior, um escritório mais amplo...

— O poder corrompe, é claro — sorriu ela — e ninguém conhece isso melhor do que um burocrata de carreira, a quem os bancos e as corporações perseguem para ver se arranjam recomendações especiais. Mas acho que Napoleão se expressou bem melhor. "Dêem-me medalhas em quantidade suficiente e ganharei qualquer guerra." E, assim, fiquei. Gosto muito do meu trabalho. Funciona bem, e isso me deixa muito contente; o que ajuda bastante.

Jason olhava-a enquanto ela falava. Por baixo daquele exterior controlado havia uma grande exuberância, uma qualidade infantil. Era uma entusiasta que refreava o seu entusiasmo cada vez que ele se tomava mais proeminente. É claro que era competente no que fazia; suspeitava que ela jamais fizera qualquer coisa a que não tivesse se aplicado ao máximo. — Tenho certeza que você é... que você é competente, quero dizer. Mas não sobra muito tempo para outras coisas, não é?

— Que outras coisas?

— Oh, as coisas comuns. Marido, família, casa com cerquinha na frente.

— Tudo isso deve chegar um dia; não os excluí.

— Mas não chegaram!

— Não. Houve alguns casos, mas nenhuma aliança. Nem diamantes, também.

— Quem é Peter?

O sorriso se apagou. — Eu esquecera. Você leu o telegrama.

— Sinto muito.

— Não é nada. Já passou... Peter? Adoro Peter. Vivemos juntos quase dois anos, mas não deu certo.

— Ele parece não guardar ressentimentos.

— É melhor que não guarde! — Ela riu de novo. — É o diretor da seção e espera ser chamado pelo gabinete em breve. Se não se comportar, contarei ao Ministério da Fazenda o que não sabem sobre ele, e ele voltará a ser apenas um funcionário SX-Dois.

— Ele disse que ia buscá-la no aeroporto no dia 26. É melhor passar-lhe um telegrama.

— Sim, eu sei.

Aquela partida, no entanto, não era comentada. Haviam evitado o assunto como se fosse uma eventualidade muito distante. Não estava relacionado com o já-acontecido, era alguma coisa que ainda ia acontecer. Marie dissera que queria ajudá-lo, ele aceitara, supondo que ela estivesse se deixando levar por uma falsa gratidão, e ela resolvera ficar com ele um dia ou dois — e lhe era grato por isso. Mas qualquer coisa além disso seria impossível de pensar.

Por isso não conversavam a respeito da partida. Haviam trocado palavras e olhares, alguns sorrisos, sentiam-se bem. Em alguns momentos houvera alguns ímpetos mais calorosos, mas os dois compreenderam e se controlaram. Qualquer coisa além disso era impensável.

E, assim, retornaram à normalidade, ao já.acontecido. Mais para ele do que para eles, pois ele era a equivoca razão pela qual estavam juntos ... juntos no quarto de uma pequena hospedaria de uma vila da Suíça. Anormalidade. Não fazia parte do razoável e ordenado mundo de Marie St. Jacques, e por que não fazia sua mente ordenada e analítica estava sendo provocada. Coisas irrazoáveis deviam ser examinadas, esclarecidas. Ela tornou-se inexorável em sua investigação, tão insistente quanto George Washburn fora na Île de Port Noir, mas sem a paciência do médico. Pois ela não tinha tanto tempo; ela sabia disso e chegava à beira da grosseria.

— Quando lê os jornais, o que mais lhe chama a atenção?

— Tudo. Parece universal.

— Sério. O que lhe é mais familiar?

— Quase tudo, mas não posso lhe dizer o porquê.

— Dê-me um exemplo.

— Esta manhã. Havia uma história sobre um suprimento americano de armas para a Grécia, o subseqüente debate nas Nações Unidas e o protesto dos soviéticos. Entendi o significado, a luta pelo poder no Mediterrâneo, a entrada do Oriente Médio.

— Dê-me outro.

— Havia um artigo sobre a interferência da Alemanha Oriental no escritório de Bonn em Varsóvia. Os blocos orientais, ocidentais... Entendi também.

— Você percebe a relação, não é? Você é politicamente — geopoliticamente — receptivo.

— Ou então tenho uma percepção perfeitamente normal dos acontecimentos correntes. Mas acho que não era um diplomata. O dinheiro no Gemeinschaft é muito maior do que qualquer quantia que se possa ganhar em um emprego governamental.

— Concordo. Ainda assim, você é politicamente bem-informado. E a respeito de mapas? Você me pediu para lhe comprar alguns mapas. O que lhe vem à mente quando os olha?

— Em alguns casos os nomes engatilham imagens, como aconteceu em Zurique. Prédios, hotéis, ruas... rostos, algumas vezes. Mas nunca nomes. Os rostos nunca têm nomes.

— Você deve ter viajado muito.

— Acho que sim.

— Você sabe que sim.

— Está bem, viajei.

— Como?

— O que quer dizer com "como"?

— Era quase sempre de avião, carro... Você dirigia sempre?

— Os dois, acho. Por quê?

— Aviões significariam maiores distâncias. As pessoas se encontravam com você? Estes rostos se localizam em aeroportos, hotéis?

— Ruas — respondeu ele involuntariamente.

— Ruas!? Por que em mas?

— Não sei. Via esses rostos na rua... e em lugares reservados. Escuros.

— Restaurantes? Cafés?

— Sim. E quartos.

— Quartos de hotel?

— Sim.

— Escritórios, não?

— Às vezes. Não muito.

— Está bem. As pessoas se encontravam com você. Rostos de homens? Mulheres? Ambos?

— Homens, a maior parte. Algumas mulheres, mas eram homens em sua maioria.

— Sobre o que falavam?

— Não sei.

— Tente lembrar-se.

— Não posso. Não me lembro de nenhuma voz, nenhuma palavra.

— Havia encontros? Você se encontrava com pessoas; isso quer dizer que tinha encontros. Eles se encontravam com você ou você ia encontrá-los? Quem marcava esses encontros? Alguém tinha que marcar.

— Telegramas. Telefonemas.

— De quem? De onde?

— Não sei. Vinha a mim.

— Nos hotéis?

— Acho que sim, a maioria.

— Você me disse que o subgerente do Carillon disse que você *recebia* mensagens.

— Então, elas chegavam aos hotéis.

— De qualquer coisa Seventy One?

— Treadstone.

— Treadstone. É a sua companhia, não?

— Não significa nada para mim. Sequer consegui encontrá-la.

— Concentre-se.

— *Estou* concentrado. Não estava registrada. Telefonei a Nova Iorque.

— Você parece achar pouco comum! Não é.

— Por que não?

— Podia ser uma companhia separada, mas no mesmo escritório de outra, ou uma subsidiária oculta — uma corporação feita apenas para fazer aquisições para uma companhia maior e cujo nome levanta o preço das negociações. É muito comum hoje em dia.

— A quem está tentando convencer?

— A você. É bem possível que você seja um negociante de interesses financeiros americanos. Tudo indica que sim: fundos preparados para serem usados imediatamente, um capital à mão, mantendo os interesses em segredo até a aprovação da corporação. Estes fatos, acrescidos da sua boa antena para as ocorrências e mudanças políticas, indicam que você pode ser um agente de compras de total confiança. E muito provavelmente um grande investidor, associado ou até meio-dono desta companhia maior.

— Você fala rápido, hein?

— Não disse nada que não fosse lógico.

— Tem um ou dois furos.

— Onde?

— Aquela conta não tinha nenhuma retirada. Apenas depósitos. Eu não estava comprando, estava vendendo.

— Você não sabe, não pode se lembrar. Pagamentos podem ser feitos e logo depois os depósitos podem ser feitos, também. A curto prazo.

— Nem mesmo sei o que quer dizer isso.

— Um tesoureiro que conhecesse certas estratégias de imposto reconheceria. Qual é o outro furo?

— As pessoas não tentam matar alguém para que comprem alguma coisa a um preço mais baixo. Eles podem mostrar e pôr à venda, mas não costumam matar.

— Costumam, se um erro gigantesco foi cometido. Ou se aquela pessoa foi confundida com outra qualquer. O que estou tentando lhe dizer é que você não pode ser o que não é! Não importa o que digam.

— Está assim convencida?

— Estou. Passei três dias com você. Conversamos, eu ouvi. Um terrível erro foi cometido. Ou uma espécie de conspiração.

— Envolvendo o quê? Contra o quê?

— É isto que deve descobrir.

— Obrigado.

— Diga-me uma coisa. O que lhe vem à mente quando pensa em dinheiro?

Pare! Não faça isto! Não entende!? Você está errada. Quando penso em dinheiro penso em matar.

— Não sei — disse ele. — Estou cansado. Preciso dormir. Mande seu telegrama de manhã. Diga a Peter que você vai voltar.

Já passava da meia-noite, era o começo do quarto dia, e o sono não lhe vinha. Bourne ficou a contemplar o teto, a madeira escura que refletia a luz da mesa, do outro lado da saia. A luz que ficava acesa durante a noite. Marie simplesmente a deixara acesa, sem dar nenhuma explicação.

Pela manhã ela iria embora e ele tinha que pensar em seus próprios planos. Ficaria na hospedaria por mais alguns dias, veria o médico em Wohlen e tiraria os pontos. Depois Paris. O dinheiro estava em Paris. E mais alguma coisa... Ele sabia, podia sentir. Uma resposta final estava em Paris.

Você não está desamparado. Vai encontrar seu caminho.

O que encontraria? Um homem chamado Carlos? Quem era Carlos, e o que representava para Jason Bourne?

Ouviu o barulho de tecido no sofá encostado à parede. Olhou, espantado de ver que Marie não dormia. Ao contrário olhava fixamente para ele, diretamente para ele.

— Você errado, sabe? — disse ela.

— A respeito de quê?

— Do que está pensando.

— Você não sabe o que estou pensando

— Sim, sei. Vi o seu olhar. Está vendo coisas das quais não tem certeza, com medo que sejam verdadeiras.

— Elas são — respondeu ele. — Explique-me a Steppdeckstrasse. Aquele homem gordo do Drei Alpenhäuser.

— Não posso, mas nem você pode.

— Elas existem. Eu as vi e elas existem.

— Descubra por quê. Você não pode ser o que não é, Jason. Descubra.

— Paris — disse ele.

— Sim, Paris. — Marie levantou-se do sofá. Vestia uma camisola amarelo-clara, quase branca, com botõezinhos de pérola no pescoço. Uma camisola leve, que ondulou com seus passos enquanto se aproximou da cama, descalça. Pôs-se ao seu lado, olhando-o. Depois, levantou as mãos e começou a desabotoá-la. Deixou-a cair, enquanto se sentava na cama, os seios próximos ao rosto dele. Inclinou-se para ele, procurando-lhe o rosto, segurou-o com as mãos, gentilmente. Os olhos, como nos dias anteriores, estavam fixos nele. — Obrigada por ter salvo a minha vida — sussurrou ela.

— Obrigado pela minha — respondeu ele, sentindo o desejo que sabia que ela também sentia, tentando imaginar se uma dor também acompanhava o desejo dela, como acompanhava o dele. Não tinha lembrança de uma mulher, e talvez porque não tivesse nenhuma lembrança, ela era tudo o que ele podia imaginar; tudo e mais, muito mais. Ela afastava a escuridão, fazia cessar a dor.

Ele tivera medo de lhe confessar. E agora ela estava lhe comunicando que tudo ficaria bem se fosse apenas por um momento, uma hora ou mais. Pela memória daquela noite ela lhe dava uma recordação, porque ela também desejava se libertar dos tumultos da violência. A tensão fora suspensa, ficariam em paz por uma ou duas horas. Era tudo o que ele pedia, mas Deus do céu, como precisava dela!

Procurou-lhe o seio e puxou para si os seus lábios; sua umidade o excitava, levava-lhe para longe todas as dúvidas.

Ela levantou as cobertas e achegou-se a ele.

Ela repousava em seus braços, a cabeça sobre o seu peito, cuidando para não lhe tocar no ferimento do ombro. Depois, levantou-se com cuidado, deslocando o peso do corpo sobre os cotovelos. Ele olhou-a. Os seus olhares se encontraram e os dois sorriram Ela levantou a mão esquerda e pôs o dedo indicador sobre os seus lábios. Falou suavemente.

— Tenho uma coisa para dizer e não quero que você me interrompa. Não vou mandar o telegrama para Peter. Não ainda.

— Mas espere um pouco! — Ele afastou-lhe a mão do rosto.

— Por favor, não me interrompa. Eu disse "não ainda". Isso não quer dizer que não vá mandá-lo; mas não vou por enquanto. Vou ficar com você. Vou para Paris com você.

Ele forçou as palavras. — Suponha que eu não queira.

Ela se inclinou para a frente, passando os lábios na face dele. — Isso não cola. O computador rejeitou.

— Se fosse você não teria tanta certeza assim.

— Mas você não é. Eu sou eu, e sei a forma como você me abraçou e tentou dizer tantas coisas que não podia! Coisas que acho que queríamos dizer um ao outro nesses últimos dias. Não posso explicar o que aconteceu. Oh, acho que tudo está em alguma obscura teoria psicológica em algum lugar: duas

pessoas medianamente inteligentes foram jogadas juntas num inferno e conseguiram rastejar para fora dele... juntas. E talvez seja só isso. Mas aqui está, agora; e não posso fugir disso. Não posso fugir de você. Porque você precisa de mim, e você me deu a sua vida.

— O que a faz pensar que preciso de você?

— Posso fazer algumas coisas por você que você não pode fazer sozinho. Foi só nisso que pensei nas duas últimas horas. — Ela se levantou um pouco mais, nua ao lado dele. — De certa forma, você está envolvido com uma grande soma de dinheiro. E creio que você não distingue um débito de um capital ativo. Talvez antes distinguisse, mas não agora. Eu distingo. E mais uma coisa. Tenho uma posição de destaque no Governo canadense. Tenho acesso a todas as formas de informação. E proteção. As finanças internacionais são podres e o Canadá foi violado. Montamos a nossa própria proteção, e faço parte dela. É por isso que eu estava em Zurique. Para observar e relatar possíveis alianças, não para discutir teorias abstratas.

— E o fato de ter esta licença, este acesso, pode me ajudar?

— Acho que sim. Uma proteção da embaixada é muito importante. Mas dou-lhe a minha palavra que ao primeiro sinal de violência, mando o telegrama e caio fora. Pondo de lado os meus próprios medos, acho que não serei um peso para você. Não sob essas condições.

— Ao primeiro sinal... — Bourne repetiu as palavras, examinando-a. — E sou eu quem determina quando e onde?

— Se quiser. A minha experiência é limitada. Não vou discutir.

Ele continuou a olhá-la, a segurar o seu olhar naquele momento prolongado e engrandecido pelo silêncio. Depois perguntou: — Por que está fazendo isso? Você acabou de dizer: somos duas pessoas medianamente inteligentes, que estão se arrastando para fora de um inferno. Isso pode ser tudo o que somos. Vale a pena?

Ela ficou sentada, imóvel. — Eu também disse mais alguma coisa. Talvez você tenha se esquecido. Há quatro noites um homem que podia ter continuado a correr e fugir voltou para me procurar e me deu a sua vida. Acredito neste homem. Mais do que ele mesmo, acho. Na verdade, isso é o que tenho a oferecer.

— Aceito — disse ele se aproximando dela. — Não devia, mas aceito. Preciso desesperadamente desta crença.

— Pode me interromper agora — disse ela num sussurro, abaixando o lençol e encostando seu corpo no dele. — Faça amor comigo; eu também tenho necessidade.

Passaram-se mais três dias e três noites; dias cheios do calor e do conforto da excitação daquela descoberta. Viviam com a intensidade de duas pessoas cientes de que tudo podia mudar. E quando a mudança chegasse, seria rápida. E, por isso, havia muita coisa a falar; coisas a dizer que não podiam mais ser evitadas.

A fumaça do cigarro subia da mesa em espirais, juntamente com o bafo do café quente e amargo. O *concierge*, um suíço exuberante cujos olhos viam mais do que a boca revelava, deixara alguns minutos antes, junto com o *petit déjeuner*, os jornais de Zurique, em inglês e francês. Jason e Marie sentaram-se um na frente do outro e puseram-se a examinar as notícias.

— Tem alguma coisa no seu? — perguntou Bourne.

— Aquele velho, o vigia do Guisan Quai, foi enterrado anteontem. A polícia ainda não tem nada de concreto. "Continuam as investigações", diz aqui.

— A informação é um pouco mais extensa neste — disse Jason, tentando segurar as páginas do seu jornal, desajeitadamente por causa das ataduras na mão esquerda.

— Como está? — perguntou Marie, olhando para a sua mão.

— Melhor. Já movimento melhor os dedos agora.

— Eu sei.

— Oh, você tem uma mente suja. — Embrulhou o jornal. — Aqui está. Repetem as coisas que já disseram outro dia. As balas e as manchas de sangue estão sendo analisadas. — Bourne levantou os olhos. — Mas tem mais alguma coisa: remanescentes de roupa, que antes não foram mencionados.

— É problemático?

— Não para mim. Minhas roupas foram compradas de segunda mão em Marselha. E o seu vestido? Era alguma criação especial?

— Você me encabula. Não era. Todas as minhas roupas são feitas por uma mulher em Ottawa.

— Não podem servir de pista, então.

— Não vejo como. A seda veio de uma peça que um funcionário FS-Três da nossa seção trouxe de Hong-Kong.

— Você comprou alguma coisa nas lojas do hotel? Algo que estivesse usando naquele dia? Um lenço, um alfinete, alguma coisa assim?

— Não. Não sou muito de compras assim.

— Ótimo. E a sua amiga... Não fizeram muitas perguntas?

— Não na portaria, já lhe disse isso. Apenas os dois homens que você viu comigo no elevador.

— Da delegação francesa e da belga?

— Sim. Tudo estava bem.

— Vamos repassar.

— Não há nada para repassar. Paul — o de Bruxelas — não viu nada. Ele foi tirado da cadeira com um golpe e lá ficou, estatelado no chão. Claude — ele tentou nos deter, lembra-se? — primeiro pensou que era eu quem estava lá no palco, debaixo da luz, mas antes que pudesse ir até a policia foi ferido na multidão e levado para a enfermaria...

— E, depois, quando já podia falar — interrompeu Jason, tentando lembrar-se das palavras dela — já não tinha mais certeza.

— Sim. Mas acho que ele sabia qual era o meu propósito no seminário, a minha apresentação não o enganou. Se sabia, isso apenas reforçaria a sua decisão de ficar de fora da questão.

Bourne pegou seu café. — Deixe-me repassar isso de novo — disse. — Você estava à procura de... alianças?

— Bem, na verdade, algumas informações sobre alianças. Ninguém vai aparecer e dizer que existem interesses financeiros em seu país, e que estão usando os interesses do nosso país de forma a poderem comprar sua entrada no mercado de matérias- primas do Canadá, ou de qualquer outro lugar. Mas a gente observa quem se encontra nos jantares, ou para drinques. Ou algumas vezes é algum palerma, como um delegado de, digamos, Roma — que você sabe que está sendo pago pelo Agnelli —, que aparece e pergunta se Ottawa é muito séria nas suas leis.

— Acho que ainda não entendi muito bem.

— Mas devia. O seu próprio país é muito sensível com relação a esta matéria. Quem possui o quê? Quantos bancos americanos são controlados pelo dinheiro da OPEP? Quantas indústrias pertencem aos consórcios europeus e japoneses? Quantas centenas de milhares de acres foram adquiridos por capital que veio da Inglaterra, da Itália ou da França? Todos nós nos preocupamos com isso.

— É?

Marie riu. — É claro. Nada torna um homem mais nacionalista do que saber que o seu país está sendo comprado pelos estrangeiros. Ele consegue se ajustar, com o tempo, à idéia de ter perdido uma guerra — porque isso significa que o inimigo era mais forte —, mas perder a sua economia significa que o inimigo era mais esperto. O período da ocupação é bem mais longo, e mais profundas as cicatrizes.

— Você já pensou bastante sobre essas coisas, não?

Por um breve momento o olhar de Marie perdeu a sua ponta de humor; ela respondeu-lhe com seriedade. — Sim, já. Acho que são importantes.

— Você conseguiu saber de alguma coisa em Zurique?

— Nada assustador — disse ela. — O dinheiro está voando por todos os cantos; os sindicatos estão tentando descobrir os investimentos internos, enquanto as máquinas burocráticas olham para outro lado.

— Aquele telegrama de Peter dizia que os seus relatórios diários eram de primeira. O que ele quis dizer?

— Descobri um número estranho de associados econômicos que creio podem estar usando figuras importantes do Canadá para comprar propriedades canadenses. Não estou sendo discreta, mas é que não significariam nada para você.

— Não estou tentando espionar — replicou Jason. — Mas acho que você me pôs numa dessas suas associações. Não com relação ao Canadá, mas de forma geral.

— Não o excluo, a estrutura é assim. Você podia ser parte de uma associação qualquer, combinada, que procura por todos os meios fazer negócios ilegais. É uma coisa que posso muito bem averiguar, mas prefiro solucionar isso com um telefonema. Não com palavras escritas nem com um telegrama.

— Agora, estou espionando. O que você quer dizer?

— Se existe uma Treadstone Seventy One por trás de uma multinacional qualquer, há muitos meios de descobrir que companhia é essa. Quero falar com Peter, de um desses telefones públicos em Paris. Vou lhe dizer que encontrei o nome da Treadstone Seventy One em Zurique e que isso me deixou um pouco preocupada. Vou pedir para fazer uma PC — Pesquisa Confidencial — e voltar a chamá-lo depois.

— E se ele a descobrir?

— Se existir, ele a descobrirá.

— Depois, posso entrar em contato com quem quer que seja que estiver listado como "diretores".

— Muito cuidadosamente — continuou Marie. — Através de intermediários. Por meu intermédio, se quiser.

— Por quê?

— Pelo que eles fizeram. Ou *não* fizeram, realmente.

— O que foi?

— Eles não o procuraram durante quase seis meses.

— Você não sabe — e eu não sei.

— O banco sabe. Milhões de dólares foram deixados intocados, sem serem procurados, e ninguém se incomodou em descobrir por quê. É isso que não posso entender. É como se você tivesse sido abandonado. É aí que pode estar o engano.

Bourne se inclinou, olhando para a mão enfaixada, lembrando-se da visão da arma esmagando repetidas vezes os seus dedos, dentro de um carro em velocidade na Steppdeckstrasse. Depois levantou os olhos e olhou para Marie. — O que está tentando dizer é que se fui abandonado é porque esse engano é tomado como verdade pelos diretores da Treadstone.

— Possivelmente. Eles podem pensar que você os envolveu em transações ilegais — com elementos criminais — que poderiam custar-lhes muitos milhões mais. E que tenha posto em risco muitas companhias, por expropriação dos governos irados. Ou que você tenha se juntado a um sindicato internacional do crime, provavelmente sem saber. Qualquer coisa assim. Isso seria o bastante para eles não chegarem perto do banco. Não quereriam ser culpados por essa cumplicidade.

— Assim, num certo sentido, não importa o que o seu amigo Peter venha a saber. Vou ficar no ponto zero.

— Nós ficamos; mas não é zero, é mais quatro e meio ou cinco numa escala de dez.

— Mesmo que fosse nove, nada realmente mudou. Alguns homens querem me matar e não sei por quê. Outros poderiam detê-los, mas não vão fazer isso. Aquele homem no Drei Alpenhäuser disse que a Interpol montou armadilhas para mim, e se eu cair em uma não terei nenhuma resposta. Sou tão culpado quanto atacado, porque não sei do que sou culpado. Não ter memória de nada me serve como defesa; e é possível que eu não tenha nenhuma defesa.

— Recuso-me a acreditar nisso, e você deve fazer o mesmo.

— Obrigado.

— É verdade, Jason. Pare com isso.

Pare com isso. Quantas vezes não digo isso para mim mesmo? Você é o meu amor, a única mulher que jamais conheci, e acredita em mim. Por que não posso acreditar em mim mesmo?

Bourne levantou-se examinando as pernas, como sempre fazia. A mobilidade lhe voltava, o ferimento era menos grave do que a sua imaginação o permitira acreditar. Marcara um encontro aquela noite com o Dr. Wohlen, para remover os pontos. Amanhã efetuar-se-ia a mudança.

— Paris — disse Jason. — A resposta está em Paris. Sei disso tanto quanto sabia daqueles triângulos em Zurique. Só não sei por onde começar. É uma loucura! Sou um homem à espera de uma imagem, de uma palavra ou de uma frase — ou até de uma caixa de fósforos — que me possam dizer alguma coisa. Que me remetam a algum lugar diferente.

— Por que não esperamos até eu ter notícias de Peter? Posso telefonar-lhe amanhã, podemos estar em Paris amanhã.

— Porque não iria fazer nenhuma diferença, não vê? Não importa o que ele consiga, a única coisa que preciso saber não está no que ele vai encontrar. Pela mesma razão que a Treadstone não chegou nem perto do banco. *Eu*. Tenho que saber por que alguns homens querem me matar, por que alguém chamado Carlos vai pagar — o que era mesmo? — uma fortuna pelo meu cadáver.

Só conseguiu chegar até aí; foi imediatamente interrompido por uma batida na mesa. Marie deixara cair a xícara e olhava espantada para ele, o rosto branco, como se o sangue lhe tivesse sido drenado da cabeça. — O que você acabou de dizer? — perguntou.

— O quê? Disse que tenho que saber...

— O *nome*. Você acabou de dizer o nome Carlos.

— Isto mesmo.

— Em todos os momentos em que conversamos, todos os dias em que estivemos juntos, você nunca o mencionou.

Bourne olhou para ela, tentando se lembrar. Era verdade; ele lhe contara tudo o que lhe viera à mente; no entanto, de alguma forma, esquecera-se de Carlos... quase propositalmente, como se a omissão tivesse sido para bloquear alguma coisa.

— Acho que não — disse ele. — Você parece conhecê-lo. Quem é Carlos?

— Você está brincando? Se está, a brincadeira não é muito agradável.

— Não estou tentando ser engraçado. Acho que não tem nada de engraçado nisso. Quem é Carlos?

— Meus Deus, você *não* sabe? — exclamou ela, estudando os seus olhos. —. É parte do que lhe foi tirado.

— Quem é Carlos?

— Um assassino. É conhecido como "o assassino da Europa". Um homem procurado há vinte anos e que se acredita já ter matado entre cinqüenta a sessenta importantes figuras políticas e militares. Ninguém sabe como ele é... mas dizem que opera fora de Paris.

Bourne sentiu uma onda de frio por todo o corpo.

O táxi que os levava a Wohlen era um Ford inglês, que pertencia ao cunhado do *concierge*. Jason e

Marie sentaram-se no banco de trás, o campo escuro passava rapidamente pela janela. Os pontos tinham sido removidos, no lugar foram colocadas ataduras macias, presas por largas tiras de esparadrapo.

— Volte para o Canadá — disse Jason suavemente, quebrando o silêncio entre eles.

— Irei, já lhe disse isso. Ainda tenho alguns dias. Quero ver Paris.

— Não a quero em Paris. Telefonar-lhe-ei para Ottawa. Você mesma pode fazer a pesquisa sobre a Treadstone e me passar a informação pelo telefone.

— Pensei que você disse que não fazia nenhuma diferença. Porque você tinha que saber o *porquê*; o *quem* era sem sentido, até que você conseguisse entender.

— Darei um jeito. Preciso apenas de um homem. Encontra-lo-ei.

— Mas você não sabe por onde começar. É um homem à espera de uma imagem, de uma frase, ou de uma caixa de fósforos. Tudo isso pode não estar lá.

— Alguma coisa estará lá.

— Alguma coisa está, mas você não a vê. Eu vejo. É por isso que você precisa de mim. Conheço as palavras, os métodos. Você não.

Bourne olhou-a; estava manchada pelas sombras que passavam correndo. — Acho que é melhor ser mais clara.

— Os bancos, Jason. As conexões da Treadstone estão nos bancos. Mas não da forma que você pensa.

*

O velho curvado vestido com um sobretudo puído e com uma boina preta na mão atravessou a nave lateral da igreja da vila de Arpajon, a dez milhas de Paris. Os sinos da tarde anunciavam a hora do Ângelus, que ecoava pelas paredes de pedra e madeira. O homem tomou seu lugar na quinta fila e esperou que os sinos parassem de tocar. Era o seu sinal. Fora isso que ele aceitara; sabia que durante o repicar dos sinos alguém, um homem mais jovem — mais impiedoso do que qualquer homem vivo — já havia circulado a pequena igreja e estudado todos que estavam por lá, dentro ou fora. Se aquele homem visse alguma coisa que não esperava ver, alguém que considerava uma ameaça a sua pessoa, não haveria nenhuma pergunta, mas simplesmente uma execução. Esse era o jeito de Carlos. E apenas aqueles que sabiam que as suas vidas podiam ser tiradas porque haviam sido seguidos aceitavam dinheiro para serem mensageiros do assassino. Eram todos como ele, velhos, dos velhos tempos, vidas já no fim, os meses limitados pela idade avançada ou pela doença.

Carlos não permitia nenhum risco; o único consolo era que se um deles morria no serviço — ou por suas próprias mãos —, algum dinheiro seria enviado para as mulheres velhas, ou para as suas filhas ou para os seus filhos. Era preciso dizer: havia uma certa dignidade em ser encontrado a serviço de Carlos. Ele era generoso. Isto era o que o seu pequeno exército de frágeis velhos entendia. Ele lhes dava um objetivo de vida para os seus dias finais.

O mensageiro segurou sua boina e continuou a andar pela nave lateral até a fila de confessionários, que ficava encostada à parede. Foi até o quinto, abriu a cortina e entrou, ajustando a visão à luz de uma única vela que brilhava do outro lado da cor- tina translúcida que separava o padre do pecador. Sentou-se no pequeno banco de madeira e olhou o perfil que estava lá dentro, no lugar sagrado. Era o mesmo, a figura encapuzada de um homem vestido com um hábito de monge. O mensageiro não tentou imaginar como seria aquele homem, não era seu direito especular sobre tais coisas.

— *Angelus Domini* — disse ele.

— *Angelus Domini*, filho de Deus — sussurrou a figura encapuzada. — Seus dias estão em paz? :

— Estão chegando ao fim — respondeu o velho, dando a resposta apropriada — mas em paz.

— Ótimo. É importante ter um sentido de segurança na sua idade — disse Carlos. — Vamos aos negócios. Conseguiu as notícias de. Zurique?

— O olheiro está morto, e mais dois outros. E possivelmente um terceiro também. A mão de um outro ficou muito ferida, ele não pode trabalhar. Caim desapareceu. Acham que a mulher está com ele.

— Uma estranha mudança nos acontecimentos — disse Carlos.

— Há mais ainda. O que teve ordem de matá-la desapareceu. Devia levá-la ao Guisan Quai. Ninguém sabe o que aconteceu.

— Exceto que um vigia foi morto no lugar dela. É possível que ela nunca tenha sido uma refém, mas, ao contrário, a isca de uma armadilha. Uma armadilha que voltou-se contra Caim. Quero pensar sobre isso. Por enquanto, aqui estão as minhas instruções. Está pronto?

O velho procurou e pegou do bolso um toco de lápis e um pedaço de papel. — Muito bem.

— Telefone para Zurique. Quero um homem amanhã em Paris, que tenha visto Caim e possa reconhecê-lo. Também Zurique deve entrar em contato com Koenig, no Gemeinschaft, e dizer-lhe que mande a sua fita de Nova Torque. Ele deve usar a caixa postal da Village Station.

— Por favor — interrompeu o idoso mensageiro. — Estas velhas mãos já não escrevem como antigamente.

— Desculpe-me — sussurrou Carlos. — Estou preocupado e não percebi. Desculpe-me.

— Não é nada. Não é nada. Continue.

— Por fim, quero que o nosso grupo alugue quartos a uma quadra do banco da Rua Madeleine. Desta vez o banco será a ruína de Caim. O enganador será preso na fonte do seu orgulho impróprio. Um preço de barganha, tão desprezível quanto ele... a menos que ele seja uma outra coisa.

11

Um pouco afastado, Bourne ficou a olhar Marie, que passava pela alfândega do aeroporto de Berna, à espera que aparecesse algum sinal de interesse ou reconhecimento de alguém que estivesse na multidão ali por perto do embarque da Air France. Eram quatro horas da tarde, a hora de vôo mais concorrida para Paris, hora em que os privilegiados homens de negócios se apressavam em voltar para a cidade das luzes, depois de terem realizado aborrecidos serviços para as suas companhias nos bancos de Berna. Marie olhou por cima dos ombros enquanto passava pelo portão de embarque. Ele fez um sinal com a cabeça, esperou que ela desaparecesse de vista, depois virou-se e caminhou em direção ao balcão da Swissair. George B. Washburn fizera uma reserva no vôo das 16h30min para Orly.

Encontrar-se-iam no café que Marie se lembrava de ter freqüentado nos seus dias de Oxford. Chamava-se Au Coin de Cluny e ficava no bulevar Saint-Michel, a algumas quadras da Sorbonne. Se por qualquer razão não se encontrassem lá, Jason a encontraria por volta das nove horas na escadaria do Museu Cluny.

Bourne estava atrasado, embora estivesse ali por perto. A Sorbonne tinha uma das mais vastas bibliotecas de toda a Europa, e em algum lugar daquela biblioteca estavam os números de jornais mais antigos. As bibliotecas das universidades não estavam subordinadas aos empregados do Governo; os estudantes usavam-nas durante as tardes. Era o que ele iria fazer tão logo chegasse a Paris. Havia algo que ele precisava saber.

Todos os dias leio os jornais. Em três línguas. Há seis mesa, um homem foi morto e sua morte foi registrada na primeira página de todos esses jornais. Fora isso o que dissera aquele homem gordo em Zurique.

Deixou a maleta na portaria da biblioteca e foi em direção ao segundo andar, virando à esquerda, na imensa sala de leitura. A *Salle de Lecture* ficava naquele anexo, os jornais eram fixados em hastes e pendurados em trilhos; os volumes começavam precisamente há um ano daquela data.

Caminhou por entre os trilhos, contou seis meses atrás e em seguida retirou o primeiro volume de jornais relativo às primeiras dez semanas antes daquela data, há um ano. Levou-os até a mesa mais próxima e, sem sentar-se, começou a folhear as páginas de frente, jornal por jornal.

Grandes homens haviam morrido, enquanto outros haviam feito discursos e pronunciamentos; o dólar caíra, o ouro subira; tentativas de golpe, governos tinham titubeado entre ação e paralisação. Mas nenhum homem fora morto, nenhum que merecesse manchete; não houvera nenhum acidente — ou seja, nenhum assassinato.

Jason voltou aos trilhos e recomeçou a pesquisar. Duas sema nas, doze semanas, vinte semanas antes. Quase oito meses. E nada.

Isso o assustou. Ele *voltara* no tempo, não fora adiante daquela data, há seis meses. Um erro podia ter sido cometido em uma das duas direções; um erro de alguns dias, de uma semana, ou até mesmo duas. Recolocou os jornais nos trilhos e tirou novos volumes, de quatro e cinco meses atrás.

Aviões tinham se chocado no ar e revoluções sangrentas haviam irrompido; homens santos haviam falado apenas para serem reprovados por outros homens santos; pobreza e doença eram encontradas onde todos sabiam que podiam ser encontradas; mas nenhum homem importante fora morto.

Foi até o último dos volumes, as sombras da dúvida e da culpa se aclarando em cada virada de página. Será que o homem gordo e suado de Zurique mentira? Seria tudo mentira? Tudo mentira? Estaria ele vivendo um pesadelo que poderia desaparecer com...

EMBAIXADOR LELAND ASSASSINADO EM MARSELHA!

As grossas letras negras da manchete saltaram da página, ferindo-lhe os olhos. Não era uma dor imaginada nem inventada, mas uma dor aguda, que penetrou-lhe as órbitas e queimou-lhe a cabeça. Sua respiração parou; os olhos estavam fixos no nome LELAND. Ele o conhecia; podia até ver seu rosto, ver realmente. As sobrancelhas grossas, uma testa larga, nariz achatado, ossos da face salientes e, estranhamente, lábios finos, encimados por um bigode grisalho impecável. Conhecia aquele rosto, aquele homem. E o homem fora morto com uma única bala vinda de um rifle de alta potência de uma janela da praia. O Embaixador Howard Leland caminhava por um píer às cinco horas da tarde em Marselha. E sua cabeça foi explodida por um tiro.

Bourne nem precisava ler o segundo parágrafo para saber que Howard Leland era o Almirante H. R. Leland, da Marinha dos Estados Unidos até que, depois de um compromisso temporário como diretor do Serviço de Inteligência Naval, foi indicado para aquela embaixada do Quai d'Orsay, em Paris. Como ele também nem precisava ler o resto do artigo, onde os vários motivos para o assassinato eram especulados, para ficar sabendo de tudo; ele já sabia. A função básica de Leland em Paris era dissuadir o Governo francês de autorizar maciças vendas de armas — e em particular frotas de jatos Mirage — para a África e o Oriente Médio. Conseguira o suficiente para irritar as partes interessadas de todos os pontos do Mediterrâneo. Presumia-se que fora morto por causa desta sua interferência; uma punição que servira de aviso para os demais, Os compradores e vendedores da morte não podiam ser passados para trás.

E o vendedor da morte que o matara fora muito bem pago, por trás da cortina, com todas as pistas apagadas.

Zurique. Um mensageiro para um homem sem pernas, outro para um homem obeso, em um restaurante movimentado, para os lados da Falkenstrasse.

Zurique.

Marselha.

Jason fechou os olhos, a dor agora intolerável. Fora retirado do mar há cinco meses, e seu porto de origem era Marselha. E se fora Marselha, a praia teria sido sua rota de fuga, provavelmente em um barco alugado para levá-lo pelo extenso Mediterrâneo. Tudo se encaixava muito bem, cada peça do quebra-cabeças se encaixava na outra com precisão. Como podia saber de todas es sas coisas se não fosse aquele mesmo vendedor da morte de uma janela da costa de Marselha?

Abriu os olhos, a dor inibindo-lhe o pensamento, embora não de todo. Tomara uma decisão tão clara quanto aquele quadro com peças se encaixando, tão clara quanto o resto da sua limitada memória. Não deveria haver nenhum encontro com Marie St. Jacques em Paris.

Talvez um dia ele lhe escrevesse uma carta, dizendo as coisas que agora não podia dizer, se ainda estivesse vivo e ainda pudesse escrever uma carta. Agora não escreveria. Não poderia deixar nenhuma palavra escrita, nem de agradecimento nem de amor; nenhuma explicação. Ela esperaria por ele, mas ele não apareceria. Devia afastar-se dela; ela não devia envolver-se com um camelô da morte. Ela estava errada; seus receios mais terríveis eram verdadeiros.

Oh, Deus! Podia lembrar-se claramente do rosto de Howard Leland! E nem sequer havia uma única fotografia naquela página de jornal. Aquela página de frente, com uma manchete terrível que engatilhava tantas coisas, confirmava tantas outras... A data. *Quinta-feira, 26 de agosto. Marselha. Era uma data que ele não esqueceria pelo resto da vida, sua convulsionada vida.*

Quinta-feira, 26 de agosto...

Alguma coisa estava errada, O que era? Quinta-feira?... Quinta-feira não significava nada para ele. E vinte e seis de agosto?... O dia vinte e seis!? Não, não podia ser no dia vinte e seis! Estava errado! Ele

ouvira isso muitas vezes. O diário de Washburn — as anotações diárias que fizera do seu paciente. Quantas vezes Washburn recapitulara cada fato, cada frase, anotando todos os dias os seus pequenos progressos? Foram muitas vezes, nem dava para contar. E foram tantas que seria impossível esquecer!

Você foi trazido até a minha porta na manhã de terça-feira, vinte e quatro de agosto, precisamente às oito horas e vinte minutos. Suas condições eram as...

Terça-feira, 24 de agosto.

24 de agosto.

Ele não estava em Marselha no dia vinte e seis! Não podia ter atirado daquela janela. Não era ele o camelô da morte de Marselha. Não fora ele quem matara Howard Leland!

Há seis meses um homem foi morto... Mas não fazia seis meses ainda, quase mas ainda não. E ele não matara esse homem; nesse dia, ele estava quase morto na casa de um alcoólatra, na Île de Port Noir.

As sombras estavam se aclarando agora; a dor começava a retroceder. Um certo orgulho tomou conta dele, ele descobrira uma mentira concreta! E se havia uma, poderia haver muitas outras!

Bourne olhou para o relógio: nove e quinze. Marie já havia deixado o café, devia estar à sua espera na escadaria do Museu Cluny. Recolocou os volumes nos trilhos e foi em direção à porta larga, que parecia porta de catedral, da sala de leitura. Estava com pressa.

Atravessou o bulevar Saint-Michel, acelerando o passo. Tinha a impressão bem clara de saber o que era ter uma trégua agora, e queria compartilhar esta rara experiência. Por um momento estava fora da escuridão violenta, muito além das águas turbulentas. Encontrara um momento de luz, de sol — como os momentos e os dias ensolarados que passara naquela hospedaria da vila — e tinha que procurar quem lhe dera tudo aquilo. Encontrá-la, abraçá-la, e dizer que havia esperança.

Viu-a na escada, os braços cruzados, protegendo-se do vento gélido que vinha do bulevar. Ela não o percebeu logo, seus olhos espreitavam a rua com árvores alinhadas dos dois lados. Estava ansiosa, impaciente e inquieta; uma mulher impaciente à procura de alguma coisa e com medo de não encontrá-la.

Há dez minutos ele pensara em não vir.

Ela o viu. O rosto tomou-se radiante, com um sorriso cheio de vida. Correu ao seu encontro enquanto ele subia os degraus. Encontraram-se e, por um momento, nenhum dos dois disse uma palavra; estavam aquecidos e sós no Saint-Michel.

— Esperei e esperei — ela disse por fim. — Estava com tanto medo, tão preocupada! Aconteceu alguma coisa? Você está bem?

— Estou bem. Melhor do que nunca.

— O quê?

Segurou-a pelos ombros. — "Há seis meses um homem foi morto"... Lembra-se?

A alegria fugiu-lhe dos olhos. — Sim, me lembro.

— Não fui eu quem o matou — disse Bourne. — Não podia ter sido eu.

Descobriram um pequeno hotel longe do movimentado bulevar. O saguão e os quartos eram muito velhos, mas havia uma certa pretensão de elegância antiga que lhes dava um ar atemporal. Era um lugar quieto e repousante, engastado no meio de um carnaval, preso à sua identidade própria e aceitando a passagem do tempo sem, no entanto, associar-se a ela.

Jason fechou a porta cumprimentando com a cabeça o grisalho porteiro, cuja indiferença se transformara em indulgência depois da nota de vinte francos.

— Ele pensa que você é um provinciano adúltero todo afogueado com um programa noturno — disse Marie. — Espero que você tenha notado que vim diretamente para a cama.

— Seu nome é Hervé, e ele será bastante atencioso conosco. Não tem necessidade de dividir a

riqueza. — Aproximou-se e tomou-a nos braços. — Obrigado por me ter salvo a vida — disse.

— Não é nada, meu amigo. — Ela levantou-se e segurou-lhe o rosto nas mãos. — Mas não me faça esperar assim de novo. Quase fiquei maluca; tudo o que podia pensar era que alguém o reconhecera... ou que alguma coisa terrível havia acontecido.

— Esqueceu que ninguém sabe como eu sou?

— Não se fie nisso, não é verdade. Havia quatro homens na Steppdeckstrasse, inclusive aquele bastardo do Guisan Quai. Eles estão vivos, Jason. E eles o viram.

— Na verdade não. Viram um homem de cabelos escuros com bandagens no pescoço e na cabeça e que andava mancando. Apenas dois estiveram perto de mim: o que estava no segundo andar e aquele porco do Guisan. O primeiro não poderá deixar Zurique por enquanto; não pode andar e pouco restou da sua mão esquerda. O segundo recebeu a luz das lanternas nos olhos, não me viu bem.

Ela largou-o, enrugando a testa; a mente alerta estava se questionando. — Não pode ter tanta certeza. Eles estiveram lá e o viram.

Mude seu cabelo... e você fica com outro rosto. Geoffrey Washburn, Île de Port Noir.

— Repito, eles viram um homem de cabelos negros que estava no escuro. Você sabe usar uma solução de água oxigenada?

— Nunca usei.

— Então vou procurar uma loja amanhã de manhã. Montparnasse é o melhor lugar para isso. Louros se divertem mais, não é o que dizem?

Ela examinou-lhe o rosto. — Estou tentando imaginar como você vai ficar.

— Diferente. Não muito, mas o suficiente.

— Talvez esteja certo. Espero que sim, meu Deus. — Ela beijou-lhe a face, sinal de que iria começar a falar. — Agora, diga-me o que aconteceu. Onde você foi? O que soube sobre esse... esse incidente de seis meses atrás?

— Não foi há seis meses. E, por isso, eu não podia tê-lo matado. — Contou-lhe tudo, exceto aqueles breves instantes em que pensara em não vê-la mais. Não precisava contar, ela mesma acabou tocando no assunto.

— E se aquela data não estivesse muito clara em sua mente você não viria ao meu encontro, não é?

Ele balançou a cabeça. — Provavelmente não.

— Eu sabia. Senti isso. Por um instante, quando saí do café e fui até a escadaria do museu, quase nem podia respirar. Era como se estivesse sufocada. Pode acreditar nisso?

— Não quero acreditar.

— Nem eu, mas aconteceu.

Estavam sentados. Ela na cama, ele na única poltrona que havia ali por perto. Ele estendeu a mão procurando a dela. — Ainda não tenho muita certeza de que devia estar aqui... Conheci aquele homem, vi o seu rosto; eu estava em Marselha quarenta e oito horas antes de ele ser mono!

— Mas não foi você quem o matou.

— Então por que eu estava lá? Por que as pessoas pensam que fui eu? Minha nossa, é uma loucura! — Saiu da poltrona, a dor voltou-lhe aos olhos. — Mas eu havia esquecido. Não sou normal, sou? Porque esqueci tudo, anos... Uma vida toda.

Marie falou por falar, sem compaixão na voz. — As respostas lhe virão. De uma fonte ou outra; depois, de você mesmo.

— Talvez não seja possível. Washburn disse que eram como blocos reagrupados, diferentes túneis... diferentes janelas. — Jason foi até a janela; abraçando-se a si mesmo no peitoril da janela, pôs-se a olhar lá para baixo, para as luzes de Montparnasse. — As paisagens não são as mesmas; nunca serão. Em algum lugar lá fora existem pessoas a quem conheço e que me conhecem. Algumas milhas mais distante existem outras pessoas que são minhas conhecidas e não são... Ou até, oh, Deus, talvez uma esposa e

filhos... Não sei. Continuo a rolar no vento, me virando sem nunca poder pousar no solo. Cada vez que tento sou jogado para cima de novo.

— Para o céu? — perguntou Marie.

— Sim.

— Você pulou de um avião — declarou ela.

Bourne virou-se. — Eu nunca disse isso!

— Você falou sobre isso enquanto dormia, uma noite dessas. Você estava suando, o rosto afogueado e quente, e tive que enxugá-lo com uma toalha.

— Por que não me disse nada?

— Eu disse, de certa forma. Perguntei-lhe se você era um piloto, ou se voar lhe incomodava. Especialmente à noite.

— Eu não sabia do que você falava. Por que não me forçou?

— Fiquei com receio. Você esteve bem próximo da histeria, e não tenho nenhuma prática com essas coisas. Posso ajudá-lo a lembrar-se, mas não posso lidar com o seu inconsciente. E acho que ninguém pode, a não ser um médico.

— Um médico? Estive com um durante quase seis meses.

— Pelo que me contou dele, acho que seria bom procurar outra opinião.

— Não! — respondeu, confuso com a sua própria irritação.

— Por que não? — Marie levantou-se da cama. — Você precisa de ajuda, meu querido. Um psiquiatra pode...

— *Não*! — Ele gritou sem querer, furioso consigo mesmo. — Não vou fazer isso. Não posso.

— Por favor, diga-me por quê — perguntou ela calmamente, pondo-se na sua frente.

— Eu... Eu... não posso fazer isto.

— Só me diga por quê, só isso.

Bourne olhou-a fixamente, depois virou-se e olhou para fora, pela janela, as mãos no peitoril. — Porque tenho medo. Alguém mentiu, e fiquei muito grato por isso, muito mais do que lhe posso dizer. Mas e se não houver mais mentiras, suponhamos que o resto seja verdade. O que posso fazer, então?

— Você está dizendo que não quer descobrir?

— Não é bem assim. — Ele se inclinou na janela, o olhar fixo nas luzes lá embaixo. — Tente me entender — disse. — Tenho que saber algumas coisas.., o suficiente para tomar uma decisão... mas talvez não tudo. Uma parte de mim tem que ser capaz de ir embora, desaparecer. Tenho que ser capaz de dizer para mim mesmo, o que foi não é mais e há uma possibilidade de *nunca* ter sido, porque não tenho nenhuma lembrança disso. O que uma pessoa não pode se lembrar não existe.., ao menos pa ra ele. — Virou-se para Marie. — O que estou tentando lhe dizer é que talvez seja melhor assim.

— Você quer evidências, mas não provas, é isso que está dizendo?

— Quero algumas setas apontando para uma ou outra direção, dizendo-me quando fugir ou não.

— Dizendo a você. E nós?

— Isso virá com as setas, não é? Você sabe disso.

— Então vamos procurá-las — respondeu ela.

—. Tenha cuidado. Você pode não querer viver com o que poderá vir a saber. É isso o que quero dizer.

— Posso viver com você. E isso é verdadeiro. — Ela se levantou e tocou-lhe o rosto. — Venha. Ainda são cinco horas em Ontário e posso pegar Peter no escritório. Ele pode começar a procurar a Treadstone... e nos dar o nome de alguém aqui na embaixada que possa nos ajudar, se precisarmos.

— Vai dizer a Peter que está em Paris?

— De qualquer forma ele vai ficar sabendo pela telefonista, mas a chamada não dará pistas deste hotel. E não se preocupe, manterei tudo "em família", serei casual. Vim a Paris passar uns dias porque

meus parentes em Lyon são simplesmente chatíssimos. Ele vai aceitar esta desculpa.

— Será que ele conhece alguém na embaixada aqui?

— Peter faz questão de conhecer alguém em cada lugar. É um dos seus traços menos atraentes.

— Parece que sim. — Bourne pegou seus casacos. — De pois do seu telefonema, podemos jantar. Nós dois bem que podemos tomar um drinque.

— Vamos passar pelo banco, na Rua Madeleine. Quero ver uma coisa.

— O que você pode ver à noite?

— Uma cabine de telefone. Espero que tenha uma ali por perto.

Havia. Em diagonal à entrada do banco, na rua da frente.

O homem alto e louro, com óculos de armação de tartaruga, olhou para o relógio. O sol da tarde batia na Rua Madeleine. As calçadas estavam repletas de gente, o tráfego nas ruas confuso, como era sempre em Paris. Ele entrou na cabine telefônica e desembaraçou o fio do telefone, que estava solto e fora do gancho. O fio tinha um nó. Era um sinal cortês para a próxima pessoa a utilizar o telefone, avisando que o aparelho estava com defeito — isso reduziria a chance de ocuparem a cabine. Dera certo.

Olhou para o relógio de novo; começara a contagem. Marie estava dentro do banco. Ela telefonaria dali a poucos minutos. Tirou algumas moedas do bolso, colocou-as na beirada da mesinha do telefone e se encostou no vidro da cabine, os olhos postos no banco, do outro lado da rua. Uma nuvem escondeu um pouco a luz do sol e ele pôde ver-se refletido no vidro. Aprovou a nova imagem, lembrando-se da espantada reação do cabeleireiro em Montparnasse, que o isolara em uma cabine fechada com cortinas enquanto operava a sua transformação, tingindo-lhe os cabelos de louro. A nuvem passou, a luz do sol reapareceu, e o telefone tocou.

— É você? — perguntou Marie St. Jacques.

— Sim — respondeu Bourne.

— Certifique-se do nome e da localização do escritório. E deixe seu francês mais aspirado, pronuncie erradamente algumas palavras para que ele saiba que você é americano. Diga-lhe que não está acostumado com os telefones de Paris. Depois faça tudo em seqüência. Telefono-lhe de novo daqui a cinco minutos.

— Relógio pronto.

— O quê?

— Nada. Eu quis dizer, vamos começar.

— Está bem... O relógio está pronto. Boa sorte.

— Obrigado. — Jason abaixou a alavanca do telefone, soltou-a e discou o número que memorizara.

— Banco de Valois. Bom dia.

— Preciso de ajuda — disse Bourne, continuando a usar as palavras que Marie lhe dissera para usar. — Transferi recentemente considerável quantia da Suíça, por mala postal, e gostaria de saber se já está disponível.

— O senhor tem que falar com o nosso Departamento de Serviços Estrangeiros, senhor. Vou pô-lo em contato.

Um dique e em seguida outra voz feminina. — Serviços Estrangeiros.

Jason repetiu seu pedido.

— Pode me dar o seu nome, por favor?

— Preferiria falar com um funcionário do banco primeiro. Houve uma pausa na linha. — Muito bem, senhor. Vou transferir a ligação para o escritório do vice-presidente d'Amacourt.

A secretária do Sr. d'Amacourt era mais difícil; a burocracia bancária estava em ação, como previra Marie. Então, Bourne mais uma vez usou as palavras de Marie. — Estou me referindo a uma

transferência de Zurique, vinda do Gemeinschaft Bank, da Bahnhofstrasse. É uma transferência na ordem de sete cifras. O Sr. d'Amacourt, por favor. Tenho pressa.

A demora não fora causada pela secretária. Um vice-presidente com voz perplexa entrou na linha.

— Em que posso servi-lo?

— O senhor é d'Amacourt? — perguntou Jason.

— Sou Antoine d'Amacourt, sim. E quem, se posso perguntar, está na linha?

— Ótimo! Deviam ter-me dado o seu nome em Zurique. Certificar-me-ei disso da próxima vez, com certeza — disse Bourne. A redundância era intencional, para marcar o seu sotaque americano.

— Desculpe-me, pode repetir? O senhor prefere falar em inglês?

— Sim — respondeu Jason; e começou a. falar em inglês.— Estou tendo muito trabalho com este telefone — olhou para o relógio, tinha menos de dois minutos. — Meu nome é Bourne, Jason Bourne. Há oito dias transferi quatro milhões e meio de francos do Gemeinschaft Bank, de Zurique. Foi-me assegurado que a transação seria confidencial.

— Todas as transações são confidenciais, senhor.

— Certo. Ótimo. O que quero saber é se já está tudo pronto.

— Devo lhe dizer — continuou o alto funcionário do banco — que os negócios confidenciais excluem confirmações de tais transações para partes desconhecidas que telefonem.

Marie estava certa, a sua lógica tornou-se clara para Jason.

— Eu assim esperava. Mas como já disse a sua secretária, estou com muita pressa. Tenho que deixar Paris daqui a algumas horas e preciso pôr tudo em ordem.

— Então sugiro-lhe que venha ao banco.

— Sei disso — disse Bourne, satisfeito que a conversa tomasse o rumo que Marie previra. — Gostaria que tudo já estivesse pronto quando eu chegasse ao banco. Onde fica o seu escritório?

— No andar térreo, senhor. Do lado de trás, depois do portão, na porta do centro. Temos recepcionista.

— Mas entrarei em contato, para os negócios, apenas com o senhor, não?

— Se o senhor assim o deseja, embora qualquer funcionário...

— Olhe, senhor — exclamou o irado americano —, estamos falando de uma soma superior a quatro milhões de francos!

— Apenas comigo, senhor Bourne.

— Certo. Ótimo. — Jason pôs os dedos no gancho do telefone. Restavam quinze segundos. — Olhe, são 14h35min agora... Baixou duas vezes a alavanca, interrompendo a ligação, mas sem desligar o telefone. — Alô? Alô?

— Sou eu, senhor.

— Malditos telefones! Ouça, eu... — Baixou a alavanca novamente, três vezes em um segundo, rapidamente. — Alô, Alô?

— Senhor, por favor, se o senhor me der o número do seu telefone...

— Telefonista? Telefonista?

— Senhor Bourne, por favor...

— Não posso ouvi-lo! — *Quatro segundos. três segundos, dois segundos*. — Espere um minuto, telefono de novo. — Baixou a alavanca e interrompeu a linha, desligando o telefone. Passaram-se mais três segundos e em seguida o telefone tocou. — O nome dele é d'Amacourt, o escritório fica no andar térreo, atrás, porta central.

— Entendi — disse Marie, desligando.

Bourne discou novamente para o banco, pondo mais fichas no telefone. — *Je parlais avec Monsieur d'Amaeourt quand on m'a coupé*...

— *Je regrette, monsieur.*

— Senhor Bourne?

— D'Amacourt?

— Sim. Sinto muito que tenha tido problemas com o telefone. O senhor estava dizendo? Sobre a hora...

— Oh, sim. Passa um pouco das 14h30min. Estarei aí lá pelas 15h.

— Espera-lo-ei com prazer, senhor.

Jason deu novamente um nó no fio do telefone e deixou-o solto. Depois saiu da cabine e caminhou com passos rápidos pela multidão até a proteção do toldo de uma loja. Virou-se para a loja e esperou; os olhos estavam fixos no banco, do outro lado da rua, enquanto se lembrava de outro banco em Zurique e das sirenes da Bahnhofstrasse. Os próximos vinte minutos diriam se Marie estava certa ou não. Se estava, não haveria sirene alguma na Rua Madeleine.

A mulher esguia, com um chapéu de aba larga que lhe cobria parcialmente o rosto, desligou o telefone público preso na parede do lado direito do banco. Abriu a carteira, tirou um pó-de-arroz e ostensivamente refez a maquilagem, ajeitando o espelho em ângulo com o lado esquerdo, depois com o direito. Satisfeita, repôs o pó na bolsa e a fechou, passou em frente às caixas e foi em direção aos fundos, no andar térreo. Depois parou em um balcão do centro, pegou uma caneta presa por uma correntinha e começou a preencher um formulário que estava em cima do mármore. A menos de dez pés dali ficava um pequeno portão de ferro, flanqueado por uma grade de madeira que percorria toda a extensão do saguão. Do outro lado do portão e da grade ficavam as escrivaninhas dos executivos menos graduados e, atrás destas, as escrivaninhas dos secretários mais graduados — cinco ao todo. Estas mesas ficavam em frente a cinco portas na parede de trás. Marie leu o nome pintado em letras douradas no centro da porta

M.A.R. D'AMACOURT
VICE-PRESIDENTE
CONTAS NO EXTERIOR E DIVISAS

Aconteceria a qualquer momento — se fosse para acontecer, se ela estivesse certa. E se ela estivesse, tinha que saber antes como era o senhor A. R. d'Amacourt, pois ele era o homem com quem Jason iria se encontrar, se aproximar dele e conversar. Mas não no banco.

Aconteceu. Houve um nervosismo controlado no comportamento dos funcionários. A secretária, que estava na escrivaninha em frente ao escritório de d'Amacourt, correu lá para dentro com o bloco de papel na mão. Saiu depois de trinta segundos, pegou o telefone e discou três números — isso significava uma chamada interna — e ditou-os, lendo o que estava no seu bloco de anotações.

Passaram-se dois minutos. A porta do escritório de d'Amacourt se abriu e o vice-presidente se postou na soleira da porta. Era um ansioso executivo, preocupado com os possíveis atrasos. Homem de meia-idade, tinha o rosto mais velho do que a sua idade indicava, mas esforçava-se por parecer jovem. O cabelo fino e ralo era tingido e penteado de forma a esconder os pontos onde rareava; os olhos eram encaixados em pequenas órbitas de carne, o que evidenciava as longas horas passadas com bom vinho. Eram olhos frios, dardejantes, que aparentavam um homem exigente, prudente com os seus deveres. Fez uma pergunta à secretária, aos gritos. Ela fez o possível para manter a compostura.

D'Amacourt entrou no escritório novamente sem fechar a porta — a porta da jaula do irado felino fora deixada aberta. Passou-se mais um minuto. A. secretária continuou voltada para a direita, a olhar para alguma coisa — a procurar por alguma coisa. Quando a encontrou, suspirou aliviada, fechando um pouco os olhos.

Do outro lado, na parede da esquerda, uma luz verde de repente se acendeu acima dos dois painéis de madeira escura — estavam usando o elevador. Segundos depois a porta se abriu e um homem de mais idade e muito elegante saiu do elevador carregando um pequeno invólucro preto, não maior do que a sua mão. Marie olhou-o bem, sentia-se ao mesmo tempo satisfeita e receosa. Estava certa. O invólucro preto fora tirado de um arquivo confidencial de dentro de uma das salas reservadas e fora assinado e liberado por um homem acima de qualquer suspeita ou tentação — a idosa figura que avançava pelas filas de escrivaninhas em direção ao escritório de d'Amacourt.

A secretária levantou-se da cadeira, cumprimentou o executivo e o acompanhou até o escritório de d'Amacourt. Em seguida saiu, fechando a porta atrás de si.

Marie olhou para o relógio, os olhos acompanhando o rápido ponteiro dos segundos. Estava à espera de mais uma pequena evidência, que logo poderia ser comprovada se pudesse ir até o outro lado das grades e dar uma olhada na mesa da secretária. Se era para acontecer, aconteceria dali a poucos segundos, e seria por um breve momento.

Dirigiu-se ao portão, abriu a carteira e sorriu vagamente para a recepcionista, que falava ao telefone. Murmurou o nome d'Amacourt para a espantada recepcionista, avançou e abriu o portão. Entrou depressa; parecia uma cliente muito decidida, ou até mesmo muito ilustre, do Banco Valois.

— *Pardon, madame*... — A recepcionista pôs a mão no telefone, acrescentando: — Em que posso servi-la?

Marie pronunciou de novo o nome — parecia agora uma cliente muito cortês atrasada para um compromisso e não desejava importunar uma funcionária tão ocupada. — *Monsieur d'Amacourt*. Acho que estou atrasada, preciso falar com a sua secretária. — E continuou a andar pelo corredor em direção à mesa da secretária.

— *Please, madam* — a recepcionista a achou. — Tenho que anunciar...

O rumor das máquinas elétricas e das conversas abafou as suas palavras. Marie se aproximou da secretária, o rosto sério e ela a olhou tão espantada quanto a recepcionista. .

— Sim? Em que posso servi-la?

— Senhor d'Amacourt, por favor.

— Creio que ele está em reunião, senhora. A senhora tem hora marcada?

— Oh, sim, claro — disse Marie abrindo novamente a carteira.

A secretária olhou para o seu programa batido à máquina que estava sobre a mesa. — Acho que não tenho nenhuma hora marcada para agora.

— Oh, céus! — exclamou a confusa cliente do Banco Valois. — Agora que reparei. É para amanhã, não para hoje! Sinto muito!

Virou-se e voltou para o portão. Já vira o que queria, a última evidência. Apenas um botão estava aceso no telefone de d'Amacourt. Ele fizera, sem o auxílio da secretária, uma chamada para fora. A conta pertencente a Jason Bourne tinha específicas e confidenciais instruções que não deviam ser reveladas nem ao próprio correntista.

Bourne olhou para o mostrador do relógio; ainda estava sob o abrigo do toldo da loja. Eram 14h49min. Marie estaria novamente perto do telefone em frente ao banco, era um par de olhos lá dentro. Os próximos minutos lhes dariam uma resposta; talvez ela até já a tivesse.

Movimentou-se um pouco em direção ao canto esquerdo da vitrine da loja, mantendo o banco sempre na mira. Uma balconista da loja sorriu para ele; lembrou-se que não devia chamar nenhuma atenção sobre si. Puxou do bolso uma carteira de cigarro, acendeu um e olhou de novo para o relógio. Oito para as três.

De repente, ele os viu. *Ele*. Três homens muito bem-vestidos caminhavam rapidamente pela Rua

Madeleine, conversando casualmente, mas com os olhos fixos à frente. Pediam licença para passar entre os pedestres mais lentos, pediam desculpas com uma cortesia não-parisiense. Jason se concentrou no homem do meio. Era ele. Um homem chamado Johann.

Faça um sinal para Johann entrar. Viremos para apanhá-los. Um homem alto e magro, com óculos de aros dourados, dissera estas palavras na Steppdeckstrasse. *Johann*. Haviam-no mandado de Zurique para cá. E ele vira Jason Bourne. Isso lhe dizia uma coisa: não havia fotografias dele.

Os três chegaram à entrada. Johann e o homem à sua direita entraram; o terceiro homem ficou parado perto da porta. Bourne voltou à cabine telefônica, ia esperar mais quatro minutos e fazer a sua última chamada para Antoine d'Amacourt.

Jogou o cigarro para fora da cabine e o amassou debaixo da sola do sapato. Depois abriu a porta.

— Monsieur... — Uma voz veio-lhe das costas.

Jason virou-se, prendendo a respiração. Um homem desconhecido, com um começo de barba apontando no rosto, fez um sinal com a mão em direção ao telefone.

— *Le téléphone... ii ne marche paz. Regardez la corde.*

— *Merci bien. Je vais essayer quand même.*

O homem deu de ombros e foi-se. Bourne entrou na cabine, os quatro minutos já se tinham esgotado. Tirou do bolso as moedas — o bastante para duas chamadas — e discou o primeiro número.

— Banco Valois. Bom dia.

Dez segundos depois d'Amacourt estava no telefone, a voz tensa. — É o senhor, senhor Bourne? Pensei que tivesse me dito que estava a caminho do escritório.

— Mudei de plano. Devo telefonar-lhe amanhã. — De repente, pelo vidro da cabine, Jason viu um carro encostar no outro lado da rua, em frente ao banco. O terceiro homem, que ficara na porta de entrada, fez um sinal de cabeça para o motorista.

— ... eu possa fazer? — D'Amacourt fizera uma pergunta.

— Desculpe-me, o que disse?

— Perguntei se há alguma coisa que eu possa fazer. Já tenho a sua conta, tudo está pronto aqui a sua espera.

Estou certo que sim, pensou Bourne. A estratégia valia a pena. — Olhe, tenho que voltar para Londres esta tarde. Vou pegar uma ponte aérea, mas estarei de volta amanhã. Mantenha tudo pronto, certo?

— Para Londres, senhor?

— Telefono amanhã. Agora tenho que pegar um táxi para Orly. — Desligou e ficou observando a entrada do banco. Em menos de meio minuto Johann e seus companheiros saíram correndo. Conversaram com o terceiro homem e depois os três embarcaram no carro.

A fuga se transformara em caçada, agora a caminho do Aeroporto de Orly. Jason guardou o número da placa do automóvel. Depois discou mais um número. Se o telefone do banco não estivesse sendo usado, Marie o atenderia antes mesmo de ele começar a tocar. Foi o que ela fez.

— Sim?

— Viu alguma coisa?

— Muita. d'Amacourt é o seu homem.

12

Andaram pela loja, indo de balcão em balcão. Marie permaneceu próxima à larga vitrine, mantendo um olhar vigilante na entrada do banco do outro lado da Rua Madeleine.

— Peguei duas estolas para você — disse Bourne.

— Não devia. Os preços estão muito altos.

— Já são quase quatro horas. Se ele não saiu até agora, só vai sair quando terminar o expediente.

— Provavelmente não. Se ia encontrar-se com alguém já devia ter saído. Mas temos que saber.

— Garanto-lhe, seus amigos estão em Orly, correndo de avião em avião. Não há meios de eles saberem se estou em um deles porque não sabem que nome estou usando.

— Dependem do homem de Zurique para reconhecê-lo.

— Ele está à procura de um homem com cabelos escuros e que manca, não à minha procura. Venha, vamos entrar no banco. Você pode me mostrar d'Amacourt.

— Não podemos fazer isso — disse Marie balançando a cabeça. — As câmaras no teto têm lentes largas. Se forem ver os filmes depois, vão ver você.

— Um homem louro e de óculos?

— Ou eu. Estava lá. A recepcionista ou a secretária podem me identificar.

— Você está querendo me dizer que há uma conspiração normal lá dentro? Duvido.

— Eles poderiam inventar uma porção de razões para fazer rodar esses filmes.

Marie estacou. Agarrou o braço de Jason, apontando com os olhos o banco do outro lado da janela. — Lá está ele! Aquele com o sobretudo de lapela de veludo... d'Amacourt.

— O que está ajeitando as mangas?

— Sim.

— Já o vi. Vejo-a depois, no hotel.

— Tenha cuidado. Tenha muito cuidado.

— Pague as estolas; estão no balcão de trás.

Jason saiu da loja, protegendo-se do sol, procurando por uma passagem onde pudesse atravessar a rua. Não havia nenhuma. D'Amacourt virara à direita e andava normalmente. Não parecia estar com pressa. Não ia encontrar ninguém. Ao contrário, havia um certo ar de gabolice na postura.

Bourne chegou à esquina e atravessou a rua no sinal. Estava atrás do banqueiro. D'Amacourt parou numa banca para comprar um vespertino. Jason ficou à espera em uma loja de objetos esportivos, depois continuou a segui-lo enquanto ele percorria o quarteirão.

Mais à frente havia um café; janelas escuras, pesada entrada de madeira e fechos de ferro. Não precisava de muita imaginação para perceber o seu interior. Devia ser um lugar para os homens, e para as mulheres que vinham com os homens. Era um lugar tão bom quanto qualquer outro para uma discussão calma com Antoine d'Amacourt. Jason andou mais depressa, aproximando-se do banqueiro. Falou em um francês meio desajeitado com sotaque inglês, o mesmo que usara ao telefone.

— *Bonjour, monsteur. Je... pense que vous... êtes Mc sieur d'Amacourt.* Estava certo, não estava?

O banqueiro parou. Seus olhos frios pareciam amedrontados, lembrando-se. A gabolice murchou um pouco em seu bem-talhado sobretudo. — Bourne? — sussurrou.

— Seus amigos devem estar muito confusos neste instante. Espero que estejam percorrendo todo o Aeroporto de Orly, talvez possam até pensar que o senhor lhes deu uma pista falsa, uma informação errada. Talvez até propositadamente.

— *O quê*? — Os olhos assustados se arregalaram.

— Entremos — disse Jason, tomando o braço de d'Ama-court com um toque firme. — Acho que podemos conversar.

— Não sei de nada, absolutamente nada! Segui apenas as exigências da conta. Não estou envolvido! -

— Sinto. Quando falei com o senhor pela primeira vez, o senhor me disse que não podia confirmar nada sobre os meus negócios ao telefone. Não podia discutir assuntos de negócios com alguém a quem não conhecia. E vinte minutos depois o senhor me disse que já estava com tudo pronto. Isso é uma confirmação, não é? Vamos entrar.

O café era, de certa forma, uma versão em miniatura do Drei Alpenhäuser de Zurique. Os reservados fechados eram compridos, as repartições que os separavam, altas, e a luz, mortiça. Mas depois disso as aparências mudavam; o café da Rua Madeleine era completamente francês, garrafas de vinho em vez de canecas de cerveja. Bourne pediu um reservado no canto. O garçom os instalou.

— Peça um drinque — disse Jason. — Vai precisar.

— Presunção sua — respondeu friamente o banqueiro. — Vou tomar um uísque.

Os drinques vieram logo; o breve intervalo da espera foi consumido por d'Amacourt tirando nervosamente um maço de cigarros do seu bem-talhado sobretudo. Bourne riscou um fósforo e o segurou bem perto do rosto do banqueiro. Muito perto.

— *Merci* — D'Amacourt deu uma tragada, tirou o cigarro da boca e engoliu metade do copo de uísque. — Não sou o homem com quem deve conversar — disse.

— Com quem, então?

— Um dos donos do banco, talvez. Não sei, mas sei que não é comigo que deve conversar.

— Explique-se.

— Alguns acordos foram feitos. Um banco de organização particular tem mais flexibilidade do que uma instituição particular, que tem acionistas.

— Como?

— Há uma grande distância, devemos dizer, no que diz respeito às exigências de certos clientes e os bancos geminados. Menor investigação do que a que deve ser exigida de uma companhia listada na Bolsa. O Gemeinschaft de Zurique também é uma instituição privada.

— As exigências foram feitas pelo Gemeinschaft?

— Pedidos... exigências... sim.

— Quem é o dono do Valois?

— Quem? Muitos — é um consórcio. Dez ou doze homens e suas famílias.

— Então tenho que falar com o senhor, não é? Quero dizer, seria tolice minha correr por toda Paris ao encalço deles.

— Sou apenas um executivo. Um empregado. — D'Ama-court engoliu o restante do uísque, amassou o cigarro e procurou outro. E pelos fósforos, também.

— Quais são os acordos?

— Eu poderia perder a minha posição, senhor!

— O senhor poderia perder a sua vida — disse Jason, perturbado pelo fato de as palavras lhe saírem com tanta facilidade. Não sou tão privilegiado quanto o senhor pensa.

— Nem tão ignorante como quer me fazer acreditar — disse Bourne, perscrutando o banqueiro do outro lado da mesa. — Seu tipo é facilmente reconhecível, d'Amacourt. Está nas suas roupas, na forma como penteia os cabelos, como anda; você é muito pomposo. Um homem como você não é vice-presidente do Banco Valois sem fazer perguntas. Você se protege. Não faz uma sujeira qualquer se não for para proteger seu próprio rabo. Agora, diga-me que acordos foram esses. Você não é importante para mim, estou sendo claro?

D'Amacourt riscou um fósforo e o segurou perto do cigarro, enquanto olhava fixamente para

Jason. — Não precisa me ameaçar, senhor. O senhor é um homem muito rico. Por que não me paga? — O banqueiro sorriu nervosamente. — O senhor, incidentalmente, é bastante rico. Fiz uma ou duas perguntas. Paris não é Zurique. Um homem da minha posição tem que ter palavras ou respostas.

Bourne se recostou na cadeira, mexendo no copo, o barulho dos cubos de gelo incomodava obviamente d'Amacourt. — Dê-me um preço razoável — disse ele —, e nós o discutiremos.

— Sou um homem razoável. Vamos deixar que a decisão seja feita sobre o valor, e seja feita pelo senhor. Banqueiros do mundo inteiro são recompensados por seus agradecidos clientes a, quem aconselham. Gostaria de pensar que o senhor é meu cliente.

— Sei que gostaria. — Bourne sorriu, sacudindo a cabeça como resposta ao sangue frio do homem. — Assim escorregamos do suborno para a gratificação. Como compensação pelos serviços e conselhos pessoais.

D'Amacourt encolheu os ombros. — Aceito a definição, e se algum dia for interpelado, repetirei as suas palavras.

— Os acordos?

— Acompanhando a transferência do capital de Zurique veio *une fiche confidentielle*.

— *Une fiche*? — interrompeu Jason, lembrando-se daquele momento no escritório de Apfel, no Gemeinschaft, quando Koenig entrou dizendo estas palavras. — Já ouvi isso antes. O que é?

— Na verdade, termo datado. Vem da metade do século dezenove, quando foi uma prática muito comum nas grandes casas bancárias — sobretudo na dosRothschilds — para acompanhar o curso da circulação internacional do dinheiro.

— Obrigado. Agora, o que é isso mais detalhadamente?

— Instruções separadas e seladas para serem abertas e seguidas quando a conta em questão é movimentada.

— Movimentada?

— O capital é retirado ou depositado.

— Suponhamos que eu vá até uma caixa, apresente um cartão do banco e peça por dinheiro?

— Dois asteriscos apareceriam no computador que faz as transações. O senhor seria enviado ao meu escritório.

— De qualquer forma, fui enviado ao senhor. A telefonista me deu o número do seu escritório.

— Uma oportunidade irrelevante. Existem outros dois funcionários no Departamento de Serviços Estrangeiros. Se o senhor fosse posto em contato com qualquer um dos dois, a *fiche* faria com que eles o enviassem a mim. Sou o executivo-chefe.

— Percebo. — Mas Bourne não estava muito certo de ter percebido. Havia um furo na seqüência, um espaço que precisava ser preenchido. — Espere um minuto. Você não sabia de nada sobre a *fiche* quando lhe foi levada a minha conta-corrente.

— E por que a pedi? — interrompeu d'Amacourt, antecipando a pergunta. — Seja razoável, senhor. Ponha-se no meu lugar. Um homem telefona e se identifica, depois diz que está "falando sobre mais de quatro milhões de francos". *Quatro milhões*. O senhor não ficaria ansioso para ser útil? Ajeitar as coisas aqui e ali, facilitar?

Olhando para o elegante banqueiro, Jason percebeu que ele dissera a coisa mais natural. As instruções. Quais eram?

— Para começar, um número de telefone — fora da lista, é claro — devia ser chamado, e todas as informações seriam dadas.

— Lembra-se do número?

— Faço questão de esquecer tais coisas.

— Aposto que sim. Por quê?

— Tenho que me proteger, senhor. De que forma o senhor poderia tê-lo obtido? Apresento a pergunta... como o senhor diria?... retoricamente.

— Isso quer dizer que tem a resposta. Como *foi* que o obteve? Se surgir de alguma forma... De quem?

— Em Zurique. O senhor pagou um preço muito alto para que alguém quebrasse não apenas o regulamento mais rígido do Bahnhofstrasse, mas também as leis da Suíça.

— Já sei quem é o homem — disse Bourne, enquanto lhe vinha à memória, o rosto de Koenig. — Ele já cometeu este crime antes.

— No Gemeinschaft? Está brincando?

— Jamais. Seu nome é Koenig, sua mesa fica no segundo andar.

— Lembrar-me-ei disso.

— Tenho certeza que sim. O número? — D'Amacourt deulhe o número. Jason anotou-o num guardanapo de papel. — Como posso ter certeza de que esse número é verdadeiro?

— O senhor tem uma garantia razoável. Ainda não fui pago.

— Ótimo.

— E como o valor é intrínseco à nossa discussão, devo dizer-lhe que este é o segundo número de telefone, o primeiro já foi cancelado.

— Explique isso.

D'Amacourt se inclinou para a frente. — Uma fotocópia da *fiche* original chegou juntamente com os papéis da transferência. Estava selada em um invólucro preto, aceito e assinado pelo chefe dos registros. O cartão que estava dentro fora validado por um sócio do Gemeinschaft e visado pelo costumeiro representante suíço. As instruções eram simples, bem claras. Para qualquer assunto que dissesse respeito à conta-corrente de Jason C. Bourne, devia ser feita imediatamente uma chamada para os Estados Uni dos. Os detalhes seriam dados... O cartão, neste trecho, estava alterado; o número de Nova Iorque, apagado; um número em Paris fora inserido, junto com uma rubrica.

— Nova Iorque — interrompeu Bourne. — Como o senhor sabe que era Nova Iorque?

— O número de código da área do telefone estava incidentalmente incluído, posto na frente do número, e permaneceu intacto. Era 212. Como vice-presidente dos Serviços Estrangeiros, faço estas chamadas diariamente.

— Foi um trabalho muito sujo.

— Possivelmente. Pode ter sido feito com pressa, ou não entenderam muito bem o que devia ser feito. Por outro lado, não há forma de apagar o corpo de instruções sem passar novamente pelo representante. Um risco menor, se levarmos em consideração o número de telefones em Nova Iorque. De qualquer maneira, a substituição me deu campo para fazer uma ou duas perguntas. As mudanças são o anátema de um banqueiro. — D'Amacourt bebeu o que restava do seu drinque.

— Mais um?

— Não, obrigado. Prolongaria a nossa conversa.

— Foi o senhor quem parou.

— Estou pensando, senhor. Talvez o senhor possa ter em mente uma cifra muito vaga. Antes que eu continue a conversa...

Bourne estudou o homem. — Podem ser cinco — disse depois.

— Cinco o quê?

— Cinco cifras.

— Continuarei. Conversei com uma mulher...

— Com uma mulher? Como começou a conversa?

— Com sinceridade. Eu era o vice-presidente do Valois, e estava seguindo instruções do

Gemeinschaft de Zurique. O que mais podia dizer?

— Continue.

— Eu disse que havia entrado em contato com um homem que dizia se chamar Jason Bourne. Ela me perguntou quando acontecera isso; eu respondi que há poucos minutos. Então, ela ficou muito ansiosa em saber sobre o que tínhamos conversado, qual fora a substância da nossa conversa. Nesse ponto expus as minhas preocupações. A *fiche*, que declarava especificamente que deveria ser feita uma chamada para Nova Iorque, e não para Paris. Naturalmente, ela disse que isso não era um problema meu, e que a mudança fora autorizada através de uma assinatura. E perguntou se eu não me importava se Zurique fosse informada de que um funcionário do Valois se recusara a seguir as instruções do Gemeinschaft.

— Pare um pouco — interrompeu Jason. — Quem era ela?

— Não tenho idéia.

— Você quer dizer que conversaram durante todo esse tempo e ela não lhe disse quem era? Você não perguntou?

— Esta é a natureza da *fiche*. Se algum nome é pronunciado, muito bem. Se não, não se pergunta.

— Mas o senhor não hesitou em perguntar o número do telefone.

— Apenas um recurso; eu precisava de informações. O senhor transferiu quatro milhões e meio de francos: uma grande quantia. E devia ser, portanto, um cliente poderoso, talvez, com ligações ainda mais poderosas... A gente recusa, depois concorda, e recusa novamente, apenas para concordar de novo. É assim que a gente fica sabendo das coisas. Sobretudo se o interlocutor demonstra ansiedade. Posso lhe assegurar que ela mostrou.

— O que o senhor apreendeu?

— Que o senhor devia ser considerado um homem perigoso.

— De que maneira?

— A definição foi deixada em aberto. Mas só o fato de o termo ter sido usado foi suficiente para que eu perguntasse por que a Sûreté não fora envolvida. A resposta dela foi extremamente interessante. "Ele está além da Sûreté, além da Interpol", foi o que ela disse.

— O que isso significou para o senhor?

— Que era um assunto muito complicado, e por muitos motivos. E que seria melhor deixar tudo confidencial. Mas, desde que a nossa conversa começou, no entanto, percebi outra coisa.

—O quê?

— Que o senhor realmente deveria me pagar bem, pois tenho que ser extremamente cauteloso. Os que estão a sua procura estão talvez além da Süreté, além da Interpol.

— Chegaremos lá. O senhor disse a essa mulher que eu estava a caminho do seu escritório?

— Em quinze minutos. Ela me pediu para ficar ao telefone por uns momentos que logo voltaria. É óbvio que deve ter feito outra chamada. Voltou com as instruções finais. O senhor devia ser retido em meu escritório até que um homem chegasse a minha secretária e perguntasse sobre um assunto de Zurique. E quando saísse, devia ser identificado por um gesto ou um aceno de cabeça; não poderia haver nenhum erro. O homem veio, é claro. E é claro, também, que o senhor nunca chegou. Então, ele esperou perto do caixa, com um companheiro. Quando o senhor telefonou dizendo que estava a caminho de Londres, deixei o meu escritório à procura do homem. Minha secretária o indicou e eu lhe contei tudo. O resto o senhor já sabe.

— O senhor não achou estranho que eu devesse ser identificado?

— Não só estranho como absurdo. Uma *fiche* é uma coisa — chamadas telefônicas, comunicações sem a identificação de rostos —, mas ser envolvido diretamente, assim abertamente, como era, já é outra coisa. Eu disse isso para a mulher.

— O que ela lhe disse?

D'Amacourt limpou a garganta. — Deixou bem claro que a parte que ela representava — e cujo poder era, realmente, confirmado pela própria *fiche* — deveria incentivar a minha cooperação. O senhor vê, eu nada escondi... Aparentemente, eles não sabem como é o senhor.

— Um homem que me viu em Zurique estava no banco.

— Então seus companheiros não confiam na vista dele. Ou talvez no que ele pensou ver.

— Por que o senhor diz isso?

— Mera observação, senhor. A mulher foi muito insistente. O senhor deve entender, recusei energicamente qualquer participação ativa; que *não* fosse da natureza da *fiche*. Ela disse que não havia uma fotografia sua. Uma mentira óbvia, é claro.

— É mesmo?

— Naturalmente. Todos os passaportes têm fotografias. Qual o funcionário da imigração que não pode ser comprado ou ludibriado? Dez segundos em uma sala de controle de passaportes, uma foto da foto, e está feito o acordo. Não! Eles cometeram um sério equívoco.

— Acho que sim.

— E o senhor — continuou D'Amacourt — acabou de me dizer mais uma coisa. Sim, o senhor realmente tem que me pagar muito bem.

— O que foi que eu lhe disse?

— Que o seu passaporte não o identifica como Jason Bourne. Quem é o senhor?

Jason não respondeu logo; mexeu nos óculos novamente. — Alguém que pode lhe pagar um bom dinheiro.

— O bastante. O senhor é um cliente chamado Bourne. E devo ser muito cauteloso.

— Quero o número daquele telefone de Nova Iorque. Pode me dar? Pagar-lhe-ei um prêmio vultoso.

— Quisera poder. Não vejo como.

— Pode ser retirado do cartão, da *fiche*. Talvez através de uma lente poderosa.

— Quando eu disse que estava apagado, senhor, eu não quis dizer que estava completamente riscado. Estava apagado — eliminado.

— Então, alguém o tem em Zurique.

— Ou foi destruído.

— A última pergunta — disse Jason, agora ansioso para sair. — É a seu respeito, aliás. É a única forma de ser pago.

— A pergunta será permitida, naturalmente. Qual é?

— Se eu tivesse aparecido no Valois sem antes ter feito a chamada, sem lhe ter avisado que iria, o senhor teria feito uma outra chamada telefônica?

— Sim. Ninguém pode desconsiderar a *fiche*. Ela vem do escritório dos conselheiros. A minha dispensa viria em seguida.

— Então, como nós podemos tirar o nosso dinheiro? D'Amacourt franziu os lábios. — Há uma maneira. A retirada *in absentia*. Os formulários são preenchidos, as instruções dadas por carta, a identificação confirmada e autenticada por uma firma de procuradores, através de cartório. Não tenho poder algum para intervir nisso.

— Assim mesmo, teria que fazer a chamada?

— É uma questão de tempo. Se um procurador com quem o Valois já fez muitos negócios me telefonar pedindo que eu prepare, digamos, um número de cheques a serem emitidos em favor de uma transferência estrangeira que ele já averiguou e investigou bem, eu o farei. Ele declarará que vai mandar os formulários completos e os cheques, é claro, preenchidos ao "portador", o que não constitui prática muito incomum nestes dias de impostos excessivos. Um mensageiro chegaria com a carta durante as

horas de maior atividade e minha secretária — uma estimada secretária, em quem tenho muita confiança, e que trabalha comigo há muitos anos — simplesmente me traria os formulários para que eu os assinasse e a carta para que eu a rubricasse.

— E sem nenhum problema — interrompeu Bourne — a respeito dos demais papéis que o senhor teria que assinar?

— Exatamente. Depois, eu faria a chamada; provavelmente vendo se antes o mensageiro já saiu com sua pasta.

— O senhor não teria em mente, por acaso, o nome de uma firma de advogados em Paris, teria? Ou um procurador específico?

— Por acaso me ocorreu agora um nome.

— Quanto ele vai custar?

— Dez mil francos.

— É muito caro!

— Não muito. Ele foi um juiz, um homem honrado.

— E o senhor? Quanto? Vamos deixar claro isso.

— Como já disse, sou bastante razoável, e a decisão deve ser sua. Já que mencionou um número com cinco cifras, podemos tornar as suas palavras mais consistentes. Cinco cifras, começando com o número cinco. Cinqüenta mil francos.

— Isso é um ultraje!

— Como também o é o que o senhor fez, *monsieur* Bourne.

— *Une fiche confidentielle* — disse Marie, sentada em uma cadeira perto da janela. O sol do fim da tarde batia nos edifi ias ornamentados do bulevar Montparnasse. — Então foi esse o estratagema que usaram.

— Posso lhe deixar impressionada — sei de onde veio. Jason serviu-se de um drinque da garrafa que estava em cima do balcão e levou-o para a cama. Sentou-se de frente pan ela. — Quer ouvir?

— Nem preciso — respondeu ela olhando para a janela, preocupada. — Sei exatamente de onde vem e o que significa. É um choque, isso sim.

— Por quê? Pensei que você já esperasse por uma coisa assim.

— Pelos resultados sim, mas não pela maquinação. Uma *fiche* é um golpe arcaico e ilegítimo, quase totalmente restrito aos bancos particulares do Continente. As leis americanas, canadenses e do Reino Unido proíbem o seu uso.

Bourne lembrou-se das palavras de d'Amacourt e as repetiu. — "Vem de poderosos conselheiros", foi o que ele disse.

— Ele está certo. — Marie olhou para ele. — Você não vê? Eu sabia que havia uma bandeira atada à sua conta. Isto quer dizer que alguém foi subornado para colher maiores informações. Isso não é muito comum. Os banqueiros não são santos. Mas isso é diferente. Esta conta em Zurique foi aberta — desde o princípio — com a *fiche* como parte de sua atividade. E, provavelmente, com o seu próprio conhecimento.

— Treadstone Seventy One — disse Jason.

— Sim. Os donos do banco trabalharam junto com a Treadstone. E, considerando a extensão da sua participação, você tinha conhecimento disso.

— Mas alguém *foi* subornado. Koenig. Ele substituiu um número de telefone por outro.

— Ele foi muito bem pago, posso lhe assegurar. Podia pegar dez anos de cadeia na Suíça.

— Dez? É demais!

— As leis suíças são assim. Devem ter-lhe pago uma pequena fortuna.

— Carlos — disse Bourne. — Carlos... Por quê? O que eu represento para ele? Continuo a me perguntar. E continuo a dizer o seu nome, a repeti-lo! E não me lembro de nada; nada mesmo. Apenas um... um.... Nem sei. Nada.

— Mas há alguma coisa, não é? — adiantou Marie. — O que é, Jason? Em que você está pensando?

— Não estou pensando... Não sei.

— Então está sentindo. Alguma coisa. O que é?

— Não sei. Medo, talvez... Raiva, nervosismo. Não sei.

— Concentre-se!

— Diabo, você acha que não estou me concentrando? Acha que nunca me concentro? Tem alguma idéia do que seja isso? — Bourne ficou tenso, chateado com sua explosão. — Sinto muito.

— Não é nada. Nada. Estas são as dicas, as chaves que você tem que procurar — nós temos que procurar. O seu amigo médico de Port Noir estava certo, as coisas lhe vêm à mente provocadas por outras. Como você mesmo disse, por uma caixa de fósforos, um rosto, a fachada de um restaurante. Vimos isso acontecer. E agora é um nome, um nome que você evitou durante quase uma semana, enquanto me contava tudo o que lhe acontecera durante os cinco meses anteriores, até o menor detalhe possível. Mesmo assim, você nunca mencionou Carlos. E devia, mas não mencionou. Isso significa alguma coisa para você, não percebe? Este nome convulsiona tudo dentro de você, coisas que querem sair de lá.

— Eu sei.

— Querido, há uma livraria famosa no bulevar Saint-Germain que é de uma bicha louca por revistas. Um andar inteiro abarrotado de velhos números de antigas revistas, milhares. Ele até mesmo cataloga os assuntos, separa-os em um índice, como um bibliotecário. Gostaria de descobrir se Carlos está naquele índice. Vamos até lá?

Bourne sentiu uma dor aguda no peito. Não tinha nenhuma relação com os seus ferimentos, era medo. Ela percebeu. E entendeu também. Ele sentiu, mas não podia compreender. — Há números atrasados de jornais na Sorbonne — disse ele, levantando os olhos para ela. — Um deles me pôs em uma situação difícil por uns momentos. Até que pensei mais a respeito do assunto.

— Uma mentira foi descoberta. Isso foi o mais importante.

— Mas não estamos procurando por uma mentira agora, estamos?

— Não. Estamos procurando a verdade. Não tenha nenhum receio, meu querido. Eu não tenho.

Jason levantou-se. — Está bem. Saint-Germain entra no programa. Nesse meio tempo, telefone para aquele sujeito da embaixada. — Bourne procurou no bolso o guardanapo de papel com o número do telefone. Ele também anotara o número da chapa do carro que saíra correndo do banco, na Rua Madeleine. — Aqui está o número que d'Amacourt me deu, e também o número da placa do carro. Veja o que ele pode fazer.

— Está bem. — Marie pegou o guardanapo e se aproximou do telefone. Um pequeno bloco com espiral estava ao lado do aparelho. Ela folheou-o. — Aqui está. Seu nome é Dennis Corbelier. Peter disse que lhe telefonaria lá pelo meio-dia, hora de Paris. E que eu podia confiar nele; é tão conhecido quanto qualquer adido da embaixada.

— Peter o conhece, não é? Não é apenas um nome de alguma lista?

— Foram colegas na Universidade de Toronto. Posso telefonar-lhe daqui mesmo, não é?

— É claro, Mas não diga onde está.

Marie pegou o telefone. — Dir-lhe-ei a mesma coisa que disse a Peter. Que estou me mudando de hotel, mas que ainda não sei para onde vou — Pediu uma linha e depois discou o número da Embaixada do Canadá, que ficava na Avenida Montaigne. Quinze segundos mais tarde ela conversava com Dennis Corbelier, o adido.

Marie entrou no assunto quase imediatamente. — Presumo que Peter lhe tenha dito que vou precisar de sua ajuda.

— Mais do que isso — respondeu Corbelier —, ele me explicou que você esteve em Zurique. Não sei se entendi tudo o que ele disse, mas sei do que se trata. Parece que hoje em dia existem muitas manobras no mundo das finanças.

— Mais do que o normal, O problema é que ninguém quer dizer quem manobra quem. Esse é o meu problema.

— Como posso ajudá-la?

— Tenho uma placa de carro e o número de um telefone, os dois aqui de Paris. O telefone não está na lista, seria meio constrangedor se eu ligasse para lá.

— Diga-me quais são — disse ele. — *A mari usque ad mari* — disse Corbelier, recitando o lema nacional do seu país. — Temos muitos amigos em lugares esplêndidos. Quase sempre trocamos favores, em geral na área dos narcóticos, mas somos maleáveis. Por que não almoçamos juntos amanhã? Levarei o que encontrar.

— Gostaria muito, mas amanhã não vai dar. Vou passar o dia com um velho amigo. Talvez outro dia.

— Peter me disse que eu seria um idiota se não tentasse. Ele diz que você é uma tremenda mulher.

— Ele é gentil, e você também. Telefono-lhe amanhã à tarde, então.

— Ótimo. Vou trabalhar nisso.

— Falo com você amanhã. E obrigada de novo. — Marie pôs o telefone no gancho e olhou o relógio. — Devo telefonar para Peter daqui a três horas. Não me deixe esquecer.

— Você acha realmente que ele já deve ter alguma coisa?

— Ele tem. Começou ontem, telefonou para Washington. Foi o que Corbelier acabou de dizer. Nós todos fazemos trocas. Esta informação aqui por aquela lá, um nome do nosso lado por um nome do seu lado.

— Parece traição.

— É o contrário. Estamos tratando de dinheiro, não de mísseis. Dinheiro ilegalmente transado, despistando as leis favoráveis aos nossos interesses. A menos que você queira que os xeques da Arábia possuam a Grumman Aircraft. *Então* estaremos falando sobre mísseis... se eles abandonarem as suas plataformas de lançamento.

— Desarmou a minha objeção.

— Temos que ver o homem de d'Amacourt amanhã de manhã; é a primeira coisa a fazer. Calcule quanto você quer retirar.

— Tudo.

— Tudo?

— Isso mesmo. Se você fosse um dos diretores da Treadstone, o que faria se ficasse sabendo que estavam faltando seis milhões de francos de uma conta de uma associada?

— Compreendo.

— D'Amacourt sugeriu uma série de cheques ao portador.

— Ele disse isso? Cheques?

— Sim. Alguma coisa errada?

— Claro que sim. O número desses cheques poderia ser perfurado em fita fraudulenta, que poderia ser enviada para os bancos de todos os lugares. Você terá que ir a um banco para poder resgatá-los; os pagamentos seriam suspensos.

— Ele é um vencedor, não é? Ganha dos dois lados. O que podemos fazer?

— Aceite a metade do que ele lhe ofereceu — a parte ao portador. Mas não em cheques. Em títulos ao portador, e de vários valores nominais. São muito mais fáceis para corretagem.

— Você ganhou o seu jantar — disse Jason abaixando-se e acariciando-lhe o rosto.

— "Percuro ganhá meu sustentu, patrão" — respondeu ela segurando-lhe a mão. — Primeiro, o jantar; depois, Peter... e depois a livraria de Saint-Germain.

— Uma livraria em Saint-Germain — repetiu Bourne, enquanto a dor voltava ao seu peito novamente. *O que seria? Por que estava com tanto medo?*

Saíram do restaurante no bulevar Raspail e andaram até a companhia telefônica na Rua Vaugirard. Havia algumas cabines de vidro encostadas às paredes e um balcão grande e circular no centro, onde os funcionários preenchiam as fichas, assinalando as cabines para os que faziam as chamadas.

— As linhas estão descongestionadas, senhora — disse a funcionária para Marie. — Sua chamada levará poucos minutos. Número doze, por favor.

— Obrigada. Cabine doze?

— Sim, senhora. Em frente.

Enquanto atravessavam o salão cheio até a cabine, Jason segurou-lhe o braço. — Sei por que as pessoas usam esses lugares — disse. — São cento e dez vezes mais rápidos do que um telefone de hotel.

— Esta é apenas uma das razões.

Tinham acabado de chegar à cabine e de acender os cigarros quando ouviram o ruído de duas campainhas curtas tocando lá dentro, Marie abriu a porta e entrou com o bloquinho espiral e um lápis na mão. Ela pegou o aparelho.

Sessenta segundos mais tarde, Bourne, atônito, a viu olhar fixamente para a parede, paralisada, o rosto branco. Começou a gritar e deixou cair a bolsa. O conteúdo se espalhou pelo chão da pequena cabine. O bloco de papel foi aparado na prateleira, o lápis foi quebrado com a tensão da mão. Ele correu para dentro da cabine; ela estava quase desmaiando.

— Aqui é Marie St. Jacques, de Paris, Lisa. Peter está à espera da minha chamada.

— Marie? Oh, meu Deus... — A voz da secretária diminuiu e foi substituída por outras vozes no fundo. Vozes excitadas, abafadas por uma mão em concha sobre o telefone. Depois um ruído de movimento, o telefone sendo passado ou tomado por outra pessoa.

— Marie, aqui é Alan — disse o primeiro assistente do diretor da seção. — Estamos todos no escritório de Peter.

— Qual é o problema, Alan? Não tenho muito tempo, posso falar com ele, por favor?

Houve um momento de silêncio. — Quisera tornar isso mais fácil para você, mas não sei como. Peter está morto, Marie.

— Ele está... o quê?!

— A polícia foi chamada há alguns minutos; já está vindo.

— A policia? O que aconteceu? Oh, Deus, ele está morto? O que aconteceu?

— Estamos tentando reconstruir tudo juntos. Estamos examinando a sua agenda de telefones, mas não podemos tocar em nada que esteja em cima da sua escrivaninha.

— Sua escrivaninha...?

— Anotações ou memorandos, qualquer coisa parecida.

— Alan! Diga-me o que aconteceu!

— Foi isso — não sabemos. Ele não nos disse o que estava fazendo. Tudo o que sabemos é que foi chamado duas vezes ao telefone esta manhã, dos Estados Unidos — uma chamada era de Washington, a outra., de Nova torque. Por volta do meio-dia disse a Lisa que ia ao aeroporto encontrar-se com alguém. Não disse quem era. A polícia o encontrou há uma hora em um desses túneis usados para embarcar carga. Foi terrível. Ele foi morto a tiros. Na garganta... Marie? *Marie*?

O velho com os olhos profundos e um começo de barba branca se aproximou mancando da cabine escura do confessionário. Piscava os olhos constantemente, tentando enxergar a figura de capuz por trás da cortina opaca. A visão não era fácil para este mensageiro de oitenta anos de idade. Mas a sua mente era lúcida, e isso era o que importava.

— *Angelus Domini* — ele.

— *Angelus Domini*, filho de Deus — sussurrou a figura encapuzada. — Seus dias estão em paz?

— Eles se aproximam do fim, mas estão em paz.

— Ótimo... Zurique?

— Encontraram o homem do Guisan Quai. Estava ferido. Encontraram-no através de um médico conhecido do *Verbrecherwelt*. Depois de severo interrogatório ele admitiu ter atacado a mulher. Caim voltou para procurá-lo, foi Caim quem atirou nele.

— Então era uma combinação, a mulher e Caim?

— O homem do Guisan Quai acha que não. Ele era um dos dois que a encontraram na Löwenstrasse.

— Ele também é um tolo. Ele matou o vigia?

— Ele admite isso e se defende. Não tinha outra escolha, tinha que fugir.

— Não tem que se defender de nada, mesmo que seja a coisa mais inteligente que possa fazer. Ele ainda tem a arma?

— A sua gente tem.

— Ótimo. Há um prefeito de polícia, em Zurique. Esta arma deve ser entregue a ele. Caim é enganoso, a mulher é menos. Ela tem companheiros em Ottawa, eles vão entrar em contato. Nós a enganamos, nós o pegamos. Está pronto com o seu lápis?

— Sim, Carlos.

13

Bourne segurou-a gentilmente na cabine fechada e foi abaixando-a, até sentá-la no banquinho preso à parede. Estava trêmula, a respiração tensa, os olhos petrificados, parados.

— Eles o mataram. Eles o mataram! Meu Deus, o que fiz? Peter!

— Você não fez nada! Se alguém fez alguma coisa, fui eu. Não você. Ponha isso na cabeça.

— Jason, estou com medo. Ele estava tão longe... e eles o mataram!

— Treadstone?

— Quem mais? Houve duas chamadas telefônicas. Washington... Nova Iorque. Ele foi ao aeroporto encontrar-se com alguém.

— Como?

— Oh, Jesus Cristo... — Lágrimas vieram-lhe aos olhos. — Atiraram nele. Na garganta — sussurrou ela.

Bourne, de repente, sentiu uma dor forte; não podia localizá-la, mas lá estava, impossibilitando-o de respirar. — Carlos — disse, sem saber por quê.

— O quê? — Marie olhou espantada para ele. — O que você disse?

— Carlos — repetiu ele devagar. — Uma bala na garganta é Carlos.

— O que você está tentando dizer?

— Não sei. — Segurou-a pelo braço. — Vamos sair daqui. Você está bem? Pode caminhar?

Ela fez que sim com a cabeça, fechando os olhos levemente e respirando profundamente. — Sim.

— Vamos parar para tomar alguma coisa; ambos estamos precisando. Depois iremos procurá-la.

— Procurar o quê?

— Uma livraria em Saint-Germain.

Havia três números de revista catalogados sob o assunto "Carlos". Uma cópia da edição internacional da revista Potomac Quarterly e dois números parisienses de Le Globe. Não leram os artigos na livraria. Em vez disso, compraram os três números, tomaram um táxi e voltaram para o hotel, em Montparnasse. Lá começaram a ler os artigos. Marie estava sentada na cama e Jason, em uma poltrona próxima à janela. Passaram-se alguns minutos. Marie pulou e disse de repente:

— Está aqui. — E havia medo em seus olhos e em sua voz.

— Leia.

— "Uma forma particular e muito brutal de punição é usada por Carlos e/ou seu pequeno grupo de militantes. É a morte em decorrência de um tiro na garganta, sendo a vítima abandonada para morrer lentamente, enquanto sofre dores excruciantes. É a punição reservada aos que quebram o código de silêncio ou a lealdade exigida pelo assassino, ou aos que se negam divulgar informações..." Marie parou, incapaz de continuar a leitura. Recostou-se e fechou os olhos. — Ele não confessaria nada, e foi morto por isso. Oh, meu *Deus*...

— Ele não podia contar-lhes o que não sabia — disse Bourne.

— Mas *você* sabia! — Marie sentou-se novamente, os olhos bem abertos. — Você sabia sobre o tiro na garganta! Você *falou* nisso!

— Falei. Eu sabia. Mas é tudo o que posso lhe dizer.

— Como?

— Quisera poder responder, mas não posso.

— Pode me servir um drinque?

— Claro. — Jason levantou-se e foi até o balcão. Encheu dois copos curtos com uísque e olhou em direção a ela. — Quer que eu peça gelo? Hervé está aqui, será rápido.

— Não. Não será suficientemente rápido. — Ela jogou a revista em cima da cama e virou-se para ele — contra ele, talvez: — Estou ficando louca!

— Estamos no mesmo barco.

— Quero acreditar em você. Acredito. Mas eu... eu...

— Não tem certeza — completou Bourne. — Como eu também não posso ter. — Levou-lhe o copo. — O que quer que eu diga? O que posso dizer? Que sou um dos militantes de Carlos? Que quebrei o código do silêncio ou da lealdade? E por isso conhecia o método da execução?

— Pare com isso! Chega!

— Digo muito isso para mim mesmo. "Chega!" Não pense, tente se lembrar, mas logo adiante a linha emperra. Não vá tão longe, não se aprofunde tanto! Uma mentira pode ser descoberta apenas para levantar mais dez outras perguntas, intrínsecas àquela mentira. Talvez seja como acordar depois de uma bebedeira, sem estar muito certo com quem você brigou ou dormiu ou — maldição! — quem você matou.

— Não... — Marie foi obrigada a dizer. — Você é *você*. Não me tire isso.

— Não quero. Nem mesmo quero tirar isso de mim. — Jason voltou à poltrona e sentou-se, o rosto voltado para a janela. — Você descobriu... um método de execução. Descobri outra coisa. Eu já sabia; como sabia tudo sobre Howard Leland. Nem mesmo precisaria ler aquela notícia.

— Ler o quê?

Bourne pegou o número de três anos antes da Potomac Quarterly. A revista estava aberta em uma página onde havia o desenho de um homem barbado, de linhas duras, inconclusivas, como se fosse um retrato falado.

— Leia — disse ele. — Começa no canto esquerdo, debaixo do título "Mito ou Monstro". Depois quero fazer um jogo com você.

— Jogo?

— Sim. Li apenas os dois primeiros parágrafos, e você que acreditar nisso.

— Está bem. — Marie olhou-o, espantada. Depois abaixou a revista aproximando-a da luz e leu.

MITO OU MONSTRO

"Por mais de uma década, o nome "Carlos" tem sido sussurrado nas ruas ermas de cidades tão diversas quanto Paris, Teerã, Beirute, Londres, Cairo e Amsterdã. Tido como o maior terrorista, sua prática tem sido apenas matar e assassinar, sem qualquer ideologia política aparente. No entanto, há evidências concretas de que ele tem se responsabilizado por proveitosas execuções pan grupos extremistas como a OLP e Baader-Meinhof, tanto como executor quanto como orientador. Na verdade, é através do seu aparecimento infreqüente e devido aos conflitos internos de tais organizações terroristas que uma imagem mais clara de "Carlos" começa a se delinear. Alguns informantes estão saindo dos sangrentos confrontos e começam a falar.

Conquanto as histórias de suas façanhas dêem chance a se criar imagens de um mundo dominado pela violência e pela conspiração, potentes explosivos e freqüentes intrigas, carros velozes e mulheres fáceis, os fatos parecem indicar tanto um Adam Smith quanto um Ian Fleming. "Carlos" fica reduzido às proporções humanas e, na compreensão dos fatos, aparece como um homem realmente amedrontado, O mito sado-romântico se transforma em um monstro inteligente e sedento de sangue, que comete

assassinatos com a experiência de um analista completamente ciente das ondulações do mercado, custos, distribuições e divisões do trabalho do submundo. É um negócio muito arriscado, e "Carlos" é um mestre, conhece o seu valor, medido em dólares.

O retrato começa com um nome reputado, de certa forma estranho, como estranha é a profissão do seu portador. Ilich Ramirez Sanchez. Dizem que é venezuelano, filho de um devoto fanático, embora não muito proeminente, do marxismo, um advogado (o nome Ilich é uma homenagem paterna a Vladimir Ilyich Lênin, o que explica parcialmente as incursões de "Carlos" no terrorismo extremista), que enviou o jovem Rússia, para estudar, tendo sido a maior parte de sua educação feita lá, inclusive treino de espionagem em Novgorod. É aqui que o retrato falha e os rumores e especulações passam a criá-lo. E, de acordo com isso, um dos comitês do Kremlin, que regularmente controla e vigia os estudantes estrangeiros para futuras infiltrações, percebeu quem era Ilich Sanchez e não o aceitou. Ele era um paranóico, que via como solução para tudo uma bem-colocada bomba ou bala; a recomendação era enviar o jovem de volta a Caracas e dissociar todo e qualquer laço com a família. E assim, rejeitado por Moscou e ao mesmo tempo profundamente antagônico às sociedades ocidentais, Sanchez começou a construir o seu próprio mundo, um mundo onde ele pudesse ser o líder supremo. Que melhor forma poderia arranjar para se tornar um assassino apolítico, cujos serviços pudessem ser contratados pelas maiores correntes políticas e filosóficas do mundo?

O retrato, depois disso, se torna claro outra vez, fluente em várias línguas, inclusive na sua própria língua nativa, o espanhol, bem como o russo, francês e inglês, Sanchez usou o seu treino soviético como trampolim para refinar as suas técnicas. Muitos meses de estudo se seguiram à sua expulsão de Moscou. Alguns dizem que ficou sob a tutela dos cubanos, particularmente de Che Guevara, Tornou-se um mestre na ciência e uso de todas as formas de armas e explosivos; não havia arma que não soubesse abrir e carregar, mesmo de olhos vendados; não havia explosivo que não pudesse analisar pelo cheiro e toque e saber como detoná-lo de uma dúzia de formas diferentes. Estava preparado. Escolheu Paris como base de operações e foi dada a partida. Era um homem para ser alugado, e que podia matar quando os outros não ousavam aceitar este serviço.

E novamente o retrato fica esmaecido, sobretudo por não se conhecer registros de seu nascimento. Qual a idade de "Carlos"? Quantos alvos dizimados podem lhe ser atribuídos e quantos são apenas mitos — assumidos ou declarados por outros? Os correspondentes de Caracas têm dificuldade em desenterrar qualquer certidão de nascimento em qualquer ponto do país com o nome de llich Ramirez Sanchez. Por outro lado, existem muitos Sanchez. na Venezuela, e muitos também com o nome Ramirez junto, embora nenhum com o prenome Ilich. Teria sido um nome adicionado mais tarde? Ou será a omissão uma simples prova a mais da eficiência de "Carlos"? O consenso é que o assassino beira os 35-40 anos de idade. Mas ninguém pode realmente afirmar.

POR TRÁS DOS ARBUSTOS EM DALLAS?

Entretanto, um fato indiscutível é que os lucros dos primeiros assassinatos capacitaram-no a montar uma organização que pode ser invejada por uma analista de operação da General Motors. É o capitalismo em sua forma mais eficiente: lealdade e eficiência extraídas em partes iguais do medo e do prêmio. A conseqüência da deslealdade vem rapidamente — a morte — como também vêm com muita rapidez os benefícios do serviço prestado — generosas bonificações e grandes subsídios para despesas. A organização parece ter escolhido executivos em todos os lugares; e estes rumores bem-fundados levam a uma pergunta óbvia. De onde vieram os lucros iniciais? Quem eram os primeiros mortos?

O mais especulado aconteceu há treze anos em Dallas. Não importa quantas vezes seja debatida a morte de John F. Kennedy, ninguém jamais explicou satisfatoriamente até hoje a súbita explosão de fumaça que saiu de um arbusto a trezentas jardas do desfile de automóveis. A fumaça foi registrada por uma câmara; dois policiais de motocicleta, com rádio, conseguiram captar ruído(s). Muito embora nenhuma cápsula de bala ou marcas de pés fossem descobertos. De fato, a única informação sobre o assim chamado monte de arbustos, naquele momento, foi considerada tão irrelevante que foi enterrada no FBI-Dallas, no departamento de investigações, e nunca foi incluída no Relatório da Comissão Warren. A informação foi dada por um espectador, K. M. Wright, do Norte de Dallas, que, quando interrogado, fez a declaração:

"Diabos, o único filho da puta que estava ali por perto era o velho Burlap Billy, e ele estava a um par de jardas de distância dali."

O "Billy" a que ele se referia era um idoso vagabundo de Dallas, freqüentemente visto mendigando pelas áreas dos turistas; o nome "Burlap" se deve à sua predileção em amarrar os sapatos com panos velhos para angariar a simpatia dos seus alvos. De acordo com os nossos correspondentes, as declarações de Wright nunca vieram a público.

No entanto, há seis semanas, um terrorista libanês capturado acabou confessando, depois de interrogatório em Tel Aviv. Implorando para ser poupado da execução, disse que possuía informações extraordinárias sobre o assassino "Carlos". O serviço de informação de Israel expediu os relatórios para Washington. Nossos correspondentes no Capitólio conseguiram obter alguns trechos.

Declaração: " 'Carlos' estava em Dallas em novembro de 1963. Fazia-se passar por cubano e foi ele quem programou Oswald. Ele estava por trás. Foi uma operação sua."

Pergunta: "Que provas você tem?"

Declaração: "Ouvi-o dizer isso. Ele estava sobre um pequeno aterro coberto de arbustos, atrás de um socalco de terreno. Seu rifle tinha uma mira embutida."

Pergunta: "Isso nunca foi relatado antes; por que ele não foi visto?"

Declaração: "Ele deve ter sido visto, mas ninguém o teria notado. Vestia-se como um velho, com um sobretudo esfarrapado, e seus sapatos estavam embrulhados em lona para evitar deixar marcas no chão."

A informação de um terrorista decerto não constitui prova, mas também não devia ser ignorada. Sobretudo quando diz respeito a um mestre assassino, conhecido como um doutor da impostura, que tão surpreendentemente corrobora um relatório desconhecido, e que nunca foi publicado, sobre um momento de crise nacional nunca investigado. Isso, por certo, deve ser levado a sério. Como muitos outros que estiveram direta ou indiretamente associados ao trágico evento em Dallas, "Burlap Billy" foi encontrado morto alguns dias depois, devido a uma dose excessiva de drogas. Era conhecido como um velho que se embebedava sempre com vinhos baratos; nunca entretanto ninguém soube que usava narcóticos. Nem mesmo poderia comprá-los.

Teria sido "Carlos" o homem que estava por trás dos arbustos? Que extraordinário começo para uma extraordinária carreira! Se Dallas foi de fato "operação" sua, quantos milhões de dólares lhe foram realmente passados? Decerto mais do que o suficiente para estabelecer uma rede de informações e militantes que formam, agora, verdadeira corporação.

O mito tem muita substância. Carlos pode multo bem ser um monstro de carne e muito sangue."

Marie pôs a revista de lado. — Qual é o jogo?

— Já terminou? — Jason afastou-se da janela.

— Sim.

— Creio que fizeram uma porção de declarações. Teoria, suposições, equações.

— Equações?

— Se alguma coisa aconteceu aqui e houve um efeito lá, é porque devem ter alguma relação.

— Você quer dizer conexões — disse Marie.

— Está bem, conexões. Está tudo aí, não está?

— De certa forma, sim. Não é uma síntese muito clara; há uma porção de especulações, rumores e informações de segunda mão.

— *Há* fatos, no entanto.

— Dados.

— Ótimo. Dados. Está bem.

— Qual é o jogo? — repetiu Marie.

— Tem um nome bem simples. Chama-se "Armadilha":

— Armadilha para quem?

— Para mim. — Bourne sentou-se com o corpo para a frente. — Quero que me faça algumas perguntas. Qualquer coisa que esteja na reportagem. Uma frase, o nome de uma cidade, um rumor, um fragmento de... dado. Qualquer coisa. Vamos ver quais são as minhas respostas. Minhas respostas "no escuro".

— Querido, isso não é prova de...

— *Faça-as*! — ordenou ele.

— Está bem. — Marie levantou o número da *Potomac Quarterly*. — Beirute — disse ela.

— Embaixada — respondeu ele. — Um alto funcionário da CIA fazendo-se passar por adido. Baleado na rua. Trezentos mil dólares.

Marie olhou para ele. — Eu me lembro... — começou ela a dizer.

— Eu não! — interrompeu Jason. — Continue. Ela o olhou de novo, depois voltou à revista. — Baader-Meinhof.

— Stuttgart. Regensburg. Munique. Duas mortes e um seqüestro, creditados a Baader. Honorários de... — Bourne parou, depois sussurrou atônito — dos Estados Unidos. Detioit... Wilmington, Delaware.

— Jason, o que são.

— *Continue, por favor.*

— A palavra Sanchez.

— O *nome* é Ilich Ramirez Sanchez — respondeu ele. — Ele é... Carlos.

— Por que o Ilich?

Bourne fez uma pausa, os olhos vagos. — Não sei.

— É russo, não é espanhol. Sua mãe era russa?

— Não... Sim. Sua mãe. Devia ser a sua mãe... Acho. Mas não tenho certeza.

— Novgorod.

— Campo de espionagem. Comunicações, capitais, tráfico de freqüência. Sanchez é um graduado.

— Jason, você leu isso aqui!

— Não li nada! Por favor, continue.

Os olhos de Marie voltaram ao início do artigo. — Teerã.

— Oito mortos. Créditos divididos — Khomeini e OLP. Pagamento: dois milhões. Fonte: setor sudoeste da União Soviética.

— Paris — disse Marie rapidamente.

— Todos os contratos serão feitos em Paris.

— Que contratos?

— Os contratos... Mortes.

— Mortes de quem? Contratos de quem?

— Sanchez... Carlos.

— Carlos? Então, são contratos de Carlos, *suas mortes*. Nada têm a ver com você.

— Os contratos de Carlos — disse Bourne, como se estivesse atordoado. — Nada a ver com... comigo — repetiu ele quase sussurrando.

— É isso mesmo, Jason. Nada disso tem a ver com você!

— Não! Isso não é verdade! — gritou Bourne, levantando-se bruscamente da cadeira e permanecendo parado, olhando-a fixamente. — *Nossos* contratos — acrescentou ele rapidamente.

— Você não sabe o que está dizendo!

— Estou respondendo! No escuro! É por isso que tive que vir a Paris! — Ele girou nos calcanhares e foi até a janela, segurando-se na moldura. — É sobre isso que é o jogo — continuou. — Não estamos à procura de uma mentira, estamos à procura da verdade, lembra-se? Talvez a tenhamos encontrado. Talvez o jogo a tenha revelado.

— Este não é um teste válido! É um exercício doloroso sobre lembranças incidentais. Se uma revista como a Potomac Quarterly imprimiu isto, deve ter sido feita a mesma coisa pela metade dos jornais do mundo. Você poderia ter lido isso em qualquer lugar.

— O fato é que retive tudo.

— Não totalmente. Você não sabia de onde vinha o Ilich, que o pai de Carlos era um advogado marxista na Venezuela. São pontos importantes, acho. Você não mencionou nada sobre os cubanos. Se tivesse, teria sido levado à mais chocante das especulações aqui escritas. Não disse uma palavra sequer sobre isso.

— Do que você está falando?

— Dallas — disse ela. — Novembro, 1963.

— Kennedy — respondeu Bourne.

— É isso mesmo? Kennedy?

— Aconteceu nessa época — Jason ficou imóvel.

— Também, mas não é a isso que me refiro.

— Sei — disse Bourne. Sua voz estava de novo grave, como se estivesse falando no vácuo. — Uma elevação gramada... arbustos... Burlap Billy.

— Você leu isto!

— Não.

— Então já ouviu antes, leu antes.

— É possível, mas não é importante, é?

— Pare com isso, Jason! Chega!

— Estas palavras, de novo. Quisera poder parar.

— O que está tentando me dizer? Que você é Carlos?

— Deus, não! Carlos quer me matar, e nem falo russo. Disso pelo menos tenho certeza.

— Então, o *que* é?

— O que eu disse no começo. O jogo. O jogo se chama "Armadilha para um Militante".

— Militante?

— Sim. Alguém que desertou de Carlos. É a única explicação, a única razão de eu saber o que sei. Sobre todas essas coisas.

— Por que diz desertou?

— Porque ele quer me matar. Ele tem que me matar, ele pensa que sei mais sobre ele do que qualquer outra pessoa viva.

Marie estivera curvada sobre a cama. Esticou as penas para fora, estendeu as mãos ao lado do corpo. — Isso é um resultado da deserção. E a causa? Se é verdade, então você foi, se tornou... — Ela parou.

— Levando tudo em consideração, é um pouco tarde para procurar uma posição moral — disse Bourne percebendo a dor desse conhecimento no rosto da mulher a quem amava. — Eu podia pensar em várias razões, clichês. Que tal se eu tivesse me desentendido com ladrões... matadores?

— Não tem sentido! — gritou Marie. — Não há um pingo de evidência.

— Há, e muitas, você bem sabe. Eu podia ter-me vendido por um preço mais alto para um licitante mais poderoso, ou poderia ter roubado grandes somas de dinheiro dos pagamentos. Poderia ter feito um desvio. Isso explicaria a conta em Zurique. — Parou por um momento, olhando para a parede em cima da cama, sentindo, sem ver. — Isso explicaria Howard Leland, Marselha, Beirute, Stuttgart... Munique. Explicaria tudo. Todos os fatos esquecidos que querem vir à tona. E mais especialmente um. Por que evitei o seu nome, por que nunca o mencionei? Estou assustado. Estou com medo dele.

Passou-se um momento em silêncio; era alguma coisa além do medo. Marie assentiu com a cabeça. — Tenho certeza que você acredita nisso — disse — e, de certa forma, eu gostaria que fosse verdade. Mas acho que não é. Você quer acreditar nisso porque isso dá credibilidade ao que você disse. E também uma resposta... uma identidade. Pode não ser a identidade que você quer, mas só Deus sabe que é muito melhor do que ficar vagando cegamente por aquele terrível labirinto que você encara todos os dias. Qual quer coisa serviria, creio. — Fez uma pausa. — E eu gostaria que fosse verdade, porque assim não estaríamos aqui agora.

— O quê?

— Essa é a inconsistência, querido. O número ou o símbolo que não se encaixa na sua equação. Se você *fosse* o que diz ser e estivesse com medo de Carlos — e Deus sabe que deveria estar — Paris seria o último lugar do mundo para onde você se sentiria compelido a voltar. Estaríamos em outro lugar qualquer; você mesmo afirmou isso. Você fugiria; pegaria o dinheiro de Zurique e desapareceria. Mas não está fazendo isso. Ao contrário, está voltando para o esconderijo de Carlos. Isso quer dizer que não é um homem amedrontado nem culpado.

— Não há mais nada. Vim a Paris para descobrir, só isso.

— Então fuja. Teremos o dinheiro amanhã de manhã, nada o prende — nada nos prende. Isso também é simples. — Marie olhou-o demoradamente.

Jason olhou para ela, depois desviou o olhar. Foi até o balcão e serviu-se de um drinque. — Resta considerar a Treadstone — ele disse na defensiva.

— Por que considerá-la mais do que Carlos? Aí está a sua verdadeira equação: Carlos e Treadstone. Um homem a quem eu amei muito foi morto pela Treadstone. Essa é mais uma razão para fugirmos, para sobrevivermos.

— Achei que você gostaria de descobrir quem o matou — disse Bourne — e fazê-lo pagar por isso.

— Quero. E muito. Mas outros podem achá-lo. Tenho. outras prioridades, e a vingança não está em primeiro lugar. Nós estamos. Você e eu. Ou esse é apenas o meu julgamento? Os meus sentimentos?

— Você sabe muito bem! — Segurou com força o copo e olhou em direção dela. — Eu te amo — sussurrou.

— Então vamos fugir! — disse ela, levantando a voz quase mecanicamente, dando um passo em direção a ele. — Vamos esquecer tudo isso, esquecer realmente, e fugir tão rápido quanto pudermos, para o mais longe que pudermos! Vamos!

— Eu... eu... — Jason gaguejou, a névoa se interpondo, enfurecendo-o. — Há... coisas.

— Que coisas? Nós nos amamos, encontramos um ao outro! Podemos ir para qualquer lugar, ser

quem quisermos. Não há nada que possa nos deter, há?

— Apenas eu e você — repetiu ele suavemente, as névoas agora se fechando, sufocando-o. — Sei. Sei. Mas tenho que pensar. Há tanta coisa a aprender, tanta coisa que tem que aparecer!

— E por que é assim tão importante?

— É... É importante, apenas isso.

— Você não sabe?

— Sim... Não, não tenho certeza. Não me pergunte agora.

— Se não perguntar agora, quando? Quando posso perguntar? Quando passará? Ou será para sempre?!

— Chega! — De repente ele gritou, batendo c' copo contra a bandeja de madeira. — Não posso fugir! Não vou! Tenho que ficar aqui, tenho que saber!

Marie correu para ele. Pôs as mãos sobre o seu ombro e passou-as pelo rosto, enxugando-lhe a transpiração. — Agora você conseguiu falar. Pôde se ouvir, meu querido? Você não pode fugir porque está próximo, agora. E quanto mais próximo chega mais tudo isso se torna enlouquecedor para você. E se você fugisse, seria pior. Você não conseguiria viver, tudo seria um grande pesadelo. Sei disso.

Ele procurou o rosto dela e acariciou-o. — Você sabe disso?

— É claro. Mas era você quem tinha que dizer isso e não eu. Ela o abraçou, descansando a cabeça no seu peito. — Eu tinha que forçá-lo a confessar isso. E o mais engraçado é que eu podia fugir. Eu podia entrar em um avião hoje à noite e ir com você aonde quisesse, desaparecer sem olhar para trás, mais feliz do que jamais fui em toda a minha vida. Mas você não podia fazer isso. Porque o que está — ou não está — aqui em Paris o consumiria até você não mais poder suportar. Esta é a mais incrível ironia, meu querido. Eu podia viver com isso, mas você não.

— Você fugiria? — perguntou Jason. — E sua família, seu emprego... as pessoas que você conhece?

— Não sou criança nem boba — respondeu ela rapidamente. — Eu me protegeria, de certa forma, mas acho que não levaria isso muito a sério. Eu pediria uma licença médica ou por motivos pessoais. Fadiga emocional, estafa. Poderia voltar, mais tarde, o departamento entenderia.

— Peter?

— Sim. — Ela ficou em silêncio por um momento. — Caminhamos de uma relação para outra; a segunda foi a mais importante para nós dois, acho. Ele era como um irmão um pouco deficiente, de certa forma; um irmão que você deseja que triunfe, apesar das suas falhas, porque você sabe que por dentro ele é uma pessoa muito digna e decente.

— Sinto muito. Realmente sinto muito.

Ela levantou os olhos para ele. — Você também é assim. Tem a mesma decência. Quando se faz o tipo de trabalho que faço, a decência se toma muito importante. Não são os humildes que vão herdar a terra, Jason, mas os corruptos. E tenho a impressão de que a distância entre a corrupção e o assassinatc é um passo muito curto.

— Treadstone Seventy One?

— Sim. Nós estávamos certos. Quero que os descubram, quero que paguem pelo que fizeram. E você não pode fugir.

Ele passou os lábios pela face dela, depois pelos cabelos, e a abraçou. — Eu devia mandá-la embora — disse. — Eu devia pedir-lhe para sair da minha vida. Não posso fazer isso, mas bem sei que devia.

— Não faria nenhuma diferença se fizesse. Eu não iria, meu amor.

*

O escritório do advogado ficava no bulevar de la Chapelle, a sala de livros mais parecia a decoração de um palco do que a de um escritório, tudo muito apropriado, tudo estava em seu devido lugar.

Acordos eram feitos naquela sala, não contratos. Quanto ao advogado, o muito digno cavanhaque branco e o pincenê de prata sobre o nariz aquilino não escondiam a sua verdadeira raiz. Ele até insistiu em conversar usando um inglês pobre; evidentemente, mais tarde usaria este fato como defesa por não ter entendido algumas coisas.

Marie foi quem mais falou, enquanto Bourne acatava — era um cliente à procura de orientação. Ele fazia as observações sucintamente, trocando os cheques ao portador por ações ao porta dor, pagáveis em dólares, em títulos que iam de um máximo de vinte mil dólares até um mínimo de cinco. Instruiu o advogado para dizer ao banco que todas as séries deviam ser partidas em séries descontínuas de três em três, os fiadores internacionais deviam ser diferentes a cada quinto dos certificados. Seu objetivo não era confundir o procurador; ela complicou tanto a emissão dos títulos que seguir o seu curso estava muito além das possibilidades da maioria dos bancos ou corretoras. Nem teriam os bancos ou corretoras trabalho em localizá-los, pois seu pagamento já estava garantido.

Quando o irritado advogado de cavanhaque já estava quase concluindo a sua conversa telefônica com um igualmente perturbado Antoine d'Amacourt, Marie levantou a mão.

— Perdoe-me, mas o senhor Bourne insiste em que o senhor d'Amacourt também inclua duzentos mil francos em dinheiro, cem mil incluídos com os títulos e cem mil para ficar de posse do senhor d'Amacourt. Sugere ainda que a segunda parte, os cem mil do senhor d'Amacourt, sejam assim divididos: setenta e cinco mil para o senhor d'Amacourt e vinte e cinco mil para o senhor. Acha que tem um grande débito para com os senhores, pelos seus conselhos e o trabalho adicional que lhes causou. É desnecessário dizer que nenhuma cláusula específica de quebra de contrato faz-se necessária.

Com estas palavras, a irritação e a perturbação do advogado desapareceram e foram substituídas por uma gentileza incomum desde a corte de Versalhes. Os arranjos foram feitos de acordo com o inusitado — mas perfeitamente compreensível — pedido do senhor Bourne e da sua estimada conselheira.

Uma pasta para documentos, de couro, foi providenciada pelo senhor Bourne para os títulos e o dinheiro. Ela seria transportada por um mensageiro especial, armado, que deixaria o banco às 14h3omin e se encontraria com o senhor Bourne às 15h na Pont Neuf. O distinto cliente identificar-se-ia com um pequeno pedaço de couro que fora cortado dessa pasta e que, quando colocado no lugar e encaixado, provaria ser a pasta certa. Juntamente com isso, seriam ditas as seguintes palavras: "Herr Koenig manda os seus cumprimentos de Zurique."

Todos os detalhes preparados. Exceto um, que foi esclarecido pela conselheira do senhor Bourne.

— Reconhecemos que as exigências da *fiche* devem ser executadas ao pé da letra, e assim espera o senhor d'Amacourt — disse Marie St. Jacques. — No entanto, também reconhecemos que o tempo pode se transformar em uma vantagem para o senhor Bourne, que na verdade conta com ela. Se não for assim, receio ter que — embora agora esteja aqui anonimamente — como membro da Comissão Internacional Bancária, ser compelida a relatar certas aberrações de procedimentos bancários e legais, tais como as que testemunhei. Tenho certeza de que isso não se fará necessário, todos nós fomos bem pagos, *n'est-ce pas, monsieur*?

— *C'est vrai, madame*! Em negócios bancários e legais — como na vida, o tempo é tudo A senhora não tem o que recear.

— Estou certa disso — disse Marie.

Bourne examinou os encaixes do silenciador, satisfeito por ter removido as partículas de pó e fiapos que se haviam juntado na arma pela falta de uso.

Deu uma volta final no encaixe, abriu e examinou o carregador de balas. Havia ainda seis cartuchos; ele estava pronto. Enfiou a arma no cinto e abotoou a jaqueta.

Marie não o vira com a arma. Estava sentada na cama, de costas para ele, falando ao telefone com o adido da embaixada canadense, Dennis Corbelier. A fumaça espiralada do cigarro subia de um cinzeiro próximo ao livro de anotações. Ela estava anotando as informações de Corbelier. Agradeceu e desligou o telefone. Depois ficou imóvel por dois ou três segundos, o lápis ainda na mão.

— Ele nada sabe sobre Peter — disse voltando-se para Jason. — É estranho!

— Muito — concordou Bourne. — Pensei que ele seria um dos primeiros a saber. Você disse que estavam fazendo uma busca na caderneta de telefones de Peter e que ele fizera uma chamada para Paris, para Corbelier. Você acha que alguém o estaria seguindo?

— Nem mesmo considerei essa possibilidade. Estava pensando nos jornais, nos telegramas. Peter foi... encontrado há dezoito horas, e apesar de eu ter sido muito casual a seu respeito, ele era um homem importante do governo canadense. Sua morte seria uma notícia importante, e ainda mais assim, por assassinato... E não foi sequer comentada nos jornais.

— Dê um telefonema para Ottawa esta noite. Tente descobrir por quê.

— Vou fazer isso.

— O que lhe disse Corbelier?

— Oh, sim. — Marie passou os olhos pela caderneta de anotações. — A placa do carro da Rua Madeleine não tem significado, é um carro alugado no Aeroporto De Gaulle para um tal de Jean-Pierre Larousse.

— Ou um John Smith qualquer — interrompeu Jason.

— Exato. Ele teve melhor sorte com o número do telefone que d'Amacourt deu a você, mas não percebe o que uma coisa tem a ver com a outra. Nem eu, na verdade.

— É assim estranho?

— Acho que sim. É uma linha de telefone particular pertencente a uma casa de modas em Saint-Honoré. Les Classiques.

— Uma casa de modas? Você quer dizer ateliê?

— Deve ter um. Mas é principalmente uma elegante loja de roupas. Como a Casa Dior, ou a Givenchy. *Haute couture*. No mercado, Corbelier disse que a casa é conhecida como a Casa de René. O Bergeron.

— Quem?

— René Bergeron, desenhista de modas. Um estilista. Já é conhecido há bastante tempo, está quase sempre no auge do sucesso. Conheço-o porque a minha humilde costureira lá no Canadá copia os seus modelos.

— Você tem o endereço?

Marie fez que sim. — Por que Corbelier não sabia da morte de Peter? Por que ninguém sabe?

— Talvez você possa saber, quando telefonar. Talvez seja pelas diferenças de horário; é muito tarde para entrar nas edições matinais dos jornais aqui de Paris. Trago os jornais da tarde. — Bourne foi até o armário pegar o sobretudo, consciente do peso que pusera no cinto. — Vou ao banco. Seguirei o mensageiro até a Pont Neuf. — Vestiu o casaco, ciente de que Marie não o ouvia. — Queria perguntar-lhe, esses camaradas usam uniforme?

— Quem?

— Os mensageiros de banco.

— Isso é uma matéria para os jornais, e não para o serviço de telex que os jornais usam.

— Como?

— A diferença de horário. Os jornais não devem ter a notícia, mas os serviços de telex saberiam, por certo. E as embaixadas têm teletipo, eles saberiam. Não foi comunicado, Jason.

— Você telefona hoje à noite — disse ele. — Estou indo.

— Você perguntou sobre os mensageiros. Se eles usam uniformes?

— Eu estava curioso.

— Na maioria das vezes sim. Também dirigem aquelas caminhonetes blindadas. Mas fui bem clara a respeito disso. Se uma destas caminhonetes fosse usada, deveria estacionar a uma quadra da ponte. E o mensageiro deveria fazer o resto do percurso a pé.

— Ouvi, mas não estava muito certo de ter compreendido. Por quê?

— Um mensageiro bem-armado é ruim, mas é necessário, por uma questão de segurança. Uma caminhonete é muito óbvia, poderia ser facilmente seguida. Você não vai mudar de idéia e deixar que eu o acompanhe?

— Não.

— Acredite em mim, nada sairá errado; aqueles dois ladrões não permitiriam.

— Então não há nenhuma razão para você ir até lá.

— Você está brincando.

— Estou com pressa.

— Sei. E pode se movimentar mais rápido sem mim. — Marie levantou-se e se aproximou dele. — Entendo. — Inclinou-se para ele, beijando-o nos lábios. De repente, sentiu a arma no cinto. E olhou-o diretamente nos olhos. — Você está preocupado, não é?

— É apenas precaução. — Sorriu, tocando-lhe o rosto. — É uma enorme quantia que tem que nos manter por um bom tempo.

— Gostei disso.

— Do dinheiro?

— Não. Do nós. — Marie enrugou a testa. — Um cofre.

— Você continua falando sem seqüência.

— Você não pode deixar os títulos negociáveis, que valem mais de um milhão de dólares, em um quarto de hotel em Paris. Tem que ter um cofre.

— Podemos fazer isso amanhã. — Largou-a, indo em direção à porta. — Enquanto eu estiver fora, procure a Les Classiques na lista telefônica e disque para o número indicado. Descubra até que horas fica aberta. — Depois, saiu depressa.

Bourne acomodou-se no banco traseiro do táxi estacionado e pela janela olhou para o banco. O motorista cantarolava uma melodia desconhecida enquanto lia o jornal, satisfeito com a nota de cinqüenta francos que recebera como adiantamento. E o taxímetro ainda funcionava; o passageiro insistira nisso.

O furgão blindado apareceu na janela de trás do lado direito; a antena do rádio saía do centro da capota, como um gurupés afilado saindo da proa de um barco. Parou em uma área autorizada para estacionamento de veículos, exatamente em frente do táxi onde estava Jason. Dois diminutos faroletes apareceram acima do vidro redondo à prova de balas, na porta de trás. O sistema de alarme fora ligado.

Bourne inclinou-se para a frente, os olhos presos no homem uniformizado que saíra da porta lateral e abrira seu caminho por entre a multidão na calçada, em direção à entrada do banco. Sentiu-se aliviado. O homem não era um dos três bem-vestidos que vieram ontem ao Valois,

Quinze minutos depois o mensageiro saiu do banco, a pasta de couro na mão esquerda, a direita no coldre aberto. O pedaço rasgado do lado da pasta podia ser visto claramente. Jason sentiu o fragmento de couro no bolso de sua camisa; aquilo, nada mais nada menos, servia como a primeira combinação que podia proporcionar-lhe uma vida além de Paris, além de Carlos, possivelmente. Se tal vida pudesse existir e ele pudesse aceitá-la sem o terrível labirinto do qual não conseguia escapar...

Mas era muito mais do que apenas isso. Em um labirinto construído pelos homens, as pessoas se moviam, corriam, demo- liam muros, o próprio contato uma forma de progresso, ainda que cegamente.

Seu labirinto pessoal não tinha nenhuma parede, nenhum corredor definido onde ele pudesse correr. Apenas o espaço e as sombras ameaçadoras do escuro que via tão claramente quando abria os olhos à noite e sentia o suor pingando-lhe do rosto. Por que era sempre o espaço, a escuridão e os fortes ventos? Por que sempre tinha a sensação de estar mergulhando verticalmente no espaço à noite? Um pára-quedas. Por quê? Então outras palavras lhe vieram à cabeça. Não tinha idéia de onde vinham, mas lá estavam, podia ouvi-las.

O que acontece quando a sua memória se vai? E a sua identidade, Sr. Smith?

Chega!

A caminhonete blindada adentrou o tráfego na Rua Madeleine. Bourne tocou o ombro do motorista. — Siga aquela caminhonete, mas mantenha pelo menos dois carros entre nós — disse em francês.

O motorista virou-se, um pouco assustado. — Acho que o senhor pegou o táxi errado, senhor Tome de volta o seu dinheiro.

— Faço parte da companhia a que pertence aquele blindado, seu imbecil. É um trabalho especial.

— Desculpe-me, senhor. Não o perderemos. — O motorista entrou no tráfego, em diagonal.

O furgão tomou o caminho mais rápido em direção ao Sena, indo por ruas laterais. Depois virou no Ouai de la Rapée e foi em direção à Pont Neuf. Então, a dois ou três quarteirões da ponte, mais ou menos, diminuiu a marcha, encostando ao meio- fio, como se o mensageiro achasse estar muito adiantado para o seu encontro. Mas, na verdade, pensou Bourne, estava quase atrasado. Faltavam cinco minutos para as três, tempo suficiente para que o mensageiro estacionasse e caminhasse o quarteirão, como lhe fora prescrito, até a ponte. Então por que o furgão diminuíra a marcha? Diminuíra? Não, parara. Nem se movimentava! Por quê?

O trânsito?... Bom Deus, é claro — o trânsito!

— Pare aqui — disse Bourne ao motorista. — Encoste no meio-fio. Depressa!

— O que é, senhor?

— Você é um homem de sorte — disse Jason; — A minha companhia tem grande satisfação em lhe pagar um adicional de cem francos se você simplesmente for até lá na frente, até a janela da frente daquele furgão, e disser algumas palavras ao motorista.

— O que disse, senhor?

— Na verdade, estamos testando aquele motorista. Ele é novo. Aceita os cem francos?

— Só vou até a janela e digo algumas palavras?

— Só isso. Cinco segundos, no máximo. Depois pode voltar para o seu táxi e ir embora.

— Não há nenhuma complicação, nenhum problema? Não quero ter problemas.

— Minha firma é uma das mais respeitáveis da França. Você já deve ter visto as nossas caminhonetes por todo canto.

— Não me lembro...

— Esqueça! — Bourne pôs a mão no trinco da porta.

— Quais são as palavras?

Jason entregou-lhe os cem francos. — Apenas isto: "Herr Koenig. Saudações de Zurique." Pode se lembrar delas?

— "Koenig. Saudações de Zurique." Nenhuma dificuldade.

— E você vem atrás de mim.

— Está bem. — Foram rapidamente em direção à caminhonete, aproximando-se pelo lado direito, pela estreita passagem entre os carros e a rua; os carros e as caminhonetes passavam por eles, em marcha lenta, parando e andando, do lado esquerdo. O furgão era uma armadilha de Carlos, pensou Bourne. O assassino abrira seu caminho também entre as fileiras dos mensageiros armados. Um nome apenas e um

encontro revelado por um rádio podia trazer a um mensageiro mal-pago no seu próprio serviço uma grande quantidade de dinheiro. *Bourne. Pont Neuf.* Tão simples! Este mensageiro em especial estava menos preocupado em se prontificar a fazer o trabalho do que ficar à espera de que os militantes de Carlos chegassem à Pont Neuf em tempo. O trânsito de Paris era bem-conhecido; qualquer um podia se atrasar. Jason parou o motorista do táxi, passando-lhe mais uma nota adicional. de duzentos francos. Os olhos do homem arregalaram-se diante da nota.

— Senhor?

— A minha companhia vai ser muito generosa com o senhor. Este homem deve ser disciplinado porque cometeu uma grave infração.

— O que, senhor?

— Depois de dizer "Herr Koenig. Saudações de Zurique", diga também: "O esquema mudou. Há um passageiro no meu táxi que precisa vê-lo." Decorou?

Os olhos do motorista voltaram-se para a nota. — Sem problema. — E pegou o dinheiro.

Beiraram o lado da caminhonete. Jason estava com as costas rentes ao aço da caminhonete, a mão direita escondida debaixo do casaco segurando a arma no cinto. O motorista se aproximou da janela e bateu no vidro.

— Você aí dentro! Herr Koenig! Saudações de Zurique! — gritou.

A janela foi baixada, não mais do que uma ou duas polegadas. — O que é isso? — uma voz gritou lá de dentro. — O senhor devia estar na Pont Neuf, senhor!

O motorista não era nenhum idiota e estava ansioso para se livrar o mais rapidamente possível da sua tarefa. — Não eu, seu burro! — gritou através do barulho do trânsito. — Estou lhe dizendo o que me mandaram dizer! O esquema foi mudado. Tem um homem lá atrás que diz que tem que vê-lo.

— Diga-lhe para se apressar — disse Jason — segurando uma nota de cinqüenta francos fora da vista da janela.

O motorista olhou para o dinheiro e voltou ao mensageiro.

— Seja rápido! Se não vier já, vai perder o emprego!

— Agora saia daqui! — disse Bourne. O motorista correu passando por Jason e agarrando, de passagem, a nota, enquanto corria para o táxi.

Bourne ficou onde estava. De repente ficou alarmado com o que ouviu através da cacofonia do trânsito barulhento, das buzinas, canos de escape e motores na rua cheia de carros. Havia vozes dentro da caminhonete. Não um homem falando no rádio, mas dois homens discutindo. O mensageiro não estava sozinho, havia outro homem com ele.

— Estas foram as ordens. Você o ouviu bem.

— Ele devia vir *a* você. Devia aparecer.

— Ë o que ele vai *fazer*. E vai apresentar o pedaço de couro, que deve se encaixar perfeitamente na pasta! Você espera que ele faça isso no meio da rua, com todo esse trânsito?

— Não estou gostando disso!

— Você me pagou para ajudá-lo a encontrar alguém, não para perder o meu emprego. Eu vou!

— Tem que ser na Pont Neuf!

— Vá tomar no eu!

Depois, Bourne ouviu o barulho de passos lá dentro. — Vou com você!

A porta da caminhonete se abriu. Jason virou-se contra a porta, a mão ainda dentro do casaco. Um rosto de criança foi esmagado contra o vidro da porta do carro, os olhos se fecharam, as feições jovens se contorceram, formando uma feia máscara. Susto e insulto na intenção infantil daquele rosto. Os ruídos das buzinas raivosas ecoaram em contraponto, enchendo a rua movimentada com um só grito. O trânsito havia parado.

O mensageiro pisou no estribo de metal, a pasta na mão esquerda. Bourne estava pronto. No

instante em que o mensageiro pôs o pé na rua ele bateu a porta de volta contra o corpo do outro homem, esmagando-lhe a rótula e a mão, que se estendera para a frente. O homem gritou, girando para dentro da caminhonete de novo. Jason gritou para o mensageiro com o pedaço de couro na mão livre.

— Sou Bourne! Aqui está o pedaço de couro! E você deixa essa arma no coldre ou não apenas vai perder o emprego como também a vida, seu filho da puta!

— Eu não queria machucá-lo, senhor! Eles queriam encontrá-lo! Não têm nenhum interesse na sua captura, o senhor tem a minha palavra!

A porta se abriu. Jason fechou-a de novo com o ombro e depois abriu-a para ver o rosto do militante de Carlos, a mão na arma.

O que viu foi o cano de uma arma, o orifício negro em sua direção. Rodou para fora, percebendo que aquela pequena demora do tiro fora causada por uma explosão, um rangido que saíra da caminhonete blindada. O alarme disparara, soando na dissonância da rua movimentada. O tiro, em comparação, parecia silencioso; a erupção do asfalto, perto de Jason, nem fora ouvida.

Mais uma vez ele bateu a porta. E dessa vez ouviu o impacto de metal contra metal; batera na arma do militante de Carlos. Puxou a arma do cinto, ajoelhou-se na rua e abriu a porta.

Era o mesmo rosto de Zurique, o matador a quem chamavam Johann, o homem que haviam trazido para Paris para reconhecê-lo. Bourne atirou duas vezes, o homem arqueou-se para trás. O sangue jorrava-lhe da testa.

O mensageiro! A pasta de documentos!

Jason viu o homem. Ele se abaixara próximo à caminhonete, protegendo-se; com a arma na mão, gritava por socorro. Bourne pôs-se de pé e arremessou-se em direção à arma apontada, segurando-a pelo cano e torcendo-o para tirá-la da mão do mensageiro. Agarrou a pasta de documentos e gritou.

— Nenhum mal, não é? Dê-me isso, seu bastardo! — Jogou a arma do homem debaixo do furgão, levantou-se e desapareceu na massa histérica que se formava na calçada.

Depois correu cegamente; os corpos à sua frente eram os muros móveis do seu labirinto. Mas havia uma diferença essencial entre esta armadura e a que ele usava todos os dias. Não havia escuridão, O sol da tarde estava brilhante, tão ofuscante quanto a sua corrida através do labirinto.

14

— Está tudo aqui — disse Marie. Ela coletara os certificados nominais, os trocos e moedas sobre a mesa. — Eu lhe disse que estaria tudo aqui.

— Mas quase não deu certo.

— O quê?

— O homem a quem chamavam Johann, aquele de Zurique. Está morto. Eu o matei.

— Jason, o que *aconteceu*?

Ele contou-lhe tudo. — Contavam com a Pont Neuf — disse. — Acho que o carro que os seguia ficou preso no trânsito e chamou o carro do mensageiro pelo rádio, dizendo-lhe para retardar um pouco. Tenho certeza que foi isso.

— Oh, Deus, eles estão em todos os lugares!

— Mas não sabem onde eu estou — disse Bourne olhando-se no espelho que ficava sobre o balcão, examinando os seus cabelos louros enquanto colocava os óculos de armação de tartaruga. — E o único lugar no mundo em que não esperam me encontrar neste momento — mesmo que tenham imaginado que já sei de tudo — é uma loja de modas na Saint-Honoré.

— Les Classiques? — perguntou Marie, atônita.

— Certo. Você fez a ligação?

— Sim. Mas isso é insano!

— Por quê? — Jason saiu da frente do espelho e olhou-a. — Pense nisso. Há vinte minutos a armadilha deles degringolou-se. Deve haver muita confusão, recriminações, acusações de incompetência, ou coisas piores. Agora mesmo, neste preciso momento, estão muito mais preocupados consigo mesmos do que comigo; nenhum deles quer ganhar uma bala na garganta. Não vai demorar muito, vão se reagrupar logo, e rapidamente. Carlos os obrigará a isso. Mas durante a próxima hora, mais ou menos, estarão tentando perceber o que aconteceu; e o único lugar em que não vão procurar por mim é em um ponto de trabalho, em um esconderijo que não têm a menor idéia que eu já conheça..

— Alguém vai reconhecê-lo!

— Quem? Trouxeram um homem de Zurique para fazer isso, e ele está morto. Não têm a mínima idéia de como sou.

— O mensageiro. Eles o levarão, porque ele o viu.

— Nas próximas horas ele estará muito ocupado com a polícia.

— D'Amacourt. O advogado!

— Acho que eles devem estar a caminho da Normandia ou de Marselha; ou então, se tiveram sorte, já saíram do país.

— E supondo que possam ser detidos, presos?

— Suposição?! Você acha que Carlos exporia um ponto seu, um lugar escondido, onde recebe as suas mensagens? Nunca!

— Jason, estou com medo.

— Eu também. Mas não de ser reconhecido. — Bourne virou-se para o espelho. — Eu podia dar uma longa dissertação sobre classificações faciais e abrandamento de feições, mas não vou.

— Você está falando sobre as evidências da sua cirurgia. De Port Noir. Você me contou.

— Não contei tudo. — Bourne inclinou-se sobre o balcão, olhando fixamente para o seu rosto. — De que cor são os meus olhos?

— O quê?

— Não, não olhe para mim. Agora, diga-me, de que cor são os meus olhos? Os seus são castanhos raiados de verdes. E os meus?

— Azuis... azulados. Cinza... Realmente... — Marie parou. — Não estou bem certa. Suponho que seja uma falta minha.

— Não. É perfeitamente normal. Basicamente, são castanho-avermelhados, mas nem sempre. Eu mesmo já notei isso. Quando uso uma camisa ou uma gravata azul, eles se tomam mais azuis; Se uso um casaco ou uma jaqueta marrom, eles são cinzas. Quando estou nu, são estranhamente indefinidos.

— Isso não é assim tão estranho. Tenho certeza de que muitas pessoas também são assim.

— Eu também. Mas quantos usam lentes de contato quando têm a visão normal?

— Lentes de...

— Foi exatamente o que eu disse — interrompeu Jason.

— Certos tipos de lentes de contato são usadas apenas para mudar a cor dos olhos. E são bem mais eficientes quando os olhos são castanho-avermelhados. Quando Washburn examinou pela primeira vez os meus olhos, havia evidência de uso prolongado de lentes de contato. É uma das chaves, não é?

— É o que você quiser que seja — disse Marie. — Se é que isso é verdade.

— E por que não seria?

— Porque o módico estava quase o tempo todo mais bêbado do que sóbrio. Você me contou isso. Ele amontoou conjeturas e conjeturas, e muito provavelmente todas elas deformadas pelo álcool. Ele nunca foi muito específico. Nem podia.

— Ele estava empenhado em uma coisa. Eu sou um cama- leão, desenhado para ser um modelo flexível. E eu queria descobrir de quem; talvez agora possa. Graças a você, tenho um endereço. Alguém por lá deve saber a verdade. Um homem, apenas, isso é tudo o que preciso saber. Uma pessoa com quem eu possa me confrontar, me revelar se necessário.

— Não posso detê-lo. Mas, por Deus, tenha cuidado. Se o reconhecerem, eles o matarão.

— Não lá; não farão nada lá. Seria péssimo para os negócios. Isto é Paris.

— Não acho nada engraçado, Jason.

— Nem eu. Estou contando com isso seriamente.

— O que você vai fazer? Quero dizer, como?

— Saberei melhor quando estiver lá. Quando puder ver se alguém está perdido por lá, parecendo nervoso ou ansioso, ou à espera de um telefonema, como se sua vida dependesse disso.

— E dai?

— Farei o mesmo que fiz com d'Amacourt. Esperarei do lado de fora e o seguirei. Sei seguir de perto, não o perderei de vista. E serei muito cuidadoso.

— Você me telefonará?

— Tentarei.

— Fico louca esperando. Ainda mais sem saber de nada.

— Não espere. Você não pode depositar os títulos em algum lugar?

— Os bancos estão fechados.

— Vá a um hotel; os bons hotéis têm caixa-forte.

— Mas é preciso alugar um apartamento.

— Instale-se num apartamento. No Meurice ou no George Cinq. Deixe a pasta na portaria, mas depois volte para cá.

Marie balançou a cabeça. — Assim, sem fazer nada?

— Então, telefone para Ottawa. Descubra o que aconteceu.

— Farei isso.

Bourne foi até a mesa de cabeceira e pegou um maço de notas de cinco mil francos. — Com

suborno é sempre mais fácil — disse. — Não creio que vá ser necessário, mas talvez eu possa precisar.

— Talvez — concordou Marie. E logo em seguida acrescentou: — Você ouviu o que disse? Você deu o nome de dois hotéis.

— Ouvi. — Ele virou-se e olhou-a. — Já estive aqui antes. Muitas vezes. Morei aqui, mas não nesses hotéis. Em ruas fora de mão, acho. Que não eram encontradas tão facilmente.

Passou-se um momento em silêncio, o medo era elétrico.

— Eu o amo, Jason.

— Eu também a amo — respondeu Bourne.

— Volte para mim. Não importa o que acontecer, volte para mim.

A iluminação era suave e dramática, algumas luzes de refletores vinham do teto marrom escuro, envolvendo em agradáveis combinações de tons amarelos manequins e clientes ricamente vestidas. Os balcões de jóias e de acessórios eram forrados de veludo preto, sedas de vermelho e verde brilhantes, fluindo sobre a reluzente meia-noite com brilhos de ouro e prata ressaltados pela luz indireta da sala. Os corredores faziam curvas graciosas, em semi-círculos, dando uma ilusão de espaço ampliado, pois Les Clasiques não era uma loja muito grande. Era, no entanto, bonita e bem-freqüentada, localizada em um dos trechos mais valorizados . de Paris. Salas de prova com portas de vidro fume ficavam nos fundos, por trás de uma sacada onde deviam ficar os gerentes. Uma escada acarpetada se elevava do lado direito, ao lado de uma mesa de telefone, onde estava sentado um homem de meia-idade, estranhamente vestido com um terno muito conservador, operando o painel da mesa de telefone, falando em um microfone que era a extensão de um fone de ouvido.

As vendedoras eram em sua maioria mulheres altas, esguias, de corpos e rostos magros, carnes lívidas de antigas modelos que desfilaram modas, mas cujo bom gosto e inteligência as elevara a posições mais altas do que as das suas irmãs de profissão. Elas não tinham mais necessidade de exercer a profissão. Os poucos homens em evidência também eram esguios; corpos finos, realçados por roupas bem-cortadas, gestos rápidos, posturas dançantes.

Uma música suave e romântica se espalhava pelo ambiente, em crescendos abstratamente pontuados pelos pequenos fachos de luz dos refletores em miniatura. Jason vagou entre as alas, estudando os manequins, tocando os tecidos, dando a sua própria avaliação. Uma avaliação que encobria o seu próprio espanto. Onde estava a confusão, a ansiedade que esperava encontrar naquele ponto central de mensagens de Carlos? Olhou as portas do escritório, abertas, e o único corredor, que se bifurcava. Homens e mulheres passavam casualmente por ele, andando pelo pavimento; de vez em quando paravam, conversavam, trocavam pequenas informações irrelevantes. Fofocas. Em nenhum canto daquele espaço parecia haver qualquer indicação de urgência, não havia sinal de que uma armadilha tivesse explodido perto deles, de que um matador importado — o único homem em Paris que trabalhava para Carlos e podia identificar o alvo — fora morto com um tiro na cabeça, morto na traseira de uma caminhonete blindada no Quai de la Rapée.

Era incrível! Não apenas porque a atmosfera era completamente oposta ao que ele previra; ele também não esperara encontrar um caos, longe disso. Os militantes de Carlos eram muito controlados para terem esse comportamento. Ainda assim, esperara *alguma* coisa. E não havia ali nenhum rosto tenso ou olhos relampejantes; nenhum movimento abrupto, que pudesse significar alarme. Nada fora do comum. O mundo elegante da *haute couture* continuava a girar na sua elegante órbita, sem se importar com os acontecimentos que poderiam tirá-lo de seu eixo de rotação.

Ainda assim, devia haver um telefone particular em algum lugar, e alguém, que não apenas falava por Carlos, mas que também tinha a autorização de pôr em movimento três matadores em uma única

caçada. Uma mulher...

Ele a viu; tinha que ser ela. Descia a escada acarpetada. Uma mulher alta e imperiosa, com um rosto que a idade e os cosméticos tinham transformado em uma máscara fria. Foi detida no meio do caminho por um daqueles varapaus bem-vestidos, que lhe entregou um recibo de compra para a sua aprovação. Ela passou os olhos pelo papel, depois olhou para baixo, para um nervoso homem de meia-idade, que estava perto de um balcão de jóias. O olhar que endereçou-lhe foi curto, mas evidenciava muito bem a mensagem: *Está bem, "mon ami", pegue a sua bugiganga, mas pague logo a conta. Do contrário, pode ficar em maus lençóis da próxima vez. Ou pior. Posso contar a sua esposa.* Em segundos a reprovação terminara e um sorriso, tão falso quanto a sua máscara, apareceu na boca larga. Com um aceno de cabeça e um gesto floreado, a mulher pegou o lápis do vendedor e rubricou o cartão de venda. Depois continuou a descer a escada, o vendedor a seguia, conversando. Era evidente que ele a lisonjeava. No último degrau ela se virou, passou a mão na coroa de cabelos escuros e raiados e deu uma batidinha no pulso do vendedor, num gesto de agradecimento.

Havia pouca placidez em seus olhos. Pareciam bem cientes de tudo, como nenhum par de olhos que ele já vira antes, exceto daqueles que ele conhecera em Zurique, por trás dos óculos de aro dourado.

Instinto. Ela era o seu objetivo. Restava pensar como chegar a ela. Os primeiros movimentos da pavana tinha que ser muito sutis, comedidos, mas de modo a chamar-lhe a atenção. Ela tinha que vir até ele.

Os minutos seguintes deixaram Jason atônito — isto é, ficou atônito consigo mesmo. O termo era "fazer o papel de", e ele entendia muito bem disso. Mas o que mais o impressionava era a facilidade com que escorregava para um personagem que lhe era tão distante — do que ele conhecia de si mesmo. Onde há poucos minutos fizera algumas aprovações, agora inspecionava os artigos, tirava algumas roupas dos cabides, segurava os tecidos para examiná-los contra a luz. Observava com cuidado as costuras, os botões e as casas, passava os dedos nas golas, afofando-as e depois soltando-as. Era um conhecedor da boa roupa, um comprador experimentado, que sabia o que queria e se desfazia rapidamente daquilo que lhe desagradava. Não examinava as fichas de preço; obviamente, não tinham nenhum interesse para ele.

Esse fato despertou o interesse da imperiosa mulher, que continuou a olhar em sua direção. Ela era uma vendedora, seu corpo côncavo, flutuando sobre o carpete, se aproximou dele. Ele sorriu com cortesia, mas disse que preferia escolher sozinho. Menos de trinta segundos depois ele estava atrás de três manequins, cada um vestido com as mais caras criações que se encontravam na Les Classiques. Levantou as sobrancelhas, fez um muxoxo de aprovação com a boca enquanto espiava por entre os manequins para a mulher que estava por trás do balcão. Ela sussurrou ao vendedor que antes falara com ela; depois, balançou a cabeça e encolheu os ombros..

Bourne permaneceu com as mãos nos quadris, mexendo com as bochechas, a respiração calma, enquanto os olhos corriam de um manequim a outro; era um homem incerto, pronto para fazer uma escolha. E um cliente em potencial, especialmente um cliente que não olhava os preços e que estava precisando do auxílio da pessoa mais capaz que estava ali por perto — ele estava irresistível. A suntuosa mulher passou a mão nos cabelos e graciosamente venceu os corredores em sua direção. A pavana chegara ao fim do seu primeiro movimento; os dançarinos se curvaram, preparando-se para a gavota.

— Vejo que o senhor está em dúvida quanto aos nossos melhores modelos, monsieur — disse a mulher em inglês, presumindo que esta fosse a sua língua, julgamento feito por olhos muito experientes.

— Acredito que sim — respondeu Jason. — Vocês têm uma coleção muito interessante, mas a gente tem sempre que investigar, selecionar, não é?

— A eterna e inevitável escala de valores, monsieur. No entanto, todas as nossas criações são exclusivas.

— *Cela va sans dire, madame.*

— *Ah, vous parlez français*?

— *Un peu*. Razoavelmente.

— É americano?

— Raramente vou para lá — disse Bourne. — Estes modelos são exclusivos?

— Oh, sim. Nosso desenhista é contratado exclusivo; tenho certeza de que já ouviu falar nele: René Bergeron.

Jason enrugou a testa. — Sim. Já ouvi. É muito respeitado, mas nunca fez uma aparição internacional, não é?

— Fará, *monsieur*. É inevitável; a sua reputação cresce a cada nova estação. Há poucos anos trabalhou para St. Laurent, depois para a Casa Givenchy. Alguns dizem que ele fazia bem mais do que apenas cortar os modelos, se o senhor me entende.

— Não é difícil compreender.

— E como aqueles mexeriqueiros tentaram derrubá-lo, deixá-lo para trás! É vergonhoso! Porque ele adora as mulheres, exalta-as, e não as veste como meninos, *vous comprenez*?

— *Je vous comprends parfaitement.*

— Ele será mundialmente conhecido um dia, em breve, e eles nem serão capazes de chegar à bainha das suas criações. Pense nestas criações como trabalhos de um futuro mestre, *monsieur.*

— É muito convincente. Vou levar estes três. Creio que são manequim 42?

— Quarenta e quatro, monsieur. Serão ajustados, é claro.

— Acho que não, mas tenho certeza de que há bons costureiros em Cap-Ferrat.

— *Naturellement* — concordou a mulher rapidamente.

— E também... — Bourne hesitou, novamente enrugando a testa. — E já que estou aqui, para economizar tempo selecione mais alguns para mim, nesta mesma linha. Com estampas diferentes, modelos diferentes, mas relacionados a esse tipo, se isso faz sentido.

— É um *bom* sentido, monsieur.

— Obrigado, fico muito grato. Fiz uma longa viagem, vim das Baamas, estou exausto.

— Gostaria de sentar-Se, então?

— Na verdade, gostaria de um bom drinque.

— Pode ser conseguido, é claro. E quanto à forma de pagamento, *monsieur*...?

— *Je paierai cash*, creio — disse Jason, certo de que a compra paga em dinheiro seria notada pelos administradores da Les Classiques. — Cheques e contas são como rastros de caça nas florestas, não é?

— O senhor é sábio e perspicaz. — O rígido sorriso quebrou novamente a máscara, os olhos dissimulados. — Sobre o drinque, por que não no meu escritório? É bem reservado, poderá relaxar, e lhe trarei algumas seleções para a sua aprovação.

— Esplêndido.

— E quanto ao preço, *monsieur*?

— *Les meilleurs, madame.*

— *Naturellement*. — Uma mão pálida e fina lhe foi estendida. — Sou Jacqueline Lavier, sócia da Les Classiques.

— Obrigado. — Bourne estendeu-lhe a mão, mas não se apresentou. Logo daria um nome mas não em lugar assim tão público. E oportunamente. Por enquanto, o dinheiro era a sua apresentação. — Seu escritório? O meu está a milhares de milhas daqui.

— Por aqui, monsieur. — Aquele rígido sorriso mais uma vez apareceu, quebrando a máscara facial, como se fosse uma camada fina de gelo se rompendo. Madame Lavier fez um gesto em direção à

escada, O mundo da *haute couture* continuava, sua órbita não fora interrompida pela morte no Quai de la Rapée.

Não havia interrupção — isso era um pouco perturbador para Jason e, também, muito estranho. Ele estava convicto que a mulher ao seu lado era portadora de comandos mortais, abortados com um tiro seu há uma hora. As ordens teriam sido dadas por um homem sem rosto, que exigia obediência ou morte. No entanto, não havia a mínima indicação de que uma mecha de seu cabelo perfeitamente arrumado tivesse sido perturbada por uma mão de dedos nervosos; nenhuma palidez na máscara cinzelada que pudesse demonstrar medo. Mesmo assim, não havia ninguém superior a ela lá na Les Classiques, ninguém mais que pudesse ter um número de telefone particular em um escritório particular. Parte de uma equação estava faltando... mas a outra já fora perturbadoramente confirmada.

Ele mesmo, O camaleão. A charada funcionara. Ele estava no campo inimigo, convencido, sem dúvida alguma, de que não fora reconhecido. Todo esse episódio tinha uma qualidade déjá vu. Já fizera essas coisas antes, já experimentara as sensações dessa mesma ação. Era um homem percorrendo uma floresta desconhecida e, mesmo assim, instintivamente, conhecia o seu caminho, tinha certeza de saber onde as armadilhas estavam e como evitá-las. O camaleão era um perito.

Chegaram até a escada e começaram a subir os degraus. No alto, à direita, o operador de meia-idade, vestido de forma bem conservadora, falava suavemente ao microfone do seu aparelho, acenando com a cabeça grisalha, quase cansado, como se estivesse assegurando a quem estava na linha que o mundo deles era tão sereno como devia ser.

Bourne parou no sétimo degrau. Foi uma pausa involuntária. A cabeça daquele homem vista de trás, o perfil do rosto, o cabelo cinza já ralo — o jeito de os fios caírem por cima da orelha... Já vira aquele homem antes! Em algum lugar no passado, no seu esquecido passado. Ele podia se lembrar. Aquela figura surgia da escuridão... com alguns raios de luz. Explosões, névoas; ventos açoitantes, prolongados e seguidos de silêncios cheios de tensão. O que era? Onde? Por que a dor voltara-lhe aos olhos de novo? O homem de cabelos grisalhos começou a se virar na sua cadeira giratória. Jason desviou o olhar antes que ele o visse.

— Vejo que o senhor está impressionado pela nossa mesa telefônica — disse Madame Lavier — É uma coisa que acredito combinar muito bem com Les Classiques e que a distingue das demais lojas de Saint-Honoré.

— De que forma? — perguntou Bourne, enquanto continuavam a subir os degraus. A dor na vista fazia com que ele piscasse muito.

— Quando um cliente telefona a Les Classiques, não é atendido por uma mulher de voz impessoal; ao contrário, é atendido por um cavalheiro que tem todas as informações na ponta da língua.

— Um toque de classe.

— Outros cavalheiros também pensam assim — acrescentou ela. — Sobretudo quando fazem compras por telefone, quando preferem mantê-las confidencialmente. Não há nenhum rastro em nossa floresta, *monsieur*.

Alcançaram o espaçoso escritório de Jacqueline Lavier. Era a toca de uma eficiente executiva. Uma grande quantidade de papel formava diversas pilhas separadas sobre a mesa. Em um cavalete encostado à parede estavam alguns desenhos em aquarela, alguns apenas começados, outros deixados intactos, claramente rejeitados. As paredes eram cheias de fotos do *beautiful people*, cuja beleza quase sempre é escondida pelas bocas escancaradas, de sorrisos tão falsos quanto o da máscara que ocupava aquele escritório. Havia uma certa qualidade vulgar no ar perfumado. Aqueles eram os alojamentos de uma esperta tigresa velha, rápida no ataque e fulminante se alguém a ameaçasse, ameaçasse as suas possessões ou a impedisse de saciar os seus apetites. Mas ela era bem-disciplinada; tudo levado em conta, era uma boa ligação para Carlos.

Quem era aquele homem na mesa do telefone? Onde ele o vira antes?

Foi-lhe oferecido um drinque de uma bandeja com muitas garrafas; escolheu um brandy.

— Por favor, sente-se, monsieur. Vou pedir a ajuda do próprio René, se puder encontrá-lo.

— É muita gentileza sua, mas estou certo de que o que a senhora escolher será bastante satisfatório. Tenho um certo instinto em reconhecer o bom gosto; o seu está em todos os recantos deste escritório. Gostei dele.

— O senhor é muito generoso.

— Só quando tenho certeza — disse Jason, ainda em pé. — Na realidade, gostaria de apreciar estas fotos. Vejo um bom número de conhecidos, até amigos. Uma porção destes rostos passam pelos bancos das Baamas com certa freqüência.

— Estou certa que sim — concordou Lavier em um tom que deixava transparecer respeito por aquelas avenidas das finanças. — Não devo me demorar, monsieur.

Não iria se demorar, pensou Bourne, logo que a sócia da Les Classiques saiu do escritório. Mine. Lavier não permitiriaque um alvo cansado e rico pudesse ter tempo para pensar. Logo voltaria com os mais dispendiosos modelos e criações que pudesse arrebanhar. Assim, se naquela sala houvesse alguma coisa capaz de lançar alguma luz sobre a intermediária de Carlos — ou sobre a sua operação assassina —, devia ser encontrada rapidamente. E se estivesse lá, estaria próxima à mesa.

Jason circulou em volta da cadeira imperial encostada à parede, fingindo profundo interesse pelas fotos, mas se concentrou na mesa. Havia faturas, recibos, e contas atrasadas juntamente com promissórias cobradas, à espera da assinatura de Lavier. Um livro de endereços estava aberto, havia quatro nomes na página. Aproximou-se para ver mais claramente. Eram nomes de companhia, os contatos individuais estavam postos entre chaves, com a posição da pessoa sublinhada. Gostaria de memorizar cada nome de companhia, cada um dos seus contatos. Estava quase conseguindo quando seus olhos foram atraídos por um cartão de endereços. Apenas uma parte aparecia, o resto estava escondido debaixo do telefone. E havia mais alguma coisa — quase imperceptível. Uma fita adesiva transparente estava colada na beira do cartão, prendendo-o no lugar. A própria fita era relativamente nova e fora pregada recentemente sobre o papel pesado e a madeira lustrosa. Estava limpa, não havia manchas nem dobraduras nas margens ou sinais de estar lá há muito tempo.

Instinto.

Bourne levantou o telefone para afastá-lo de cima do cartão. O telefone tocou. A campainha vibrava em sua mão, um som enervante. Recolocou-o sobre a mesa e afastou-se. Imediatamente um homem em mangas de camisa entrou pela porta aberta, vindo do corredor. Parou, olhou espantado para Bourne, os olhos assustados, mas cauteloso, tentando evitar qualquer demonstração. O telefone tocou pela segunda vez, o homem foi até a mesa e atendeu-o.

— Alô? — Ouviu em silêncio, a cabeça baixa, concentrando-se no que ouvia. Era queimado de sol, musculoso, com idade indeterminada, a pele queimada de sol escondia a idade. O rosto era tenso, os lábios finos, o cabelo, tosado e grosso, era castanho-escuro, os fios disciplinados. Os tendões dos braços se moviam por baixo da carne enquanto ele transferia o aparelho de uma mão para a outra, falando asperamente. — Pas ici. Sais pas. Téléphonez plus tard... — Desligou o telefone e olhou para Jason. — Où est Jacqueline?

— Um pouco mais devagar, por favor — disse Bourne, mentindo em inglês. — O meu francês é um pouco limitado.

— Sinto — respondeu o homem bronzeado. — Estou à procura de Madame Lavier.

— A dona?

— O título serve. Onde está ela?

— Esgotando. os meus fundos. — Jason sorriu, levando o copo aos lábios.

— Oh? E quem é o senhor, *monsieur*?

— Quem é você?

O homem estudou Bourne atentamente. — René Bergeron.

— Oh, senhor! — exclamou Jason. — Ela está a sua procura. O senhor é muito *bom*, senhor Bergeron. Ela me disse que eu devia encarar as suas criações como obras de um mestre do futuro. — Bourne sorriu novamente. — O senhor é a razão pela qual eu talvez tenha que telegrafar para as Baamas pedindo que me mandem uma grande soma em dinheiro.

— O senhor é muito gentil, monsieur. E peço-lhe desculpas por ter entrado assim.

— Foi melhor o senhor ter atendido o telefone. A escola Berlitz me considera um fracasso.

— Compradores, estoquistas, são todos uns verdadeiros idiotas. Com quem, *monsieur*, tenho a honra de falar?

— Briggs — disse Jason, sem ter a mínima idéia de onde lhe viera o nome, e atônito que lhe tivesse vindo à mente tão depressa e com tanta naturalidade. — Charles Briggs.

— É um prazer conhecê-lo. — Bergeron estendeu a mão, o aperto foi forte. — Disse que Jacqueline estava à minha procura?

— Por minha causa, creio.

— Vou procurá-la. — O desenhista deixou a sala rapidamente.

Bourne aproximou-se da mesa, mantendo os olhos na porta; depois pegou o telefone. Empurrou o aparelho um pouco para o lado e deixou à vista o cartão. Havia dois números de telefone: o primeiro podia reconhecer como um número de Zurique; o segundo era de Paris.

Instinto. Ele estava certo, e o pedaço de fita transparente era o único sinal de que precisara. Olhou bem para os números e os memorizou. Depois pôs o telefone de novo no lugar e afastou- se da mesa.

Acabara de fazer isso quando Madame Lavier entrou na sala com uma meia dúzia de vestidos no braço. — Encontrei René na escada. Ele aprovou a minha seleção com entusiasmo. E também me disse que o seu nome é Briggs, *monsieur*.

— Eu mesmo devia ter-lhe dito — disse Bourne, sorrindo em resposta à voz amuada de Lavier. — Mas não me lembro de a senhora ter perguntado.

— "Rastros na floresta", *monsieur*. Aqui está, trouxe-lhe uma festa! — Ela separou os vestidos, colocando-os cuidadosamente em várias cadeiras. — Realmente acredito que estão entre as mais finas criações que René nos trouxe.

— Trouxe? Ele não trabalha aqui, então?

— É uma forma de falar. Seu ateliê fica no final do corredor, mas é uma sagrada sacristia. Até mesmo eu tremo quando entro lá.

— São magníficos — continuou Bourne, passeando os olhos de um para outro. — Mas não quero sufocá-la com tudo isto; quero apenas pacificá-la — acrescentou, apontando para três vestidos. — Levarei estes.

— Uma boa seleção, *monsieur* Briggs!

— Ponha-os na mesma caixa, por favor.

— Naturalmente. Ela é de fato uma mulher de sorte.

— Uma boa companheira, mas muito criança. Uma criança mimada, creio. No entanto, sei que também estive fora muito tempo e não lhe dei muita atenção; dessa forma, acho que posso fazer as pazes. Esta é uma razão por que a mandei para Cap Ferrat. — Sorriu, pegando a carteira Louis Vuitton. — *La facture, si il vous plate*?

— Vou mandar uma das moças expedir tudo. — Madame Lavier apertou um botão do interfone próximo ao telefone. Jason observou-a atentamente, preparando-se para comentar a chamada que Bergeron atendera logo que percebeu que os olhos da mulher se fixaram no telefone, um pouquinho fora do lugar. — *Faites venir Janine — avec les robes. La facture aussi*. — Empertigou-se. — Outro brandy,

monsieur Briggs?

— *Merci bien*. — Bourne estendeu-lhe o copo. Ela o pegou e foi até o bar. Jason sabia que ainda não era hora de pôr em prática o que tinha em mente; logo chegaria a ocasião — assim que ele lhe entregasse o dinheiro —, mas não agora. Podia, no entanto, continuar a construir as fundações com a sócia da Les Classiques. — Esse camarada Bergeron — disse ele — tem contrato exclusivo com a casa?

Madame Lavier virou-se com o copo na mão. — Oh, sim. Somos uma família muito unida aqui.

Bourne aceitou o brandy, agradeceu com a cabeça a bebida e sentou-se em uma poltrona em frente à mesa. — Esse é um acordo bem positivo — disse casualmente.

A vendedora alta e magra com quem ele antes falara entrou no escritório com um livro de vendas na mão. As instruções foram dadas rapidamente, algumas cifras a mais, as roupas arrumadas e separadas enquanto o livro de vendas passava de mãos. Lavier entregou-o para que Jason conferisse. — *Voici la facture, monsieur* — disse ela.

Bourne balançou a cabeça, dispensando a inspeção. — *Con bien*? — perguntou.

— *Vingt-mille, soixante francs*, *monsieur* — respondeu a sócia da Les Classiques, observando a sua reação de pássaro precavido.

Não houve qualquer reação. Jason simplesmente tirou cinco notas de cinco mil francos e entregou-lhe. Ela assentiu com a cabeça e deu o dinheiro para a esguia vendedora, que caminhou cadavericamente para fora do escritório, levando os vestidos.

— Tudo será embrulhado e trazido de novo para cá, juntamente com o seu troco. — Lavier foi até a mesa e sentou-se. — O senhor está a caminho de Ferrat, então. Vai ser adorável.

Ele havia pago, a hora chegara. — Uma última noite em Paris antes de voltar para o jardim de infância — respondeu Jason levantando o copo e fazendo um brinde zombando de si mesmo.

— Sim, o senhor mencionou que sua amiga é bastante jovem.

— Uma criança, foi o que eu disse, e é isso o que ela é. É uma boa companhia, mas acho que prefiro a companhia de mulheres mais maduras.

— O senhor deve gostar muito dela — contestou Lavier, tocando o seu cabelo perfeitamente bem-penteado, aceitando a lisonja. — O senhor lhe compra coisas tão adoráveis e — francamente — tão caras!

— Um preço menor, considerando o que ela deve tentar escolher.

— Realmente.

— Ela é a minha esposa, a terceira para ser exato, e é preciso manter as aparências nas Baamas. Mas nem tanto lá nem tanto cá; minha vida está equilibrada.

— Tenho certeza que sim, monsieur.

— Falando nas Baamas, me ocorreu um pensamento há poucos minutos. Foi por isso que lhe perguntei a respeito de Bergeron.

— Qual foi?

— Pode pensar que sou impetuoso. Mas asseguro-lhe que não o sou. Mas quando alguma coisa me toca, gosto de explorá-la. Já que Bergeron é seu criador exclusivo, a senhora já pensou em abrir uma filial nas ilhas?

— Nas Baamas?

— E mais para o Sul. Na direção do Caribe, talvez.

— Monsieur, Saint-Honoré sozinha já é mais do que podemos manter. Terra malcuidada fica alqueivada, como dizem.

— Não teria que atendê-la de perto; não da forma como pensou. Uma concessão aqui, outra ali, as criações podem ser exclusivas, os donos das casas podem ganhar uma percentagem básica. Apenas uma butique ou duas se espalhando, mas, é claro, com muita cautela.

— Isso exige capital considerável, monsieur Briggs.

— Preços fixos, no início. O que a senhora deve chamar de quotas. São altos, mas não proibitivos. Nos hotéis mais finos e clubes depende apenas de como lidar com a administração.

— E o senhor os conhece?

— Muito bem. Como lhe disse, estou apenas fazendo uma observação, mas acho que a minha idéia tem um certo mérito. As suas etiquetas terão uma certa distinção — Les Classiques, Paris, Baamas... Caneel Bay, talvez. — Bourne engoliu o que restava do brandy. — Mas, provavelmente, a senhora me toma por louco. Considera tudo isso apenas conversa... Embora eu já tenha conseguido fazer uns dólares assumindo riscos que me aparecem de repente, assim, na excitação de um momento.

— Riscos? — Jacqueline Lavier passou de novo a mão nos cabelos.

— Não jogo fora as minhas idéias, madame. Em geral eu as estimulo.

— Sim, entendo. Como o senhor diz, a idéia em si tem bastante mérito.

— Creio que sim. É claro, eu gostaria de saber qual a espécie de acordo que a senhora tem com Bergeron.

— Tudo poderia ser arranjado, monsieur.

— Digo-lhe uma coisa — disse Jason. — Se está livre, vamos conversar sobre isso à noite, podemos jantar. É a minha última noite em Paris.

— E o senhor prefere a companhia de mulheres mais maduras — concluiu Jacqueline Lavier, a máscara quebrada em um sorriso; de novo o gelo quebrou-se em torno dos olhos, agora mais harmoniosamente.

— *C'est vrai, madame.*

— Pode ser — disse ela estendendo a mão para pegar o telefone.

O telefone. Carlos.

Ele a quebraria, pensou Bourne. *Ele a mataria se fosse preciso. Mas saberia a verdade.*

Marie caminhou no meio da multidão em direção à companhia telefônica da Rua Vaugirard. Fora ao Meurice, deixara a pasta na portaria e permanecera sentada no quarto exatamente durante vinte e cinco minutos. Até não poder mais agüentar. Acomodara-se em uma cadeira de frente para uma parede branca, pensando em Jason, naquela loucura dos últimos oito dias, que a impulsionara em um círculo de insanidade muito além do que ela mesma poderia compreender. Jason. O atencioso, amedrontador e confuso Jason Bourne. Um homem com tanta violência dentro de si e, ao mesmo tempo, estranhamente cheio de compaixão. E terrivelmente capaz de lidar com um mundo que os homens comuns não conhecem. De onde teria ele surgido? De onde teria vindo esse homem a quem ela amava? Quem o ensinara a encontrar seu caminho pelas ruas escuras e afastadas de Paris, Marselha e Zurique... ou pelas ruas do Oriente, talvez? O que seria para ele o Extremo Oriente? Como aprendera tantas línguas? Que línguas seriam? Ou língua?

Tao.

Che-sah.

Tam quan.

Era outro mundo, e ela nada conhecia a respeito dele. Mas ela conhecia Jason Bourne, ou o homem chamado Jason Bourne, e se agarrava à decência que sabia encontrar-se lá dentro. Oh, Deus, como ela o amava!

Ilich Ramirez Sanchez. Carlos. O que era ele para Jason, o que ele significava para Jason Bourne?

Chega! Gritou para si mesma, naquele quarto, sozinha. Depois, fez o que vira Jason fazer tantas vezes: levantara-se da cadeira, como se o movimento físico pudesse clarear as sombras — ou permitir que elas fossem ultrapassadas.

Canadá. Tinha que telefonar para Ottawa e descobrir por que a morte de Peter — o seu assassinato — ficara em silêncio, sem nenhum comentário dos jornais. Não fazia sentido; ela se opunha àquilo com todo o seu coração. Porque Peter também era um homem decente. E fora morto por homens indecentes. Alguém poderia lhe dizer por quê. Do contrário, ela mesma comunicaria aquela morte — aquele assassinato. Gritaria alto para o mundo que conhecia, dizendo: "Façam alguma coisa!"

E, assim, deixara o Meurice, tomara um táxi para a Rua Vaugirard e pedira a ligação para Ottawa. Agora, estava à espera da ligação do lado de fora da cabine, a ira aumentando, um cigarro apagado amassado entre os dedos.. Quando a campainha tocou ela nem teve tempo de deixá-lo no cinzeiro.

A campainha tocou. Ela abriu a porta de vidro da cabine.

— É você, Alan?

— Sim — foi a resposta curta.

— Alan, o que está acontecendo? Peter foi *assassinado* e não foi escrita nem uma única palavra em qualquer jornal ou rádio! Acho que nem a embaixada sabe disso! É como se ninguém desse a mínima! O que vocês estão *fazendo*?

— O que nos foi mandado. E é isso que você tem que fazer.

— O quê? Foi *Peter*! Ele era seu amigo! Ouça bem, Alan...

— Não! — a interrupção foi áspera. — Você, ouça. Saia de Paris. Agora! Tome o próximo avião diretamente para cá. Se tiver algum problema, a embaixada poderá solucionar — mas deve falar com o embaixador, entendeu?

— Não! — gritou Marie St. Jacques. — Não entendo! Peter foi morto e ninguém se importa! Tudo o que você está dizendo é apenas tolice burocrática! Não se envolva. Por Deus, *nunca* se envolva!

— Fique fora disso, Marie!

— Ficar de fora do *quê*? É isso que você não está me dizendo, não é? Bem, é melhor você...

— Não posso! — Alan abaixou a voz. — Não sei. Estou apenas lhe dizendo o que me mandaram dizer.

— Quem?

— Não pode fazer esta pergunta.

— Mas *estou* fazendo!

— Ouça, Marie. Não fui para casa nestas últimas vinte e quatro horas. Estive aqui as últimas doze horas à espera do seu telefonema. Tente me entender — não estou apenas sugerindo que você volte: são ordens do seu Governo.

— *Ordens*? Sem qualquer explicação?

— É assim mesmo. Só vou dizer isso. Querem que você saia daí, eles o querem sozinho... É isso que deve fazer.

— Sinto, Alan — mas não é assim. Adeus. — Bateu o telefone e logo depois segurou o pulso para fazer parar a tremedeira. *Oh, Deus, ela o amava tanto! E eles estavam tentando matá-lo. Jason, meu Jason. Todos o querem morto. Por quê?*

O homem classicamente vestido que estava no painel da mesa telefônica puxou a alavanca que bloqueava todas as linhas, reduzindo as chamadas a um sinal de ocupado. Fazia isso uma ou duas vezes por hora para clarear a mente e limpá-la das insanidades que fora obrigado a dizer durante os minutos antecedentes. A necessidade de cortar todas as ligações em geral lhe ocorria logo depois de uma conversa particularmente tediosa. E acabara de ter uma assim. A esposa de um deputado tentando esconder do marido o extraordinário preço de uma única compra e dividi-lo em vários pagamentos, para que o marido não desconfiasse. Demais! Precisava de alguns minutos para respirar.

A ironia o feria. Não fazia muito tempo e os outros sentavam-se à mesa telefônica para ele. Nas suas companhias em Saigon e na sala de comunicação de suas vastas fazendas, no Delta do Meckong. E

ali estava ele agora, na mesa telefônica de outra pessoa, nas redondezas perfumadas de Saint-Honoré. O poeta inglês já dissera: há mais disparidades e vicissitudes na vida do que uma única filosofia pode invocar.

Ouviu risos na escada e olhou para cima. Jacqueline saía mais cedo. Sem dúvida alguma, com um dos seus célebres conhecidos cheios da nota. Não havia nenhuma dúvida quanto a isso, Jacqueline tinha grande talento para tirar ouro de uma mina bem guardada, até mesmo diamantes dos De Beers. Ele não podia ver o homem que estava com ela porque ele estava do outro lado de Jacqueline, a cabeça virada para o outro lado.

Mas depois, por um breve momento, ele o viu. Os olhos o perceberam, foi um momento curto e explosivo. O grisalho operador da mesa telefônica de repente não conseguia mais respirar. Ficou parado, num momento de descrença, olhando espantado para um rosto que já não via há anos. Um rosto que quase sempre vira no escuro, pois haviam trabalhado à noite... e mor rido à noite.

Oh, meu Deus — era *ele*! Ele, que aparecia de um pesadelo vivo — ou morto — de milhões de milhas. Era *ele*!

O homem grisalho levantou-se da mesa telefônica como se estivesse em transe. Tirou o fone da cabeça e deixou-o cair ao chão. O painel fez um ruído enquanto a mesa acendia e os chamados eram feitos sem serem recebidos, respondidos apenas pelos discordantes. Saiu da plataforma e encaminhou-se para a ala do lado, rapidamente, para ter melhor visão de Jacqueline Lavier e do fantasma que a acompanhava.

O fantasma que era um matador — mais do que qualquer outro homem que já vira. Um *matador*. Disseram que poderia acontecer, mas nunca acreditara em tal possibilidade. Agora acreditava neles. Aquele *era o homem*.

Podia vê-los claramente. Podia vê-lo. Estavam andando no centro do corredor em direção à entrada. Tinha que detê-los. Tinha que detê-la! Mas se corresse e gritasse seria morto. Uma bala na cabeça, imediatamente.

Chegaram às portas; *ele* abriu-as e acompanhou-a até a calçada. O homem grisalho saiu correndo do seu esconderijo pela ala do lado e foi até a janela da frente. Lá fora *ele* acenara para um táxi Abrira a porta, fazendo com que Jacqueline entrasse. Oh, Deus! Ela estava entrando! -

O homem de meia-idade virou-se e correu o mais que pôde em direção à escadaria. Esbarrou com dois clientes espantados e uma vendedora, atirando os três para fora do seu caminho. Subiu os degraus correndo, passou pela sacada e sumiu no corredor de trás, entrando pela porta aberta do ateliê.

— René! René! — gritou, irrompendo na sala.

Bergeron levantou os olhos da prancheta, espantado. — O que é?

— Aquele homem com Jacqueline! Quem é ele? Quanto tempo esteve aqui?

— Oh? O americano, provavelmente — disse o desenhista. — Seu nome é Briggs. Uma vaca gorda; nos fez muito bem hoje; gastou bastante na loja.

— Aonde eles foram?

— Eu nem sabia que eles tinham saído.

— Ela saiu com ele!

— A nossa Jacqueline sabe se comportar, não é? Ela tem bom senso.

— É preciso encontrá-los! Encontrá-la!

— Por quê?

— Ele *sabe*. Ele a matará!

— O quê?

— É ele! Juro! Aquele homem é Caim!

15

— O homem é Caim — disse o Coronel Jack Manning abruptamente, como se esperasse ser contrariado por pelo menos três dos quatro civis que estavam na reunião do Pentágono, em volta da mesa. Os outros eram mais velhos do que ele e cada um se considerava o mais experimentado. Nenhum deles estava preparado para receber bem a notícia de que o exército colhera informações que as suas organizações haviam falhado em obter. Havia um quarto civil cuja opinião não contava. Era um membro do Comitê de Superintendência do Congresso e, como tal, devia ser tratado com deferência, mas não muito seriamente. — Se não nos mexermos agora — continuou Manning —, mesmo correndo o risco de tornar público tudo o que sabemos, ele pode fugir da rede novamente. Como há onze dias, quando estava em Zurique. Estávamos convencidos de que ele ainda estava lá. E, cavalheiros, é Caim.

— Isto é quase uma declaração — disse o acadêmico careca do Conselho de Segurança Nacional, enquanto lia a folha com o resumo sobre Zurique que se achava à frente de cada delegado, em cima da mesa. Seu nome era Alfred Gillette, especialista em seguro pessoal e de avaliação, considerado pelo Pentágono muito brilhante, vingativo, e com amigos em altos escalões.

— Acho isso extraordinário — acrescentou Peter Knowlton, um dos diretores associados da Agência Central de Inteligência; um homem de cinqüenta e poucos anos, que perpetuava a forma de vestir, a aparência e a atitude de um Ivy Leaguer de há trinta anos. — As nossas fontes tinham a informação de que Caim tava em Bruxelas, e não em Zurique, ao mesmo tempo — há onze dias. As nossas fontes raramente se equivocam.

— Isto é quase uma declaração — disse o terceiro civil, o único na mesa a quem Manning realmente respeitava. Era o mais velho, um homem chamado David Abbott, antigo nadador olímpico cujo intelecto combinava muito bem com seu preparo físico. Já estava na casa dos sessenta, mas ainda tinha postura ereta e a mente sagaz como sempre; a idade, no entanto, transparecia-lhe na linha do rosto, mostrando as tensões de uma vida que ele jamais revelaria. Ele sabia sobre o que estava falando, pensou o coronel. Embora fosse membro vitalício do onipotente Comitê dos Quarenta, estivera com a CIA desde as suas origens. Monge Silencioso das Operações Secretas era o apelido que lhe fora dado pelos colegas na comunidade do serviço de inteligência. — Em meus dias na Agência — continuou Abbott, entredentes — as fontes sempre estavam tanto em oposição quanto em concordância.

— Temos métodos diferentes de verificação — insistiu o diretor associado. — Com todo o respeito, senhor Abbott, mas nossos equipamentos de transmissão são quase instantâneos.

— Isso é equipamento, e não verificação. Mas não vou argumentar nem discutir; parece que temos uma discordância. Vejamos, Bruxelas ou Zurique.

— O caso de Bruxelas é incontestável — insistiu Knowlton com firmeza.

— Ouçamos — disse o calvo Gillette ajustando os óculos. — Podemos voltar ao resumo de Zurique; está bem à nossa frente. E, também, nossas fontes têm algo a oferecer, embora não esteja em conflito com Bruxelas ou Zurique. Aconteceu há seis meses.

O grisalho Abbott olhou para Gillette. — Seis meses atrás? Não me lembro de o CNS ter comunicado qualquer coisa a respeito de Caim há seis meses.

— Foi inteiramente confirmado — respondeu Gillette. — Tentamos não sobrecarregar nosso comitê com fatos infundados.

— Isso também é quase uma declaração — disse Abbott, sem precisar esclarecer.

— Congressista Walters — interrompeu o coronel olhando em direção ao homem da

Superintendência —, tem alguma pergunta a fazer antes de continuarmos?

— Que diabo, sim — disse arrastadamente o cão de guarda congressista do Estado do Tennessee, os olhos inteligentes vagando pelos rostos em torno da mesa —, mas já que sou novo nisto, continue. Depois verei por onde começar.

— Muito bem, senhor — disse Manning fazendo um aceno de cabeça para Knowlton, o homem da CIA. — O que é isto sobre Bruxelas, há onze dias?

— Um homem foi morto na Place Fontainas — um comerciante de diamantes entre Moscou e o Oeste. Operava através de um ramo da Russolmaz, firma soviética sediada em Genebra e que agencia todas essas compras. Sabemos que é uma das formas que Caim usa para converter seu capital.

— O que liga esta morte a Caim? — perguntou o dúbio Gillette.

— O método, primeiro. A arma era uma agulha comprida, usada em um quarteirão cheio de gente, ao meio-dia, com precisão cirúrgica. Caim já usou este método antes.

— É certo — concordou Abbott. . — Também houve um romeno em Londres, mais ou menos há um ano; e outro, algumas semanas antes dele. Ambos estavam ligados a Caim.

— Ligados, mas não foi confirmado — objetou o Coronel Manning. — Eram ambos altos desertores políticos, podiam ter sido capturados pelo KGB.

— Ou por Caim, com menos riscos para os soviéticos — declarou o homem da CIA.

— Ou por Carlos — acrescentou Gillette alteando a voz. — Nem Carlos nem Caim dão importância à ideologia, ambos se vendem. Por que sempre que aparece uma morte de grande conseqüência a atribuímos a Caim?

— Porque sempre que o fazemos — respondeu Knowlton, e sua condescendência era aparente — é porque fontes bem-informadas não têm conhecimento de qualquer outro, o que faz com que raramente possa haver erro.

— É muito provável — disse Gillette desagradavelmente.

— Voltando a Bruxelas — interrompeu o coronel. — Se foi Caim, por que mataria um intermediário da Russolmaz? Ele o usou.

— Um intermediário mantido em sigilo — corrigi o diretor da CIA. — E por um bom número de razões, de acordo com nossos informantes, O homem era um ladrão. E por que não? A maioria dos seus clientes também o era; não podiam tirar a limpo certas coisas. Deve ter enganado Caim, e se o fez, foi sua última transação. Ou pode ter sido ingênuo a ponto de querer especular sobre a identidade de Caim. E qualquer insinuação sobre esse assunto o levaria à agulha. Ou talvez Caim apenas quisesse apagar sua pista em circulação. E mesmo sem levar em conta essas circunstâncias, mais as fontes, resta-nos pouca dúvida. Devia ser Caim.

— Haverá muito mais, logo que eu puder esclarecer Zurique — disse Manning. — Podemos continuar com o resumo?

— Um momento, por favor. —. David Abbott falou casual- mente enquanto acendia o cachimbo. — Creio ter o nosso colega do Conselho de Segurança mencionado uma ocorrência ligada a Caim que se passou há seis meses. Talvez devêssemos ouvi-lo.

— Por quê? — perguntou Gillette, os olhos de coruja por trás das lentes dos óculos sem aro. — O fator tempo tira qualquer conexão com Bruxelas ou Zurique. Também mencionei esse fato.

— Sim, mencionou — concordou o outrora formidável Monge Silencioso das Operações Secretas. — Achei, no entanto, que qualquer revisão pudesse auxiliar. Como você também disse, podemos voltar ao resumo, está a nossa frente. Mas não é tão relevante, vamos continuar com Zurique.

— Obrigado, senhor Abbott — disse o coronel. — Os senhores notarão que há onze dias quatro homens foram mortos em Zurique. Um deles era um vigia em uma área de estacionamento próxima ao Rio Limmat. Do que se pode presumir que ele não estava envolvido com as atividades de Caim, mas foi enredado nelas. Dois outros foram encontrados em uma rua sem saí da, no lado Oeste da cidade;

aparentemente, são mortes não relacionadas uma à outra, exceto pela quarta vítima. Ela está ligada com estes homens mortos — todos três faziam parte da rota Zurique-Munique, do submundo — e está, sem dúvida alguma, em conexão com Caim.

— É Chernak — disse Gillette, lendo o resumo. — Enfim, suponho que seja Chernak. Reconheço o nome e de alguma forma o associo com a ficha de Caim.

— E deve — respondeu Manning. — Isso primeiro apareceu num relatório G-Dois, há dezoito meses, e veio à baila novamente há um ano.

— Seis meses atrás, então — interpôs-se Abbott, devagar, olhando para Gillette.

— Sim, senhor — continuou o coronel. — E se já existiu algum exemplo do que comumente chamam de escória-da-terra, esse era Chernak. Durante a guerra era recruta tcheco em Dachau, um interrogador trilíngile, tão brutal quanto os guardas do campo. Mandou poloneses, eslovacos e judeus para os chuveiros da morte depois das sessões de tortura, nas quais extraía — e fabricava — "incriminações" que os comandantes de Dachau queriam ouvir. Fazia qualquer coisa em troca de favores dos seus superiores, e os mais sádicos parceiros eram escolhidos para acompanhar as suas experiências. O que não perceberam era que ele estava catalogando as experiências deles. Depois da guerra fugiu, perdeu as penas em um terreno minado e ainda assim conseguiu sobreviver muito bem com as suas extorsões do que sabia de Dachau. Caim o encontrou e o usou como intermediário para pagamentos das suas mortes.

— Agora espere um pouco! — objetou Knowlton energicamente. — Já vimos toda essa matéria sobre Chernak. Se você se lembra, foi a Agência quem primeiro o descobriu; já podíamos tê-lo denunciado há muito tempo se o Estado não tivesse interferido no interesse de alguns poderosos oficiais anti-soviéticos do Governo de Bonn. Você quer dizer que Caim usou Chernak; mas não tem certeza de nada mais do que nós.

— Nós sabemos — disse Manning. — Há sete meses e meio recebemos uma informação confidencial sobre um homem que tem um restaurante chamado Drei Alpenhäuser. Foi-nos dito que ele era um intermediário entre Caim e Chernak. Mantivemo-lo sob observação por várias semanas, mas nada foi descoberto. Era uma figura menor do submundo de Zurique, isso era tudo. Não o vigiamos muito, não o suficiente. — O coronel fez uma pausa, sentindo-se muito satisfeito porque todos os olhos estavam postos nele. — Quando soubemos da morte de Chernak, negociamos. Há cinco noites, dois dos nossos homens se esconderam no Drei Alpenhäuser, depois que o restaurante fechou. Encurralaram o dono e o acusaram de negociar com Chernak, de trabalhar para Caim; fizeram um diabo de show. Os senhores bem podem imaginar o choque que tiveram quando o homem caiu, literalmente caiu, aos seus pés, de joelhos, pedindo para ser protegido. Admitiu que Caim estava em Zurique na noite em que Chernak foi morto e que, de fato, ele vira Caim naquela noite e que Chernak aparecera na conversa. E de forma bem negativa.

O militar fez nova pausa, o silêncio foi preenchido por um assobio baixo e lento de David Abbott, o cachimbo perto do seu rosto pétreo. — Agora, isto é uma declaração — disse o Monge baixinho.

— Por que a Agência não foi notificada dessa informação que o senhor recebeu há sete meses? — perguntou Knowlton, da CIA, acremente.

— Eu não a aprovara.

— Em suas mãos; teria sido diferente nas nossas.

— É possível. Admiti que não ficamos com ele por muito tempo. O poder humano é limitado. Quem de nós pode manter indefinidamente uma vigilância improdutiva?

— Podíamos tê-la dividido, se soubéssemos.

— E podíamos ter-lhe poupado o tempo que gastou em formar o seu arquivo de Bruxelas se tivéssemos sido informados disso.

— De onde veio a informação? — perguntou Gillette, interrompendo com impaciência, os olhos grudados em Manning.

— Foi anônima.

— Você combinou assim? — A expressão de pássaro de Gillette escondia o seu espanto.

— Era uma das razões pelas quais a vigilância inicial foi limitada.

— Sim, é óbvio, mas você quer dizer que nunca tentou descobrir de onde vinha?

— Claro que sim — replicou o coronel, irritado.

— Aparentemente sem muito entusiasmo — continuou Gillette iradamente. — Nunca lhe ocorreu que alguém em Langley, ou no Conselho, pudesse ter ajudado, pudesse ter preenchido esta falha? Concordo com Peter. Devíamos ter sido informados.

— Há uma razão pela qual não foram. — Manning respirou profundamente; em ambientes menos militares isso teria sido interpretado como um suspiro. — O informante deixou bem claro que se chamássemos qualquer outro serviço, ele não voltaria a fazer nenhum contato novamente. Achamos que tínhamos que nos ater a isso; como já fizemos antes.

— O que você disse? — Knowlton deixou de lado a folha do resumo e olhou espantado para o oficial do Pentágono.

— Não é nenhuma novidade, Peter. Cada um de nós tem as suas próprias fontes e as protege.

— Estou ciente disso. Foi por isso que vocês não foram informados a respeito de Bruxelas. Os dois parasitas nos disseram para deixar o Exército de fora.

Silêncio. Quebrado pela voz acre de Alfred Gillette, do Conselho de Segurança. — Qual é a freqüência desse "já fizemos antes", coronel?

— O quê? — Manning olhou para Gillette, mas consciente de que David Abbott olhava para ambos com grande interesse.

— Gostaria de saber quantas vezes lhes foi dito para manter as suas fontes em sigilo. Refiro-me a Caim, é claro.

— Algumas vezes, acho.

— Acha?

— A maioria das vezes.

— E você, Peter? Como tem sido com a Agência?

— Fomos muito limitados em termos de divulgação em profundidade.

— Pelo amor de Deus, o que significa isso? — A interrupção veio do mais inesperado membro da conferência: o congressista da Superintendência. — Não me entendam mal, ainda nem comecei. Quero apenas acompanhar a linguagem. — Virou-se para o homem da CI — O que foi que disse? O quê em profundidade?

— Divulgação, congressista Walters; está em todo o fichário de Caim. Corremos o risco de perder nossos informantes se os levamos ao conhecimento de outras unidades de serviço de informação. Asseguro-lhe, é um comportamento normal.

— Soa como se vocês estivessem pondo uma novilha em um tubo de ensaio.

— Quase com os mesmos resultados — acrescentou Gillette. — Sem perigo de contaminar ou corromper a sua descendência. E, visto por outro ângulo, sem perigo de cruzar arriscando-se a obter desvios na pureza da raça.

— Um belo jogo de frases — disse Abbott, com o rosto enrugado e áspero — mas não estou certo de entendê-lo.

— Eu diria que está bem claro — replicou o homem do Conselho Nacional de Segurança, olhando para o Coronel Manning e Peter Knowlton. — Os dois ramos mais ativos do serviço de inteligência do país tinham informações sobre Caim — durante estes três últimos anos — e não houve qualquer cruzamento entre os ramos à procura das origens dessas informações ou de sua fraude. Apenas

recebemos todas as informações como *bona fide data*, as guardamos e aceitamos como válidas.

— Bem, já estou por aqui há um bom tempo — talvez até muito tempo, acho — mas não há nada aqui que eu já não tenha ouvido antes — disse o Monge. — Os informantes são pessoas muito astutas e defensivas; guardam os seus contatos com ciúme. Nenhum deles está nesse negócio por caridade, apenas pelos ganhos e pela sobrevivência.

— Creio que o senhor está subestimando o meu ponto de vista — disse Gillette, enquanto tirava os óculos. — Eu disse anteriormente que eu estava alarmado com tantos assassinatos recentes que estão sendo atribuídos a Caim — atribuídos *aqui* a Caim — quando me parece que o assassino mais completo dos nossos tempos — e talvez de toda a história — tenha sido relegado a um papel relativamente secundário. Acho que isso não está certo. Creio que Carlos é o homem em quem devíamos nos concentrar. O que aconteceu a Carlos?

— Questiono o seu julgamento, Alfred — disse o Monge.

— O tempo de Carlos já passou. Caim está atuando agora. A velha ordem mudou; há um novo tubarão e, suspeito, muito mais ardiloso e voraz se movendo sob essas águas de hoje.

— Não posso concordar com isso — disse o homem da Segurança Nacional, com os olhos de coruja sondando o mais velho funcionário da comunidade do serviço de inteligência. — Desculpe-me, David, mas isso me espanta. É como se o próprio Carlos estivesse manipulando este comitê, para desviar a nossa atenção dele e nos fazer concentrar em assunto de menor importância. Estamos gastando todas as nossas energias em busca de um tubarão de praia, sem dentes, enquanto o cabeça-de-martelo cruza as águas em completa liberdade.

— Ninguém está querendo se esquecer de Carlos — objetou Manning. — Ele simplesmente não tem andado tão ativo quanto Caim.

— Talvez — disse Gillette friamente — isso seja exatamente o que Carlos quer de nós, ou quer que acreditemos. E, por Deus, estamos acreditando.

— Pode duvidar? — perguntou Abbott. — O arquivo dos feitos de Caim é desconcertante.

— Posso eu duvidar disso? — repetiu Gillette. — Esta é a pergunta, não é? Mas algum de nós pode ter certeza? Essa também é uma pergunta válida. Agora descobrimos que o Pentágono e a Agência Central de Inteligência têm literalmente operado independentemente, sem mesmo conferir a autenticidade de suas fontes.

— Um costume raramente transgredido nesta cidade — disse Abbott, deleitado com a situação.

Novamente o congressista da Superintendência interrompeu. — O que está tentando dizer, senhor Gillette?

— Gostaria de ter maiores informações sobre as atividades de alguém chamado Ilich Ramirez Sanchez. Que é...

— Carlos — disse o congressista. — Lembro-me da leitura que fiz. Entendo. Obrigado. Continuem, cavalheiros.

Manning falou rapidamente. — Podemos voltar a Zurique, por favor? A nossa missão agora é ir em busca de Caim de novo. Podemos dar a nova, espalhá-la através do *Verbrecherwelt*, recolher todas as informações que temos, pedir a cooperação da polícia de Zurique. Não podemos mais perder outro dia. O homem que está em Zurique é Caim.

— Então, o que havia em Bruxelas? Knowlton, da CIA, fez a pergunta para si mesmo e para os que estavam à mesa. — O método era de Caim, os informantes não se equivocariam. Qual seria o propósito?

— Dar-lhe informações falsas, é óbvio — disse Gillette. — E antes que tomemos qualquer providência drástica com relação a Zurique, sugiro que cada um dos senhores dê uma olhada nos arquivos de Caim e reexamine cada fonte que lhe tenha sido dada. Façam com que todas as estações européias recolham cada informante que tenha aparecido miraculosamente com informações. Tenho a impressão de que podem encontrar algo inesperado: a fina mão latina do nosso Ramirez Sanchez.

— Já que insiste tanto em esclarecimentos, Alfred — interrompeu Abbott —, por que não nos conta sobre aquela ocorrência não-confirmada de seis meses atrás? Parece que estamos enrascados aqui; talvez possa nos ajudar.

Pela primeira vez durante a reunião, o abrasivo delegado do Conselho de Segurança Nacional parecia hesitar. — Recebemos uma informação, lá por meados de agosto, de uma fonte confiável, em Aix-en-Provence, de que Caim estava a caminho de Marselha.

— Agosto? — exclamou o coronel. — Marselha? Foi Leland! O Embaixador Leland foi morto a tiros em Marselha. Em agosto!

— Mas não foi Caim quem usou aquele rifle. Foi uma morte feita por Carlos; isso foi confirmado. As marcas dos tiros eram as mesmas de tiros anteriores, e foram feitas três descrições de um homem de cabelos escuros no terceiro e quarto andares do armazém, com uma sacola. Nunca houve qualquer dúvida de que Leland foi assassinado por Carlos.

— Por Cristo — berrou o oficial. — Isso foi depois do fato, depois da morte! Não importa de quem, mas havia um contrato sobre Leland... Isso não lhe ocorreu antes? Se tivéssemos sabido de Caim, poderíamos ter protegido Leland. Ele era propriedade militar! Maldição, podia estar vivo hoje!

— Muito improvável — replicou Gillette, calmamente. — Leland não era a espécie de homem capaz de morar em um abrigo. E de acordo com o seu estilo de vida, qualquer observação sobre isso não surtiria efeito algum. Além disso, se nossa estratégia tivesse sido conjunta, avisar Leland teria sido contra-producente.

— Por quê? — perguntou o Monge rispidamente.

— Esta é a sua versão. A nossa fonte devia estabelecer contato com Caim entre meia-noite e três horas, na Rua Sarrasin, no dia 23 de agosto. O episódio só foi acontecer no dia 25. Como estou dizendo, se tivéssemos agido em conjunto, teríamos pegado Caim. Mas não foi assim. Caim nunca apareceu.

— E a sua fonte insistiu em cooperar apenas com você — disse Abbott. — Se todos os demais fossem excluídos.

— Sim — acenou com a cabeça Gillette, tentando esconder o seu embaraço. — No nosso julgamento, o risco de Leland fora eliminado — o que em termos de Caim deu certo — e as vantagens para capturar Caim seriam maiores do que nunca. Finalmente encontramos alguém desejoso de vir identificar Caim. Algum dos senhores teria agido de forma diferente?

Silêncio. Desta vez quebrado pela entrada do astuto congressista de Tennessee.

— Cristo Todo-Poderoso... Que bando de tapeadores.

Silêncio, rompido pela voz pensativa de David Abbott.

— Posso louvá-lo, senhor, por ser o primeiro homem honesto mandado para cá vindo das Montanhas. O fato de não estar oprimido com a atmosfera rarefeita destes ambientes altamente selecionados não nos passa despercebido. É alentador.

— Acho que o congressista não captou completamente a sensibilidade do...

— Oh, cale-se, Peter — disse o Monge. — Creio que o congressista quer dizer alguma coisa.

— Apenas como sugestão — disse Walters. — Acho que todos são de maioridade; supõe-se portanto que saibam o melhor. Supõe-se que sejam capazes de manter conversas inteligentes, de trocar informações, respeitar os assuntos confidenciais e procurar soluções comuns. Mas, em vez disso, parecem um bando de garotos pulando dentro de um parque disputando a posse de um anel de latão barato. Não é uma boa forma de gastar o dinheiro de quem paga impostos.

— O senhor está simplificando muito, congressista, interrompeu Gillette. — Está se referindo a um utópico aparato para descobrir fatos. Não existe tal coisa.

— Estou me referindo a homens razoáveis, senhor. Sou um advogado, e antes de vir para este maldito circo lidei com vários níveis de matérias e assuntos confidenciais. E isso durante todos os dias da minha vida. O que há de tão novo nisso?

— E qual é a sua posição? — perguntou o Monge.

— Quero uma explicação. Durante mais de dezoito meses sentei-me à mesa do subcomitê do Conselho de Assassinatos. Avancei a custo através de mil e uma páginas com centenas de nomes e o dobro dessa quantidade de teorias. Não creio que haja uma conspiração insinuada ou um assassino suspeito que não conheça. Vivi com esses nomes e essas teorias por quase dois malditos anos, até que pensei não ter mais nada para aprender.

— Diria que suas credenciais são impressionantes — interrompeu Abbott.

— Acho que são; é por isso que aceitei a cadeira da Superintendência. Pensei que podia dar uma contribuição mais efetiva, mas agora não estou tão certo. De repente comecei a pensar: o que vou fazer agora?

— Por quê? — perguntou Manning apreensivamente.

— Porque estive sentado aqui ouvindo quatro dos senhores descreverem uma operação que vem durando três anos, envolvendo redes de pessoas, informantes e postos de inteligência através de toda a Europa — tudo centrado em um assassino cuja "lista de ocorrências" é desconcertante. Estou certo?

— Continue — replicou Abbott calmamente, segurando o seu cachimbo, a expressão enlevada. — Qual é a sua pergunta?

— Quem é ele? Quem é afinal esse tal Caim?

16

O silêncio durou precisamente cinco segundos, durante os quais houve troca de olhares, pigarros, mas sem que ninguém se mexesse nas cadeiras. Era como se estivessem tomando uma decisão em silêncio, sem discussões: toda evasiva deveria ser evitada. O congressista Efrem Walters, das montanhas do Tennessee através da Yale Law Review, não podia ser dispensado com uma simples e fácil conversa que tratasse com a delicada confidencialidade daquelas manobras clandestinas. Conversa fiada estava fora de cogitação.

David Abbott pôs seu cachimbo sobre a mesa; este barulho foi a sua introdução. — Quanto menor divulgação pública dermos a Caim, melhor para nós todos.

— Isto não é resposta — disse Walters. — Mas aceito como um começo.

— E é. Ele é um assassino profissional — isto é, um especialista treinado em todos os métodos de tirar a vida. E essa sua especialidade está à venda; ele não tem qualquer motivação pessoal ou política; está no negócio apenas para auferir lucros — e a tabela dos seus preços é diretamente proporcional à sua reputação.

O congressista assentiu com a cabeça. — E assim, mantendo estreita repressão à sua reputação, vocês estão coibindo uma publicidade gratuita.

— Exatamente. há uma porção de maníacos neste mundo com uma série de inimigos, reais ou imaginários, que podiam facilmente gravitar em torno de Caim se o conhecessem. Infelizmente, são muitos os que já fazem isso. Até hoje, trinta e oito mortes podem ser diretamente atribuídas a ele, e mais umas doze ou quinze provavelmente também o possam.

— Esta é a sua lista de "feitos"?

— Sim. E estamos perdendo a batalha. Sua reputação cres ce a cada nova morte.

— Ele esteve inativo por algum tempo — disse Knowlton, da CIA. — Durante alguns meses, até recentemente, pensamos que talvez o tivéssemos apanhado. Muitas vezes os próprios matadores se eliminam entre si; pensamos que ele podia ser um desses casos recentes.

— Quais? — perguntou Walters.

— Um banqueiro em Madri, que subornava a Europolitan Corporation para compras do seu Governo na África. Foi morto por um tiro dado de um carro em alta velocidade no Paseo de la Castellana. Um guarda-costas, que também era seu motorista, conseguiu atirar no matador e no motorista do carro. Durante algum tempo acreditamos que esse matador fosse Caim.

— Lembro-me desse incidente. Quem pagou por esse assassinato?

— Um sem-número de companhias — respondeu Gillette — que queriam vender carros a preço de ouro e ascensão direta para os ditadores fabricados.

— O que mais? Quem mais?

— O xeque Mustafá Kalig de Omã — disse o Coronel Manning.

— Ele foi dado como morto em um golpe malsucedido.

— Nada disso — continuou o oficial. — Não houve nenhum atentado. Os informantes G-Dois confirmaram. Kalig era muito impopular, mas os outros xeques não são tolos. A história do golpe foi uma forma de encobrir o assassinato, que podia ser tentador para outros matadores profissionais. Três desordeiros sem entidade, do Corpo de Oficiais, foram executados para conferir maior credibilidade à mentira. Por um momento pensamos que um deles fosse Caim; o tempo correspondia à sua inatividade.

— Quem pagaria Caim para assassinar Kalig?

— Já nos perguntamos isso muitas vezes — disse Manning. — A única resposta possível veio de

uma fonte que se dizia bem-informada, mas não houve nenhuma maneira de averiguar. Disse que Caim fez isso a fim de provar para si mesmo que seria capaz de tal coisa. Os xeques do petróleo viajam com o serviço de segurança mais impenetrável do mundo.

— E há mais uma dúzia de outros incidentes — acrescentou Knowlton. — Probabilidades que entram na mesma escala de personalidades muito bem-protegidas e que foram mortas. As fontes de informação que nos chegaram implicam Caim.

— Compreendo. — O congressista pegou a folha do resumo sobre Zurique. — Mas pelo que posso deduzir, os senhores não sabem quem é ele.

— Jamais uma descrição correspondeu a outra — interpôs Abbott. — Aparentemente, Caim é um virtuose em disfarces e camuflagem.

— Mesmo assim, as pessoas o têm visto e falado com ele. As suas fontes, esses informantes, o homem de Zurique, nenhum deles pode vir a público e testemunhar que o viram, eu sei, mas decerto foram interrogados. Vocês já devem ter matéria para chegar a uma composição aproximada, um retrato, alguma coisa.

— Fizemos várias composições e montamos vários modelos — replicou Abbott —, mas uma descrição consistente ainda não é possível. Aos informantes Caim jamais se deixou ver à luz do dia. Marca os encontros à noite, em salas escuras ou galerias. Se já se encontrou com mais de uma pessoa ao mesmo tempo — como Caim — não sabemos. Contaram-nos .que ele nunca fica de pé, está sempre sentado — em algum restaurante mal-iluminado, em uma cadeira de canto, ou em um carro estacionado. Algumas vezes usa óculos grossos, outras vezes não os usa; em um encontro ele pode ter cabelos escuros, em outro, brancos, ou ruivos, ou até mesmo estar usando chapéu.

— E a língua?

— Chegamos mais perto nesse campo — disse o diretor da CIA, ansioso para apresentar as pesquisas de sua companhia. — Fala fluentemente o inglês, o francês e muitos dialetos orientais.

— Dialetos? Que dialetos? Uma língua, não engloba os seus dialetos? Que língua é, então?

— Naturalmente. São de origem vietnamita.

— Viet... — Walters se inclinou para a frente. — Por que será que tenho a impressão de que estou chegando a um ponto em que vocês ainda não tocaram?

— Provavelmente porque você é astuto no exame das coisas, conselheiro. — Abbott riscou um fósforo e acendeu o seu cachimbo.

— Razoavelmente alerta — concordou o congressista. — E então, o que é?

— Caim — disse Gillette desviando o olhar rapidamente e de uma forma estranha para David Abbott — sabemos de onde ele vem.

— De onde?

— Do Sudeste da Ásia — respondeu Manning, como se estivesse tentando suportar a dor de um ferimento feito a faca. — Pelo que pudemos constatar, especializou-se nos dialetos da orla para poder ser entendido nos países das montanhas entre as fronteiras do Camboja e do Laos, bem como na zona rural do Vietnã do Norte. Aceitamos estes dados, eles parecem convincentes.

— Com relação a quê?

— Operação Medusa. — O coronel pegou um envelope de papel pardo, comprido e largo, que estava à sua esquerda. Abriu-o e tirou de dentro uma pasta, das muitas que lá estavam, e a colocou próximo a ele. — Esta é a pasta de Caim — disse, fazendo um sinal de cabeça em direção ao envelope. — Este é o material da Medusa, os aspectos relacionados a Caim.

O congressista do Tennessee recostou-se na cadeira. Um sorriso sarcástico apareceu-lhe nos lábios. — Cavalheiros, os senhores me matam com todos esses títulos piedosos. Isso é estranho, é muito sinistro e nefasto. Acho que os meus amigos aqui fizeram um curso sobre esta matéria. Continue, coronel. O que é essa Medusa?

Manning lançou um olhar rápido para David Abbott. Depois falou. — Foi um desenvolvimento do conceito de busca-e-destruição, criado para funcionar atrás das linhas inimigas durante a Guerra do Vietnã. No fim da década de sessenta e começo da de setenta, unidades de voluntários americanos, franceses, britânicos, australianos e nativos se formaram em grupos para operar nos territórios ocupados pelos norte-vietnamitas. As prioridades do trabalho deles eram romper as comunicações inimigas e as linhas de suprimento, localizar os campos de prisioneiros e, por último, mas não em importância, assassinar os lideres das aldeias conhecidos por terem cooperado com os comunistas, assim como os comandantes inimigos sempre que possível.

— Era uma guerra dentro da própria guerra — interrompeu Knowlton. — Infelizmente, as diferenças raciais e lingüísticas tornaram essa participação infinitamente mais perigosa do que, digamos, os movimentos secretos da resistência germânica ou holandesa, ou mesmo da resistência francesa na Segunda Guerra Mim dial. Por conseguinte, o recrutamento dos ocidentais não era sempre tão seletivo quanto devia ser.

— Havia dúzias desses grupos — continuou o coronel —, recrutados entre os comandantes de Marinha, das antigas tropas, que conheciam as linhas costeiras onde estavam os plantadores de origem francesa, cuja única esperança de salvação residia na vitória americana. Havia desocupados britânicos e australianos que já viviam há muitos anos na Indochina, bem como pessoal do exército americano, altamente motivado, e oficiais civis, de carreira, do serviço de inteligência. E também, o que era inevitável, uma grande facção de criminosos empedernidos. Na sua maioria, contrabandistas. — homens que lidavam com contrabando de armas, narcóticos, ouro e diamantes, através da área costeira do Mar do Sul da China. Eram enciclopédias ambulantes no que tocava a aterrissagens noturnas e rotas por dentro das florestas. Muitos dos que empregamos eram fugitivos ou estavam fugidos dos Estados Unidos, um grande número tinha boa escolaridade, eram todos muito aproveitáveis. Precisávamos da experiência deles.

— Isso é quase uma seção especial de voluntários — interrompeu o congressista. — Pessoal de linha da Marinha e do Exército; desocupados britânicos e australianos, colonialistas franceses e pelotões de ladrões. Como conseguiram que eles trabalhassem juntos?

— Cada um de acordo com os seus merecimentos — disse Gillette.

— Promessas — emendou o coronel. — Garantia de contratação, promoções, perdões, prêmios em dinheiro e, em alguns casos, oportunidades de desviar fundos da própria operação. Como vê, todos pareciam um pouco doidos, todos compreendemos isso. Treinamo-los secretamente para usarem códigos, métodos de transporte, prepararem ciladas e mortes — e até mesmo para usarem armas que o comando de Saigon desconhecia. Como Peter mencionou, os riscos eram muito grandes — a captura resultava em tortura e execução. O preço era alto e eles o pagavam. A maioria das pessoas os chamaria de paranóicos, mas eram gênios no que se referia a chacina e assassinato. Sobretudo assassinatos.

— Qual era o preço?

— A Operação Medusa sustentou mais de noventa por cento dos feridos. Mas há um certo embaraço — dentre os que não voltaram grande número nunca teve mesmo a intenção de voltar.

— Dessa facção de ladrões e fugitivos?

— Sim. Alguns roubaram considerável soma de dinheiro da Medusa. E achamos que Caim é um deles.

— Por quê?

— Pelo seu *modus operandi*. Ele tem usado códigos, feito armadilhas, usado métodos para matar e de transporte desenvolvidos e especializados no treinamento da Medusa.

— Então, pelo amor de Deus — interrompeu Walters —, vocês têm pistas para identificá-lo! Não me importo onde eles estejam escondidos — e estou bem certo de que vocês não querem torná-los

públicos — mas tenho certeza de que alguns registros foram guardados.

— Sim, foram, e extraímos todas as informações desses arquivos clandestinos, inclusive para este material aqui. — O oficial bateu no arquivo à sua frente. — Estudamos tudo, colocamos listas nominais debaixo de microscópios, alimentamos os computadores com fatos — tudo o que podíamos fazer. E ficamos na mesma.

— É inacreditável — disse o congressista. — Ou de uma incrível incompetência.

— Na realidade, não — protestou Manning. — Olhe para o homem, para o material que tivemos para trabalhar. Depois da guerra, Caim fez reputação através de quase toda a Ásia Oriental, de Tóquio até as Filipinas, mais a Malásia e Cingapura, infiltrando-se em Hong-Kong. no Camboja, no Laos e em Calcutá. Há cerca de dois anos e meio alguns relatórios começaram a aparecer nas nossas estações da Ásia e nas embaixadas. Havia um assassino profissional de aluguel: seu nome era Caim. Altamente profissional e impiedoso. Estes relatos começaram a crescer com uma freqüência alarmante. Parecia que Caim estava envolvido em cada morte importante. As fontes telefonavam para as embaixadas no meio da noite, ou paravam os adidos nas ruas, sempre com as mesmas informações. Era Caim; tinha sido Caim; Caim era um deles. Um assassinato em Tóquio; um carro que explodira em Hong-Kong; uma caravana de narcóticos atacada de emboscada no Triângulo; um banqueiro morto a tiros em Calcutá; um embaixador assassinado em Moulmein; um técnico russo ou um homem de negócios americano morto nas próprias ruas de Xangai. Caim estava em todos o lugares, seu nome era sussurrado por uma dúzia de informantes de confiança em cada setor vital do serviço de inteligência. Muito embora ninguém — nem uma pessoa sequer em toda a área do Pacífico — aparecesse com uma identificação qualquer. Por onde poderíamos começar?

— Mas nessa época ainda não fora feita a sua ligação com a Medusa? — perguntou o homem do Tennessee.

— Sim. Seguramente.

— Então deve haver algum material junto ao dossiê individuo, ora!

O coronel abriu a pasta que tirara do arquivo de Caim. — Estas são as listas de baixa. Entre os brancos ocidentais que desapareceram da Operação Medusa — e quando digo desapareceram quero dizer que sumiram sem deixar traço algum — existem esses. Setenta e três americanos, quarenta e seis franceses, trinta e nove australianos, e quarenta e quatro britânicos, e uma quantidade estimada em cinqüenta brancos do sexo masculino que serviam de contato e que foram recrutados entre os neutros em Hanói e treinados no campo — a maioria deles nós nem chega- mos a conhecer. São mais de duzentas e trinta possibilidades. Quantos são aliados? Quantos estão vivos? Quantos mortos? Mesmo se soubéssemos o nome de todos os homens que realmente viveram, qual seria o dele? De onde é ele? Nem temos certeza da sua nacionalidade. Achamos que ele é americano, mas não há provas suficientes.

— Caim é um dos nomes que fazem parte da nossa constante pressão sobre Hanói para descobrir os MIAs — explicou Knowlton. — Continuamos a reciclar as listas das divisões.

— E há uma coisa estranha aqui, também — acrescentou o oficial do Exército. — As forças de contra-inteligência de Hanói descobriram e executaram vintenas de homens da Medusa. Eles sabiam da nossa operação, e nós nunca excluímos a possibilidade dessa infiltração. Hanói sabia que o pessoal da Medusa não pertencia às tropas combatentes, eles nem usavam uniformes. E nenhuma explicação foi exigida.

Walters levantou a mão. — Posso? — disse, fazendo um gesto de cabeça em direção às páginas grampeadas.

— Certamente. — O oficial entregou-as ao congressista. Você entende, é claro, que esses nomes ainda permanecem em segredo, de resto como a própria Operação Medusa.

— De quem é esta decisão?

— É uma ordem do Executivo, ainda não quebrada por nenhum dos presidentes, baseada na recomendação da Junta dos Chefes de Pessoal. Foi aprovada pelo Comitê do Senado para Serviços do Exército.

— Isso é uma verdadeira bomba, não é?

— Foi feita baseada no interesse nacional — disse o homem da CIA.

— Neste caso; não vou discutir — concordou Walters. — O espectro de tal operação não faria muito pela glória do nosso Exército, da Velha Glória. Não treinamos assassinos, e muito menos os colocamos no campo de batalha. — Folheou as páginas. — E entre estas folhas aqui está um assassino que nós treinamos e colocamos em campo e que agora não conseguimos encontrar.

— Acreditamos que sim — disse o coronel.

— Você disse que ele fez reputação na Ásia, mas mudou-se depois para a Europa. Quando?

— Cerca de um ano atrás.

— Por quê? Tem alguma idéia?

— A óbvia, creio — disse Peter Knowlton. — Passou para o outro lado. Alguma coisa saiu errada e ele se sentiu ameaçado. Era um matador branco entre orientais, isso pelo menos é um conceito perigoso; já era tempo de se mudar. Deus *sabia* que a sua reputação estava feita; não haveria falta de emprego na Europa.

David Abbott pigarreou, limpando a garganta. — Gostaria de oferecer uma outra possibilidade, baseada em algo que Alfred disse há poucos minutos. — O Monge fez uma pausa e depois apontou com a cabeça em direção a Gillette. — Ele disse que fomos forçados a nos concentrar em um "tubarão sem dentes e de praia, enquanto o cabeça-de-martelo cruzava os mares livremente". Creio que foi essa a frase, embora a seqüência das palavras possa estar errada.

— Sim — disse o homem do Conselho de Segurança. — Referia-me a Carlos, é claro. Não devíamos procurar Caim, mas sim Carlos.

— É claro. Carlos. O mais esquivo matador da história moderna, um homem que a maioria de nós acredita ser o responsável — de uma forma ou de outra — pelos mais trágicos assassinatos do nosso tempo. Você está bastante certo, Alfred, e, de certa forma, eu estava errado. Não podemos nos esquecer de Carlos.

— Obrigado — disse Gillette. — Estou contente de ter feito o comentário certo.

— Você fez. Na minha opinião, pelo menos. Mas também me fez pensar. Pode imaginar a tentação de um homem como Caim, operando nos sombrios confins de uma área de numerosos inativos e fugitivos, em meio a sistemas de governo atolados na corrupção? Como ele deve ter invejado Carlos! Como deve ter tido ciúmes do mundo mais veloz, brilhante e luxuoso da Europa! Quantas vezes não deve ter dito para si mesmo: "Sou melhor do que Carlos." Não importa que esses camaradas sejam frios, eles têm um ego imenso. Acho que ele foi para a Europa ao encontro desse mundo melhor... E para destronar Carlos. O pretendente, senhor, sempre quer o título. Quer ser o campeão.

Gillette olhou com espanto para o Monge. — É uma teoria bastante interessante!

— E se eu segui-la — interpelou o congressista da Superintendência — e rastrear Caim, vou dar com Carlos.

— Exatamente.

— Não estou muito certo de seguir esse raciocínio — disse o diretor da CIA, perturbado. — Por quê?

—. Dois garanhões em um mesmo padoque — respondeu Walters. — Eles se atrapalham.

— Um campeão não entrega o titulo assim, com facilidade. — Abbott procurou o cachimbo. — Luta até o fim para retê-lo. Como diz o congressista, continuamos a rastrear Caim, mas também devemos procurar outros rastros na floresta. E quanto a nós, se encontrarmos Caim, talvez devêssemos esperar um pouco. Esperar que Carlos fosse atrás dele.

— Daí, então, pegar os dois — acrescentou o militar.

— Muito esclarecedor — disse Gillette.

A reunião acabara, seus membros se preparavam para sair. David Abbott estava perto do coronel do Pentágono, que recolhia as páginas da pasta da Medusa; pegara as folhas de baixas e se preparava para colocá-las na pasta.

— Posso dar uma olhada? — perguntou Abbott. — Não temos cópia lá no Grupo dos Quarenta.

— Foram estas as nossas instruções — respondeu o oficial, passando as páginas grampeadas para o homem mais velho. — E acho que vieram de você. Apenas três cópias. Aqui, na Agência e no Conselho.

— Realmente vieram de mim. — O Monge silencioso sorriu benignamente. — Há civis demais do meu lado.

O coronel virou-se para responder a uma pergunta feita pelo congressista do Tennessee. David Abbott não ouviu. Enquanto isso, seus olhos percorreram rapidamente as colunas de nomes. Estava alarmado. Um dos nomes fora riscado; fora considerado, então. E isso era o que eles não podiam se permitir. Nunca. Onde estava? Era o único homem naquela sala que sabia o nome; podia sentir o coração bater no peito ao chegar à última página. Lá estava o nome.

Bourne, Jason C. — Último paradeiro conhecido: Tam Quan. — O que teria acontecido? — pensou ele.

*

René Bergeron bateu o telefone que estava em cima da sua mesa; a voz estava apenas um pouco mais controlada do que o gesto. — Tentamos todos os cafés, todos os restaurantes e bistrôs que ela costuma freqüentar!

— Não há registro dele em nenhum hotel de Paris — disse o grisalho operador da mesa de telefones, sentado próximo a um segundo aparelho, perto de uma mesa de desenho. — Já se passaram mais de duas horas, até agora; ela já pode estar morta. Se não estiver, deve estar desejando ter sido morta.

— Ela quase não tem nada para lhe dizer — refletiu Bergeron. — Menos do que nós; ela nada sabe a respeito dos velhos.

— Ela sabe o bastante; é chamada Parc Monceau.

— Ela entregou mensagens, mas nem sabe para quem.

— Sabe por quê.

— Caim também, posso assegurar-lhe. E ele cometeria um erro grotesco com Parc Monceau. — O desenhista inclinou-se para a frente, seus braços musculosos estavam em tensão, enquanto segurava uma mão na outra, olhando fixamente para o homem grisalho. — Conte-me de novo; tudo o que se lembra. Por que está tão convicto de que ele é Bourne?

— Eu não disse isto. Disse que ele é Caim. Se você observar acuradamente os seus métodos, este é o homem.

— Bourne é Caim. Nós descobrimos isso através dos registros da Medusa. É por isso que você foi empregado e está aqui.

— Então ele é Bourne. Mas não é o nome que usou. É claro, havia um grande número de homens na Medusa que não permitiriam que os seus verdadeiros nomes fossem usados. Para esses, falsas identidades foram garantidas. Tinham registro como criminosos. Ele podia ser um deles.

— Por que ele? Outros também desapareceram. Você desapareceu.

— Eu poderia dizer simplesmente por que ele estava aqui em Saint-Honoré. Isso seria suficiente. Mas há mais, muito mais. Observei-o atuando. Fui designado para uma missão que ele comandava; não

foi uma experiência que possa ser esquecida, nem ele pode ser esquecido facilmente. Esse homem podia ser — seria — o seu Caim.

— Conte-me.

— Descemos de pára-quedas à noite, sobre um setor chamado Tam Ouan. Nosso objetivo era resgatar um americano chamado Webb; preso pelos vietcongues. Não sabíamos, mas as possibilidades de sobrevivência eram mínimas Até mesmo o vôo de Saigon foi horrível; ventos fortíssimos a mil pés, o avião vibrando como se fosse partir em dois. Ainda assim, ele nos mandou saltar.

— E você saltou?

— Ele tinha um revólver apontado para as nossas cabeças. Apontava o revólver para cada um que se aproximava da portinhola do corredor. Poderíamos sobreviver aos elementos naturais não a uma bala no crânio.

— Quantos vocês eram?

— Dez.

— Podiam tê-lo desarmado.

— Você não o conhece!

— Continue — disse Bergeron, concentrado, imóvel à mesa.

— Oito de nós conseguimos nos reagrupar no chão. Os dois restantes presumimos que não tivessem sobrevivido ao salto. Foi uma surpresa eu ter sobrevivido. Eu era o mais velho e não era nada forte, mas conhecia bem a região. Foi por isso que fui enviado. — O homem grisalho fez uma pausa, balançando a cabeça ao reviver as suas lembranças. — Menos de uma hora depois percebemos que aquilo fora uma armadilha. Corríamos como lagartos pela floresta. E durante a noite ele saía sozinho cruzando as explosões de morteiros e granadas. Para matar. Sempre voltava antes do amanhecer para nos forçar a ir cada vez mais em direção ao campo. Naquela.época pensei que era puro suicídio.

— E por que vocês iam? Ele teria que lhes dar uma razão. Vocês eram da Medusa, não eram soldados subalternos.

— Ele disse que era a única forma de sairmos de lá com vida. E havia uma certa lógica nisso. Estávamos por trás das linhas; precisávamos de todos os suprimentos que pudéssemos encontrar nos acampamentos — isso se conseguíssemos. Ele disse que nós tínhamos que obter esses suprimentos, que não tínhamos outra escolha. Se qualquer um de nós discutisse, ele lhe daria um tiro na cabeça; e sabíamos que faria isso. Na terceira noite tomamos o acampamento e encontramos o homem chamado Webb mais morto que vivo, mas ainda respirando. E também encontramos os dois do nosso grupo. Ambos vivos e assombrados com o que acontecera. Um homem branco e um vietnamita tinham sido pagos pelos vietcongues para nos armar uma cilada, acho.

— Caim?

— Sim. Os vietnamitas nos viram antes e fugiram. Caim atirou no homem branco, na cabeça. Acho que ele simplesmente se aproximou dele e atirou diretamente em sua cabeça.

— Ele os trouxe de volta? Cruzando as linhas?

— Quatro homens, sim, e o que se chamava Webb. Cinco foram mortos. — Foi durante aquela terrível viagem de volta que pensei entender por que os boatos deviam ser verídicos — que ele era o recruta mais bem pago da Medusa.

— Em que sentido?

— Era o homem mais frio que jamais conheci, o mais perigoso e o mais imprevisível. Naquela época pensei que aquela devia ser uma estranha guerra para ele; ele era um Savonarola, mas sem o princípio religioso, apenas com a sua estranha moralidade, centrada em si mesmo. Todos os homens eram seus inimigas — sobretudo os líderes —, e não dava a menor importância para qualquer ideologia. — O homem de meia-idade fez outra pausa, fixou os olhos na prancheta de desenho, a mente devia

estar a milhares de milhas de distância, longe no espaço e no tempo. — Lembre-se, a Medusa estava cheia de homens de tipos diferentes e desesperados. Muitos eram paranóicos no ódio aos comunistas. Era matar um comunista e Cristo parecia sorrir — estranhos exemplos da catequese cristã. Outros, como eu, tiveram as suas fortunas roubadas pelos vietminh e a única maneira de reavê-las seria os americanos vencerem a guerra. A França nos abandonara em Dienbienphu. Mas havia muitos que viam a possibilidade de fazer fortuna na própria Medusa. As sacolas de dinheiro para pagamento sempre continham de cinqüenta., a setenta e cinco mil dólares americanos. Um mensageiro especial que desviasse a metade de dez ou quinze corridas de entrega daquelas sacolas podia se aposentar em Cingapura ou Kuala Lumpur ou até mesmo formar a sua própria rede de tráfico de narcóticos no Triângulo. Além de o preço de venda ser exorbitante — quase sempre obtinha-se o perdão pelos crimes cometidos no passado —, as oportunidades eram ilimitadas. Foi nesse último grupo que classifiquei esse homem estranho. Era um pirata da época moderna no mais puro sentido.

Bergeron soltou as mãos. — Espere um pouco. Você usou a frase "uma missão que ele comandou". Havia homens do Exército na Medusa, você tem certeza de que ele não era um oficial americano?

— Americano com toda a certeza, mas não do Exército.

— Por quê?

— Odiava todos os aspectos do militarismo. Seu desprezo pelo Comando de Saigon transparecia em cada decisão que ele tomava; considerava os militares tolos e incompetentes. De um ponto qualquer as ordens nos eram transmitidas pelo rádio e recebidas em Tam Quan Uma vez ele interrompeu as transmissões e mandou que um general do regimento se fodesse, porque ele não iria obedecer. Um oficial do Exército não faria isso.

— A menos que estivesse para abandonar a sua profissão — disse o desenhista. — Como Paris abandonou você, e você fez o melhor que pôde, roubando da Medusa, traçando as suas próprias atividades patrióticas — sempre que pôde.

— Meu país me traiu antes que eu o traísse, René.

— Voltando a Caim. Você disse que Bourne não era o nome que ele usava. Qual era?

— Não me lembro. Como eu disse, para muitos os sobre- nomes não eram relevantes. Pan mim era simplesmente "DeIta".

— Do Mekong?

— Não, do alfabeto, creio.

— Alfa, Bravo, Charlie... Delta — disse Bergeron pensativamente, em inglês. — Mas em muitas operações a palavra código "Charlie" foi substituída por "Caim", porque "Charlie" tornou-se sinônimo de vietcongue. "Charlie" foi transformado para "Caim".

— É isso mesmo. E, assim, Bourne assumiu "Caim". Ele podia ter escolhido "Echo" ou "Foxtrot" ou "Zulu". Uma porção de outros. Qual é a diferença? O que você acha?

— Ele escolheu Caim deliberadamente. Era simbólico. Ele queria deixar isso claro desde o início.

— Deixar claro o quê?

— Que Caim tomaria o lugar de Carlos. Pense. "Carlos" é um nome espanhol que equivale a Charles — Charlie. A pala- na código "Caim" foi a substituição escolhida para "Charlie" — Carlos. Era sua intenção desde o início. Caim tomaria o lugar de Carlos. E ele queria que Carlos soubesse disso.

— E Carlos *sabe*?

— É claro. A notícia foi espalhada por toda Amsterdã e Berlim, Genebra e Lisboa, Londres e aqui mesmo, em Paris. Caim é mais barato; os contratos podem sem feitos com maior facilidade, seus preços são menores do que as taxas cobradas por Carlos. Ele desgasta a imagem de Carlos! A cada dia que passa, ele desgasta mais e mais a sua fama!

— Dois matadores na mesma arena. Só poderá existir um.

— E este será Carlos. Pegamos o pardal numa armadilha. Ele está em algum lugar perto daqui a duas horas de Saint-Honoré.

— Mas onde?

— Não importa. Nós o encontraremos. Afinal de contas, ele nos encontrou. Ele voltará, seu ego exigirá isso. E então o gavião passará com suas garras e apanhará o pardal. Carlos o matará.

O velho ajustou a muleta debaixo do braço esquerdo, abriu o cortinado preto e deu um passo em direção ao confessionário. Não estava se sentindo bem; a lividez da morte estampava-se-lhe no rosto, e ele estava muito contente que o vulto vestido de padre, do outro lado da cortina transparente, não pudesse vê-lo muito bem. O matador não lhe daria mais nenhum trabalho se ele parecesse muito cansado. E ele precisava de trabalho, agora. Faltavam apenas algumas semanas e ele tinha muitos encargos. Falou.

— *Angelus Domini*.

— *Angelus Domini*, filho de Deus — lá de dentro veio o sussurro. — Os teus dias estão em paz?

— Encaminham-se para o fim, mas estão em paz.

— Sim. Acho que este será o seu último trabalho para mim. No entanto, é um trabalho tão importante que você receberá cinco vezes mais do que o pagamento costumeiro. Espero que isso possa ajudá-lo.

— Obrigado, Carlos. Você sabe, então.

— Sei. Isso é o que deverá fazer, então. Essa informação deve deixar este mundo juntamente com você. Não pode haver nenhum erro.

— Sempre fui cuidadoso. Irei para a morte sendo cuidadoso também.

— Morra em paz, velho amigo. Assim é mais fácil... Você irá à embaixada vietnamita perguntar por um adido chamado Phan Loc. Quando estiver sozinho com ele diga-lhe as seguintes palavras: "Em março de 1968, Medusa, setor Tam Quan. Caim estava lá. E o outro também." Guardou?

— Em março de 1968, Medusa, setor Tam Quan. Caim estava lá. E o outro também.

— Ele vai lhe dizer quando voltar. Será uma espera de algumas horas apenas.

17

— Acho que já é tempo de falarmos sobre uma *fiche confidentielle* chegada de Zurique.

— Meu Deus!

— Não sou o homem a quem você procura.

Bourne segurou a mão da mulher, para evitar que ela saísse correndo pelos corredores cheios do elegante restaurante de Argenteuil, nos arredores de Paris. A pavana terminara, a gavota também. Estavam sozinhos; o abrigo de veludo transformara-se em jaula de ferro.

— Quem é você? — perguntou Lavier numa careta, tentando desprender sua mão da dele; as veias do pescoço ficaram mais pronunciadas.

— Um americano rico que vive nas Baamas. Você não acredita nisso?

— Eu devia ter adivinhado — disse ela — quando você rejeitou o troco e não pagou em cheque, mas com dinheiro vivo. Você nem sequer olhou para a nota.

— Nem para os preços. E foi isso que fez você se aproximar de mim.

— Fui uma tola. Os ricos sempre olham para os preços, mesmo que seja apenas pelo prazer de desprezá-los. — Lavier falava enquanto olhava em volta, procurando um espaço entre os corredores, um garçom a quem pudesse chamar. Fugir.

— Não tente — disse Jason, olhando-a bem nos olhos. — Será tolice. Melhor conversarmos. Melhor para nós dois.

A mulher olhou-o espantada, acentuando o confronto do silêncio hostil, na sala ampla e repleta de murmúrios, com a luz mortiça das velas e as intermitentes explosões de risos que vinham das mesas vizinhas.

— Vou lhe perguntar de novo — disse ela. — Quem é você?

— Meu nome não é importante. Basta o que lhe dei.

— Briggs? É falso.

— Como também é falso Larousse. E esse nome consta da lista de aluguel de um carro que foi buscar três matadores no Banco Valois. Eles falharam lá. E também falharam esta tarde na Pont Neuf. Ele fugiu.

— Oh, Deus! — gritou ela, tentando livrar-se dele.

— Eu disse não! — Bourne segurou-a com firmeza, puxando-a de volta.

— E se eu gritar, monsieur? — A máscara bem-empoada quebrou-se em várias linhas de virulência, o batom vermelho- brilhante mostrava um roedor velho e atocaiado rosnando.

— Gritarei mais alto — respondeu Jason. — Nós dois seremos expulsos daqui, e quando estivermos lá fora acho que você não vai poder se defender. Por que não conversamos? Podemos aprender alguma coisa um com o outro. Afinal de contas, não somos empregadores, somos empregados.

— Nada tenho a lhe dizer.

— Então começo. E talvez você mude de idéia. — Afrouxou um pouco o pulso dela, cautelosamente. A tensão permaneceu ao rosto branco e empoado, mas foi afrouxando na medida em ele a soltava. Estava pronta para ouvir. — Você pagou alguém em Zurique. Estamos à procura do mesmo homem e sabemos por que *nós* o queremos. Soltou-a. — Por que estão à sua procura?

Ela ficou em silêncio por um momento, estudando-o, os olhos ainda amedrontados, mas cheios de fúria. Bourne sentiu que fizera a pergunta de modo acertado, porque se Jacqueline não lhe dissesse, nada, tudo não passaria de um grande engano. Poderia lhe custar a vida se fizesse mais algumas perguntas.

— Quem é "nós" — perguntou ela.

— Uma companhia que quer o seu dinheiro de volta. Uma grande quantia que está com ele.

— Ele não o ganhou, então?

Jason sabia que precisava ter muita cautela. Ela pensava que ele sabia muito mais do que, na realidade, sabia. — Digamos que há uma disputa.

— Mas como poderia? Ou ele ganhou ou não ganhou esse dinheiro, não pode haver meio termo.

— É a minha vez, agora — disse Bourne. — Você respondeu a uma pergunta com outra pergunta, e eu permiti. Agora vamos voltar. Por que você o quer? Por que o telefone particular de uma das melhores lojas de Saint-Honoré foi posto em uma *fiche* em Zurique?

— Foi um ajuste, *monsieur*.

— Para quem?

— Você está louco?

— Está bem, vamos deixar isso de lado, por enquanto. Achamos que já sabemos isso.

— Impossível!

— Talvez não. Então, foi um acordo... para matar um homem?

— Nada tenho a dizer.

— No entanto, há um minuto, quando mencionei o carro, você tentou fugir. Isso significa alguma coisa.

— Uma reação perfeitamente natural. — Jacqueline Lavier tocou a haste da sua taça de vinho. — Fui eu quem alugou o carro. E não me importo em lhe contar isso porque não há nenhuma prova de que tenha sido eu, realmente. Além do aluguel, nada mais sei sobre o que aconteceu. — De repente ela segurou com força o cálice, a máscara do rosto se tornou um misto de fúria controlada e medo. — Quem *são* os seus?

— Já lhe disse. Uma companhia que quer de volta o seu dinheiro.

— Mas você está interferindo! Saia de Paris! Esqueça-se disso tudo!

— Por que deveria? Somos a parte lesada; queremos a folha de balanço corrigida e revista. Estamos autorizados a fazer isso.

— Autorizados coisa nenhuma! — disse com veemência Mme. Lavier. — O erro foi de vocês e vão pagar por ele!

— Erro? — Ele agora devia ser muito cuidadoso. Estava chegando ao que queria — estava aqui, quase aflorando, os olhos da verdade quase aparecendo por baixo da camada de gelo. Saia dessa! O roubo não foi um erro cometido pela vítima.

O erro estava na sua escolha, *monsieur*. Escolheram o homem errado.

— Ele roubou milhões em Zurique — disse Jason. — E você sabe disso. Desviou milhões, e se vocês pensam que vão tirar dele esse dinheiro — que é o mesmo que tentar tirá-lo de nós —, estão muito enganados.

— Não queremos dinheiro algum!

— Fico contente em saber disso. Quem é "nós"?

— Pensei que você disse que sabia.

— Eu disse que tinha uma idéia. O suficiente para entregar o nome de alguns homens: Koenig, em Zurique, e d'Amacourt aqui em Paris. Se decidirmos fazer isso, poderá ser um grande embaraço para vocês, não é?

— Dinheiro? Embaraço?! Isto não é problema. Você está devorado pela estupidez, todos vocês! Vou repetir, saiam de Paris! Esqueçam-se disso. Não é mais da conta de vocês.

— Não achamos que é da sua. Francamente, não achamos vocês muito competentes.

— *Competentes*? — repetiu Lavier, como se não acreditasse no que ouvia.

— Isso mesmo.

— Você tem idéia do que está dizendo? De quem está falando?

— Não importa. A não ser que vocês recuem e desistam, a minha recomendação é que esclareçam tudo logo, e publicamente. Cobranças ridículas — que nem são procuradas por nós, é claro. Expor Zurique, os Valois, chamar a Súreté, a Interpol... tudo e todos para criar uma grande caçada humana — uma caçada maciça.

— Você *é* louco! E tolo.

— Não de todo. Temos amigos influentes; teremos a informação antes de vocês. Estaremos no lugar certo à hora certa. Nós o pegaremos.

— Vocês *não* vão pegá-lo. Ele desaparecerá novamente! Não podem *perceber* isso? Ele está em Paris e uma rede de pessoas que ele nem conhece está a sua procura. Ele pode ter escapado uma vez, duas, mas não vai escapar a terceira! Agora caiu na armadilha. Nós o pegamos.

— Não queremos que vocês o peguem. Não é do nosso interesse. — Estava quase chegando o momento, pensou Bourne. Quase. Mas não ainda; antes o medo dela teria que se misturar com a raiva. Ela teria que ser levada a revelar a verdade. — Este é o nosso ultimato, e vocês serão os responsáveis se não o aceitarem — porque, do contrário, vão se juntar a Koenig e d'Amacourt. Chamem de volta os seus rastreadores hoje à noite. Se não fizerem isso, vamos nos mexer primeiro, já de manhã cedo; vamos começar a gritar. Les Classiques será a loja mais popular em Saint-Honoré, mas não entre as pessoas certas, creio.

A máscara empoada partiu-se. — Vocês não ousariam! Como se atrevem? Quem são vocês para dizer uma coisa dessas!?

Ele fez uma pausa, depois disse abruptamente. — Um grupo de pessoas que não se importa muito com o seu Carlos.

Lavier gelou, arregalou os olhos, esticando a pele rígida numa cicatriz tensa. — Você sabe — sussurrou. — E acha que podem se opor a ele? Acham que são páreo para Carlos?

— Em certo sentido sim.

— Estão *loucos*. Não se dá um ultimato a Carlos.

— Acabei de dar um.

— Então, você está morto. Se levantar a voz para *qualquer* um, estará morto hoje mesmo. Ele tem homens em todos os lugares; eles o pegarão na rua.

— Talvez o fizessem se soubessem a quem pegar — respondeu Jason. — Você se esqueceu. Ninguém sabe quem ele é. Mas sabemos quem vocês são. E Koenig e d'Amacourt também. No instante em que nós os entregarmos, vocês estarão mortos. Carlos não poderia mais ficar com você. Mas ninguém me conhece.

— Está se esquecendo, senhor. Eu o conheço.

— É a menor das minhas preocupações. Tente me encontrar depois que todo o dano estiver feito e antes que a decisão quanto ao seu futuro seja tomada. Não levará muito tempo.

— Isso é uma loucura! Você aparece de repente e fala como um louco. Não pode fazer isso!

— Está sugerindo que façamos um trato?

— é concebível — disse Jacqueline Lavier. — Tudo é possível.

— Você está em posição de poder negociar?

— Estou em posição de poder levar adiante isso... de forma bem melhor do que um ultimato. Os outros, vão pensar que a decisão vem de quem realmente decide.

— O que está dizendo agora é o que eu já disse há uns minutos: podemos conversar.

— Podemos conversar, monsieur — concordou Mme. Lavier, os olhos lutando pela vida.

— Então vamos começar com o óbvio.

— O que é?

Agora. A verdade.

— O que significa Bourne para Carlos? Por que ele o quer?

— O que significa Bourne... — A mulher parou, o veneno e o medo tomaram lugar em seu rosto, transformando a máscara interior em uma expressão de choque. — Você ainda pergunta *isso*?

— Vou perguntar de novo — disse Jason, ouvindo as batidas do seu coração ficarem mais altas. — O que significa Bourne para Carlos?

—. Ele é Caim! Vocês sabem disso tão bem quanto nós! Ele foi o erro de vocês, a escolha de vocês! Vocês escolheram o homem errado!

Caim. Ouviu o nome e os ecos irromperam numa trovoada ensurdecedora. E em cada ruído vinha a dor junto, raios queimando um após o outro pela sua cabeça, mente e corpo, retesando sob o ataque do nome. Caim. Caim. As névoas voltaram.

A escuridão, o vento, as explosões.

Alfa, Bravo, Caim, Delta, Echo, Foxtrot... Caim, Delta. Delta, Caim, Delta... Caim.

Caim é para Charlie.

Deita é para Caim!

— O que há? O que há com você?

— Nada. — Bourne pusera a mão direita sobre o pulso esquerdo, segurando-o com firmeza, com tanta firmeza que pensou que a pressão romperia a pele. Tinha que fazer alguma coisa; tinha que parar com aquela tremedeira, diminuir o zumbido nos ouvidos, rechaçar a dor. Tinha que desanuviar a mente. Os olhos da verdade estavam postos nele, espantados; ele não podia desviar aquele olhar. Chegara, estava lá, estava em casa, e o frio o fazia tremer. — Continue — disse, impondo-se um controle de voz que resultou num sussurro. Ele nada podia fazer.

— Você está se sentindo mal? Está muito pálido e...

— Estou bem — ele a interrompeu logo. — Eu disse, *continue*.

— O que há para lhe contar?

— Diga tudo. Quero ouvir tudo de você.

— Por quê? Não há nada que você não saiba. Vocês escolheram Caim e dispensaram Carlos. E agora pensam que podem dispensá-lo novamente. Erraram, e vão errar novamente.

Vou matá-la. Vou agarrá-la pelo pescoço e bloquear-lhe a respiração. Conte-me! Pelo amor de Cristo, conte-me! Até o fim, é onde está o meu começo! Tenho que saber de tudo.

— Isso não importa — disse ele. — Se quer fazer um acordo — mesmo que seja só para salvar a sua vida — diga-me por que devemos ouvi-los. Por que Carlos é tão obstinado... tão paranóico... a respeito de Bourne? Explique-me isso como eu nunca tivesse ouvido antes. Se não me contar, esses nomes que não devem ser mencionados serão espalhados por toda Paris, e vocês estarão todos mortos até amanhã à tarde.

Lavier estava rígida, a máscara de alabastro imóvel. — Carlos vai seguir Caim até os confins da terra, para matá-lo.

— Já sabemos disso. Queremos saber por quê.

— Ele tem que fazer isso. Olhe para você. Para pessoas como você.

— Isso não faz sentido. Você não sabe quem somos.

— Nem preciso. Sei o que fizeram.

— Fale!

— Já falei. Vocês pegaram Caim em vez de Carlos — esse foi o erro de vocês. Escolheram o homem errado. Pegaram o assassino errado.

— O assassino... errado?

— Vocês não foram os primeiros, mas serão os últimos. O arrogante fingidor estará morto logo,

logo, aqui em Paris, façamos ou não um acordo.

— Pegamos o assassino errado... — As palavras flutuaram no elegante e perfumado ar do restaurante. A trovoada ensurdecedora fora abafada, mas ainda estava forte, ecoando longe, entre as nuvens escuras da tempestade. As névoas estavam sendo varridas, o vapor circulava em torno dele. Começou a enxergar, a perceber. E o que via era o perfil de um monstro. Não de um mito, mas de um monstro. E mais outro monstro. Havia dois.

— Duvida? — perguntou a mulher. — Não interfira com Carlos. Deixe-o pegar Caim; deixe-o vingar-se. — Fez uma pausa. Em seguida, tirou as duas mãos de cima da mesa, devagar. Ratazana! — Nada prometo, mas *vou* contar para você, por causa da perda que o seu pessoal teve. É possível — apenas possível, você me entende — que o seu trato possa ser honrado por aquele que vocês deviam ter escolhido antes, em primeiro lugar.

— O que nós devíamos ter escolhido... Porque escolhemos o homem errado.

— Percebe, não é, monsieur? Carlos deve saber que você percebe isso. Talvez — apenas talvez — possa ter simpatia pelas suas perdas, se ficar convencido de que vocês perceberam o erro.

— É esse o seu trato? — disse Bourne secamente, tentando encontrar uma linha de pensamento.

— Qualquer coisa é possível. Nada de bom pode vir das suas ameaças, posso lhe assegurar. Para todos nós, e sou bastante franca para me incluir também. Haverá apenas sentenças de morte, e Caim continuará a rir. Vocês não perderiam apenas uma vez, mas duas.

— Se isso é verdade — Jason engoliu, quase sufocando-se com o ar seco que entrou pelo vazio de sua garganta —, então terei que explicar ao meu pessoal por que nós... escolhemos... o homem errado, — *Pare! Chega! Acabe logo essa declaração. Controle-se*. — Diga-me tudo o que você sabe sobre Caim.

— Para quê? Que importância tem isso? — Lavier pôs os dedos em cima da mesa, unhas brilhantes e vermelhas, dez lâminas de uma arma afiada.

— Se escolhemos o homem errado, é porque tínhamos a informação errada.

— Vocês ouviram dizer que ele era igual a Carlos, não é? Que os seus honorários eram mais razoáveis, o seu aparato um pouco mais contido, e por menos intermediários estarem envolvidos, não havia possibilidade de um contrato ser investigado. Não foi isso?

— Talvez.

— É claro que sim. É o que foi dito a todos, e é tudo mentira. A força de Carlos está em suas fontes de informação, que são em maior número — informação infalível. Com o seu sistema bem-elaborado de atingir as pessoas certas no momento mais preciso, ele comete menos mortes.

— Parece com os outros. Havia muitos em Zurique, e muitos aqui em Paris, também.

— Todos falsos, *monsieur*. Todos.

— Falsos?

— Para ser bem clara, faço parte da operação há alguns anos, e já me encontrei, de uma forma ou de outra, com dúzias que faziam o seu papel — nenhum é importante. Mas nunca me encontrei com uma única pessoa que tivesse falado diretamente com Carlos, e muito menos que tenha qualquer idéia de como ele é.

— Este é Carlos. Quero saber a respeito de Caim. O que você sabe a respeito de Caim. — *Controle-se. Você não pode se virar. Olhe para ela! Olhe para ela!*

— Por onde devo começar?

— Com o que lhe vier primeiro à mente. De onde ele veio? — *Não desvie o olhar*!

— Sudeste da Ásia, é claro.

— É claro... — *Oh, Deus*!

— Veio da Medusa americana, sabemos..

Medusa! Os ventos, a escuridão, os holofotes, a dor... A dor rasgou o seu crânio agora; ele não

estava onde estava, mas onde estivera. Um mundo distante no tempo e no espaço. A dor. Oh, Jesus, a dor..

Tao!

Che-sah!

Tam Quan!

Alfa, Bravo, Caim... Delta

Delta... Caim!

Caim é para Charlie.

Delta é para Caim.

— O que há? — A mulher olhou-o assustada; estava estudando o seu rosto, os olhos à procura dos seus. — Você está transpirando. Suas mãos estão trêmulas. Está passando mal?

— Já passa. — Jason livrou a mão que segurava o pulso pegou um guardanapo para enxugar a testa.

— Isso aparece com a pressão, não?

— Com a pressão, sim. Continue. Não há muito tempo, tenho que me encontrar com pessoas, tomar algumas decisões. A sua vida, provavelmente, está no meio disso tudo. Vamos, de volta a Caim. Você disse que ele veio da... Medusa americana.

— *Les mercenaires du diable* — disse ela. — Era o apelido dado ao pessoal da Medusa pelos colonialistas da Indochina — o que restou deles. É bem apropriado não acha?

— O que penso não importa. Nem o que sei. Quero ouvir o que você pensa, o que *você* sabe a respeito de Caim.

— O seu mal-estar o deixa muito grosseiro.

— A minha impaciência me deixa muito impaciente. Você disse que escolhemos o homem errado; se fizemos isso foi porque tivemos uma informação errada. *Les mercenaires du diable*. Está querendo dizer que Caim é francês?

— De forma alguma. Você me testa de maneira muito pobre. Apenas disse isso para lhe mostrar o quanto sabemos a respeito da Medusa.

— Com "nós" você quer dizer o pessoal que trabalha para Carlos.

— Que seja.

— Acho que sim. Se Caim não é francês, o que é então?

— Americano, sem dúvida alguma.

Oh, Deus. — Por quê?

— Porque tudo o que ele faz tem o selo da audácia americana. Empurra e arrasta sem nenhuma fineza, roubando créditos que não são dele, propagando mortes que não são suas. Estudou os métodos de Carlos e seus contatos como nenhum outro homem vivo. Sabemos que ele costuma recitá-los como se fossem seus clientes em potencial muito mais comumente do que costuma se colocar no lugar de Carlos e convencer os tolos que é ele, e não Carlos, quem aceita e preenche os contratos. — Lavier fez uma pausa. — Eu o atingi, não? Ele fez o mesmo com você — com o seu pessoal —, não é?

— Talvez. — Jason segurou o pulso novamente, enquanto as declarações lhe voltavam à mente. Declarações feitas como resposta às chaves de um jogo perigoso.

Stuttgart. Regensburg. Munique. Duas mortes e um seqüestro, créditos de Baader. Dinheiro dos Estados Unidos...

Teerã? Oito mortes. Créditos divididos — Khomeini e OLP. Pagamento, dois milhões. Sudeste soviético.

Paris?... Todos os contratos serão processados através de Paris.

Contratos de quem?

De Sanchez... Carlos.

— ... sempre um engenho tão transparente.

A mulher falara e ele não a ouvira. — O que disse?

— Você estava se lembrando, não é? Ele usou o mesmo estratagema com você — com o seu grupo. É assim que ele arranja trabalho.

— Trabalho? — Bourne deixou os músculos do estômago bem retesados até que a dor o trouxesse de volta à mesa da sala cheia de velas do Argenteuil. — Ele aceita trabalhos, então — ele comentou desinteressadamente.

— E os leva avante com grande habilidade; ninguém lhe nega isso. O seu número de mortes é impressionante. Em muitas coisas ele é um segundo com relação a Carlos — nunca seu igual, mas está muito acima de *les guérilleros*. É um homem de muita esperteza, extremamente inventivo, uma arma letal treinada pela Medusa. Mas é a sua arrogância e as suas mentiras à custa de Carlos que o farão cair.

— E isso faz dele um americano? Ou é a sua predisposição? Tenho a impressão de que vocês gostam do dinheiro americano, mas é só do que gostam. — *Grande habilidade; extremamente inventivo; uma arma letal treinada... Port Noir, La Ciotat, Marselha, Zurique, Paris.*

— Está fora de cogitação, monsieur. A identificação é positiva.

— Como conseguiu?

Lavier tocou a haste do seu cálice de vinho, o indicador com a ponta vermelha dava voltas no vidro. — Um homem descontente foi comprado em Washington.

— Washington?

— Os americanos também estão à procura de Caim — com uma ansiedade parecida com a de Carlos, creio. Medusa nunca foi divulgada publicamente, e Caim parece ter provado aos americanos que é um grande empecilho. Este tal homem descontente estava numa boa posição e pôde nos dar muitas informações, inclusive os registros da Medusa. Foi fácil, só comparar os nomes da lista com os de Zurique. Foi simples para Carlos, não seria para mais ninguém.

Muito simples, pensou Jason, sem saber por que este pensamento o tomou de surpresa. — Compreendo — disse ele.

— E você? Como o encontrou? Não Caim, é claro, mas Bourne.

Através das névoas da ansiedade, Jason lembrou-se de outra declaração. Não dele, mas uma feita por Marie — Facílimo — respondeu. — Pagamos o dinheiro dele com um depósito a curto prazo em conta-corrente, que foi desviado para outra. Os números puderam ser rastreados; é uma tática de verificação do imposto.

— E Caim permitiu isso?

— Ele nem soube. Os totais foram pagos... através de uma conta em números — como números de telefone — numa *fiche*.

— Eu o admiro.

— Não é preciso, mas tudo o que você sabe sobre Caim é que merece admiração! Tudo o que fez até agora foi apenas explicar uma identidade... Agora, continue. Tudo o que você sabe sobre esse tal de Bourne. — *Seja cuidadoso. Cuidado com a tensão da voz. Você está apenas... avaliando dados. Marie, você disse isso. Querida, querida Marie. Graças a Deus você não está aqui.*

— O que sabemos dele é incompleto, Ele conseguiu roubar a maior parte dos registros mais importantes. Uma lição que, em dúvida alguma, aprendeu com Carlos. Mas não tudo; conseguimos montar um esquema. Antes de ele ser recrutado para a Medusa, muito provavelmente foi um homem de negócios que falava francês e vivia em Cingapura, representando uma coletividade de importadores de Nova Torque e Califórnia. A verdade é que foi demitido pela coletividade, que depois tentou extraditá-lo pan os Estados Unidos, instaurando um processo de acusação. Roubara centenas de milhares de dólares da coletividade. Em Cingapura era conhecido como uma figura solitária, muito poderoso nas operações de contrabando, e por demais impiedoso.

— Antes disso! — interrompeu Jason, sentindo de novo a transpiração surgir-lhe nas têmporas. — Antes de Cingapura. De onde ele veio? — *Seja cuidadoso! As imagens! Ele podia ver as ruas de Cingapura. Rua Príncipe Eduardo, Kim Chuan, Rua Boon Tat, Maxwell, Cuscaden.*

— Essa é a parte dos registros que foi roubada e ninguém mais pôde encontrar. Existem apenas rumores, e são todos infundados Por exemplo, foi dito que ele era um jesuíta apóstata que ficara louco; outra especulação era de que ele foi um jovem banqueiro pego desviando fundos junto com outros banqueiros de Cingapura. Mas não é nada concreto, nada que possa servir como pista. Antes de Cingapura, nada.

Você está errada, há muita coisa. Mas não faz parte de tudo isso... Há um espaço vazio que pode ser preenchido, e você pode me ajudar. Talvez ninguém possa, ninguém deva.

— Até agora você não me contou nada interessante — disse Bourne. — Nada relativo ao que procuro.

— Então não sei o que você quer! Faz-me perguntas, quer detalhes, e quando lhe dou respostas você as rejeita como sem importância. O que *quer*?

— O que você sabe sobre o... trabalho de Caim? Já que quer fazer um trato, dê-me uma razão para isso. Se a nossa informação for diferente, estaria além do que ele fez, não é? Qual foi a primeira vez que ele despertou a sua atenção? A atenção de Carlos? *Rápido*!

— Há dois anos — disse Mme. Lavier, desconcertada com a impaciência de Jason e amedrontada. — Chegou uma informação da Ásia sobre um homem branco que oferecia serviços espantosamente similares aos de Carlos. Ele logo se transformou em uma indústria. Um embaixador foi assassinado em Moulmein; dois dias mais tarde um político japonês muito conhecido foi morto em Tóquio, antes do debate em Diet. Uma semana depois, o carro do editor de um jornal explodiu em Hong-Kong, e menos de quarenta e oito horas depois um banqueiro foi morto em uma rua de Calcutá. Atrás de cada uma dessas mortes estava Caim. Sempre Caim. — A mulher parou, à espera da reação de Bourne. Não houve nenhuma. — Você não percebe? Ele estava em toda parte. Ele correu de um assassinato para outro, aceitando contratos com tanta rapidez que não há dúvida de que ele tinha que ser descuidado. Era um homem com muita pressa, construindo a sua reputação tão rapidamente que até mesmo chocava o profissional mais calejado. Ninguém duvidava que ele fosse um profissional, menos ainda Carlos. Algumas instruções foram mandadas: descobrir esse homem, procurar saber tudo o que era possível sobre ele. Você vê, Carlos entendeu o que nenhum de nós conseguiu. E em menos de doze meses ele provou estar certo. Chegaram as respostas dos informantes de Manila, Osaka, Hong-Kong e Tóquio. Caim estava se mudando para a Europa, diziam; ia fazer de Paris a sua base de operações. O desafio era claro, a luta começara. Caim vinha para destruir Carlos. Tornar-se-ia o novo Carlos, oferecendo os seus serviços, os serviços que eram exigidos pelos que dele precisavam. Como *o senhor* o encontrou, Monsieur.

— Moulmein, Tóquio, Calcutá... — Jason ouviu os nomes saindo da sua garganta. E novamente eles flutuavam, suspensos no ar perfumado, como sombras de um passado esquecido. — Manila, Hong-Kong... — Parou, tentando clarear as névoas, espiando os contornos das formas que se mantinham correndo à frente de sua vista.

— Esses lugares e muitos outros — continuou Lavier. —Foi esse o erro de Caim, e ainda é. Carlos pode representar muitas coisas para diversas pessoas, mas entre os que se beneficiaram da sua confiança e generosidade, há lealdade. Seus informantes e mercenários nunca estão dispostos a se vender, embora Caim os tente de vez em quando. Dizem que Carlos é rápido em fazer Julgamentos duros, mas também dizem que é melhor um Satã que se conhece do que um sucessor seu que não se conhece. O que Caim não percebeu — e ainda não percebe — é que toda teia formada por Carlos é muito vasta. Quando Caim se mudou para a Europa, não sabia que as suas atividades já eram conhecidas em Berlim, Lisboa, Amsterdã... e em lugares tão distantes quanto Omã.

— Omã — disse Bourne involuntariamente. — O xeque Mustafá Kalig — sussurrou para si mesmo.

— Isso nunca ficou provado! — Lavier exclamou desafiadoramente. — Uma cortina de fumaça e confusão muito bem montada, o próprio contrato foi uma ficção. Ele tomou para si o crédito de um assassinato interno; ninguém poderia ter passado por aquela segurança do xeque! Foi uma mentira!

— Uma mentira — repetiu Jason.

— Tantas mentiras! — acrescentou Mme. Lavier desdenhosamente. — Ele não é nenhum bobo, no entanto. Mente em segredo, deixa passar uma alusão aqui, outra ali, sabendo que elas serão exageradas quando forem passadas adiante e ficarão diferentes da sua própria substância. Provoca Carlos a cada instante, promovendo-se à custa do homem de quem quer tomar o lugar. Mas não é páreo para Carlos; aceita contratos que não pode levar adiante. Vocês são apenas um exemplo; sabemos que existem muitos outros. Dizem que é por isso que durante muitos meses ele andou evitando pessoas como vocês.

— Evitando pessoas... — Jason segurou o pulso outra vez; a tremedeira começara de novo, o som das trovoadas distantes vibrando em diferentes regiões do seu crânio.

— Você está... certa disso?

— Completamente. Ele não estava morto, estava escondido. Caim assumiu mais de uma tarefa, e isso foi inevitável. Aceitou trabalhos em demasia para um tempo muito curto. No entanto, sempre que faz isso, comete em seguida uma morte desnecessária, um assassinato espetacular, que não foi pedido, apenas para manter a sua glória. Seleciona uma figura proeminente e o chacina. O assassinato é um choque para todos, e, logo em seguida, é creditado, sem dúvida alguma, a ele, O embaixador que estava de viagem a Moulmein foi um exemplo; ninguém o contratara para matá-lo. Houve também mais dois que ficamos sabendo — um Comissário russo em Xangai e, mais recentemente, um banqueiro em Madri...

As palavras saíam febrilmente dos lábios vermelhos e brilhantes, que se mexiam continuamente na parte inferior da máscara que o fitava. Ele ficou ouvindo-as; já as ouvira antes, já as vivera antes. Não eram mais nenhuma sombra, simples lembranças daquele passado esquecido. Imagens e realidade se fundiam. Ela não tinha começado nenhuma sentença que ele não pudesse terminar, nem sequer mencionou um nome, uma cidade ou um incidente com o qual ele não estivesse instintivamente familiarizado.

Ela estava falando sobre... ele.

Alfa, Bravo, Caim, Delta..

Caim é para Charlie, e Delta é para Caim.

Jason Bourne era o assassino chamado Caim.

Havia uma última pergunta, uma breve trégua que pairava acima da escuridão daquelas duas noites antes, na Sorbonne. Marselha. 23 de agosto.

— O que aconteceu em Marselha? — perguntou ele.

— Marselha? — a mulher se encolheu. — Como você pode? Que mentiras lhe disseram? Que mentiras *mais*?

— Diga-me apenas o que aconteceu.

— Você está se referindo a Leland, é claro. O onipresente embaixador cuja morte foi exigida pelo... paga pelo contrato aceito por Carlos.

— E se eu lhe disser que há muitos que pensam que Caim foi o responsável?

— Foi o que ele quis que todos pensassem. Foi o último insulto a Carlos — roubar dele esta morte. O pagamento era irrelevante para Caim; apenas queria mostrar ao mundo — ao nosso mundo — que podia chegar antes e fazer o trabalho para o qual Carlos fora pago para fazer. Mas ele não chegou, você sabe. Não teve nada a ver com a morte de Leland.

— Ele estava lá.

— Ele caiu em uma armadilha. Pelo menos nunca apareceu. Alguns disseram que ele fora morto, mas como não apareceu nenhum cadáver, Carlos não acreditou nisso.

— Como foi que aconteceu.. esta suposta morte de Caim?

Madame Lavier se encolheu de novo, balançando a cabeça em movimentos rápidos e curtos. — Dois homens na praia tentaram obter esse crédito, tentaram ser pagos por isso. Um deles nunca mais foi visto; pode-se presumir que Caim o tenha matado, se era mesmo Caim. Eram gentalha das docas.

— Qual foi a cilada?

— A cilada *alegada*, monsieur. Disseram que tiveram notícia de que Caim ia se encontrar com alguém na Rua Sarrasin uma noite antes do assassinato, mais ou menos. Disseram que deixaram mensagens obscuras na rua e atraíram Caim, ou quem acharam ser Caim, até os píeres, até um barco de pesca. Nem a traineira nem o comandante foram vistos de novo; devem ter tido certeza — mas, como digo, não houve nenhuma prova. Nem mesmo uma descrição adequada de Caim que pudesse ser comparada com o homem que foi levado da Rua Sarrasin. De qualquer forma, é aqui que tudo termina.

Você está errada. É aqui que começa. Para mim, pelo menos.

— Compreendo — disse Bourne, tentando novamente dar naturalidade à voz. — A nossa informação é diferente, naturalmente. Fizemos uma escolha diante do que sabíamos.

— A escolha *errada, monsieur*. O que lhe contei é a verdade.

— Sim, sei.

— Fazemos o nosso trato, então?

— Por que não?

— Bien. — Aliviada, a mulher levou a taça de vinho aos lábios. — Você verá, será melhor para todos nós.

— Agora realmente não... não importa. — Ele não podia ser ouvido, e sabia disso, O que dissera? O que acabara de dizer? Por que dissera aquilo?... A névoa se fechava novamente, as trovoadas ficavam mais altas; a dor voltara às suas têmporas.

— Quero dizer... quero dizer, como você diz, é melhor para todos nós. — Ele podia sentir — ver — os olhos de Lavier postos nele, estudando-o. — É uma solução bem razoável.

— Naturalmente que sim. Você não está se sentindo bem?

— Já disse que não é nada, passa logo.

— Estou aliviada. Agora, dar-me-ia licença por um momento?

— Não. — Jason segurou-lhe o braço.

— Je vous prie, monsieur. O toalete, só isso. Se não se importa, pode ficar do lado de fora da porta.

— Vamos sair. Você pode parar no caminho. — Bourne fez sinal para o garçom,

— Como quiser disse ela, olhando em sua direção.

Ele ficou no corredor escuro, debaixo das luzes que vinham do teto. Do outro lado do corredor ficava o banheiro feminino, marcado por letras pequenas e douradas: FEMMES. Gente bonita — mulheres belíssimas, homens simpáticos — continuavam a passar por ele. Era a mesma freqüência da Les Classiques. Jacqueline Lavier se sentia em casa.

Ela já estava no banheiro há mais de dez minutos, fato que teria perturbado Jason se ele tivesse condição de se concentrar no tempo, agora. Mas não podia; estava em fogo. Ruídos e dores pelo corpo todo o consumiam, os nervos estavam tensos, expostos, as fibras intumescidas, com as constantes pontadas. Olhou para a frente, uma longa lista de homens mortos às suas costas, O passado estava nos olhos da verdade; eles o haviam procurado e o haviam visto. Caim... *Caim... Caim..*

Balançou a cabeça e olhou para o teto escuro. Tinha que agir; não podia se permitir afundar, mergulhar no abismo das trevas e dos ventos cortantes. Tinha que tomar algumas decisões... Não, elas já estavam tomadas; agora, era apenas uma questão de pô-las em funcionamento.

Marie. Marie? Oh, Deus, meu amor, como nos enganamos!

Respirou fundo e olhou para o relógio — o cronômetro que trocara por uma peça fina de ouro, que pertencera a um marquês, no Sul da França. *Ele é um. homem de grande habilidade, extremamente inventivo*... Não havia qualquer alegria naquela avaliação. Olhou para a porta do banheiro das mulheres.

Onde estava Jacqueline Lavier? Por que não saía de lá? O que pensava fazer ficando lá dentro? Tivera a presença de espírito de perguntar ao *maître* se havia telefone lá dentro; o homem respondera negativamente, apontando para uma cabine telefônica perto da entrada. Ela estava ainda perto dele quando ele fez essa pergunta; e ouvira a resposta, entendendo por que ele a fizera.

De repente, uma luz forte o cegou. Afastou-se, encolhendo-se contra a parede, os olhos cobertos com as mãos. A dor! Oh, Cristo! Os olhos estavam em fogo!

Em seguida ouviu algumas palavras entre os risos polidos dos homens bem..vestidos e das mulheres que passavam casualmente pelo corredor.

— Como lembrança do seu jantar no Roget, *monsieur* — disse uma recepcionista muito animada, segurando uma câmara fotográfica pela barra vertical — A fotografia ficará pronta em poucos minutos. Com os cumprimentos de Roget.

Bourne continuou rígido, sabendo que não podia esmagar a máquina fotográfica, enquanto o medo de uma nova percepção chegava até ele. — Por que eu? — perguntou.

— A sua noiva pediu, *monsieur* — respondeu a moça, apontando com a cabeça para o banheiro. — Conversamos lá dentro. O senhor tem sorte, ela é uma mulher encantadora. Pediu-me para lhe entregar isto. — A recepcionista passou-lhe um bilhete dobrado; Jason o pegou, enquanto ela saracoteava de volta para a entrada do restaurante.

O seu mal-estar me perturba, como tenho certeza que o per turba, também, meu novo amigo. Você pode ser o que diz ser, como pode não ser. Terei a resposta em meia hora mais ou menos. Uma chamada telefônica foi feita por uma solícita pessoa que jantara aqui; e essa fotografia está a caminho de Paris. Você não poderá impedir, como não poderá impedir quem está para chegar a Argenteuil. Se nós realmente temos o nosso trato, nada disso irá perturbá-lo — como a sua doença me perturba — e podemos voltar a conversar tão logo os meus companheiros cheguem.

Dizem que Caim é um camaleão, que tem várias aparências bem convincentes. Também dizem que é inclinado à violência e a acessos temperamentais. E isso é um mal-estar, não?

Ele correu pela rua, em Argenteuil, atrás do sinal de um táxi, que virou na esquina e desapareceu. Depois parou, respirando convulsivamente, procurando em todas as direções por outro táxi; mas nenhum apareceu. O porteiro do Roget lhe dissera que um táxi levaria dez ou quinze minutos para chegar, por que o monsieur não pediu um com antecedência? A cilada estava pronta e ele caíra nela.

Em frente! Uma luz, outro táxi! Correu; tinha que pará-lo, tinha que voltar para Paris. Para Marie.

Estava de volta ao labirinto, correndo cegamente, e percebendo, enfim, que não havia possibilidade de fuga. Mas tinha que correr sozinho; esta decisão era irrevogável. Não haveria nenhuma discussão, nenhuma conversa, nem lamúrias — argumentos baseados no amor e na incerteza. Porque a certeza já estava bem clara. Já sabia quem era... o que tinha sido; era condenado, culpado — e suspeito.

Uma hora ou duas sem nada dizer. Apenas trocar olhares, conversar calmamente sobre qualquer coisa, menos a verdade. Amor. E depois sairia; ela jamais saberia quando e ele jamais lhe contaria o porquê. Ele lhe devia isto; doeria muito no início, por um breve momento, mas a última dor seria muito menor do que a causada pelo estigma de Caim.

Caim!

Marie. Marie! O que fiz?

—. Táxi! Táxi!

18

Saia de Paris! Agora! Não importa o que esteja fazendo. pare e saia!... São ordens do seu Governo. Eles querem que você saia daí.

Marie amassou o cigarro no cinzeiro sobre a mesinha de cabeceira. Seu olhar escorregou para o número de três anos atrás da Potomac Quarterly, seu pensamento pairou por um momento naquele terrível jogo que Jason a forçara a compartilhar.

— Não quero ouvir! — disse para si mesma, em voz alta, assustada com o som da sua própria fala no quarto vazio. Foi até a janela, a mesma janela onde ele estivera, olhando para fora, amedrontado, tentando fazê-la compreender.

Tenho que saber algumas coisas... o suficiente para tomar uma decisão... mas talvez não precise saber de tudo. Uma parte de mim tem que ser capaz de... de correr, desaparecer. Tenho que ser capaz de dizer para mim mesmo: o que foi não é mais e há possibilidade de nunca ter sido, porque não tenho nenhuma lembrança do que foi, O que uma pessoa não consegue se lembrar é porque não existiu... para a pessoa.

— Meu querido, meu querido. Não deixe que eles façam isto com você! — Suas palavras não a espantaram desta vez, porque era como se ele estivesse no quarto, ouvindo, prestando atenção às suas próprias palavras, pronto para correr, desaparecer... com ela. Mas bem no seu íntimo sabia que ele não poderia fazer isso; ele não conseguiria viver com uma meia verdade, ou com três quartos de uma mentira,

Querem pegá-lo sozinho.

Quem seriam eles? A resposta estava no Canadá, e o Canadá estava interceptado para ela; era outra cilada.

Jason estava certo sobre Paris; ele também sentia isso. Não importa o que fosse, estava ali. Se ele pudesse encontrar uma pessoa para levantar o véu e o deixar descortinar por si mesmo o fato de estar sendo manipulado, então outras perguntas podiam ser feitas e as respostas não o levariam mais à autodestruição. Se pudesse ser convencido de que devia esquecer quaisquer que fossem os crimes cometidos e perceber que era o joguete de um crime muito maior, então seria capaz de fugir, ir embora com ela. Tudo era relativo. O homem a quem amava tinha que encarar que não era o seu passado que não existia mais; que o seu passado existira e ele podia viver com ele, pondo-o para escanteio. Era esse o raciocínio de que ele precisava, a convicção de que, independente do que ele tivesse sido antes, estava muito aquém do que os seus inimigos queriam fazer o mundo acreditar; do contrário não o usariam assim. Era o bode expiatório, a sua morte devia ocupar o lugar da morte de outra pessoa. Se ele apenas pudesse *ver* isso; se ela pudesse convencê-lo disso! Do contrário ela o perderia. Eles o levariam; eles o matariam.

Eles.

— Quem é você? — ela gritou pela janela para as luzes de Paris. — *Onde* está você?

Sentia um vento frio a bater-lhe no rosto, como se os vidros da janela tivessem se derretido e o ar gelado da noite estivesse penetrando no quarto. A garganta ficou apertada e, por um instante, não pôde engolir... Nem respirar. O momento passou e a respiração voltou ao normal. Estava com medo; isso já acontecera antes, naquela primeira noite dos dois em Paris, quando ela deixara o café e fora à procura dele, na escadaria do Cluny. Estava andando em passos rápidos pelo bulevar Saint-Michel quando isso acontecera: o vento frio, a impossibilidade de engolir... Naquele instante, também não conseguira respirar. Mais tarde soube a razão; naquele momento, Jason, a alguns quarteirões dali, na Sorbonne,

estivera rastreando uma informação que momentos depois anularia — mas daquela vez ele conseguira chegar a isto. Conseguira desvencilhar-se da idéia de não mais voltar para ela.

Pare! — gritou. — É loucura! — acrescentou mexendo a cabeça e olhando para o relógio. Ele saíra há cinco horas; onde estaria? *Onde estaria ele*?

Bourne desceu do táxi em frente ao movimentado e elegante hotel de Montparnasse. A hora seguinte seria a mais difidil da breve vida de que ele tinha mem6ria — uma vida que em um vazio até Port Noir, e, de lá para a frente, fora um pesadelo. O pesadelo continuaria, mas iria viver sozinho com ele; amava-a muito, não iria pedir que compartilhasse isso com ele. Encontraria uma forma de desaparecer, levando com ele a evidência que o atava a Caim. Seria simples; sairia para um pretenso encontro e não retornaria. Depois escreveria um bilhete:

Está tudo acabado. Encontrei as minhas indicações. Volte para o Canadá e não diga nada. Será melhor para nós dois. Saberei onde encontrá-la.

A última frase era injusta — jamais voltaria a procurá-la. Mas era preciso manter a pequena e leve esperança, mesmo que fosse para ir ao seu encontro num avião em vôo para Ottawa. Com o tempo — no tempo — aquelas semanas que haviam passado juntos se apagariam e ficariam reduzidas a um segredo enevoado, um guardado de pequenas riquezas para ser aberto e tocado em momentos calmos e silenciosos. E nada mais, pois a vida é sentida pelo poder das memórias vivas, as que adormecem perdem o significado. Ninguém sabia disso melhor do que ele.

Atravessou o saguão e cumprimentou o *concierge*, sentado no banco atrás do balcão de mármore, lendo um jornal, com um gesto de cabeça. O homem quase nem levantou o olhar, apenas notou a sua entrada.

O elevador roncou e grunhiu até o quinto andar. Jason respirou profundamente e abriu a porta; antes de tudo, teria que evitar a dramaticidade — sem levantar suspeitas através de pala- nas ou olhares, O camaleão tinha que sair da floresta em silêncio, sem deixar nenhum traço. Sabia o que iria dizer, já pensara nisso cuidadosamente, como sabia o que escreveria no bilhete.

— Passei a maior parte da noite perambulando por aí — disse enquanto a abraçava e desmanchava-lhe os cabelos, aninhando a cabeça dela no seu ombro... as palavras lhe doíam — ... correndo atrás de vendedoras cadavéricas, ouvindo alegres bobagens e tomando café fantasiado de tolo rabugento. Lês Classiques foi uma perda de tempo; aquilo lá é um zoológico. Os macacos e os pavões dão um show infernal, mas acho que ninguém sabe nada. Há talvez uma pessoa que pode saber e que está lá, mas também pode ser apenas um astuto francês à procura de um americano marcado.

— Ele? — perguntou Marie. O seu tremor estava passando.

— Um homem que operava a mesa de telefones — disse Bourne, tentando repelir as imagens de explosões e escuridão, ventos fortes, enquanto lembrava-se do rosto que ele não recordava, mas que conhecia muito bem. Esse homem hoje era apenas um instrumento; não fazia parte da realidade. Afastou as imagens. — Concordei em me encontrar com ele cerca de meia-noite no Bastringue, na Rua Hautefeuille.

— O que ele disse?

— Muito pouco, mas o suficiente para despertar o meu interesse. Ele estava me observando enquanto eu fazia algumas perguntas. O lugar estava muito cheio, pude me movimentar livremente, conversar com as vendedoras.

— Perguntas? Que perguntas você fez?

— Sobre tudo que pude me lembrar. Sobre a gerente, ou qualquer coisa assim. Levando em consideração o que aconteceu esta tarde, se ela estava ligada a Carlos, deve ter quase ficado histérica. Observei-a. Ela não mudou o comportamento, permaneceu como se nada tivesse acontecido, como se tivesse tido um bom dia na loja.

— Mas ela era uma ligação, como você diz. D'Amacourt explicou isso. A *fiche*.

— Mas indireta. Ela recebe um telefonema e lhe dizem o que fazer antes que ele faça qualquer outro telefonema. — Na realidade, pensou Jason, o recurso que inventara era baseado na realidade. Jacqueline Lavier era, na verdade, uma ligação indireta.

Você não pode ter feito perguntas sem parecer suspeito — reclamou Marie.

— Posso — respondeu Bourne —, se eu for um escritor americano que está escrevendo um artigo sobre as zonas de comércio em Saint-Honoré para uma revista nacional.

— Boa desculpa, Jason.

— Deu certo. Ninguém quer ficar de fora.

— O que conseguiu saber?

— Como quase todas as outras lojas, Les Classiques tem a sua própria clientela, muito rica, formada por pessoas que se conhecem entre si, com todas aquelas intrigas maritais e de adultérios, que combinam bem com a decoração do ambiente. Carlos sabia o que estava fazendo; lá existe um serviço normal de fofocas e informações.

— As pessoas lhe contaram isto? — perguntou Marie, segurando-lhe os braços e olhando em seus olhos.

— Não tão claramente — respondeu ele, ciente das dúvidas e da sua descrença. — Tudo sempre recaía sobre esse tal de Bergeron, mas uma coisa leva à outra. E a gente pode compor o quadro todo. Todos parecem gravitar em torno dessa gerente. Pelo que pude perceber, ela é uma fonte de informações sociais, embora nada mais pudesse me dizer além de que fez um favor para alguém — um acordo — e que esse alguém está ligado a outro alguém, que fez um favor para outro alguém. A fonte podia não ser confidencial, mas é tudo o que consegui.

— Por que o encontro de hoje à noite no Bastringue?

— Ele se aproximou de mim quando eu estava saindo e me disse uma coisa muito estranha. — Jason não precisou inventar esta parte da mentira. Ele lera as palavras num bilhete em um restaurante elegante de Argenteuil a menos de uma hora. — Ele disse: "Você pode ser o que diz ser, como pode não ser." Foi aí que sugeriu tomarmos um drinque mais tarde, fora de Saint-Honoré. — Bourne percebeu que as dúvidas dela tinham sido eliminadas. Já fizera isto; ela aceitara o trançado de mentiras. E por que não? Era um homem de *grande habilidade, extremamente inventivo*. O elogio não lhe era muito repugnante; ele era Caim.

— Ele pode ser quem você procura, Jason. Você que precisava apenas de um homem, bem pode ser ele!

— Veremos. — Bourne olhou para o relógio. A contagem regressiva para a sua partida começara, não podia mais desistir. Temos quase duas horas. Onde você deixou a pasta?

— No Meurice. Registrei-me lá.

— Vamos buscá-la e jantar. Você ainda não comeu, não é

— Não... — A expressão de Marie estava um pouco esquisita. — Por que não a deixamos lá? Está bem segura; não precisamos nos incomodar com ela.

— Precisamos, se tivermos que sair daqui de repente — disse ele bruscamente, indo até o balcão. *Tudo era agora apenas uma questão de passos; traços de atrito gradualmente entrando no discurso, na fala, na aparência, no toque. Nada de alarme, nada de falsos heroísmos; ela poderia perceber através dessas táticas. Apenas o suficiente para compreender a verdade, quando lesse as suas palavras. "Está tudo acabado. Encontrei as minhas indicações"...*

— O que há, querido?

— Nada. — O camaleão sorriu. — Estou apenas cansado — e provavelmente um pouco desencorajado.

— Céus, por quê? Um homem quer se encontrar com você confidencialmente mais tarde hoje à noite, um telefonista! Ele poderá levá-lo a algum lugar. Além disso, você está convencido de que essa mulher é um contato de Carlos; talvez ela possa lhe dizer *alguma* coisa — queira ou não. De uma forma um tanto macabra, acho que você ficaria contente.

— Acho que não posso lhe explicar — disse Jason, olhando agora para o reflexo dela no espelho. — Você teria que entender o que encontrei lá.

— O que encontrou? — Ela fez uma pergunta.

— O que encontrei. — Ele fez uma afirmação. — É um mundo muito diferente — continuou, procurando pela garrafa de uísque e um copo — de gente diferente. É sedoso, bonito e frívolo, com refletores e veludo negro. Nada é levado a sério, exceto fofoca e indulgência com relação a tudo. Qualquer um daqueles levianos — inclusive aquela mulher — poderia ser uma boa ligação para Carlos sem nunca saber disso, sem nunca sequer suspeitar disso. Um homem como Carlos usa tais pessoas; qualquer um como ele faria isso, inclusive eu mesmo... Foi o que descobri. É desencorajante.

— E não é razoável. Seja lá o que você acredita, essas pessoas decisões muito conscientemente. A indulgência sobre a qual falou exige isso; eles devem pensar bem. E quer saber o que acho? Acho que você está cansado, com fome, e precisa de um drinque ou dois. Gostaria que você desmarcasse o encontro de hoje à noite; já basta por hoje.

— Não posso fazer isso — disse ele asperamente.

— Está bem, não pode — ela respondeu na defensiva.

— Sinto muito, estou irritado.

— Sim. Sei. — Ela foi para o banheiro. — Vou me refrescar um pouco e depois poderemos ir. Tome um bom gole, querido. Você está com os dentes à mostra.

— Marie?

— Sim?

— Tente entender, O que descobri lá me deixa muito aborrecido. Pensei que seria diferente, mais fácil.

— Enquanto você estava à procura, eu estava espera, Jason. Sem saber. Isso também não foi fácil.

— Achei que você fosse telefonar para o Canadá. Não telefonou?

Ela ficou imóvel por um instante. — Não. — disse. — Era muito tarde.

A porta do banheiro fechou-se; Bourne foi até a mesa, do outro lado da sala, abriu a gaveta, pegou papel e caneta e escreveu as seguintes palavras:

Está tudo acabado, Encontrei as minhas indicações. Volte para o Canadá e não diga nada. Será melhor para nós dois. Sei onde encontrá-la.

Depois dobrou o papel, colocou-o em um envelope e deixou-o aberto, enquanto procurava a carteira. Pegou tanto a conta francesa quanto a suíça e colocou-as por trás do bilhete. Depois fechou o envelope e escreveu na frente: MARIE.

Queria desesperadamente acrescentar: *Meu amor, meu querido amor.*

Mas não o fez. Não podia.

A porta do banheiro se abriu. Imediatamente pôs o envelope no bolso do paletó. — Foi rápido — disse.

— Foi? Acho que não. O que você está fazendo?

Eu queria uma caneta — respondeu, pegando a esferográfica. — Se aquele camarada tem algo a me

dizer, quero estar pronto para anotar tudo.

Marie estava perto do balcão; olhou para o copo seco e vazio. Você não tomou o seu drinque.

— Nem usei o copo.

— Estou vendo. Podemos ir?

Esperaram no corredor pelo elevador que rangia; havia um silêncio estranho entre eles, quase insuportável. Ele pegou a mão dela; quando a tocou, ela segurou firme a sua mão, olhando-o nos olhos. Os olhos dela lhe diziam que o seu controle fora testado e ela não sabia por quê. Sinais silenciosos tinham sido emitidos e recebidos, não eram altos nem contundentes, não chegavam a ser um alarme, mas tinham sido acionados e ela os percebera. Fazia parte da contagem regressiva, rígida, irreversível, o prelúdio para a partida dele.

Oh, Deus, eu a amo tanto! Você está ao meu lado, estamos de mãos dadas e eu estou morrendo. Mas você não pode morrer comigo. Não deve. Eu sou Caim.

— Ficaremos bem — disse ele.

A gaiola de metal vibrava nervosamente, fazendo ruídos durante a descida. Jason abriu a porta de grades e, de repente, prendeu a respiração.

— Oh, Cristo, esqueci!

— O quê?

— A minha carteira. Deixei-a na gaveta do balcão esta tarde, caso acontecesse alguma eventualidade em Saint-Honoré. Espere-me no saguão. — Orientou-a gentilmente em direção ao elevador e apertou o botão para descer. — Já voltarei. — Depois fechou a grade, as travas cruzadas cortaram a visão dos seus olhos espantados. Ele se virou e foi rapidamente em direção ao quarto.

No quarto tirou o envelope do bolso do paletó e o colocou encostado na base da luminária da cabeceira. E ficou a olhá-lo, a dor insuportável.

— Adeus, meu amor — murmurou.

Bourne esperou na garoa, fora do Hotel Meurice, na Rua de Rivoli, observando Marie através das portas de vidro da entrada. Ela estava no balcão da portaria, já assinara o pedido da pasta, que lhe estava sendo entregue por cima do balcão. E agora pedia a conta a um dos funcionários, que parecia espantado, pois ela pagaria pôr um quarto ocupado menos de seis horas. Dois minutos se passaram antes que a conta lhe fosse apresentada. Relutantemente, embora, pois esse não era o comportamento normal de um hóspede do Meurice. Na verdade, toda Paris evitava visitantes tão inibidos.

Marie saiu e foi ao seu encontro no escuro, no lado esquerdo da cobertura da entrada do hotel. A noite estava coberta de bruma e garoava. Ela entregou-lhe a pasta, tinha um sorriso forçado nos lábios, a voz um pouco tensa.

— Aquele homem não gostou muito do que fiz. Tenho certeza de que ele está convencido que usei o quarto para alguma pequena trapaça.

— O que você lhe disse? — perguntou Bourne.

— Que os meus planos haviam mudado, só isso.

— Ótimo. Quanto menos se diz melhor. O seu nome está no cartão de registro de hóspedes. Pense em uma razão para ter estado lá.

— Pensar?... Devo inventar uma razão?! — Olhou-o nos olhos, o sorriso se desvanecera.

— Quero dizer, nós vamos inventar uma razão. Naturalmente.

— Naturalmente.

— Vamos. — Foram em direção à esquina, o trânsito estava barulhento, a garoa engrossava, a bruma estava mais condensada, em breve cairia uma chuva forte. Segurou-a pelo braço — não para guiá-la, nem era um gesto de simples cortesia — apenas para tocá-la, ter em suas mãos uma parte dela.

Restava pouco tempo.

Sou Caim. Sou a morte.

— Podemos ir mais devagar? — perguntou de repente.

— O quê? — Jason percebeu que estava quase correndo. Durante os últimos instantes quase estivera de volta ao labirinto, correndo lá para dentro, escorregando, sentindo e não se sentindo. Olhou em frente e encontrou uma resposta. Na esquina, um táxi vazio parara próximo a uma vistosa banca de jornais. O motorista gritava pela janela com o jornaleiro. — Quero pegar aquele táxi — disse Bourne sem diminuir a marcha — Vai chover muito.

Chegaram a esquina, ofegantes Mas o táxi arrancou, virando à esquerda na Rua de Rivoli. Jason olhou para o céu escuro, sentindo a umidade escorrer-lhe pelo rosto calmamente. A chuva chegara. Olhou para Marie, iluminada pelas luzes vibrantes da banca de jornais. Ela se encolhera por causa da repentina chuva. Não. Ela não tinha se encolhido por causa da chuva; olhava fixa- mente para alguma coisa... descrente, parecendo em choque. Estava horrorizada. Súbito, gritou, o rosto contorcido, os dedos da mão direita afundados contra a boca. Bourne segurou-a com firmeza, trazendo a sua cabeça para junto do tecido molhado do seu sobretudo; ela não parava de gritar.

Ele se virou, tentando saber a causa daquela histeria. E viu. Naquele inacreditável e rápido instante soube que a contagem regressiva não continuaria. Ele cometera o crime final e não podia mais deixá-la. Não agora; ainda não.

No primeiro suporte da banca estava pendurado um tablóide matutino, as letras pretas ressaltando nos círculos de luz:

ASSASSINATO EM PARIS
MULHER PROCURADA PELAS MORTES DE ZURIQUE
É SUSPEITA DE ESTAR ENVOLVIDA EM ROUBO
DE MILHÕES

Debaixo das letras gritantes estava uma fotografia de Marie St. Jacques.

— Pare! — sussurrou Jason usando seu próprio corpo para esconder-lhe o rosto do jornaleiro curioso. Procurou no bolso duas moedas, jogou-as no balcão, pegou dois jornais e foi levando-a pela rua escura e molhada de chuva.

Agora, os dois estavam no mesmo labirinto.

Bourne abriu a porta e fez com que Marie entrasse. Ela permaneceu imóvel, olhando para ele, o rosto pálido demonstrando medo, a respiração difícil, misto de medo e raiva.

— Vou buscar um drinque — disse Jason, indo até o balcão. Enquanto servia a bebida, seus olhos vagaram pelo espelho e teve o imperioso impulso de esmagar o copo, tão desprezível lhe parecia sua imagem. O que *fizera*? Oh, Deus!

Sou Caim. Sou a morte.

Ouviu O ruído dela se movimentando. Era muito tarde para detê-la, ela estava muito longe, ele não podia ir até lá e rasgar aquela coisa horrível que estava em suas mãos. Oh, Cristo, ele esquecera! Ela encontrara o envelope na mesa de cabeceira e estava lendo o bilhete. Seu grito era de decepção e dor.

— *Jasonnn*!...

— Não! Por favor! — Correu até ela e a abraçou. — Isso não é verdade, não tem valor! Não vale mais! — Ele gritava inutilmente, vendo as lágrimas correrem-lhe pelos olhos. — Ouça! Isso escrevi antes, não tem valor agora.

— Você ia embora! Meu Deus, você ia me *deixar*! — Os olhos dela ficaram com uma expressão

vazia, como dois círculos cheios de pânico. — Eu sabia! Senti isso!

— Fiz com que você sentisse! — disse, forçando-a a olhar para ele. — Mas agora tudo está bem. Não vou deixá-la! Olhe para mim. Não vou deixá-la!

Ela gritou de novo. — Eu quase nem podia respirar! Estava tão frio!

Ele puxou-a para si, envolvendo-a nos braços. — Temos que começar de novo. Tente entender. É diferente agora, não posso mudar o que foi, mas não vou deixá-la. Não assim, dessa forma.

Ela pôs as mãos no seu peito e afastou-se um pouco, o rosto sulcado de lágrimas um pouco afastado, perguntando: — Por quê? Por quê, Jason?

— Mais tarde. Não agora. Não diga nada, por enquanto. Abrace-me, deixe-me abraçá-la.

O tempo passou, a histeria se aplacara e o perfil da realidade voltou. Bourne levou-a até a poltrona e ambos sorriram. Ajoelhou se ao lado dela, segurando-lhe a mão em silêncio.

— Você quer o drinque? — ele disse, finalmente.

— Acho que sim — respondeu ela. E por um instante apertou com força a sua mão, enquanto ele se levantava do chão. — Já está no copo há um bom tempo.

— Não perdeu o sabor. Foi até o balcão e voltou com dois copos de uísque pela metade. Ela pegou o seu. — Sente-se melhor? — perguntou ele.

— Mais calma. Ainda um pouco confusa... amedrontada, é claro. Talvez até com raiva, também. Nem tenho certeza. Estou com muito medo de pensar nisso. — Bebeu com os olhos fechados, a cabeça encostada na poltrona. — Por que fez isso, Jason?

— Achei que devia. É a resposta mais simples.

— E não é resposta de forma alguma. Mereço mais do que isso.

— Sim, merece. Vou lhe dar uma resposta completa. Agora tenho que fazer isso e você tem que escutar tudo; tem que me compreender. Tem que se proteger, também.

— Proteger...

Ele levantou a mão, fazendo um sinal para interrompê-la. — Mais tarde saberá por quê. Saberá de tudo, se quiser. Mas a primeira coisa a fazer agora é saber o que aconteceu — não a *mim*, mas a você. É por aqui que temos que começar. Pode ser?

— Deus sabe o quanto quero — sorriu ela debilmente.

— O jornal?

— Sim.

— Está aqui. — Jason foi até a cama onde jogara os dois jornais. — Nós dois vamos lê-lo.

— Sem jogos?

— Sem jogos.

Leram o longo artigo em silêncio; um artigo falava de morte e intriga em Zurique. De vez em quando Marie ficava ofegante, chocada com o que lia; às vezes balançava a cabeça em descrença. Bourne nada disse. Via a mão de Ilich Ramirez Sanchez em tudo aquilo. *Carlos seguirá Caim até os confins da Terra. Carlos o matará.* Marie St. Jacques estava marcada para o sacrifício, era uma isca fácil, que podia morrer na cilada armada para apanhar Caim.

Sou Caim. Sou a morte.

O artigo, na verdade, compunha-se de duas partes .— uma estranha mistura de fatos e conjecturas, especulações no lugar de evidências. A primeira parte falava de uma funcionária do Governo canadense, uma economista, Marie St. Jacques. Ela fora colocada na cena de três assassinatos e suas impressões digitais haviam sido confirmadas pelo Governo canadense. Além disso a polícia encontrara uma chave do Hotel Carillon du Lac, aparentemente perdida durante a violência ocorrida no Guisan Quai. Era a chave do quarto de Marie St. Jacques, que lhe fora entregue pelo porteiro do hotel, que aliás se lembrava

muito bem dela — lembrava-se de uma hóspede que parecia estar em estado de grande ansiedade e perturbação. A última peça da evidência era uma arma descoberta não muito longe da Steppdeckstrasse, em um corredor próximo ao local de duas outras mortes. Os especialistas apontaram-na como a arma do crime. E novas impressões tinham sido colhidas, e outra vez confirmadas pelo Governo canadense. Pertenciam à mulher, Marie St. Jaeques.

Neste ponto, o artigo se desviava dos fatos. Falava de rumores que circulavam na Bahnhofstrasse sobre um roubo multimilionário de dólares efetuado por manipulação de um computador que lidava com contas numeradas e confidenciais. Uma delas pertencia a uma companhia americana chamada Treadstone Seventy One. O banco também fora comunicado; era, claro, o Gemeinschaft. Mas tudo o mais estava muito nublado, obscuro. Era mais especulação do que fatos.

De acordo com "fontes anônimas", um homem americano, de posse dos códigos, transferiu milhões para um banco em Paris, passando a nova conta para contistas específicos que deviam assumir todos os direitos de posse. Os cessionários estavam à espera do dinheiro em Paris e, depois da compensação, desviaram os milhões e desapareceram. O sucesso da operação foi descoberto pelos americanos através dos códigos certos da conta do Gemeinschaft, o que se tornou possível pelo rastreamento das seqüências numeradas do banco, relacionadas com ano, mês e dia da entrada, sendo isto um procedimento normal nas transações confidenciais. Tal análise só poderia ser feita através de sofisticada técnica de computador e um grande conhecimento das práticas bancárias da Suíça. Quando interrogado, um funcionário do banco, Herr Walther Apfel, declarou estar sendo feita uma investigação com relação aos assuntos que dizem respeito à companhia americana mas, de acordo com a lei suíça, o "banco não tinha mais nenhum comentário a fazer — a ninguém".

Em seguida, a indicação de Marie St. Jacques ficava esclarecida. Era descrita como economista do Governo, profunda conhecedora dos procedimentos bancários internacionais, bem como perita programadora de computadores. Era suspeita de cumplicidade, tendo sido a sua perícia usada para o roubo. E havia, também, um homem suspeito; ela fora vista em sua companhia no Carillon du Lac.

Marie acabou de ler o artigo antes de Bourne, e deixou o jornal cair ao chão. Com o barulho, Bourne levantou o olhar de onde estava, na borda da cama. Ela olhava fixamente para a parede em frente, num estado de meditação, estranho e sereno. Essa era a última reação que ele esperaria. Acabou de ler o seu jornal, sentindo-se deprimido e desesperançado — e, por um momento, sem poder falar. Depois conseguiu falar.

— Mentiras — disse —, e criadas por minha causa, pelo que sou e por quem sou. Encontrando você, eles me encontrarão. Sinto muito, muito mais do que posso lhe dizer.

Marie desviou o olhar da parede e olhou para ele. — É mais do que mentiras apenas, Jason. Há muitas verdades também.

— Verdades? A única verdade é que você esteve em Zurique. Você nunca tocou numa arma, nunca esteve numa ruela perto da Steppdeckstrasse, não perdeu nenhuma chave de hotel e nunca esteve próxima ao Gemeinschaft.

— De acordo, mas não é dessa verdade que estou falando.

— Então do que é?

— O Gemeinschaft, a Treadstone Seventy One, Apfel. Isso tudo é verdadeiro. E o fato de serem mencionados — especialmente a comunicação de Apfel — é incrível. Os banqueiros suíços são pessoas muito cautelosas. Não ridicularizam as leis, não dessa forma; as sentenças de prisão são multo severas. Os estatutos sobre as contas confidenciais estão entre os mais sacrossantos da Suíça. Apfel poderia ir para a prisão por muitos anos por ter dito o que disse, até mesmo por ter aludido a tal conta, e muito mais por tê-la confirmado nominalmente. A menos que tenha sido ordenado a dizer o que disse por uma autoridade suficientemente poderosa para infringir as leis. — Parou, os olhos novamente fixos na

parede. — Por quê? Por que o Gemeinschaft ou a Treadstone ou até mesmo Apfel fazem parte dessa história?

— Já lhe disse. Estão à minha procura e sabem que estamos juntos. Carlos sabe que estamos juntos. Encontrando você, vai me encontrar.

— Não, Jason. Isso está acima de Carlos. Você realmente *não* entende as leis da Suíça. Nenhum Carlos poderia se alardear com isso. — Olhou para ele, mas os olhos não o viam; olhava através de suas próprias névoas. — Esta não é uma história só, são duas. E as duas construídas sobre mentiras. A primeira está ligada à segunda por uma tênue especulação — especulação pública — sobre uma crise bancária que nunca viria a público, a menos que, e até que, uma investigação particular provasse os fatos. E a segunda história — a falsa declaração de que alguns milhões foram roubados do Gemeinschaft — foi igualmente ligada à falsa história de que estou sendo procurada pela morte de três homens em Zurique. Foi acrescida. Deliberadamente.

— Explique-me isso, por favor.

— É isso, Jason. Acredite-me quando lhe afirmo; está bem à nossa frente,

— O quê?

— Alguém está tentando nos enviar uma mensagem.

19

O sedã do Exército corria velozmente pelo East River Drive em Manhattan. Os faróis iluminavam os flocos remanescentes da nevasca de fim de inverno. O major, sentado no assento de trás do carro, cochilava; seu corpanzil estava encostado ao canto, as pernas estendidas em diagonal. Trazia uma maleta no colo, com uma fina corda de náilon presa ao pegador por um grampo de metal. A corda passava por dentro de sua manga direita e ia até a túnica interna, prendendo-se ao cinto. Este estratagema de segurança fora removido apenas duas vezes nas últimas nove horas. A primeira durante a partida do major de Zurique, e a segunda com a sua chegada no Aeroporto Kennedy. Nos dois lugares, no entanto, o pessoal do Governo dos Estados Unidos ficara observando os funcionários da alfândega — e mais precisamente, vigiando a maleta. Não sabiam por que, apenas ordens de vigiar a fiscalização e que, ao menor desvio dos procedimentos normais — que pudesse significar qualquer interesse indevido com relação à maleta —, deviam intervir. E usar armas, se necessário.

De repente soou uma campainha, um ruído grave; o major abriu os olhos e levou a mão esquerda à frente do rosto. Era o ruído do despertador de pulso. Apertou o botão e girou um outro, o do mostrador de *radium*. Seu relógio mostrava as horas em dois fusos: o primeiro dava a hora de Zurique, o segundo, a de Nova Iorque. O alarme fora posto para funcionar há vinte e quatro horas quando o oficial recebera suas ordens. A transmissão viria dali a três minutos. Isto é, pensou o major, se Iron Ass fosse tão preciso quanto esperava que seus subordinados fossem. O oficial espreguiçou-se desajeitadamente, balançando a maleta que estava no colo; depois inclinou-se para a frente e deu uma ordem ao motorista.

— Sargento, gire o botão para 1430 megahertz, por favor.

— Sim, senhor. — O sargento ligou dois botões do que ficava embaixo do painel do carro; depois girou o sintonizador para a freqüência de 1430. — Pronto, major.

— Obrigado. O microfone alcança até aqui atrás?

— Não sei. Nunca tentei, senhor. — O motorista puxou o pequeno microfone de plástico de sua caixa e esticou o fio espiralado por cima do assento. — Acho que sim — concluiu.

Um barulho de estática saiu do microfone, o botão do transmissor procurava eletronicamente a freqüência. A mensagem viria em seguida. Veio.

— Treadstone? Treadstone, confirme, por favor.

— Treadstone recebendo — disse o Major Gordon Webb. — Estou ouvindo, continue.

— Qual é a sua posição?

— Cerca de uma milha ao sul de Triborough, no East River Drive.

— Sua noção de localização é boa — respondeu a voz.

— Fico contente em saber. Isso me faz ganhar o dia... senhor.

Houve uma pausa breve, sem que o comentário do major recebesse resposta. — Continue até a Rua Setenta e Quatro Leste, 139. Confirme repetindo.

— Rua Setenta e Quatro Leste, um, três, nove.

— Mantenha o seu veículo fora da área. Aproxime-se a pé.

— Entendido.

— Fora do ar.

— Fora do ar. — Webb baixou o botão de transmissão e devolveu o microfone ao motorista. — Esqueça aquele endereço, sargento. Seu nome está agora muito próximo de uma promoção.

— Certo, major. Não ouvi nada mais do que o barulho de estática. Mas como não sei onde é, e

estas rodas não podem ir até lá sozinhas, onde o senhor quer que o deixe?

Webb sorriu. — Não mais de duas quadras daqui. Eu preferiria dormir na sarjeta se tivesse que andar mais do que isso.

— Que tal entre a Lex e a Rua Setenta e Dois?

— São duas quadras?

— Não mais de três.

— Se são três, você volta a ser civil.

— Então não poderei vir buscá-lo mais tarde, major. Os civis não estão qualificados para estes deveres.

— Como quiser, capitão. — Webb fechou os olhos. Depois de dois anos ele estava para ver a Treadstone Seventy One. Podia sentir uma sensação de antecipação; mas não sentia. Apenas um certo desgaste, uma impressão de futilidade. *O que acontecera*?

O barulho incessante dos pneus no calçamento era quase hipnótico, mas o ritmo era quebrado pelas intrusões rápidas e bruscas do barulho do concreto contra as rodas em atrito. Esses ruídos lhe traziam lembranças de um passado distante, barulhos da selva confluindo em um único som. E da noite — aquela noite —, quando as luzes ofuscantes e as explosões em ritmo contínuo cresciam à sua volta, anunciando a morte próxima. Mas não morreu; um milagre fora forjado por um homem que lhe devolvera a vida. E os anos se passaram; aquela noite, aqueles dias, nunca mais foram esquecidos. O que acontecera?

— Chegamos, major.

Webb abriu os olhos, limpou com a mão o suor que se lhe formara na testa, olhou para o relógio a maleta e segurou a maçaneta da porta.

— Estarei de volta entre as 23h e 23h30min, sargento. Se não puder estacionar, cruze por aqui que vou ao seu encontro.

— Sim, senhor. — O motorista vir pan trás. — O major pode me dizer se depois vamos muito longe?

— Por quê? Você tem outra corrida?

— Ora, senhor. Estou a seu serviço, até que o senhor ordene o contrário, o senhor bem sabe disso. Mas essas "lanchas" gastam muita gasolina, como os Shermans de antigamente. Se vamos longe, será melhor que eu encha o tanque.

— Desculpe. — O major fez uma pausa. — Okay. Você vai ter que descobrir onde ficar, de qualquer forma, porque não sei. Iremos para uma base particular em Madison, Nova Jérsei. Tenho chegar lá o mais tardar a uma hora da manhã.

— Tenho uma vaga idéia — disse o motorista. — Às 23h 30min tudo estará pronto, senhor.

— Muito bem, às 23h, então. E obrigado. — Webb saiu do carro, fechou a porta e esperou até que o sedã marrom entrasse no fluxo do trânsito da Rua Setenta e Dois. Desceu o meio-fio e foi em direção à Rua Setenta e Um.

Quatro minutos mais tarde ele estava em frente a um edifício de granito marrom, muito bem-conservado, cujo desenho de contornos suaves e ricos combinava com os demais edifícios à sua volta, naquela rua ladeada de árvores. Era uma rua quieta, onde circulava muito dinheiro — dinheiro antigo. Era o último lugar em Manhattan onde alguém poderia suspeitar que uma pessoa pudesse abrigar um dos mais sensíveis serviços de operação de inteligência do país. E há vinte minutos o Major Gordon Webb era uma das oito ou dez pessoas no país que sabiam da sua existência.

Treadstone Seventy One.

Subiu os degraus, sabendo que a pressão do seu peso sobre a tela de arame encaixada na pedra debaixo dele impulsionava aparelhos eletrônicos que, por sua vez, ativavam câmaras que iriam

reproduzir sua imagem nas telas do interior do edifício. Além disso, pouco sabia; exceto que a Treadstone Seveaty One nunca fechava; era operada e monitorizada durante as vinte e quatro horas do dia por um grupo selecionado, de poucas pessoas e com identidades desconhecidas.

Chegou ao último degrau e apertou a campainha, uma campainha comum numa porta incomum, o major bem podia observar isso. A madeira pesada era rebitada com aço por dentro; os desenhos e ornamentos em ferro eram na verdade uma proteção, a grande maçaneta encobria um instrumento metálico que lançava uma série de dardos de dentro dos seus receptores de aço ao toque da mão humana, se o alarme estivesse ligado. Webb levantou o olhar para as janelas. Cada vidraça, ele sabia, tinha a espessura de uma polegada e era capaz de suportar o impacto de uma bala calibre 30. A Treadstone Seventy One era uma fortaleza.

A porta se abriu e o major involuntariamente sorriu para a figura que o recebeu, pois ela parecia totalmente deslocada. Era uma pequena mulher de aparência elegante e cabelos grisalhos, feições suaves e aristocráticas e uma postura que impressionava. Sua voz confirmava o julgamento que ele fizera; era uma pessoa vinda do meio-Atlântico, educada nas melhores escolas e em meio a inumeráveis jogos de pólo.

— Que bom que o senhor apareceu, major. Jeremy nos escreveu dizendo que o senhor viria. Entre. É um grande prazer revê-lo.

— É muito bom vê-la de novo, também — respondeu Webb, entrando no *foyer* e terminando a sua declaração depois que a porta já se fechara —, mas não tenho certeza de nos termos visto antes.

A mulher sorriu. — Oh, jantamos juntos muitas vezes.

— Com Jeremy?

— Sim, é claro.

— Quem é Jeremy?

— Um sobrinho dedicado, que também é seu amigo dedicado. Um jovem muito bom; é uma pena que ele não exista. — Ela segurou-o pelo braço, enquanto avançavam pelo corredor. — Isso é por causa dos vizinhos que eventualmente possam estar passando aí pela frente. Entre, agora, estão à sua espera.

Passaram por uma arcada que dava em uma imensa sala de jantar; o major olhou para dentro. Havia um piano próximo às janelas da frente e uma harpa ao seu lado. E em todos os cantos — em cima do piano e das mesas luzidias, refletindo as luzes indiretas, descansavam molduras de prata com fotografias. Eram lembranças de um passa cheio de graça e fortuna. Barcos, homens e mulheres sobre os deques, em navios no alto-mar, muitos retratos de militares. E, também, dois cândidos instantâneos de uma pessoa montada e pronta para um jogo de pólo. Era uma sala que realmente pertencia a um prédio de granito pardo em uma rua como aquela.

Chegaram ao final do corredor; havia uma grande porta de mogno, ornamentada em baixo-relevo, em ferro, parte decoração e parte segurança. Se havia alguma câmara de infravermelho, Webb não podia perceber o lugar das lentes. A mulher de cabelos grisalhos apertou um botão de campainha embutido e completamente imperceptível; o major ouviu um pequeno rumor.

— Ele chegou, cavalheiros. Parem de jogar pôquer e comecem a trabalhar Abra, Jesuíta.

— Jesuíta — perguntou Webb, espantado.

— É uma velha piada — respondeu a mulher. — É do tempo que vocês provavelmente ainda jogavam bola de gude e detestavam as meninas.

A porta se abriu e a idosa mas ainda empertigada figura de David Abbott apareceu. — É um prazer vê-lo, major — disse o antigo Monge Silencioso dos Serviços Secretos estendendo a mão.

— É bom estar aqui, senhor. — Webb apertou-lhe a mão. Outro homem idoso e imponente apareceu ao lado de Abbott.

— Um amigo de Jeremy, não há dúvida — disse o homem, a voz profunda beirando o humor. —

Tempos terríveis exigem apresentações convenientes, meu jovem. Venha, Margaret. Há um bom fogo na lareira lá em cima. — Virou-se para Abbott. — Vocês me avisam quando forem sair, David?

— A mesma hora de sempre para mim, espero — respondeu o Monge. — Vou mostrar a esses dois como telefonar para você.

Foi então que Webb percebeu que havia um terceiro homem na sala; ele estava parado no escuro, e o major o reconheceu imediatamente. Era Elliot Stevens, o auxiliar mais velho do Presidente dos Estados Unidos — alguns até diziam que era o seu *alter ego*. Estava na casa dos quarenta, era esguio, usava óculos e tinha uma postura franca de autoridade.

— ...será bom. — O imponente homem idoso que ainda não tinha tido tempo para se apresentar, estava falando; Webb não o ouvira, sua atenção estava voltada para o auxiliar da Casa Branca. — Ficarei à espera.

— Até a próxima vez — continuou Abbott, olhando gentilmente em direção à mulher grisalha. .— Muito obrigado, Irmã Meg. E mantenha o seu hábito sempre passado. Podem descer.

— Você ainda está fraco, Jesuíta.

O casal saiu, fechando a porta atrás de si. Webb ficou parado por um momento, balançando a cabeça e sorrindo. O homem e a mulher do número 139 da Rua Setenta e Um Leste moravam em baixo, esta sala pertencia à casa de granito, e tudo fazia parte de uma rua rica, quieta e cheia de árvores. — Vocês já o conhecem há muito tempo, não é?

— Uma vida toda, temos que dizer — respondeu Abbott. — Era um iatista que usamos nas caçadas do Adriático durante a operação Donovan, na Iugoslávia. Mikhailovitch dizia que velejava sobre os seus nervos, domando os piores ventos à vontade. E não pensem que a Irmã Meg ficava atrás, seus tolos. Ela foi uma das moças do Intrepid, uma piranha com dentes muito afiados.

— Eles têm uma história e tanto.

— Que nunca será contada — disse Abbott, encerrando o assunto. — Gostaria que conhecesse Elliot Stevens. Acho que não preciso lhe dizer quem é ele. Webb, Stevens. Stevens, Webb.

— Isso está parecendo uma firma de advocacia — disse Stevens amigavelmente, atravessando a sala e estendendo a mão. — É um prazer conhecê-lo, Webb. Fez boa viagem?

— Prefiro um transporte militar. Odeio essas terríveis linhas aéreas comerciais. Pensei que um agente da alfândega, no Aeroporto Kennedy, fosse cortar a linha da minha maleta.

— Você parece muito respeitável nesse uniforme — riu o Monge. — Parece até um contrabandista.

— Ainda não tenho muita certeza de ter entendido a necessidade do uniforme — disse o major, levando a maleta para uma mesa encostada à parede e desatando a corda de náilon presa ao cinto.

— Eu nem precisaria dizer-lhe — respondeu Abbott — que a mais estrita segurança é quase sempre uma questão de ser-se o mais óbvio possível na aparência. Um oficial do Exército que pertence ao serviço de inteligência, vagando por Zurique sem nenhuma proteção nesta época atual, podia levantar suspeitas.

— Então, não entendo, também — disse o auxiliar da Casa Branca, juntando-se a Webb perto da mesa e observando o major manipular o náilon e o fecho. — Uma presença óbvia não levantaria ainda mais as suspeitas? Pensei que vindo disfarçado ele teria menor probabilidade de correr riscos.

— A viagem de Webb para Zurique foi uma viagem de rotina, de exame, pré-datada na programação dos G-Dois. Ninguém engana ninguém nessas viagens; são o que são e nada mais. São viagens para descobrir novas fontes e pagar informantes. Os soviéticos fazem isso o tempo todo; nem se preocupam mais em esconder. Nem nós, francamente.

— Mas não foi esse o propósito dessa viagem — disse Stevens, começando a entender. —. Então, o óbvio esconde o não-óbvio.

— Isso mesmo.

— Posso ajudar? — O auxiliar do presidente parecia fascinado pela maleta.

— Obrigado — disse Webb. — Puxe a corda, apenas.

Foi o que Stevens fez. — Sempre pensei que fossem correntes em volta do pulso — disse — e não náilon.

— Já tivemos muitas mãos decepadas — explicou o major, e sorriu à reação do homem da Casa Branca. — Há um fio de aço correndo por dentro do náilon. — Libertou a maleta e abriu-a em cima da mesa, olhando em volta para a elegância e distinção dos móveis daquele abrigo-biblioteca. No lado de trás da sala existiam duas portas francesas que pareciam dar para um jardim externo, a sombra de um muro de pedra delineava-se através das janelas de vidro grosso. — Então, esta é a Treadstone Seventy One. Não é como a imaginei.

— Feche as cortinas de novo, sim, Elliot? — disse Abbott. O auxiliar presidencial foi até as janelas francesas e cerrou as cortinas. Abbott foi até uma prateleira, abriu um estojo que havia embaixo e pôs a mão dentro dele. Ouviu-se um chiado seco. Toda a prateleira saiu da parede e, lentamente, movimentou-se para a esquerda. Do outro lado havia um console com um rádio eletrônico, um dos mais sofisticados que Gordon Webb jamais vira. — É mais do que você havia imaginado? — perguntou o Monge.

— Jesus!... — O major assobiou enquanto examinava os botões, calibrações, os cabos múltiplos e os instrumentos de sintonia embutidos no painel. As salas de guerra do Pentágono tinham um equipamento muito mais elaborado, mas esta era uma estação miniaturizada igual às mais bem-equipadas do serviço de inteligência.

— Eu também assobiaria se estivesse vendo pela primeira vez — disse Stevens, na frente da grossa cortina. — Mas o senhor Abbott, pessoalmente, já me fez esta demonstração. Isso é apenas o começo. Mais cinco botões e este lugar fica parecendo uma base SAC de Omaha.

— Esses mesmos botões também transformam esta sala em uma graciosa biblioteca do East Side. — O homem idoso pôs a mão dentro do pequeno estojo embutido e em segundos apenas a enorme estante de livros voltou ao seu lugar. Dirigiu-se depois para a estante do lado e novamente abriu o estojo embutido embaixo da prateleira, enfiando a mão lá dentro. A estante começou a girar, saiu da parede e, em seguida, no seu lugar estavam três altos arquivos fechados. O Monge tirou uma chave e abriu uma gaveta do arquivo — Não estou fazendo nenhuma demonstração, Gordon. Quando acabarmos, quem que você olhe isto aqui. Mostro-lhe como lidar com os botões do comando. Se tiver algum problema, o nosso anfitrião tomará conta de tudo.

— O que devo procurar?

— Vamos chegar lá; agora, quero ouvir tudo sobre Zurique. O que conseguiu saber?

— Desculpe-me, senhor Abbott — interrompeu Stevens. — Se eu estiver sendo lento, é porque tudo isso é muito novo para mim. Mas eu estava pensando em uma coisa que o senhor disse há minutos, sobre a viagem do Major Webb.

— O que é?

— O senhor disse que a viagem estava pré-datada nos programas dos G-Dois.

— É verdade.

— Por quê? A presença do major obviamente era para confundir Zurique, não Washington. Ou era?

O Monge sorriu. — Agora vejo por que o Presidente o mantém por perto. Nunca duvidamos de que Carlos tenha comprado o seu caminho em um ou dois círculos — ou dez — de Washington. Ele procura os homens descontentes e lhes oferece o que eles não têm. Um Carlos não poderia existir sem tais pessoas. O senhor deve se lembrar, ele não apenas vende a morte, também vende os segredos de uma nação. E, muito freqüentemente, para os soviéticos, mesmo que seja apenas para provar a eles como foram grosseiros ao bani-lo.

— O presidente gostaria de saber disso — disse o auxiliar. — Isto explicaria muitas coisas.

— É por isso que está aqui, não é? — disse Abbott.

— Acho que sim.

— E Zurique é um bom lugar para se começar — disse Webb, levando a maleta para uma poltrona em frente aos fichários. Sentou-se, espalhando as pastas dentro do arquivo aos seus pés e pegou algumas folhas de papel. — O senhor pode duvidar de que Carlos está em Washington, mas posso confirmar isso.

— Onde? Treadstone?

— Não há prova concreta ainda, mas essa suposição não pode rejeitada. Ele descobriu a *fiche*. Ele a alterou.

— Bom Deus, como!?

— O como eu apenas posso supor; quem, eu sei.

— Quem?

— Um homem chamado Koenig. Até há três dias ele estava cuidando das verificações bancárias do Gemeinschaft.

— Três dias atrás? Onde está ele agora?

— Morto. Um estranho acidente de automóvel na estrada por onde ele passava todos os dias. Aqui está o relatório policial; eu o traduzi. — Abbott pegou os papéis e sentou-se em uma cadeira próxima. Elliot Stevens permaneceu sentado; Webb continuou. — Há alguma coisa muito interessante nisso. Não nos diz nada que já não saibamos, mas há uma chamada que eu gostaria de salientar.

— O que é? — perguntou o Monge, lendo. — Aqui está descrito o acidente. A curva, a velocidade do veículo, o aparente desvio para evitar a colisão.

— Está no final. E menciona a morte no Gemeinschaft; o ferrolho da arma, que nos fez de bestas.

— Menciona? — Abbott virou a ágina.

— Olhe só. As últimas duas frases. Vê o que quero dizer?

— Não exatamente — replicou Abbott, enrugando a testa. — Aqui apenas declara que Koenig era empregado do Banco Gemeinschaft, onde recentemente tivera lugar um homicídio... e ele fora testemunha do início do tiroteio. Isso é tudo.

— Não acho que seja "tudo" — disse Webb. — Creio que havia mais alguma coisa. Alguém começou a levantar uma questão, mas ela ficou no ar. Eu gostaria de descobrir quem tem o lápis vermelho para riscá-lo dos noticiários policiais de Zurique. Podia ser um homem de Carlos; sabemos que ele tem um homem lá.

O Monge recostou-se na cadeira, a testa enrugada. — Digamos que você esteja certo; por que a referência toda não foi omitida?

— Muito óbvio. A morte *realmente* aconteceu; Koenig era uma testemunha; o oficial de investigação que escreveu o relatório teve, legitimamente, que perguntar por quê.

— Mas se ele especulou sobre algum contato não estaria perturbado que a informação fosse omitida?

— Não necessariamente. Estamos falando sobre um banco na Suíça. Certas áreas são oficialmente invioláveis, a menos que haja provas.

— Nem sempre. Acho que você se saiu muito bem com os jornais.

— *Não*-oficialmente. Apelei para o jornalismo sensacionalista e libidinoso, e — embora quase o tenha matado — consegui que Walther Apfel corroborasse uma metade.

— Interrupção — disse Elliot Stevens. — Acho que é aqui que o Escritório Oval tem que entrar. Presumo, pelos jornais, que você está se referindo à mulher canadense.

— Na verdade não. Essa história já tinha saído; não pudemos detê-la. Carlos está ligado à polícia de Zurique; foram eles que lançaram aquela reportagem. Simplesmente a ampliamos e a ligamos a uma

história igualmente falsa sobre milhões que tinham sido roubados do Gemeinschaft. — Webb fez uma pausa e olhou para Abbott. — Precisamos conversar sobre isso; pode não ser falsa, afinal de contas.

— Não posso acreditar nisso — disse o Monge.

— Não *quero* acreditar — respondeu o major. — Nunca.

— Você se importaria de retroceder? — perguntou o auxiliar da Casa Branca, sentado do lado oposto do oficial do Exército. — Tenho que saber disso tudo muito bem.

— Deixe-me explicar — interrompeu Abbott, percebendo o espanto no rosto de Webb. — Elliot está aqui a mando do presidente. É sobre a morte no aeroporto de Ottawa.

— É uma confusão horrível — disse Stevens secamente. — O Primeiro-Ministro quase disse ao Presidente para retirar as nossas estações da Nova Escócia. É um canadense fanático.

— E como foi que ficou? — perguntou Webb.

— Muito mal. Tudo o que sabem é que um economista de carreira, do Ministério da Fazenda, andou fazendo umas discretas indagações sobre uma corporação americana não registrada e acabou sendo morto por causa disso. Para piorar as coisas, o serviço de inteligência canadense foi informado que devia ficar fora disso tudo; porque tratava-se de uma operação americana altamente confidencial.

— Quem fez *isso*?

— Acho que ouvi o nome Iron Ass aparecendo por aqui e ali — disse o Monge.

— O General Crawford? Aquele estúpido cu-de-ferro, filho da puta!

— Pode imaginar? — disse Stevens espantado. — O homem deles é morto e nós temos a audácia de lhes dizer para ficarem de fora.

— Ele estava certo, é claro — corrigiu Abbott. — Tinha que ser feito com calma, sem lugar para desentendimentos. Tinha que ser posta uma tenaz imediatamente, o choque tinha que ser suficientemente ultrajante pan deter tudo. Isso me deu tempo para chegar a MacKenzie Hawkins — Mac e eu trabalhamos em Burma, ele agora está aposentado, mas eles ainda o ouvem com respeito. Estão cooperando conosco agora, e isso é o mais importante, não é?

— Há outras considerações, senhor Abbott — protestou Stevens.

— Eles estão em níveis diferentes, Elliot. Nós, trabalhadores durões, estamos calejados; não precisamos perder tempo com cenas diplomáticas. Garanto-lhe que estas poses são necessárias, mas não fazem parte do nosso ofício, não é uma preocupação nossa.

— Mas é uma preocupação do Presidente, senhor. Isso faz parte do seu trabalho duro de cada dia. E é por isso que tenho que voltar com um bom apanhado dos fatos, com um quadro muito claro. — Stevens fez uma pausa e virou-se para Webb. — Agora, por favor, deixe-me rever tudo. Mais exatamente, o que você fez e por quê? Que papel desempenhamos com relação a essa mulher canadense?

— De início, nada mesmo. Isso foi uma iniciativa de Carlos. Alguém do alto escalão da polícia de Zurique está na lista de pagamento de Carlos. Foi a polida de Zurique quem levantou essa prova evidente, ligando-a às três mortes. E isso é burlesco; ela não é nenhuma assassina.

— Está bem, está bem — disse o auxiliar. — Isso, então, pertence a Carlos. Por que ele fez isso?

— Para fazer Bourne aparecer. Bourne e St. Jacques estão juntos.

— Bourne é este assassino que se chama a si mesmo de Caim, certo?

— Sim — disse Webb. — Carlos jurou matá-lo. Caim tem se movimentado muito próximo de Carlos por toda a Europa e Oriente Médio, mas não há nenhuma fotografia dele, ninguém realmente sabe como ele é. Assim, fazendo circular uma foto grafia da mulher — e deixe-me dizer-lhes, está em todos os jornais de lá —, alguém talvez possa localizá-la. Se ela for encontrada, as chances são de que Caim — Bourne — também o seja. E Carlos matará os dois.

— Certo. De novo esse Carlos. E agora, o que você fez?

— O que eu disse. Fui até o Gemeinschaft e convenci o banco a confirmar o fato de que a mulher devia — apenas devia — ser ligada ao roubo. Não foi fácil, mas afinal foi o homem deles, o tal de

Koenig, quem foi subornado, não foi nenhum dos nossos. Essa é uma questão interna; eles querem pôr fim a isso tudo. Depois, chamei os jornais e indiquei Walther Apfel. Mulher misteriosa, assassinato, milhões roubados; os editores pularam em cima.

— Por Cristo, por quê? — gritou Stevens. — Você usou uma cidadã de outro país para uma estratégia do serviço de inteligência dos Estados Unidos! Uma funcionária de um Governo aliado. Estão loucos? Apenas exacerbaram a situação, vocês a sacrificaram!

— Você está errado — disse Webb. — Estamos tentando salvar a vida dela. Viramos a arma de Carlos contra ele mesmo.

— Como?

O Monge levantou a mão. — Antes de respondermos, temos que voltar a outro assunto. Porque a resposta a isso pode lhe dar uma indicação de como essa informação deve permanecer reservada. Alguns momentos atrás perguntou ao major como o homem de Carlos podia ter encontrado Bourne — encontrado a *fiche*, que identificava Bourne como Caim. Acho que já sei, mas quero que ele mesmo lhe conte.

Webb inclinou-se para a frente. — Os registros da Operação Medusa — disse baixo e com certa relutância.

— Medusa...? — A expressão de Stevens escondia o fato de que a Medusa fora o assunto das minutas anteriores e confidenciais da Casa Branca. — Estão enterrados todos os registros — disse.

— Uma correção — interrompeu Abbott. — Há ainda um original e duas cópias, que andam às voltas entre o Pentágono, a CIA e o Conselho de Segurança Nacional O acesso a eles é privilégio de um grupo selecionado, que está entre os membros mais graduados de cada unidade. Bourne saiu da Medusa; uma revisão dos nomes da Medusa e dos registros bancários revelou seu nome. Alguém deu o registro a Carlos.

Stevens olhou espantado para o Monge. — Está querendo dizer que Carlos está... ligado a... a homens dessa espécie? É uma afirmação extraordinária.

— É a única explicação — disse Webb.

— Mas por que Bourne usaria o seu próprio nome?

— Foi necessário — respondeu Abbott. — Era uma parte vital do retrato. Tinha que ser autêntico; tudo tinha que ser autêntico. Tudo.

— Autêntico?

— Talvez agora você possa entender — continuou o major. — Ao ligar St. Jacques aos milhões supostamente roubados do Gemeinschaft, estamos tentando dizer a Bourne que apareça. Ele sabe que não é verdade.

— Para Bourne *aparecer*?

— O homem chamado Jason Bourne — disse Abbott, levantando-se e caminhando devagar em direção às cortinas — é um funcionário americano do Serviço de Inteligência. Não existe nenhum Caim, não o que Carlos acredita existir. É uma isca, uma cilada para Carlos; isso é o que ele é. Ou foi.

O silêncio foi breve, quebrado logo em seguida pelo homem da Casa Branca. — Acho melhor que se explique. O Presidente tem que saber.

— Acho que sim — murmurou Abbott, abrindo as cortinas e olhando para fora com ar ausente. — É um dilema insolúvel, na verdade. Os presidentes mudam, homens diferentes de apetites diferentes se sentam no Salão Oval. No entanto, uma longa fileira de estratégias do Serviço de Inteligência não muda; não uma estratégia como essa. Mesmo assim, uma observação improvisada, feita em frente a um copo de uísque numa conversação pós-presidencial, ou uma frase egoísta escrita num livro de memórias, pode mandar esta mesma estratégia diretamente para o inferno. Não há um dia sequer em que não nos preocupemos com esses homens que sobreviveram à Casa Branca.

— *Por favor* — interrompeu Stevens — Peço-lhes que se lembrem que estou aqui a mando do atual

presidente. Se o aprovam ou não, não importa. Ele tem o direito, por lei, de saber. E em seu nome, insisto neste direito.

— Muito bem — disse Abbott, ainda olhando para fora. — Há três anos tomamos emprestada uma página da história dos britânicos. Criamos um homem que nunca existiu. Se você se lembra, antes da invasão da Normandia, o serviço de inteligência britânico fez boiar um corpo na costa de Portugal, sabendo que quaisquer documentos escondidos nele encontrariam imediatamente o caminho da Embaixada alemã, em Lisboa. Uma vida foi criada para aquele corpo morto; um nome, uma graduação como oficial da Marinha, escolarização, treinamentos, passagens e licenças de viagem, carteira de motorista, cartões diversos de clubes *privés* de Londres e uma meia dúzia de cartas pessoais. Espalharam-se boatos e suposições, alusões vagas, e algumas referências mais diretas, cronológicas e geográficas. Tudo mostrando a invasão que estava sendo preparada a cem milhas de distância das praias da Normandia, seis semanas antes da data prevista para a invasão, em junho. Depois que os agentes alemães efetuaram intensas buscas por toda a Inglaterra — e, incidentalmente, controladas e monitorizadas pelo MI-5 —, o Alto Comando de Berlim engoliu a história e deslocou uma grande parte das suas defesas. Mais do que as que foram perdidas, milhares e milhares de vidas foram salvas por esse homem, que nunca existiu. — Abbott soltou a cortina e caminhou cansadamente de volta para a sua cadeira.

— Já ouvi esta história — se o auxiliar da Casa Branca..—E?

— A nossa foi uma variação dessa — disse o Monge, enquanto se sentava. — Criamos um homem vivo, uma lenda rapidamente espalhada, aparecendo em todos os cantos ao mesmo tempo, atravessando todo o Sudeste da Ásia, superando Carlos a todo instante, especialmente quanto à quantidade de feitos. Sempre que havia uma morte, uma morte inexplicada, ou uma figura proeminente envolvida em uma morte inexplicável, em um acidente fatal, lá estava Caim. Fontes de confiança — informantes pagos para cumprir um trabalho cuidadoso — alimentaram o seu nome; embaixadas, postos de escuta, redes inteiras do Serviço de Inteligência eram repetidamente levadas a comunicar relatórios que se concentravam nas atividades de Caim, rapidamente em expansão. As suas "mortes" aumentavam mensalmente; às vezes semanalmente. Ele estava em todos os lugares... e existia. De maneira completa.

— Você quer dizer que este Bourne existia?

— Sim. Gastou muitos meses aprendendo tudo o que existia sobre Carlos, estudando todos os arquivos que tínhamos, todos os assassinatos em que Carlos estivera envolvido. Estudou atentamente todas as táticas de Carlos, seus métodos de operação, tudo. A maior parte desse material nunca viu a luz do dia, e provavelmente nunca verá. É explosivo — governos e ligações internacionais se comeriam. Não havia nada, literalmente, que Bourne não conhecesse — do que podia ser *conhecido* — sobre Carlos; Em seguida, começou a aparecer, sempre com aparência diferente, falando muitas línguas, falando sobre coisas, para círculos selecionados de criminosos empedernidos, que apenas um matador profissional falaria. Depois desapareceu, deixando atrás de si o medo, homens e mulheres assustados. Tinham visto Caim; existia, e era impiedoso. Era essa a imagem que Bourne transmitia.

— Ele viveu assim durante três anos? — perguntou Stevens.

— Sim. Mudou-se para a Europa, era o mais completo assassino branco da Ásia, graduado pela infame Medusa, desafiando Carlos no seu próprio território. E durante esse processo salvou quatro homens marcados por Carlos, roubou os créditos de outras mortes feitas por Carlos, zombou dele em todas as oportunidades... Sempre tentando forçá-lo a aparecer. Passou quase três anos vivendo essa espécie de mentira, a mais perigosa que um homem pode viver, vivendo uma existência que apenas muito poucos homens podem conhecer. A maioria teria se acabado; e essa possibilidade não está fora de cogitações.

— Que espécie de homem ele é?

— Um profissional — respondeu Gordon Webb. — Alguém que tem treino e capacidade e que

achava que Carlos deve ser descoberto e detido.

— Mas três *anos*...?

— Se isso parece incrível — disse Ahbou —, você tem que saber ainda que ele submeteu-se a uma cirurgia. Foi como um último adeus ao passado, uma despedida do homem que era para ser o homem que não era. Acho que não há uma forma de uma nação poder pagar um homem como Bourne pelo que ele fez. Talvez a única forma seja dar-lhe a chance de se sair bem — e, por Deus, tenho a intenção de fazer isso. — O Monge parou de falar exatamente durante dois segundos, depois acrescentou. — Se ele *é* Bourne.

Era como se Elliot Stevens tivesse sido batido com um martelo invisível. — O que disse? — perguntou.

— Acho que segurei isso até o fim. Quero que entenda o quadro todo antes que eu lhe descreva a falha — que pode não ser uma falha —, ainda não sabemos. Muitas coisas aconteceram, muitas coisas que não fazem sentido, mas não sabemos de nada ainda. Esta é a razão pela qual não pode haver nenhuma interferência dos demais escalões, nada de pílulas açucaradas da diplomacia, que poderiam pôr a descoberto a estratégia toda. Podemos condenar um homem à morte, um homem que nos deu muito mais do que a maioria. Se ele se sair bem, talvez possa voltar para a sua própria vida, anonimamente, sem que a sua identidade seja revelada.

— Gostaria que me explicasse is — disse o atônito auxiliar da Presidência.

— Lealdade, Elliot, não deve ficar restrita apenas aos que comumente são chamados de "bons meninos". Carlos conseguiu formar uma militância de homens e mulheres que lhe são completamente devotados. Podem não conhecê-lo, mas o reverenciam. No entanto, se ele puder pegar Carlos — ou armar-lhe uma cilada, para que possamos pegá-lo — e depois sumir, poderá voltar livre para casa.

— Mas você disse que ele pode *não* ser Bourne!

— Eu disse que não sabemos. *Era* Bourne no banco, as assinaturas eram autênticas. Mas será ainda Bourne? Os próximos dias nos dirão isso.

— Se ele aparecer — acrescentou Webb.

— É um assunto delicado — continuou o idoso homem. — Há tantas variáveis! Se ele não é Bourne — ou se ele mudou-se para o outro lado — isso explicaria a chamada para Ottawa e a morte no aeroporto. Pelo que podemos deduzir, o conhecimento da mulher foi usado para retirar o dinheiro de Paris. Tudo o que Carlos teve que fazer foi inquirir do Ministério da Fazenda do Canadá algumas coisas. O resto é brincadeira de criança para ele. Matar o contato, deixá-la em pânico, interceptá-la e usá-la para conter Bourne.

— Você tem possibilidade de lhe mandar uma mensagem? — perguntou o major.

— Tentei e falhei. Fiz com que MacHawkins telefonasse a um homem que também trabalhou com St. Jacques, um homem chamado Alan qualquer-outra-coisa. Ele instruiu-a para voltar ao Canadá imediatamente. Mas ela desligou o telefone.

— Diabos! — explodiu Webh.

— Exatamente. Se pudéssemos tê-la feito voltar, já estaríamos sabendo de tanta coisa! Ela é a chave. Por que ela está com ele? E ele com ela? Nada faz sentido.

— Muito menos para mim — disse Stevens. Seu espanto transformou-se em raiva. — Se quer a cooperação do Presidente — nada prometo — é melhor ser mais claro.

Abbott virou-se para ele. — Há seis meses, Bourne desapareceu — disse. — Alguma coisa aconteceu, e não temos certeza do que foi, mas podemos montar um quadro de probabilidades. Ele disse em Zurique que ia para Marselha. Tarde — muito tarde — fomos entender. Ficou sabendo que Carlos aceitara um contrato pan matar Howard Leland e tentou impedi-lo. Depois mais nada; desapareceu. Foi morto? Teria tido um colapso pela tensão? Teria... desistido?

— Não posso aceitar isso — interrompeu Webb iradamente. — Não vou aceitar!

— Sei que não — disse o Monge. — É por isso que quero que você examine aquele arquivo. Você conhece os códigos dele; ainda estão todos lá. Veja se consegue perceber alguns desvios em Zurique.

— Por favor! — interrompeu Stevens. — O que você *acha*? Já deve ter encontrado alguma coisa concreta, alguma coisa com a qual posso fazer um julgamento. Preciso disso, senhor Abbott. O Presidente precisa.

— Como eu gostaria de ter! — respondeu o Monge. — O que encontramos? Tudo e nada. Foram quase três anos da mais cuidadosa e bem-sucedida decepção dos nossos registros. Todos os atos falsos foram documentados, todos os movimentos, definidos e justificados; cada homem e mulher — informantes, contatos e fontes — ganhou um rosto, uma voz e uma história para contar. A cada mês, a cada semana, estávamos um pouco mais próximos de Carlos. Depois, nada. Silêncio. Seis meses de um grande vazio silencioso.

— Não agora — se opôs o auxiliar do Presidente. — O silêncio foi quebrado. Por quem?

— Essa é a pergunta básica, não é? — disse o idoso homem, com a voz cansada. — Meses de silêncio, de repente uma explosão de atividades não autorizadas e incompreensíveis. A conta foi mexida, a fiche alterada, milhões transferidos — aparentemente roubados. E, acima de tudo, muitos homens foram mortos e muitas armadilhas preparadas para outros tantos homens. Mas para quem, por quem? — O Monge meneou a cabeça cansado. — Quem é este homem que está lá?

20

A limusine estava estacionada entre dois postes, do outro lado da rua, em frente às portas pesadas e bem-decoradas da casa de granito escuro. No banco da frente estava o chofer uniformizado; essa era uma visãO comum naquela rua ladeada.de árvores. Incomum, no entanto, era o estranho fato de dois homens estarem sentados no banco de trás, sem fazer qualquer movimento e sem a intenção aparente de descerem do carro. Pareciam estar vigiando a entrada da casa, confiantes de estarem longe do alcance das lentes de uma câmara de infravermelho.

Um dos homens ajustou os óculos no rosto, os olhos por trás das grossas lentes pareciam os de uma coruja, suspeitando de tudo o que inspecionavam. Alfred Gillette, o diretor do Departamento de Arregimentação e Avaliação de Pessoal, do Conselho de Segurança Nacional, falou: — Como vai ser gratificante estar lá quando toda aquela arrogância se derreter. E melhor ainda é ser o instrumento.

— Você realmente o detesta, não é? — disse o companheiro de Gillette, um homem de ombros largos, vestido com uma capa de chuva preta, com um acento eslavo de alguma parte da Europa.

— Abomino-o. Ele significa tudo o que odeio em Washington. As escolas certas, casas em Georgetown, fazendas na Virgínia, calmos encontros nos clubes privados. Eles têm aquele mundinho fechado e você não pode se intrometer — eles mandam em tudo. Os *bastardos*! A pequena nobreza superior e convencida de Washington. Usam os intelectos dos outros, o trabalho dos outros, tudo de acordo com as decisões que trazem apenas o *imprimatur* deles. E se você está de fora, se torna parte daquela entidade amorfa, um "excelente quadro de auxiliares".

— Você exagera — disse o europeu, os olhos postos na casa. — Você não se saiu mal por lá. Do contrário, nunca poderíamos ter entrado em contato com você.

Gillette franziu a testa. — Se não me saí mal é porque me tornei indispensável a muitos, como David Abbott. Tenho em minha cabeça um milhão de informações e fatos de que eles não podem lembrar-se. É simplesmente muito mais fácil para eles me colocarem onde estão as perguntas, onde os problemas precisam de soluções. Diretor de Arregimentação e Avaliação de Pessoal. Criaram esse título, esse posto, para mim. E sabe por quê?

— Não, Alfred — respondeu o europeu, olhando para o relógio — não sei por quê.

— Porque não têm paciência de gastar e horas estudando e lendo centenas de resumos e dossiês. Preferem jantar no Sans Souci ou ataviar-se em frente às comissões do Senado, lendo as páginas preparadas por outros — por esses desconhecidos e anônimos, que pertencem ao "excelente quadro de auxiliares".

— Você é um homem amargo — disse o europeu.

— Mais do que você imagina. Uma vida toda fazendo o trabalho que esses bastardos deviam fazer por si mesmos. E para quê? Um título e um almoço ocasional onde o meu cérebro é espicaçado entre o camarão e a entrada! Por homens como este arrogante David Abbott. Eles não são nada sem pessoas como eu.

— Não subestime o Monge. Carlos não o subestima.

— Mas como? Ele não tem o que avaliar. Tudo o que Abbott faz é em segredo; ninguém sabe quantos equívocos já cometeu. E se algum vem à luz, homens como eu são considerados os culpados.

O europeu deixou de olhar pela janela e encarou Gillette. — Você é muito emocional, Alfred — disse friamente. — Tem que ter muito cuidado com isso.

O burocrata sorriu. — Nunca atrapalha: acho que as minhas contribuições para Carlos farão tudo isso desaparecer. Digamos que estou me preparando para um confronto que jamais evitaria por nada

deste mundo.

— Uma declaração honesta — disse o homem de ombros largos.

— E você? Você me encontrou.

— Eu sabia o que procurava. — O europeu voltou a olhar pela janela.

— Refiro-me a *você*. Ao trabalho que você faz. Para Carlos.

— Não tenho razões assim tão complicadas. Vim de um país onde os homens cultos são promovidos pelo capricho de alguns débeis mentais que recitam a litania marxista de cor. Carlos também sabia o que procurava.

Gillette riu, os olhos quase brilhando. — Não somos tão diferentes, afinal de contas. Mude as linhas-mestras do nosso sistema ocidental para Marx e está feito um paralelo.

— Talvez — concordou o europeu, olhando de novo para o relógio. — Não deve demorar mais. Abbott sempre toma o avião da meia-noite, ele presta conta de horário, em Washington.

— Está certo de que ele virá sozinho?

— Sempre sai sozinho. E, por certo, não deverá ser visto com Elliot Stevens. Webb e Stevens também vão sair separada- mente; a intervalos de vinte minutos, como saem todos os que são chamados.

— Como você encontrou a Treadstone?

— Não foi muito difícil. Você contribuiu, Alfred; você fazia parte do excelente quadro de auxiliares. — O homem riu; os olhos estavam postos fixamente na casa. — Caim saíra da Medusa, você nos disse isso; e se as suspeitas de Carlos estão certas, isso significa que temos aí a mão do Monge, nós sabíamos disso; isso o ligava a Bourne. Carlos nos instruiu para manter Abbott sob vigilância ininterrupta. Alguma coisa saiu errada. Quando aqueles tiros em Zurique foram ouvidos em Washington, Abbott ficou descuidado. E o seguimos até aqui. Era apenas uma questão de persistência.

— Isso o levou até o Canadá? Ao homem em Ottawa?

— O homem em Ottawa se revelou por si mesmo, quando procurou a Treadstone. Quando ficamos sabendo quem era a moça, passamos a vigiar o Ministério da Fazenda, principalmente a seção dela. Uma chamada foi feita de Paris; era ela pedindo-lhe que começasse uma pesquisa. Não sabemos por que, mas desconfiamos que Bourne estivesse tentando dividir a Treadstone. Se ele mudou de lado, esta é a forma de se desvincular e ficar com todo o dinheiro. Não tem importância. De repente, o cabeça desta seção, de quem ninguém fora do Governo do Canadá ouvira falar antes, foi transformado em um problema da maior prioridade. As informações do Serviço de Inteligência estavam queimando os contatos. Isso significava que Carlos estava certo; que você estava certo, Alfred. Não existe nenhum Caim. Ele é uma invenção, uma armadilha.

— Desde o começo — insistiu Gillette. — Eu lhe disse isso. Foram três anos de relatos falsos e fontes inverídicas. Está tudo lá.

— Desde o começo — murmurou o europeu. — Sem dúvida, a maior criação do Monge... até que alguma coisa aconteceu e a sua criação se transformou. Tudo se transformou; todas as fendas se abriram.

— E o fato de Steven estar aqui confirma tudo. O Presidente insiste em saber de tudo.

— Ele tem que saber. Há uma incômoda suspeita em Ottawa de que o chefe de uma seção do Ministério da Fazenda foi morto pelo Serviço de Inteligência americano. — O europeu desviou o olhar da janela e olhou para o burocrata. — Lembre-se, Alfred, simplesmente queremos saber o que aconteceu. Apresentei-lhe os fatos como conhecemos; eles são irrefutáveis e Abbott não pode negá-los. Mas devem ser apresentados como se fossem obtidos independentemente, por suas próprias fontes. Você está apavorado, exige um relato, todo o Serviço de Inteligência foi enganado.

— E foi! — exclamou Gillette. — Enganado e usado. Ninguém em Washington sabe de alguma coisa sobre Bourne, ou sobre a Treadstone. Excluíram todos os demais; isso é apavorante. Nem preciso enganar. Esses arrogantes bastardos!

— Alfred — avisou o europeu, levantando a mão no escuro — lembre-se para quem está trabalhando. A ameaça não pode ser baseada na emoção, mas em uma afronta fria e profissional. Ele logo vai suspeitar de você; e você deve desfazer imediatamente toda suspeita. Você é o acusador, não ele.

— Lembrar-me-ei.

— Ótimo. — Luzes de faróis apareceram no vidro. — O táxi de Abbott chegou. Tomo conta do motorista. — O europeu se inclinou para a direita e apertou um botão que ficava debaixo do descanso do braço, na porta. — Estarei no meu carro, do outro lado da rua, ouvindo. — Falou com o chofer, em seguida. — Abbott logo estará saindo. Você já sabe o que fazer.

O chofer balançou a cabeça. Os dois homens saíram da limusine ao mesmo tempo. O motorista deu a volta no carro, como se fosse escoltar um patrão rico até o lado Sul da rua. Gillette olhou pela janela de trás; os dois homens ficaram juntos por alguns segundos, depois se separaram, o europeu avançou para o táxi, que se aproximava, a mão levantada, uma nota entre os dedos. O táxi seria dispensado; quem o chamara havia mudado de idéia. O chofer correu para o lado Norte da rua e estava agora escondido nas sombras da escadaria, duas portas depois da Treadstone Seventy One.

Trinta segundos mais tarde os olhos de Gillette se dirigiram para a porta da casa. Uma luz saiu pela porta, enquanto um David Abbott impaciente saía à rua, olhando para um lado e para outro, depois para o relógio, um pouco preocupado. O táxi estava atrasado e ele tinha que pegar um avião; seus rígidos esquemas deviam ser seguidos. Abbott desceu os degraus, virou à esquerda na calçada, procurando o táxi, na expectativa de sua chegada. Em alguns segundos ele passaria pela frente do motorista. Passou, os dois homens estavam fora do alcance das lentes da câmara.

Foi interceptado rapidamente, a discussão rápida. Dali a instantes, um David Abbott completamente aturdido entrava na limusine, e o motorista desaparecera.

— Você! — disse o Monge. Tinha raiva e revolta na voz. — De todos, você!

— Não acho que você esteja em posição de ser desdenhoso... e muito menos arrogante.

— O que você *fez*! Como *ousa*? Zurique. Os registros da Medusa Foi você!

— Os registros da Medusa, sim. Zurique, também. Mas não se trata de saber o que eu fiz; trata-se de saber o que você fez. Mandamos os nossos próprios homens para Zurique dizendo-lhes o que procurar. Descobrimos. O nome dele é Bourne, não é? É o homem que você chama de Caim. O homem que você inventou.

Abbott manteve-se de sobreaviso. — Como conseguiu descobrir esta casa?

— Persistência. Mandei segui-lo.

— Mandou que *me* seguissem? O que pensa que está *fazendo*?

— Tentando obter uma declaração direta. Uma declaração sobre o que você tramou e sobre o que mentiu, sem nos contar a verdade. O que pensa que estava fazendo?

— Oh, meu Deus! Seu tolo! — Abbott respirou profundamente. — Por que fez isso? Por que você mesmo não me procurou?

— Porque você não fez nada. Você manipulou toda a comunidade do Serviço de Inteligência. Milhões de dólares, milhares de horas de trabalho de homens, embaixadas, estações alimentadas com mentiras e distorções sobre um assassino que nunca existiu. Oh, lembro-me de suas palavras — que desafio a Carlos! Que armadilha irresistível! Só que nós também fomos os seus joguetes e, como membro responsável pelo Conselho de Segurança, ofendi-me profundamente com isso. Vocês todos são iguais. Quem os elegeu Deus para que pudessem quebrar assim as regras — não, não apenas as regras, mas as leis, também — e nos fazer passar por palhaços?

— Não havia outro jeito — disse o velho, cansado; o rosto era uma massa de gretas na luz fraca. — Quantos sabem? Diga-me a verdade.

— Tentei conter a informação. Isso eu lhe dei de presente.

— Pode não ser o suficiente. Oh, Cristo!

— Pode não durar, questão de tempo — disse o burocrata enfaticamente. — Quero saber o que aconteceu.

— O que aconteceu?

— Com essa grande estratégia de vocês. Parece ter... rasgado nas costuras.

— Por que diz isso?

— É perfeitamente óbvio. Você perdeu Bourne; não pode encontrá-lo. O seu Caim desapareceu com uma fortuna que estava a seu dispor num banco em Zurique.

Abbott ficou em silêncio por um minuto. — Espere aí. O que ligou você a isso?

— Você — disse Gillette depressa. Estava prudentemente chegando à pergunta-isca. — Devo dizer que admirei o seu controle quando aquele asno do Pentágono falou tão sabiamente sobre a Operação Medusa... sentado diretamente em frente ao próprio homem que a criou.

— História! — A voz do velho cresceu forte. — Aquilo nada lhe teria explicado.

— Digamos que foi muito incomum você não *dizer* nada. Quero dizer, quem naquela mesa sabia mais sobre a Medusa do que você? Mas você, não dizer uma só palavra? Isso me fez pensar. Assim, neguei veementemente a atenção que estava sendo dada a este assassino, Caim. Você não podia resistir, David. Você tem que me dar uma razão muito plausível para continuar a procura. Caim. Você jogou Carlos na caça.

— Era verdade — interrompeu Abbott.

— Certamente que sim; você sabia quando usar esse estratagema e eu sabia quando enfocá-lo. Bem engenhoso. Uma cobra saindo da cabeça da Medusa, sustentada por um título mítico. O contendor se atira no ringue do campeão para tirá-lo do seu canto.

— Foi tudo dito desde o início, desde o início.

— Por que não? Como estou dizendo, foi muito engenhoso, até o último momento, feito por sua própria gente contra Caim. Quem melhor para fazer isso, para relacionar os movimentos a Caim, senão o único homem no Comitê dos Quarenta que tem todos os relatórios de todas as conferências das operações secretas. Você nos usou a todos!

O Monge assentiu com a cabeça. — Muito bem. Até certo ponto você tem razão, houve alguns graus de abuso — em minha opinião, totalmente justificados —, mas não é o que você pensa. Há considerações e balanços a fazer; sempre há, não acho que possa ser diferente. Treadstone é composta por um pequeno grupo de homens que estão entre os de maior confiança do Governo. São da Força G-Dois, do Senado, da CIA, do Serviço de Inteligência Naval e até, francamente, da Casa Branca. Se existisse algum abuso sério, nenhum deles hesitaria em deter a operação. Nenhum jamais tentou fazer isso, e peço-lhe para não fazê-lo, também.

— Eu viria a fazer parte da Treadstone?

— Você já faz parte dela agora.

— Compreendo. O que aconteceu? Onde está Bourne?

— Gostaria de saber. Nem mesmo temos certeza de que ele *seja* Bourne.

— Você nem mesmo tem certeza de *quê*?!

— *Compreendo. O que aconteceu? Onde está Bourne?*

— *Gostaria de saber. Nem mesmo temos certeza de que ele seja Bourne.*

— *Você nem mesmo tem certeza de quê?!*

O europeu desligou o botão do painel. — É isso — disse. — É isso que precisávamos saber. — Ele virou-se para o chofer ao seu lado. — Rápido, agora. Vá até a escada. Lembre-se, se algum deles sair, você tem precisamente três segundos antes que a porta se feche. Trabalhe rápido.

O homem uniformizado desceu primeiro; atravessou a calçada em direção à Treadstone Seventy

One. De uma das casas vizinhas um casal de meia-idade se despedia em voz alta dos seus anfitriões. O chofer diminuiu o passo, procurou um cigarro no bolso, parou para acendê-lo. Agora fazia o papel de um enfastiado motorista matando o tempo daquela tediosa vigília. O europeu olhou, depois desabotoou a capa e tirou um revólver de cano longo com um silenciador. Destravou-o e enfiou a arma de volta no coldre; depois saiu do carro e atravessou a rua até a limusine. Os espelhos haviam sido postos no ângulo certo; estando no ponto cego, não havia possibilidade de que um dos homens pudesse vê-lo se aproximar. O europeu fez uma parada rápida na parte de trás do carro e depois estendeu a mão e abriu a porta da frente, do lado direito, entrando imediatamente. Apontou a arma por cima do assento.

Alfred Gillette engoliu em seco, a mão esquerda tentava alcançar o trinco da porta. O europeu travou o comutador de quatro contatos que trancava a porta. David Abbott permaneceu imóvel, olhando espantado para o invasor.

— Boa noite, Monge — disse o europeu. — Outra pessoa, de quem ouço dizer que sempre veste um hábito de religioso, lhe envia as congratulações. Não apenas por Caim, mas pela sua administração pessoal da Treadstone. O Iatista, por exemplo. Já foi uma vez um agente superior.

Gillette conseguiu falar; era uma mistura de grito e sussurro. — O que é isto? Quem é você? — gritou, simulando ignorar a situação.

— Oh, deixe isso pra lá, meu amigo. Isso não é necessário — disse o homem armado. — Posso ver pela expressão do senhor Abbott que ele já percebeu que as dúvidas que tinha sobre você são reais. A gente sempre deve acreditar nas primeiras intuições, não é, Monge? Você estava certo, é claro, é claro. Encontramos outro homem descontente; o seu sistema os reproduz com uma rapidez alarmante. Ele, realmente, nos deu os arquivos da Medusa; e eles, sem dúvida, nos levaram a Bourne.

— O que está fazendo? — gritou Gillette. — O que está *dizendo*!

— Você é um chato, Alfred. Mas sempre fez parte de um excelente quadro de auxiliares. É muito mau que não tenha escolhido com qual dos quadros ficar; a sua espécie nunca escolhe mesmo.

— Seu!... — Gilete levantou-se do assento, o rosto contorcido.

O europeu atirou, a arma fez um ruído surdo e curto no interior da limusine. O burocrata tombou, o corpo desmoronou contra a porta, os olhos de coruja arregalados para a morte.

— Acho que você não o lamenta — disse o europeu.

— Não — respondeu o Monge.

— *É* Bourne quem está lá, sabe. Caim mudou de lado, acabou-se. O longo período de silêncio terminou. A cobra da cabeça da Medusa resolveu dar o bote sozinha. Ou talvez tenha sido comprado. Isso também é possível, não é? Carlos compra muitos homens, o que está agora aos seus pés 6 um exemplo.

— Você não saberá nada de mim. Nem tente.

— Não há nada para saber. Já sabemos tudo. Delta, Charlie... Caim. Mas os nomes não são mais importantes; nunca foram, na verdade. Tudo o que resta é isolá-lo — apartar o frade que toma as decisões. Você. Bourne está em uma armadilha. Ele está acabado.

— Há outros que tomam decisões. Ele os alcançará.

— Se fizer isso, eles o matarão. Não há nada mais desprezível do que um homem que muda de lado, mas para que um homem possa ser considerado traidor, tem que haver prova irrefutável de que ele tenha permanecido fiel, para inicio de conversa. Carlos tem esta prova, ele *era* seu, suas origens são tão confidenciais quanto tudo o mais nos arquivos da Medusa.

O velho franziu a testa; estava com medo, não pela sua vida, mas por causa de uma coisa infinitamente mais indispensável. — Você está louco — disse. — Não há prova.

— Esta é a falha, a sua falha. Carlos é perfeito, os seus tentáculos alcançam todos os recessos escondidos. Você precisava de um homem da Medusa, alguém que tivesse vivido e desaparecido. Escolheu um homem chamado Bourne porque as circunstâncias do seu desaparecimento haviam sido

apagadas, eliminadas de todos os registros existentes — assim você pensava. Mas não levou em conta o próprio pessoal de campo de Hanói, que se infiltrou na Medusa; esses registros existem. No dia 25 de março de 1968, Jason Bourne foi executado por um oficial da Inteligência americana nas florestas de Tam Quan.

O Monge fez um movimento para a frente, Não havia nada a fazer senão um último gesto, um último desafio. O europeu atirou.

A porta da casa se abriu. O motorista sorriu, escondido nas sombras da escadaria. O auxiliar da Casa Branca estava sendo acompanhado pelo velho que vivia na Treadstone, o que eles chamavam Iatista. O matador sabia que isso significava que os alarmes básicos estavam desligados. Três segundos se passaram.

— Foi bom ter aparecido — disse o Iatista, apertando mão do auxiliar.

— Obrigado, senhor.

Estas foram as últimas palavras que os dois homens disseram. O motorista fez pontaria por cima do muro de tijolos e apertou o gatilho duas vezes. Os dois tiros abafados pareciam ruídos indistintos, sufocados pelo barulho da cidade ao longe. O Iatista caiu para dentro da casa; o auxiliar da Casa Branca pôs a mão no peito e rodou para dentro da soleira da porta. O motorista deu a volta pelo muro de tijolos e correu em direção aos degraus, segurando o corpo de Stevens antes que ele caísse. Com força de touro, o matador levantou o homem da Casa Branca jogando-o de volta para dentro do *foyer*, um pouco mais longe do Iatista. Depois virou-se para dentro da porta pesada, de chapa de aço. Sabia o que procurar, e encontrou. Em toda a extensão das almofadas da porta, subindo até a parede, havia um cabo grosso, da mesma cor da porta. Fechou a porta, levantou a arma e atirou no cabo, que começou a soltar fagulhas e ruídos de estática; as câmaras de segurança tinham sido destruídas, as telas deviam estar escuras.

Depois abriu a porta para fazer um sinal. Nem foi necessário. O europeu atravessava rapidamente a rua. Em segundos ele já subira os degraus e entrara, olhando em volta para o *foyer* e o corredor — depois para a porta no final do corredor. Juntos os dois homens levantaram do chão um tapete, o europeu fechou a porta amassando o tapete, unindo o pano ao aço, de forma que restou um espaço de duas polegadas. Nenhum alarme podia ser ouvido.

Ficaram em pé, silenciosos. Sabiam que se fossem descobertos a reação viria em seguida. E veio; uma porta se abriu no andar de cima. Em seguida, o ruído de passos e algumas palavras ditas por uma mulher.

— Querido! Acabo dc notar que aquela câmara está completamente desarranjada. Pode examinar, por favor? — Depois uma pausa e a mulher falou de novo. — Pensando bem, por que não dizer a David? — E outra pausa, nova espera. — Não incomode o Jesuíta, querido. Peça a David!

Dois passos. Silêncio. Ruído de roupas. O europeu olhou para a escada. Uma luz apagou-se. David. Jesuíta... Monge!

— *Pegue-a*! — vociferou para o motorista, a arma apontada para o fim do corredor.

O homem uniformizado correu para a escada; ouviu-se um tiro; o tiro de uma arma poderosa. O motorista estava com a mão no ombro, o casaco cheio de sangue, a pistola apontada para cima, atirando repetidas vezes para o buraco escuro da escada.

A porta no final do corredor abriu-se de repente, o major ficou parado, em estado de choque, com a pasta do arquivo na mão. O europeu atirou duas vezes; o corpo de Gordon Webb arcou para trás, a garganta tinha uma abertura de bala, os papéis da pasta voaram para longe dele. O homem com a capa de chuva subiu correndo os degraus até onde estava o motorista; mais para cima, perto do corrimão, estava a mulher grisalha, morta, a cabeça e o pescoço abertos — Você está bem Pode se mover? —

perguntou o europeu.

O motorista respondeu que sim com a cabeça. — Esta puta quase arrebentou o meu ombro, mas posso me arranjar.

— Você deve! — ordenou o superior, tirando a capa. — Ponha a minha capa. Quero o Monge aqui! Rápido!

— Jesus...

— *Carlos* quer o Monge aqui dentro!

O homem vestiu a capa desajeitadamente e começou a descer os degraus, passando pelos corpos do Iatista e do auxiliar da Casa Branca. Cuidadosamente, com muita dor, atravessou a porta e foi até a entrada da casa.

O europeu ficou a observá-lo, segurando a porta, certificando-se de que o homem podia cumprir a sua tarefa. Podia; era um touro, e Carlos satisfazia todos os seus apetites. O motorista traria o corpo de David Abbott de volta para a casa e, sem dúvida alguma, como se estivesse ajudando um bêbado a entrar em casa. Depois conteria a hemorragia o tempo suficiente para levar o corpo de Alfred Gillette até o rio, onde o enterraria em um lodaçal. Os homens de Carlos eram capazes de tais proezas; eram todos uns animais fortes. Animais descontentes, que haviam encontrado as suas motivações de vida em um único homem.

O europeu virou-se e avançou pelo corredor; tinha muito trabalho a fazer, O último isolamento do homem chamado Jason Bourne.

Era mais do que podia esperar; os arquivos eram um presente muito maior do que sonhara. Junto estavam várias pastas com todos os códigos e métodos de comunicação usados pelo mítico Caim. Agora não mais tão mítico, pensou o europeu, enquanto recolhia os papéis. A cena estava pronta, os quatro corpos já estavam na posição certa dentro da pacífica e elegante biblioteca. David Abbott foi posto sentado em uma cadeira, o corpo caído, os olhos mortos, em choque; Elliot Stevens estava a seus pés; o Iatista estava curvado por cima da mesa da parede com uma garrafa de uísque entornando da mão, enquanto Gordon estava esparramado no chão, agarrado à maleta. A cena indicava que a violência cometida fora inesperada; a conversa fora interrompida por um repentino tiroteio.

*

O europeu andou em volta da sala com suas luvas de camurça, fazendo uma apreciação de sua mestria, e era realmente *mestria*. Dispensara o motorista, limpara todas as maçanetas e todas as superfícies de madeira. Estava na hora do toque final. Foi até uma mesa onde havia copos de brandy sobre uma bandeja de prata, pegou um copo e olhou-o contra a luz. Como esperava, estava imaculado. Ele o recolocou na bandeja e pegou um pequeno estojo de plástico de dentro do bolso. Abriu-o e tirou de lá uma fita adesiva transparente, segurando-a, também, contra a luz. Lá estavam elas, tão claras como retratos — pois eram retratos, tão inegáveis quanto qualquer fotografia.

Haviam sido tiradas de um copo de Perrier que ficara num escritório do Banco Gemeinschaft, em Zurique. Eram as impressões digitais da mão direita de Jason Bourne.

O europeu pegou o copo de brandy e, com a sua paciência de artista, imprimiu a fita na superfície do copo. Depois, cuidadosamente, puxou-a. E de novo levantou o copo para vê-lo contra a luz; as impressões podiam ser vistas perfeitamente.

Depois levou o copo até um canto da sala e deixou-o cair ao chão. Ajoelhou-se, estudou os fragmentos, retirou alguns e jogou os demais para baixo da cortina.

Eram suficientes.

21

— Mais tarde — disse Bourne, jogando a mala em cima da cama. — Temos que sair daqui.

Marie sentou-se na poltrona. Ela relera o artigo do jornal, selecionando algumas frases e repetindo-as. Sua concentração era total, estava absorta, cada vez mais confiante em sua análise.

— Estou certa, Jason. Alguém nos *está* mandando uma mensagem.

— Conversamos sobre isso mais tarde; já ficamos aqui muito tempo. Este jornal estará circulando por todo o hotel durante a próxima hora e os jornais da manhã vão estar muito piores. Não há tempo para moderação; você esteve num saguão de hotel e também foi vista neste aqui por muitas pessoas. Arrume as suas coisas.

Marie levantou-se, mas não fez nenhum movimento. Ao contrário, permaneceu no lugar, forçando-o a olhar para ela. — Vamos falar sobre uma porção de coisas, mais tarde — disse com firmeza na voz. — Você ia me deixar, Jason, e quero saber por quê.

— Já lhe disse que vou contar — respondeu sem nenhuma evasiva —, porque você tem que saber, e estou falando sério. Mas agora quero sair daqui. Que diabo, arrume as suas coisas!

Ela piscou, a súbita raiva dele surtiu efeito imediato. — Sim, é claro — sussurrou ela.

Desceram de elevador até o saguão. Logo que o chão de mármore gasto apareceu, Bourne teve a sensação de que estavam e a jaula, expostos e vulneráveis; se a máquina parasse, seriam pegos. Em seguida entendeu por que a sensação era tão forte. Lá embaixo, no lado esquerdo, ficava o balcão da portaria. E o concierge estava sentado com uma pilha de jornais à sua direita. Eram cópias do mesmo tablóide que Jason pusera na pasta de couro que Marie levava. O concierge pegara um jornal e o lia avidamente, cutucando os dentes com um palito; o último escândalo lhe chamara a atenção.

— Siga em frente — disse Jason. — Não pare, vá direto até a porta. Encontro-a lá fora.

— Oh, meu Deus! — sussurrou ela vendo o concierge.

— Vou pagar a ele o mais depressa possível.

O barulho dos saltos de Marie no chão de mármore era uma distração que Bourne queria evitar. O concierge levantou os olhos e Jason pôs-se imediatamente na sua frente, bloqueando-lhe a visão.

— Foi muito agradável — disse em francês —, mas estou com muita pressa. Tenho que ir para Lyon hoje à noite. Pode arredondar a conta para quinhentos francos. Não tive tempo para deixar gorjetas.

A parte financeira distraiu-o, cumprindo o seu propósito. O *concierge* somou o total rapidamente e apresentou a conta. Jason pagou-a e foi em direção à escada, podendo ainda ouvir o grito de surpresa que explodiu da boca aberta de espanto do *concierge*. O homem olhava espantado para a pilha de jornais à sua direita, os olhos fixos na fotografia de Marie St. Jacques. Levantou os olhos para as portas de vidro da entrada; Marie estava parada na calçada. Depois olhou para Bourne; fizera a conexão e estava inibido por um medo repentino.

Jason caminhou rapidamente em direção às portas de vidro, abrindo-as com os ombros, enquanto olhava para trás, para a portaria. O *concierge* estava pegando no telefone.

— Vamos! — gritou para Marie. — Procure um táxi!

Encontraram um na Rua Lecourbe, a cinco quadras do hotel. Bourne fez o papel de um turista americano inexperiente, usando um francês inadequado, o mesmo que lhe servirá tão bem no Valois. Explicou para o motorista que ele e sua *petite amie* queriam sair do centro de Paris por um ou dois dias, ir para algum lugar onde pudessem ficar sozinhos. Talvez ele pudesse indicar alguns lugares.

Foi o que fez. — Tem uma pequena hospedaria fora de Issyles-Moulineaux, chamada La Maison

Carrée — disse, — E outra em Ivry sur Seine, que vocês iriam gostar. É bem reservado, monsieur. Ou talvez o Auberge du Coin, em Montrouge; é muito discreto.

— Vamos para o primeiro — disse Jason. — Foi o primeiro que lhe veio à mente. Quanto tempo leva até lá?

— Não mais do que quinze, vinte minutos, *monsieur*.

— Ótimo. — Bourne virou-se para Marie e disse baixinho: — Mude o seu cabelo.

— O quê?

— Mude o penteado. Prenda-o ou penteie-o para trás, não importa, mas mude o penteado. Saia da vista do espelho retro- visor. Depressa!

Alguns momentos depois, os cabelos longos e avermelhados de Marie estavam penteados para trás, afastados do rosto e do pescoço, arrumados com o auxílio de um espelho e alguns grampos que ela retirara da carteira. Fizera um coque bem-apertado. Jason olhou para ela na luz fraca.

— Limpe o batom. Todo.

Ela tirou um pano e limpou a boca. — Assim?

— Isso. Tem um lápis de sobrancelha?

— É claro.

— Deixe as sobrancelhas mais grossas, um pouquinho mais. Alongue-as um pouco; curve os finais, também.

Ela seguiu as suas instruções novamente. — E agora? — perguntou.

— Assim está melhor — ele examinando-a. As mudanças tinham sido pequenas, mas os efeitos grandes.. Ela se transformara sutilmente de uma mulher elegante e suave para uma imagem mais grosseira. Pelo menos à primeira vista não parecia ser a mulher cuja foto estava no jornal, e isso era tudo o que importava.

— Quando chegarmos a Moulineaux — sussurrou ele — saia depressa e fique em pé, parada. Não deixe que o motorista a veja.

— É um pouco tarde para isso, não é?

— Faça o que eu digo.

Ouça-me. Sou um camaleão chamado Caim e posso lhe ensinar muitas coisas que não me interessa ensiná-la, mas por ora são necessárias. Posso mudar a minha cor para me acomodar a qualquer pano de funda na floresta, posso me movimentar com o vento só em cheirá-lo. Posso encontrar meu caminho através das florestas naturais e das feitas pela mão do homem. Alfa, Bravo, Charlie, Delta... Delta é para Charlie e Charlie é para Caim. Sou Caim. Sou a morte. E devo dizer-lhe quem sou; e vou perdê-la.

— Meu querido, o que é?

— O quê?

— Você está olhando para mim sem respirar. Você está bem?

— Desculpe-me — disse, desviando o olhar e voltando a respirar. — Estou planejando os nossos movimentos. Saberei melhor o que fazer logo que chegarmos lá.

Chegaram à hospedaria. Havia um estacionamento cercado, do lado direito; algumas pessoas saíam do jantar pela entrada de madeira trançada. Bourne inclinou-se para a frente, no assento.

— Deixe-nos dentro da área do estacionamento, se não se importa — disse ao motorista, sem dar nenhuma explicação para pedido tão estranho.

— Certamente, monsieur — respondeu o motorista, inclinando a cabeça e depois dando de ombros. Seus movimentos pareciam aceitar o fato de que seus passageiros eram, realmente, um casal discreto. A chuva se transformara em uma garoa cinzenta. O táxi foi embora; Bourne e Marie permaneceram nas sombras das folhagens, do lado da taverna, até ele desaparecer. Jason colocou as malas no chão úmido. — Espere aqui — disse.

— Onde vai?

— Telefonar pedindo um táxi.

O segundo táxi os deixou no distrito de Montrouge. Este motorista estava singularmente desinteressado pelo casal de rostos sérios que, sem dúvida alguma, devia ser da província e muito provavelmente estava à procura de alojamentos baratos. Se tivesse pego num jornal e visto uma fotografia de uma franco-canadense envolvida com assassinato e roubo em Zurique, jamais a ligaria à mulher que estava no banco traseiro do seu carro.

O Auberge du Coin não correspondia ao nome. Não era uma hospedaria antiga localizada em uma vila reclusa, do interior. Ao contrário, era uma estrutura grande, de dois andares, um pouco distanciada da auto-estrada. No mínimo, parecia-se com todos os motéis do mundo, que se alastravam pelos arredores das cidades; o comércio garantindo o anonimato dos seus hóspedes. Não era difícil imaginar a quantidade de encontros registrados sob nomes falsos.

E, assim, registraram-se sob nomes diferentes e ganharam um quarto onde todos os acessórios eram aparafusados no chão ou presos com pregos sem cabeça nos móveis de fórmica. Havia, no entanto, uma coisa positiva: um geladeira no corredor. E sabiam que ela funcionava por causa do barulho que fazia. Mesmo com a porta fechada.

— Tudo bem, agora. Quem nos estaria mandando uma mensagem? — perguntou Bourne, em pé, segurando a garrafa de uísque.

— Se eu soubesse, entraria em contato com eles — respondeu ela, sentada à mesa, de frente para ele, com as pernas cruzadas, olhando-o firmementê. — Pode estar ligado à causa de sua fuga.

— Se fosse isso, seria uma armadilha.

— Não seria uma armadilha. Um homem como Walther Apfel não faria o que fez para tramar uma armadilha.

— Se fosse você não teria tanta certeza disso. — Bourne foi até a única poltrona que havia, de plástico, e sentou-se. — Koenig fez isso; ele me marcou muito bem lá na sala de espera.

— Ele era um pé-de-chinelo subornado, não um banqueiro. Agiu sozinho. Apfel não faria isso.

Jason olhou-a. — O que você quer dizer?

— A declaração de Apfel tinha que ser esclarecida por seus superiores Foi feita em nome do banco.

— Se tem tanta certeza, vamos telefonar para Zurique.

— Não é isso que querem. Ou não têm a resposta ou não podem dá-la. As últimas palavras de Apfel foram que eles não tinham mais comunicados a fazer. A ninguém. Isso também fazia parte da mensagem. Devemos entrar em contato com outra pessoa.

Bourne bebeu; precisava do álcool, pois estava se aproximando o momento em que devia começar a contar a história de um matador chamado Caim. — Então, estamos de volta a quem? — disse ele. — De volta à armadilha.

— Você parece saber quem é, não? — Marie apanhou seus cigarros sobre a mesa. — É por isso que você foge, não é?

— A resposta para as duas perguntas é sim. — *O momento chegara. A mensagem fora enviada por Carlos. Sou Caim e você tem que me deixar. Vou perder você. Mas primeiro Zurique, e você tem que me entender.* — Esse artigo foi feito para me descobrir.

— Não vou discutir isso — ela o interrompeu deixando-o surpreso. — Tive bastante tempo para pensar nisso; eles sabem que esta evidência é falsa — e, assim, é ridícula. A policia de Zurique agora está à espera que eu entre em contato com a Embaixada do Canadá... — Marie parou, um cigarro apagado na mão. — Meu Deus, Jason, é isso que eles querem que façamos!

— Quem quer que entremos em contato?

— Quem nos enviou a mensagem. Sabem que não tenho outra escolha senão telefonar para a

Embaixada e obter a proteção do Governo canadense. Não havia pensado nisso porque eu já tinha falado antes com a Embaixada, com — como era mesmo o seu nome? — aquele Dennis Corbelier. E ele nada tinha a me dizer. Apenas fez o que lhe pedi para fazer, nada mais. Mas isso foi ontem, não hoje, não esta noite. — Marie dirigiu-se ao telefone na mesa de cabeceira.

Bourne levantou-se rapidamente da cadeira e segurou-a pelo braço. — Não — disse com firmeza.

— Por que não?

— Porque você está errada.

— Estou certa, Jason! Deixe-me provar isso.

Bourne pôs-se na sua frente. — Acho que é melhor você ouvir o que tenho a lhe contar.

— Não! — gritou ela, assustando-o. — Não quero ouvir nada. Não agora!

— Há uma hora, em Paris, era a única coisa que você queria ouvir. Ouça!

— Não! Há uma hora eu estava morrendo. Você tinha mudado de idéia e estava pronto para fugir Sem mim E agora sei que isso vai se repetir sempre até que tudo esteja terminado para você. Você ouve palavras, vê imagens e fragmentos de coisas que lhe vêm à memória e que não pode entender, mas só porque elas estão lá, na sua mente, você se condena. Sempre irá se condenar, até que alguém possa provar-lhe que não importa o que você foi... outros o usaram, e vão sacrificá-lo. Mas há também outra pessoa lá que quer ajudá-lo, ajudar-nos. Essa é a mensagem! Sei que estou certa. E quero provar isso para você. *Deixe-me*!

Bourne segurou-a pelos braços em silêncio, olhando para o seu rosto, o seu adorável rosto cheio de dor e esperança inútil, os olhos suplicantes. A terrível dor se espalhara por todo o seu corpo. Talvez fosse melhor assim; ela iria comprovar por si mesma, e o medo faria com que depois ela o ouvisse e entendesse. Não havia mais nada para eles. *Sou Caim*...

— Está bem, você pode telefonar, mas tem que ser feito do meu modo. — Soltou-a e foi até o telefone, discou para a portaria do Auberge du Coin. — Aqui é do quarto 341. Acabo de ter notícias de amigos de Paris; eles virão nos encontrar daqui a pouco. Vocês têm um quarto no corredor de baixo para eles? Ótimo. O nome é Briggs, um casal americano. Descerei e pagarei adiantado. Podem deixar a chave comigo? Esplêndido! Obrigado.

— O que está fazendo?

— Tentando provar uma coisa para você — disse ele. — Dê-me um vestido — continuou. — O mais longo que tiver.

— Se quer fazer o seu telefonema, vai fazer como estou lhe dizendo.

— Você está louco.

— Pode ser — disse ele — tirando na maia uma camisa e uma calça. — O vestido, sim?

Quinze minutos mais tarde, o quarto do senhor e da senhora Briggs, seis portas depois, do outra lado do corredor, estava pronto. As roupas estavam nos lugares certos, as luzes acesas, algumas não funcionavam porque as 1âmpadas haviam sido retiradas.

Jason voltou para o quarto; Marie estava perto do telefone. — Estamos prontos.

— O que você fez?

— O que eu queria fazer; o que tinha que fazer. Agora, pode telefonar.

— É muito tarde. E se ele não estiver lá?

— Acho que vai estar. Se não estiver, vão lhe dar o número do telefone da sua casa, O nome dele estava nas cadernetas de telefone em Ottawa; tinha que estar.

— Suponho que sim.

— Então ele será alcançado. Você se lembra do que eu lhe disse para comunicar?

— Sim, mas não tem importância; não é importante. Sei que não estou errada.

— Veremos. Diga apenas as palavras que lhe falei. Vou ficar ao seu lado, ouvindo. Em frente, vá!

Ela foi até o telefone e discou o número. Segundos depois, Dennis Corbelier estava na linha. Passavam quinze minutos de uma hora da manhã.

— Deus Poderoso, onde você está?

— Você esperava que eu lhe telefonasse, então?

— Oh, eu estava à espera, sim! Isto aqui está completamente virado. Estou aqui à espera do seu telefonema desde as cinco horas da tarde.

— Alan também estava. Em Ottawa.

— Que Alan? Do que você está falando? Onde você *está*?

— Primeiro quero saber o que você tem a me dizer.

— *Dizer* a você?

— Você tem uma mensagem para mim, Dennis. O que é?

— O que é o *quê*? Que mensagem?

O rosto de Marie ficou pálido. — Não matei ninguém em Zurique. Eu não faria...

— Então, pelo amor de Deus — interrompeu o adido —, venha *para cá*! Dar-lhe-emos toda a proteção que pudermos. Ninguém poderá lhe tocar aqui!

— Dennis, ouça-me! Você esteve esperando que eu lhe telefonasse, não é?

— Sim, é claro.

— Alguém lhe mandou esperar, não é verdade?

Uma pausa. Quando voltou a falar, a voz estava baixa. — Sim, ele mandou Eles mandaram.

— O que eles lhe disseram?

— Que você precisava da nossa ajuda. E muito.

Marie respirou aliviada. — E querem nos ajudar?

— Com nós — respondeu Corbelier — você está querendo dizer que ele está com você, então?

O rosto de Bourne estava perto do dela, a cabeça curvada para ouvir as palavras de Corbelier. Ele acenou com a cabeça.

— Sim — respondeu ela. — Estamos juntos, mas ele saiu por alguns minutos. É tudo mentira; eles lhe disseram isso, não é?

— Tudo o que disseram é que você devia ser descoberta e protegida. Eles *querem* ajudá-la: querem mandar um carro para buscá-la. Um dos nossos carros, da diplomacia.

— Quem são eles?

— Não os conheço pelo nome; mas não é preciso. Conheço-os pela posição.

— Posição?

— São especialistas, FS-Cinco. Não se consegue muito mais do que isso.

— Você confia neles?

— Meu Deus, sim! Procuraram-me por toda Ottawa. As ordens vêm de lá.

— Eles estão na Embaixada, agora?

— Não, estão num posto avançado. — Corbelier fez uma pausa, estava exasperado. — Jesus Cristo, Marie, onde você *está*?

Bourne acenou com a cabeça novamente e ela falou.

— Estamos no Auberge du Coin, em Montrouge. Sob o nome de Briggs.

— Vou mandar o carro para aí agora mesmo.

— Não, Dennis! — Marie protestou, olhando para Jason; os olhos dele diziam que continuasse a seguir as suas instruções.

— Mande um pela manhã. Logo de manhã cedo — daqui a quatro horas, se puder.

— Não posso fazer isso! É pelo seu próprio bem.

— Mas você tem que fazer; você não entende! Ele foi induzido a fazer algo e agora está com medo;

quer fugir. Caiu numa armadilha. Se ele soubesse que o chamei, estaria fugindo agora. Dê-me tempo. Posso convencê-lo a mudar de idéia. Algumas horas, apenas. Ele está confuso, mas no íntimo sabe que estou certa. — Marie disse essas palavras olhando para Bourne.

— Que espécie de filho da puta ele é?

— Alguém aterrorizado — respondeu ela. — Que foi manipulado. Preciso de tempo. Dê-me tempo.

— Marie.. .? — Corbelier parou. — Está bem, logo de manhã cedo. Digamos... lá pelas seis horas. E, Marie, eles querem ajudá-la. Eles *podem* ajudá-la.

— Sei. Boa noite.

— Boa noite.

Marie desligou o telefone.

— Agora, vamos esperar — disse Bourne.

— Não sei o que você quer provar. É claro que ele vai chamar o FS-Cinco, e é claro que eles vão aparecer aqui. O que você espera? Ele apenas admitiu o que ia fazer, o que pensa que deve fazer.

— E esses homens do corpo diplomático, esses FS-Cinco, são os que estão nos enviando a mensagem?

— Acho que eles nos levarão a eles. Ou se os que nos mandaram a mensagem estão muito longe, eles nos porão em contato com eles. Nunca estive muito certa de nada na minha vida profissional.

Bourne olhou para ela. — Espero que você esteja certa, por que é a sua vida que me preocupa. Se a evidência contra você em Zurique não for parte de nenhuma mensagem, se foi posta lá por especialistas para me descobrirem — se a polícia de Zurique acredita nisso — então realmente sou esse homem aterrorizado de que você falou a Corbelier. Ninguém quer tanto que você fique bem quanto eu. Mas acho que você não está bem.

As duas e três as luzes do corredor do hotel bruxulearam e se apagaram, deixando o longo corredor quase totalmente escuro. A luz que vinha da escada era a única fonte de iluminação. Bourne estava em pé, próximo à porta do quarto, a pistola na mão, as luzes apagadas, observando o corredor por uma fenda entre a porta e o batente. Marie estava atrás dele, espiando por cima do seu ombro. Nenhum dos dois falou.

Os ruídos dos passos eram abafados. Dois passos diferentes subiam a escada, o que era proposital, feito de forma casual. Em poucos segundos os vultos de dois homens podiam ser vistos aparecendo nas sombras. Marie engasgou-se e fez um ruído involuntário; Jason levantou a mão e fechou-lhe a boca com força. Ele entendeu; ela reconhecera um dos dois homens: era um homem a quem vira apenas uma vez. Em Zurique, na Steppdeckstrasse, minutos antes de um outro ter ordenado a sua execução. Era o homem louro que haviam mandado para o quarto de Bourne, o sentinela avançado que trouxeram a Paris para que identificasse o alvo que havia perdido. Na sua mão esquerda tinha uma pequena lanterna, na direita, um revólver de cano longo, com silenciador.

Seu companheiro era baixo, mais compacto, o andar parecia o passo de um animal, os ombros e a cintura se movimentavam em compasso com as pernas. As lapelas do sobretudo estavam levantadas, a cabeça coberta por um chapéu de aba larga, sombreando o rosto. Bourne olhou para ele, havia alguma coisa familiar naquele vulto, naquela figura, no jeito de andar, na postura da cabeça. O que era? O que era? Ele o conhecia.

Mas não havia tempo para pensar nisso; os dois homens estavam se aproximando da porta do quarto reservado em nome do Sr. e Sra. Briggs. O homem louro levantou a lanterna em direção aos números da porta, depois desceu o facho de luz para a maçaneta e a fechadura.

O que se seguiu foi uma impressionante amostra de eficiência. O homem atarracado segurava um

aro cheio de chaves na mão direita; selecionava uma chave específica para aquela fechadura. Na mão esquerda tinha uma arma com automática, não muito diferente da poderosa Sternlicht Luger usada pela Gestapo na Segunda Guerra Mundial. Uma arma que podia abrir paredes de concreto e cortar cercas de aço e cujo ruído parecia uma leve tosse reumática; a arma ideal para tirar inimigos das suas tocas à noite, em proximidades quietas, próximas de residências, sem precisar fazer nenhum distúrbio, apenas deixar que seja reconhecido um desaparecimento pela manhã.

O homem mais baixo inseriu a chave e girou-a em silêncio, depois virou o cano da arma para a fechadura. Três rápidas tosses acompanhadas de três raios de luz; a madeira da estrutura despregou alguns parafusos. A porta soltou-se e os dois matadores entraram.

Houve um momento de silêncio e, em seguida, uma erupção de tiros abafados e raios de fogo brancos faiscando no escuro. A Porta foi batida, mas não ficou fechada, voltando a abrir-se enquanto ruídos altos, de coisas quebradas e esbarrões, vinham do quarto. Em seguida, uma lâmpada foi acesa; logo depois um tiro fez com que ela estourasse e se arrebentasse no chão. Barulho de vidro quebrado. Um grito frenético saiu da garganta de um homem furioso.

Os dois matadores correram para fora, as armas levantadas, preparando-se para uma armadilha, espantados de que não houvesse nenhuma. Chegaram à escadaria e desceram correndo os degraus. Uma porta à direita do quarto invadido se abriu. Um hóspede insone apareceu na porta, espiou para fora e depois deu de ombros e voltou para dentro. O silêncio voltou ao corredor escuro.

Bourne ficou no lugar em que estava, parado, os braços em volta de Marie St. Jacques. Ela tremia, sua cabeça estava encostada no peito dele, soluçava em silêncio, histérica, sem poder acreditar. Deixou alguns minutos passarem, até que o tremor dela passasse um pouco e ela voltasse a respirar normalmente. Ele não podia esperar muito mais; ela tinha que ver com os próprios olhos. Ver tudo, a impressão seria indelével; ela precisava entender de um vez por todas. *Sou Caim. Sou a morte.*

— Venha — sussurrou ele.

Guiou-a para o corredor em direção à porta do quarto, segurando-a com firmeza. O quarto agora seria a sua última prova. Abriu a porta quebrada e entraram.

Ela parou, ficou imóvel, hipnotizada pela visão e cheia de repulsa pelo que via. Numa porta aberta do lado direito ela viu a silhueta de um vulto. A luz era pouca, só podia ver o seu contorno; e só depois que os olhos se ajustaram à mistura de escuridão e reflexos de luz, que vinham de fora, percebeu a figura de uma mulher com um vestido longo. O tecido se movimentava suavemente à brisa que vinha de fora, pela janela aberta.

Janela. Bem em frente estava uma outra figura, quase invisível; mas lá estava, sua forma era uma sombra apenas, obscura e quase indistinta, só contornada pela luz esmaecida que vinha da estrada. Também parecia se movimentar um pouco, um leve movimento do tecido — do braço.

— Oh, Deus! — disse Marie, gelada. — Acenda as luzes, Jason.

— Nenhuma delas está funcionando — respondeu ele. — Apenas as duas lâmpadas de cabeceira; uma eles encontraram. — Atravessou o quarto cuidadosamente e se aproximou da lâmpada, que estava no chão, perto da parede. Ajoelhou-se e acendeu-a. Marie estremeceu.

Dependurado na porta do banheiro, preso por pedaços de pano rasgados da cortina, estava o seu vestido longo, ondulando ao sopro de um vento que vinha do banheiro. Estava perfurado pelas balas.

Próximo à janela, um pouco mais longe, a camisa e calça de Bourne, que tinham sido presas à moldura de madeira, estavam com as mangas e as pernas dilaceradas, crivadas de bala. A brisa que entrava fazia com que o tecido se movimentasse. O pano branco da camisa estava perfurado em meia dúzia de lugares, uma linha diagonal de balas transpassando o peito.

— Esta é a sua mensagem — disse Jason. — Agora você sabe o que é. E agora acho que é melhor você ouvir o que tenho a lhe dizer.

Marie não respondeu. Caminhou devagar até o vestido, examinando como se não pudesse acreditar

no que via. E, inesperadamente, virou-se, os olhos faiscando as lágrimas já interrompidas. — Não! Está errado! Alguma coisa está terrivelmente errada! Telefone para a Embaixada!

— O quê?!

— Faça como digo. Agora!

— Pare, Marie. Você tem que entender.

— Não, que diabo! Você tem que entender! Não aconteceria desse jeito. Não pode.

— Mas aconteceu.

— Telefone para a Embaixada! Use este telefone aqui! Chame por Corbelier. *Rápido*, pelo amor de Deus! Se eu significo alguma coisa para você, faça o que estou lhe pedindo.

Bourne não podia se negar. A intensidade dela estava matando os dois, a ela e a ele. — O que lhe digo? — perguntou aproximando-se do telefone.

— Primeiro chame-o! É isso que receio, que... oh, Deus, estou assustada!

— Qual é o número?

Ela lhe deu o número, ele discou e esperou um longo tempo para ser atendido. Quando o foi, a telefonista estava em pânico, a voz se alteava e, alguns momentos depois, parecia incompreensível. No fundo ela podia ouvir gritos, ordens ríspidas dadas em inglês e em francês. Segundos depois, soube por quê.

Dennis Corbelier, o adido canadense, saíra da embaixada, na Avenida Montaigne, à 1h40min e enquanto descia os degraus do edifício, fora alvejado na garganta. Estava morto.

— Há outra parte na mensagem, Jason — sussurrou Marie, branca, olhando fixamente para ele. — E agora vou ouvir tudo o que você tem a dizer. Porque sei que existe alguém tentando entrar em contato com você, tentando ajudá-lo. Uma mensagem foi enviada, mas não para nós, não para mim. Apenas para você, e apenas você pode entendê-la.

22

Um por um os quatro homens chegaram ao repleto Hilton Hotel, na Rua Sessenta, em Washington, DC. Cada um tomou um elevador, descendo um ou dois andares acima ou abaixo do seu lugar de destino e fazendo a pé o resto do percurso. Não havia hora marcada para o encontro, fora dos limites do Distrito de Colúmbia; a crise era sem precedentes. Eram os homens da Treadstone Seventy One — os sobreviventes. Os demais estavam mortos, chacinados num massacre em uma rua quieta e flanqueada por árvores em Nova Iorque.

Dois dos rostos eram familiares ao público, um mais do que o outro. O primeiro era o do senador do Colorado; o segundo, era do General-de-Brigada I. A. Crawford — Irwin Arthur, apelidado de Iron Ass — reconhecido porta-voz dos dados G-2 para os bancos. Os outros dois homens eram desconhecidos, exceto nos corredores dos seus próprios andares de trabalho. Um era um homem de meia-idade, oficial naval, lotado no Controle de Informação, 5.° Distrito Naval. O quarto, e último, tinha quarenta e seis anos e era veterano da CIA. Homem esguio, de aparência irada, caminhava com a ajuda de uma bengala. Seu pé fora destroçado por uma granada no Sudeste da Ásia; fora agente secreto na Operação Medusa. Seu nome era Alexander Conklin.

Não havia uma mesa de conferência na sala; era um ambiente com duas camas, um sofá e duas poltronas, mais uma mesa de café. Um lugar estranho para encontro de tal importância! Não havia nenhum sistema de computadores para clarear telas escuras com letras verdes, nenhum equipamento eletrônico de comunicação que tivesse alcance em Londres, ou Paris ou Istambul. Era apenas um simples quarto de hotel, desprovido de tudo, menos das quatro mentes que detinham os segredos da Treadstone Seventy One.

O senador sentou-se no final do sofá, o oficial naval no outro extremo. Conklin se acomodou em uma poltrona, estendendo a perna rígida à sua frente, a bengala entre as pernas, enquanto o General-de-Brigada Crawford permaneceu de pé, o rosto afogueado, os músculos do maxilar pulsando de ira.

— Falei com o Presidente — disse o senador, esfregando a testa; a falta de sono era visível em seu rosto. — Tive que fazer isso; vamos nos encontrar hoje à noite. Digam-me tudo o que puderem, cada um de vocês, O senhor começa, general. Em nome de Deus, o que aconteceu?

— O Major Webb devia pegar o seu carro às 23h, na esquina das Ruas Lexington com Setenta e Dois. A hora chegou e ele não apareceu. Por volta das 23h30min o motorista começou a ficar preocupado por causa da distância até o aeroporto de Nova Jérsei. O sargento lembrou-se do endereço — principalmente porque lhe fora dito para esquecê-lo —, fez a volta e parou na porta. Os trincos de segurança tinham sido travados e a porta abriu-se com facilidade; todos os fios de alarme tinham sido cortados. Havia sangue no chão do *foyer*, uma mulher estava morta na escada. Foi até o fim do corredor, em direção à sala de operações, e encontrou os corpos.

— Esse homem merece uma promoção — disse o oficial naval.

— Por que diz isso? — perguntou o senador.

Crawford respondeu. — Teve a presença de espírito de chamar o Pentágono e insistir em falar apenas confidencialmente, com o pessoal interno. Especificou a freqüência do rádio, a hora e o lugar da recepção, e disse que tinha que falar com o emissário. Não disse uma palavra para ninguém até que o atendi ao telefone.

— Ponha-o na Escola de Guerra, Irwin — disse Conklin sorrindo entre dentes, uma das mãos na bengala — Ele é mais inteligente do que a maioria dos palhaços que você tem lá.

— Isso não apenas é desnecessário, Conklin — admoestou o senador —, mas claramente ofensivo.

Continue, por favor, general.

Crawford trocou olhares com o homem da CIA, — Telefonei para o Coronel Paul McQaren, em Nova Iorque, dei-lhe algumas ordens e disse-lhe para não fazer absolutamente nada até que eu chegasse. Depois telefonei para Conklin e George, que estão aqui, e voamos juntos.

— Chamei uns especialistas em impressões, de Manhattan — acrescentou Conklin. — Um bureau que já usamos antes e no qual podemos confiar. Não lhes disse o que estávamos procurando, mas lhes disse para investigar o lugar e me entregarem pessoalmente o que encontrassem. — O homem da CIA parou, levantando a bengala em direção ao oficial naval. — Depois, George lhes deu uma lista de vinte e sete nomes, todos os homens que sabíamos terem suas impressões nos arquivos do FBI. Vieram com a mostra que não esperávamos, não queríamos... nem acreditávamos que pudesse ser.

— As impressões de Delta — disse o senador.

— Sim — concordou o oficial naval. — Os nomes que lhes submeti eram de pessoas que — até mesmo remotamente — não deviam conhecer o endereço da Treadstone, inclusive, incidentalmente, todos nós. A sala fora completamente limpa de todos os traços; todas as superfícies, maçanetas e copos — exceto um. Era um copo quebrado, de brandy, apenas alguns poucos fragmentos em um canto por baixo da cortina, mas o suficiente. As impressões estavam lá: do terceiro dedo e do indicador da mão direita.

— Você tem toda certeza? — perguntou o senador, devagar.

— As impressões não podem mentir, senhor — disse o oficial. — Estavam lá, com um resto de brandy ainda grudado nos fragmentos. Fora dessa sala, DeIta é o único que conhece a Rua Setenta e Um.

— Podemos ter certeza absoluta disso? Os outros podem ter dito alguma coisa.

— Não há nenhuma possibilidade — interrompeu o general-de-brigada. — Abbott jamais o revelaria, e Elliot Stevens soube do endereço apenas quinze minutos antes de chegar lá, depois que nos telefonou de uma cabine. Além disso, presumindo o pior, ele não estaria querendo programar a sua própria execução.

— E o Major Webb — insistiu o senador.

— O major — respondeu Crawford — recebeu o endereço pelo rádio, dado por mim, no Aeroporto Kennedy. Como o senhor sabe, era uma freqüência especial, G-Dois. Quero lembrar- lhes, também, que ele perdeu a vida.

— Sim, é claro. — O idoso senador balançou a cabeça. — É inacreditável. *Por quê*?

— Gostaria de trazer à baila um assunto difícil — disse o General-de-Brigada Crawford. — De início eu não estava muito entusiasmado sobre o candidato. Entendi as razões de David e concordei que ele tinha qualificação, mas se os senhores se recordam, ele não foi uma escolha minha.

— Não sabia que tínhamos tantas possibilidades de escolha — disse o senador. — Tínhamos um homem — um homem qualificado, como vocês concordaram —, ansioso para ir em serviço confidencial por um período de tempo indeterminado, arriscando a própria vida todos os dias, e cortando todos os laços com o passado. Quantos desses homens já existiram?

— Devíamos ter encontrado um mais equilibrado, contrapôs o brigadeiro. — Enfatizei isso naquele tempo.

— Você enfatizou — corrigiu Conklin — a sua própria definição de homem equilibrado, que eu, naquele tempo, apontei como inepta.

— Nós dois estivemos na Medusa, Conklin — disse Crawford irado, mas contido. — Você não tem uma perspicácia assim tão exclusiva. O comportamento de Delta no campo era contínua e publicamente hostil ao comando. Eu estava em posição de observar esse comportamento mais claramente do que você.

— A maioria das vezes ele tinha todo o direito de ser hostil ao comando. Se você tivesse passado mais tempo no campo e menos em Saigon, iria entender isso. Como eu entendi.

— Pode surpreendê-lo — disse o brigadeiro, levantando a mão num gesto de trégua —, mas não estou defendendo as grosseiras imbecilidades que predominaram em Saigon, ninguém pode fazer isso. Estou tentando descrever um padrão de comportamento que podia ter levado ao que aconteceu na noite anterior à noite passada, na Rua Setenta e Um.

Os olhos do homem da CIA permaneceram em Crawford; a sua hostilidade desaparecera, enquanto ele fazia um gesto positivo com a cabeça. — Sei que sim. Desculpe. Esse é o ponto crucial de tudo, não é? Não é fácil para mim. Trabalhei com Delta em meia dúzia de setores, fui locado com ele em Phnom Penh antes que a Medusa fosse sequer uma centelha de luz nos olhos do Monge. Nunca voltou a ser o mesmo depois de Phnom Penh; por isso foi para a Medusa, por isso estava desejoso de se tornar Caim.

O senador inclinou-se para a frente, no sofá. — Ouvi isso, mas conte-me de novo. O Presidente tem que saber de tudo.

— Sua mulher e duas crianças foram mortas num píer do Rio Mekong, bombardeadas por um aeroplano que caiu à deriva — ninguém nunca soube de que lado era, a identidade nunca foi descoberta. Ele odiava aquela guerra, odiava todo mundo que fazia parte dela. Ele ficou fora de si. — Conklin fez uma pausa, olhando para o brigadeiro. — E acho que o senhor está certo, general. Ele ficou fora de si novamente. Estava nele.

— O que foi? — perguntou o senador repentinamente.

— A explosão, acho — disse Conklin. — Aquela maldita explosão. Ele foi além dos seus limites e o ódio tomou conta dele. Não é difícil, é preciso tomar muito cuidado. Ele matou aqueles homens, aquela mulher, como um louco em um delírio deliberado. Nenhum deles esperava aquilo, talvez a mulher na escada, sim. Provavelmente ela ouviu os gritos. Ele não é mais Delta. Ele agora criou um mito chamado Caim, que não é mais um mito, também. É realmente ele.

— Depois de tantos meses... — O senador encostou-se na poltrona, a voz mais baixa. — Por que voltou?De onde?

— De Zurique — respondeu Crawford. — Webb estava em Zurique, e acho que ele era o único que podia tê-lo trazido de volta. O "porquê" nunca saberemos, talvez ele esperasse ter-nos encurralado a todos lá.

— Ele não sabe quem somos — protestou o senador. — Seus únicos contatos eram com o Iatista, sua mulher e David.

— E Webb, é claro — acrescentou o general.

— É claro — concordou o senador. — Mas não na Treadstone, nem mesmo ele ia lá.

— Não importa — disse Conklin, batendo no tapete com a bengala. — Ele sabe que existe uma junta; Webb deve ter-lhe dito que todos estaríamos lá, esperando que realmente estivéssemos lá. Temos uma porção de perguntas — sobre esses últimos seis meses, e agora sobre muitos milhões de dólares. Delta poderia ter considerado isso a solução perfeita. Podia nos pegar e depois desaparecer. Sem deixar marcas.

— Por que está assim tão certo?

— Porque: primeiro, ele esteve lá — respondeu o homem do Serviço de Inteligência, elevando a voz. — Temos as suas impressões num copo de brandy que nem mesmo foi bebido até o fim. E, segundo, é uma armadilha clássica com algumas centenas de variações.

— Poderia explicar isso?

— Você permanece em silêncio — disse o general, olhando para Conklin — até que o seu inimigo não pode mais agüentar e se expõe.

— E nós nos tomamos o inimigo? Inimigo *dele*?

— Não há mais dúvidas quanto a isso, agora — disse o oficial naval. — Por qualquer razão, Delta

nos traiu. Já aconteceu antes — graças a Deus não muito freqüentemente. Sabemos o que fazer.

O senador mais uma vez se inclinou para a frente no sofá. — O que vão fazer?

— A sua fotografia nunca circulara antes — explicou Crawford. — Vamos fazê-la circular agora. Vamos mandá-la para todas as estações e postos de escuta, para todas as fontes e informantes que temos. Ele vai ter que ir a algum lugar, vai começar por um lugar que conhece, mesmo que seja apenas para comprar outra identidade. Vai gastar dinheiro; e logo será encontrado. E quando for, as ordens serão claras.

— Vocês cuidarão dele imediatamente?

— Nós o mataremos — disse Conklin simplesmente. — Não se pode dar uma oportunidade a um homem como Delta, e não se pode arriscar que um outro Governo faça isso. Não com tudo o que ele sabe.

— Não posso dizer ao Presidente uma coisa dessas. Existem as leis.

— Não para DeIta — disse o agente. — Ele está muito além das leis. Além de qualquer possibilidade de recuperação.

— Além...

— Isso mesmo, senador — interrompeu o general. — Além de recuperação. Acho que o senhor conhece o significado dessa frase. O senhor tem que tomar uma decisão, se deve ou não revelar ao presidente. Seria melhor...

— Você têm que explorar todas as *possibilidades* — disse o senador, interrompendo bruscamente o oficial. — Falei com Abbott na semana passada. Disse-me que havia uma estratégia em processo para localizar Delta. Zurique, o banco, a comunicação da Treadstone; tudo faz parte disso, não é?

— Faz, mas terminou — disse Crawford. — Se as evidências na Rua Setenta e Um foram suficientes para você, devia ter terminado. Foi dado um sinal bem claro para que Delta aparecesse. Ele não apareceu. O que mais você quer?

— Quero estar absolutamente convencido.

— Quero-o morto — as palavras de Conklin, embora ditas com calma, tiveram o efeito de uma tempestade repentina e fria. — Ele não apenas quebrou todas as regras a que nos propusemos — não importa quais —, mas cavou a sua própria sepultura. Ele fede; ele *é* Caim. Usamos tanto o nome Delta — nem usamos Bourne, mas Delta — que até acho que esquecemos. Gordon Webb era seu irmão. É preciso encontrá-lo. Matá-lo.

LIVRO III

23

Faltavam dez minutos para as três da manhã quando Bourne se aproximou da portaria do Auberge du Coin, enquanto Marie passava direto, indo esperá-lo na entrada. Para alívio de Jason, não havia jornais sobre o balcão. O funcionário, no entanto, tinha uma feição semelhante à do seu colega do Centro de Paris. Era um careca, de estrutura pesada, e estava com os olhos semicerrados, inclinado na cadeira, os braços cruzados em frente do corpo e a expressão cansada pela interminável noite que se arrastaria ainda à sua frente. Mas esta seria uma noite que ele se lembraria para sempre, pensou Bourne. E não apenas por causa dos danos feitos no quarto do andar de cima, que só seria descobertos pela manhã Um porteiro da noite, em Montrouge, devia possuir algum meio de transporte.

— Acabei de telefonar para Rouen — disse Jason, pondo as mãos sobre o balcão, desempenhando o papel de um homem irritado com os inesperados eventos do seu mundo pessoal. — Tenho que sair já e preciso alugar um carro.

— Por que não? — disse o homem entredentes, enquanto se levantava da cadeira. — O que o senhor prefere, *monsieur*? uma carruagem dourada ou um tapete mágico?

— Como?!

— Aqui alugamos quartos, não automóveis.

— Tenho que estar em Rouen antes do amanhecer.

— Impossível. A menos que encontre um táxi com um motorista bastante louco para estar rodando por aí a esta hora.

— Acho que você não me entendeu. Posso sofrer uma considerável perda de capital e muitos outros danos se não estiver em meu escritório amanhã de manhã, às oito horas. Estou disposto a pagar generosamente.

— O senhor tem um problema, monsieur.

— Decerto há alguém por aqui disposto a me emprestar o seu carro por digamos... mil, mil e quinhentos francos.

— Mil, *mil e quinhentos, monsieur*? — Os olhos semicerrados se arregalaram, esticando a pele do rosto. — Em dinheiro, *monsieur*?

— Naturalmente. A minha companheira o traria de volta amanhã à tarde.

— Não há pressa, monsieur.

— Como? É claro, não há nenhuma razão para eu não tomar um táxi. Também posso pagar pela confiança.

— Não sei onde arranjar *um* — interrompeu o porteiro, persuasivamente. — Por outro lado, o meu Renault não é novo e talvez não seja uma máquina rápida na estrada, mas é um bom carro, até mesmo precioso.

O camaleão mudou de cor novamente, tinha passado outra vez pelo que não era. Mas, agora, já sabia quem era, e compreendia.

Madrugada. Desta vez não estavam no quarto aquecido de uma hospedaria de vila: não havia papel de parede para ser respingado pela luz da manhã que invadia o quarto pela janela, nem folhagens do lado de fora para filtrar a claridade, os primeiros raios de sol se espalhavam, coroando o campo francês, delineando os campos e as montanhas de Saint-Germain-en-Laye. Estavam sentados no pequeno carro estacionado fora da estrada, na curva de uma rua deserta e distante. A fumaça em espiral dos cigarros saía pelas janelas parcialmente abertas.

Ele começara aquela primeira narrativa, na Suíça, com estas palavras: *Minha vida começou há seis meses, em uma pequena ilha do Mediterrâneo, chamada fie de Port Noir...*

Desta vez ele havia começado a narrativa com uma declaração direta e clara: *Sou conhecido como Caim.*

Contara tudo, não deixara nada do que pôde ter-se lembrado, inclusive as imagens terríveis que lhe haviam explodido na mente quando ouvira as palavras de Jacqueline Lavier, no restaurante iluminado por velas, em Argenteuil. Nomes, incidentes, cidades... assassinatos.

— Tudo se encaixava. Não havia nada que não soubesse, nada que não estivesse no fundo negro da minha memória, e tenasse fugir, escapar. Era a verdade.

— Era a verdade — repetiu Marie.

Ele olhou para ela. — Estávamos errados, não percebe?

— Talvez. Mas certos, também. Você estava certo e eu estava certa.

— A respeito do quê?

— De você. Tenho que repetir, calma e logicamente. Você me ofereceu a sua vida antes mesmo de me conhecer; isso não é uma decisão de um homem como esse que você descreveu. Se esse homem existiu, não existe mais. — Os olhos de Marie pareciam implorar; a voz estava calma e controlada. — Você mesmo disse, Jason. "O que um homem não pode se lembrar é porque não existe para ele." Talvez você deva encarar isso, olhar de frente. Pode fugir disso?

Bourne assentiu com a cabeça; o terrível momento chegara. — Sim — disse. — Mas sozinho. Não com você.

Marie tragou o cigarro, olhando para ele, a mão trêmula. — Compreendo. Esta é a sua decisão, então?

— Tem que ser.

— Você desaparecerá heroicamente para que eu não seja corrompida.

— É preciso.

— Obrigada, muito obrigada. Que espécie de gente você acha que é?

— O quê?

— Que *espécie* de gente acha que é?

— Sou o homem a quem chamam Caim. Sou procurado por muitos governos — pela polícia — desde a Ásia até a Europa. Alguns homens em Washington querem me matar pelo que acham que sei sobre essa Medusa; um assassino conhecido como Carlos quer me dar um tiro na garganta como recompensa pelo que eu lhe fiz. Pense nisso por um momento. Quanto tempo pensa que ainda posso continuar a fugir antes que alguém de um desses exércitos me encontre, arme uma cilada e me *mate*? É essa forma que você quer que a sua vida termine?

— Por Deus, não! — exclamou Marie. Alguma coisa muito óbvia surgira em sua mente analítica. — A minha intenção é apodrecer numa prisão suíça durante cinqüenta anos ou ser enforcada por coisas que não fiz em Zurique!

— Há uma forma de cuidar do que aconteceu em Zurique. Já pensei nisso, posso dar um jeito.

— Como? — Ela bateu o cigarro no cinzeiro.

— Pelo amor de Deus, que diferença faz? Uma confissão, entregando-me, ainda não sei, mas posso arrumar a sua vida de novo. *Tenho* que arrumá-la!

— Não dessa forma.

— Por que não?

Marie acariciou-lhe o rosto, a voz agora mais suave, a irritação do momento anterior tinha passado. — Porque novamente acabei de provar o meu ponto de vista. Até mesmo um homem condenado — e consciente da sua culpa — enxergaria isso. O homem chamado Caim jamais faria o que você acaba de fazer. Para ninguém.

— Sou Caim!

— Mesmo que eu seja: forçada a acreditar que você foi Caim, agora você não é mais.

— Uma tentativa de reabilitação? Uma lobotomia? Perda total da memória? Isso pode ser verdadeiro, mas não vai deter ninguém que está à minha procura. Não vai impedi-lo — ou impedi-los de puxar um gatilho.

— Esta é a pior parte, e ainda não consegui admiti-la.

— Então você não está olhando para os fatos.

— Estou considerando dois fatos que você parece ter rejeitado. Não posso. Vou viver com eles o resto da minha vida porque sou a responsável. Dois homens foram mortos com a mesma brutalidade porque se interpuseram entre você e uma mensagem que alguém tentava mandar-lhe. E através de mim.

— Você viu a mensagem de Corbelier. Quantas perfurações de bala havia lá? Dez, quinze?

— Então ele foi usado! Você o ouviu no telefone e eu também. Ele não estava mentindo; estava tentando nos ajudar. Se não estava tentando ajudá-lo, tentava ajudar-me, com toda certeza.

— É... possível.

— Tudo é possível. Não tenho respostas, Jason, apenas coisas dispersas, discrepâncias, coisas que não podem ser explicadas — mas que deviam ser esclarecidas. Você nunca, nem uma vez, demonstrou inclinação ou impulso para ser o que diz ter sido. E sem essas coisas um homem como o que você descreve não poderia existir. Ou, pelo menos, você não poderia ser *ele*.

— Sou ele.

— Ouça-me. Você me é muito caro, meu querido, e isso bem poderia me cegar, eu sei. Mas conheço-me muito bem. Não sou nenhum brotinho na flor da idade todo derretido; já vi muita coisa nesse mundo e costumo julgar com severidade e muito cuidado as pessoas que me atraem. Talvez para confirmar os meus próprios valores — e são valores. Meus, de mais ninguém. — Parou por um momento e desviou o olhar dele. — Vi um homem ser torturado — por ele mesmo e por outros — sem gritar. Você deve ter gritado silenciosamente, mas não permitiu que seus gritos fossem uma carga para os outros; só sua. Você sonda e escava e tenta entender. E isso, meu amigo, não faz parte da mente de um assassino com sangue-frio. Assim como o que você fez e quer fazer por mim não faz parte da mente de um criminoso. Não sei o que você foi antes, ou de que crimes se julga culpado, mas eles não são o que você acredita que sejam — o que os outros querem que você acredite que é. Isso me traz de volta aos valores dos quais falei. Sei por mim. Não poderia amar o homem que você diz ser. Amo o homem que sei que você é. E você acaba de confirmar que é este homem. Nenhum assassino faria o que você quer fazer. E essa oferenda, senhor, devo dizer-lhe, é respeitosamente rejeitada por mim.

— Você é uma tola! — explodiu Jason. — Posso ajudá-la; você não pode me ajudar! Deixe que eu faça *alguma* coisa, pelo amor de Deus!

— Não posso! Não dessa forma... De repente Marie ficou imóvel. Seus lábios se abriram. — Acho que acabo de fazer — disse, num sussurro.

— Fazer o quê? — perguntou Bourne, irritado.

— Alguma coisa por nós. — Ela virou-se para ele. — Acabei de mencionar uma coisa; uma coisa que já estava em minha mente há muito tempo: "O que os outros querem que você acredite..."

— Mas do que está falando?

— Sobre os seus crimes... que os outros querem que você acredite que são seus.

— Estão ligados a mim. São meus.

— Espere um minuto. E se eles estiverem na sua mente e não forem seus? Suponhamos que a evidência desses crimes tenha sido criada — com toda a perícia do que foi criado contra mim, em Zurique —, mas que pertença a uma outra pessoa. Jason, você não sabe quando perdeu a sua memória!

— Em Port Noir.

— Lá foi onde você começou a criar uma memória, não onde a perdeu. Antes de Port Noir. Isso

poderia explicar tudo. Não poderia explicar *você*, as contradições entre você e o homem que as pessoas pensam que você é.

— Você está errada. Nada podia explicar essas lembranças — as imagens — que estão na minha mente.

— Talvez você só se lembre do que lhe disseram — disse Marie. — Repetidas vezes. Até que sua memória fosse tomada por essas repetições. Fotografias, gravações, estímulos visuais e orais.

— Você está descrevendo um vegetal ambulante que sofreu uma lavagem cerebral. Não sou isto.

Ela olhou para ele e falou com calma. — Estou descrevendo um homem inteligente, muito doente, e cujo lastro mental foi conformado de acordo com a pretensão de outros homens. Você sabe que um homem assim pode ser encontrado com muita facilidade? Existem nos hospitais de todos os lugares, nos sanatórios particulares e nas enfermarias do Exército. — Fez uma pausa, depois continuou. — Aquele artigo de jornal continha outra verdade. Sou razoavelmente perita em lidar com computadores, qualquer um que exerça o meu trabalho costuma ser. Se eu estivesse à procura de uma linha-curva para incorporar fatores isolados, eu saberia como fazê-la. Fazendo a analogia, alguém poderia ter procurado um homem hospitalizado por amnésia e cujo lastro mental incorporasse habilidades especiais, línguas e características raciais. Os cadastros médicos disponíveis poderiam ter providenciado muitos candidatos. Talvez não existam tantos assim que estejam no seu caso; talvez alguns poucos, talvez apenas um. Mas era de apenas um homem que eles precisavam.

Bourne olhou para o campo, tentando abrir as portas de aço da sua mente, tentando encontrar um pouco da esperança que ela possuía. — O que está dizendo é que sou a reprodução de uma ilusão — ele disse.

— Este é o efeito final, mas não é o que estou dizendo. Estou querendo dizer que é possível que você esteja sendo manipulado. Usado. Isso explicaria muita coisa. — Ela segurou-lhe a mão. — Você sempre me diz que algumas vezes as coisas parecem querer explodir e sair de você — arrebentar a sua cabeça.

— Palavras — lugares, nomes — que puxam outras coisas.

— Jason, não é possível que elas engatilhem coisas falsas? Coisas que lhe foram repetidas muitas vezes e que você não pode reviver. Você não pode vê-las claramente porque elas não são você.

— Duvido. Vi o que sou capaz de fazer. Já fiz tudo isso antes.

— Talvez você tivesse feito por outras razões!... Que diabo! Estou lutando pela minha vida! Por *nossas* vidas!... Está bem! Você pode *pensar*, você pode *sentir*. Pense agora, sinta agora! Olhe para mim e diga que você já olhou bem para o seu interior, para dentro de você, dos seus pensamentos e sensações, e que sabe, sem nenhuma dúvida, que você é este assassino chamado Caim! Se pode fazer isso, faça, *de verdade*, e depois me leve de volta para Zurique, aceite a culpa por tudo e saia da minha vida! Mas se não pode, fique comigo e deixe-me ajudá-lo. E me ame, pelo amor de Deus! Me *ame*, Jason.

Bourne segurou-lhe a mão com firmeza, como se segura a mão de uma criança trêmula e nervosa. — Não é uma questão de sentir ou pensar. Vi a conta no Gemeinschaft; os depósitos são antigos. E correspondem a todas as coisas que percebi.

— Mas essa conta, essas entradas, podem ter sido criadas ontem, na semana passada, ou há seis meses. Tudo o que você ouviu e leu sobre você mesmo podia fazer parte de alguma coisa projetada por aqueles que desejam que você tome o lugar de Caim. Você *não* é Caim, mas querem que você pense que é, e querem que os outros pensem também. Mas tem alguém por lá que sabe que você não é Caim e está tentando lhe dizer isto. Também tenho a minha prova. O meu amante está vivo, mas dois amigos meus estão mortos porque se colocaram entre você e quem lhe mandou a mensagem. Alguém que está tentando lhe salvar a vida. Eles foram mortos pelas mesmas pessoas que querem sacrificar você pan Carlos, no lugar de Caim. Você disse antes que tudo se encaixava. Não se encaixava, Jason. Mas isto se

encaixa! Isto explica você.

— Um abrigo oco que nem mesmo possui as lembranças que tem? Com demônios correndo lá dentro e chutando as paredes? Não é uma apresentação muito agradável.

— Não são demônios, meu querido. São partes de você — raiva, fúria, e gritos para se libertarem, porque não pertencem ao abrigo que você lhes deu.

— E se eu quebrar este abrigo, o que vou encontrar?

— Muitas coisas. Algumas boas, outras más, muitas delas já bem machucadas. Mas Caim não vai estar lá, juro-lhe. Acredito em você, meu querido. Por favor, não desista.

Ele manteve-se a distância, uma parede de vidro fora erigida entre eles. — E se estivermos errados? Reconhecidamente errados? O que vai acontecer?

— Daí então deixe-me. Ou mate-me. Não me importa.

— Eu a amo.

— Eu sei. É por isto que não tenho medo.

— Descobri dois números de telefone no escritório de Lavier; o primeiro é de Zurique, o outro é daqui de Paris. Com um pouco de sorte eles podem me levar ao único número que preciso.

— Nova Iorque? Treadstone?

— Sim. A resposta está lá. Se eu não sou Caim, alguém por lá deve saber quem sou.

Voltaram para Paris supondo que estariam menos expostos se estivessem em meio àquela multidão de pessoas, mais bem- escondidos do que em uma hospedagem do interior, isolada. Um homem louro, com óculos de aros de tartaruga, e uma mulher muito bonita, mas de rosto sério, sem maquilagem, os cabelos presos, como uma séria estudante da Sorbonne, não pareciam muito deslocados em Montmartre. Alugaram um quarto no Terrasse, na Rua de Maistre, registrando-se como casados em Bruxelas.

No quarto, ficaram imóveis por uns momentos, nenhuma palavra era necessária para o que cada um sentia. Depois, se aproximaram, abraçando-se, afastando o mundo ofensivo que lhes recusava a paz, que os mantinha em equilíbrio precário sobre arames esticados, próximos um do outro, mas em cima de um profundo abismo. Se um dos dois caísse, seria o fim de ambos.

Bourne não podia mudar, por enquanto, a cor do seu cabelo. Ficaria falso, e não havia lugar para artifícios. — Precisamos de descanso — disse. — Precisamos dormir um pouco. Vamos ter um dia cheio.

Amaram-se. Gentilmente, plenamente, em meio ao calor e conforto da cama. Houve um momento, um momento tolo em que o ajuste dos corpos em determinado ângulo era vitalmente necessário, e riram. Foi um riso calmo, no início um pouco embaraçoso. Mas a observação fora feita, a apreciação daquela tolice era intrínseca a algo muito profundo entre eles. Abraçaram-se com mais força e intensidade quando o momento passou, mais e mais imbuídos em afastar os terríveis ruídos e suspiros do mundo escuro que os mantinha girando conforme a direção dos ventos. Estavam, de repente, irrompendo daquele mundo, mergulhando em outro muito melhor, onde a luz do sol e o azul das águas tomavam o lugar da escuridão. E corriam para ele febrilmente, furiosamente, até irromperem em seu interior, encontrando-o.

Exaustos, adormeceram com os dedos entrelaçados.

Bourne acordou primeiro, consciente das buzinas e do barulho dos motores no trânsito de Paris, lá embaixo, nas ruas. Olhou para o relógio, passavam dez minutos de uma hora. Haviam dormido quase cinco horas, provavelmente muito menos do que precisavam, na verdade, mas fora suficiente. Ia ser um dia intenso. Fazendo o que, ele ainda não sabia, sabia apenas que havia dois números de telefone que deviam levá-lo a um terceiro. Em Nova Iorque.

Virou-se para Marie, que respirava profundamente ao seu lado, o rosto — aquele rosto adorável —

próximo à beirada do travesseiro, os lábios abertos, perto dos dele. Beijou-a e ela estendeu os braços em sua direção, os olhos ainda fechados.

— Você é um sapo e vou transformá-lo num príncipe — disse ela com voz de sono. — Ou é o contrário?

— Isso não está no meu atual sistema de referência.

— Então tem que continuar a ser um sapo. Pule, sapinho. Mostre-me como se pula.

— Sem tentações. Só pulo quando como moscas.

— Sapos comem moscas? Acho que sim. Que horror. É horrível!

— Vamos lá, abra os olhos. Temos que começar a pular. Temos que começar a caçar.

Ela piscou e olhou para ele. — Caçar para quê?

— Para mim — disse ele.

Em uma cabine de telefone da Rua Lafayette, pediram uma chamada para um número em Zurique em nome de um Sr. Briggs. Bourne pensou que Jacqueline Lavier não teria perdido tempo em distribuir os seus alarmes; um deles já devia ter chegado a Zurique.

Quando ouviu a campainha tocar na Suíça, Jason afastou-se e entregou o aparelho a Marie. Ela sabia o que dizer.

Mas nem teve tempo de dizer nada. A telefonista internacional, em Zurique, entrou na linha.

— Sentimos muito, mas o número chamado não consta mais da lista.

— Mas estava funcionando há poucos dias — reclamou Marie. — É uma emergência, telefonista. Tem outro número?

— O telefone não está mais funcionando, madame. Não existe outro número.

— Talvez eu lhe tenha dado o número errado. É muito urgente. Podia me dar o nome de quem possuía este telefone?

— Sinto muito, mas isto não é possível.

— Estou lhe dizendo, é uma emergência! Posso falar com o seu chefe? Por favor?

— Ele não poderia ajudá-la. Este numero pertence a uma lista não-publicada. Boa tarde, madame.

A linha foi desligada. — Foi desligado — disse ela.

— Levou muito tempo para descobrir isso — respondeu Bourne, olhando para os lados. — Vamos sair daqui.

— Você acha que podem nos localizar? Aqui, em Paris? Em um telefone público?

— Em três minutos o centro telefônico pode ser localizado e o distrito determinado. Em quatro, podem reduzir os quarteirões em número de doze apenas, depois fica fácil localizar.

— Como sabe?

— Quisera poder dizer-lhe. Vamos.

— Jason. Por que não esperamos aqui perto, escondidos, para observar?

— Porque não sei o que devo observar, e eles sabem. Eles devem ter uma fotografia, podem avisar os homens de toda essa área.

— Mas não estou parecida com a foto dos jornais.

— Não, você. Eu. Vamos!

Caminharam depressa entre o fluxo e refluxo da multidão rrante, até chegarem ao bulevar Malesherbes, dez quarteirões de onde estavam. Outra cabine telefônica. Esta seria uma ligação diferente, sem o auxílio da telefonista, pois era para Paris. Marie entrou na cabine com as moedas na mão e discou o número. Estava bem-preparada.

Mas as palavras que lhe chegaram aos ouvidos a deixaram completamente atônita:

— *La résidence du Général Villiers. Bonjour?... Allô? Allô?*

Por um momento Marie ficou paralisada, incapaz de falar. Ficou olhando espantada para o

aparelho. — Je m'excuse — sussurrou. — Une erreur. — E desligou.

— O que foi? — perguntou Bourne, abrindo a porta de vidro. — O que aconteceu? Quem era?

— Não faz sentido — disse ela. — É da casa de um dos homens mais poderosos e respeitáveis da França.

24

— André François Villiers — repetiu Marie, acendendo um cigarro. Haviam voltado para o quarto no Terrasse, para pensar um pouco sobre aquelas coisas, tentar absorver aquela espantosa informação. — Pertence a Saint-Cyr, é herói da Segunda Guerra Mundial, uma lenda da Resistência, e, até o seu atrito com a Argélia, era o herdeiro de De Gaulle. Jason, ligar esse homem com Carlos é simplesmente inacreditável.

— Mas a ligação existe. Acredite-me.

— É muito difícil. Villiers é um homem honrado, da velha guarda francesa, tem uma linhagem familiar que começou no século dezessete. Hoje é um dos deputados da Assembléia Nacio- nal — politicamente mais direitista do que Carlos Magno, para ser franca —, mas é um homem da lei-e-do-direito do Exército. É como fazer uma ligação entre Douglas MacArthur e um chefe da Máfia. Não faz sentido.

— Então vamos procurar algum sentido. Qual foi a causa do atrito com De Gaulle?

— A Argélia. No começo dos anos sessenta, Villiers fazia parte da OAS — era um dos coronéis argelianos sob o comando de Salan. Opuseram-se aos acordos de Evian, que deram inde pendência à Argélia, acreditando que ela pertencia, por direito, à França.

— Os coronéis loucos da Argélia — disse Bourne, como tantas outras palavras e frases que dizia sem saber por quê.

— Isso tem algum significado para você?

— Deve ter, mas não sei o que é.

— Pense — disse Marie. — Por que os "coronéis loucos" deviam sensibilizá-lo? Qual é a primeira coisa que lhe vem à mente? Rápido!

Jason olhou para ela, desamparado; depois as palavras saíram: — Bombardeamentos... infiltrações. *Provocateurs*. Foram estudados; os mecanismos foram estudados.

— *Por quê*?

— Não sei.

— São decisões baseadas no que se descobre?

— Acho que sim.

— Que espécie de decisões? O *que* foi decidido?

— Rupturas.

— O que isto significa para você? Rupturas.

— Não sei! Não posso pensar!

— Está bem... está bem. Voltaremos a isso outra hora.

— Não há tempo. Vamos voltar a Villiers. Depois da Argélia, o que aconteceu?

— Houve uma reconciliação, até certo ponto, com De Gaulle. Villiers nunca esteve diretamente implicado com o terrorismo, e o seu registro militar assim o exigia. Ele voltou para a França — foi muito bem-vindo, realmente — como lutador de uma causa perdida, mas respeitável. Reassumiu o seu comando, elevando-se ao posto de general, antes de entrar para a política.

— É um político atuante, então?

— É mais um porta-voz. Um estadista respeitado. É ainda um militarista ativo, ainda fica exaltado com as reduzidas forças militares da França.

— Howard Leland — disse Jason. — Aí está a sua conexão com Carlos.

— Como? Por quê?

— Leland foi assassinado porque interferiu na questão dos incrementos de armas para exportação, no Quai D'Orsay. Não precisamos de mais nada.

— Parece incrível, um homem como ele... — A voz de Marie sumiu, ela estava chocada com a lembrança. — O filho dele foi morto. Foi um caso político, há cerca de cinco ou seis anos

— Conte-me.

— Seu carro explodiu na Rua du Bac. Saiu em todos os jornais do mundo. Ele era um político trabalhista e, como o pai, um conservador, fazendo oposição aos socialistas e comunistas em todas as eleições. Era membro jovem do Parlamento, obstrucionista dos programas de despesas do Governo, mas na verdade muito popular. Era um aristocrata muito charmoso.

— Quem o matou?

— Segundo as especulações, fanáticos comunistas. Ele conseguira bloquear algumas leis favoráveis à extrema esquerda. Depois da sua morte, eles se dividiram e a legislação conseguiu passar. Muitos pensam que foi por isso que Villiers deixou o Exército e ficou na Assembléia Nacional. É por isso que é tão improvável, tão contraditório. Afinal, o filho dele foi assassinado; o que se pode deduzir disso é que ele não teria nenhum relacionamento com um assassino.

— E tem mais uma coisa. Você disse que ele foi muito bem-vindo em Paris porque nunca esteve *diretamente* implicado com o terrorismo.

— Se esteve — interrompeu Marie — foi escondido. Eles são muito mais tolerantes com as causas passionais por aqui, pois aqui negócios de Estado e de cama estão ligados. E ele era um legítimo herói, não se esqueça disso.

— Mas uma vez terrorista, sempre terrorista, não se esqueça disso.

— Não posso concordar. As pessoas mudam.

— Não em relação a algumas coisas. Nenhum terrorista se esquece do quanto foi eficiente; eles vivem disso.

— Como você sabe?

— Não estou muito certo de querer me fazer esta pergunta agora.

— Então não a faça.

— Mas *estou* certo a respeito de Villiers. Vou me encontrar com ele. — Bourne foi até a mesa de cabeceira e pegou a lista telefônica. — Vejamos se ele está na lista ou se esse número é particular. Vou precisar do endereço dele.

— Você não vai chegar perto dele. Se ele é um contato de Carlos, estará bem vigiado. Eles o matarão na hora; eles têm a sua fotografia, lembra-se?

— Isso não vai ajudá-los. Não serei o que eles procuram. Aqui está, Villiers, A. F. — Parc Monceau.

— Ainda não posso acreditar nisso. Se ela soubesse, essa Lavier, para quem estava telefonando, teria ficado em estado de choque.

— Ou assustada. A ponto de fazer qualquer coisa.

— Não lhe parece estranho que ela tivesse este número?

— Não nas circunstâncias atuais. Ele quer que os seus boca-moles saibam que não está brincando. Ele quer Caim.

Marie ficou de pé. — Jason? O que é um "boca-mole"?

Bourne levantou os olhos para ela. — Não sei... Alguém que trabalha para uma pessoa cegamente.

— Cego? Sem ver?

— Sem saber. Pensando que está fazendo uma coisa quando, na verdade, está fazendo outra.

— Não entendo.

— Digamos, eu lhe peço para vigiar um carro em determinada esquina. O carro nunca aparece, mas o fato de você estar lá é um sinal para alguém que a está vigiando de que alguma coisa aconteceu.

— Aritmeticamente, uma mensagem que não pode ser rastreada.

— Sim, acho que sim.

— Foi o que aconteceu em Zurique. Walther Apfel foi um "boca-mole". Comunicou aquela história sobre o roubo sem saber o que realmente estava dizendo.

-Q

— Você estava sendo informado de que devia procurar alguém a quem conhece muito bem.

— Treadstone Seventy One — disse Jason. — Voltamos a Villiers. Carlos me encontrou em Zurique através do Gemeinschaft. Isto quer dizer que ele devia saber tudo sobre o Gemeinschaft. E, portanto, devia saber tudo sobre a Treadstone. Isso quer dizer que Villiers também deve saber. Se não souber, pode haver uma forma de procurar se informar para nós.

— Como?

— Seu nome. Se ele é tudo o que você diz, ele deve preservar-se muito bem. O honorável da França tendo ligação com um porco como Carlos. Isto deve ter algum efeito. Ameaçá-lo-ei de ir à polícia, aos jornais.

— Ele simplesmente negará tudo. Dirá que é um ultraje.

— Deixe dizer. Não é. Esse era o seu número no escritório de Lavier. Além disso, qualquer desmentido viria na mesma página da informação de sua morte.

— Mas você ainda tem que procurá-lo.

— Vou. Sou um pouco camaleão, lembra-se?

A rua ladeada de árvores em Parc Monceau parecia-lhe de alguma forma familiar; não que antes tivesse passado por ali. Ao contrário, era a atmosfera. Duas filas de casas bem-cuidadas, de pedra, as portas e janelas brilhantes, ferragens reluzentes, escadarias muito bem-lavadas, e as salas iluminadas deixando à mostra as plantas de ornamento. Era uma rua habitada por pessoas de alto poder aquisitivo, em um bairro de alta classe. Sabia que já estivera em um bairro assim antes e que isso tinha significado alguma coisa na sua vida.

Eram 19h35 mm. Uma noite fria de março. O céu estava limpo e o camaleão vestido para a ocasião. Os cabelos louros de Bourne estavam cobertos por um boné, o pescoço encoberto pela gola levantada da jaqueta, que tinha impresso nas costas o nome de uma agência de correios. Sobre o ombro, as alças de couro de uma mochila quase vazia. Estava no fim de um dia de trabalho, entregando as últimas correspondências. Tinha ainda duas ou três paradas para fazer, talvez quatro ou cinco, se achasse necessárias. Na hora saberia. Os envelopes não eram, na realidade, envelopes. Eram anúncios de publicidade oferecendo os prazeres do Bateaux Mouche, que ele retirara do saguão de um hotel. Selecionaria uma série de casas próximas à residência do General Villiers e colocaria as brochuras nas caixas de correspondência. Seus olhos captariam tudo o que vissem; procurava, acima de tudo o mais, uma coisa apenas: que espécie de segurança teria Villiers? Quem guardava o general e quantos estavam por lá?

E porque estava convencido de que encontraria alguns homens dentro de carros e outros caminhando em seus postos, ficou atônito ao perceber que não havia ninguém. André François Villiers, um militarista, porta-voz da sua causa, a conexão mais importante de Carlos, não tinha nenhum serviço de segurança externo. Se tinha alguma proteção, ela se concentraria apenas dentro de casa. Considerando a grandiosidade do seu crime, Villiers era um arrogante a ponto de ser assim descuidado, ou então um tolo.

Jason subiu os degraus de uma residência vizinha; a porta de Villiers não estava a mais de vinte pés de distância. Colocou a brochura na caixa, olhando para as janelas da casa de Villiers, procurando um rosto, um vulto. Não havia nada.

A porta, próxima dali, de repente se abriu. Bourne se agachou, enfiou a mão dentro da jaqueta,

procurando a arma, e pensando que ele fora um tolo, alguém mais observador do que ele o enxergara. Mas as palavras que ouviu lhe diziam o contrário. Um casal de meia-idade — uma governanta uniformizada e um homem vestido com um paletó escuro — conversava na porta.

— Veja bem se os cinzeiros estão limpos — disse a mulher. — Você bem sabe que ele detesta cinzeiros sujos.

— Ele dirigiu esta tarde — respondeu o homem. — Isso quer dizer que devem estar completamente entulhados.

— Limpe-os na garagem; você tem bastante tempo. Ele não vai descer antes de dez minutos. Precisa chegar a Nanterre só às oito e meia.

O homem assentiu com a cabeça, levantando a lapela de sua jaqueta enquanto descia os degraus. — Dez minutos — disse casualmente.

A porta se fechou e o silêncio voltou à rua tranqüila. Jason se levantou, pôs a mão no gradil, vendo o homem descer os degraus com pressa em direção à calçada. Não tinha muita certeza de saber onde ficava Nanterre, sabia apenas que era um subúrbio de Paris. E se Villiers estava indo para lá, dirigindo o carro, não havia razão para adiar o confronto.

Bourne trocou a alça da mochila de ombro e desceu rapidamente as escadas, virando à esquerda na calçada. Dez minutos.

Jason olhou pela janela para a porta aberta, o General-de-Exército André François Villiers apareceu. Era de estatura média, entroncado, homem de sessenta e poucos anos, quase setenta, talvez. Estava sem chapéu, tinha o cabelo cortado rente, já grisalho, e uma barba branca, meticulosamente cuidada. Sua postura era visivelmente militar, impunha o corpo no espaço, conquistando-o como se estivesse quebrando muros invisíveis que iam ruindo à sua passagem.

Bourne olhou bem para ele, fascinado, tentando imaginar que insanidade poderia ter levado um homem daqueles a ingressar no obsceno mundo de Carlos. Quaisquer que fossem as razões, tinham que ser muito poderosas, porque ele era poderoso. E isso o tomava perigoso — porque ele era respeitado e ouvido por seu Governo.

Villiers virou-se e falou com a governanta, olhando para o relógio. A mulher fez um sinal com a cabeça, depois fechou a porta, enquanto o general descia bruscamente os degraus e dava a volta no sedã, entrando no lugar do motorista. Deu a partida e começou a rodar lentamente. Jason esperou até que o sedã chegasse na esquina. Ele virou à direita. Então, Jason acelerou devagar o seu Renault, tirando-o do meio-fio. Chegou à esquina a tempo ainda de ver Villiers virar à direita novamente.

Havia uma certa ironia na coincidência, um certo presságio para quem acredita em tais coisas. A rota que o General Villiers escolheu para contornar o subúrbio de Nanterre incluía uma extensão de rua afastada, fora da cidade, do lado do campo, quase idêntica àquela em Saint-Germain-en-Laye, onde, doze horas atrás, Marie implorara a Jason que não se entregasse — ou a sua vida ou a dela. Havia alguns pedaços de terra pan pastagem de gado, campos que se fundiam nas montanhas; mas o lugar não era coroado pela luz da manhã. A luz vinha da lua fria que iluminava a terra. Ocorreu a Bourne que esta extensão da estrada, isolada e silenciosa, poderia ser um lugar tão bom quanto qualquer outro para interceptar o general na volta.

Não seria difícil para Jason segui-lo à distância de um quarto de milha. De repente surpreendeu-se ao perceber que praticamente estava atrás do velho soldado. Villiers diminuíra a marcha e dobrava para um atalho de cascalho que saía do bosque. Lá ao longe uma área de estacionamento estava iluminada. Uma placa estava pendurada por duas correntes em um poste alto: L'ARBALÉTE. o general ia se encontrar com alguém, para jantar, em um restaurante de beira de estrada, não no subúrbio de Nanterre, mas ali por perto. No campo.

Bourne passou pela entrada e estacionou do lado de fora; o lado direito do carro estava encoberto pelas folhagens. Tinha que pensar novamente; tinha que se conter. Havia um fogo queimando-lhe a mente; queimando e crescendo, se espalhando. Estava diante de uma oportunidade extraordinária.

Considerando os vários eventos — o grande embaraço experimentado por Carlos na noite passada, no motel de Montrouge, era possível que André Villiers tivesse sido chamado a um restaurante afastado para um encontro de emergência. Talvez até mesmo com o *próprio* Carlos. Se fosse este o caso, os arredores estariam guardados e um homem, cuja fotografia fora distribuída para esses mesmos guardas, seria imediatamente morto com um tiro logo que reconhecido. Por outro lado, a chance de observar de perto um núcleo pertencente a Carlos — ou o próprio Carlos — era uma oportunidade que nunca mais lhe seria dada. Tinha que entrar no L'ARBALÉTE. Era uma compulsão dentro dele; tinha que correr o risco. Qualquer risco. Era uma loucura! Mas ele não era mesmo são. Tanto quanto o era um homem que possuía memória. Carlos. *Encontrar Carlos! Deus do céu, por quê?*

Sentiu a arma no cinto; estava seguro. Saiu do carro e vestiu o sobretudo, cobrindo a jaqueta de letras nas costas. Pegou um chapéu de aba estreita que estava no assento, feito de tecido macio, e encobriu os cabelos. Depois tentou se lembrar se usava os óculos de aro de tartaruga quando a fotografia foi tirada, em Argenteuil. Não, não estava; ele os havia tirado à mesa, quando aquelas pontadas sucessivas começaram a atravessar a sua cabeça, trazidas por palavras que lhe falavam de um passado muito familiar, muito assustador para olhar de frente. Os óculos estavam no bolso da camisa, caso precisasse deles. Travou a porta e avançou pelo bosque.

A luz que vinha dos refletores do restaurante atravessava as árvores e ficava cada vez mais forte à medida que as folhagens iam rareando. Bourne chegou à beira da curta passagem que saía do bosque; o caminho de cascalho ia dar na área de estacionamento. Saiu do lado do rústico restaurante. Uma fileira de pequenas janelas cobria toda a extensão do edifício, a luz trêmula de velas iluminava os vultos do outro lado do vidro, os vultos dos freqüentadores. Seus olhos se desviaram para o segundo andar — a área não tinha o comprimento do primeiro andar, só a metade, o lado de trás era um terraço aberto. A parte fechada, no entanto, parecia igual à do primeiro andar. Uma fileira de janelas, um pouco mais largas talvez, mas uma ao lado da outra, e todas iluminadas por velas. Alguns vultos estavam passando por lá, mas eram diferentes dos freqüentadores do primeiro andar.

Eram homens. Estavam em pé, movimentando-se casual- mente, os copos nas mãos, enquanto a fumaça dos cigarros subia em espirais acima das suas cabeças. Era impossível dizer quantos eram — mais de dez, menos de vinte, talvez.

Lá estava ele, indo de um grupo para outro, a barba branca era um sinal fácil de identificar, desviando-se de lá para cá, constantemente interceptado pelos vultos que estavam perto das janelas. O General Villiers tinha, sem dúvida alguma, vindo até Nanterre para um encontro, e as circunstâncias favoreciam uma reunião para discutir as falhas que permitiam que um homem chamado Caim ainda estivesse vivo.

As circunstâncias. Que circunstâncias? Onde estavam os guardas? Quantos eram e onde ficavam os seus postos? Mantendo-se por trás das árvores, Bourne chegou-se à frente do restaurante, puxando para baixo alguns ramos e galhos das folhagens, em silêncio, os pés andavam sobre a vegetação rasteira. Ficou imóvel, tentando encontrar homens escondidos entre as folhagens ou nas sombras do edifício. Não encontrou nenhum e afastou-se um pouco do caminho, até alcançar os fundos do restaurante.

Uma porta se abriu, a luz saiu forte para fora, e um homem de paletó branco apareceu. Ficou parado por um instante, as mãos em concha, tentando acender um cigarro. Bourne olhou para a esquerda, para a direita e para cima, em direção ao terraço; ninguém apareceu. Se um guarda estivesse por ali, teria ficado alarmado pela luz repentina tão próxima da sala de reunião. Não havia nenhum

guarda lá fora. A proteção estaria — como devia estar na casa de Villiers em Parc Monceau — dentro do próprio edifício.

Outro homem apareceu na porta, também vestindo um paletó branco mas com o chapéu de chefe de cozinha. Sua voz soou irada, falava em um dialeto francês da Gasconha. — Enquanto você mija, nós suamos! O carrinho de massas está quase vazio. Encha-o. Agora, seu filho da puta!

O homem das massas virou-se e deu de ombros; amassou o cigarro e entrou, fechando a porta. A luz desapareceu; havia apenas o clarão do luar, suficiente para iluminar o terraço. Não havia mais ninguém por lá, nenhum guarda patrulhando as largas portas duplas que davam para a sala.

Carlos. Encontrar Carlos. Tocaiar Carlos. Caim é para Charlie, e Delta é para Caim.

Bourne calculou a distância e os obstáculos. Não estava a mais de quarenta pés dos fundos do edifício, a dez ou doze do gradil que rodeava o terraço. Havia dois respiradouros na parede de fora, saía vapor dos dois e, ao lado deles, um cano de escoamento que alcançava o gradil. Se pudesse escalar o cano e conseguisse se segurar em um dos respiradouros, poderia agarrar-se em uma das grades da sacada e pular para dentro do terraço. Mas não podia fazer nada disso com aquele sobretudo. Tirou-o, deixando-o no chão, com o chapéu em cima. Cobriu-os com grama. Em seguida, avançou correndo pelo chão de cascalho até chegar perto do cano.

No escuro, forçou o metal; estava bem-preso. Tentou alcançar o cano o mais alto que pôde, depois pulou, agarrando-se firmemente, com os pés grudados à parede, pondo um na frente do outro, até que seu pé esquerdo ficou paralelo ao primeiro respiradouro. Segurando-se bem, conseguiu escorrega o pé para a cavidade do respiradouro e dar um impulso para cima. Já estava próximo do gradil; mais um impulso e alcançaria a balaustrada.

A porta se abriu de repente, embaixo dele, a luz branca se espalhou pelo cascalho, iluminando o bosque. Um vulto saiu lá de dentro tropeçando, tentando manter o equilíbrio, seguido pelo chefe de chapéu branco, que gritava.

— Seu mijão! Você está bêbado, é isso! Passou toda a noite bêbado! Deixou cair massa pela sala de jantar toda. Que sujeira! Saia; não vou lhe dar nem um centavo!

A porta se fechou. Jason segurou-se no cano, os braços e os pés doíam, filetes de suor escorriam-lhe da testa. O homem lá embaixo cambaleou de volta, fazendo gestos obscenos com a mão direita para o chefe, que não estava mais lá. Levantou os olhos para a parede e deu com o rosto de Bourne. Jason segurou a respiração quando seus olhos se encontraram; o homem olhou espantado, depois piscou e olhou de novo. Balançou a cabeça, fechou os olhos, depois arregalou-os bem em direção à sua visão, mas sem muita certeza do que via. Afastou-se um pouco, escorregou para a frente e arrancou num passo lento; obviamente concluíra que a visão na parede era resultado do seu excesso de trabalho. Virou no canto do prédio, um homem em paz com sua consciência por ter rechaçado a tolice que assaltara seus olhos.

Bourne voltou a respirar novamente, deixando que seu corpo despencasse contra a parede para poder descansar um pouco. Mas só por um momento; a dor do calcanhar passara para o pé, era um início de câimbra. Deu um impulso com o corpo e agarrou-se com a mão direita à barra de ferro que formava a base do gradil, e depois também com a mão esquerda. Ajudando-se com os joelhos, foi subindo pela parede lentamente, até que sua cabeça estivesse acima da beirada do terraço. Estava vazio. Jogou a perna direita para cima, balançou o corpo e pulou por cima do gradil.

Era um terraço usado para jantares na primavera e no verão; o chão era de ladrilho e acomodava umas quinze mesas. No centro da parede, separando a parte fechada do terraço aberto, estavam as portas duplas que vira do bosque. Os vultos lá dentro estavam agora todos imóveis, parados. Por um instante, Jason ficou imaginando se não fora acionado algum alarme — se não estavam à sua espera. Ficou imóvel com a mão na arma, preparado; mas nada aconteceu. Então, aproximou-se da parede, encostado às

sombras, e foi se chegando, de costas contra a parede, às portas. Devagar foi aproximando a cabeça do vidro da porta, olhando para dentro.

O que viu era hipnotizante e assustador. Os homens estavam alinhados — em três filas separadas, quatro homens em cada uma — de frente para André Villiers, que lhes dirigia a palavra. Eram ao todo treze homens, doze não apenas de pé e imóveis mas ouvindo com toda a atenção o que lhes era dito. Eram homens já de certa idade; todos antigos soldados. Nenhum estava uniformizado; nas lapelas estavam presas as fitas e cores regimentais, encimadas por condecorações por valor e mérito. Esses homens estavam acostumados ao comando — ao poder. Isto estava estampado em seus rostos, nos olhos, na forma como ouviam o seu interlocutor — respeitosa mas não cegamente, fazendo um sério julgamento do que ouviam. Seus corpos eram velhos, mas havia uma energia vigorosa que se desprendia deles. Havia muita energia naquela sala. Este era o aspecto mais amedrontador. Se esses homens pertencessem a Carlos, as forças do assassino não apenas estavam longe de serem desmanteladas, mas eram ainda extraordinariamente perigosas. Porque estes não eram homens comuns, eram soldados profissionais, já bem-escolados. A menos que estivesse completamente equivocado, pensou Bourne, a profunda experiência e possibilidade de influência que pairavam naquela sala eram espantosas.

Os loucos coronéis da Argélia — o que restara deles? Homens conduzidos por lembranças de uma França que não existia mais, de um mundo que se acabara, trocado por outro, que achavam frágil e ineficiente. Tais homens podiam muito bem fazer um pacto com Carlos, apenas pelo poder que isto lhes conferia. Lutar. Atacar. Matar. Decisões de vida ou morte que uma vez já tinham feito parte da sua estrutura de trabalho revividas agora por uma força que podia servir as causas que acreditavam ínviaveis. Uma vez terrorista sempre terrorista. E o assassinato era o centro do tenor.

O general estava elevando a voz; Jason tentou ouvir as palavras através do vidro. Elas vieram claras.

"... a nossa presença será sentida e o nosso propósito entendido. Estamos juntos em nossos postos, e eles são irremovíveis. Seremos ouvidos! Em memória de todos aqueles que caíram — nossos irmãos de túnica e artilharia —, que ofereceram as suas vidas pela glória da França. Forçaremos o nosso amado país a se lembrar, e a se fortalecer pela força dos seus nomes, sem ser deles um lacaio! Os que se opõem a nós conhecerão a nossa ira. Nisto, também estamos unidos. Rezamos a Deus Poderoso para que os que se foram antes de nós encontrem paz, porque nós ainda estamos vivendo em conflito... Cavalheiros: entrego-lhes a Nossa dama — a nossa gloriosa França!"

Seguiram-se ruídos de aprovação, os velhos soldados em posição de sentido. E, em seguida, outra voz se elevou, cantando melodiosamente, e depois acompanhada pelas demais.

Allons enfants de la patrie,

Le jour de gloire est arrivé...

Bourne virou-se, nauseado com o que vira. Perda de vidas em nome da glória; a morte dos camaradas caídos evocando outras mortes. Era exigido; e se isso significava um pacto com Carlos, que assim fosse.

O que o perturbava tanto? Por que de repente era acometido por sentimentos de raiva e futilidade? O que desencadeara aquela revolta que sentia tão fortemente? Já sabia. Odiava homens como André Villiers, desprezava todos aqueles homens. Eram velhos que tinham feito as guerras e roubado as vidas dos jovens... e das crianças.

Por que as névoas o envolviam novamente? A dor era tão aguda! Não havia tempo para perguntas, nem forças para tolerálas. Teve que afastar da mente a dor e se concentrar em André François Villiers, guerreiro e senhor da guerra, cujas causas eram antigas, pertenciam ao ontem, mas cujo pacto com um assassino chamava a morte hoje.

Encurralaria o general. Quebrá-lo-ia. Faria com que dissesse tudo o que sabia e, depois, provavelmente o mataria. Homens como Villiers roubavam a vida dos jovens e das crianças. Não mereciam viver. *Estou dentro do meu labirinto novamente. E as paredes estão cheias de espinhos encravados. Oh,*

Deus, como eles ferem.

Jason pulou por cima do gradil e foi-se abaixando até alcançar o cano; todos os seus músculos doíam. A dor também tinha que ser apagada. Ainda tinha que chegar a um trecho deserto da estrada e, no clarão do luar, armar uma emboscada para um irmão da morte.

25

Bourne ficou à espera no Renault, a duzentas jardas do restaurante, com o motor ligado, preparado para acelerar e passar na frente tão logo avistasse Villiers. Alguns já haviam deixado o restaurante, todos em carros separados. Os conspiradores nunca apregoavam a sua sociedade e aqueles velhos eram conspiradores no sentido mais lato da palavra. Haviam trocado todas as honras adquiridas pela convivência letal da arma de um assassino e sua organização. A idade e a inclinação tirara-lhes a razão, mesmo porque haviam passado sua vidas roubando a vida dos outros... dos jovens e das crianças.

O que é isso? Por que esta idéia não me deixa? Alguma coisa muito terrível está enterrada em seu interior, lá no fundo, tentando sair, tentando me matar. O medo e a culpa me atravessam... mas por que e para que, não sei. Por que esses velhos encanecidos me provocam tais sentimentos de medo e culpa... e repugnância?

Eles representam a guerra. A morte. Tanto na terra quanto no céu. No céu... a morte vinda do céu. Ajude-me, Marie. Pelo amor de Deus, ajude-me!

Lá vinha. Os faróis apareceram na estrada, o longo chassi escuro iluminado pelos faróis. Jason permaneceu com os faróis apagados enquanto saía do escuro. Acelerou até chegar à primeira curva, acendeu os faróis e apertou o acelerador até o fim. Aquele ponto isolado da estrada estava próximo, tinha que chegar lá bem depressa.

Passavam de dez minutos das onze horas. Como há três horas, a linha dos campos ia acabar nas montanhas, iluminadas pelo clarão da lua agora no centro do céu. Chegou; *conseguiu* chegar. O acostamento era largo, margeando as pastagens; os dois automóveis poderiam portanto se afastar da estrada, O objetivo imediato, no entanto, era fazer com que Villiers parasse o carro. O general era velho mas não frágil; se a tática levantasse suspeitas, ele entraria pelo campo e escaparia. Tudo era uma questão de tempo e de conjugar o inesperado no momento próprio.

Bourne manejou o Renault para fazer o retorno, esperando que as luzes dos faróis aparecessem a distância. Em seguida acelerou, virando a direção violentamente para a direita e para a esquerda. O automóvel adernou de um lado para o outro na estrada — era um motorista que perdera a direção do seu carro, incapaz de controlá-lo em linha reta mas, ainda assim, em alta velocidade.

Villiers não teve outra escolha; diminuiu a marcha, enquanto Jason acelerava em sua direção. Então, subitamente, quando os dois carros não estavam a mais de vinte pés de uma colisão, Bourne virou a direção para a esquerda, freando e derrapando, os pneus cantando. Parou, abriu a janela e elevou a voz em um grito indeterminado. Meio grito, meio exclamação; podia ser a explosão de um homem doente, de um bêbado, mas não era assustador. Colocou a mão na moldura da janela e ficou em silêncio, agachado no assento, a arma no colo.

A porta do sedã se abriu; ele espiou através da direção. O velho não estava armado, aparentemente; e não parecia suspeitar de nada; estava apenas aliviado por ter sido evitada uma batida. O general caminhou na frente dos faróis até a janela do Renault, gritando ansiosamente, num francês interrogativo, que devia usar no seu comando do Saint-Cyr.

— O que significa isto? O que pensa que está fazendo? Você está bem? — Segurou-se na janela.

— Sim, mas o senhor não está — respondeu Bourne em inglês, levantando a arma.

— O quê... — O velho engasgou, permanecendo de pé, ereto. — Quem é você e o que significa isto?

Jason saiu do Renault, com a mão esquerda em cima do cano da arma. — Fico contente em saber que entende e fala fluentemente o inglês. Ande de volta para o seu carro e ponha-o para fora da estrada.

— E se me recusar?

— Matá-lo-ei agora mesmo. Não precisa muito para me provocar.

— Estas palavras são das Brigadas Vermelhas? Ou do ramo parisiense do Baader-Meinhof?

— Por quê? Poderia dar-lhes uma contra-ordem, se fossem?

— Eu cuspiria neles! E em você também!

— Ninguém jamais duvidou de sua coragem, general! Agora ande para o seu carro.

— Não é uma questão de coragem! — disse Vililers sem se mexer. — É uma questão de lógica. Você nada ganha se me matar e multo menos ainda se me seqüestrar. Às minhas ordens são firmes e compreendidas inteiramente pelo meu quadro de auxiliares e pela minha família. Os israelenses estão absolutamente certos: não pode haver qualquer negociação com os terroristas. Use sua arma, seu sujo! Ou então suma daqui!

Jason olhou bem para o velho soldado. De repente, estava completamente aturdido, incerto, mas não estava com vontade de se deixar enganar. Eram os olhos furiosos do homem que o olhava fixamente. Um nome completamente imundo combinado com outro inflado de honras dadas pela sua nação causaria um outro tipo. de explosão; ele poderia ver nos olhos do velho.

— Lá, no restaurante, o senhor disse que a França não podia ser lacaia de ninguém. Mas um general da França tornou- se lacaio de alguém. O General André Villiers, um mensageiro de Carlos, contato de Carlos, militante de Carlos, lacaio de Carlos.

Os olhos furiosos cresceram nas órbitas, se arregalaram, mas não da forma que Jason esperava. A fúria se transformou em ódio, não em choque, nem histeria, mas em repúdio profundo. A mão de Villiers foi em direção ao rosto de Jason, num golpe rápido e preciso, doloroso. Mais uma bofetada brutal; a força da pancada fez com que Jason caísse, O velho se adiantou, bloqueado pelo cano da arma, mas sem nenhum medo, sem se deixar inibir pela sua presença, preocupado apenas em infligir uma punição. Os golpes se sucediam, dados por um homem possesso.

— Porco! — gritou Villiers. — Canalha, seu porco sujo! Imundo!

— Eu atiro! Eu o mato! Pare! — Mas Bourne não podia puxar o gatilho. Estava encostado contra o cano, os ombros esmagados contra a capota. E o velho continuava a atacar, socando-o com as mãos.

— Mate-me se for capaz — se tiver a ousadia! Sujo! *Canalha*!

Jason jogou a arma no chão, levantou os braços para desviar os golpes de Villiers. Segurou o pulso direito do velho, depois o esquerdo, agarrando o braço que estava levantado, pronto para outro golpe, como uma espada. Torceu os dois com violência, forçando Villiers a se curvar, fazendo com que o velho soldado ficasse imóvel. Os rostos dos dois estavam próximos, o peito do velho soldado voltando à posição ereta.

— Está querendo .me dizer que não é um homem de Carlos? Nega isso?

Villiers avançou de novo, tentando livrar-se de Bourne, arremetendo o forte tórax contra Jason. — Eu o insulto! *Animal*!

— Que diabo, sim ou não?

O velho cuspiu no rosto de Bourne, os olhos estavam em fogo, mas turvados, banhados em lágrimas. — Carlos matou o meu filho — disse num sussurro. — Matou o meu único filho na Rua du Bac. A vida do meu filho voou pelos ares com cinco cartuchos de dinamite na Rua du Bac!

Jason foi lentamente reduzindo a pressão dos dedos. Respirando pesadamente, falou tão calmamente quanto podia.

— Ponha o seu carro no campo e fique lá. Precisamos conversar, general. Está acontecendo algo que o senhor não sabe; é melhor descobrirmos o que é.

— *Nunca*! É impossível! Não pode ser!

— Mas é — disse Bourne, sentado com Villiers no assento da frente do seu sedã.

— Um incrível engano deve ter sido cometido! Você não sabe o que está dizendo!

— Nenhum engano — e sei o que estou dizendo, porque eu mesmo encontrei o número. Não é apenas o número certo, mas é um magnífico esconderijo. Ninguém em sã consciência iria ligá-lo a Carlos, especialmente à luz da morte recente do seu filho. Sabe-se que é um assassinato de Carlos?

— Eu preferiria usar uma linguagem diferente, monsieur.

— Sinto muito. Mas é necessário.

— Sabe-se? Entre a Sûreté, sim, por certo. Entre es grupos do Serviço de Inteligência do Exército e na Interpol também, certamente. Li os relatórios.

— O que diziam?

— Presumiam que Carlos fez um favor aos seus amigo do tempo mais radical. A ponto de permitir que eles mesmos ficassem com o crédito do seu ato, embora em silêncio. Foi uma morte politicamente motivada, compreende? Meu filho foi sacrificado como exemplo para os outros que também se opunham aos fanáticos.

— Fanáticos?

— Os extremistas estavam tentando formar uma falsa coligação com os socialistas, fazendo promessas que não tinham nenhuma intenção de cumprir. Meu filho entendeu isso perfeitamente; fez uma campanha contra e iniciou uma legislação para bloquear o alinhamento. Foi morto por isso.

— É por isso que o senhor se retirou do Exército e candidatou-se às eleições?

— Com todo o meu coração. Em geral é o filho que dá continuidade ao trabalho do pai... — O velho fez uma pausa, a luz da lua iluminou-lhe a face fatigada. — Nesta questão, é do direito do pai dar continuidade ao trabalho do filho. Ele não era um soldado, nem eu sou um político, mas conheço bem armas e explosivos. As causas que ele defendia foram moldadas na sua consciência por mim, a sua filosofia refletia a minha própria, e foi morto por causa disso. A minha decisão foi clara. Eu levaria adiante a nossa crença para a arena política e deixaria que os seus inimigos lutassem contra mim; foi o que resolvi fazer. O soldado estava bem-preparado para eles.

— Mais do que apenas um soldado, deduzo.

— O que quer dizer?

— Aqueles homens lá no restaurante. Tinham cara de administrarem a metade do Exército francês.

— Eles já fizeram isso, *monsieur*. Já foram conhecidos antes como os jovens comandantes irados de Saint-Cyr. A República era corrompida, os militares, incompetentes, a Maginot, uma piada. Se tivessem cuidado disso tudo, a França não teria caído. Tornaram-se os líderes da Resistência; lutaram contra Boche e Vichy por toda a Europa e Âfrica.

— O que fazem agora?

— A maioria vive de pensões, muitos ainda são obcecados pelo passado. Pedem à Virgem que isso não se repita. Em muitas áreas, no entanto, vêem que tudo está começando a se repetir. O Exército está reduzido a um espetáculo fora de moda. Os comunistas e socialistas, na Assembléia, estão sempre desgastando a força de tudo. O aparato de Moscou está começando a se formar; nada muda com o passar das décadas. Uma sociedade livre está pronta para a infiltração e, uma vez que isso aconteça, as mudanças não param até que essa sociedade é refeita em outros moldes. A conspiração impera em todos os lados; essa situação não pode continuar assim invencível.

— Isto seria visto por alguns como puro extremismo, também.

— Pelo quê? Sobrevivência? Resistência? Honra? Tudo isso é muito anacrônico para você?

— Não acho. Mas bem posso imaginar uma porção de danos cometidos sob esses nomes.

— As nossas filosofias diferem, e não me importo em discuti-las. Você me perguntou sobre os meus companheiros e lhe dei a resposta. Agora, por favor, de onde vem esta incrível desinformação sua? É impressionante. Você não sabe o que é perder um filho, ter um filho morto estupidamente.

A dor volta e não sei por quê. Dor e vazio, um vácuo no céu... do céu. A morte no céu e vinda do céu. Jesus, como

isso dói! Isso. O que é isso?

— Posso ser solidário — disse Jason segurando o pulso para deter o súbito tremor. — Mas é uma história que se encaixa.

— Nem por um segundo! Como você disse, ninguém em sã consciência poderia me ligar a Carlos, ainda menos ele, aquele porco assassino. É um risco que ele não aceitaria. É inimaginável.

— Exatamente. E é por isso mesmo que o senhor está sendo usado; por que é uma coisa inimaginável. O senhor é o perfeito receptor para as suas instruções.

— Impossível! Como?

— Alguém que usa o seu telefone está em contato direto com Carlos. Devem ser usados códigos, algumas palavras para que esta pessoa atenda ao telefone. Provavelmente quando o senhor não está lá. Possivelmente até mesmo quando o senhor está. O senhor mesmo atende ao telefone?

Villiers franziu a testa. — Na verdade, não. Não este número. Tenho que evitar muitas pessoas, e tenho uma linha particular.

— Quem a atende?

— Em geral a governanta ou o seu marido, que é mordomo e motorista ao mesmo tempo. Foi meu motorista durante os meus últimos anos no Exército. Ou então minha mulher, é claro. Ou minha secretária, que geralmente trabalha no meu escritório em casa; é minha assistente há vinte anos.

— Quem mais?

— Ninguém mais.

— Empregadas?

— Nenhuma permanente; quando há necessidade são contratadas por serviço. Temos mais fortuna no nome Villiers do que nos bancos.

— Faxineiras?

— Duas. Vêm duas vezes por semana e nem sempre são as mesmas.

— É melhor vigiar o seu chofer e a sua assistente.

— Que disparate! A lealdade deles está acima de qualquer suspeita.

— A de Brutus também estava, e César era bem mais poderoso.

— Você não pode estar falando sério!

— Mas estou falando sério. É melhor acreditar em mim. Tudo o que lhe contei é verdade.

— Mas você não me contou muita coisa, não é? O seu nome, por exemplo.

— Não é necessário. Saber o meu nome iria apenas magoá-lo.

— Em que sentido?

— Na hipótese remota de que eu esteja errado quanto ao posto na sua casa — embora esta possibilidade não exista.

O velho assentiu com a cabeça, do jeito que os velhos costumam fazer quando repetem as palavras que os surpreendem a ponto de os deixarem descrentes. Seu rosto se movimentava para baixo e para cima à luz da lua. — Um homem sem nome me tocaia em uma estrada à noite, me mostra uma arma e me faz acusações obscenas — uma coisa tão vil que tive vontade de matá-lo —, e ele espera que eu aceite a sua palavra. A palavra de um homem sem nome, que me é desconhecido, sem me oferecer nenhuma credencial, a não ser que Carlos está à sua procura. Diga-me, por que eu deveria acreditar em um homem destes?

— Porque sim — respondeu Bourne. — Ele não teria nenhuma razão para lhe procurar se ele não acreditasse que era verdade.

Villiers olhou para Jason. — Não, há uma razão melhor. Há pouco tempo você me salvou a vida. Jogou sua arma de lado e não atirou em mim. E podia. Facilmente. No entanto, escolheu me implorar para conversarmos.

— Acho que não lhe implorei.

— Estava em seus olhos, meu jovem. Sempre aparece nos olhos. E geralmente na voz, mas deve-se ouvir com cuidado. A súplica pode ser fingida, a raiva não. Ou é real ou é apenas aparência. A sua raiva era real... como a minha. — O velho fez um gesto em direção ao pequeno Renault, que estava próximo, no campo. — Siga-me de volta para Parc Monceau. Poderemos conversar mais em meu escritório. Eu juraria por minha vida que você está errado, mas você mesmo me disse que César estava cego pela falsa devoção. E ele realmente tinha muito mais poder do que eu.

— Se eu entrar naquela casa e alguém me reconhecer, sou um homem morto. E você também.

— A minha assistente saiu logo depois das cinco horas, hoje à tarde; o motorista, como você o chama, se retira o mais tardar às dez horas, para assistir interminavelmente à sua televisão. Você me espera lá fora, enquanto entro e examino. Se tudo estiver normal, chamo-o; se não, volto e saio. Então, siga-me de novo. Vou parar em algum lugar e depois continuaremos.

Jason examinou Villiers bem de perto, enquanto ele falava. — Por que quer que eu o siga de volta para Parc Monceau?

— Para onde mais? Acredito no choque de um confronto inesperado. Um deles está deitado na cama vendo televisão num quarto do terceiro andar. E há outra razão. Quero que minha esposa ouça o que você tem a dizer. Ela é a mulher de um velho soldado e tem antenas para coisas que geralmente escapam ao oficial de campo. Confio muito na percepção dela; ela pode reconhecer algum comportamento diferente se o ouvir.

Bourne tinha que dizer aquilo. — Embosquei-o fingindo ser outra coisa; o senhor pode me armar uma emboscada fingindo ser outra coisa. Como posso saber que Parc Monceu não é uma armadilha?

O velho não hesitou. — Você tem a palavra de um general da França, só isso. Se não lhe é suficiente, pegue sua arma e saia.

— É suficiente — disse Bourne — Não por ser a palavra de um general, mas porque é a palavra de um homem cujo filho foi morto na Rua du Bac.

A volta para Paris pareceu mais longa para Jason. Lutava com as imagens novamente; imagens que lhe faziam suar, sentir dor. A dor começara a surgir nas têmporas e descia para o peito, formando um nó em seu estômago — intensas pontadas agudas, ele tinha vontade de gritar.

Morte no céu... vinda do céu. Não no escuro, mas à luz do sol ofuscante. Sem ventos que cortassem meu corpo levando-o para uma escuridão mais intensa, para o silêncio e o mau cheiro da floresta... das margens dos rios, O silêncio seguido pelo grasnido dos pássaros e o súbito ruído de engrenagens de máquinas. Pássaros... máquinas caindo do céu ao sol ofuscante. Explosões. Morte. Do jovem e da criança.

Chega! Pare com isso! Segure a direção! Concentre-se na estrada, não pense! O pensamento é muito doloroso e você não sabe por quê.

Entraram na rua ladeada de árvores em Parc Monceau. Villiers estava um pouco à frente, com um problema inexistente há poucas horas: agora, havia uma porção de carros estacionados na rua.

Havia, no entanto, um espaço vazio do lado esquerdo, na frente da casa do general, um espaço onde caberiam os dois canos. Villiers pôs a mão para fora da janela, fazendo sinal para Jason aproximar-se dele.

Súbito aconteceu. Os olhos de Jason foram desviados para uma luz que saía da porta, iluminando de repente duas figuras; o reconhecimento de uma delas foi tão surpreendente e incomum que ele se viu puxando a arma do cinto.

Seria uma armadilha? A palavra de um general francês seria assim tão falsa?

Villiers manobrava o seu sedã para estacioná-lo. Bourne virou-se no assento, olhando em todas as direções; não havia ninguém chegando ou aparecendo, ninguém vinha ao seu encontro. Não era uma

armadilha. Era alguma coisa diferente, e devia fazer parte de alguma trama que o velho soldado desconhecia.

Do outro lado da rua, na escadaria da casa de Villiers, estava uma mulher ainda bastante moça — uma mulher exuberante. Falava depressa, fazia alguns gestos ansiosos para um homem que estava parado em um dos degraus e que constantemente assentia com a cabeça, como se estivesse aceitando instruções. Esse homem era o telefonista da Les Classiques, de cabelos grisalhos, boa aparência. O homem cujo rosto Jason conhecia tão bem, e mesmo assim não conhecia. O rosto que desencadeara tantas outras imagens na sua cabeça... imagens violentas e dolorosas como as que o haviam dilacerado há meia hora.

Mas tinha uma diferença. Este rosto lhe trazia de volta a escuridão e os ventos torrenciais da noite, explosões que se faziam ouvir uma após outra, ruídos de tiroteio ecoando pelas miríades de túneis da floresta.

Bourne desviou o olhar da porta e olhou para Villiers pela janela da frente. O general apagara os faróis e estava prestes a sair do carro. Jason soltou a embreagem e deixou o carro rodar para a frente até encostar no pára-choque do sedã. Villiers virou-se no assento.

Bourne apagou a luz dos faróis e acendeu a luz de dentro do carro. Depois levantou a mão — com a palma. para baixo — duas vezes, avisando ao velho soldado que ficasse onde estava. Villiers fez um sinal com a cabeça e Jason apagou a luz.

Olhou de novo para a porta. O homem descia os degraus, mas foi interrompido por uma última ordem da mulher. Bourne podia vê-la claramente agora. Estava próxima dos quarenta, tinha cabelos curtos e escuros, um corte bem-moderno, emoldurando um rosto bronzeado pelo sol. Era uma mulher alta, escultural; na realidade, uma figura fina, a linha dos seios acentuada pela fazenda transparente do vestido longo e branco, muito bem–talhado que lhe acentuava a pele bronzeada. Se fazia parte da casa, Villiers não a mencionara. Talvez uma visita que sabia quando ir à casa do velho; era uma estratégia para deixar informações e ir buscá-las. Isso significava que tinha um contato lá na casa de Villiers. O velho devia conhecê-la, mas não muito bem.

O telefonista de cabelos grisalhos fez um último sinal com a cabeça, desceu os degraus e atravessou rapidamente o quarteirão. A porta fechou-se, as lanternas do jardim iluminavam a escada deserta e a porta de madeira ornada com ferragens reluzentes.

Por que aqueles degraus e aquela porta significavam alguma coisa para ele? Imagens. Realidade irreal.

Bourne desceu do Renault, vigiando as janelas, atento a qualquer movimento de cortina, mas não houve nada. Foi até o carro de Villiers, a janela da frente estava abaixada, o rosto do general virado, as suas grossas sobrancelhas arqueadas em curiosidade.

— Pelos céus, o que está fazendo? — ele perguntou.

— Lá, na sua casa — disse Jason, agachando-se na calçada. — O senhor viu o que eu vi?

— Acho que sim. E dai?

— Quem era a mulher? O senhor a conhece?

— Meu Deus! Claro que sim. É a minha mulher.

— A sua mulher? — O choque de Bourne estampou-se no rosto. — Pensei que o senhor disse... pensei que o senhor disse que ela era uma mulher *idosa*. Que o senhor queria que ela me ouvisse porque, com o tempo, o senhor aprendera a respeitar o seu julgamento. Sobre assuntos de campo, o senhor disse. Foi isso o que o senhor *disse*.

— Não exatamente. Eu disse que ela era a mulher de um velho soldado E eu realmente respeito muito o seu julgamento. É a minha segunda mulher — a minha bem mais jovem segunda mulher — mas tão devotada quanto a minha primeira, que morreu há oito anos.

— Oh, meu Deus...

— Não deixe que nossas diferenças de idade o afetem. Ela tem orgulho e é feliz em ser a segunda

Madame Villiers. Tem-me sido uma grande ajuda na Assembléia.

— Sinto muito — sussurrou Bourne. — Cristo, sinto muito.

— O que há? Você a confundiu com outra pessoa? As pessoas quase sempre fazem isso; ela é uma mulher e tanto! Tenho muito orgulho dela. — Villiers abriu a porta do carro, enquanto Jason ficou de pé na calçada. — Espere aqui — disse o general — vou entrar e examinar tudo; se estiver normal, abro a porta e faço-lhe um sinal. Se não estiver, volto para o carro e iremos para outro lugar.

Bourne ficou imóvel em frente de Villiers, impedindo que o velho avançasse. — General, tenho que perguntar-lhe uma coisa. Nem sei como fazer a pergunta, mas sei que devo fazê-la. Disse-lhe que encontrei o número do seu telefone em um posto que servia de comunicação para Carlos. Não lhe disse onde era este posto, só lhe disse que foi confirmado por alguém que admitiu que passava mensagens de e para contatos de Carlos. — Bourne respirou profundamente, os olhos vagaram para a porta do outro lado da rua. — Agora tenho que lhe fazer uma pergunta e, por favor, pense bem antes de me responder. A sua mulher compra roupas em uma loja chamada Les Classiques?

— Aquela de Saint-Honoré?

— Sim.

— Não.

— O senhor tem certeza?

— Absoluta. Nunca vi nenhuma nota de compra de lá, e ela mesma me disse que não gosta das criações da casa. Minha mulher conhece muito bem estes assuntos de moda.

— Oh, Jesus!

— O que é?

— General, não posso entrar em sua casa. Não importa o que o senhor vá encontrar lá dentro, não posso entrar.

— Por que não? O que está dizendo?

— O homem que estava na escada conversando com a sua mulher... Ele é do posto; e o posto fica lá, na Les Classiques. Ele é um contato de Carlos.

O sangue fugiu do rosto de André Villiers. Virou-se e olhou fixamente para o outro lado da rua ladeada de árvores, para a sua casa, para aquela reluzente porta com as ferragens refletindo a luz das lâmpadas do jardim.

O mendigo com o rosto marcado pela varíola coçou os ralos fios de barba, tirou a boina puída e arrastou-se por entre as portas de bronze da pequena igreja em Neuffly-sur-Seine.

Atravessou a ala direita sob o olhar desaprovador de dois padres. Os dois clérigos estavam aborrecidos; aquela era uma paróquia da burguesia refinada, e a compaixão bíblica não encontrava lá o seu lugar. Os ricos tinham os seus privilégios. Um deles era manter uma certa fachada de dignidade — para o benefício de outras dignidades —, e aquele ancião, desgrenhado e desprezível, não se ajustava aos seus moldes.

O mendigo fez uma leve tentativa de se ajoelhar, levantou-se, depois foi sentar-se num banco da segunda fileira, fez o sinal da cruz e se ajoelhou; a cabeça em oração, a mão direita tentando levantar a manga esquerda do sobretudo. No pulso tinha um relógio, em completa contradição com o seu vestuário. Era um relógio digital, caro, com números bem visíveis e mostrador brilhante. Era um objeto do qual nunca se separaria, pois fora presente de Carlos. Uma vez ele chegara quinze minutos atrasado para a confissão, deixando o seu benfeitor um pouco irritado, e a única desculpa era dizer que não possuía um relógio que lhe indicasse as horas com precisão. No encontro seguinte, Carlos passou-o por baixo da diáfana etamine que separava o pecador do homem santo.

Estava na hora, hora e minutos precisos. O mendigo levantou-se e foi em direção à segunda cabine da direita, abriu a cortina e entrou.

— *Angelus Domini*.

— *Angelus Domini*, filho de Deus. — O sussurro que vinha de trás do pano preto era áspero. — Teus dias estão em paz?

— Estão em paz...

— Muito bem — interrompeu o vulto. — O que me trouxe? Minha paciência está chegando ao fim. Pago milhares — centenas de milhares — pela incompetência e falhas. O que aconteceu em Montrouge? Quem foi o responsável pelas mentiras ditas na embaixada, na Montaigne? Quem as aceitou?

— O Auberge du Com foi apenas uma armadilha, não havia ninguém lá para matar. Ë difícil dizer exatamente o que aconteceu. Se o adido chamado Corbelier passou mentiras, o nosso pessoal está convencido que foi sem saber. Ele foi enganado pela mulher.

— Ele foi enganado por Caim! Bourne consegue rastrear todas as fontes, alimenta-as com informações falsas, depois todas ficam queimadas e confirmam tudo. Mas por quê? Para quem? Já sabemos o que e quem ele é, agora, mas ele não comunica nada a Washington. Ele se recusa a aparecer.

— Para sugerir uma resposta — disse o mendigo — eu teria que retroceder a muitos anos atrás, mas é possível que ele não queira nenhuma interferência dos seus superiores. O Serviço de Inteligência da América tem o seu quinhão de autocratas vacilantes, que raras vezes se comunicam inteiramente uns com os outros. Nos dias da Guerra Fria, muito dinheiro podia ser ganho vendendo-se a mesma informação três ou quatro vezes para as mesmas estações. Talvez Caim esteja esperando para encontrar uma direção única e agir, sem que nenhuma estratégia precise ser argüida pelos seus superiores.

— A idade não embruteceu o seu sentido de manobra, velho amigo. É por isso que o chamei.

— Ou talvez — continuou o mendigo — ele realmente tenha trocado de lado. Isso acontece.

— Acho que não, mas não faz mal. Washington pensa que sim. O Monge está morto, todos os da Treadstone estão mortos. Caim está sendo acusado como matador.

— O Monge? — disse o mendigo. — Um nome do passado. Ele foi muito ativo em Berlim, em Viena. Nós o conhecemos muito bem, era saudável. Aí está a sua resposta, Carlos. Foi sempre o estilo do Monge reduzir o número até ficar com poucas possibilidades. Ele trabalhava com a teoria de que os seus círculos estavam infiltrados, comprometidos. Deve ter ordenado que Caim relatasse tudo apenas a ele. Isso explicaria a confusão de Washington, os meses de silêncio.

— E explicaria os nossos? Durante meses e meses não houve nenhuma palavra, nenhuma atividade.

— Muitas possibilidades. Doença, exaustão, recolhimento para novo treinamento. Até mesmo para espalhar a confusão entre os inimigos. O Monge tinha uma catedral cheia de truques.

— No entanto, antes de morrer, disse a um companheiro seu que não sabia o que acontecera. Que nem mesmo ele tinha certeza de que o homem era Caim.

— Quem era esse companheiro?

— Um homem chamado Gillette. Era nosso homem, mas Abbott não poderia ter descoberto isso.

— Outra explicação possível. O Monge tinha intuição sobre tais homens. Foi dito em Viena que David Abbott desacreditaria de Cristo na montanha e procuraria uma padaria, de tão descrente.

— É possível. Suas palavras são confortadoras; você vê coisas que outros nem percebem.

— Já tive muita experiência; já fui homem de envergadura. Infelizmente joguei fora todo o dinheiro.

— Ainda joga.

— Um libertino — o que mais posso lhe dizer?

— Obviamente alguma coisa mais.

— Você tem boa percepção, Carlos Devíamos nos ter encontrado nos velhos tempos.

— Agora você já está ficando presunçoso.

— Sempre. Sabe que eu sei que você pode me esmagar e acabar com a minha vida no momento que

quiser, por isso sei que ainda sou de valor. E não apenas pelas palavras que vêm da minha experiência.

— O que tem a me dizer?

— Isto pode não ser de grande valor, mas já é alguma coisa. Vesti umas roupas respeitáveis e passei o dia no Auberge du Coin. Havia um homem, um homem obeso — que foi interrogado e logo depois dispensado pela Súreté — cujos olhos estavam muito intranqüilos. Transpirava muito. Tive uma conversa com ele, mostrando-lhe uma identificação oficial da OTAN, que fiz no começo dos anos cinqüenta. Parece que ele negociou o aluguel de um automóvel às três horas da manhã de ontem para um homem louro que estava em companhia de uma mulher. A descrição se enquadra na fotografia tirada em Argenteuil.

— Aluguel?

— Parece. O carro deveria ser trazido no outro dia pela mulher.

— Nunca será entregue.

— É claro que não, mas aí pode-se levantar uma pergunta, não é? Por que Caim se daria ao trabalho de arranjar um automóvel dessa forma?

— Para fugir para mais longe possível tão rapidamente quanto pudesse.

— Nesse caso a informação não *tem* qualquer valor — disse o mendigo. — Mas também há muitas formas de viajar mais rápido e menos sorrateiramente. E Bourne raramente poderia confiar em um ganancioso porteiro noturno; poderia ter procurado uma recompensa da Súreté. Ou de qualquer outro.

— Qual é o seu ponto de vista?

— Creio que Bourne pode ter arranjado esse carro com o único propósito de seguir alguém aqui, em Paris. Nenhum atraso em lugares públicos onde pudesse ser reconhecido; nenhum carro alugado que pudesse ser rastreado; nenhuma caça a táxis para andar se escondendo. Em vez disso, uma simples troca de placa e um indescritível Renault preto andando pelas ruas movimentadas. Onde se poderia começar a procurá-lo?

O vulto virou-se. — Aquela mulher, a Lavier — disse o assassino, em voz baixa. — E todos os demais de quem ele suspeita na Les Classiques. É o único lugar por onde ele pode começar. Serão vigiados, e dentro de alguns dias — horas, talvez — um Renault indescritível será visto e ele será encontrado. Você tem uma descrição completa do carro?

— Três dentes no pára-lama esquerdo traseiro.

— Ótimo. Espalhe para os velhos. Façam uma operação pente-fino nas ruas, garagens, estacionamentos. Quem o encontrar nunca mais precisará voltar a trabalhar.

— Falando em tais assuntos...

Um envelope foi passado por entre a barra da cortina e o feltro azul da moldura. — Se a sua teoria for provada, considere isso um agradecimento.

— Eu *estou* certo, Carlos.

— Por que está tão convicto?

— Porque Caim faz o que você faria, o que eu teria feito — nos velhos tempos. Ele deve ser respeitado.

— Ele deve ser morto — disse o assassino. — Há similaridades na contagem do tempo. Daqui a poucos dias será dia vinte e cinco de março. Em março, no dia 25 de março de 1968, Jason Bourne foi executado nas florestas de Tam Quan. Agora, anos mais tarde — perto do mesmo dia — um outro Jason Bourne está sendo caçado. Os americanos estão tão ansiosos quanto nós para vê-lo mono. Quero ver que de nós vai puxar o gatilho antes, desta vez.

— Isso é importante?

— Eu o quero — sussurrou o vulto. — Ele nunca foi real, e esse é o seu crime contra mim. Diga aos velhos que se algum deles o encontrar, que notifique Parc Monceau, mas não façam nada. Mantenham-no sob constante vigilância, mas não façam nada! Quero-o vivo no dia vinte e cinco de

março. No dia 25 de março eu mesmo o executarei e entregarei o seu corpo aos americanos.

— A notícia será dada imediatamente.

— *Angelus Domini*, filho de Deus.

— *Angelus Domini* — respondeu o mendigo.

26

O velho soldado caminhou em silêncio ao lado do homem mais jovem na ruela iluminada pela luz da lua, no Bois de Boulogne. Nenhum dos dois falou, pois muita coisa já fora dita — admitida, discutida, negada e reafirmada. Villiers tinha que refletir e analisar, aceitar ou rejeitar violentamente o que acabara de ouvir. Sua vida seria bem mais suportável se ele pudesse revidar com fúria, atacar a mentira e encontrar novamente a paz. Mas não podia fazer isso impunemente; era um soldado e recusar-se a admitir não era do seu feitio.

Havia muita verdade no que o mais novo lhe dissera. Estava patente em seus olhos, em sua voz, em cada gesto seu que pedia compreensão. O homem sem nome não mentia. A última traição estava na casa de Villiers. E isso explicaria muitas coisas que ele antes não ousara questionar. O velho estava a ponto de chorar.

Para o homem sem memória havia quase nada para inventar ou mudar; o camaleão não fora solicitado. A sua história era muito convincente porque a parte mais vital fundamentava-se na verdade. Tinha que encontrar Carlos e descobrir o que o assassino sabia; não haveria nenhuma possibilidade de vida para ele se não conseguisse o seu intento. Além disso, ele nada mais diria. Não mencionara Marie st. Jacques, nem a Île de Port Noir, ou as mensagens que lhe foram enviadas por desconhecidos, ou aquela estrutura oca e vazia que tanto podia quanto não podia ser alguém que ele foi ou não — uma pessoa que nem mesmo podia ter certeza de que os fragmentos de memória que possuía eram realmente seus. Nada disso foi mencionado.

Ao contrário, recontou tudo o que sabia sobre o assassino chamado Carlos. E esse conhecimento era tão amplo que, enquanto falava, Villiers olhava para ele espantado, reconhecendo algumas informações que já sabia e que eram altamente confidenciais; chocado com novos dados, dados surpreendentes, que estavam de acordo com cerca de umas doze teorias, mas que para os seus ouvidos nunca tinham sido antes tão bem-esclarecidas. Por causa do filho, o general tivera acesso aos arquivos mais confidenciais do seu país sobre Carlos, e nada naqueles registros contradizia a ordem dos fatos apresentados pelo mais jovem.

— Esta mulher com quem você falou, em Argenteuil, aquela que visita a minha casa, que admitiu para você que era mensageira...

— O nome dela é Lavier — interrompeu Bourne.

O general fez uma pausa. — Obrigado. Ela percebeu você; mandou que tirassem a sua foto.

— Sim.

— Eles não tinham nenhuma fotografia antes?

— Não.

— Então, enquanto você caça Carlos, ele, por sua vez, está a sua caça. Mas você não tem nenhuma fotografia; apenas conhece dois mensageiros, um dos quais estava em minha casa.

— Sim.

— Falando com minha mulher.

— Sim.

O velho virou-se. O período de silêncio recomeçara.

Chegaram ao final do caminho, onde havia um lago em miniatura. Era rodeado de cascalho branco, bancos a espaços de dez ou quinze pés em volta das águas, como uma guarda de honra em volta de um

túmulo de mármore preto. Foram até o segundo banco. Villiers quebrou o silêncio.

— Gostaria de me sentar — disse. — Com a idade vem a decadência da resistência física. Isso sempre me embaraça.

— Mas não devia — disse Bourne sentando-se ao seu lado.

— Não devia — concordou o general —, mas é assim que acontece. — Fez uma pausa por um momento e depois acrescentou baixinho: — Quase sempre quando estou na companhia de minha mulher.

— Mas isso não é necessário — disse Jason.

— Você se engana a meu respeito. — O velho virou-se para o mais novo: — Não estou me referindo à cama. Há vezes em que simplesmente acho necessário interromper as minhas atividades — sair de um jantar mais cedo, negar-me a passar algumas semanas no Mediterrâneo, ou declinar um convite para alguns dias nas montanhas de Gstaad.

— Não sei se entendi bem.

— Minha esposa e eu estamos quase sempre separados. Em vários aspectos temos vida separada, compartilhando, é claro, das atividades um do outro.

— Ainda não entendi.

— Devo ser ainda mais constrangedor? — disse Villiers. — Quando um homem mais velho encontra uma belíssima mulher, bem mais jovem, para compartilhar a sua vida, certas coisas são entendidas, outras não tão prontamente. Há, é claro, uma absoluta segurança financeira e, em meu caso, um certo grau de vida pública. Conforto das pessoas, acesso às grandes casas, amizade fácil com as celebridades — tudo muito compreensível. Em troca destas coisas, a gente leva uma companheira bonita e agradável para a sua casa, exibe-a aos seus pares — de certo modo uma forma de dar continuidade à sua virilidade. Mas sempre pairam dúvidas. — O velho soldado parou por alguns momentos; o que tinha a dizer não lhe era muito fácil. — Será que ela procura um amante? — continuou com voz calma. — Será que sente necessidade de um homem mais jovem, um corpo mais firme, mais apropriado ao seu corpo? É aceitável que ela sinta isso — pode-se até sentir um alívio, imagino, na esperança de que ela tenha compostura para ser discreta. Um estadista corneado perde o seu eleitorado mais rapidamente do que se for um bêbedo esporádico; porque isso significa que ele perdeu completamente a garra. E há outras preocupações, também. Será que ela abusa do seu nome? Publicamente condena um adversário que se está tentando convencer? Porque estas são as inclinações das jovens; são facilmente manejáveis, faz parte dos riscos da troca. Mas fica sempre uma dúvida mais reticente, que se provada e justificada não pode ser tolerada. E isso acontece se ela faz parte de um desígnio, de um plano qualquer. Desde o início.

— O senhor já sentiu isso, então? — perguntou Jason.

— Sensações não são realidade! — revidou o velho soldado com veemência. — Na observação de campo elas não têm lugar.

— Então por que o senhor está me contando isto?

Villiers jogou a cabeça para trás, depois para a frente, olhando para a água do pequeno lago. — Pode haver uma explicação simples para o que vimos hoje à noite. Rezo para isso, e vou dar a ela todas as oportunidades possíveis para isso. — Fez outra pausa. — Mas em meu coração sei que não há possibilidade. Soube no exato instante em que você me contou a história da Les Classiques. Olhei para outro lado da rua, para a porta da minha casa, e de repente uma série de coisas se encaixaram no lugar certo. Dolorosamente. Porque nestas últimas duas horas fiz o papel do advogado do diabo, não há possibilidade de continuar. Antes desta mulher, o meu filho.

— Mas o senhor disse que confiava no julgamento dela. E que ela era uma grande ajuda.

— Verdade. Veja, eu queria confiar nela, desesperadamente. A coisa mais fácil deste mundo é uma pessoa convencer-se de que está certa. E quando se fica velho, isto é ainda mais fácil.

— O que foi que se encaixo no lugar certo?

— A própria ajuda que ela me deu, a confiança que depositei nela. — Villiers virou-se e olhou para Jason. — Você tem um conhecimento extraordinário sobre Carlos. Estudei aqueles arquivos mais detalhadamente do que qualquer homem vivo, por que eu daria muito mais do que qualquer homem vivo para vê-lo preso e executado, eu mesmo substituiria todo o pelotão de fuzilamento. E volumosos como são, aqueles arquivos não chegam a conter tudo o que você sabe. E ainda assim a sua concentração está fixada nas suas mortes, nos seus métodos de assassinato. Você desdenhou o outro lado de Carlos. Ele não vende apenas armas: vende os segredos de um país.

— Sei disso— disse Bourne. — Não é o lado que...

— Por exemplo — continuou o general, como se não tivesse ouvido Jason —, tenho acesso a documentos confidenciais que tratam da segurança militar e nuclear da França. Talvez apenas outros cinco homens — todos acima de qualquer suspeita — dividam esse conhecimento. Mesmo assim, com regularidade constante, descobrimos que Moscou conhece tal coisa, Washington tal outra, Pequim outra mais...

— O senhor discute tais assuntos com sua mulher? — perguntou Bourne, surpreso.

— Naturalmente que não. Trago estes papéis para casa, eles são guardados em uma caixa-forte no meu escritório. Ninguém tem permissão de entrar naquela sala se não for na minha presença. Há apenas mais uma pessoa que tem a chave, uma outra pessoa que conhece a localização do sistema de alarme. Minha mulher.

— Acho que é tão perigoso quanto discutir os assuntos confidenciais. Tanto um quanto outro poderiam ser tirados dela à força.

— Mas há uma razão. Estou numa idade em que o inesperado é uma ocorrência diária; é só olhar as páginas de óbitos. Se alguma coisa me acontecer ela tem ordens para telefonar para o Conselheiro Militar, ir até o meu escritório e ficar próxima à caixa-forte até que o pessoal da segurança chegue.

— Ela não poderia permanecer na porta, apenas?

— Os homens da minha idade sempre falecem em cima de suas escrivaninhas. — Villiers fechou os olhos. — E teria que ser ela. Uma única casa, um único lugar, ninguém acreditaria possível.

— Tem certeza?

— Mais do que ouso admitir para mim mesmo. Foi ela quem insistiu no casamento. Sempre coloquei o problema da diferença de idade, mas ela não levava a sério. Eram os anos que passaríamos juntos o que contava, dizia, não os que separavam as nossas datas de nascimento. Ofereceu-se para assinar um acordo renunciando a todos os direitos à herança dos Villiers e, é claro, não aceitei, pois isso já era uma prova suficiente da sua confiança. O provérbio está certo: "Um velho bobo é duas vezes mais bobo." No entanto, sempre me ficaram dúvidas, que vieram com as viagens, as inesperadas separações.

— Inesperadas?

— Ela tem muitos interesses, em várias áreas, que exigem a sua atenção. Um museu franco-suíço em Grenoble, uma galeria de artes em Amsterdã, um monumento à Resistência em Boulogne sur-Mer, uma absurda reunião oceanográfica em Marselha. Discutimos calorosamente sobre esta última. Eu precisava dela em Paris; havia algumas funções diplomáticas a que eu precisava comparecer com ela. Ela não ficou. Era como se tivesse sido mandada para estar aqui, estar lá, e depois em mais algum lugar em determinados momentos.

Grenoble — próximo à fronteira Suíça, unta hora de Zurique. Amsterdã. Boulogne-sur-Mer — sobre o canal, uma hora de distância de Londres. Marselha... Carlos.

— Quando foi a conferência em Marselha? — perguntou Jason.

— Em agosto, acho.No fim do mês.

— No dia 26 de agosto, às cinco horas da tarde, o Embaixador Howard Leland foi assassinado em Marselha.

— Sim, sei — disse Villiers. — Você já disse isto antes. Lamento o homem, não os seus julgamentos. — O velho soldado parou; olhou para Bourne. — Meu Deus — sussurrou. — Ela deve ter-se encontrado com ele. Carlos a chamou e ela foi. Ela *obedeceu*.

— Não fui assim tão longe — disse Jason. — Juro que pensei nela apenas como receptor de recados — uma informante cega. Nunca fui tão longe.

De repente, da garganta do velho saiu um grito — profundo e cheio de agonia e ódio. Levou as mãos ao rosto, jogou a cabeça para trás mais uma vez, o rosto iluminado pela luz da lua, e chorou.

Bourne não se mexeu; nada podia fazer. — Sinto muito — disse.

O general readquiriu o. autocontrole. — Eu também — ele respondeu depois. — Peço desculpas.

— Não precisa.

— Acho que sim. Discutiremos isso mais tarde. Vou fazer o que devo.

— O que é?

O soldado sentou-se bem-ereto no banco, o maxilar firme. — Você pode fazer esta pergunta?

— Preciso fazê-la.

— O que ela fez não é diferente de ter matado o meu filho, o filho que ela não gerou. Fingia venerar a sua memória. No entanto, foi e é cúmplice de sua morte. E ao mesmo tempo cometeu uma traição contra a nação a que servi toda a minha vida.

— Vai matá-la?

— Vou matá-la. Ela vai me dizer a verdade e depois vai morrer.

— Ela vai negar tudo o que o senhor disser.

— Duvido.

— Isso é loucura!

— Meu jovem, passei mais da metade de um século preparando emboscadas e lutando contra os inimigos da França, mesmo que fossem franceses. A verdade será confessada.

— O que o senhor acha que ela vai fazer? Ficar sentada ouvindo-o calmamente, admitindo que é culpada?

— Ela não vai fazer nada calmamente. Mas vai confessar; vai declarar tudo.

— E por que o faria?

— Porque quando eu a acusar, ela terá a oportunidade de matar-me. Quando tentar fazer isto, terei tudo confirmado, não é?

— O senhor correria este risco?

— Devo.

— Suponhamos que ela não aja assim, que não tente matá-lo.

— Então tudo terá uma explicação diferente — disse Villiers. — Nesse caso, eu me protegeria, se fosse o senhor, monsieur. — Ele balançou a cabeça. — Não vai ser assim. Nós dois sabemos disso, eu muito mais do que você.

— Ouça — insistiu Jason. — O senhor disse que primeiro foi o seu filho. Pense nele! Procure o assassino, não a sua cúmplice. Ela é uma grande dor para o senhor, mas ele é uma dor ainda maior. Pegue o homem que matou o seu filho! No final, o senhor terá em suas mãos os dois. Não a enfrente ainda, não ainda. Use tudo o que sabe contra Carlos. Cace-o comigo. Ninguém antes esteve tão perto dele.

— Você me pede muito mais do que posso lhe dar — disse o velho.

— Não se o senhor pensar em seu filho. Se pensar em si mesmo, sim. Mas não se pensar na Rua du Bac.

— O senhor é excessivamente cruel, monsieur.

— Eu estou certo, e o senhor sabe disso.

Uma nuvem tapou a luz da lua por um instante. A escuridão era completa; Jason tremeu. O velho

soldado falou, havia resignação em sua voz.

— Sim, você está certo — disse. — Excessivamente cruel, mas excessivamente certo também. Ë o assassino e não a puta que deve ser detido. Como podemos trabalhar juntos? Caçar juntos?

Bourne fechou os olhos por um momento, aliviado. — Não faça nada. Carlos tem que me procurar por toda Paris. Matei alguns dos seus homens, descobri um ponto e um contato. Estou muito perto dele. A menos que nós dois estejamos equivocados, seu telefone vai estar muito ocupado. Tratarei disso.

— Como?

— Vou interceptar uma meia dúzia de empregados da Lês Classiques. Alguns vendedores, a Lavier, talvez Bergeron, e certamente o telefonista. Eles vão falar. E eu também. Esse seu telefone vai trabalhar um bocado.

— Mas e eu? O que faço?

— Permaneça em casa. Diga que não está se sentindo bem. E sempre que o telefone tocar fique próximo de quem responder. Ouça a conversa, tente pegar os códigos, questione os empregados quanto ao que lhes for dito. Talvez até possa ouvir os telefonemas. Se ouvir alguma coisa, ótimo, mas provavelmente não vai ouvir nada. Quem estiver na linha saberá que o senhor está em casa. Ainda assim, o senhor terá frustrado a entrega. E dependendo de onde estiver a sua mulher...

— Onde aquela puta está! — interrompeu o velho soldado.

— ... na hierarquia de Carlos, talvez até consigamos forçá-lo a aparecer.

— De novo, como?

— As suas linhas de comunicação serão rompidas. O posto de informações mais seguro e camuflado estará bloqueado. Ele vai exigir um encontro com sua mulher.

— Ele provavelmente não anunciaria o local.

— Ele vai ter que dizer a ela. — Bourne fez uma pausa, outro pensamento lhe veio à cabeça. — Se o rompimento da comunicação for muito severo, logo será dado um telefonema, ou uma pessoa que o senhor não conhece chegará à sua casa e, logo depois, sua mulher vai lhe dizer que tem que ir a algum lugar. Quando isto acontecer, peça-lhe insistentemente um número de telefone onde ela possa ser encontrada em caso de necessidade. Seja firme nesse ponto; o senhor não está tentando interromper a sua saída, mas vai ter que entrar em contato com ela. Diga-lhe qualquer coisa — use o tipo de relação que ela desenvolveu na sua vida em comum. Diga que é sobre uma matéria muito confidencial, sobre um assunto militar que o senhor ainda não pode conversar até que algumas coisas se esclareçam. Mas que o senhor precisa discutir o assunto com ela antes de fazer um último julgamento. Ela vai engolir essa isca.

— Para que servirá?

— Ela vai lhe dizer onde vai estar. Onde Carlos vai estar, talvez. Se não for Carlos, certamente alguém dele. Depois, entre em contato comigo. Dar-lhe-ei o nome de um hotel e o número do meu quarto. O nome sob o qual estou registrado é sem significado, não o leve a sério.

— Por que não me diz o seu verdadeiro nome?

— Porque se o senhor algum dia o mencionar — conscientemente ou não — será morto.

— Não sou senil.

— Não, não é. Mas é um homem que foi muito maltratado. Foi ferido gravemente, acho. O senhor pode arriscar a sua vida, não eu.

— O senhor é um homem muito estranho, *monsieur*.

— Sim. Se eu não estiver lá quando me telefonar, uma mulher o atenderá. Ela saberá onde estou. Poderemos marcar um horário para as mensagens.

— Uma mulher? — O general afastou-se um pouco. — Você contou nada a respeito de qualquer mulher, ou de outra pessoa.

— Não há mais ninguém. Sem ela eu não estaria vivo. Carlos está a nossa procura, ele tentou matar-nos.

— Ela sabe alguma coisa a meu respeito?

— Sim. Ela é a pessoa que disse que não poderia ser verdade. Que o senhor não poderia ser aliado de Carlos. Porque eu pensei que fosse verdade.

— Talvez eu possa vê-Ia.

— Acho que não. Até que Carlos seja preso — se ele puder ser preso —, não podemos ser vistos com o senhor. Entre todos, não podemos ser vistos com o senhor. Afinal de contas — se é que existe um afinal de contas —, o senhor pode não querer ser visto conosco. Comigo. Estou sendo honesto com o senhor.

— Entendo isso, e respeito. Logo que puder, agradeça por mim a esta mulher. Agradeça-lhe por não ter acreditado que eu pudesse ter parte com Carlos.

Bourne assentiu com a cabeça. — O senhor tem certeza de que a sua linha particular não está interceptada?

— Absoluta. Ela corre numa linha especial, como todos os telefones dos demais conselheiros.

— Sempre que estiver à espera de uma chamada minha, responda e pigarreie duas vezes. Saberei que é o senhor. Se por qualquer razão não puder falar, diga-me para telefonar para a sua secretária pela manhã. Eu voltarei a chamá-lo dez minutos depois. Qual é o número?

Villiers deu-lhe o número. — O seu hotel? — perguntou o general.

— O Terrasse. Na Rue de Maistre. Montmartre. Quarto 420.

— Quando vai começar?

— O mais cedo que puder. Amanhã, ao meio-dia.

— Seja cauteloso — disse o velho soldado, inclinando-se para a frente, como um comandante instruindo os seus oficiais. — Vá com calma.

27

— Ela foi *tão* gentil que simplesmente tenho que fazer alguma coisa por ela — dizia Marie em francês, muito agitada ao telefone. — Como também pelo gentil jovem — que doçura — tão atencioso. Vou lhe contar, o vestido foi um *succès fou*! Fico tão agradecida!

— Por suas descrições, madame — respondeu com voz grave o telefonista da Les Classiques —, tenho certeza de que se refere a Janine e a Claude.

— Sim, é claro. Janine e Claude, agora me lembro. Vou deixar para cada um deles um bilhete como agradecimento pessoal. O senhor, por acaso, sabe o sobrenome deles? Quero dizer, parece-me grosseiro endereçar os envelopes simplesmente para "Janine" e "Claude". Parece que estou deixando bilhetes para os meus criados, o senhor não acha? Poderia perguntar a Jacqueline?

— Não é necessário, madame. Eu os conheço. E devo lhe dizer, madame, que a senhora é tão sensível quanto generosa. Janine Dolbert e Claude Oreale.

— Janine Dolbert e Claude Oreale — repetiu Marie, olhando para Jason. — Janine é casada com aquele pianista elegante, não é?

— Creio que a Srta. Dolbert não é casada com ninguém.

— É claro. Estou pensando em outra pessoa.

— Se me permite, *madame*, não estou me recordando do seu nome.

— Oh, que desatenção a minha! — Marie afastou o aparelho do ouvido e levantou a voz. — Querido, já está de volta? É cedo ainda! Que bom! Estou falando com aquelas pessoas amáveis da Les Classiques... Sim, sim, agora mesmo, meu querido. — Aproximou o telefone dos lábios novamente. — *Muito* obrigada. O senhor foi muito gentil. — E desligou. — Como me saí

— Se algum dia decidir abandonar a economia — disse Jason, examinando a lista de telefones de Paris — entre para algum negócio de vendas. Comprei todas as palavras que você disse.

— As descrições estavam próprias?

— Demais. Um bom comentário, sobre o pianista.

— Mas me deixou um pouco confusa, porque se ela fosse casada o telefone deveria estar em nome do marido.

— Mas não é — interrompeu Bourne. — Aqui está. Dolbert, Janine, Rua Losserand. — Jason anotou o endereço. — Oreale, começa com O, de Olseau, não é? Não é Au.

— Acho que não. — Marie acendeu um cigarro. — Você irá mesmo até a casa deles?

Bourne assentiu com a cabeça. — Se eu os encontrar em Saint-Honoré, Carlos me verá.

— E os outros? Lavier, Bergeron, e aquele do telefone?

— Amanhã. Hoje é dia dos peixes miúdos.

— Do quê?

— De fazer com que todos falem. Que comecem a andar por aí dizendo coisas que não deviam ser ditas. E logo as notícias correrão a loja toda por intermédio de Dolbert e Oreale. Vou entrar em contato com mais dois esta noite; eles chamarão Lavier e o telefonista. Teremos a primeira corrente elétrica, e depois a segunda. O telefone do general vai começar a funcionar esta tarde. Pela manhã o pânico será completo.

— Duas perguntas — disse Marie, levantando-se da beira da cama e aproximando-se dele. — Como você vai conseguir tirar duas pessoas da Les Classiques em horário comercial? E quais as pessoas que vai ver hoje à noite?

— Ninguém vive em uma completa roda viva — respondeu Bourne, olhando para o relógio. —

Especialmente na haute couture. São 11h15min agora. Vou até o apartamento da Dolbert lá pelo meio-dia e faço o administrador entrar em contato com ela pelo telefone. Ele lhe dirá para vir imediatamente. Há um problema urgente e muito pessoal para ela resolver.

— E qual é o problema?

— Não sei, mas quem não tem um?

— Vai fazer o mesmo com Oreale?

— Provavelmente serei mais efetivo.

— Você é espantoso, Jason.

— Sou muito sério — disse Bourne, enquanto deslizava o dedo pela coluna de nomes da lista. — Aqui está. Oreale, Claude Giselle. Sem comentários. Rua Racine. Estarei com ele lá pelas três; quando terminar, ele irá direto para a Saint-Honoré e começará a abrir a boca.

— E os outros dois? Quem são?

— Vou conseguir os nomes com Oreale ou Dolbert, ou com os dois. Eles não sabem, mas vão espalhar a segunda corrente elétrica.

Jason escondeu-se na entrada de um prédio, na Rua Losserand. Ele estava próximo da entrada do pequeno prédio de apartamentos de Janine Dolbert onde, minutos antes, um superintendam, espantado e grato pela súbita oferta de dinheiro, obedecera ao jovem e bem-falante cavalheiro estrangeiro e chamara a Srta. Dolbert em seu trabalho para lhe dizer que um cavalheiro numa limusine com motorista já passara por lá duas vezes e perguntara por ela. Ele voltaria logo; o que ele devia fazer?

Um pequeno táxi preto encostou no meio-fio e uma agitada e cadavérica Janine Dolbert literalmente saltou do carro. Jason correu para interceptá-la na calçada, já próxima da entrada do edifício.

— Foi rápida — disse ele tocando-lhe o cotovelo. — É muito bom vê-la de novo. Você me foi de muita ajuda naquele dia. Janine Dolbert olhou espantada para ele, a boca aberta, tentando lembrar-se. Depois ficou atônita. — *Você*! O americano — disse em inglês. — Monsieur Briggs, não é? O senhor é o que...

— Dispensei meu motorista por uma hora. Queria vê-la em particular.

— A mim? Para quê?

— Não sabe? Então, por que correu para cá?

Os olhos arregalados debaixo do cabelo curto e encaracolado estavam fixos nos seus, seu rosto era ainda mais pálido à luz do sol. — Você é da House of Azur, então? — perguntou ela, tentando especular.

— Pode ser. — Bourne segurou-lhe o cotovelo com mais força. — Então?

— Entreguei o que prometi. Não haverá mais nada, concordamos com isto.

— Tem certeza.

— Não seja idiota! Você não conhece a *couture* de Paris. Alguém pode ficar furioso com alguém mais e fazer comentários desairosos em seu próprio estúdio. Que desvios mais estranhos! E quando ficar pronta a linha de outono, com você exibindo metade das criações de Bergeron, antes mesmo que ele o faça, quanto tempo ainda pensa que vou poder continuar na Les Classiques? Sou a segunda preferida de Lavier, uma das poucas que têm acesso ao seu escritório. É melhor tomarem conta de mim, como prometeram. Em alguma das suas lojas de Los Angeles.

— Vamos dar uma caminhada — disse Jason, empurrando-a gentilmente. — Você encontrou o homem errado, Janine. Nunca ouvi falar da House of Azur e não tenho o menor interesse em desenhos roubados — exceto se puder usar essa informação.

— Oh, meu Deus...

— Continue andando — Bourne segurou-lhe o braço com firmeza. — Disse que quero falar com você.

— Sobre o quê? O que quer de mim? Como descobriu o meu nome? — As palavras lhe saíam da boca depressa, agora, uma frase atrás da outra. — Tirei minha hora de almoço mais cedo e devo voltar logo. Estamos muito ocupados hoje. Por favor, está machucando o meu braço.

— Sinto.

— O que eu disse... Era tolice. Uma mentira. No primeiro andar ouvimos muitos rumores; eu estava apenas testando você. Era isso o que eu estava fazendo, testando você!

— Você é muito convincente mesmo. Vou aceitar.

— Sou fiel a Lãs Classiques. Sempre fui.

— É uma boa qualidade, Janine. Admiro a lealdade. Estava dizendo isso mesmo ainda no outro dia para... como é mesmo o seu nome?... Aquele simpático camarada do telefone. Qual *é* mesmo o nome dele? Esqueci.

— Philippe — disse a vendedora assustada, toda obsequiosa. — Philippe d'Anjou.

— Isso mesmo. Obrigado. — Chegaram a um passeio estreito, calçado com pedras, entre dois prédios. Jason guiou-a para lá. — Vamos andar um pouco por aqui, assim ficamos fora da rua. Não se preocupe, você não vai se atrasar. Serão apenas alguns minutos. — Caminharam uns dez passos pela calçada. Bourne parou, Janine Dolbert encostou-se em uma parede de tijolos. — Cigarro? — perguntou ele, tirando um maço do bolso.

— Obrigada, aceito.

Ele o acendeu e notou que a mão dela estava trêmula. — Mais relaxada, agora?

— Sim, Não, na verdade, não. O que quer, Monsieur Briggs?

— Para começar, meu nome não é Briggs, e acho que você sabe muito bem disso.

— Eu não. Por que saberia?

— Eu tinha certeza que a número um da Lavier teria lhe fofocado.

— Monique?

— Use as sobrenomes, por favor. É necessário termos todos os detalhes.

— Brielle, então — disso Janine franzindo a testa, curiosa. — Ela o conhece?

— Por que não pergunta a ela?

— Como quiser. Do que se trata monsieur?

Jason balançou a cabeça. — Você realmente não sabe, não é? Três quartos das pessoas empregadas na Les Classiques estão trabalhando conosco e uma das mais brilhantes nem mesmo foi contatada. É claro, é possível que alguém tenha pensado que você é um risco; acontece.

— O que está acontecendo? Que risco? Quem é você?

— Não há tempo agora. Os outros podem lhe contar tudo. Estou aqui porque nunca recebemos um relato seu e, no entanto, você costuma conversar com os clientes mais importantes.

— Tem que ser mais claro, monsieur.

— Digamos que sou o porta-voz de um grupo de pessoas — americanos, franceses, ingleses e alemães — à procura de um assassino que matou lideres políticos e militares dos nossos países.

— Matou? Militares, políticos... — Janine abriu a boca, a cinza do cigarro caiu sobre a sua mão. — O que é isto? Do que está falando? Nunca ouvi nada sobre isto!

— Só posso pedir desculpas — disse Bourne suavemente, sendo sincero. Você devia ter sido contatada há algumas semanas. Foi um erro de quem me precedeu. Sinto muito; deve ser um pouco chocante para você.

— Isso é um choque, monsieur — sussurrou a vendedora, o corpo tenso e encurvado, parecendo um caniço encostado aos tijolos. — Está falando de coisas que não entendo.

— Mas agora entendo — interrompeu Jason. — Nem uma palavra sobre os demais. o está claro.

— Mas não para mim.

— Estamos chegando perto de Carlos. Do assassino conhecido como Carlos.

— Carlos? — O cigarro caiu da mão de Dolbert, o choque fora total.

— Ele é um dos seus freqüentadores mais assíduos, tudo evidencia isto. Já estamos próximos dele, já resumimos as possibilidades para oito homens. A cilada está pronta para qualquer dia desses, e estamos tomando toda a precaução.

— Precaução...?

— Há sempre o perigo de reféns, sabemos disso. Estamos prevendo um tiroteio, mas será rápido. O problema básico é o próprio Carlos. Ele jurou jamais ser preso vivo; anda pelas ruas embrulhado em explosivos calculados como mais poderosos do que uma bomba de mil libras. Mas isso podemos manejar. Nossos atiradores estarão em cena; uma bala certeira na cabeça e tudo estará terminado.

— *Une seule balle*...

De repente, Bourne olhou para o relógio. — Já tomei muito o seu tempo. Você tem que voltar para a loja e tenho que voltar para o meu posto. Lembre-se, se me vir por aí, não me conhece. Se eu entrar na Les Classiques, trate-me como se eu fosse qualquer um dos seus ricos clientes. *Exceto* se você perceber um cliente que desconfie ser o nosso homem; então, não perca tempo e me avise logo. De novo devo lhe dizer que sinto muito por lhe incomodar assim. Foi uma quebra de comunicação, só isso. Acontece.

— Une rupture...?

Jason assentiu com a cabeça, virou-se e começou a atravessar o corredor, em direção à rua. Parou e olhou para trás, para Janine Dolbert. Ela estava estática, letargicamente encostada à parede; para ela o elegante mundo da *haute couture* girava fora da órbita.

Philippe d'Anjou. O nome nada lhe significava, mas era inevitável. Bourne começou a repetir aquele nome silenciosamente, tentando provocar a lembrança de alguma imagem... assim como o rosto do telefonista grisalho lhe provocara imagens de escuridão e reflexos de luz. Philippe d'Anjou. Nada.. Nada mesmo. Ainda assim, parecia ter acontecido alguma coisa, alguma coisa que fazia com que o estômago de Jason desse um nó, os músculos ficassem rígidos e inflexíveis, uma extensão de carne dura e contraída... na escuridão.

Sentou-se perto da janela da frente e da porta de um café, na Rua Racine, preparado para levantar-se e sair no instante em que visse o vulto de Claude Oreale chegar à porta do antigo edifício, do outro lado da rua. Seu quarto ficava no quinto andar, em um apartamento que dividia com dois outros homens. O único acesso era uma escada velha e angular. Quando entrasse no edifício, Bourne tinha certeza de que ele começaria a correr.

Porque fora dito a Claude Oreale, que fora tão efusivo com Jacqueline Lavier naquela escada em Saint-Honoré, por uma locadora sem dentes, ao telefone, que viesse com sua *sale gueule* para a Rua Racine para acabar com toda aquela gritaria e quebra-quebra no quinto andar, em seu apartamento. Ou ele parava com aquilo ou ela chamaria a polícia; ele tinha vinte minutos para aparecer.

Ele levou quinze apenas. Seu corpo ágil, enfiado em um terno Pierre Cardin — a abertura do paletó batendo ao vento — podia ser visto a correr pela calçada, vindo da saída próxima do metrô. Desviava-se das pessoas, evitando esbarrar, com a agilidade de um corredor fora de forma e treinado pelo Ballet Russe. Seu pescoço fino ia à frente do peito bem-vestido, os cabelos pretos e longos eram penteados pelo vento numa linha horizontal. Chegou à entrada e agarrou-se ao corrimão, pulando para os degraus e subindo a escada escura.

Jason saiu depressa do café e atravessou correndo a rua. Lá dentro, correu para a velha escada e começou a subir os degraus rachados. No quarto andar já podia ouvir as batidas na porta de cima, do quinto.

— *Ouvrez! Ouvrez! Vite, nom de Dieu!* — Oreale parou, o silêncio lá dentro era mais assustador do

que qualquer outra coisa.

Bourne subiu os degraus restantes até poder ver Oreale por entre as grades do corrimão. O frágil corpo do vendedor estava colado à porta, os braços s e as mãos com os dedos esticados, a orelha colada à madeira, o rosto afogueado. Jason gritou com voz gutural, usando um francês burocrático, enquanto aproximava. — Süreté! Fique exatamente onde está, meu jovem. Não faça nada desagradável. Estivemos vigiando você e seus amigos. Sabemos da câmara escura.

— Não! — gritou Oreale. — Nada tenho a ver com isso, juro! *Câmara escura*?

Bourne levantou a mão. — Fique quieto. Não grite assim! — E imediatamente inclinou-se sobre o corrimão, olhando para baixo.

— Não podem me envolver! — continuou o vendedor. — Não estou envolvido! Já disse a eles tantas vezes para se livrarem de tudo aquilo! Um dia ainda se matam. Drogas são para os idiotas! Meu Deus, está tão silencioso lá dentro! Acho que estão mortos!

Jason saiu de perto do corrimão e se aproximou de Oreale com as palmas das mãos levantadas. — Já lhe disse para se calar — disse em voz baixa e áspera. — Entre e fique quieto! Isso tudo foi em benefício daquela velha puta lá embaixo.

O vendedor estava transfigurado, seu pânico se transformara em histeria silenciosa. — O quê?!

— Você tem uma chave — disse Bourne. — Abra e entre.

— Está travada por dentro — respondeu Oreale. — Fica sempre fechada nestes momentos.

— Seu tolo, tínhamos que falar com você! Tínhamos que trazê-lo para cá sem que ninguém soubesse. Abra esta porta. Rápido!

Como um coelho assustado, Claude Oreale procurou no bolso a sua chave. Abriu a porta e empurrou-a para dentro, parecendo um homem entrando em um jazigo cheio de cadáveres mutilados. Bourne empurrou-o para dentro, entrou e fechou a porta.

O que podia ser visto na sala não correspondia ao resto do prédio. Era uma sala grande, cheia de móveis macios e luzidios, caros, com dúzias de almofadas de veludo vermelho e amarelo jogadas sobre os sofás, as cadeiras e no chão. Era uma sala bem erótica, um luxuoso santuário centrado naqueles escombros.

— Tenho pouco tempo — disse Jason. — Tempo apenas para os negócios.

— Negócios? — perguntou Oreale, a expressão do seu rosto completamente paralisada. — Esta... esta câmara escura? O que é? *Que* câmara escura?

— Esqueça. Temos outras coisas melhores.

— Que negócios?

— Recebemos ordens de Zurique e queremos que você as comunique à sua amiga Lavier.

— *Madame* Jacqueline? Minha *amiga*?

— Não podemos confiar nos telefones.

— Que telefones? Ordens? Que ordens?

— Carlos está certo.

— Carlos? Quem é esse Carlos?

— O assassino.

Claude Oreale gritou. Levou a mão à boca, mordeu a junta do indicador e gritou. — O que está dizendo?

— Fique quieto!

— Por que está me dizendo isto?

— Você é o número cinco. Contamos com você.

— Cinco o *quê*? *Para quê*?

— Para ajudar Carlos a escapar da rede. Estão chegando muito perto. Amanhã, depois de amanhã, ou talvez um dia depois. Ele deve ficar de fora; ele tem que ficar de fora. Eles vão cercar a loja, terão atiradores a cada pés. O tiroteio cruzado será fatal; se ele estiver lá poderá ocorrer um massacre. Todos vocês. Mortos.

Oreale gritou de novo, a junta do dedo já vermelha. — Pare com isto! Não sei do que você está falando! Você é um louco e não vou ouvir mais nada — não ouvi nada. Carlos, fogo cruzado... massacres! Deus, estou me sentindo sufocado... Preciso de ar!

— Você vai ganhar dinheiro. Muito dinheiro, acho. Lavier vai ficar-lhe muito agradecida. Também d'Anjou.

— D'Anjou? Ele me despreza! Chama-me de pavão, insulta-me a cada oportunidade que tem.

— É o seu modo, é claro. Na verdade, gosta muito de você — talvez mais do que você saiba. Ele é o número seis.

— Que números são esses? Pare de falar em números!

— E de que forma podemos distinguir vocês e designar as tarefas? Não podemos usar nomes.

— Quem não pode?

— Todos nós, que trabalhamos para Carlos.

O grito era de romper os tímpanos, enquanto o sangue jorrava do dedo de Oreale. — Não vou *ouvir*! Sou um *couturier*, um *artista*!

— Você é o número cinco. Faça exatamente como estamos lhe dizendo, ou nunca mais verá esta gruta passional aqui.

— Ahhh!

— Pare de gritar! Nós o apreciamos; sabemos que está sob tensão. Aliás, não confiamos no guarda-livros.

— Trignon?

— Use só os primeiros nomes. É importante manter tudo em sigilo.

— Pierre, então. É odiável. Desconta até as chamadas telefônicas.

— Achamos que ele trabalha para a Interpol.

— Interpol?

— Se ele está trabalhando, vocês todos podem passar dez anos na cadeia. Vocês *serão* comidos vivos, Claude.

— Ahhh!

— Cale a boca! Apenas diga a Bergeron tudo o que nós pensamos. Vigie Trignon, sobretudo durante os próximos dois dias. Se ele deixar a loja por qualquer razão, fique atento. Isso pode significar que a cilada está se fechando. — Bourne foi até a porta, as mãos no bolso. — Tenho que voltar, agora. E você também. Diga a todos, do número um até o seis, tudo o que eu lhe disse. É necessário que as notícias se espalhem.

Oreale gritou novamente, desta vez em histeria. — Números! Sempre números! Que números? Sou um artista, não um número!

— Você não terá um rosto, a menos que volte correndo para lá, tão rápido quanto chegou até aqui. Procure Lavier, d'Anjou, Bergeron. Tão rápido quanto puder. Depois os outros.

— Que outros?

— Pergunte ao número dois.

— Dois?

— Dolbert. Janine Dolbert.

— Janine. Ela também?

— Isso mesmo. Ela é o dois.

O vendedor jogou os braços para cima em protesto.

— Isso é uma loucura! Nada tem sentido!

— A sua vida tem, Claude — disse Jason. — Valorize-a. Estarei esperando do outro lado da rua. Deixe o apartamento daqui a exatamente três minutos. E não use o telefone; saia e volte para Les Classiques. Se não tiver saído em três minutos terei que voltar. — Tirou a mão do bolso e mostrou-lhe o revólver.

Oreale expirou uma golfada de ar, seu rosto ficou pálido quando viu a arma.

Bourne saiu e fechou a porta.

O telefone tocou na mesa de cabeceira. Marie olhou para o relógio; eram 20h15min e por um momento sentiu uma repentina pontada de medo. Jason dissera que telefonaria às 21h. Ele saíra do La Terrasse logo depois do escurecer, perto das 19h, para falar com uma vendedora chamada Monique Brielle. O esquema era bem preciso, só seria interrompido em caso de emergência. Teria acontecido alguma coisa?

— É o quarto 420? — A voz era gutural.

Marie sentiu-se aliviada; era André Villiers. O general telefonara no fim da tarde para dizer a Jason que o pânico se espalhara pela Les Classiques; que sua esposa fora chamada ao telefone mais de seis vezes durante a última hora e meia. Nenhuma vez, no entanto, ele pôde ouvir alguma coisa mais substancial; a cada vez que ele pegava o telefone a conversa se transformava em falatório inócuo e em gracejos.

— Sim — disse Marie. — É o 420.

— Desculpe-me, nunca nos falamos antes.

— Sei quem é o senhor.

— Também sei quem é você. Posso tomar a liberdade de lhe agradecer?

— Entendo. Não tem de quê.

— Agora, ao substancial. Estou telefonando do meu escritório e, é claro, esta linha não tem nenhuma extensão. Diga ao nosso amigo comum que a crise se acelerou. Minha mulher recolheu-se ao seu quarto, diz que está nauseada, mas aparentemente não está doente a ponto de deixar de telefonar. Várias vezes, como antes, peguei o telefone e percebi que estavam alertas a qualquer interferência. Todas as vezes pedi desculpas, um pouco rispidamente, dizendo que estava à espera de uma chamada. Francamente, não tenho certeza de que ela se tenha convencido disso mas, naturalmente, não pode me questionar. Eu ficaria grosseiro, mademoiselle. Há uma irritação sub-reptícia crescendo entre nós, e abaixo da superfície está a violência. Que Deus possa me dar forças!

— Só posso lhe pedir para se lembrar do objetivo — interrompeu Marie. — Lembre-se do seu filho.

— Sim — disse o velho calmamente. — Meu filho. E esta puta que diz reverenciar a sua memória! Sinto muito.

— Tudo bem. Transmitirei tudo o que me disse ao nosso amigo. Ele vai telefonar dentro de uma hora.

— Por favor — interrompeu Villiers. — Há mais coisas. É por isso que lhe telefonei. Duas vezes enquanto minha mulher estava ao telefone, as vozes tiveram um sentido para mim. A segunda eu reconheci; um rosto me veio à lembrança instantaneamente. É um telefonista de Saint-Honoré.

— Sabemos seu nome. E o primeiro?

— Foi estranho. Eu não conhecia a voz, não tinha nenhuma referência para me lembrar de um rosto, mas entendi por que ele telefonara. Era uma voz estranha, metade sussurro metade comando, um eco de si mesma. Foi a ordem que me assustou. Veja, não era um tom normal, de conversa, era a comunicação de uma ordem. E se alterou no mesmo instante em que entrei na linha, é claro; passaram a

transmitir um sinal previamente combinado, de despedida, mas o resíduo permaneceu. Esse resíduo, até mesmo o tom, é bem conhecido de qualquer soldado; é o seu meio e ênfase. Estou sendo claro?

— Acho que sim — disse Marie gentilmente, percebendo que se o velho estivesse subentendendo o que ela pensava que estivesse, a tensão que sofria devia ser insuportável.

— Tenha certeza disso, mademoiselle — disse o general — era aquele porco assassino. — Villiers parou, sua respiração era audível, as palavras que se seguiram estavam abafadas, eram de um homem próximo ao choro. — Ele estava... instruindo... minha... mulher... — A voz do velho soldado desafinou. — Desculpe-me por isto. Não tenho o direito de sobrecarregá-la.

— O senhor tem todo o direito — disse Marie, de repente um pouco preocupada. — O que está acontecendo deve ser muito doloroso para o senhor e é pior ainda porque o senhor não tem com quem conversar.

— Estou conversando com você, mademoiselle. Não devia, mas estou.

— Quisera poder continuar conversando. Gostaria que um de nós dois pudesse estar com o senhor. Mas isso não é possível e sei que o senhor entende isso. Por favor, tente suportar. É muito importante que nenhuma conexão seja feita entre o senhor e o nosso amigo. Poderia lhe custar a vida.

— Acho que já a perdi.

— *Ça c'est absurde* — disse Marie rispidamente, como uma bofetada proposital no rosto do velho soldado. — *Vous êtes um soldat. Arrêtez ça immédiatement*!

— *C'est l'institutrice qui corrige te mauvais élève. Vouz avez bien raison.*

— *On dit que vous êtes un géant. Je te crois.* — Fez-se silêncio do outro lado da linha; Marie prendeu a respiração.

Quando Villiers voltou a falar ela respirou novamente.

— Nosso amigo em comum é um afortunado. Você é uma mulher extraordinária!

— De forma alguma. Só quero que meu amigo volte logo para mim. Não há nada de extraordinário nisso.

— Talvez não. Mas eu também gostaria de ser seu amigo. Você fez com que um velho se lembrasse de quem e o que é. Ou quem e o que foi; e o que tem que voltar a ser novamente. Agradeço-lhe por esta segunda chance.

— Não tem de que... meu amigo. — Marie desligou, seu- indo-se emocionada e perturbada ao mesmo tempo. Não estava muito convicta de que Villiers pudesse agüentar as próximas vinte e quatro horas. E se não pudesse, o assassino saberia o quanto já fora descoberto. Ordenaria que todos os contatos da Les Classiques fugissem de Paris e desaparecessem. Ou haveria um mar de sangue em Saint-Honoré, e o resultado seria o mesmo.

Se isso acontecesse, não haveria nenhuma resposta. Nenhum endereço em Nova Iorque, nenhuma mensagem a ser decifrada, nenhum mensageiro a ser descoberto. E o homem a quem amava teria que voltar para o seu labirinto. E ele a deixaria.

28

Bourne avistou-a na esquina; estava iluminada pelas luzes da rua e vinha em direção ao pequeno hotel onde morava. Monique Brielle, a funcionária número um de Jacqueline Lavier, era de estrutura mais pesada e sinuosa do que Janine Dolbert. Ele lembrava-se de tê-la visto na loja. Havia certa segurança em seu porte, seu modo de andar era o de uma mulher confiante e segura, segura de suas habilidades. Passos muito firmes. Jason pôde entender por que ela era a número um de Lavier. Eles logo se encontrariam, o impacto da mensagem seria assustador, a ameaça estava implícita. Era hora de começar a segunda descarga elétrica. Ficou imóvel e a deixou passar pela calçada; os saltos batiam marcialmente sobre o piso. A rua não estava muito cheia, mas também não estava deserta. Havia umas doze pessoas no quarteirão. Seria necessário isolá-la, afastá-la dali, dos possíveis ouvintes, porque ele lhe diria palavras que nenhum mensageiro se arriscaria a deixar que fossem ouvidas. Achegou-se a ela a menos de trinta pés da entrada do pequeno hotel; diminuiu o passo e pôs-se ao seu lado.

— Entre em contato com Lavier agora mesmo — disse em francês, olhando em frente.

— Perdão. O que disse? Quem é o senhor, monsieur?

— Não pare! Continue a andar. Passe adiante da entrada.

— O senhor sabe onde moro?

— Há muito pouca coisa que não sabemos.

— E se eu entrar? Há um porteiro lá...

— Também há Lavier — interrompeu Bourne. — Você perderá o seu emprego e nunca mais será capaz de encontrar outro em Saint-Honoré. Eu acho que este será o menor dos seus problemas.

— Quem é você? /

— Não sou seu inimigo — Jason olhou-a. — Não me faça sê-lo.

— *Você*. O americano! Janine... Claude Oreale!

— Carlos — completou Bourne.

— Carlos? Que loucura é esta? A tarde toda, só Carlos! E números! Todos têm um número que não conhecem! E falam de armadilhas e homens armados! É uma loucura!

— Está acontecendo. Mantenha-se no mesmo passo. Por favor. Pelo seu próprio bem.

Ela continuou a andar, o passo menos seguro, o corpo enrijecido, uma marionete dura e embaraçada em seus cordéis. — Jacqueline falou conosco — disse ela com voz grave. — Ela nos disse que tudo isto era uma loucura, que isto — *você* — estava a fim de arruinar Les Classiques. Que uma outra casa deve tê-lo pago para nos arruinar.

— O que você esperava que ela dissesse?

— Você é um provocador pago. Ela nos disse a verdade.

— Ela também lhes disse para se manterem calados? Para não dizerem uma palavra sobre isso tudo a ninguém?

— Naturalmente,

— E acima de tudo — continuou Jason, como se não a tivesse ouvido — para não manterem contato com a polícia, o que, sob as atuais circunstâncias, seria a coisa mais lógica a fazer. E, de certa forma, a *única* coisa a fazer.

— Sim, naturalmente...

— Nada de natural — contradisse Bourne. — Olhe, sou apenas um passador de recados, provavelmente não tenho posição mais alta do que a sua. Não estou aqui para convencê-la, estou aqui apenas para entregar uma mensagem. Fizemos um teste com Dolbert, passamos-lhe uma falsa

informação.

— Janine? — A perplexidade de Brielle era um misto de confusão e espanto. — As coisas que ela disse eram incríveis! Tão incríveis quanto os histéricos gritos de Claude — e as coisas que *ele* disse! Mas o que ela disse era o oposto do que ele disse.

— Nós sabemos; foi intencional. Ela estava conversando com Azur.

— A House of Azur?

— Teste-a amanhã. Questione-a.

— Questioná-la?

— É, faça isso. Pode ter ligações.

— Com o quê? Interpol? Armadilhas? É a mesma loucura! Ninguém sabe sobre o que você está falando!

— Lavier sabe. Entre em contato com ela agora mesmo. — Chegaram ao final do quarteirão; Jason tocou-lhe o braço. — Vou deixá-la aqui, nesta esquina. Vá para o seu hotel e telefone para Jacqueline. Diga-lhe que é muito mais sério do que pensávamos. Tudo está se desmoronando. E o pior é que alguém cometeu uma traição. Não foi Dolbert, nenhuma das vendedoras, mas alguém em posição mais alta. Alguém que sabe de tudo.

— Traição? O que significa isso?

— Existe um traidor, na Les Classiques. Diga-lhes para ter cuidado. Com todos. Se não for cuidadosa, pode ser o fim de tudo para todos nós. — Bourne soltou-lhe o braço, deu um passo para fora do meio-fio e atravessou a rua. Do outro lado avistou uma entrada e foi em sua direção.

Virando a cabeça ainda pôde ver Monique Brielle no meio do quarteirão, correndo em direção à entrada do hotel. O primeiro pânico da segunda descarga começara. Era hora de telefonar para Marie.

— Estou preocupada, Jason. Isso está acabando com ele! Ele quase se desesperou ao telefone. O que acontece quando ele a vê? O que sente e pensa?

— Ele pode suportar — disse Bourne, olhando para o trânsito nos Champs-Elysées de dentro da cabine telefônica. Gostaria de estar mais seguro com relação a André Villiers. — Se ele não agüentar, eu o matei. Não quero esse peso na minha consciência, mas fiz isto. Eu devia ter calado a minha boca; e eu mesmo devia tê-la pego.

— Você não podia ter feito isso. Viu d'Anjou na escada; não podia ter entrado.

— Eu podia ter pensado em alguma coisa para fazer. Como concordamos, sinto-me engenhoso — mais do que gosto de pensar.

— Mas você está fazendo alguma coisa! Está criando pânico, forçando os que passam as ordens de Carlos a se mostrarem. Alguém vai ter que deter o pânico. E você mesmo disse que achava que Jacqueline Lavier não estava em posição tão alta para dar esse comando. Jason, você vai encontrar alguém, e então o reconhecerá. Você o pegará! Tenho certeza!

— Assim espero. Cristo, assim espero! Sei o que estou fazendo. Mas, de vez em quando... — Bourne parou. Detestava ter que confessar isto, mas era preciso — devia dizer a ela. — Fico confuso. É como se eu estivesse partido ao meio, uma parte de mim diz: "Salve-se" e a outra... Deus, ajude-me... diz: "Pegue Carlos."

— É o que você está fazendo desde o início, não é? — disse Marie suavemente.

— Não me importo com Carlos! — Jason gritou, limpando o suor que lhe aparecera na testa e sentindo frio. — Isso me deixa maluco — acrescentou, sem ter certeza se dissera as palavras ao telefone ou se para ele mesmo.

— Querido, volte.

— O quê? — Bourne olhou para o telefone, e novamente não tinha certeza de ter ouvido as palavras, ou se apenas quisera ouvi-las e as inventara. *Estava acontecendo de novo. As coisas pareciam ser e não ser. O céu lá fora estava muito escuro; lá fora, numa cabine de telefone dos Champs-Elisées. Uma vez já fora claro, tão brilhante que ofuscava. E quente, não frio. Com pássaros gritando e ruídos súbitos de metal...*

— Jason!

— O quê?

— Volte. Querido, *por favor*, volte.

— Por quê?

— Você está cansado. Precisa descansar.

— Ainda tenho que me encontrar com Trignon. Pierre Trignon. É o guarda-livros.

— Faça isto amanhã. Pode esperar até amanhã.

— Não. Amanhã é para os capitães. — O que estava dizendo? Capitães, Tropas. Pessoas aos encontrões, em pânico. Mas era o único jeito, o único jeito. O camaleão era um... provocador.

— Ouça-me — disse Marie, a voz intensa. — Alguma coisa está acontecendo com você. Isto já aconteceu antes; nós dois sabemos disso, meu querido. E quando isso acontece, você tem que parar, também sabemos disso. Volte para o hotel, por favor.

Bourne fechou os olhos, o suor estava desaparecendo e o ruído do trânsito lá fora tomou o lugar dos gritos dos pássaros em seus ouvidos. Podia ver as estrelas na noite fria, não mais a ofuscante luz solar, nem o insuportável calor. Tinha passado. Fosse o que fosse, tinha passado.

— Estou bem. Verdade. Estou bem agora. Foi só um mau momento, só isso.

— Jason? — Marie falou devagar, forçando-o a ouvi-la. — O que causou isso?

— Não sei.

— Você acabou de ver a Brielle. Ela lhe disse alguma coisa? Alguma coisa que fez você se lembrar de outra?

— Não tenho certeza. Eu estava muito ocupado tentando descobrir o que dizer.

— Pense, querido!

Bourne fechou os olhos, tentando lembrar-se. Teria acontecido alguma coisa? Alguma coisa que tivesse sido dita casualmente ou tão rápido que se perdera naquele momento? — Ela me chamou de *provocateur* — disse Jason, sem saber por que a palavra lhe voltara. — Mas isto é o que sou mesmo, não é? É o que estou fazendo.

— Sim — concordou Marie.

— Tenho que ir — continuou Bourne. — A casa de Trignon fica perto daqui. Quero alcançá-lo antes das dez.

— Tenha cuidado. — Marie falou como se seus pensamentos estivessem em outro lugar qualquer.

— Terei. Eu a amo.

— Acredito em você — disse Marie St. Jacques.

A na estava quieta; o quarteirão era uma mistura estranha de lojas e apartamentos, bem própria do centro de Paris, explodindo em movimento durante o dia e deserto à noite.

Jason chegou à pequena casa de apartamentos que constava da lista telefônica como a residência de Pierre Trignon. Subiu os degraus e entrou no aconchegante foyer. A luz era fraca; havia uma fileira de caixas de correspondência do lado direito, cada uma tinha logo embaixo um pequeno alto-falante que servia para o visitante identificar-se. Jason correu os dedos pelos nomes impressos embaixo das caixas: M. PIERRE TRIGNON — 42. Apertou o pequeno botão preto duas vezes; dez segundos mais tarde ouviu um ruído de estática.

— *Oui?*

— *Monsiew Trignon, s'il vous plaît?*

— *Ici.*

— *Télégramme, monsieur. Je ne peux pas quitter ma bicyclette.*

— *Télégramme? Pour moi?*

Pierre Trignon não era homem de receber telegramas com muita freqüência, pelo menos era o que indicava a sua voz surpresa. O resto de suas palavras nem sequer foi ouvido, mas uma voz de mulher, ao fundo, parecia chocada, relacionando o telegrama a imagens de desastres.

Bourne esperou do lado de fora da porta de vidro opaco. Segundos depois ouviu barulho de passos se aproximando. Alguém descia correndo — obviamente Trignon — os degraus. A porta se abriu, escondendo Jason; um homem careca, pesadão, com suspensórios enrugando a carne por baixo da imensa camisa branca, foi até as caixas de correspondência e parou na de número 42.

— *Monsieur* Trignon?

O homem pesadão virou-se, o rosto rechonchudo tinha uma expressão indefesa. — Um telegrama! Recebi um telegrama! — gritou. — Foi você quem me trouxe o telegrama?

— Peço desculpas por este estratagema, Trignon, mas foi para o seu próprio bem. Achei que você não gostaria de ser interrogado na frente de sua mulher, da família.

— *Interrogado*? — exclamou o guarda-livros, os lábios grossos e protuberantes caídos, os olhos assustados. — *Eu*? Sobre o quê? O que é isto? Por que está aqui na minha casa? Sou um cidadão cumpridor das leis!

— Você trabalha em Saint-Honoré? Para uma firma chamada Les Classiques?

— Sim. Quem é você?

— Se preferir, podemos ir até o meu escritório — disse Bourne.

— Quem é você?

— Sou um investigador especial do Bureau de Taxas e Registros, Divisão de Fraude e Conspiração. Venha — meu carro oficial está aí fora. Vamos?

— Aí fora? Vamos? Estou sem paletó, sem casaco! Minha mulher. Ela está lá em cima, esperando que eu leve o telegrama. Um telegrama!

— Pode lhe mandar um, se preferir. Agora vamos. Já perdi todo o meu dia com isso, quero acabar logo.

— Por favor, monsieur — protestou Trignon. — Não faço questão de ir a lugar algum! Disse que tinha perguntas. Faça as suas perguntas e deixe-me subir. Não tenho vontade alguma de ir até o seu escritório.

— Pode levar alguns minutos — disse Jason.

— Telefonarei para minha mulher e dir-lhe-ei que é um engano. Que o telegrama é para o velho Gravet; ele mora aqui no primeiro andar e quase não pode ler. Ela vai entender.

Madame Trignon não entendeu, mas suas ásperas objeções foram imediatamente caladas pelo tom mais áspero de Monsieur Trignon. — Pronto, vê? — disse o guarda-livros afastando-se da caixa de correspondência, o cabelo ralo colado na cabeça com o suor. — Não há razão para ir a algum lugar. O que são alguns poucos minutos na vida de um homem? O show da televisão será repetido daqui a um ou dois meses. Agora pelo amor de Deus, o que é isto, *monsieur*? Meus livros são imaculados! É claro que não posso ser responsável pelo trabalho do contador. Isso é outra firma, *ele* é outra firma. Francamente, nunca gostei dele; faz juras em demasia, o senhor entende o que quero dizer? Mas também, quem sou eu para falar? — As mãos de Trignon estavam levantadas, as palmas viradas para cima, o rosto aberto em um sorriso obsequioso.

— Para começar — disse Bourne, desprezando os protestos — não deixe os limites da cidade de

Paris. Se for chamado por qualquer razão, pessoal ou profissional, para fazer isto, notifique-nos. Francamente, isto não lhe será permitido.

— O senhor certamente está brincando, *monsieur*!

— Caro que não.

— Não tenho razão alguma para deixar Paris — nem dinheiro para isso. Mas que isto me seja imposto é inacreditável! O que fiz?

— O *Bureau* vai intimar a loja a mostrar seus livros pela manhã. Esteja preparado.

— Intimar? Qual é causa? Estar preparado para quê?

— Pagamentos para os assim chamados fornecedores, cujas faturas são fraudulentas. A mercadoria nunca foi recebida — nem havia intenção de recebê-la. E os pagamentos foram direto para um banco em Zurique.

— Zurique? Não sei do que está falando! Nunca emiti cheque algum para Zurique.

— Não diretamente, sabemos disso. Mas foi fácil emiti-los para firmas inexistentes. O dinheiro foi remetido para Zurique.

— Todas as faturas são rubricadas por Madame Lavier! Não pago *nada* por minha própria conta!

Jason fez uma pausa, franzindo a testa. — Agora é você quem está brincando! — disse.

— Dou-lhe a minha palavra! É a norma da casa. Pode perguntar a qualquer um! Les Classiques não paga um *sou*, a menos que seja autorizado pela Madame.

— O que está dizendo, então, é que recebe ordens diretamente dela.

— Mas naturalmente!

— E de quem ela recebe ordens?

Trignon sorriu maliciosamente. — Dizem que é diretamente de Deus, quando não é o oposto. É claro, é uma piada, monsieur.

— Gostaria que fosse mais sério. Quem são os donos da Les Classiques?

— É uma sociedade, *monsieur*. Madame Lavier tem muitos amigos ricos; eles investiram na habilidade dela. E, é claro, nos de René Bergeron.

— Estes investidores se encontram com freqüência? Fazem sugestões sobre as normas da loja? Ou talvez indiquem algumas firmas com as quais a loja deve negociar...

— Eu não saberia lhe dizer, monsieur. Naturalmente, todos têm amigos.

— Podemos estar preocupados com as pessoas erradas — interrompeu Bourne. — É bem possível que você e Madame Lavier — como os únicos diretamente envolvidos com as finanças diárias — estejam sendo usados.

— Usados para quê?

— Para desviar dinheiro para Zurique. Para a conta de um dos mais depravados matadores da Europa.

Trignon teve uma convulsão, o imenso estômago estremecia. Encostou-se na parede. — Em nome de Deus, o que está *dizendo*?

— Preparem-se. Sobretudo você! Era você quem preparava os cheques, e mais ninguém.

— Mas apenas sob aprovação!

— Alguma vez você conferiu a mercadoria para ver se estava de acordo com as faturas?

— Este não é o meu trabalho!

— Então, em essência, você emitia pagamentos para mercadorias que nunca via.

— Nunca vejo nada! Apenas faturas que já tenham sido rubricadas. Só pago essas!

— É melhor encontrar todas elas. Você e *Madame* Lavier, é melhor começarem a procurar tudo em seus arquivos. Porque vocês dois — e você, mais especialmente — vão se dar mal. A responsabilidade é de vocês.

— Responsabilidade? Que responsabilidade?

— Por falta de sentença especifica, vamos chamá-la cumplicidade em múltiplos homicídios.

— Múltiplos...

— Assassinatos. A conta em Zurique pertence ao assassino conhecido como Carlos. Você, Pierre Trignon, e sua empregadora. Madame Jacqueline Lavier, estão diretamente implicados em financiar o mais procurado dos assassinos da Europa. Ilich Ramirez Sanchez, conhecido como Carlos.

— Ahhh!... — Trignon sentou-se no chão do *foyer*. Os olhos mostravam o seu estado de choque, as feições gorduchas estavam deformadas. — Toda a tarde... — murmurou. — As pessoas corriam em volta, encontros históricos nos corredores, olhavam para mim de forma estranha, passavam pelo meu escritório e viravam a cabeça. Oh, meu *Deus*!

— Se eu fosse você, não perderia tempo. A manhã logo estará chegando e com ela possivelmente o dia mais dIfícil de sua vida. — Jason foi em direção à porta de saída e parou, a mão na maçaneta. — Não é do meu dever avisá-lo, mas se eu fosse você, entraria em contato com Madame Lavier agora mesmo. Comece a preparar a sua defesa — isso pode ser tudo que lhes resta. Uma execução pública não está fora de cogitações.

O camaleão abriu a porta e saiu; a noite fria açoitou-lhe o rosto.

Pegar Carlos. Armar uma emboscada para Carlos. Caim é para Charlie e Delta é para Caim.

Falso!

Descubra o número de Nova Iorque. Descubra a Treadstone. Descubra o significado de uma mensagem. Descubra o emissor.

Descubra Jason Bourne.

A luz do sol refletia-se pelas janelas de vidro pintado. O velho de rosto escanhoado, vestido com um terno antigo, atravessou o corredor da igreja em Neuilly-sur-Seine. O padre alto que estava perto do suporte com as velas para a novena olhou para ele, surpreso: o velho despertara-lhe uma sensação de familiaridade. Por um instante o clérigo pensou já ter visto aquele homem antes, mas não sabia onde. Ontem aparecera um mendigo desgrenhado, parecido com ele, com a mesma altura, o mesmo... Não, os sapatos deste velho estavam polidos, seus cabelos brancos bem-penteados e o terno, embora de corte antigo, era de boa qualidade.

— *Angelus Domini* — disse o velho ao abrir a cortina do confessionário.

— Basta! — sussurrou o vulto por detrás da etamine. — O que conseguiu saber em Saint-Honoré?

— Pouca coisa, mas com muito respeito pelos seus métodos.

— Há um método?

— É irregular, parece. Ele seleciona as pessoas que não sabem de nada e as usa para instigar o caos. Sugiro que não seja feito mais nada na Les Classiques.

— Naturalmente — concordou o vulto. — Mas qual é o propósito dele?

— Além do caos? — perguntou o velho. — Eu diria que é provocar desconfianças entre os que sabem de alguma coisa. A mulher chamada Brielle disse que um americano lhe mandara dizer a Lavier que havia um "traidor" lá dentro. Uma declaração falsa, é claro. Quem ousaria? A noite passada foi uma loucura, como você sabe. O guarda-livros, Trignon, ficou maluco. Esperou até as duas horas da manhã na frente da casa de Lavier e literalmente assaltou-a quando ela voltou do hotel de Brielle, gritando e chorando na rua.

— A própria Lavier não se comportou muito bem. Estava quase em pânico quando telefonou para Parc Monceau; foi-lhe dito para não voltar a telefonar de novo. Ninguém deve telefonar para lá... nunca mais. Nunca.

— Já recebemos a ordem. Os poucos que conhecem o número já o esqueceram.

— É bom certificar-se disso. — O vulto de repente se movimentou, a cortina se mexeu. — É *claro*, espalhar desconfiança! Advém o caos. Não há mais nenhuma dúvida quanto a isto, agora. Ele vai pegar os contatos, tentar arrancar informações deles e, quando falharem, vai jogá-los para os americanos e seguir em frente. Mas vai tentar estas abordagens sozinho, isso faz parte do seu ego. Ele é um homem louco. Um obcecado.

— Ele pode ser as duas coisas — contrapôs o velho — mas é também um profissional. Vai querer certificar-se de que todos os nomes sejam realmente entregues aos seus superiores, caso falhe. E, assim, não importa que você o pegue ou não, os contatos serão pegos.

— Eles estarão mortos — disse o assassino. — Menos Bergeron. Ele é muito valioso. Diga-lhe que vá para Atenas; ele sabe para onde.

— Devo deduzir que vou ficar no lugar de Parc Monceau?

— Isto seria impossível. Mas por enquanto você vai entregar as minhas decisões finais.

— E a primeira pessoa com quem devo falar é Bergeron. Ir para Atenas.

— Sim.

— Então, Lavier e d'Anjou estão marcados?

— Estão marcados. Um chamariz raramente sobrevive, e eles não sobreviverão. Você também pode entregar outra mensagem, para os dois grupos que estão cobrindo Lavier e d'Anjou. Diga-lhes que eu os estarei vigiando — o tempo todo. Não pode haver nenhum engano.

Agora era a vez de o velho fazer uma pausa para despertar silenciosamente a atenção do vulto. — Guardei o melhor para o fim, Carlos. O Renault foi encontrado há uma hora e meia, em uma garagem em Montmartre. Foi levado para lá na noite passada.

Na quietude do confessionário o velho podia ouvir a respiração lenta e deliberada da figura do outro lado do pano. — Presumo que você tenha tomado medidas para que ele esteja sendo vigiado até agora, e seguido até agora.

O mendigo de encomenda riu baixinho. — De acordo com suas últimas instruções, tomei a liberdade de pagar um amigo, um amigo que tem um carro. Ele, por sua vez, empregou três conhecidos seus. Juntos, estão fazendo quatro turnos de seis horas na rua, em frente à garagem. Não sabem de nada, é claro. Apenas que devem seguir o Renault a qualquer hora do dia e da noite.

— Você não me desaponta.

— Não posso deixar que isto aconteça. E, desde que Parc Monceau foi eliminado, não tenho mais um número de telefone para lhes dar a não ser o meu próprio que, como você sabe, é o de um velho e desmantelado café no Quartier. O dono do café e eu fomos amigos nos velhos tempos, em dias melhores. Posso pedir-lhe as mensagens a cada cinco minutos e ele não vai se importar. Sei onde ele conseguiu o dinheiro para pagar o seu negócio, e quem ele teve que matar para obtê-lo.

— Você se comportou muito bem, você tem muito valor.

— Também tenho um problema, Carlos. Como nenhum de nós pode telefonar para Parc Monceau, como vou poder encontrá-lo? No momento em que precisar, digamos, por exemplo, no caso do Renault.

— Sim, estou ciente do problema. Você sabe o que está me pedindo?

— Eu preferiria não ter que pedir. Minha única esperança é que, quando tudo isso terminar e Caim já estiver morto, você se lembre das minhas contribuições e, em vez de me matar, mude o número.

— Você *está* se antecipando.

— Nos velhos tempos esse foi o meu meio de sobrevivência.

O assassino murmurou sete números. — Você é o único homem vivo que tem este número. Naturalmente, será impossível rastreá-lo.

— Naturalmente. Quem esperaria que um velho mendigo pudesse conhecer este número?

— A cada hora que passa você se aproxima mais de um melhor padrão de vida. A rede está se

fechando; a cada hora que passa ele mais se aproxima de uma das várias armadilhas. Caim será pego e o corpo de um impostor será mandado de volta para os espantados estrategistas que o criaram. Eles contaram com um ego monstruoso e ele correspondeu. Afinal, ele foi apenas um boneco, um boneco caro e dispendioso. Todos sabiam disso, menos ele.

Bourne pegou o telefone. — Sim?

— Quarto 420?

— Continue, general.

— As chamadas telefônicas pararam. Ela não está mais sendo chamada — pelo menos não ao telefone. O nosso casal de empregados saiu e o telefone tocou apenas duas vezes. Nas duas, ela me pediu para atender. Ela realmente não quis falar.

— Quem chamou?

— Os farmacêuticos, com uma receita, e um jornalista pedindo uma entrevista. Ela não poderia saber quem estava telefonando.

— O senhor teve a impressão de que ela estava querendo livrar-se do senhor ao mandá-lo atender o telefone?

Villiers fez uma pausa, a resposta veio irada. — Era isto, o efeito foi pouco sutil, até ela comunicar que iria almoçar fora; Disse que tinha uma reserva no George Cinq e que eu poderia me encontrar com ela lá se ela realmente decidisse ir.

— Se ela for, preciso chegar lá antes.

— Comunicar-lhe-ei.

— O senhor disse que ela não está sendo chamada pelo telefone. "Pelo menos, não ao telefone", acho que foi isso o que o senhor disse. O senhor quis dizer alguma outra coisa com isso?

— Sim. Há trinta minutos uma mulher veio até aqui. Minha mulher não queria, mas acabou recebendo-a. Vi apenas o seu rosto no corredor, mas foi o suficiente. A mulher estava em pânico.

— Descreva-a.

Villiers descreveu a mulher.

— É Jacqueline Lavier — disse Jason.

— Achei que devia ser ela mesma. Aparentemente, a sua armadilha foi um sucesso. Era óbvio que ela não dormira. Antes de levá-la para a biblioteca, minha mulher me disse que ela era uma velha amiga e que estava passando por uma crise no casamento. Mas, na idade dela, é clero que não existem mais crises de casamento, apenas a aceitação ou a separação.

— Não consigo entender por que ela foi à sua casa. É muito arriscado. Não tem sentido. A menos que ela tenha feito isso por conta própria, ao saber que nenhuma chamada mais devia ser feita.

— Estas coisas todas me ocorreram — disse o soldado. — E senti necessidade de respirar um pouco de ar, de dar uma caminhada em volta do quarteirão. A minha assistente me acompanhou: era um velho trôpego fazendo a sua caminhada diária sob o olhar vigilante de uma acompanhante. Mas os meus olhos também estavam vigilantes. Lavier foi seguida. Dois homens estavam sentados em um carro ali perto, quatro casas depois da minha. O automóvel era equipado com um rádio. Não pertenciam a nenhuma das casas da rua. Estava estampado no rosto deles, na forma como vigiavam a minha casa.

— Como você sabe que ela não veio com eles?

— Moramos numa rua silenciosa. Quando Lavier chegou, eu estava na sala de estar tomando café e ouvi seus passos na escada. Fui até a janela a tempo de ver o táxi ir embora. Ela veio de táxi e foi seguida.

— Quando ela saiu?

— Ela ainda não saiu. E os homens continuam lá fora.

— Que carro é?

— Um Citroen. Cinza. As primeiras três letras da placa são NYR.

— Há pássaros no ar, seguindo um contato. De onde vieram os pássaros?

— Como? Não entendi. O que disse?

Jason balançou a cabeça. — Não tenho certeza. Mas não tem importância. Vou tentar chegar aí antes que Lavier saia. Faça o que puder para me ajudar. Interrompa a sua mulher e diga que precisa falar com ela por alguns minutos. Insista para que a sua "velha amiga" fique; diga alguma coisa, mas certifique-se de que ela não saia.

— Farei o possível.

Bourne desligou e olhou para Marie, que estava perto da janela, do outro lado do quarto. — Está funcionando. Eles estão começando a levantar suspeitas entre eles mesmos. Lavier foi a Parc Monceau e está sendo seguida. Começam a suspeitar deles mesmos.

— Há pássaros no ar — disse Marie. — O que você quis dizer com isto?

— Não sei; mas não é importante. Não há tempo agora.

— Acho que *é* importante, Jason.

— Não agora. — Bourne foi até a cadeira onde deixara o sobretudo e o chapéu. Vestiu-os rapidamente e aproximou-se do balcão; abriu a gaveta. Pegou o revólver. Por um instante contemplou-o, liberando as recordações. As imagens voltaram ao passado; um passado que era todo seu e, no entanto, não o era totalmente. Zurique. A Bahnhofstrasse e o Carillon du Lac; o Drei Alpenhäuser e a Löwenstrasse; uma pensão imunda na Steppdeckstrasse. Aquela arma simbolizava todos esses lugares, pois ela quase lhe tirara a vida em Zurique.

Mas agora ele estava em Paris. E tudo que começara em Zurique estava em movimento.

Encontrar Carlos. Armar uma cilada para Carlos. Caim é para Charlie e Delta é para Caim.

Ë falso! Que diabo, é falso!

Descobrir a Treadstone. Descobrir a mensagem. Descobrir um homem.

29

Jason encostou-se bem no canto do banco traseiro quando o táxi entrou no quarteirão de Villiers, em Parc Monceau. Perscrutou os carros alinhados no meio-fio; não havia nenhum Citroen cinza, nem placa com as letras NYR.

Mas lá estava Villiers. O velho soldado estava sozinho na calçada, quatro portas depois da sua casa.

Dois homens... num carro quatro casas depois da minha.

Ele estava onde o carro estivera antes; era um sinal.

— *Arrêtez, s'il vous plaît* — disse Bourne ao motorista. — *Le vieux là-bas. Je veux parler avec lui*. — Abaixou o vidro e inclinou-se para fora do carro. — *Monsieur*?

— Em inglês — respondeu Villiers, aproximando-se do táxi. — Era um velho a conversar com um estrangeiro.

— O que aconteceu? — perguntou Jason.

— Não pude detê-las. Elas saíram.

— Elas?

— Minha mulher saiu com aquela outra, a Lavier. Fui obstinado mas não adiantou. Disse-lhe para esperar o meu telefonema no George Cinq, era um assunto de extrema importância e eu precisava do seu conselho.

— E o que ela disse?

— Que não tinha certeza se estaria no George Cinq. Porque a amiga insistia em ver um padre em Neuilly-sur-Seine, na Igreja do Santíssimo Sacramento. E ela se sentia na obrigação de acompanhá-la.

— O senhor fez alguma objeção?

— Energicamente. E pela primeira vez em nossa vida conjugal ela expôs os meus próprios pensamentos. Disse: "Se o seu desejo é investigar os meus atos, André, por que não telefona para a paróquia? Tenho certeza que alguém poderá me reconhecer e me chamar ao telefone." Será que ela estava me testando?

Bourne pensou. — Talvez. Alguém a veria lá, ela tornaria isso possível. Mas chamá-la ao telefone já seria outra coisa. Quando saíram?

— A menos de cinco minutos. Os dois homens que estavam no Citroen seguiram-nas.

— Elas estavam no seu cano?

— Não. Minha mulher chamou um táxi.

— Vou até lá — disse Jason.

— Achei que devia — disse Villiers. — Procurei o endereço da igreja.

Bourne pôs uma nota de cinqüenta francos sobre o encosto do assento dianteiro. O motorista pegou-a. — É multo importante para mim chegar a Neuilly-sur-Seine o mais rápido possível. Na Igreja do Santíssimo Sacramento. Sabe onde fica?

— Como não, *monsieur*? É a paróquia mais bonita deste distrito.

— Se chegar lá bem depressa terá mais cinqüenta francos.

— Voaremos sobre as asas dos santíssimos anjos, *monsieur*!

Voaram, e o projétil voador pôs em risco quase todo o tráfego na pista.

— Lá estão as torres de Santíssimo Sacramento, *monsieur* — exclamou o motorista vitorioso, doze minutos depois, apontando três altas torres de pedra, pela janela do carro. — Mais um minuto ou talvez dois, se esses idiotas que deviam ser retirados da rua permitirem...

— Mais devagar — interrompeu Bourne. Sua atenção fora desviada para um automóvel um pouco mais à frente. Tinham acabado de dobrar uma esquina e ele o vira. Era um Citroen cinza, com dois homem no assento da frente.

Os carros pararam no sinal. Jason pôs a segunda nota de cinqüenta francos por cima do banco e abriu a porta. — Voltarei logo. Se o sinal abrir, siga em frente, devagar que eu pulo para dentro.

Bourne desceu do carro, mantendo-se abaixado e correu por entre os carros, até que avistou as letras *NYR*; os números que se seguiam eram 768, mas não tinham importância. O motorista do táxi fizera jus ao seu dinheiro.

O sinal mudou e a fila de automóveis avançou como se fosse um comprido inseto juntando sua carapuça. O táxi vinha próximo à calçada. Jason abriu a porta e entrou. — Você trabalha bem — disse para o motorista.

— Mas não estou muito certo sobre o trabalho que estou fazendo.

— Um problema de coração. É preciso pegar o traidor no ato.

— Na *igreja, monsieur*? O mundo anda multo rápido para mim.

— Não no trânsito — disse Bourne. Aproximaram-se do último quarteirão antes da Igreja do Santíssimo Sacramento. O Citroen fez a curva, havia um único carro entre o sedã e um táxi, cujos passageiros Jason não podia distinguir. Qualquer coisa incomodava Jason. A vigilância dos dois homens era muito óbvia, muito aberta. Era como se os militantes de Carlos quisessem que as pessoas que estavam no táxi soubessem que eles as estavam acompanhando.

É claro! A mulher de Villiers estava no táxi. Com Jacqueline Lavier. E os dois homens do Citroen queriam que a mulher de Villiers soubesse que eles a estavam seguindo.

— Lá está a Santíssimo Sacramento — disse o motorista, entrando na rua onde a igreja se elevava no esplendor do seu estilo medieval inferior, no centro de um gramado bem-tratado, entrecruzado de caminhos de pedra e pontilhado de esculturas. — O que devo fazer, *monsieur*?

— Encoste naquele espaço — ordenou Jason, apontando para um espaço na fila dos carros encostados. O táxi com a mulher de Villiers e Lavier parou em frente a uma entrada guardada por um santo de concreto, A bela mulher de Villiers saltou primeiro do carro, estendendo a mão para Jacqueline Lavier, que desceu à calçada muito pálida. Usava óculos de sol, com armação cor-de-laranja, e levava uma bolsa branca; mas perdera toda a sua elegância. Os cabelos com mechas prateadas escorriam lisos do alto da cabeça em linhas esparsas dos lados do rosto, que mais parecia uma máscara mortuária. Suas meias estavam rasgadas. Ela estava há uns trezentos pés dele, mas Bourne quase podia sentir a respiração irregular, difícil e acompanhada de movimentos hesitantes da antiga figura régia caminhando à luz do sol.

O Citroen ultrapassara o táxi e estava encostado no meio- fio. Nenhum dos homens saiu do carro, mas uma fina vara de metal, refletindo a luz do sol, começou a se elevar da capota do carro. A antena do rádio estava sendo ativada, códigos eram emitidos em freqüência especial e secreta. Jason estava hipnotizado, não pela visão ou percepção do que estava sendo feito, mas por alguma outra coisa. As palavras lhe vieram à mente; não sabia de onde, mas apareceram, estavam na sua cabeça.

Delta para Almanac; Delta para Almanac. Não vamos responder. Repita, negativo, irmão.

Almanac para Delta. Vocês vão responder, como foram ordenados. Abandonar, abandonar. Acabou.

Delta para Almanac. Você acabou, irmão, Vá se foder! Delta está fora do ar, equipamento estragado.

De repente a escuridão tomou conta dele, a luz do sol desaparecera. Não havia mais as torres altas da igreja se elevando contra o céu; ao contrário, apareceram formas escuras e irregulares de folhagens se movimentando debaixo da luz das nuvens iridescentes. Tudo se movimentava, tudo se movimentava; ele tinha que se movimentar também. Ficar imóvel significa morrer. Movimente se! Pelo amor de Cristo, movimente-se!

E retire-os de lá. Um por um. Aproxime-se agachado; domine o medo — o terrível medo — e reduza os números. É a única coisa a fazer. Reduza os números. O Monge deixara isso bem claro. Faca, arame, joelho, dedo; você conhece os pontos fracos de lesão. De morte.

A morte é apenas um número estatístico para os computadores. Para você significa a sobrevivência.

O Monge.

O Monge?

A luz solar voltou-lhe à vista, cegando-o por um momento; estava com um pé na calçada, os olhos no Citroen, que estava a cem jardas dali. Era difícil ver com clareza; por que era tão difícil? Estafa, névoa... não era a escuridão agora. Mas a impenetrável névoa. Sentia calor. Não, sentia frio. Frio! Levantou a cabeça, de repente consciente de onde estava e o que fazia. Encostara o rosto contra a janela; sua respiração embaçara o vidro.

— Vou sair por alguns minutos — disse Bourne. — Espere aqui.

— O dia todo, se quiser, monsieur.

Jason levantou a gola do sobretudo, abaixou um pouco o chapéu e colocou os óculos de aro de tartaruga. Passou por um casal que ia em direção a um bazar de objetos religiosos, ultrapassou-o, pôs-se atrás de uma mãe com uma criança, do lado de fora da calçada. Viu claramente o Citroen, o táxi chamado para Parc Monceau não estava mais lá, fora dispensado pela mulher de Villiers. Isso era muito estranho, Bourne pensou; os táxis não estavam tão fáceis.

Três minutos mais tarde a razão ficou clara... e perturbadora. A mulher de Villiers saiu a passos largos da igreja, caminhando rapidamente, sua figura alta e escultural despertando os olhares admirados dos que passavam. Encaminhou-se diretamente para o Citroen, falou com os homens que estavam na frente e depois abriu a porta de trás.

A bolsa. Uma bolsa *branca*! A mulher de Villiers estava com a bolsa que há alguns minutos estava nas mãos de Jacqueline Lavier. Ela entrou pela porta de trás do Citroen e fechou a porta. O motor do sedã foi ligado e o carro acelerou, prelúdio de uma partida rápida e repentina. Enquanto o carro rodava, distanciando-se, a fina vara de metal, que era a antena do veículo, começou a ficar mais e mais curta, até retrair-se inteiramente em sua base. Onde estava Jacqueline Lavier? Por que ela entregara a bolsa para a mulher de Villiers? Bourne começou a se movimentar, e parou em seguida, o instinto o colocando de sobreaviso. Uma cilada? Se Lavier fora seguida, os que a seguiram também deviam estar sendo rastreados — e não por ele.

Olhou para os lados, estudando os pedestres na calçada, depois cada carro, cada motorista e passageiro, à procura de um rosto que não pertencesse, como dissera Villiers sobre os dois homens no Citroen, a Parc Monceau.

Não havia nada estranho naquela multidão de pessoas, nenhum olhar faiscante, ou mãos escondidas em bolsos descomunais. Ele estava sendo muito cauteloso; Neuilly-sur-Seine não era uma cilada armada. Começou a andar em direção à igreja.

Parou; seus pés de repente ficaram presos à calçada. Um padre saía da igreja, um padre vestido com um terno preto, um colarinho engomado e um chapéu que lhe encobria parcialmente o rosto. Ele já o vira antes. Não há muito tempo, nem em um passado esquecido, mas recentemente. Muito recentemente. Semanas, dias... Talvez há algumas horas. Onde? Onde? Ele o conhecia! Conhecia aquele andar, a inclinação da cabeça, os ombros largos, que pareciam ficar no lugar acima do movimento fluido do corpo. Era um homem carregando uma arma! Onde acontecera isto?

Zurique? No Carillon du Lac? Dois homens abrindo caminho por entre a multidão, convergindo, agentes da morte. Um deles usava óculos de armação dourada, e não era este. Aquele homem estava morto. Seria o outro homem do Carillon du Lac? Ou no Guisan Quai? Um animal grunhindo, de olhos selvagens para a presa a ser violentada. Seria ele? Ou outra pessoa. Um homem vestido com um casaco

escuro, no corredor do Auberge du Coin, as luzes enfraquecidas, apenas a débil iluminação da escada a iluminar a emboscada. Uma emboscada invertida, quando aquele homem usara a sua arma no escuro contra formas que pensou serem humanas. Seria *esse* homem?

Bourne não sabia. Sabia apenas que já vira aquele padre antes, mas não como padre. Como um homem carregando uma arma.

O matador, com roupas de padre, vestido com aquele terno preto, chegou ao fim do caminho de pedra e virou à direita depois do santo de concreto. Seu rosto foi iluminado por um instante. Jason gelou; a *pele*. A pele do matador era escura; e não era queimada pelo sol, mas escura de nascimento. Uma pele latina, de matiz formado, há muitas gerações, por antepassados que haviam morado no ou próximo do Mediterrâneo. Antepassados que imigraram, dando a volta no globo... atravessando mares.

Bourne ficou paralisado pelo choque de sua própria certeza. Ele via Ilich Ramirez Sanchez.

Apanhar Carlos. Armar uma cilada para Carlos. Caim é para Charlie e Delta é para Caim.

Jason abriu violentamente o casaco, a mão direita no cabo da arma que estava em seu cinto. Começou a correr pela calçada, esbarrando contra pessoas, empurrando um vendedor ambulante para fora do seu caminho, passando por um mendigo que estava esgaravatando uma lixeira... O mendigo! A mão do mendigo estava no bolso. Bourne virou-se a tempo de ver o cano de uma automática sair do casaco puído, os raios de sol refletindo-se no metal. O mendigo tinha uma arma! Sua mão magra segurava a arma com firmeza. Os olhos estavam fixos num ponto. Jason saiu correndo pela rua, inclinando-se do lado de um carro pequeno. Ouviu os tiros passarem sobre ele, do seu lado, atravessando o ar. Gritos e movimentos de dor vinham das pessoas na calçada. Bourne passou por entre dois carros e correu para o outro lado da na. O mendigo estava fugindo; um velho com olhos de aço estava correndo por entre a multidão, desaparecendo.

Pegue Carlos. Arme uma cilada para Carlos. Caim é. . .!

Jason virou-se de novo e correu impelindo o corpo para a frente, jogando tudo que aparecia na sua frente para fora do caminho, correndo em direção ao assassino. Parou, ofegante, confuso e com raiva, o ódio brotando no peito, agudas pontadas de dor voltaram às suas têmporas. Onde *estava* ele? Onde estava *Carlos*? De repente, viu-o novamente; o matador tinha se colocado atrás da direção de um grande sedã preto. Bourne começou a correr de novo pelo trânsito, esmurrando as capotas e carroçarias dos carros à sua frente, enquanto avançava para o assassino. Súbito dois carros bloquearam-lhe a passagem, dois carros que haviam acabado de bater. Espalmou as mãos sobre um cromado brilhante e pulou para o lado, enquanto os dois pára-choques colidiam. E de novo teve que parar, os olhos novamente queimando de dor para o que via, sabendo que era impossível continuar. Chegara tarde. O sedã preto encontrara uma passagem e entrara no trânsito. Ilich Ramirez Sanchez apressava-se em fugir.

Jason voltou para a calçada enquanto as sirenes dos carros de polícia chamavam a atenção de todos. Alguns pedestres haviam sofrido escoriações, outros estavam machucados e alguns mortos; um mendigo atirara neles.

Lavier! Bourne pôs-se a correr de novo, de volta para a Igreja do Santíssimo Sacramento. Chegou à entrada de pedra, sob o olhar do santo de concreto, e virou à esquerda, correndo em direção às portas ornadas, em arco, e subiu os degraus de mármore.

Na igreja de estilo gótico, cheia de estrados com velas tremulando, raios coloridos vinham das janelas de vidro pintado, no alto das paredes de pedra escura, e fundiam-se no chão. Caminhou pelo corredor central, olhando para os devotos, à procura de cabelos com mechas prateadas e um rosto pálido.

Lavier não estava ali, embora não devesse ter saído. Devia estar em algum lugar da igreja. Jason virou-se, olhando à volta do corredor; por trás do estrado, onde tremeluziam as chamas das velas,

passava um padre. Bourne esquivou-se por um banco estofado e saiu do outro lado, no corredor da direita. Conseguiu interceptá-lo.

— Desculpe-me, padre — disse. — Acho que perdi alguém.

— Ninguém se perde na casa de Deus, senhor — respondeu o clérigo sorrindo.

— Ela pode não estar perdida em espírito, mas se eu não encontrar o resto dela, vai ficar muito chateada. É uma emergência que deve ser resolvida no seu trabalho, O senhor está aqui há tempo, padre?

— Recebo os que pertencem ao nosso rebanho e precisam de orientação. Sim, estou aqui há uma hora.

— Duas mulheres entraram aqui há poucos minutos. Uma era bem alta, usava um casaco colorido e um lenço escuro na cabeça, acho. A outra era um pouco mais velha, não tão alta, e não estava em boas condições de saúde. Por acaso o senhor as viu?

O padre assentiu com a cabeça. — Sim. Havia pesar no rosto dessa mulher, ela estava pálida e atormentada.

— Sabe para onde ela foi? Acho que a amiga mais nova dela já foi embora.

— Uma amiga devotada, devo dizer. Ela acompanhou a pobre mulher até o confessionário, ajudando-a a entrar. A purificação da alma nos dá a todos força para os momentos de desespero.

— Até o confessionário?

— Sim — o segundo confessionário da direita. Ela está com um padre confessor muito compassivo, devo acrescentar. Um padre visitante, da arquidiocese de Barcelona. Um homem marcante, também. Sinto muito comunicar-lhe que este é o seu último dia. Ele deve voltar para a Espanha... — O padre franziu a testa. — Não é estranho? Há poucos momentos eu pensei ter visto o padre Manuel indo embora. Acho que ele já deve ter sido substituído, agora. Não importa, a cara senhora está em boas mãos.

— Tenho certeza disso — disse Bourne. — Obrigado, padre. Vou esperar por ela. — Jason voltou para o corredor, para a fila de confessionários. Seus olhos estavam postos no segundo confessionário, onde um pequeno pedaço de tecido branco estava à mostra. O confessionário esta ocupado, uma alma se purificava. Sentou-se no primeiro banco ajoelhou-se, voltando a cabeça lentamente para olhar par a parte de trás da igreja. O padre alto estava ainda na entrada, com sua atenção voltada para os distúrbios da rua. Lá fora as sirenes podiam ser ouvidas a distância, se aproximando.

Bourne levantou-se e foi até o segundo confessionário. Abriu as cortinas e olhou para dentro. Viu o que já esperava ver. Apenas o método era um tanto duvidoso.

Jacqueline Lavier estava morta, o corpo caído para a frente, virado para o lado, encostado no banco. Seu rosto-máscara voltado para cima, os olhos muito abertos, olhando da morte para o teto. O casaco estava aberto, o tecido do vestido manchado de sangue. A arma fora um abridor de cartas, longo e fino, enfiado debaixo do seio esquerdo. Os dedos estavam agarrados ao cabo, as unhas tinham a mesma cor do sangue.

Aos pés, a bolsa — não a bolsa branca, que ela trazia nas mãos há dez minutos, mas uma bolsa da moda, com as iniciais de Yves St. Laurent estampadas no tecido, um sinal da *haute couture*. A razão da troca parecia-lhe muito clara. Dentro da bolsa deviam estar alguns papéis identificando aquele trágico suicídio, aquela mulher extenuada e tão cheia de pesar que tirou a própria vida enquanto procurava absolvição aos olhos de Deus. Carlos fora perfeito, brilhantemente perfeito.

Bourne fechou as cortinas e saiu do confessionário. Na torre alta, os sinos do *Angelus* matinal soavam esplendidamente.

O táxi vagou sem rumo pelas ruas de Neuilly-sur-Seine. No assento de trás, Jason deixou a mente vagar.

Era desimportante esperar, talvez até fatal. As estratégias mudavam como mudavam as condições, e eles haviam passado por um turno mortal. Jacqueline Lavier fora seguida. Sua morte era inevitável, mas estava fora de seqüência. Muito precipitada; ela ainda era valiosa. Mas Bourne logo entendeu. Ela não fora morta porque fora desleal a Carlos, mas porque o desobedecera. Ela fora a Parc Monceau — esse fora o seu erro.

Havia um outro receptor na Les Classiques. Um telefonista grisalho, que se chamava Philippe d'Anjou e cujo rosto lhe evocava imagens de violência e escuridão, relâmpagos e trovoadas. Ele estivera no passado de Bourne, disso Jason tinha certeza, e por causa disso a caçada devia ser cautelosa; ele ainda não sabia o que aquele homem significava para ele. Mas era um receptor e também devia estar sendo vigiado, como Lavier fora seguida e vigiada, uma isca a mais de um outro cerco que, quando se fechasse, traria a morte.

Seriam os únicos, os dois? Haveria alguém mais? Mais um vendedor obscuro e sem rosto, talvez, nem mesmo um vendedor, mas uma outra pessoa. Um fornecedor que talvez passasse horas e horas na Saint-Honoré defendendo legitimamente a causa da *haute couture* e, na verdade, defendendo outra bem mais vital para ele. Ou para ela. Ou para o musculoso desenhista, René Bergeron, cujos movimentos eram tão rápidos e... *fluidos*.

Bourne ficou tenso de repente, encostou o pescoço nas costas do assento — uma lembrança o assaltara. Bergeron. A pele escura de sol, os ombros largos, acentuados pelas mangas da camisa enroladas... ombros encimando uma cintura afilada, pernas fortes que se movimentavam sorrateiramente como um animal, um gato.

Seria possível? As outras conjeturas seriam apenas fantasmas compostos de fragmentos de imagens familiares de que ele se convencera que teriam que compor Carlos? Estaria o assassino — desconhecido para os seus receptores — dentro do seu próprio aparelho, controlando e dando forma a cada movimento? Seria Bergeron?

Tinha que encontrar um telefone agora mesmo. Cada minuto perdido seria um minuto afastado da sua resposta; e se perdesse muitos, não teria nenhuma resposta. Mas ele mesmo não podia fazer o telefonema; a seqüência de acontecimentos fora muito rápida, ele tinha que fazer uma pausa, rever suas próprias informações.

— Encoste na primeira cabine telefônica que encontrar — disse ao motorista, ainda um pouco perturbado pelo caos que se instalara na Igreja do Santíssimo Sacramento.

— Como desejar, *monsieur*. Mas tente entender, *monsieur*, já passou da hora de eu voltar para a garagem. E bastante.

— Entendo.

— Lá tem um telefone.

— Ótimo. Encoste.

A cabine vermelha com os vidros brilhando à luz do sol parecia uma grande casa de boneca vista do lado de fora. Dentro cheirava a urina. Bourne discou para o Terrasse, inseriu as moedas e pediu o quarto 420. Marie respondeu.

— O que aconteceu?

— Não tenho tempo para explicar. Quero que você telefone para Les Classiques e pergunte por René Bergeron. D'Anjou provavelmente estará ao telefone; invente um nome e diga que está tentando falar com Bergeron na linha particular de Lavier há uma hora mais ou menos. Diga que é urgente, que você tem que falar com ele.

— Quando ele atender, o que digo?

— Acho que ele não vai atender, mas se atender desligue. E se d'Anjou voltar à linha pergunte-lhe quando Bergeron estará de volta. Volto a lhe chamar daqui a três minutos.

— Querido, você está bem?

— Tive uma experiência religiosa muito profunda. Conto-lhe mais tarde.

Jason manteve os olhos no relógio, nos infinitesimais movimentos do fino, delicado e impetuoso ponteiro agonizando lentamente no mostrador. Começou a sua própria contagem regressiva aos trinta segundos, calculando as batidas do coração, que ecoavam na garganta, contava duas batidas e meia por segundo. Aos dez segundos começou a discar, inseriu as moedas, e falou com a telefonista do Terrasse a menos de cinco segundos da hora marcada. Marie atendeu ao telefone no mesmo instante em que ele começou a tocar.

— O que aconteceu? — perguntou ele. — Pensei que você ainda estivesse conversando.

— Foi uma conversa muito curta. Acho que d'Anjou estava muito desconfiado. Ele deve ter uma lista de nomes daqueles que têm o número particular, não sei. Mas parecia distante, hesitante.

— O que ele disse?

— Monsieur Bergeron está escolhendo tecidos no Mediterrâneo. Partiu hoje de manhã e não voltará nas próximas semanas.

— É possível que eu o tenha acabado de ver a centenas de milhas do Mediterrâneo.

— Onde?

— Na igreja. Se era Bergeron, ele deu a absolvição com a ponta de um instrumento penetrante.

— Do que você está falando?

— Lavier está morta.

— Oh, meu Deus! O que você vai fazer?

— Conversar com um homem que acho que conheci. Se ele tiver um cérebro na sua cabeça, ele me ouvirá. Está marcado para ser exterminado.

30

— D'Anjou.

— Delta? Quando foi que.. Acho que conheço a sua voz de algum lugar.

Ele dissera! O nome fora dito, O nome que nada lhe significava e significava tudo ao mesmo tempo. D'Anjou o conhecia. Philippe d'Anjou era parte do seu passado esquecido. Delta. Caim é para Charlie e Delta é para Caim. Delta. Delta. Delta! Ele conhecera este homem e este homem tinha a resposta! Alpha, Bravo, Caim, Delta, Echo, Foxtrot...

Medusa.

— Medusa — disse ele suavemente, repetindo o nome, que era um grito silencioso em seus ouvidos.

— Paris não é Tam Quan, Delta. Não há mais nenhuma dívida entre nós. Não espere nenhum pagamento. Agora trabalhamos para pessoas diferentes.

— Jacqueline Lavier está morta. Carlos a matou em Neuilly sur-Seine há menos de trinta minutos.

— Nem tente. Há duas horas Jacqueline estava para sair da França. Ela me telefonou do Aeroporto de Orly. Vai se encontrar com Bergeron...

— Para escolher tecidos no Mediterrâneo? — interrompeu Jason.

D'Anjou fez uma pausa. — A mulher que acabou de perguntar por René, ao telefone. Pensei nisso. Nada muda. Falei com ela; ela me telefonou de Orly.

— Ela foi obrigada a lhe dizer isto. Parecia estar sendo pressionada?

— Ela estava aborrecida, e ninguém sabe o porquê melhor do que você. Você fez um trabalho espetacular por aqui, Delta. Ou Caim. Ou qualquer outro nome que você esteja usando agora. É claro que ela não estava em si, é por isso que está saindo por uns tempos.

— É por isso que ela está morta. E você será o próximo.

— Estas últimas vinte e quatro horas foram dignas de você. Agora não.

— Ela foi seguida; você está sendo seguido. Vigiado a cada passo.

— Se estou sendo vigiado é para a minha própria proteção.

— Então por que Lavier está morta?

— Não acredito que esteja.

— Ela cometeria suicídio?

— Nunca.

— Telefone para a reitoria da Igreja do Santíssimo Sacramento, em Neuilly-sur-Seine. Pergunte sobre a mulher que se matou enquanto se confessava. O que tem a perder? Volto a telefonar-lhe.

Bourne desligou o telefone e saiu da cabine. Desceu o meio-fio e procurou por um táxi. O próximo telefonema para Philippe d'Anjou seria feito a uns dez quarteirões dali. O homem da Medusa não se convenceria assim tão facilmente, e até que ficasse convencido, Jason não se arriscaria a ser procurado por antenas exploradoras, que podiam localizar o lugar da chamada.

Delta? Acho que conheço a sua voz de algum lugar... Paris não é Tam Quan. Tam Quan... Tam Quan, Tam Quan! Caim é para Charlie e Delta é para Caim. Medusa!

Pare! Não pense em coisas que... não pode pensar. Concentre-se no que é. Agora. Você. Não no que os outros dizem que você é — nem mesmo no que você pode pensar que é. Apenas no presente, no agora. E o agora é um homem que pode lhe dar algumas respostas.

Trabalhamos para pessoas diferentes...

Esta era a chave.

Diga..met Por amor de Crista, diga-me! Quem é? Quem é o meu empregador, d'Anjou?

Um táxi fez uma curva perigosamente próxima das suas rótulas. Jason abriu porta e entrou. — Place Vendôme — disse, sabendo que estaria próximo de Saint-Honoré. Era necessário estar o mais próximo possível para poder pôr em ação a estratégia que começava a vir à tona. Ele estava com vantagem; era uma questão de usá-la para um propósito duplo. D'Anjou tinha que ser convencido de que os que o estavam seguindo eram os seus executores. Mas o que aqueles homens não podiam saber é que um outro *os* estaria seguindo.

A Vendôme estava movimentada como sempre, o trânsito selvagem como sempre, também. Bourne viu uma cabine telefônica em uma esquina e desceu do táxi. Entrou na cabine e discou para Les Classiques; passavam-se quatorze minutos da chamada que fizera de Neuilly-sur-Seine.

— D'Anjou?

— Uma mulher suicidou-se enquanto se confessava, é tudo o que sei.

— Vamos, você não acreditaria nisso. Medusa não acreditaria.

— Dê-me só um instante para desligar o aparelho. — A linha foi cortada por alguns segundos. D'Anjou voltou. — Uma mulher de meia-idade, cabelos com mechas prateadas, roupas caras e uma bolsa St. Laurent. Esta pode ser a descrição de dez mil mulheres em Paris. Como posso saber que você não pegou uma, matou-a e a está usando agora como estratégia para esta chamada?

— Oh, é claro! Levei-a para dentro da igreja como uma pietà, enquanto o sangue do seu ferimento pingava pelo corredor. Seja razoável, d'Anjou. Vamos começar com o óbvio. A bolsa não era dela; ela estava com uma bolsa branca. Ela não andaria por aí com outra bolsa, fazendo propaganda de uma casa concorrente.

— Isso dá crédito ao que acredito. Não era Jacqueline Lavier.

— Dá mais ainda para mim. Os papéis naquela bolsa a identificam como outra pessoa. O corpo logo será reclamado. Ninguém toca na Les Classiques.

— Só porque você afirma isso?

— Não. Porque é o mesmo método usado por Carlos em cinco mortes que posso mencionar. — *Ele podia. Esta era a parte aterrorizadora.* — Um homem desaparece, a polícia acredita que ele é uma pessoa, a morte é um enigma, os assassinos são desconhecidos. Depois descobrem que ele é outra pessoa. E nessa hora Carlos já está em outro país, com outro contrato de morte para cumprir. Lavier foi apenas uma variação do método, só isso.

— Palavras, Delta. Você nunca disse muito, mas, quando disse, foram as mesmas palavras.

— E se você ainda estiver em Saint-Honoré daqui a três ou quatro semanas — mas não vai estar — vai ver como tudo terminará. Um avião acidentado ou um barco perdido no Mediterrâneo. Os corpos carbonizados, sem possibilidade de serem reconhecidos, ou simplesmente desaparecidos. As identidades dos mortos, no entanto, logo serão conhecidas. Lavier e Bergeron. Mas apenas um está realmente morto — *Madame* Lavier. Porque *monsieur* Bergeron é um privilegiado — mais do que você sabe. Bergeron estará de volta aos seus negócios. E quanto a você, será apenas um número em um necrotério de Paris.

— E você?

— De acordo com o plano, estarei morto também. Querem me pegar através de você.

— Muito lógico. Nós dois somos da Medusa, eles sabem disso — Carlos sabe disso. É de se supor que você me reconheceu.

— E você a mim?

D'Anjou fez uma pausa. — Sim — disse. — Como lhe disse, agora trabalhamos para empregadores diferentes.

— É sobre isso que quero conversar.

— Nada de conversa, Delta. Mas, pelo amor dos velhos tempos — pelo que você fez por nós todos em Tam Quan —, siga os conselhos de um medusiano. Saia de Paris ou logo será o homem morto que mencionou.

— Não posso fazer isso.

— Você deve. Se tiver a oportunidade, eu mesmo puxo o gatilho. E serei bem pago por isto.

— Então, vou lhe dar essa oportunidade.

— Desculpe-me se considero isso ridículo.

— Você não sabe o que quero, ou o quanto desejo me arriscar para obter o que quero.

— Você sempre se arrisca pelo que quer. Mas o verdadeiro perigo fica sempre com o seu inimigo. Conheço-o, Delta. E devo voltar aos telefones. Desejo-lhe uma boa caça, mas...

Era hora de usar a única arma que reservara, a única ameaça que manteria d'Anjou pa linha. — Para quem você agora vai pedir instruções, se Parc Monceau acabou?

A tensão foi acentuada pelo silêncio de d'Anjou. Quando respondeu, sua voz era apenas um sussurro. — O que disse?

— É por isso que ela foi morta, você bem sabe. E é por isso que você será morto, também. Ela foi a Parc Monceau e morreu por causa disso. Você também esteve em Parc Monceau e vai morrer por isso. Carlos não pode mais ficar com você; você já sabe demais. Por que ele iria pôr em perigo um acordo como este? Ele vai usá-lo até você me cercar e pegar, depois vai matá-lo e começar com outra Les Classiques. De um medusiano para outro, pode duvidar disso?

O silêncio foi mais longo desta vez, mais intenso do que antes. Estava claro que o velho medusiano estava se fazendo uma porção de perguntas. E perguntas difíceis — O que quer de mim? Deixe-me de lado. Bem sabe que fazer reféns é coisa insignificante. Mesmo assim me provoca, me assombra com o que conseguiu saber. Não tenho nenhuma serventia para você, nem morto nem vivo. O que é que quer?

— Informação. Se a tiver, sairei de Paris hoje à noite e nem Carlos nem você jamais voltarão a ter notícias de mim.

— Que informação?

— Se eu lhe perguntasse agora você mentiria. Mas quando eu o vir, me dirá a verdade.

— Com um arame em volta do pescoço?

— No meio da multidão?

— Uma multidão? À luz do dia?

— Daqui a uma hora. Fora do Louvre. Perto dos degraus. No ponto de táxi.

— No Louvre? Multidão? Informação que você acha que tenho e que o fará ir embora? Você não pode, em sã consciência, esperar que eu discuta o meu empregador.

— Não o seu. O meu.

— Treadstone?

Ele sabia. Philippe d'Anjou tinha a resposta. Fique calmo. Não demonstre ansiedade.

— Seventy One — completou Jason. — Apenas uma pergunta simples e desaparecerei em seguida. E logo que você me der a resposta — a verdade — dar-lhe-ei algo em troca.

— O que poderia eu querer de você, senão você mesmo?

— Informação que lhe permita sobreviver. Não é garantida, mas acredite-me, quando eu lhe contar, você não vai poder sobre viver sem ela. *Parc Monceau*, d'Anjou.

Silêncio de novo. Bourne podia imaginar o antigo medusiano, grisalho, olhando para a sua mesa telefônica, o nome do bairro rico de Paris ecoando cada vez mais alto em sua mente. Houve morte em Parc Monceau e d'Anjou sabia disso tanto quanto sabia, com toda a certeza, que a mulher morta em Neuilly-sur-Seine era Jacqueline Lavier.

— O que seria essa informação? — perguntou d'Anjou.

— A identidade do seu empregador. Um nome e prova suficiente para poder ser fechada em um envelope e entregue a um procurador para ser mantida em segredo por toda a sua vida. Mas se sua vida terminar de forma inatural, mesmo acidentalmente, ele será instruído a abrir o envelope e revelar o seu conteúdo. É proteção, d'Anjou.

— Compreendo — disse o medusiano. — Mas você me disse que estou sendo vigiado, seguido.

— Proteja-se — disse Jason. — Diga-lhes a verdade. Você tem um número para onde telefonar, não tem?

— Sim, existe um número, um homem. — A voz elevou-se um pouco, assustada.

— Entre em contato com ele. Diga-lhe exatamente o que eu disse... exceto sobre a troca de informações, é claro. Diga que entrei em contato com você e lhe propus um encontro. Diga-lhe que vai ser daqui a uma hora, do lado de fora do Louvre. Diga a verdade.

— Você está louco!

— Sei o que estou fazendo.

— Em geral sabia. Você está criando a sua própria armadilha, preparando a sua própria execução.

— E com isso você poderá ser muito bem-recompensado.

— Ou planejar a minha própria execução, se o que você diz é verdade.

— Vamos descobri se é. Entrarei em contato com você de uma forma ou de outra, confie na minha palavra. Eles têm a minha fotografia; vão me reconhecer quando eu entrar em contato com você. É melhor uma situação controlada do que uma em que não existe controle algum.

— Agora estou ouvindo DeIta de novo — disse d'Anjou. — Ele não cria a sua própria armadilha; ele não caminha em frente a um pelotão de fuzilamento e pede uma venda.

— Não — concordou Bourne. — Você não tem escolha, d'Anjou. Uma hora. Fora do Louvre.

O sucesso de qualquer armadilha está na simplicidade. Uma armadilha de reversão, pela sua natureza de uma única complicação, deve ser rápida e ainda mais simples.

As palavras lhe vieram enquanto esperava no táxi, em Saint-Honoré, passando pela rua da Les Classiques. Ele pedira ao motorista para dar a volta no quarteirão duas vezes; era um turista americano cuja esposa fazia compras na faixa da *haute couture*. Mais cedo ou mais tarde ela sairia de uma das lojas e ele a veria.

Mas viu foi a vigilância de Carlos. A antena recoberta de borracha do sedã preto era a prova e o sinal de perigo. Ele se sentiria mais seguro se aquele rádio transmissor fosse cortado. Mas não havia jeito de conseguir isto. A única alternativa era a confusão de informações. A qualquer hora durante os próximos quarenta e cinco minutos, Jason faria o melhor possível para se certificar de que a mensagem errada fosse emitida por aquele rádio. Da sua posição, escondido no banco de trás, estudou os dois homens que estavam dentro do carro, do outro lado da rua. Se havia alguma coisa que os tornava diferentes dos demais homens em Saint-Honoré, era o fato de eles não conversarem.

Philippe d'Anjou saiu à calçada, um chapéu de feltro mole cobrindo-lhe os cabelos grisalhos. Seu olhar correu a rua, informando Bourne de que o antigo medusiano pedira proteção. Ele discara um número, comunicara a sua surpreendente informação; e sabia que havia um carro preparado para segui-lo.

Um táxi, aparentemente chamado por telefone, encostou no meio-fio. D'Anjou falou com o motorista e entrou. Do outro lado da rua, uma antena elevou-se por cima da capota do carro; a caça começara.

O sedã saiu atrás do táxi de d'Anjou; era a confirmação de que Jason precisava. Inclinou-se para a frente e falou com o motorista. — Esqueci-me — disse irritado. — Ela disse que esta manhã estaria no Louvre. As compras seriam à tarde. Cristo, estou meia hora atrasado! Leve-me ao Louvre, por favor?

— *Mais oui, monsieur, Le Louvre.*

Duas vezes durante a curta corrida paraa a fachada monumental, que dava frente para o Sena, o táxi de Jason passou pelo sedã preto, apenas para logo em seguida ser ultrapassado por ele. A proximidade deu a Bourne a oportunidade de ver exatamente o que precisava ver. O homem ao lado do motorista, dentro do sedã, falava com freqüência no microfone do rádio de mão. Carlos tentava se certificar de que a armadilha não tinha nenhum furo, outros homens deviam estar fechando o cerco no lugar da execução.

Chegaram à enorme entrada do Louvre. — Entre na fila dos demais táxis — disse Jason.

— Mas eles estão à espera de passageiros, *monsieur*. Já tenho um passageiro, o *senhor*. Vou deixá-lo na...

— Faça como eu disse — falou Bourne. Passou por cima do banco uma nota de cinqüenta francos.

O motorista virou e entrou na fila. O sedã preto estava a vinte jardas dali, do lado direito. O homem do rádio havia se virado no assento e olhava para fora da janela esquerda traseira. Jason acompanhou o seu olhar e viu o que sabia que veria. Algumas centenas de pés para o lado Oeste do imenso quarteirão estava um automóvel cinza, o mesmo carro que seguira Jacqueline Lavier e a mulher de Villiers até a Igreja do Santíssimo Sacramento e saíra com a última, de Neuilly-sur-Seine, depois que ela acompanhou Lavier até a sua última confissão. A antena do carro podia ser vista se retraindo. Do lado direito, os militantes de Carlos não estavam mais com o microfone. A antena do sedã preto também estava encolhendo; o contato fora feito, a visão fora confirmada. Quatro homens. Eram os executores de Carlos.

Bourne se concentrou na multidão em frente à entrada do Louvre e logo avistou o elegantemente vestido d'Anjou. Ele andava bem devagar, cauteloso, de um lado para outro do grande bloco de granito branco que flanqueava a escada de mármore do lado esquerdo.

Agora. Era de mandar um sinal que confundisse.

— Saia da fila — ordenou Jason.

— *Como, monsieur*?

— Duzentos francos se fizer exatamente o que eu lhe disser. Saia e entre no começo da fila, depois dê duas guinadas para a esquerda e recue para estacionar na próxima travessa.

— Não estou entendendo, monsieur.

— Não precisa. Trezentos francos.

O motorista virou para a direita e foi até o início da fila, onde girou a direção, virando o carro para a esquerda, em direção à fila de carros estacionados. Bourne tirou a arma automática do cinto e a manteve entre os joelhos. Examinou o silenciador, atarraxando bem o cilindro.

— Aonde quer ir, monsieur? — perguntou o assustado motorista, enquanto entravam na travessa e recuavam em direção à entrada do Louvre.

— Diminua a marcha — disse Jason.— Aquele carro grande e cinza lá em frente, o que está de frente para a saída do Sena, está vendo?

—É claro.

— Faça a volta nele, devagar, para a direita. — Bourne escorregou para o lado esquerdo do banco e abaixou o vidro, mantendo a cabeça e a arma escondidas. Mostraria ambas em poucos segundos.

O táxi se aproximou da carroçaria do sedã, o motorista girou a direção novamente. Estavam paralelos ao carro. Jason pôs a cabeça e a arma à vista, fez pontaria para a janela de trás do lado direito do sedã cinza e atirou. Cinco tiros, um atrás do outro, estilhaçando o vidro, assombrando os dois homens, que gritaram um para o outro, jogando-se no assento. Mas eles o tinham visto: Esta era a confusão que queria provocar.

—. Saia daqui! — gritou Bourne para o motorista aterrorizado, enquanto jogava trezentos francos por sobre o assento e fazia passar pelo vão da janela o seu chapéu de feltro macio. O táxi disparou em direção aos portões de pedra do Louvre.

Agora.

Jason abaixou-se no banco do carro, abriu a porta e rolou para fora, para o calçamento de pedras, gritando uma última ordem para o motorista. — Se quer continuar vivo, saia já daqui!

O táxi acelerou para a frente, o motor disparado, o motorista aos gritos. Bourne se aproximou de dois carros estacionados, escondido do sedã cinza, e começou a se levantar levemente, espiando pelas janelas. Os homens de Carlos eram rápidos, profissionais, não perdiam qualquer momento na caça. Mantiveram o táxi à vista, aquele carro não era páreo para o sedã poderoso. E naquele táxi estava o alvo. O homem que estava na direção do sedã trocou a marcha e avançou, enquanto seu companheiro segurava o microfone, a antena se elevando da base. Ordens estavam sendo gritadas para o outro sedã, próximo dos grandes degraus de pedra. O táxi, em alta velocidade, virou na rua perto do Sena, o imenso carro cinza imediatamente atrás dele. Quando passaram bem perto de Jason, as expressões dos rostos dos dois homens diziam tudo. Tinham Caim à vista, o cerco se fechara e logo iriam receber a sua recompensa.

Uma armadilha de reversão, pela sua natureza de uma única complicação, deve ser rápida e ainda mais simples.

Era uma questão de minutos... Ele tinha apenas poucos minutos se tudo fosse como acreditava ser. D'Anjou! O contato cumprira o seu papel — o seu papel menor — e era válido, como Jacqueline Lavier o fora.

Bourne correu para longe dos dois carros em direção ao sedã preto, que não estava a mais de cinqüenta jardas dali. Podia ver os dois homens; eles se aproximavam de Philippe d'Anjou, que ainda andava de lá para cá em frente ao curto lance de degraus da escada de mármore. Um tiro certeiro, de qualquer um dos homens, e d'Anjou estaria morto. E a Treadstone Seventy One perder-se-ia com ele. Jason correu mais rápido, a mão dentro do casaco, segurando a pesada automática.

Os militantes de Carlos estavam apenas a algumas jardas dali, se apressando agora; a execução seria rápida, o homem condenado estaria riscado antes mesmo de entender o que estava acontecendo.

— *Medusa* — gritou Bourne, sem saber por que gritara aquele nome em vez do nome de d'Anjou. — Medusa — *Medusa*!

D'Anjou levantou a cabeça, o choque estampado em seu rosto. O motorista do sedã preto havia-se voltado, a arma levantada para Jason enquanto seu companheiro se dirigia para d'Anjou, a arma apontada para o antigo medusiano. Bourne abaixou-se para a direita, a automática estendida, firmada pela mão esquerda. Atirou em meia altura, o tiro foi certeiro; o homem que se aproximava de d'Anjou caiu para trás, enquanto suas pernas enrijecidas se paralisavam. Caiu sobre o calçamento de pedra. Dois tiros zumbiram por sobre a cabeça de Jason; as balas foram se alojar no metal atrás dele. Rolou para a esquerda, a arma novamente firmada, dirigida para o segundo homem; puxou o gatilho duas vezes. O motorista gritou, o sangue jorrou do seu rosto, enquanto ele caía.

A histeria tomou conta da multidão. Homens e mulheres gritavam, pais se jogavam sobre os filhos para protegê-los com os seus corpos, outros subiam correndo os degraus em direção às grandes portas do Louvre, enquanto guardas tentavam sair. Bourne ficou de pé, procurando por D'Anjou. O velho se escondera atrás do bloco de granito branco, a figura macilenta agora saía do seu santuário, desajeitadamente agachado, aterrorizado. Jason correu por entre a multidão em pânico, enfiou a automática no cinto, foi abrindo caminho por entre os corpos histéricos que estavam entre ele e o homem que poderia lhe dar as respostas. Treadstone. *Treadstone*!

Aproximou-se do grisalho medusiano. — Levante-se! — ordenou. — Vamos sair daqui!

— Deita!... Era um homem do Carlos! Conheço-o, eu o *usei*! Ele ia me matar!

— Eu sei. Venha! Rápido! Outros logo voltarão para nos procurar. *Venha*!

Um pedaço de pano preto apareceu nos olhos de Bourne, no canto dos olhos. Ele se virou, instintivamente jogando d'Anjou para o chão, enquanto quatro rápidos tiros saiam de uma arma que

estava nas mãos de uma figura escura, próxima à fila de táxis. Fragmentos de granito e mármore explodiram em volta. Era *ele*! Os ombros largos e pesados que flutuavam no espaço, a cintura delgada, acentuada por um bem-talhado terno preto... O rosto de pele escura encerrado em um lenço de seda branca debaixo do chapéu preto de aba estreita. Carlos!

Pegue Carlos! Cerque Carlos! Caim é para Charles e Delta é para Caim!

É falso!

Descubra a Treadstone! Descubra a mensagem; para um homem! Encontre Jason Bourne!

Estava ficando maluco! Imagens embaciadas que vinham do passado e convergiam na terrível realidade do presente, deixando-o louco. As portas da sua mente se abriam e fechavam, se abriam de repente, se fechavam de repente; a luz acendia-se e se propagava em um momento, no outro tudo ficava escuro. A dor voltava às suas têmporas com as agudas e dissonantes notas da ensurdecedora trovoada. Pôs-se a correr atrás do homem vestido com o terno preto e o lenço branco envolto no rosto. Então viu os olhos e o cano da arma, três órbitas escuras postas nele como reflexos escuros de raio laser. Bergeron?... Era Bergeron? Era? Ou Zurique... ou... Não havia tempo!

Desviou para a esquerda, depois jogou-se para a direita, fora da linha de fogo. As balas riscaram as pedras, os ruídos das balas ricocheteando seguiam-se a cada nova explosão. Jason virou-se e se jogou debaixo de um carro estacionado. Por entre as rodas, pôde ver a figura de preto fugindo correndo. A dor permaneceu, mas a trovoada parou. Arrastou-se no pavimento, levantou-se e correu de volta para os degraus do Louvre.

O que fizera? D'Anjou tinha-se ido! Como acontecera!? A armadilha de reversão não fora uma armadilha, afinal de contas. A sua própria estratégia fora usada contra ele, permitindo que o único homem que poderia lhe dar respostas fugisse. Seguira os militantes de Carlos, mas Carlos *o* seguira! Desde Saint-Honoré. Fora tudo por nada; um vazio doentio tomou conta dele.

Em seguida, ouviu as palavras, ditas de um automóvel próximo. Philippe d'Anjou apareceu cautelosamente à vista.

— Tam Quan nunca parece muito longe, não é? Para onde devemos ir, Delta? Não podemos ficar aqui.

Sentaram-se em um reservado fechado com cortinas em um café repleto na Rua de Pilon, uma rua afastada que não passava de um corredor de Montmartre. D'Anjou bebericava seu brandy duplo, a voz era baixa e pensativa.

— Vou retornar para a Ásia — disse. — Para Cingapura ou Hong-Kong, ou talvez mesmo para Seychelles. A França nunca foi muito boa para mim; e agora está acabado.

— Não precisa — disse Bourne. Engoliu o uísque, o líquido cálido espalhando-se rapidamente, levando-o à calma. — Falo sério. Você me diz o que eu preciso. Eu lhe dou... — Ele parou, as dúvidas o assaltaram; não, ele diria. — Dar-lhe-ei a identidade de Carlos.

— Não estou remotamente interessado — respondeu o antigo medusiano, olhando firmemente para Jason. — Dir-lhe-ei tudo o que puder. Por que eu esconderia alguma coisa? Obviamente não procurarei as autoridades, mas se tenho informações que podem ajudá-lo a pegar Carlos, o mundo ficaria um lugar mais seguro para mim, não é? Pessoalmente, no entanto, não quero nenhum envolvimento.

— Não está nem mesmo curioso?

— Academicamente, talvez. Porque a sua expressão me diz que vou ficar chocado. Assim, faça-me as suas perguntas e depois me surpreenda.

— Você ficará chocado.

Sem qualquer aviso d'Anjou disse o nome calmamente. — Bergeron?

Jason não se mexeu; mudo, olhou atônito para o mais velho. D'Anjou continuou.

— Já pensei muitas vezes nisso. A cada vez, no entanto, acabei rejeitando a idéia.

— Por quê? — interrogou Bourne, recusando-se a reconhecer a precisão medusiana.

— Veja só, não tenho muita certeza — apenas sinto que está errado. Talvez porque eu tenha aprendido mais sobre Carlos através de René Bergeron do que através de outra pessoa. Ele é obcecado por Carlos; já trabalha para ele há muitos anos e tem muito orgulho da sua confiança. O problema é que fala muito sobre ele.

— O ego falando através da segunda personalidade adotada?

— É possível, suponho, mas é incoerente com a precaução extraordinária que Carlos tem com o literalmente impenetrável muro de confidencialidade que construiu à sua volta. Não tenho muita certeza, é claro. Mas duvido que seja Bergeron.

— Você disse o nome, não eu.

D'Anjou sorriu. — Não tem com que se preocupar, Delta. Faça as suas perguntas.

— Pensei que *fosse* Bergeron. Sinto muito.

— Não é nada. Até pode ser ele mesmo. Eu lhe disse, a mim não importa. Daqui a poucos dias estarei de volta à Ásia, seguindo o franco, o dólar, ou o iene. Nós, os medusianos, sempre fomos muito engenhosos, não é?

Jason não sabia por que, mas o rosto ansioso de André Villiers lhe veio à mente. Prometera a si mesmo saber o que pudesse para o velho soldado. Não teria essa oportunidade de novo.

— Onde entra a mulher de Villiers?

As sobrancelhas de d'Anjou se arquearam. — Angélique? Mas é claro — você mencionou Parc Monceau, não foi? Como ...

— Os detalhes não são importantes agora.

— Certamente, não para mim.

— E sobre ela? — Bourne insistiu.

— Você olhou-a bem? A pele?

— Estive bem próximo. Ela é bem-queimada de sol. Muito alta e queimada.

— Ela mantém a pele bem-queimada. A Riviera, as Ilhas Gregas, Costa del Sol, Gstaad; nunca está com a pele clara.

— É muito conveniente.

— Também é um artifício muito bom. Encobre o que ela é. Para ela não há palidez de outono ou de inverno, a cor não sai do seu rosto, dos braços ou das pernas longas. O matiz atraente da sua pele está sempre igual, porque não sai. Com ou sem Saint-Tropez ou Costa Brava ou os Alpes.

— Do que está falando?

— Embora a perturbadora Angélique Villiers seja tida como parisiense, ela não o é. É hispânica. Venezuelana, para ser mais preciso.

— Sanchez — sussurrou Bourne. — Ilich Ramirez Sanchez.

— Sim. Entre os muito poucos que falam dessas coisas, dizem que ela é prima em primeiro grau de Carlos, sua amante desde quatorze anos. São rumores — entre essas poucas pessoas — de que além dele mesmo ela é a única pessoa na Terra por quem ele se preocupa.

— E Villiers é boca-mole inconsciente?

— Palavras da Medusa, Delta? — D'Anjou balançou a cabeça. — Sim, Villiers é o boca-mole. Carlos brilhantemente criou ligações dentro de muitos dos mais sensíveis departamentos do Governo francês, inclusive nos arquivos do próprio Carlos.

— Brilhantemente criado — disse Jason, lembrando-se. — Porque é impensável.

— Totalmente.

Bourne inclinou-se para a frente, a interrupção foi abrupta. — Treadstone — disse. E segurou com as duas mãos o copo à sua frente. — Conte-me sobre a Treadstone Seventy One.

— O que posso dizer a você?

— Tudo que eles sabem. Tudo o que Carlos sabe.

— Não sei se sou capaz de dizer isto. Ouço coisas, junto- as, mas exceto com relação ao que diz respeito à Medusa, sou consultado raramente, e muito menos recebo confidências.

Era tudo o que Jason podia fazer para se controlar, se refrear de perguntar sobre a Medusa, sobre Deita e Tam Quan; os ventos na noite, a escuridão e as expulsões de luz que o cegavam sempre que ouvia as palavras. Não podia; algumas coisas tinham que ser presumidas; tinha que passar por cima de algumas coisas, sem qualquer indicação. Era uma questão de prioridades. Treadstone. Treadstone. Treadstone Seventy One...

— O que você ouviu? O que juntou?

— O que ouvi e o que juntei nem sempre foram compatíveis. Ainda assim, fatos óbvios me ficaram bem claros.

— Com relação a quê?

— Quando eu percebi que era você, eu já sabia. Delta fez um acordo lucrativo com os americanos. Outro acordo lucrativo, de um tipo diferente do anterior, talvez.

— Fale sobre isso mais claramente, por favor.

— Há onze anos, os rumores em Saigon eram de que o gélido Delta era o mais bem-pago de todos os medusianos. Certamente, você foi o mais capaz que conheci e, assim, presumi que você fizera uma barganha dura. Você deve ter feito uma barganha ainda mais dura para fazer o que está fazendo agora.

— O que é? Do que você ouviu.

— Do que sabemos. Foi confirmado em Nova Iorque. O Monge confirmou antes de morrer, foi o que me disseram. E é bem-coerente com o seu comportamento desde o início.

Bourne segurou o copo, evitando os olhos de d'Anjou. *O Monge. O Monge. Não pergunte. O Monge está morto, seja lá quem ou o que ele foi. Não é pertinente ao agora*. — Repito — disse Jason —, o que é que eles sabem do que estou fazendo?

— Ora, Delta, sou eu quem está partindo. Não tem importância...

— Por favor — interrompeu Bourne.

— Muito bem. Você concordou em se tornar Caim. O matador mítico com uma lista interminável de contatos, que nunca existiram, todos criados do nada, aos quais foram dadas substâncias de todas as formas por fontes de confiança. Tudo proposital. Para perseguir Carlos — "desgastando sua imagem a todo instante", que foi a maneira como Bergeron se expressou —, fazer concorrência com os seus preços, espalhar as suas deficiências e conclamar a sua própria superioridade. Em essência, concorrer com Carlos e depois pegá-lo. Este foi o seu acordo com os americanos.

Raios de sua própria luz iluminaram os cantos escuros da mente de Jason. À distância, portas começavam a se abrir, mas ainda estava muito longe, e se abriam apenas parcialmente. Mas havia luz onde antes havia apenas escuridão.

— Então, os americanos são... — Bourne não terminou o que dizia, na esperança de que d'Anjou terminasse por ele.

— Sim — disse o medusiano. — Treadstone Seventy One. A unidade mais controlada do serviço de inteligência americano desde as Operações Consulares do Departamento de Estado. Criadas pelo mesmo homem que formou a Medusa. David Abbott.

— O Monge — disse Jason baixinho, instintivamente. Outra porta fora parcialmente aberta.

— Caro. Quem mais poderia fazer o papel de Caim a não ser o homem da Medusa conhecido como DeIta? Como eu digo, no mesmo instante em que o vi, soube.

— Um papel — Bourne, parou, a luz crescia mais e brilhante, aquecedora, sem cegar.

D'Anjou inclinou-se para a frente. — É aqui, é claro, que o que ouvi e o que juntei eram incompatíveis. Diziam que Jason Bourne aceitara a tarefa por razões que eu sabia não serem verdadeiras. Estive lá, eles não; não poderiam saber.

— O que diziam? O que você ouviu?

— Que você era um oficial americano, provavelmente do Exército, que pertencia ao Serviço de Inteligência. Pode imaginar? *Você*. Delta! Um homem que desprezava tudo isso, e que nem por isso deixava de ser americano. Eu disse a Bergeron que era impossível, mas não estou certo de que ele tenha acreditado em mim.

— O que você lhe disse?

— O que eu acreditava. O que ainda acredito. Não foi por dinheiro — nenhuma quantia podia tê-lo forçado a fazer isto — tinha que ser alguma coisa diferente. Acho que você fez isso pela mesma razão que tantos outros concordaram com a Medusa, há onze anos. Para limpar o nome em algum lugar, ser capaz de voltar a alguma coisa que antes você tivera e que lhe fora barrada. Não sei, é claro, naturalmente, e não espero que você me confirme, mas isto é o que penso.

— É possível que você esteja certo — disse Jason. Prendeu a respiração, os ventos frios do alívio sopravam para longe as névoas. *Fez sentido. Uma mensagem foi enviada. Podia ser esta. Descubra a mensagem. Descubra o emissor. Treadstone*!

— Isto nos leva de volta às histórias — continuou d'Anjou — sobre DeIta. Quem foi ele? O que foi ele? Este homem culto, estranhamente quieto, que pôde se transformar em uma arma letal nas selvas. Que exigia de si mesmo e dos outros além da tolerância possível e para nenhuma causa. Nunca entendemos.

— Nunca foi necessário. Há ainda alguma coisa mais que possa me dizer? Eles sabem a localização precisa da Treadstone?

— Certamente. Soube isso de Bergeron. Uma residência em Nova Iorque, na cidade de Nova Iorque, na Rua Setenta e Um Leste, número 139. Não é isso?

— Possivelmente... Mais alguma coisa?

— Apenas o que você já sabe, a estratégia que admito me escapar.

— Qual?

— Que os americanos pensam que você os traiu, trocou de lado. Melhor dizendo, querem que Carlos acredite que você trocou de lado.

— Por quê? — *Ele estava mais próximo ainda. Estava aqui*!

— A história é um longo período de silêncio que coincidiu com a inatividade de Caim. Mais os fundos roubados, porém, em sua maior parte, pelo silêncio.

Era isto. A mensagem. O silêncio. Os meses em Port Noir. Toda aquela loucura em Zurique, em Paris. Ninguém podia saber o que acontecera. Estavam lhe dizendo para voltar. Para aparecer. Você estava certa, Marie, meu amor, meu querido amor. Você estava certa desde o início.

— Nada mais, então? — perguntou Bourne, tentando controlar a impaciência da voz, ansioso agora, além de qualquer ansiedade que ele conhecera, para voltar para Marie.

— É tudo o que sei — mas, por favor, entenda, nunca me contaram nada disso. Fui trazido para cá por causa do meu conhecimento sobre a Medusa — e era do conhecimento geral que Caim era da Medusa —, mas nunca fiz parte do círculo menor de Carlos.

— Você esteve bem próximo. Obrigado. — Jason colocou algumas notas sobre a mesa e começou a sair do reservado.

— Uma coisa, apenas — disse d'Anjou. — Não tenho certeza de que isto possa ser relevante a essa altura, mas eles sabem que o seu nome não é Jason Bourne.

— O quê?

— 25 de março. Não se lembra, Delta? É daqui a dois dias, e a data é muito importante para Carlos. As ordens se espalharam. Ele quer o seu corpo no dia vinte e cinco. Quer entregar o seu cadáver para os americanos neste dia.

— O que está tentando dizer?

— No dia 25 de março de 1968, Jason Bourne foi executado em Tam Quan. Você o executou.

31

Ela abriu a porta.por um momento, ele ficou olhando-a, vendo aqueles grandes olhos castanhos que se fixavam no seu rosto, olhos de medo e curiosidade. Ela sabia. Não a resposta, mas que *havia* uma resposta, e que ele voltara para lhe contar. Ele entrou, ela fechou a porta.

— Aconteceu — disse ela.

— Aconteceu. — Bourne estendeu-lhe os braços. Ela foi ao seu encontro. Abraçaram-se, o silêncio dizia mais do que qualquer palavra. — Você estava certa — murmurou ele, com os lábios encostados aos seus sedosos cabelos. — Há muita coisa que ainda não sei — e talvez nunca venha a saber — mas você tinha razão. Não sou Caim, porque nunca existiu nenhum Caim, nunca. Não o Caim de quem eles falam. Este nunca existiu. Foi um mito inventado para induzir Carlos a aparecer. Sou esta criação. Um homem da Medusa, chamado Delta, que concordou em se transformar em uma mentira chamada Caim. Sou este homem.

Ela se afastou um pouco, ainda abraçada a ele. — Caim é para Charlie... — ela pronunciou as palavras serenamente.

— E Delta é para Caim — completou Jason. — Você me ouviu dizer isto?

Marie assentiu com a cabeça. — Sim. Uma noite, naquele quarto na Suíça, você gritou estas frases. Nunca mencionou Carlos, apenas Caim... Delta. Comentei com você pela manhã, mas você nem me respondeu. Ficou olhando pela janela.

— Porque eu não havia entendido. E ainda não entendo, mas já aceito. Isto explica tanta coisa!

Ela assentiu com a cabeça novamente. — O *provocateur*. As palavras-código que você usa, as frases estranhas, as percepções. Mas por quê? Por que você?

— Para limpar uma ficha, limpar meu nome. Foi o que ele disse.

— Quem disse?

— D'Anjou.

— O homem que estava na escada em Parc Monceau? O telefonista?

— O homem da Medusa. Conheci-o na Medusa.

— O que ele disse?

Bourne contou-lhe. E enquanto contava, podia perceber nela o alívio que também sentia nele. Havia uma luz nos olhos dela e um soluço mudo em sua garganta. Pura alegria explodia da sua garganta. Ela quase não podia esperar que ele terminasse para poder abraçá-lo novamente.

— Jason! — gritou ela pondo-lhe as mãos no rosto. — Querido, meu querido! O meu amigo voltou para mim! É tudo como nós sabíamos, como sentíamos!

— Não tudo — disse ele acariciando-lhe a face. — Sou Jason para você e sou Bourne para mim, porque é este o nome que me foi dado, e tenho que usá-lo porque não tenho outro. Mas não é o meu nome.

— É invenção?

— Não, ele era real. Dizem que eu o matei em um lugar chamado Tam Quan.

Ela tirou as mãos do seu rosto e as colocou no ombro, segurando-o. — Devia haver uma razão.

— Espero que sim. Mas não sei. Talvez tenha sido pela ficha que tentei limpar.

— Não tem importância — disse ela soltando-o. — Está no passado, há mais de dez anos. O importante agora é que você fale com o homem da Treadstone, porque estão tentando entrar em contato com você.

— D'Anjou disse que era informação corrente que os americanos pensavam que eu virara a casaca.

Estão sem notícias minhas há mais de seis meses e acham que tirei os milhões de Zurique. Devem achar que sou o erro de cálculo mais dispendioso já registrado.

— Você vai explicar tudo o que aconteceu. Você não quebrou conscientemente todos os seus acordos. E, por outro lado, você não pode continuar. É impossível. Todo o treino que você recebeu não significa nada para você. Está apenas na sua memória, em fragmentos — imagens e frases que você não pode relacionar com nada. Pessoas a quem devia conhecer e não têm nomes, não têm razão alguma para estarem em sua memória e serem o que são.

Bourne tirou o casaco e a automática do cinto. Examinou o cilindro — aquela extensão feia do cano da arma que reduzia a contagem de decibéis e tornava um tiro apenas um ruído surdo. Aquilo o deixava nauseado. Foi até o balcão, pôs a arma dentro de uma gaveta e fechou-a. Por um instante, ficou segurando os puxadores da gaveta, os olhos fixos no rosto que se refletia no espelho, um rosto sem nome.

— O que devo lhes dizer? — perguntou. — Aqui é Jason Bourne chamando. É claro, sei que este não é o meu nome verdadeiro, porque não sei que matei um homem que se chamava Jason Bourne. Mas este é o nome que vocês me deram... Sinto muito, cavalheiros, mas alguma coisa me aconteceu no caminho para Marselha. Perdi uma coisa — nada que possam avaliar — pois perdi a minha memória. Agora, acho que temos um acordo, mas não me lembro qual é, exceto algumas frases loucas como "pegue Carlos!", e "cerque Carlos!", e alguma coisa mais sobre Delta que é Caim e Caim que deve ficar no lugar de Charlie e que Charlie é realmente Carlos. Coisas assim, que podem levar os senhores a pensar que me lembro de tudo. Talvez até possam pensar: "Temos um bastardo de primeira aqui. Vamos deixá-lo por umas duas décadas em uma prisão bem-apertada. Ele não apenas nos pegou, mas o que é pior, provou ser-nos um terrível embaraço. — Bourne virou-se para Marie. — Não estou brincando. O que digo?

— A verdade — respondeu ela. — Eles vão aceitá-la. Eles lhe mandaram uma mensagem, estão tentando encontrá-lo. Se os seis meses são importantes, por que não telefona para Washburn, em Port Noir? Ele tem registros — extensos, detalhados.

— Ele pode não responder. Fizemos o nosso próprio acordo. Por ter me tratado, ele devia receber um quinto de Zurique sem ser descoberto. Enviei-lhe um milhão de dólares americanos.

— E você acha que isto faria com que ele deixasse de ajudá-lo?

Jason fez uma pausa. — Pode ser impossível para ele. Ele tem um problema, é alcoólatra. Não é bêbado. Muito pior; ele sabe disso e gosta. Quanto tempo pode ele durar com um milhão de dólares? Mais exatamente, quanto tempo você pensa que aqueles piratas da praia vão deixá-lo viver, depois de descobrirem?

— Mesmo assim, você ainda pode provar que esteve lá. Você estava doente e isolado. Não esteve em contato com *ninguém*.

— Como os homens da Treadstone podem se certificar? Do ponto de vista deles, sou uma enciclopédia ambulante de assuntos secretos. *Tinha* que ser para fazer o que fiz. Como podem estar certos de que não conversei com as pessoas erradas?

— Diga-lhes para mandar averiguar em Port Noir.

— Seriam recebidos com silêncio e olhares vazios. Deixei aquela ilha no meio da noite, com metade da praia atrás de mim com facas e com ganchos. Se alguém por lá conseguiu fazer algum dinheiro com Washburn, logo perceberá e se negará a falar.

— Jason, não sei o que você está querendo. Você tem a sua resposta, a resposta que procurava desde que acordou naquela manhã em Port Noir. O que mais quer?

— Quero ser cuidadoso, só isto — disse Bourne inflamado. — Quero "olhar antes de pular" e estar bem certo de "fechar a porta do estábulo" e "Jack seja esperto, Jack seja rápido, Jack, pule por cima

do castiçal — mas por Cristo, não caia em cima da vela". Que tal, como jogo de memória? — Ele estava gritando; parou.

Marie atravessou o quarto e ficou à sua frente. — É muito bom. Mas não é isto, não é? Quero dizer, ser cuidadoso.

Jason balançou a cabeça. — Não, não é — disse. — A cada passo tive medo, medo das coisas que aprendi. Agora, no final, estou com mais medo ainda. Se não sou Jason Bourne, quem sou realmente? O que deixei para trás? Isso já lhe ocorreu?

— Com todas as suas ramificações, meu querido. De certa forma, estou muito mais assustada do que você. Mas acho que isso não pode nos deter. Quisera que pudesse, mas sei que não pode.

O adido da Embaixada Americana, na Avenida Gabriel, entrou no escritório do Primeiro-Secretário e fechou a porta. O homem à escrivaninha levantou os olhos.

— Tem certeza de que é ele?

— Só tenho certeza de que ele usou as palavras-chave — disse o adido, indo até a escrivaninha com um cartão tarjado de vermelho na mão. — Aqui está o sinal — continuou entregando o cartão para o Primeiro-Secretário. — Já chequei as palavras que ele usou, e se este sinal é certo, eu diria que ele está dizendo a verdade.

O homem à escrivaninha estudou o cartão. — Quando ele usou o nome Treadstone?

— Apenas depois que o convenci de que ele não iria falar com ninguém no Serviço de Inteligência americano a menos que ou até que me desse uma boa razão para isto. Acho que ele pensou que eu ia estourar meus miolos quando ele disse que era Jason Bourne. Quando simplesmente lhe perguntei o que podia fazer por ele, pareceu parado, quase como se fosse desligar o telefone.

— Não disse que havia um sinal para ele?

— Eu estava esperando por isto, mas não mencionou nada. De acordo com esse esquema de oito palavras — "Oficial experimentado em campo. Possível deserção ou detenção pelos inimigos" — ele podia apenas ter dito a palavra "sinal" e estaríamos em sincronia. Mas não disse.

— Então talvez não seja o genuíno.

— Mas o resto se encaixa. *Disse* que D.C. está à sua procura há mais de seis meses. Foi aí que usou o nome da Treadstone. Ele era da Treadstone, coisa que supunha muito fantástica. Também me disse para averiguar as palavras-chave Delta, Caim e Medusa. As duas primeiras estão no cartão de sinais, eu as conferi. Não sei o que significa Medusa.

— Não sei o que significa tudo isto — disse o Primeiro- Secretário. — Exceto que tenho ordens de manter sob vigilância estas comunicações, informar tudo detalhadamente para Langley, e pelo telefone direto para aquele espectro do Conklin. Dele já ouvi falar: é um grande filho da puta que perdeu o pé há dez ou doze anos em Nam. Ele aperta uns botões muito estranhos na Companhia. Também sobreviveu a todos os expurgos, o que me leva a crer que é um homem a quem não querem ver vagando pelas ruas à procura de emprego. Ou de editor.

— Quem você acha que é este tal de Bourne? — perguntou o adido. — Nunca vi uma caçada assim tão firme, e ao mesmo tempo sem nenhuma estrutura, feita a uma pessoa em todos esses meus anos de trabalho para os Estados Unidos.

— É alguém que eles querem muito. — O Primeiro-Secretário levantou-se da escrivaninha. Obrigado por isto. Direi a D.C. como você trabalhou bem. Qual é o esquema? Acho que ele não lhe deu um número de telefone.

— De forma alguma. Ele queria voltar a telefonar daqui a quinze minutos, mas fiz o meu papel de burocrata apressado e sem tempo. Disse-lhe para telefonar daqui a uma hora mais ou menos. Seria depois das cinco, e assim poderíamos ganhar mais uma hora ou duas enquanto estou fora para o jantar.

— Acho que não. Não podemos nos arriscar a perdê-lo. Vou deixar que Conklin trace o plano da caça. Ele tem o controle sobre isto, Ninguém faz nada com relação a Bourne a menos que seja autorizado por ele.

Alexander Conklin estava sentado atrás da sua mesa, no escritório de paredes brancas em Langley, Virgínia, enquanto ouvia o homem da Embaixada falando de Paris. Ele estava convencido, era Delta. A referência à Medusa era a prova, pois era um nome que ninguém mais sabia senão Delta. Aquele bastardo! Estava agora tentando fazer o papel de agente em dificuldades, porque os seus controles, no telefone da Treadstone, não respondiam às palavras-chave apropriadas — sejam lá quais fossem — pois os mortos não podem falar. Estava se utilizando do esquecimento para tentar sair da arapuca! O sangue-frio daquele bastardo era terrível. Bastardo, *bastardo*!

Matar os controles e usar estas mortes para evitar a sua caça. Qualquer tipo de caça. Quantos homens já haviam feito isto antes, pensou Alexander Conklin. Ele próprio num controle de fontes de informação, nas montanhas de Huong Khe, um maníaco dera ordens loucas, morte certa para uns doze pares de medusianos numa caçada fechada. Um jovem oficial do serviço de inteligência chamado Conklin rastejou de volta para a Base do Campo Kilo com um rifle norte-vietnamita, de calibre russo, e atirou duas balas na cabeça do maníaco. Medida de segurança mais duras foram impostas à força, mas a caça foi cancelada,

Mas ele não deixara nenhum pedaço de copo nos caminhos da selva da Base de Campo Kilo. Pedaços com impressões que identificasse o atirador de tocaia como um recruta ocidental da própria Medusa. Mas foram encontrados alguns pedaços de copo na Rua Setenta e Um sem que o matador soubesse — porque Deita não sabia disso..

— Em um ponto questionamos seriamente se ele seria o genuíno — disse o Primeiro-Secretário da Embaixada, falando com voz grossa, como para preencher o abrupto silêncio de Washington. — Um oficial de campo experimentado teria dito ao adido para checar o sinal, mas aquele sujeito não fez isto.

— Uma inadvertência — respondeu Conklin, retrocedendo, na memória, ao brutal enigma que era Delta-Caim. — Qual é o combinado?

— Inicialmente Bourne insistiu em telefonar daqui a quinze minutos, mas instruí meu auxiliar para ser comedido e esperar. Por exemplo, poderíamos usar a hora do jantar... — O homem da Embaixada tentava se certificar de que um executivo da Companhia, em Washington, percebera a perspicácia das suas contribuições. Nisso ele gastaria quase um minuto; Conklin já ouvira muitas variações antes.

Delta. Por que trocara de lado? A loucura devia ter se apossado dele e ele perdera a cabeça, só tinha os instintos de sobrevivência. Vagueara tanto, por tanto tempo; devia saber que mais cedo ou mais tarde eles o encontrariam, o matariam. Jamais haveria outra alternativa; ele sabia disso desde o momento em que trocara de lado ou rompera, fosse lá o que fosse. Não havia mais lugar onde pudesse se esconder; era um alvo procurado pelo globo todo. Jamais poderia saber quando alguém sairia das sombras para dar cabo da sua vida. Era uma realidade com a qual todos conviviam, o mais persuasivo argumento contra a traição. E então, outra solução tinha que ser buscada: a sobrevivência. O bíblico Caim era o primeiro a cometer fratricídio. Teria o seu nome mítico o levado àquela decisão obscena, àquela estratégia? Seria assim tão simples? Deus sabia que esta era a solução perfeita. Matar todos eles, matar seus irmãos.

Webb se fora; o Monge também; o Iatista e a mulher... Quem poderia negar as instruções que Delta recebera se aqueles quatro eram os que lhe davam as instruções? Ele retirara os milhões e os distribuíra como fora mandado. Receptores que de nada sabiam, e ele presumira que era intrínseco à estratégia do Monge. Quem era Delta para questionar o Monge? O criador da Medusa, o gênio que o recrutara e criara a ele, Caim.

A solução perfeita. Para ser completamente convincente, só faltava a morte de um irmão, sentir o

próprio pesar. Um julgamento oficial lhe seria oferecido. Carlos tinha se infiltrado e quebrado a Treadstone. O assassino vencera, a Treadstone fora abandonada. Aquele bastardo!

— . .. e assim, basicamente, pensei que o plano da caça deveria vir do senhor. — O Primeiro-Secretário, em Paris, tinha terminado de falar. Era um asno, mas Conklin precisava dele; uma melodia tinha que ser ouvida enquanto outra estava sendo tocada.

— Você fez a coisa certa — disse o respeitoso executivo de Langley. — Farei com que o pessoal aqui fique sabendo que você trabalhou muito bem. Foi perfeito; precisamos de tempo, mas Bourne não sabe disso. E também não podemos dizer-lhe, o que torna tudo bem consciente. Estamos num aparelho direto, posso falar mais claramente?

— Claro.

— Bourne está sob pressão. Ele esteve... detido... por um bom período de tempo. Estou sendo claro?

— Os soviéticos?

— Perto de Lubyanka. Sua fuga foi feita através de um duplo registro. Está familiarizado com o termo?

— Sim, estou. Moscou pensa que ele está trabalhando para eles, agora.

— Mas isto é o que eles pensam. — Conklin fez uma pausa. — E não estamos ainda bem certos. Coisas estranhas aconteceram por lá.

O Primeiro-Secretário assobiou baixinho. — Que encruzilhada! Como vai conseguir uma solução?

— Com a sua ajuda. Mas a classificação de prioridade é muito alta, é mais alta do que a Embaixada, ou do que o nível de Embaixada. Você está no quadro; foi convocado. Pode aceitar a condição ou não, é com você. Se aceitar, acho que virá imediatamente uma recomendação do Escritório Oval.

Conklin podia ouvir a respiração lenta em Paris.

— Farei o que puder, é claro. Pode dizer.

— Você já fez. Nós o queremos mantido a distância. Quando voltar a telefonar, você mesmo deverá falar com ele.

— Naturalmente — interrompeu o homem da Embaixada.

— Diga-lhe que! você relacionou os códigos. Diga-lhe que Washington está mandando um oficial de registros diretamente da Treadstone num avião militar. Diga que D.C. quer que ele se mantenha escondido e longe da Embaixada; todos os passos estarão sendo vigiados. Depois pergunte-lhe se ele quer proteção. Se quiser, descubra onde quer ir buscar esta proteção. Mas não mande ninguém. Quando me chamar novamente, já terei entrado em contato com alguém de lá. Dar-lhe-ei um nome então e você pode oferecer-lhe um olheiro.

— Um olheiro?

— Uma identificação visual. Alguma coisa, ou alguém, que ele possa reconhecer.

— Um dos seus homens?

— Sim, achamos que é melhor assim. Além de você, não há por que envolver a Embaixada. Na realidade, é vital que não se envolva a Embaixada nisto. Assim, qualquer conversa que você tenha deve ser passada adiante.

— Posso tomar conta disso — disse o Primeiro-Secretário. — Mas como a conversa que eu vou ter com ele vai ajudá-lo a determinar se ele tem realmente um duplo registro?

— Porque não será apenas uma conversa. Serão umas dez,

— Dez?

— Isto mesmo. As suas instruções para Bourne — nossas, por seu intermédio — são as de que ele deve lhe telefonar de hora em hora para confirmar se está em território salvo. Até a última hora, quando você vai lhe dizer que o oficial da Treadstone chegou a Paris e vai se encontrar com ele.

— Em que isto vai resultar? — perguntou o homem da Embaixada.

— Ele vai continuar a circular... se não for nosso. Há uma meia dúzia de agentes soviéticos bem-conhecidos em Paris, todos com telefones falsos. Se estiver trabalhando com Moscou, as chances são de que ele pelo menos use um deles. Estaremos atentos. E se for, assim que acabar, acho que você vai se lembrar para sempre da noite que passou na Embaixada. Para o resto da sua vida. Recomendações presidenciais têm possibilidades de elevar a carreira de um homem a altos níveis. É claro, você não tem lugar tão mais alto para ir...

— Há maiores e mais altos, Senhor Conklin — interrompeu o Primeiro-Secretário.

A conversa acabara, o homem da Embaixada voltaria a telefonar depois que ouvisse Bourne. Conklin levantou-se da cadeira e capengou pela sala indo até um fichário cinza na parede do outro lado. Destrancou a primeira gaveta. Dentro havia uma pasta grampeada contendo um envelope selado onde estavam os nomes e endereços de homens que podiam ser chamados para trabalhos de emergência. Já tinham sido bons homens antigamente, leais, que por qualquer razão não podiam mais entrar em uma lista de pagamentos de Washington. Em todos os casos fora necessário retirá-los do quadro oficial, relocá-los com novas identidades — aos que eram fluentes em outras línguas quase sempre era dada uma cidadania para cooperarem com governos estrangeiros. Simplesmente desapareceram.

Eram os banidos, homens que haviam ido muito além das leis a serviço do seu país, que em geral mataram no interesse de seu próprio país. Mas o seu país não poderia continuar a tolerar a sua existência oficial; seus segredos haviam sido expostos, suas ações conhecidas. Ainda assim, podiam ser chamados de vez em quando. Pagamentos eram desviados para contas que não estavam sob fiscalização oficial, alguns acertos intrínsecos eram feitos quanto a esses pagamentos.

Conklin levou de volta o envelope para a mesa e rasgou a fita do selo; seria liberado, remarcado. Havia um homem em Paris, um homem dedicado, que surgira dos corpos de oficiais da Inteligência do Exército, um tenente-coronel, que agora devia estar com trinta e cinco anos. Podia contar com ele, ele entendia as prioridades nacionais. Matara um fotógrafo de esquerda em uma vila próxima a Hue, há uns doze anos.

Há três minutos já estivera com o homem ao telefone; a chamada não fora registrada nem gravada. Ao antigo oficial foi dado um novo nome e um rápido processo de expulsão, incluindo uma viagem paga pelos Estados Unidos durante a qual o banido em questão foi em missão especial para eliminar os que controlavam à sua estratégia.

— Um registro duplo? — perguntou o homem em Paris. — Moscou?

— Não, nada com os soviéticos — respondeu Conklin, ciente de que se Delta pedira proteção haveria conversa entre os dois homens. — Foi um trabalho secreto de longo alcance para atrair Carlos.

— O assassino?

— Isto mesmo.

— Você pode *dizer* que não é Moscou, mas não vai me convencer. Carlos foi treinado em Novgorod, e tanto quanto sei, ainda é malvisto pelo KGB.

— Talvez. Os detalhes não são para encurtar, mas é suficiente dizer que estamos convencidos de que o nosso homem foi comprado; ele fez alguns milhões e agora quer um passaporte livre.

— Então, ele entregou os controles e os dedos apontados contra Carlos. O que não vai significar nada, exceto mais uma morte.

— Isto mesmo. Queremos continuar a caça, deixá-lo pensar que está em casa, livre. Melhor ainda, gostaríamos de uma confissão, qualquer informação que pudermos obter, e é por isso que estou agindo do meu jeito. Mas é completamente secundário tirá-lo de onde está. Muitas pessoas, de muitos lugares, estiveram comprometidas em colocá-lo onde ele agora está. Pode ajudar? Haverá um prêmio.

— O prazer é meu. E fique com o prêmio, odeio fodidos como ele. Estouram redes inteiras de trabalho.

— Vai ser um trabalho duro, ele é dos melhores. Sugiro que você tenha um auxiliar, ao menos um.

— Tenho um, de Saint-Gervais, que vale por cinco. Ele trabalha por pagamento.

— Contrate-o. Aqui estão os pormenores. O controle em Paris é de uma embaixada, simulado; o rapaz da embaixada não sabe de nada, mas está em comunicação com Bourne e vai pedir proteção para ele.

— Farei o jogo — disse o antigo oficial do Serviço de Inteligência. — Continue.

— Não há muito mais, por enquanto. Conseguirei um jato em Andrews. O meu ETA, em Paris, estará em algum lugar entre as 23h e a meia-noite, hora local. Quero ver Bourne dentro de uma hora mais ou menos e depois estar de volta para cá, em Washington, amanhã. É apertado, mas é assim que tem que ser.

— Assim será então.

— O sujeito da Embaixada é o Primeiro-Secretário. Seu nome é...

Conklin forneceu-lhe os pormenores mais específicos que ainda faltavam e os dois homens inventaram números básicos para os seus contatos iniciais em Paris. Palavras de código que diriam ao homem da Agência Central de Inteligência se existia ou não algum problema quando estivessem conversando. Conklin desligou. Tudo começava exatamente da forma que Delta esperaria que começasse. Os herdeiros da Treadstone seguiriam as normas, e as normas eram específicas quando as estratégias falhavam. E os estrategistas também. Deviam ser apagados, cortados, nenhuma conexão oficial ou comunicação era permitida. Estratégias e estrategistas que falhavam eram um grande embaraço para Washington. E desde o seu começo a Treadstone Seventy One usara, abusara e manipulara cada unidade maior da comunidade do Serviço de Inteligência dos Estados Unidos e de alguns governos estrangeiros.

Delta sabia de tudo isso, e porque ele próprio destruíra a Treadstone, apreciaria as precauções, as anteciparia e ficaria até mesmo alarmado se elas não existissem. E quando fosse interrogado, reagiria com falsa fúria e angústia artificial sobre a violência ocorrida na Rua Setenta e Um. Alexander Conklin ouviria com toda a atenção tentando discernir alguma informação genuína, até mesmo o esboço de uma explicação razoável mas não levaria nada em conta. Pedaços quebrados de vidro não podiam aparecer do outro lado do Atlântico apenas para serem escondidos debaixo de uma cortina grossa e pesada de uma casa de granito escuro de Manhattan. E impressões digitais eram a prova mais acurada de que um homem estivera no lugar, mais do que uma fotografia. Não havia jeito de serem modificadas.

Conklin daria a Delta o benefício de dois minutos para dizer o que lhe viesse à sua mente ágil. Ele ouviria e, em seguida, puxaria o gatilho.

32

— Por que estão fazendo isto? — perguntou Jason, sentado ao lado de Marie, no café apinhado. Acabara de fazer a quinta chamada telefônica, cinco horas depois de ter feito o primeiro contato com a embaixada. — Querem que eu continue fugindo. Estão me forçando a fugir, e não sei por quê.

— Você está se forçando — disse Marie. — Podia ter telefonado do quarto.

— Não, não podia. Por alguma razão qualquer eles querem que eu saiba disso. Cada vez que telefono, aquele filho da puta pergunta onde estou agora, se estou em "território livre". Que frase estúpida, "território livre"! Mas ele está dizendo outra coisa. Está me avisando que cada contato tem que ser feito de um lugar diferente, de forma que ninguém, fora ou dentro, possa me rastrear em um único telefone, em um endereço único. Não me querem em custódia, mas me querem em um fio. Eles me querem, mas estão com medo de mim; não faz sentido!

— Não é possível que você esteja imaginando estas coisas? Ninguém disse nada, nem remotamente fizeram qualquer alusão.

— Não precisam. Está no que não dizem. Por que simplesmente não me disseram para ir imediatamente à embaixada? Por que não me ordenaram? Ninguém podia me tocar lá; é território americano. Mas não fizeram isto.

— As ruas estão sendo vigiadas. Eles lhe disseram isto.

— Você sabe que aceitei isto — cegamente — até trinta segundos atrás, quando isso tudo me deixou um pouco espantado. Por quem? Quem está vigiando as ruas?

— Carlos, obviamente. Seus homens.

— Você sabe muito bem e eu também — ou pelo menos podemos presumir — mas eles não sabem. Posso não saber quem sou ou de onde vim, mas sei o que me aconteceu durante as últimas vinte e quatro horas. Eles não.

— Eles também podiam presumir, não? Podem ter visto homens estranhos em carros, ou ali por perto, durante muito tempo e muito à vista.

— Carlos é mais inteligente. E há muitos meios de um veículo entrar de repente nos portões de uma Embaixada. Os contingentes da Marinha são treinados em todos os lugares para fazerem coisas desse tipo.

— Acredito em você.

— Mas eles não fizeram isto; nem mesmo sugeriram que eu fizesse. Ao contrário, estão me mantendo a distância, forçando-me a fazer o jogo deles. Que diabo, por quê?

— Você mesmo disse, Jason. Estão sem saber nada de você há seis meses. Estão sendo cuidadosos.

— Por que *desta* forma? Lá dentro daqueles portões eles podem fazer o que quiserem comigo. Podem me controlar. Tanto podem me dar uma festa quanto me jogar em uma cela. Mas não, não querem me tocar e também não querem me perder.

— Estão esperando pelo homem que vem de Washington.

— Que melhor lugar para esperá-lo senão na Embaixada? — Bourne empurrou a cadeira. — Alguma coisa está errada.Vamos sair daqui.

Alexander Conklin, herdeiro da Treadstone, levou exatamente seis horas e doze minutos para atravessar o Atlântico. Para voltar, tomaria o primeiro vôo do Concorde que saísse de Paris pela manhã e alcançaria Dulles por volta de 7h30min de Washington, depois Langley, cerca das 9 horas. Se alguém tentasse entrar em contato com ele por telefone ou perguntasse por seu paradeiro à noite, um

obsequioso major do Pentágono daria qualquer informação falsa. E ao Primeiro-Secretário da Embaixada em Paris seria dito que se mencionasse alguma vez que tivera uma única conversa sequer com o homem de Langley seria rebaixado ao posto de adido mais baixo e mandado para um novo posto na Terra do Fogo. Era garantido.

Conklin foi diretamente para uma fileira de telefones públicos na parede e telefonou para a Embaixada. O Primeiro-Secretário estava cheio de um certo sentimento de realização.

— Tudo está de acordo com o esquema, Conklin — disse o homem da Embaixada, a ausência do "senhor" era um sinal de igualdade. O executivo da Companhia estava agora em Paris, e cada terra com seu hábito... — Bourne está desconfiado. Durante a nossa última comunicação ele perguntou repetidas vezes por que não estava sendo chamado para a Embaixada.

— Perguntou? — A princípio Conklin ficara surpreso. Depois entendeu. Delta simulava as reações de um homem que nada sabia sobre os eventos da Rua Setenta e Um. Se fosse mandado ir à Embaixada, teria passado pelo crivo. Sabia mais, não poderia haver nenhuma conexão oficial. A Treadstone era um anátema, uma estratégia desacreditada, uma grande complicação, um grande embaraço. — Você reiterou que as ruas estavam sendo vigiadas?

— Naturalmente. Então, ele me perguntou quem o estava vigiando. Pode imaginar?

— Posso. O que você disse?

— Que ele sabia tão bem quanto eu. E, considerando tudo, achei que era contraproducente discutir tais assuntos pelo telefone.

— Muito bem.

— Preferi pensar assim.

— E o que ele respondeu? Aceitou?

— De uma forma estranha, sim. Disse: "Compreendo." Só isso.

— Mudou de idéia quanto à questão?

— Continuou a recusar. Até mesmo quando insisti. — O Primeiro-Secretário fez uma breve pausa. — Ele não, quer ser vigiado, não é? — disse confidencialmente.

— Não, não quer. Para quando espera o seu próximo telefonema?

— Daqui a quinze minutos.

— Diga-lhe que o oficial da Treadstone chegou. — Conklin pegou o mapa do bolso; já estava dobrado na área, a rota marcada em tinta azul. — Diga-lhe que o encontro foi marcado para 1h30min na estrada entre Chevreuse e Rambouillet, a sete milhas para o sul de Versalhes, no Cemitério de Noblesse.

— 1h30min, estrada entre Chevreuse e Rambouillet... o cemitério. Ele sabe como chegar lá?

— Já esteve lá antes. Se ele disser que vai de táxi, diga-lhe para tomar as medidas normais de precaução e dispensá-lo logo em seguida.

— Não vai parecer estranho? Ao motorista, quero dizer. É uma hora meio estranha, de madrugada.

— Eu disse que é para você "lhe dizer" isto. Obviamente ele não vai pegar um táxi.

— É óbvio — disse o Primeiro-Secretário rapidamente, recobrando-se por ter dito o desnecessário. — Como não chamei o seu homem aqui, devo telefonar-lhe e dizer-lhe que você chegou?

— Farei isso. Você ainda tem o seu número?

— Sim, é claro.

— Queime-o — ordenou Conklin. — Antes que ele o queime. Telefono-lhe daqui a vinte minutos.

Um trem passou pelo nível mais baixo, no metrô; as vibrações foram sentidas em toda a plataforma de cima. Bourne pôs o telefone no gancho, na parede de concreto, e ficou olhando por um momento para o aparelho. Outra porta fora parcialmente aberta em algum lugar da sua distante mente; a luz estava ainda muito longe, muito fraca para que ele pudesse enxergar lá dentro. Ainda assim, havia imagens. Na

estrada para Rambouillet... através de uma passagem em arco de ferro batido, cruzado... uma inclinação suave de colina, com mármore branco. Cruzes — grandes, maiores, mausoléus... e esculturas espalhadas por todo o lugar. O Cemitério de Noblesse. Um cemitério, mas que era muito mais do que um lugar de repouso para os mortos. Era um ponto, mas ainda mais do que apenas isto. Um lugar onde as conversas aconteciam entre enterros e esquifes. Dois homens vestidos sombriamente, entre pessoas também vestidas sombriamente, movimentando-se entre as pessoas de luto e trocando as palavras que deviam ser passadas adiante.

Havia um rosto, mas estava um pouco apagado, fora de foco; ele via apenas os olhos. E este rosto fora de foco e estes olhos tinham um nome. David... Abbott. O Monge. O homem que conhecia mas não conhecia. O criador da Medusa e de Caim.

Jason piscou algumas vezes e balançou a cabeça várias vezes para desmanchar a súbita névoa. Procurou Marie com o olhar. Ela estava ali perto, do lado esquerdo, encostada à parede, supostamente perscrutando a multidão na plataforma, vigiando alguém, possivelmente vigiando-o. Mas não; ela estava olhando para ele, a testa franzida em preocupação. Ele fez um sinal com a cabeça, tranqüilizando-a; não era um mau momento para ele. Ao contrário, imagens lhe haviam chegado. Ele já estivera no cemitério; e logo saberia. Encaminhou-se até Marie; ela se virou e o acompanhou enquanto se dirigiam para a saída.

— Ele está aqui — disse Bourne. — O homem da Treadstone já chegou. Vou me encontrar com ele perto de Rambouillet. Em um cemitério.

— É um toque bem vampiresco. Por que um cemitério?

— Deve ser para me tranqüilizar.

— Bom Deus, como?

— Já estive lá antes. Já encontrei algumas pessoas lá... um homem. Ao indicá-lo como o lugar do encontro — um encontro inusual —, o homem da Treadstone está tentando me dizer que está sendo verdadeiro.

Ela tomou-lhe o braço quando começaram a subir os degraus em direção à rua. — Quero ir com você.

— Sinto muito.

— Você não pode me excluir!

— Posso, porque não sei que vou encontrar lá. E se não for o que espero, vou precisar de alguém do meu lado.

— Querido, isto não faz sentido! Estou sendo procurada pela polícia. Se me encontrarem mandar-me-ão de volta para Zurique no próximo avião; você mesmo disse isto. Que utilidade eu teria para você em Zurique?

— Não você. Villiers. Ele confia em nós, confia em você. Você pode ir até ele se eu não voltar até o amanhecer ou não telefonar explicando por quê. Ele pode fazer um bom barulho, e Deus sabe que ele está pronto para isto. É o único amparo que temos, o único. Para ser mais específico, a mulher dele é — por intermédio dele.

Marie assentiu com a cabeça, aceitando a sua lógica. — Ele está pronto — concordou ela. — Como você irá até Rambouillet?

— Temos um carro, não se lembra? Vou levá-la para o hotel, depois irei até a garagem.

Ele entrou no elevador da garagem em Montmartre e apertou o botão para o quarto andar, Sua mente estava fixa no cemitério que ficava próximo de Chevreuse e Rambouillet, em uma estrada onde já dirigira, mas não tinha nenhuma idéia de quando fora nem com que propósito.

Era por isso que agora queria ir até lá, não para esperar até que sua chegada coincidisse mais estreitamente com a hora do encontro. Se as imagens que lhe haviam chegado mente não estivessem

completamente distorcidas, aquele era um cemitério enorme. Onde mais precisamente entre aqueles acres de túmulos e esculturas seria o encontro? Ele chegaria lá a uma hora, deixando tempo — uma meia hora — para olhar pelos caminhos à procura de luz de faróis ou de um sinal. Outras coisas lhe viriam à mente.

A porta do elevador abriu-se. O pavimento estava com três quartos do seu espaço ocupado por carros, e o resto vazio. Jason tentou lembrar-se de onde estacionara o Renault; era num canto bem mais longe, ele se lembrava disto, mas era do lado direito ou do esquerdo? Foi pelo lado esquerdo, o elevador ficara do lado esquerdo quando ele trouxe o carro há alguns dias. Parou, a lógica abruptamente o orientando. O elevador ficara do seu lado esquerdo quando ele entrara, não depois que estacionara o carro; estava, portanto, à sua direita. Virou-se em um movimento rápido, os pensamentos numa estrada entre Chevreuse e Rambouillet.

Talvez pelo movimento súbito, por ter-se virado repentina- mente ou porque era uma vigilância inexperiente, Bourne não o sabia bem e nem se importava em pensar no assunto. Fosse o que fosse, aquele movimento salvou-lhe a vida, disto tinha certeza. Uma cabeça de homem se escondeu atrás da capota de um carro na segunda fileira do lado direito; esse homem por certo o espionava. Um vigilante experiente ter-se-ia levantado, segurando um chaveiro que aparentemente pegara do chão do carro, ou examinado um dos pára-brisas e depois ido embora. Só não faria o que aquele homem fizera, correndo o risco de ser visto se escondendo.

Jason manteve o passo, os pensamentos agora fixos no novo esquema. Quem seria aquele homem? Como fora encontrado? E logo em seguida as duas respostas vieram tão claras, tão óbvias, que ele se sentiu um tolo, O porteiro do Auberge du Coin.

Carlos fora cuidadoso — como sempre — com todos os detalhes, qualquer possibilidade de falha era examinada. E um desses detalhes era um porteiro em serviço durante uma das suas falhas. Um homem como ele faz sondagens, depois interroga; não teria sido difícil. Mostrar uma faca ou um revólver seria o suficiente. A informação sairia dos lábios trêmulos do porteiro da noite com toda a facilidade, e os militantes de Carlos receberiam ordens de se espalhar por toda a cidade, cada distrito dividido em setores, à procura de um determinado Renault preto. Uma laboriosa procura, não impossível, facilitada pelo motorista que nem se incomodara em trocar as placas do carro. Durante quantas horas seguidas a garagem teria sido vigiada? Quantos homens estariam ali? Dentro, fora? Quando chegariam os outros? Carlos chegaria?

As perguntas eram secundárias. Ele tinha que sair. Podia sair sem o carro, talvez, mas a dependência que isso lhe daria deixa-lo-ia indefeso; precisava de transporte e era para já. Nenhum táxi iria levar um estranho até um cemitério fora de Paris, em Rambouillet, a uma hora da manhã. E não havia mais tempo para pensar em roubar um outro carro na rua.

Parou, tirou cigarro e fósforo do bolso. Depois, ao acender o fósforo, pôs as mãos em concha e virou a cabeça para proteger a chama. Pelo canto do olho pôde ver uma sombra — uma forma quadrada, atarracada; o homem se abaixara mais uma vez, agora por trás da carroçaria de um carro próximo.

Jason agachou-se, girou para a esquerda e se pôs para fora do corredor entre dois carros, quebrando a queda com as palmas das mãos, a manobra feita em silêncio. Arrastou-se por trás das rodas traseiras do automóvel à sua direita, os braços e as pernas trabalhando rapidamente, calmamente, pelo corredor estreito, entre os veículos, como uma aranha escapulindo por uma teia. Agora estava atrás do homem. Ele arrastou-se para a frente em direção ao corredor e levantou-se nos joelhos, esticando o rosto junto ao metal macio. Espiou por cima de um farol. O homem atarracado estava à vista, em pé.

Evidentemente estava espantado, pois se movimentava hesitantemente em direção ao Renault, o corpo abaixa do de novo, tentando espiar pela janela da frente. O que viu o deixou ainda mais assustado; não havia nada, ninguém. Engasgou- se, a respiração inaudível era um prelúdio para a fuga. Fora enganado e sabia disto, e não estava a fim de esperar pelas conseqüências — e isto significava mais alguma coisa para Bourne. O homem fora informado sobre o motorista do Renault, o medo estava explicado. O homem começou a correr em direção à rampa de saída.

Agora. Jason levantou-se e correu diretamente para o corredor, entre os carros, encontrando-se com o homem em fuga, segurando-o pelas costas e jogando-o no chão de concreto. Malhou o pescoço grosso do homem e bateu com o seu crânio contra o pavimento. Com os dedos da mão esquerda pressionou as órbitas do homem.

— Você tem exatamente cinco segundos para me dizer quem está lá fora — disse em francês, lembrando-se do rosto contorcido de um outro francês, num elevador de Zurique. Haviam vários homens lá fora daquela vez, homens que queriam matá-lo, na Bahnhofstrasse. — Diga-me! Agora!

— Um homem, só um homem, só!

Bourne voltou a torcer-lhe o pescoço, afundando mais os dedos nos olhos do homem. — Onde?

— Num carro — disse o homem em um só fôlego. — Estacionado do outro lado da rua. Meu Deus, você está me cegando!

— Ainda não. Você saberá quando eu fizer isto. Que tipo de carro?

— Estrangeiro. Não sei. Italiano, acho. Ou americano. Não sei. Por favor! Meus olhos!

— Que cor?

— Escuro! Verde, azul, muito escuro. Oh, meu *Deus*!

— Quem?

Jason voltou a torcer o pescoço, e fez mais pressão nos olhos. — Você me ouviu — você pertence ao grupo de Carlos!

— Não conheço nenhum Carlos. Telefonamos para um homem, existe um numero. Isto é tudo.

— Ele foi chamado? — O homem não respondeu. Bourne enfiou mais ainda os dedos nos olhos. — Diga-me!

— Sim. Tive que chamar.

— Quando?

— Há poucos minutos. O telefone da segunda rampa. Meu Deus! Não posso enxergar.

— Sim, pode. Levante-se! — Jason soltou o homem, fazendo com que ficasse de pé. — Vá até o carro. Rápido! — Bourne empurrou o homem para trás, em direção aos automóveis estacionados perto do corredor onde estava o Renault. O homem virou-se, protestando, desamparado. — Você me ouviu. Depressa! — gritou Jason.

— Estou apenas ganhando uns poucos francos.

— Agora pode dirigir por eles. — Bourne empurrou-o em direção ao Renault.

Momentos depois o automóvel preto dobrava a rampa de saída em direção a uma cabine de vidro com um único empregado e uma máquina registradora. Jason estava no assento preto, a arma apontada para o pescoço machucado do homem. Bourne entregou-lhe uma nota e o cartão datado pela janela; o empregado pegou-os.

— Motorista! — disse Bourne. — Faça exatamente o que lhe disse!

O homem acelerou e o Renault saiu correndo em direção à saída. O homem fez o retorno ruidosamente na rua e parou de repente em frente ao Chevrolet verde-escuro. Uma porta do carro se abriu, passos correndo.

— *Jules? Que se passe-i-il? C'est toi qui conduis*? — Uma figura apareceu na janela aberta.

Bourne levantou a automática, apontando-a para o rosto do homem. — Dê dois passos para trás —

disse em francês. — Não mais, apenas dois. E pare. Bateu na cabeça do homem chamado Jules. — Saia. Devagar.

— Íamos apenas segui-lo — protestou Jules, saindo para a calçada. — Segui-lo e relatar onde estava.

— Vão fazer melhor do que isto — disse Bourne, saindo do Renault e pegando o seu mapa de Paris. — Vão dirigir para mim. Por uns momentos. Entrem no carro, os dois!

Cinco milhas tora de Paris, na estrada para Chevreuse, os dois homens foram mandados sair do carro. Era uma auto-estrada escura, parcamente iluminada. Não havia loja, edifícios, casas ou telefones na estrada, numa distância de três milhas.

— Que número vocês deviam chamar? — exigiu Jason. — Não mintam. Vocês ficarão em piores condições, terão mais trabalho.

Jules deu-me o número. Bourne assentiu com a cabeça e entrou no Chevrolet.

O velho com o sobretudo puído sentou desajeitadamente nas sombras da cabine telefônica vazia. O pequeno restaurante estava fechado; a sua presença lá fora uma acomodação feita por um amigo dos velhos dias, dos melhores dias. Ficou olhando para o aparelho na parede, tentando imaginar quando tocaria. Era apenas uma questão de tempo. E quando tocasse, ele, por sua vez, faria uma chamada e os melhores dias estariam de volta, para sempre. Seria em Paris a ligação de Carlos. Isto seria murmurado entre os demais velhos, e o resto seria seu novamente.

O ruído alto do telefone ecoou pelas paredes do restaurante deserto, O mendigo levantou-se e correu. O coração batia desordenadamente em antecipação. Era o sinal. Caim fora cercado! Os dias de paciente espera tinham sido apenas um prefácio para a boa vida que teria agora. Tirou o telefone do gancho.

— Sim?

— É Jules! — gritou a voz quase sem fôlego.

O rosto do velho tornou-se pálido, as batidas do seu coração cresceram, altas, quase nem podia ouvir as coisas terríveis que lhe estavam sendo ditas. Já ouvira o suficiente.

Era um homem morto,

Explosões de luz e calor acompanharas as vibrações que lhe tomaram conta do corpo. Não havia ar, apenas uma luz as ensurdecedoras erupções que lhe subiam do estômago para a cabeça.

O mendigo caiu ao chão, a corda esticada do telefone ainda em suas mãos. Olhou fixamente para o medonho aparelho que lhe trazia aquelas terríveis notícias, O que podia fazer? Em nome de Deus, o que faria?

Bourne caminhou pelas veredas por entre os túmulos, forçando-se a liberar a mente, como Washburn lhe recomendara em Port Noir. Precisava ser uma esponja agora, mais do que nunca; o homem da Treadstone tinha que entender. Ele tentava, com toda a concentração possível, tirar algum sentido do que não se lembrava, dar significado às imagens que lhe vinham sem aviso. Não quebrara acordo algum; não mudara de lado ou fugira... Era um aleijado; simplesmente isto.

Tinha que encontrar o homem da Treadstone. Onde dentro daqueles silenciosos acres de terra e silêncio estaria ele? Onde ele esperava que ele estivesse? Jason chegara ao cemitério bem antes de uma hora, o Chevrolet era um carro bem mais rápido do que o velho e desmantelado Renault. Entrara pelos portões, dirigira algumas centenas de jardas pela estrada, virara em um acostamento e estacionara razoavelmente fora de visão. Na volta para os portões começara a chover. Era uma chuva fria, chuva de março, silenciosa, seu barulho fazia pequenas intrusões no silêncio.

Passou por um grupo de túmulos dentro de um lote demarcado por uma cerca de ferro, o centro

marcado por uma cruz de alabastro que se elevava do chão e tinha uns oito pés. Ficou em frente a ela por um instante. Já estivera ali? Seria outra porta a se abrir para ele, da distância? Ou procurava desesperadamente uma? Mas em seguida a imagem lhe veio. Não era nesse grupo de túmulos em particular, nem a alta cruz de alabastro, nem o cercado de ferro. Era a chuva. *Uma chuva repentina. Muitas pessoas chorando, juntas, vestidas de preto em volta de um túmulo, o ruído dos guarda-chuvas se abrindo. E dois homens se aproximando, os guarda-chuvas se encostando por um breve instante apenas. Desculpas silenciosas pronunciadas enquanto um envelope marrom e comprido era passado de mão em mão, de bolso em bolso, sem ser notado pelos presentes.*

E havia mais alguma coisa. Uma imagem puxava outra, alimentando a sua imagem, vista há apenas alguns minutos. A chuva caindo em cascatas sobre o mármore branco; não uma chuva fria e leve, mas uma tempestade, caindo sobre as paredes de uma brilhante superfície branca... com colunas... fileiras de colunas dos dois lados, uma réplica em miniatura de um tesouro antigo.

Do outro lado da colina. Perto dos portões. Um mausoléu branco, a versão menor do Partenâo. Passara por ele há menos de cinco minutos, o havia olhado, mas não o vira. Foi lá que aquela súbita chuva caíra, onde os dois guarda-chuvas haviam se tocado e um envelope fora entregue. Girou o botão do seu relógio de radium. Passavam quatorze minutos de uma hora. Começou a correr de volta para o caminho. Ainda era cedo; havia tempo para ver os faróis de um carro, ou um fósforo sendo aceso ou...

O raio de uma lanterna. Lá estava, no alto da colina, se movimentando para cima e para baixo, intermitentemente, voltando para os portões, como se quem estava segurando a lanterna estivesse à espera de alguém. Bourne teve um desejo incontrolável de correr por entre os túmulos e as esculturas gritando alto. *Estou aqui! Sou eu. Entendi a sua mensagem. Voltei! Tenho tanta coisa a lhe dizer... e você tem tanta coisa para me dizer!*

Mas não gritou nem correu. Acima de tudo, tinha que demonstrar controle, Pois o que o afligia era tão incontrolável! Tinha que parecer completamente lúcido — são, dentro dos limites de sua própria memória. Começou a descer a colina na chuva fria e leve, na esperança de que o seu sentido de urgência lhe permitisse lembrar-se da luz de uma lanterna.

A lanterna. Alguma coisa era estranha no facho de luz a quinhentos pés dali, mais para baixo. Ela tinha movimentos verticais curtos, enfáticos... como se o homem que a estava segurando estivesse se comunicando enfaticamente com outro.

E estava. Jason agachou-se, espiando através da chuva, os olhos presos na direção de um reflexo de luz faiscante, forte, que brilhava sempre que o facho de luz batia no objeto à sua frente. Arrastou-se, o corpo colado ao chão, cobrindo quase cem pés em um segundo, o olhar ainda no facho de luz e no reflexo. Agora já podia ver com maior clareza; parou e ficou prestando atenção. Havia dois homens, um que segurava a lanterna e o outro um rifle de cano curto, o metal grosso da arma muito conhecido de Bourne. A uma distância de até trinta pés aquela arma podia arrebentar um homem, fazendo-o explodir no ar. Era uma arma muito estranha para estar em poder de um oficial de registros que tivesse sido enviado por Washington.

O facho de luz foi dirigido para o lado do mausoléu branco; o vulto segurando o rifle retraiu-se imediatamente, escondendo-se atrás de uma coluna a não mais de vinte pés dali, longe do homem que estava com a lanterna.

Jason não tinha mais o que pensar; sabia o que fazer. Se havia uma arma mortal, que assim fosse, mas não seria usada nele. Ajoelhado, calculou a distância e procurou enxergar alguns pontos do santuário, tanto para esconderijo quanto para proteção. Saiu, enxugando a chuva do rosto, ciente da arma no cinto, sabendo que não poderia usá-la.

Avançou de túmulo em túmulo, de estatueta em estatueta, para a direita; depois foi se dirigindo para a esquerda até que o semicírculo estivesse quase fechado, completo. Estava a quinze pés do

mausoléu; o homem com a arma mortal estava em pé, do lado da coluna da esquerda, debaixo do pórtico curto, para evitar a chuva. Afagava a arma como se ela fosse um objeto sexual, abrindo-lhe as dobras, incapaz de resistir de espiar para dentro. Correu a palma da mão sobre as cápsulas, o gesto era obsceno.

Agora. Bourne arrastou-se para fora do túmulo, as mãos e os joelhos impulsionando o corpo sobre a grama úmida, até que chegou a seis pés do homem. Levantou-se silenciosamente, uma pantera mortal encolhendo-se à sua frente, uma mão em direção ao cano da arma e a outra em direção à cabeça do homem. Segurou o rifle e a cabeça do homem apertando com os dedos da mão esquerda o cano da arma e com os dedos da mão direita o cabelo do homem. A cabeça ficou virada pan trás, a garganta estendida, o grito foi quase mudo. Bateu a cabeça do homem contra o mármore branco com tanta força que a respiração que se seguiu indicava grave contusão. O homem começou a cair; Jason segurou-o contra a parede, deixando que o corpo escorregasse silenciosamente para o chão, entre as colunas. Revistou o homem. Tirou de um estojo de couro uma Magnum calibre 375 automática, que estava dentro do seu casaco, uma navalha muito afiada que estava numa bainha do cinto e um revólver calibre 22, que estava num coldre, junto ao seu calcanhar. Não parecia alguém mandado pelo Governo, aquilo era o arsenal de um matador profissional.

Quebre-lhe os dedos. As palavras voltaram-lhe à lembrança; elas tinham sido ditas por um homem com óculos de aro dourado, dentro de um sedã grande e que corria velozmente pela Steppdeckstrasse. Havia uma razão por trás daquela violência. Jason segurou a mão direita do homem e curvou os seus dedos para trás, até ouvir o estalar de ossos. Depois fez o mesmo com os dedos da mão esquerda, enquanto fechava a boca do homem com o cotovelo entre os seus dentes. Nenhum ruído além do som da chuva, e nenhuma das mãos poderia ser usada para segurar uma arma ou como arma; as próprias armas estavam fora do alcance, nas sombras.

Jason levantou-se e pôs o rosto para fora da coluna. O oficial da Treadstone estava agora dirigindo a luz diretamente para a terra à sua frente. Era um sinal estacionário, o facho de luz como um pássaro perdido que devia voltar ao lar. Devia significar outras coisas também, e os minutos seguintes lhe diriam isso. O homem virou-se em direção ao portão, dando um passo, como se tivesse ouvido alguma coisa. E pela primeira vez Bourne viu a bengala, percebeu que ele mancava. O oficial de registro da Treadstone Seventy One era um aleijado... como ele também o era.

Jason abaixou-se no prime túmulo, fez a volta por trás e espiou por cima da beirada do mármore. O homem da Treadstone tinha a atenção voltada para os portões. Bourne olhou para o relógio: era 1h27min. Ainda restava algum tempo. Afastou-se do túmulo, colou-se à terra e se arrastou até ficar fora da vista; depois levantou-se e correu, retirando-se até o arco do topo da colina. Ficou parado por um instante, permitindo que a sua respiração e o pulsar do coração voltassem à normalidade. Depois, procurou uma caixa de fósforos no bolso e, protegendo-se da chuva, riscou um fósforo e o acendeu.

— Treadstone? — disse alto o suficiente para ser ouvido lá embaixo.

— Delta.

Caim é para Charlie e Delta é para Caim. Por que o homem da Treadstone usara Delta, em vez de Caim? DeIta não fazia parte da Treadstone; desaparecera com a Medusa. Jason começou a descer a colina, a chuva fria lhe açoitava o rosto; a mão instintivamente escondida debaixo do paletó, segurando a automática presa no cinto.

Foi até o terreno em frente ao branco mausoléu. O homem da Treadstone caminhou capengando em sua direção, depois parou, levantou a lanterna, o facho fez com que Bourne virasse a cabeça.

— Faz bastante tempo — disse o oficial aleijado, abaixando a lanterna. — O nome é Conklin, caso você tenha esquecido.

— Obrigado. Esqueci. E esta é apenas uma das coisas.

— Uma de que coisas?

— Que esqueci.

— Mas você se lembrou deste lugar. Imaginei que fosse se lembrar mesmo. Li os registros diários de Abbott, foi aqui que vocês se encontraram pela última vez, fizeram a última troca de informações. Durante um enterro do Estado, de um ministro qualquer, não foi?

— Não sei. É sobre isto que temos que conversar. Vocês não tiveram notícias minhas nestes últimos seis meses. Há uma explicação.

— Realmente? Vamos ouvi-la.

— A forma mais simples de comunicar isto é que fui ferido, levei alguns tiros, os efeitos dos ferimentos causaram-me um severo... deslocamento. Desorientação é uma palavra melhor, creio.

— Soa bem, O que significa?

— Sofri uma perda de memória. Total. Passei meses em uma ilha do Mediterrâneo — no sul de Marselha — sem saber quem eu era ou de onde tinha vindo. Há um médico lá, um inglês chamado Washburn, que manteve os meus registros médicos. Ele pode comprovar o que estou lhe dizendo.

— Estou certo que sim — disse Conklin assentindo com a cabeça. — E aposto que estes registros são detalhados. Cristo, você pagou muito bem!

— O que quer dizer?

— Também temos um registro. Um funcionário do banco de Zurique, que pensou que estava sendo testado pela Treadstone, transferiu um milhão e meio de francos suíços para Marselha, para uma conta impossível de ser localizada. Obrigado por ter dado o nome.

— Isto faz parte do que vocês têm que compreender. Eu não sabia. Ele salvou a minha vida, deixou-me bem de novo. Eu quase estava morto quando fui levado para ele.

— E então decidiu que um milhão de dólares era um bom pagamento, não é? Cortesia dos cofres da Treadstone.

— Já lhe disse, eu não sabia. Treadstone não existia para mim; e de muitas formas ainda não existe.

— Esqueci. Você perdeu a memória. Qual era mesmo a palavra? Desorientação.

— Sim, mas não é suficientemente forte. A palavra é amnésia.

— Vamos ficar com a desorientação. Porque me parece que você se orientou direto para Zurique, direto para o Gemeinschaft.

— Havia um negativo implantado sob a minha pele, perto dos quadris.

— Caro que havia, você insistiu neste ponto. Poucos de nós entenderam o porquê. É a melhor segurança que se pode ter.

— Não sei do que você está falando. Não pode entender *isso*?

— Claro. Você apenas encontrou um negativo com um número e imediatamente presumiu o nome de Jason Bourne.

— Não *aconteceu* dessa forma. A cada dia eu ia aprendendo alguma coisa, um passo de cada vez, cada dia uma nova revelação. Um funcionário de um hotel me chamou de Bourne; e só fui conhecer o nome Jason no dia em que fui ao banco.

— Lá você soube exatamente o que fazer — interrompeu Conklin. — Sem nenhuma hesitação. Entre a entrada e a saída, quatro milhões se foram.

— Washburn me disse o que fazer.

— Depois uma mulher surgiu, que por coincidência era um gênio das finanças, e lhe disse como desviar o resto. E antes disso, você foi até Chernak na Löwenstrasse e matou três homens que nós não conhecíamos, mas sabíamos muito bem quem eram. E aqui, em Paris, outro bom truque na transferência de uma caminhonete blindada. Outro sócio? Você cobriu todos os rastros, todos os malditos rastros. Até que lhe restou apenas uma coisa para fazer. E você — seu filho da puta —, você fez tudo.

— Não pode me *ouvir*? Esses homens tentaram me matar; estavam à minha procura, desde Marselha. Além disso, honestamente *não sei* do que você está falando. As coisas me vêm à mente, algumas vezes. Rostos, ruas, edifícios; algumas vezes são apenas imagens que não posso localizar, mas sei que significam alguma coisa, mas não posso me relacionar com elas. E nomes — aparecem alguns nomes, mas sem rostos. Que diabo, eu sou amnésico! Esta é a verdade!

— Um desses nomes não seria Carlos, seria?

— Sim, e você bem sabe disto. Este é o ponto; sabe muito mais sobre isto do que eu. Posso recitar mil fatos sobre Carlos, mas não sei por quê. Foi-me dito, por um homem que estava quase a caminho da Ásia, que eu tinha um acordo com a Treadstone. O homem trabalhava para Carlos. Ele disse que Carlos sabe. E que Carlos estava fechando o cerco sobre mim, e que vocês espalharam que eu mudara de lado. Ele não podia entender a estratégia, e eu nada podia lhe dizer. Vocês pensaram que troquei de lado porque não tinham notícias minhas, e eu não podia entrar em contato com vocês porque eu não sabia quem vocês eram. E ainda não sei quem são!

— Ou o Monge, suponho.

— Sim, sim... o Monge. Seu nome era Abbott.

— Muito bom. E o Iatista? Você se lembra do Iatista, não se lembra? E da sua mulher?

— Eliot Stevens?

— Não. Nada.

— Os nomes. Eles estão na minha mente sim. Mas não os rostos.

— Ou... Gordon Webb. — Conklin disse o nome calmamente.

— O quê? — Bourne sentiu a pontada no peito, depois uma dor pungente, aguda, que passava das têmporas para os olhos. *Seus olhos estavam em fogo! Fogo! Explosões e escuridão, ventos fortes e dor... Almanac para Delta! Abandone, abandone! Você vai fazer como foi mandado. Abandone!* — Gordon... — Jason ouviu as suas próprias palavras, mas era longe, muito longe, numa ventania distante. Fechou os olhos, que queimavam, e tentou afastar as névoas. Depois abriu os olhos e não ficou surpreso em ver a arma de Conklin apontada para a sua cabeça.

— Não sei como fez aquilo, mas conseguiu fazer. A única coisa que lhe sobrou e você fez o que fez. Conseguiu voltar para Nova Iorque e chaciná-los a todos. Matou-os brutalmente, seu filho da puta! Juro por Cristo, eu gostaria de levá-lo de volta e vê-lo amarrado a uma cadeira elétrica, mas não posso. Só posso fazer o mais parecido. Eu mesmo tirarei a sua vida.

— Não vou a Nova Iorque há meses. E antes disto não sei — mas não pelo menos nestes últimos seis meses.

— Mentiroso! Por que não fez aquele trabalho realmente bem? Por que não realizou bem a sua proeza, de forma a poder ir aos funerais? O do Monge foi há poucos dias; você veria uma porção de velhos amigos. E o do seu *irmão*! Jesus Poderoso! Você poderia ter acompanhado a esposa dele pela ladeira, saindo da igreja. Poderia até ter feito um discurso elogioso, seria o fim! Pelo menos falar bem do irmão que você matou.

— Irmão!?... *Pare* com isto! Pelo amor de Cristo, pare!

— Porque deveria? Caim está vivo! Nós o fabricamos e ele adquiriu vida!

— Não sou *Caim*. Ele nunca *existiu*! Eu nunca existi!

— Então você sabe! Mentiroso! Bastardo!

— Ponha a arma de lado. Estou lhe dizendo, abaixe esta arma!

— Não há qualquer chance. Jurei que lhe daria apenas mais dois minutos porque queria ouvir o que você ainda tinha a dizer. Bem, já ouvi tudo e cheira mal, fede. Quem *lhe* deu este direito? Todos nós perdemos coisas, faz parte do trabalho, e se você não gosta do seu maldito trabalho, sai. Se não consegue se adaptar, falha; foi o que pensei que você fizera, e estava ansioso para passar por cima de você, para

convencer os outros a *deixarem* você falhar! Mas não, você voltou, e virou a sua arma contra nós.

— Não! Não é verdade!

— Diga isto aos laboratórios técnicos, que têm oito fragmentos de um copo com duas impressões digitais suas. Do dedo indicador e do terceiro da mão direita. Você esteve lá e chacinou cinco pessoas. Você — um *deles* — puxou as suas armas — plural — e os matou a todos. Um cenário perfeito. Uma estratégia desacreditada. Cápsulas diferentes, múltiplas balas, infiltração. O fim da Treadstone e você caindo fora, livre.

— Não, você está errado! Foi Carlos. Não eu, Carlos. Se o que você está dizendo foi na Rua Setenta e Um, foi ele! Ele sabe. Eles sabem. Uma residência na Rua Setenta e Um, número 139. Eles sabem dela!

Conklin fez um sinal de cabeça, seus olhos estavam embaçados, havia repugnância neles, que transparecia na luz fraca, através da chuva. — Tão perfeito — disse lentamente. — O principal movente da estratégia estoura-a ao fazer um acordo com o alvo. O que você leva além daqueles quatro milhões? Carlos vai lhe dar imunidade de seu próprio estigma de perseguição? Vocês dois fazem um adorável par!

— Isso é loucura!

— E muito razoável — completou o homem da Treadstone. — Apenas sete pessoas vivas sabiam daquele endereço antes das sete e meia da noite, na última sexta-feira. Três deles foram mortos, e somos os quatro restantes. Se Carlos o descobriu, apenas uma pessoa poderia ter-lhe contado. Você.

— Como poderia? Eu não sabia. E ainda não sei!

— Você acabou de dizer. — Conklin agarrou a arma com a mão esquerda; era um prelúdio para atirar, firmando o pé aleijado.

— Não faça isto! — Bourne gritou, sabendo que não adiantaria implorar. Girou para a esquerda quando gritou, o pé direito lançando-se contra o pulso que segurava a arma. Che-sah! Esta era a palavra desconhecida, um grito silencioso em sua cabeça. Conklin caiu para trás, atirando para o ar. Jason girou e abaixou-se, agora chutando com o pé esquerdo a arma, que voou da mão que a segurava.

Conklin rolou no chão, os olhos na coluna distante, esperando uma explosão da arma que estouraria, explodiria o seu atacante. Não! O homem da Treadstone rolou de novo. Agora para o lado direito, as feições torcidas, em choque, os olhos selvagens focados sobre... Havia mais alguém!

Bourne se agachou lançando-se em diagonal para trás, enquanto quatro tiros vieram em sucessão rápida, três sons de balas ricocheteando no ar. Rolou várias vezes, tirando a automática do cinto. Viu o homem na chuva; uma silhueta levantou-se por trás do túmulo. Atirou duas vezes, o homem caiu.

A dez pés dali, Conklin estava jogado no gramado úmido, as duas mãos abertas no chão, tentando pegar o metal de um revólver. Bourne levantou-se e correu; ajoelhou-se ao lado do homem da Treadstone; com uma mão segurava-lhe o cabelo molhado, com a outra a sua automática com o cano encostado no crânio de Conklin. Das colunas ao longe veio um grito prolongado e trêmulo. Um grito que cresceu, aumentou de volume e depois cessou.

— É do seu pistoleiro — disse Jason, virando a cabeça de Conklin para o lado. — Treadstone emprega pessoas muito estranhas. Quem era o outro homem? De que lista de mortos você o tirou?

— Foi um homem melhor do que você jamais foi — respondeu Conklin, a voz tensa, a chuva brilhando no rosto iluminado pelo facho de luz da lanterna caída a seis pés dali, no chão. — Todos eles são. Todos eles perderam tanto quanto você, mas nunca se viraram contra nós. Podemos contar com eles!

— Não importa o que eu disser, você não vai acreditar em mim. Você não quer acreditar em mim!

— Porque sei o que você é — o que você fez. Você acabou de confirmar tudo. Pode me matar, mas eles vão pegá-lo. Você é pior do que tudo. Pensa que é especial. Sempre pensou. Vi você depois de Phnom Penh — *todo mundo* perdeu alguma coisa lá, mas isso não importou. Era somente você, apenas

você! Depois na Medusa! Nenhuma regra para Delta! O animal queria apenas matar. É este o tipo que sempre se vira contra os outros. Bem, eu também perdi, mas nunca mudei de lado. Continue! Mate-me! Depois pode voltar para Carlos. Mas quando eu não voltar, eles vão saber. Virão à sua procura e não vão parar até encontrá-lo. Vamos! Atire!

Conklin gritava, mas Bourne quase nem podia ouvi-lo. Ouvira, ao contrário, duas palavras, e as pontadas lhe martelavam as têmporas. *Phnom Penh, Phnom Penh. A morte nos céus, vinda dos céus. Morte do jovem e da criança. Grasnido de pássaros, barulho de máquinas e o fedor da morte na selva... e um rio. Ele estava novamente cego, em fogo novamente.*

A seus pés o homem da Treadstone fugira. A sua figura aleijada estava se arrastando em pânico, se arremessando para fora, as mãos tateando a grama úmida. Jason piscou, tentando forçar a mente a voltar ao presente. Então, imediatamente, percebeu que tinha que apontar a sua automática e atirar. Conklin encontrara a sua arma e a apontava para ele. Mas Bourne não podia puxar o gatilho.

Jogou-se para a direita, rolando no chão, indo parar nas colunas do mausoléu. Os tiros de Conklin eram selvagens, o aleijado era incapaz de firmar a perna ou a arma. Em seguida, os tiros pararam e Jason levantou-se, o rosto contra a macia e úmida pedra. Levantou o olhar, a automática apontada; tinha que matar aquele homem, porque aquele homem iria matá-lo, matar Marie, e ligar os dois a Carlos.

Conklin cambaleava pateticamente em direção aos portões, virando-se constantemente, a arma apontada. Ia em direção a um carro estacionado na estrada, do lado de fora. Bourne levantou a arma, a figura do aleijado estava na sua mira. Um instante e tudo estaria acabado, seus inimigos da Treadstone estariam mortos e a esperança seria encontrada com esta morte, pois haveria homens razoáveis em Washington.

Mas não podia fazer isto, não podia puxar o gatilho. Abaixou a arma e ficou se sentindo desamparado, encostado à coluna de mármore, enquanto Conklin entrava no carro.

O carro. Tinha que voltar a Paris. Havia um jeito. Sempre houvera. Ela estava lá!

Ele bateu à porta, a mente correndo, analisando os fatos, absorvendo-os e descartando-os tão rapidamente quanto lhe chegavam, uma estratégia estava se desenvolvendo. Marie reconheceu a batida e abriu a porta.

— Deus meu, olhe só para você! O que aconteceu?

— Não há tempo — disse, entrando ligeiro e indo em direção ao telefone, do outro lado do quarto. — Era uma armadilha. Estão convencidos de que troquei de lado, me vendi a Carlos.

— O *quê*?

— Dizem que voei para Nova Iorque na semana passada, na última sexta-feira. E que matei cinco pessoas... Entre eles um irmão. — Jason fechou os olhos por um instante. — Havia um irmão — *há* um irmão. Não sei, não posso pensar nisso agora.

— Você nunca deixou Paris! E pode provar isto!

— Como? Oito, dez horas, só isso seria necessário. E oito ou dez horas sem prova é tudo o que eles agora precisam. Quem irá me ajudar?

— Eu irei. Você esteve comigo.

— Eles pensam que você faz parte disto — disse Bourne, pegando o telefone e discando. — De tudo, do roubo, da troca, de Port Noir, de toda essa maldita história. Ligaram você a mim. Carlos conseguiu maquinar isto, um arranjo de impressões digitais. Cristo! Como conseguiu?

O que você está fazendo? Vai telefonar para quem?

— O nosso defensor, lembra-se? O único que temos, Vil- hera. A mulher de Villiers. É ela. Vamos tomá-la, arruiná-la, torturá-la se necessário. Mas não vai ser; ela não vai lutar, porque não pode vencer... Maldição, por que ele não atende?

— O telefone particular fica em seu escritório. São três horas da manhã. Ele provavelmente es...

— Atendeu! General? É o senhor? — Jason teve que perguntar; a voz do outro lado da linha estava estranhamente calma, mas não com a calma do sono interrompido.

— Sim, sou eu, meu jovem amigo. Desculpe-me a demora. Eu estava no andar de cima, com a minha mulher.

— É sobre ela que quero falar. Temos que nos movimentar. Agora. Avise a Inteligência francesa, a Interpol e a Embaixada americana, mas diga-lhes para não intervirem até que eu a veja e fale com ela. Temos que conversar.

— Acho que não, senhor Bourne... Sim, sei seu nome, meu amigo. Quanto à sua conversa com minha mulher, acho que não será possível. Sabe, acabei de matá-la.

33

Jason olhou fixamente para a parede do quarto do hotel, para o revestimento de papel com os desenhos apagados, traços que se encaixavam um no outro, ornamento de contornos sem significado no material já gasto. — Por quê? — perguntou tranqüilamente ao telefone. — Pensei que o senhor havia entendido.

— Tentei, meu amigo — disse Villiers. Sua voz não traduzia raiva nem pesar. — Os santos sabem o quanto tentei, mas não pude me controlar. Fiquei olhando para ela... Vi o filho que ela não havia gerado, atrás dela, morto por aquele porco sujo que era o seu mentor. Minha puta era a puta de outro... do animal. Não podia ser diferente e, como fiquei sabendo, não foi. Acho que ela percebeu o ultraje em meus olhos, e os céus sabem que o ultraje estava realmente em meus olhos. — O general fez uma pausa, a lembrança agora lhe em dolorosa. — Ela viu não apenas o ultraje, mas a verdade. Viu que eu sabia. O que ela era, o que foi durante os anos em que passamos juntos. No final, dei-lhe a chance que ia lhe dar, como lhe contei.

— De matá-lo?

— Sim. E não seria difícil. Porque na gaveta da mesinha de cabeceira que fica entre as nossas camas havia uma arma na gaveta. Ela deitou-se na cama dela, como uma Maia de Goya, esplêndida em sua arrogância, envolvida com os seus pensamentos particulares, como eu estava devorado pelos meus. Abri a gaveta para pegar os fósforos e voltei para a minha cadeira e o cachimbo, deixando-a aberta, o cabo do revólver à mostra.

— Foi o meu silêncio, imagino, e o fato de não poder tirar os meus olhos dela que a forçaram a me notar e se concentrar em mim. A tensão entre nós crescera muito e pouca coisa tinha que ser dita para abrir as comportas. E — Deus me ajude — eu disse. Ouvi-me perguntando: "Por que você fez isto?" A acusação estava então completa. Chamei-a de minha puta, a puta que matou o meu filho.

— Ela olhou-me espantada por alguns minutos. Os olhos desviaram-se para a gaveta aberta e a arma... e depois para o telefone. Fiquei parado, as brasas do meu cachimbo queimando, soltas... *chauffé au rouge*. Ela sentou-se na cama, pôs as duas mãos na gaveta aberta e pegou a arma. Não a detive; ao contrário, tive que ouvir tudo dito por ela mesma, ouvir a acusação que me era feita como a que lhe fazia. O que ouvi irá para o túmulo comigo, porque assim restará a honra deixada por mim e por meu filho. Não seremos desprezados pelos que deram muito menos do que nós. Nunca.

— General... — Bourne balançou a cabeça, incapaz de pensar claramente, sabendo que teria que esperar um pouco para encontrar o fio dos seus pensamentos. — General, o que aconteceu? Ela lhe disse o meu nome. Como? O senhor tem que me dizer isto. *Por favor*.

— Com prazer. Ela disse que você era um insignificante pistoleiro que queria pisar nos calos de um gigante. Que você era um ladrão de Zurique, um homem a quem o seu próprio povo renegava.

— Ela chegou a lhe dizer quem era o meu povo?

— Se disse não ouvi. Eu estava vesgo, surdo, minha raiva era incontrolável. Mas você nada tem a temer. O capítulo está encerrado, minha vida estará acabada logo que eu der um telefonema.

— *Não*! — gritou Jason. — Não faça isso! Não agora.

— Devo.

— Por favor. Não faça o jogo da puta de Carlos. Pegue Carlos! Arme uma cilada para Carlos!

— Levantando o desprezo para o meu próprio nome ao mentir como essa puta? Manipulado pela cadela desse animal?

— Que diabo — e o seu *filho*? Cinco bastões de dinamite na Rua du Bac!

— Deixe-o em paz. Deixe-o em paz. Está acabado.

— *Não* está acabado! Ouça-me! Dê-me um momento, é só isso o que lhe peço. — As imagens na mente de Jason corriam furiosamente pelos seus olhos, chocando-se, suplantando-se umas às outras. Mas estas imagens tinham um significado. Um propósito. Pôde sentir as mãos de Marie em seu braço, segurando-o firmemente, de alguma forma sustentando seu corpo em um ancoradouro de realidade. — Alguém ouviu o tiro?

— Não houve tiro. O *coup de grâce* é mal-entendido nesses tempos. Prefiro a intenção original. Exaltar o sofrimento de um camarada ferido ou de um inimigo respeitável. Não é usado para putas.

— O que quer dizer? O senhor disse que a matou.

— Estrangulei-a, forçando seus olhos a me olharem enquanto perdia a respiração.

— Mas ela tinha a arma apontada para o senhor...

— Completamente ineficiente quando os olhos de alguém estão queimando e inflamados pelas brasas de um cachimbo. Agora é indiferente, ela deve ter vencido.

— Ela *venceu* se o senhor deixar ficar como está! Não pode ver isso? Carlos venceu! Ele o arrasou! E o senhor não teve inteligência para fazer outra coisa senão sufocá-la até morrer! E o senhor fala de desprezo? O senhor o está comprando; nada mais restou senão o desprezo!

— Por que insiste, senhor Bourne? — perguntou Villiers extenuadamente. — Não quero caridade da sua parte, nem da parte de ninguém. Simplesmente, deixe-me em paz. Aceito as coisas como elas são. O senhor não me ajuda em nada.

— Mas poderei, se me ouvir! Apanhe Carlos, cerque Carlos! Quantas vezes terei que dizer isto? É ele quem o senhor quer! Ele é o culpado de tudo! E é ele que quero! Sem ele estou morto. Nós estamos mortos. Pelo amor de Deus, ouça-me!

— Gostaria de ajudá-lo, mas não posso. Não poderei, se prefere.

— Pode sim. — As imagens lhe vieram à cabeça. Ele sabia onde estava, para onde ia. O significado e o propósito vieram juntos, ao mesmo tempo. — Inverta a armadilha. Não toque em nada. Deixe tudo como estava.

— Não entendo. Como é possível isto?

— O senhor não matou a sua mulher. Eu a matei!

— Jason! — gritou Marie, segurando-lhe com força o braço.

— Sei o que estou fazendo — disse Bourne. — Pela primeira vez, realmente sei o que estou fazendo. É engraçado, mas parece que eu já sabia desde o início.

Parc Monceau estava em silêncio, a rua deserta, algumas luzes brilhando no frio, luzes de pórtico, bruxuleando na névoa. Todas as janelas das luxuosas casas estavam escuras, exceto as da residência de André François Villiers, o lendário soldado de Saint Cyr e da Normandia, membro da Assembléia Nacional da França... assassino da própria mulher. As janelas da frente, do andar de cima e do lado esquerdo da varanda tinham uma luz fraca. Era o quarto onde o dono da casa assassinara a dona da casa, onde um velho soldado se deixara guiar pela memória e sufocara a vida da puta de um assassino.

Villiers não concordou com nada; ficara muito atordoado para responder qualquer coisa. Mas Jason defendera a sua posição tão enfaticamente que as palavras ecoaram pelo telefone. Apanhe Carlos! Não se entregue por causa da puta do matador! Pegue o homem que matou o seu filho! O homem que pôs cinco bastões de dinamite em um carro na Rua du Bac e dizimou a última linhagem dos Villiers. É ele que o senhor quer. Apanhe-o!

Pegar Carlos. Cercar Carlos. Caim é para Charlie e Delta é para Caim. Estava tão claro para ele. Não havia outro modo. No final, seria o começo — como o começo lhe fora revelado. Para sobreviver teria que fazer com que o assassino se rendesse; se falhasse, seria um homem morto. E não haveria mais vida para Marie St. Jacques. Ela seria destruída, presa, e talvez até mesmo assassinada, por um ato de fé

que se tornara um ato de amor. A marca de Caim estava nela, o embaraço só seria evitado com a sua retirada. Ela era um frasco de nitroglicerina se equilibrando no alto de um arame esticado no centro de um desconhecido depósito de munição. Usar uma rede. Retirá-la. Uma bala na cabeça neutralizaria os explosivos da sua mente. Ela não poderia ser ouvida!

Havia tanta coisa que Villiers tinha que entender, e tão pouco tempo para explicar. A própria explicação era limitada tanto pela memória do que não existia quanto pelas afirmações do velho soldado. Um equilíbrio delicado teria que ser encontrado ao falar com ele, deveriam ser estabelecidos parâmetros quanto ao tempo e às contribuições mais imediatas do general. Jason entendeu; ele pedia a um homem que colocava a sua honra acima de tudo para mentir ao mundo. Para Villiers fazer isto, o motivo teria que ser muito digno.

— Apanhe Carlos!

Havia uma segunda entrada para o primeiro andar da casa do general, à direita da escada, depois do portão, onde as compras eram entregues para a cozinha térrea. Villiers concordara em deixar o portão e a porta destrancados. Bourne não se incomodara de dizer ao velho soldado que não tinha importância; ele entraria de qualquer forma, um grau de perigo era intrínseco à sua estratégia. Mas havia o risco de que a casa de Villiers estivesse sendo vigiada, havia boas razões para que Carlos fizesse aquilo, e iguais razões para que não o fizesse. Levando tudo em consideração, o assassino deveria se decidir a ficar tão distante de Angélique Villiers quanto lhe fosse possível, sem se arriscar a que um dos seus homens pudesse ser pego, expondo assim a sua conexão, a conexão de Parc Monceau. Por outro lado, a morta Angélique era sua prima e amante... *a única pessoa na face da terra com quem ele se preocupava.* Philippe d'Anjou.

D'Anjou! É claro que haveria alguém vigiando a casa — ou dois ou dez! Se d'Anjou tivesse saído da França, Carlos poderia presumir o pior; se o homem da Medusa não tivesse ido embora, o assassino iria ficar muito mal. O colonialista estaria perdido, todas as palavras trocadas com Caim seriam reveladas. Onde? Onde estariam os homens de Carlos? Era muito estranho, pensou Jason. Se não houvesse ninguém a postos em Parc Monceau naquela noite, toda a sua estratégia seria inútil.

Mas não seria; eles estavam lá. Em um sedã — o mesmo que estivera nos portões do Louvre há doze horas, com os mesmos homens — os matadores que davam cobertura a outros mata dores. O carro estava a cinqüenta pés dali, do lado esquerdo, com total visibilidade da casa de Villiers. Mas estariam aqueles homens deitados no assento, os olhos abertos e alertas a tudo o que lá ocorresse? Bourne não poderia saber, havia automóveis alinhados no meio-fio dos dois lados da rua. Agachou-se nas sombras do prédio da esquina, em diagonal aos dois homens no sedã estacionado. Sabia o que tinha que ser feito, mas não tinha muita certeza de como deveria fazê-lo. Precisava de algo que desviasse a atenção dos militantes de Carlos, visível o bastante para fazer aparecer todos os outros, que deviam estar escondidos na rua, sobre algum telhado ou por trás de alguma janela.

Fogo. Que surgisse de repente, longe da casa de Villiers, mas mesmo assim suficientemente próximo e assustador para despertar a rua quieta e deserta, ladeada de árvores. Movimentos... sirenes. Explosivos... explosões. Poderia conseguir isto. Era apenas uma questão de equipamento.

Bourne arrastou-se de volta para a esquina e correu em silêncio para a porra seguinte, onde parou e tirou o casaco e o sobretudo. Depois, tirou a camisa e rasgou-a totalmente em tiras. Em seguida voltou a vestir os dois casacos, levantou as lapelas, abotoou o sobretudo, e saiu com a camisa embaixo do braço. Espiou na chuva noturna, examinando os automóveis na rua. Precisava de gasolina, mas estava em Paris e a maioria dos tanques de gasolina dos carros ficava trancada. A maioria, mas não todos; deveria haver um tanque aberto entre os carros enfileirados no meio-fio.

Encontrou o que queria, bem à sua frente, acorrentada ao portão. Era uma bicicleta motorizada, maior do que um patinete, menor do que uma bicicleta, O tanque de gasolina era uma bola de metal entre o guidão e o assento. A tampa deveria estar presa com uma corrente, mas não devia haver um

cadeado. Oito litros de combustível não eram quarenta; o risco de um roubo tinha que ser bem pensado antes de continuar, e dois galões de gasolina quase nem valiam uma multa de 500 francos.

Jason se aproximou da bicicleta, olhou bem para a rua; não havia ninguém, nenhum ruído além dos pingos de chuva batendo no chão. Abriu a tampa do tanque de gasolina da bicicleta, desatarraxando-a com facilidade. Melhor ainda, a abertura era larga, o nível da gasolina estava bem alto, o tanque quase cheio. Recolocou a tampa; não estava pronto ainda para banhar a camisa. Precisava de outra peça.

Encontrou-a na outra esquina, perto de um bueiro. Era uma pedra deslocada, que saíra do seu lugar por causa dos carros que subiam no meio-fio. Usando o salto do sapato, desprendeu-a do meio-fio irregular e a pegou juntamente com um fragmento menor de pedra. Com o fragmento no bolso e a pedra grande na mão, voltou para a bicicleta. Testou o peso da pedra grande... o alcance do braço. Daria, ambos serviriam.

Três minutos depois, tirou lentamente a camisa de dentro do tanque de gasolina, o vapor se misturou à chuva, resíduos de óleo cobriram suas mãos. Embrulhou o pano em volta da pedra, torcendo e cruzando as mangas, amarrando-as juntas, com força, segurando o seu míssil no lugar. Estava pronto.

Arrastou-se de volta para a beirada do prédio na esquina da rua de Villiers. Os dois homens no sedã ainda estavam abaixados no assento da frente, a atenção voltada pan a casa de Villiers. Atrás do sedã estavam estacionados outros três canos, um Mercedes pequeno, uma limusine marrom-escura e um Bentley. Bem à frente de Jason, depois do Bentley, havia uma construção de pedra branca com as janelas esmaltadas de preto. Uma luz no corredor interno iluminava o batente da janela e uma escada; do lado esquerdo ficava uma sala de jantar; podia ver as cadeiras e uma comprida mesa na luz refletida de um espelho rococó em um aparador ao lado. As janelas daquela sala de jantar de frente para uma rua original e rica de Paris serviriam ao seu propósito.

Bourne pôs a mão no bolso e puxou a pedra; era quase um quarto do tamanho da pedra que estava embrulhada na camisa embebida com a gasolina, mas serviria ao seu propósito. Movimentou-se pouco a pouco pelo canto da construção, levantou os braços e atirou a pedra o mais longe que pôde por cima do sedã.

O barulho ecoou por toda a rua silenciosa. E seguiram-se outros ruídos, enquanto a pedra batia contra a capota de um carro e depois caía ao chão. Os dois homens do sedã ficaram de sobreaviso. O que estava ao lado do motorista abriu a porta do carro e jogou-se ao chão, com uma arma na mão. O motorista abaixou o vidro e depois ligou os faróis, o facho de luz refletiu-se nos metais cromados do carro à sua frente. Foi um ato completamente estúpido, servindo apenas para denotar o medo dos homem que vigiavam Parc Monceau.

Agora. Jason atravessou a rua correndo, com a atenção presa aos dois homens, que cobriam os olhos com as mãos, tentando enxergar através do brilho da luz que se refletia contra eles. Conseguiu chegar até a carroceria do Bentley, com a pedra embaixo do braço e um punhado de fósforos na mão direita. Agachou-se, riscou os fósforos, colocou a pedra grande no chão e depois segurou-a por uma das mangas esticadas. Segurou os fósforos acesos por baixo do pano embebido em gasolina, que explodiu em chamas imediatamente.

Levantou-se rapidamente, girando a pedra pela manga, pulou para cima da calçada arremessando com toda força seu míssil em direção à gigantesca esquadria de madeira da janela, e correu pela beirada da construção quando ouviu o impacto.

O barulho de vidro do foi uma súbita intrusão na quietude da rua batida de chuva. Bourne correu para a esquerda pela avenida estreita, depois voltou para o quarteirão de Villiers, escondendo-se novamente as sombras. O fogo se espalhou, impulsionado pelo vento que entrava pela janela quebrada, atingindo rapidamente o forro das cortinas. Trinta segundos depois a sala era um forno flamejante, o fogo engrandecido pelo reflexo do grande espelho. Gritos, luzes que se acendiam nas janelas mais próximas e logo em seguida nas mais distantes. Passou-se um minuto e o caos se alastrou. A porta da

casa em chamas foi aberta rapidamente e apareceram alguns vultos — um homem de mais idade em roupas de dormir, uma mulher de negligê e com um chinelo só — em pânico.

Outras portas se abriram, outros vultos apareceram, sonolentos, tentando compreender o caos reinante, alguns corriam para a casa tomada pelo fogo — um vizinho estava com problemas. Jason correu em diagonal atravessando o cruzamento, era mais um vulto correndo na multidão que se formava rapidamente. Parou onde estivera há alguns minutos, na beirada da construção da esquina, e lá ficou, imóvel, tentando ver os militantes de Carlos.

Ele estivera certo, os dois homens não eram os únicos guardas postados em Parc Monceau. Havia quatro homens agora, perto do sedã, conversando rapidamente. Não, cinco. Um outro apareceu repentinamente pela calçada, indo para perto dos outros quatro.

Ouviu sirenes. Soando cada vez mais alto, aproximando-se. Os cinco homens estavam alarmados. Uma decisão teria que ser tomada; todos eles não poderiam ficar onde estavam. Talvez procurassem testemunhas para serem ouvidas sobre o incidente.

Um acordo. Ficaria apenas um dos homens — o quinto. Ele assentiu com um sinal de cabeça e atravessou rapidamente a rua indo para o lado da casa de Villiers. Os outros entraram no carro e enquanto os carros de bombeiros dobravam a esquina, o sedã fazia a curva saindo do lugar onde estivera estacionado e correndo em direção oposta à do carro vermelho.

Apenas um obstáculo sobrara: o quinto homem. Jason fez a volta na construção, aparecendo a meio-caminho entre a esquina e a casa de Villiers. Agora era apenas uma questão de tempo e choque. De repente, Bourne começou a correr, uma corrida igual à das pessoas que corriam em direção à casa em fogo, a cabeça em direção à esquina, correndo parcialmente em direção oposta, uma figura que passava despercebida pelo comportamento dos demais, apenas a direção era conflitante. Passou pelo homem sem ser notado — mas ele seria notado se continuasse até a escadaria do portão da casa de Villiers e a abrisse. O homem olhava para lá e para cá em várias direções, preocupado, espantado, talvez até amedrontado pelo fato de ser agora a única patrulha na rua. Estava de pé em frente a uma cerca baixa de outro portão, de outra escada de outra casa luxuosa de Parc Monceau.

Jason parou, deu dois passos rápidos em direção ao homem, depois girou nos calcanhares, equilibrando-se no pé esquerdo e jogou o outro pé contra o meio do corpo do homem, atirando-o para trás do cercado de ferro. O homem gritou enquanto caía no estreito corredor de concreto. Bourne pulou o cercado, as juntas das mãos enrijecidas, os calcanhares impulsionando o corpo para a frente. Aterrissou sobre o peito do homem. O impacto quebrou- lhe as costelas, as juntas duras apertaram a garganta do homem. O militante de Carlos estava aleijado. E só voltaria a si muito depois de alguém levá-lo para um hospital. Jason revistou-o; havia apenas uma única arma em um coldre em volta do peito. Bourne tirou-a e colocou-a no bolso do seu sobretudo. Ele a daria para Villiers.

Villiers. O caminho agora estava limpo.

Subiu os degraus até o terceiro andar. Na metade do caminho pôde ver uma nesga de luz acima da porta do quarto; do outro lado daquela porta estava um velho que era a sua única esperança. Se alguma vez em toda a sua vida — lembrada ou esquecida — ele teve que ser convincente, era agora. E sua convicção era real — não havia espaço para o camaleão agora. Tudo em que ele acreditava baseava-se em um único fato. Carlos teria que vir à sua procura. Esta era a verdade, a armadilha.

Chegou ao patamar e virou à esquerda, em direção à porta do quarto. Parou por um instante, tentando diminuir o eco do coração batendo descompassadamente no peito — crescendo, ficando mais alto, as batidas mais rápidas. *Parte da verdade, não toda ela.* Nenhuma invenção, apenas uma omissão.

Um acordo... um contrato... com um grupo de homens — homens honrados, que estavam à

procura de Carlos. Isso era tudo o que Villiers tinha que saber, era tudo o que tinha que aceitar. Ele não poderia saber que lidava com um amnésico, do contrário não saberia se era ou não um homem desonrado. O lendário soldado de Saint-Cyr, Argélia e Normandia não aceitaria isso. Não agora, aqui, no final de sua vida.

Oh, Deus, o equilíbrio era tênue! O limite entre a crença e a descrença era tão fino... tão fino quanto o era para o corpo cujo nome não era Jason Bourne.

Abriu a porta e entrou — para o inferno particular de um homem velho. Do lado de fora, além das cortinas drapejadas, as sirenes esbravejavam e as pessoas gritavam. Espectadores em uma arena escondida, zombando do desconhecido, desconhecendo a sua causa insondável.

Jason fechou a porta e ficou parado. O quarto grande estava escurecido, repleto de sombras; a única luz vinha de uma mesa de cabeceira. Seus olhos foram apresentados a uma cena que desejaria não ter visto. Villiers arrastara uma cadeira de espaldar alto, de escrivaninha, para o quarto e estava sentado nela aos pés da cama, olhando fixamente para a mulher morta em cima das cobertas. A cabeça bronzeada de Angélique Villiers estava deitada sobre um travesseiro, os olhos esbugalhados, explodindo das órbitas. A garganta estava intumescida, a carne avermelhada, a contusão se espalhara por todo o pescoço. O corpo ainda estava torcido, em contraste com a cabeça reta, contorcido em luta furiosa, as pernas longas e desnudas estendidas, os quadris virados, o negligê aberto e rasgado, os seios saltando da seda — até mesmo na morte havia sensualidade nela. Não fora feita nenhuma tentativa de esconder a mulher devassa.

O velho soldado estava sentado, parecendo uma criança assustada, punida por uma ação insignificante, o sugestivo crime lhe escapava da razão atormentada, e talvez até de si próprio. Ele desviou o olhar da mulher morta e olhou para Bourne.

— O que aconteceu lá fora? — perguntou em voz baixa.

— Os homens estavam vigiando a sua casa. Os homens de Carlos, cinco deles. Provoquei um incêndio no quarteirão; ninguém se feriu. Só ficou um homem; tirei-o de ação.

— É engenhoso, senhor Bourne.

— Sou engenhoso — concordou Jason. — Mas eles logo estarão de volta. O fogo logo será apagado e eles voltarão; antes disso, se Carlos manejar tudo, e acho que ele vai conseguir. Se conseguir, ele logo mandará alguém para cá. Ele mesmo não virá, é claro, mas um dos seus pistoleiros logo estará aqui. Quando este homem o encontrar... e ela. .. eles o matarão. Carlos a perde, mas ainda assim sai ganhando. Ele ganha um segundo tempo; ele o usou através dela e no final ainda o matará. Ele irá embora, e o senhor estará morto. As pessoas poderão tirar a conclusão que quiserem, mas acho que não vão elogiá-lo.

— Você é muito preciso. Seguro do seu julgamento.

— Sei do que estou falando. Eu preferiria não ter que dizer o que vou dizer agora, mas não há tempo para sentimentos.

— Não me restou nenhum. Diga o que tem a dizer.

— Sua esposa lhe disse que era francesa, não é?

— Sim. Do sul. A família dela era de Loures Barouse, perto da fronteira espanhola. Ela veio para Paris há alguns anos. Vivia com uma tia. O que há sobre isto?

— O senhor alguma vez esteve com a família dela?

— Não.

— Eles não vieram para o seu casamento?

— Levando em conta uma série de coisas, achamos que seria melhor não pedir que viessem. A diferença de idade poderia lhes perturbar.

— E quanto à tia, aqui em Paris?

— Ela morreu antes que eu conhecesse Angélique. Qual é o problema?

— Sua esposa não era francesa. Duvido até que tivesse uma tia aqui em Paris, e a família dela não veio de Loures Barouse, embora a fronteira espanhola tenha alguma implicação. Podia encobrir uma porção de coisas, explicar uma porção de coisas.

— Que quer dizer?

— Ela era venezuelana. Prima de Carlos em primeiro grau e sua amante desde os quatorze anos. Formavam um par há muito tempo. Disseram-me que ela era a única pessoa no mundo por quem ele se preocupava.

— Uma cadela.

— O instrumento de um assassino. Fico imaginando quantos alvos ela conseguiu derrubar. Quantos homens valiosos estão mortos por sua causa!

— Não posso matá-la duas vezes.

— Pode usá-la. Usar a sua morte.

— Que loucura é esta?

— A única loucura será o senhor jogar fora a sua própria vida. Carlos ganhará; continuará a usar suas armas... e bastões de dinamite... e o senhor será apenas mais um número. Outra morte, somada a sua longa lista de cadáveres distintos. Isso sim é que é loucura.

— E você é um homem razoável? Está assumindo a culpa por um crime que não cometeu! Pela morte de uma cadela? Perseguido por uma morte que não é sua?

— Isto faz parte. Parte essencial, na verdade.

— Não me fale de insanidade ou loucura, meu jovem. Peço-lhe, saia. O que você me contou me dá a coragem de enfrentar Deus Todo-Poderoso. Se alguma morte pode ser justificada, é esta, e feita pelas minhas próprias mãos. Olharei para os olhos de Cristo e jurarei isto.

— Está escrevendo a sua morte — disse Jason, percebendo pela primeira vez o volume de uma arma no bolso do paletó do velho.

— Não irei a julgamento, se é isto que está pensando.

— Oh, isto é perfeito, general! O próprio Carlos não poderia ter inventado nada melhor. Nem vai precisar gastar um movimento sequer; ele nem mesmo terá que usar a própria arma. Mas as pessoas que contam saberão que ele fez isto, que foi ele quem causou isto tudo.

— Os que contam de nada saberão. *Une affaire de coeur... une grave maladie...* Não estou preocupado com as línguas dos assassinos e ladrões.

— E se eu disser a verdade? Contar por que o senhor a matou?

— Quem o ouviria? Mesmo que sobrevivesse para poder falar. Não sou tolo, senhor Bourne. O senhor está fugindo de mais gente além de Carlos. Está sendo procurado por muitos, não por apenas um. Já me disse isto. Não me disse o seu nome... Para a minha própria segurança, disse. Quando, e se isto tudo terminar, você disse que seria eu quem não me importaria de ser visto com você. Estas não são palavras de um homem em quem se pode confiar.

— O senhor confiou em mim.

— Eu lhe disse por que — disse Villiers, desviando o olhar, olhando para a mulher morta. — Estava em seus olhos.

— A verdade?

— A verdade.

— Então olhe para mim agora. A verdade ainda está lá. Naquela estrada para Nanterre, o senhor me disse que ouviria o que tinha a dizer porque eu o deixei viver. Estou tentando lhe salvar a vida novamente. O senhor pode sair e continuar a viver livremente, incólume, lutando pelas coisas que o senhor diz que lhe são importantes, que foram importantes para o seu filho. O senhor pode vencer!... Não me entenda mal, não estou tentando ser nobre ou generoso. O senhor estará vivo e se fizer o que

lhe pedi poderei permanecer vivo. Esta é a única forma de ficar livre.

O velho soldado levantou os olhos. — Por quê?

— Eu lhe disse que queria Carlos porque alguma coisa me foi tirada, uma coisa muito necessária para a minha vida e a minha própria sanidade mental. Ele foi a causa disto. Esta é a verdade — acredito que esta é a verdade — mas não toda a verdade. Há outras pessoas envolvidas, algumas decentes, outras nem tanto, e o meu acordo com elas é pegar Carlos, cercar Carlos. Querem o que o senhor quer. Mas aconteceu alguma coisa que não posso explicar — nem vou tentar — e estas pessoas pensam que os traí. Pensam que fiz um pacto com Carlos, que os roubei e matei outras pessoas que eram os meus contatos. Têm homens por todos os lugares e as ordens são para me executar imediatamente. O senhor estava certo: estou fugindo de outras pessoas além de Carlos. Estou sendo procurado por homens a quem não conheço e não posso ver. Por motivos errados. Não fiz o que eles dizem que fiz, mas ninguém quer me ouvir. Não tenho pacto algum com Carlos — o senhor sabe que não tenho.

— Acredito em você. Não há nada que me impeça de fazer uma chamada telefônica em seu favor. Devo-lhe isto.

— Como? O que o senhor vai dizer? "O homem que conheço como Jason Bourne não tem pacto algum com Carlos. Sei disso porque ele me desmascarou a amante de Carlos, que era a minha própria esposa, a esposa a quem matei para que não trouxesse a desonra para o meu nome. Estou pronto para chamar a Sûreté e confessar o meu crime — embora, é claro, eu não vá lhes contar por que a matei. Ou por que vou me matar"... É isto, general? É isto o que o senhor vai dizer?

O velho olhou em silêncio para Bourne, a contradição fundamental ficara-lhe clara. — Então não posso lhe ajudar.

— Ótimo. Muito bom. Carlos ganha tudo. Ela ganha. O senhor perde. O seu filho perde também. Continue — chame a polícia, depois encoste o cano da arma na boca e se mate com um tiro na cabeça. *Continue*! É o que o senhor quer! Mate-se, deite-se e *morra*! O senhor não presta para mais nada. É um velho cheio de autopiedade, *velho*! Deus sabe que o senhor não é mesmo páreo para Carlos. Não é páreo para o homem que pôs cinco bastões de dinamite na Rua du Bac e matou o seu filho.

As mãos de Villiers começaram a tremer. O tremor se espalhou por toda a cabeça. — Não faça isto. Estou lhe dizendo, não *faça* isto.

— Dizendo a mim? Quer dizer que está me dando uma ordem? O pequeno velho com os imensos botões de metal está me dando uma ordem? Muito bem, esqueça-a! Não obedeço a homens como o senhor! Porque vocês são umas fraudes. São piores do que todas as pessoas que matam. Pelo menos eles têm estômago para fazer o que dizem que vão fazer! Vocês não! Tudo o que têm é empáfia. Palavras vazias e lugares-comuns. Deite-se e *morra*, velho! Mas não me dê uma ordem!

Villiers soltou as mãos e levantou-se abruptamente da cadeira, o corpo todo agora tremendo — Eu lhe disse. Chega!

— Não estou interessado no que me diz. Eu estava certo quando o encontrei pela primeira vez. Você pertence a Carlos. Você foi o seu lacaio em vida e agora vai ser o seu lacaio na morte.

O rosto do velho soldado estava contorcido de dor. Ele puxou a arma, o gesto era patético; a ameaça, no entanto, era real. — Já matei muitos homens no meu tempo. Na minha profissão era inevitável, quase sempre perturbador. Não quero matá-lo agora, mas eu o matarei se não respeitar os meus desejos. Deixe-me. Saia desta casa.

— Isso é espantoso! Você deve ser uma ligação muito importante de Carlos. Você me mata, ele ganha por vantagem! — Jason deu um passo à frente, ciente do fato de que este era o primeiro movimento que fazia desde que entrara na sala. Viu os olhos de Villiers se arregalarem; a arma estremeceu, a sombra oscilava projetada na parede. Uma pequena pressão e o gatilho seria ativado, a bala encontraria o seu alvo. Porque, apesar da loucura do momento, a mão que empunhava aquela arma passara a vida toda segurando aquele aço; o gesto seria certeiro. Se ele quisesse. Este era o risco que

Bourne tinha que correr. Sem Villiers, nada mais restava; o velho tinha que entender isto. Jason, de repente, gritou: — Vá em frente! Atire. Mate-me. Siga as ordens de Carlos! Você é um soldado. Tem que cumprir as ordens. Leve-as adiante.

O tremor da mão de Villiers aumentou, as juntas dos dedos ficaram mais brancas quando a arma foi levantada com o cano apontando para a cabeça de Bourne. Em seguida Jason ouviu o sussurro que saía da garganta do velho.

— *Vous êtes un soldat... arrêtez... arrêtez.*

— O quê?

— Sou um soldado. Alguém me disse isto muito recentemente, uma pessoa que lhe é muito cara. — Villiers falou tranqüilamente. — Ela envergonhou um velho guerreiro ao lembrá-lo de quem ele era... quem ele tinha sido. *"On dit que vous êtes un géant. Je le crois."* Ela teve a graça, a bondade de me dizer isto também. Fora-lhe dito que eu era um gigante, e ela acreditava nisto. Ela estava errada — Deus Poderoso, ela estava errada — mas devo tentar. — André Vililers abaixou a arma, havia dignidade naquela submissão. A dignidade de um soldado. De um gigante. — O que quer que eu faça?

Jason voltou a respirar. — Que force Carlos a vir ao meu encalço. Mas não aqui, não em Paris. Nem mesmo na França.

— Onde, então?

Jason ficou onde estava. — Pode me tirar do país? Preciso lhe dizer, estou sendo procurado. Meu nome e minha descrição, a esta altura, já devem estar em todos os balcões do serviço de imigração da Europa.

— Pelas razões erradas.

— Pelas razões erradas.

— Acredito em você. Há muitas formas. O Conselho Militar tem meios e fará o que eu e pedir.

— Com uma identidade falsa? Sem lhes dizer por quê?

— A minha palavra é suficiente. Ganhei-a por merecimento.

— Outra pergunta. Esse seu ajudante, de quem o senhor falou: o senhor confia nele — *realmente* confia nele?

— Pela minha vida. Acima de todos os homens.

— E pela vida de outra pessoa? A pessoa que o senhor corretamente disse que me era muito cara?

— Naturalmente. Por quê? Vai viajar sozinho?

— Tenho que viajar sozinho. Ela não me deixará ir.

— Mas você tem que lhe dizer alguma coisa.

— Direi. Que estou escondido em Paris, ou em Bruxelas, ou em Amsterdã. Cidades onde Carlos opera. Mas ela tem que ser tirada de lá. O nosso carro foi encontrado em Montmartre. Os homens de Carlos estão dando buscas em cada rua, cada apartamento, cada hotel. O senhor está trabalhando comigo agora; seu ajudante poderá levá-la para o campo — ela ficará salva lá. Direi isto a ela.

— Tenho que fazer uma pergunta, agora O que pode acontecer se você não voltar?

Bourne tentou afastar o tom de súplica em sua voz. — Terei tempo no avião. Escreverei tudo o que aconteceu, tudo de que me... lembrar. Enviarei para o senhor e o senhor tomará as decisões. Com ela. Ela o chamou de gigante. Tome as decisões certas. Proteja-a.

— *"Vous êtes un soldat... arrêtez."* Você tem a minha pala- na. Ela não sofrerá nada.

— Isto é tudo que posso lhe pedir.

Villiers jogou a arma sobre a cama, que foi cair entre as pernas retorcidas da mulher morta; o velho soldado tossiu de repente, desdenhosamente. A pose de soldado voltara. — Agora, às coisas práticas, meu jovem lobo — disse. A autoridade lhe voltara desajeitadamente, mas definida. — Qual é a sua estratégia?

— Para começar, o senhor está em estado de colapso, mais do que choque. É um autômato, caminhando ao léu, no escuro, seguindo instruções que não entende, mas tem que obedecer.

— Não é muito diferente da realidade, não acha? — interrompeu Villiers. — Antes que um jovem com verdade nos olhos tivesse me forçado a ouvi-lo. Mas como este estado pode ser provocado? E por quê?

— Tudo o que o senhor sabe — tudo de que se lembra — é que um homem irrompeu na sua casa durante o fogo e bateu com um revólver na sua cabeça; o senhor ficou inconsciente. Quando acordou, encontrou a sua esposa morta, estrangulada, com um bilhete perto do corpo. É o que está escrito no bilhete que o deixa fora de si.

— E o que seria? — perguntou o velho soldado cautelosamente.

— A verdade — disse Jason. — A verdade que o senhor nunca pode permitir que ninguém saiba. O que ela era de Carlos, o que ele era dela. O assassino que escreveu a nota deixou o número de um telefone, dizendo-lhe que o senhor poderia confirmar o que está escrito. Logo que estiver ciente, pode destruir o bilhete e relatar o assassinato da forma que quiser. Mas, por lhe dizer a verdade — por ter matado a mulher que fez parte da morte do seu filho —, ele quer que o senhor deixe uma mensagem escrita.

— Para Carlos?

— Não. Ele mandará um contato.

— Obrigado por isto. Eu não estaria muito certo de poder continuar, se soubesse quem ele era.

— A mensagem chegará a ele.

— Qual é?

— Escrevê-la-ei para o senhor; o senhor poderá entregá-la ao homem que ele enviar. Tem que ser exato, tanto em relação ao que diz quanto em relação ao que não diz. — Bourne olhou para a mulher morta, para o inchaço da sua garganta. — Tem um pouco de álcool?

— Uma bebida?

— Não. Álcool comum. Perfume serve.

— Tenho álcool na prateleira de remédios.

— Poderia pegar para mim? E também uma toalha, por favor.

— O que vai fazer?

— Colocar as minhas mãos onde estiveram as suas. Se por acaso forem fazer alguma perícia, embora eu ache que ninguém vá interrogá-lo... Enquanto faço isto, telefone para quem tem que me ajudar a sair do país. O tempo é importante. Tenho que estar a caminho antes que o senhor telefone para o mensageiro de Carlos. E bem antes de chamar a polícia. Eles vigiarão os aeroportos.

— Posso me retardar até o amanhecer, imagino. O estado de choque de um velho, como você disse. Não mais do que isso. Para onde você vai?

— Para Nova Iorque. Pode arranjar? Tenho um passaporte que me identifica como um homem chamado George Washburn. É um trabalho bem-feito.

— E torna o meu bem mais fácil. Você terá um visto diplomático. Livre nos dois lados do Atlântico.

— Como um cidadão inglês? O passaporte é britânico.

— Se for um arranjo da OTAN, sim. Canais de Conselheiros... Você pode ser parte de um grupo Anglo-Americano engajado em negociações militares. Favorecemos o seu retorno para os Estados Unidos para instruções mais detalhadas. Não é incomum, e o suficiente para fazê-lo passar pelos dois serviços de imigração.

— Bom. Já revi os horários. Há um vôo às sete horas da manhã, da Air France, para o Kennedy.

— Você estará nele. — O velho fez uma pausa; ainda não terminara. Deu um passo em direção a Jason. Por que Nova Iorque? O que o deixa assim tão certo de que Carlos o seguirá até Nova Iorque?

— Duas perguntas com respostas diferentes — disse Jason. — Tenho que entregá-lo onde ele me marcou por matar quatro homens e uma mulher a quem não conheço... um desses homens me era muito chegado, era parte de mim, acho.

— Não o entendo.

— Não tenho certeza de me entender, também. Mas não há tempo. Tudo estará explicado no que vou lhe escrever do avião. Tenho que provar que Carlos sabia. Um prédio em Nova Iorque, onde tudo aconteceu. Eles têm que entender. Ele sabia do edifício. Confie em mim.

— Confio. A segunda pergunta, então. Por que ele virá à sua procura?

Jason olhou de novo para a mulher morta sobre a cama. — Por instinto, talvez. Matei a única pessoa sobre a face da terra com quem ele se importava. Se ela fosse uma outra pessoa e Carlos a matasse, eu o seguiria à sua procura pelo mundo todo, até que o encontrasse.

— Ele pode ser mais prático. Acho que foi isso que você me disse.

— Há mais alguma coisa — respondeu Jason, desviando os olhos de Angélique Villiers. — Ele não tem nada a perder, só a ganhar. Ninguém sabe como ele é, mas ele me conhece de vista. Ainda assim, ele não sabe do meu estado mental. Interrompeu-me a vida, isolou-me, transformou-me em alguém que nunca fui. Talvez ele tenha sido bem-sucedido; e talvez eu seja louco, insano. Deus sabe que tê-la matado foi uma loucura. Meus medos são irracionais. Serei irracional? Um homem irracional, um homem louco é um homem em pânico, e deve ser morto.

— O seu medo é irracional? Você pode ser morto?

— Não sei. Sei apenas que não tenho escolha. — *Ele não tinha. No final fora como no começo. Apanhe Carlos. Cerque Carlos. Caim é para Charlie e Delta é para Caim. O homem e o mito por fim eram um só, as imagens e a realidade se fundiam. Não havia outro jeito.*

Dez minutos haviam se passado desde que ele telefonara para Marie, mentira para ela, e ouvira a calma aceitação da sua voz, sabendo que isso significava que ela precisava de tempo para pensar. Ela não acreditara nele, mas implicitamente acreditava nele. Ela também não tinha outra escolha. E ele não poderia reduzir a sua dor; não houvera tempo, não havia tempo. Tudo agora estava em movimento, Villiers estava no andar de baixo telefonando para um número de emergência do Conselho Militar da França, tentando conseguir que um homem com passaporte falso pudesse voar de Paris com a categoria diplomática. Em menos de três horas um homem estaria voando por cima do Atlântico, se aproximando do aniversário de sua própria execução. Era a chave; era a armadilha. Fora o último ato irracional, insanidade, na ordem daquela data.

Bourne ficou parado perto da escrivaninha. Depôs a caneta e estudou as palavras que escrevera no bloco de papel de uma mulher morta, Eram as palavras que um velho espantado e alquebrado devia repetir ao telefone para um contato desconhecido que viria pedir o papel para entregar a Ilich Ramirez Sanchez.

Matei a sua cadela devassa e voltarei para matá-lo. Existem setenta e uma ruas nas selvas. Uma selva tão densa como Tam Quan,. mas havia um caminho que você não conheceu, um cofre no porão do qual você nada sabia — como nunca soube acerca de mim no dia da minha execução, há onze anos. Outro homem sabia e você o matou. Não faz mal. Naquela caixa-forte estão os documentos que me deixarão livre. Você pensou que me tornei Caim sem esta última proteção? Washington não ousará tocar-me! Parece justo que no dia da morte de Bourne, Caim pegue os documentos que lhe garantam uma vida muito longa. Você marcou Caim. Agora marco você. Voltarei e você se unirá a esta puta.

Delta

Jason pôs o bilhete sobre a escrivaninha e se aproximou da mulher morta, O álcool já estava seco, a garganta inchada, preparada. Inclinou-se e abriu os dedos, colocando as mãos onde outras mãos tinham sido postas.

Loucura.

34

A luz matinal iluminou as torres da igreja em Levallois-Per ret, a noroeste de Paris. A manhã de março estava fria, a chuva da noite anterior dera lugar à névoa matinal. Algumas mulheres idosas, de volta para os seus apartamentos vindas do trabalho noturno em turnos de limpeza das propriedades da cidade, arrastavam-se para dentro e para fora das portas de bronze, segurando os livros de oração. Orações começando, orações terminando e depois um precioso sono antes de seguir para a labuta da sobrevivência do dia. Junto com as velhas, estavam uns homens malvestidos na sua maioria velhos também, alguns pateticamente novos — com os seus sobretudos, procurando o calor da igreja; as garrafas nos bolsos, e depois a perspectiva de um precioso esquecimento e outro dia para sobreviver.

Um dos velhos, no entanto, não acompanhava o movimento de arrebatamento dos demais. Era um velho apressado. Havia relutância — talvez medo — em rosto vincado e encovado, mas nenhuma hesitação em seus movimentos ao subir os degraus e cruzar as portas, passar pelas velas chamejantes e ir diretamente para o corredor esquerdo da igreja. Era uma hora estranha para procurar a confissão; no entanto, aquele velho mendigo foi direto para o primeiro confessionário, abriu as cortinas e entrou.

— *Angelus Domini*...

— *Trouxe*? — A pergunta lhe foi sussurrada lá de dentro. A silhueta vestida de padre atrás da cortina tremia de raiva.

— Sim. Ele me entregou. Estava como se fosse uma pessoa em estado de estupor, chorando, pedindo-me para sair. Queimou o bilhete de Caim no seu coração e diz que negará tudo se uma única palavra for mencionada. — O velho atirou as páginas do papel escrito por baixo da cortina.

— Ele usou o bloco dela... — O sussurro do assassino irrompeu lá dentro. A mão se delineou nas sombras, amparando a cabeça; um grito mudo de angústia foi ouvido por trás da cortina.

— Peço-lhe que se lembre, Carlos — implorou o mendigo. — O mensageiro não é responsável pelas notícias que traz. Eu podia ter-me recusado a ouvir o trazê-las para você.

— Como? Por quê..

— Lavier. Ele a seguiu a Parc Monceau, depois seguiu as duas até a igreja. Vi-o em Neuilly-sur-Seine quando estava fazendo a sua cobertura. Contei-lhe isto.

— Sei. Mas por quê? Ele poderia tê-la usado de cem maneiras diferentes! Contra mim! Por que *isto*?

— Está no seu bilhete. Ficou louco. Ele foi muito longe, Carlos. Isto acontece; tenho visto. Um homem com duplo registro, sem as suas fontes e os seus controles; não tem ninguém para confirmar qual era a sua primeira tarefa. Os dois lados querem o seu cadáver. Está confinado a ponto de nem mais saber quem é.

— Ele sabe... — O sussurro foi pronunciado com fúria controlada. — Ao assinar o nome Delta ele está me dizendo que sabe. Nós dois sabemos de onde vem, de onde *ele* vem.

O mendigo fez uma pausa. — Se isto é verdade, então ele ainda é perigoso para você. Ele está certo. Washington não o tocará. Pode não querer reconhecê-lo, mas afastará os seus carrascos. Talvez eles até mesmo sejam forçados a lhe oferecer um privilégio ou dois como pagamento pelo seu silêncio.

— Pelos papéis de que ele fala? — perguntou o assassino.

— Sim. Nos velhos tempos — em Berlim, Praga; Viena — isto era chamado "pagamento final". Bourne usa "proteção final", uma variação menor. São papéis controlados por uma primeira fonte de controle e pelo próprio inflitrador para serem usados caso a estratégia não dê certo e o enviado seja morto, sem outras ruas se abrindo para ele.

— Não é uma coisa que você tenha estudado em Novgorod; os soviéticos não usam estes acordos.

Os desertores soviéticos, no entanto, insistem muito neles.

— Eles são incriminadores, então?

— Até certo ponto sim. Em geral para quem foi usado. Por que os distúrbios devem ser sempre evitados. Carreiras, muitas carreiras são destruídas por isto. Mas não sou eu quem deve lhe dizer isto. Você tem usado esta técnica brilhantemente.

— "Setenta e uma ruas na selva"... — Lia o papel que tinha nas mãos, impondo uma calma gélida à voz. — "Uma selva tão densa quanto Tam Quan..." Desta vez a execução será feita como foi programada. Jason Bourne não deixará esta Tam Quan vivo. Sob qualquer outro nome que estiver escondido Caim será morto e Delta morrerá pelo que fez. Angélique — você tem a minha palavra. — O encantamento cessou, a mente do assassino logo foi em direção ao prático. — Villiers tinha alguma idéia de quando Bourne deixou a sua casa?

— Ele não sabia. Já lhe disse, ele quase nem estava lúcido, estava em estado de choque desde o telefonema.

— Não faz mal. Os primeiros vôos para os Estados Unidos começaram há uma hora, Ele deverá estar em um deles. Estarei em Nova Iorque com ele, e desta vez não o perderei de vista. Minha faca tem um corte de navalha. Descascarei o seu rosto; os americanos terão de volta o seu Caim, mas sem o rosto! Então, podem dar a este Bourne, a este Deita, o nome que quiserem.

O telefone de listas azuis tocou na mesa de Alexander Conklin. Era um ruído abafado, o som grave dava-lhe um tom lúgubre. O telefone de listras azuis era a linha que ligava Conklin diretamente com as salas dos computadores e os bancos de dados. Ninguém no escritório podia atender às chamadas.

O executivo da Agência Central de Inteligência apareceu subitamente, capengando, abrindo a porta, desacostumado com a bengala que lhe fora providenciada pelos G-2, SHAPE, de Bruxelas, a noite anterior, quando comandara um transporte militar para o Campo Andrews, em Maryland. Jogou com raiva a bengala enquanto ia até o telefone. Seus olhos estavam injetados pela falta de sono, a respiração era curta; o homem responsável pela dissolução da Treadstone estava exausto. Estivera em comunicação confidencial com doze canais de operações clandestinas — em Washington e algumas cidades do outro lado do oceano —, tentando desfazer a loucura das últimas vinte e quatro horas. Espalhou a informação que encontrara nos arquivos para todos os postos da Europa e colocou agentes no eixo Paris-Londres-Amsterdã. Bourne estava vivo e era muito perigoso; tentara matar os seus controles em D.C.; poderia estar em qualquer lugar de Paris nas próximas dez horas. Todos os aeroportos e estações de trem deviam ser vigiados, todas as redes clandestinas deviam ser ativadas. Era preciso encontrá-lo! *Matá-lo*!

— Sim? — Conklin segurou-se na mesa e pegou o telefone.

— Aqui é do Computador Dock 12 — disse uma voz masculina. — Dispomos de informação. Pelo menos o Estado não tem qualquer registro sobre o assunto.

— O quê, por Cristo?

— O nome que nos deu há quatro horas. Washburn.

— O que há com ele?

— Um George P. Washburn foi liberado de Paris para Nova Iorque em um vôo da Air France esta manhã. Washburn é um nome muito comum; pode ser apenas um homem de negócios com conexões, mas estava assinalado no mostrador, e como os papéis eram da diplomacia da OTAN, confirmamos com o Estado. Nunca ouviram falar dele. Não há ninguém com o nome de Washburn envolvido em negociações com a OTAN ou com o governo francês.

— Então como ele foi liberado? Quem lhe deu o visto de saída diplomático?

— Voltamos a checar com Paris. Não foi fácil. Aparentemente, foi um acordo do Conselho Militar. É um grupo grande.

— O Conselho? Desde quando liberam o nosso pessoal?

— Não tem que ser o "nosso" pessoal ou o pessoal "deles"; pode ser qualquer um. É apenas uma cortesia do país que hospeda, e era um vôo francês. É uma forma de arranjar lugar decente em um avião lotado. Incidentalmente, o passaporte de Washburn nem mesmo é americano. É inglês.

Há um médico, um inglês chamado Washburn... Era ele! Era DeIta. E o Conselho francês coopera com ele. Mas por que Nova Iorque? O que existia em Nova Iorque para ele? E quem assim tão bem-colocado em Paris poderia ter atendido Delta? O que ele lhes dissera? Oh, Cristo! Até que *ponto* ele lhes contara?

— Quando o vôo chegou? — perguntou Conklin.

— Dez e trinta e sete da manhã. Há pouco mais de uma hora.

— Está bem — respondeu o homem cujo pé fora decepado na Medusa, enquanto com dificuldade dava a volta na mesa para sentar-se em sua cadeira. — Você já passou a notícia. Agora quero que isto seja riscado dos rolos. Apague tudo. Tudo o que me passou. Está claro?

— Entendido, senhor. Apagar, senhor.

Conklin desligou o telefone. Nova Iorque. Nova Iorque? Não Washington, mas Nova Iorque! Não havia mais nada em Nova Iorque. Deita sabia disso. Se ele estivesse à procura de alguém da Treadstone — se ele estava à procura *dele* — teria tomado um avião diretamente para Dulles. O que havia em Nova Iorque?

E por que Delta usara deliberadamente o nome Washburn? Era o mesmo que telegrafar informando uma estratégia; ele sabia que o nome seria achado mais cedo ou mais tarde.., mais tarde... Claro, depois que ele tivesse entrado! Delta estava dizendo que usaria de força para o que restara da Treadstone. Estava a ponto de expor não apenas a operação Treadstone, mas só Deus poderia saber aonde ele queria chegar. Possivelmente, todas as redes que ele usara como Caim, os postos de escuta e ondas ersatz, consulados que não passavam de estações de espionagem eletrônica... Até mesmo o espectro sangrento da Medusa. Sua conexão com o Conselho era uma prova para a Treadstone do quanto ele já se infiltrara. O fato de poder chegar a um grupo tão seleto de estrategistas indicava que nada mais poderia detê-lo. Maldição, detê-lo para *quê*? Qual era a sua intenção? Tinha milhões; podia ter sumido!

Conklin balançou a cabeça, lembrando-se. Houve um tempo em que poderia ter deixado Delta desaparecer; dissera isto para si mesmo há doze horas, num cemitério nos arredores de Paris. Um homem só pedir tanto, e ninguém melhor do que Conklin sabia disto: outrora um dos melhores oficiais que detinham os segredos de campo da comunidade da inteligência. Apenas neste caso; o hipócrita lugar-comum de ainda estar vivo crescia amargo e apodrecido a cada dia. Dependia do que ele fora antes e no que se transformara com a sua deformidade. Apenas quando... Mas Delta *não* desaparecera! Voltara com declarações insanas, exigências insanas... táticas loucas, que nenhum funcionário do serviço secreto poderia sequer imaginar. Mas não importava toda a infor mação explosiva que tinha ou até que ponto se infiltrara, nenhum homem são voltava a um campo minado cercado pelos inimigos. E toda a chantagem do mundo não seria capaz de trazê-lo de volta...

Nenhum homem são. Nenhum homem são. Conklin encostou-se no espaldar da cadeira.

Não sou Caim. Ele nunca foi. Nunca fui! Não estive em Nova Iorque... Foi Carlos. Não eu, mas Carlos! Se o que você está dizendo aconteceu na Rua Setenta e Um foi ele. Ele sabe!

Mas Delta *estivera* na casa de granito marrom da Rua Setenta e Um. Impressões — terceiro dedo e do indicador, mão direita. E o método de transporte estava agora explicado: Air France, com a cobertura do Conselho... O fato: Carlos jamais teria sabido.

As coisas me vêm... rostos, ruas, prédios. Imagens que não posso situar... Sei de mil fatos sobre Carlos, mas não sei por quê!

Conklin fechou os olhos. Havia uma frase, uma simples frase de código usada no começo da Treadstone. Qual era? Vinha da Medusa... Caim é para Charlie e Delta é para Caim. Era essa. Caim para

Carlos. Delta-Bourne transformara-se em Caim, a isca para atrair Carlos.

Conklin abriu os olhos. Jason Bourne devia ficar no lugar de Ilich Ramirez Sanchez. Esta era a estratégia da Treadstone Seventy One. Era a chave de toda aquela decepção, a paralaxe que lançaria Carlos para fora da sua posição e o exporia às suas vistas.

Bourne. Jason Bourne. Um homem totalmente desconhecido, um nome enterrado por mais de uma década, um pedaço de homem deixado abandonado na selva. Mas ele existira; isto também fazia parte da estratégia.

Conklin separou as pastas sobre a mesa, até que encontrou a que procurava. Não tinha título, apenas uma inicial e dois números, seguidos de um X preto, indicando que era a única pasta que continha as origens da Treadstone.

T-71 X. O nascimento da Treadstone Seventy One.

Abriu-a, receoso de ver o que já sabia estar lá.

Data da execução. Setor de Tam Quan. 25 de março...

Os olhos de Conklin moveram-se para o calendário sobre a mesa.

24 de março.

— Oh, meu Deus — sussurrou. E pegou o telefone.

O Dr. Morris Panov atravessou as portas duplas da ala de psiquiatria, no terceiro andar do Anexo Naval de Bethesda, e se aproximou do balcão das enfermeiras. Sorriu para a auxiliar uniformizada que revisava cartões de registro sob o rigoroso olhar da enfermeira-chefe do andar, em pé ao seu lado. Aparentemente, a jovem estagiária tirara do lugar a ficha de um paciente — se não o próprio paciente — e sua chefe não queria que acontecesse aquilo de novo.

— Não deixe que a carranca de Annie a engane — disse Panov para a aturdida moça. — Por baixo destes olhos frios e desumanos há um coração de puro granito. Na verdade, escapou do quinto andar há duas semanas, mas todos nós temos medo de contar isso a alguém.

A ajudante riu-se; a enfermeira balançou a cabeça, exasperada. O telefone tocou na mesa atrás do balcão.

— Pode atender, sim, querida — disse Annie para a jovem. A auxiliar assentiu com a cabeça e retirou-se para a mesa. A enfermeira virou-se para Panov. — Doutor Mo, como posso colocar alguma coisa na cabeça dessas meninas com o senhor por perto?

— Com amor, querida Annie. Com amor. Mas não perca as correntes da sua bicicleta.

— O senhor é incorrigível. Diga-me, como vai o seu paciente na ala Cinco-A? Sei que está muito preocupado com ele.

— Ainda estou.

— Ouvi dizer que passou a noite inteira acordado.

— Havia um filme às três da manhã na televisão que eu queria ver.

— Não faça isto, Mo — disse maternalmente a enfermeira. — Você é muito jovem para acabar lá.

— E talvez muito velho para evitar, Annie. Mas obrigado.

De repente Panov e a enfermeira constataram que ele estava sendo chamado. A estagiária, de olhos arregalados, falava ao microfone.

— Dr. Panov, por favor. Telefone para...

— Sou o Dr. Panov — disse o psiquiatra em um murmúrio a *sotto voce* para a moça. — Não queremos que ninguém por aqui fique sabendo. Annie Donovan que aí está é na verdade a minha mãe que veio da Polônia. Quem é?

A estagiária olhou para o crachá em seu paletó branco; depois piscou e respondeu: — Um Sr. Alexander Conklin, senhor.

— Oh? — Panov ficou surpreso. Alex Conklin fora seu paciente por cinco anos, entrando e tendo alta, até que os dois concordaram que ele se ajustara tão bem quanto podia — o que na realidade não era muito. Havia tanta coisa, e era tão pouca, que podiam fazer por eles. O que Conklin queria devia ser relativamente sério para que o estivesse chamando em Bethesda e não em seu consultório particular. — Onde posso atender, Annie?

— Na Sala Um — disse a enfermeira, apontando para o outro lado do corredor. — Está vazia. Transfiro a ligação.

Panov foi até a porta; um sentimento inquietante assaltou-o.

— Preciso de umas respostas rápidas, Mo — disse Conklin, a voz tensa.

— Não sou muito bom em respostas rápidas, Alex. Por que não aparece para me ver esta tarde?

— Não é para mim. É para outra pessoa. Possivelmente.

— Sem jogos, por favor. Pensei que já tivéssemos superado isto.

— Sem jogos. Esta é uma emergência Quatro-Zero, e preciso de ajuda.

— Quatro-Zero? Chame um dos homens do seu quadro. Nunca pedi este tipo de trabalho.

— Não posso. É muito difícil.

— Então é melhor rezar e pedir a Deus.

— Mo, *por favor*! Quero apenas confirmar possibilidades, o resto eu mesmo posso arranjar. E não tenho nem mais cinco segundos a perder. Um homem pode estar às voltas por aqui, pronto para matar alguns fantasmas, ou o que ele acha que é fantasma. Já matou de verdade muita gente importante e não tenho certeza se ele realmente sabe disto. Ajude-me, ajude-o!

— Se puder. Continue.

— Um homem é colocado em uma situação de extrema tensão e de multa inconstância por um longo período e durante todo o tempo é mantido oculto, disfarçado. O próprio disfarce é uma isca — muito visível e muito negativa, e a pressão para que mantenha esta aparência é constante. O propósito é fazer aparecer um alvo semelhante à isca, ao se conseguir convencer o alvo de que a isca é uma ameaça e forçá-lo a vir às claras... Está me acompanhando até aqui?

— Até aqui — disse Panov. — Você diz que sempre houve pressão constante sobre a isca para que ela se mantivesse com um perfil negativo e bem visível, aparente. Qual era a situação do ambiente?

— Tão bruta quanto você possa imaginar.

— Por quanto tempo?

— Três anos.

— Bom Deus? — disse o psiquiatra. — Sem tréguas?

— Nenhuma. Vinte e quatro horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias por ano. Três anos. Sem ser ele mesmo.

— Quando vocês, seus tolos, vão aprender? Até mesmo os prisioneiros nos piores campos podem ser eles mesmos e conversar com outras pessoas, que também são elas mesmas... — Panov parou, apreendendo as próprias palavras e o significado do que Conklin queria. — É este o problema, não é?

— Não tenho muita certeza — respondeu o funcionário do serviço de inteligência. — Está um pouco nublado, confuso, até mesmo contraditório, O que quero perguntar é o seguinte: um homem sob tais circunstâncias pode começar a... acreditar que ele é a isca, assumir as suas características, absorver o dossiê estudado a ponto de acreditar que é ele?

— A resposta para esta pergunta é tão óbvia que estou surpreso que você a tenha feito. É claro que pode. Provavelmente o fará. É uma representação insuportavelmente prolongada, que não pode ser suportada, a menos que a crença passe a fazer parte da sua realidade cotidiana. Um ator que nunca sai do palco numa peça que não termina. Dia após dia, noite após noite. — O médico parou novamente, depois continuou com cuidado. — Mas esta não é verdadeiramente a sua pergunta, é?

— Não —. respondeu Conklin. — Vou mais adiante. Além da isca. Preciso fazer isto; é a única

coisa que tem sentido.

— Espere um minuto — interrompeu Panov rispidamente. É melhor parar por aqui, porque não estou confirmando nenhum diagnóstico às cegas. Não para o que você está querendo. De forma alguma, Charlie. Isto lhe dá uma licença pela qual não me responsabilizarei — com ou sem honorários de consulta.

— "De forma alguma... Charlie." Por que disse isto, Mo?

— O que está querendo dizer com por que eu disse isto? É uma expressão. Ouço-a todo tempo. Garotos em sujos jeans na esquina; jogadores em meus salões preferidos.

— Como sabe o que estou querendo? — disse o homem da CIA.

— Porque tive que ler os livros, e você não é muito sutil. Está quase descrevendo um caso clássico de esquizofrenia paranóica de múltiplas personalidades. Não é que o seu homem esteja apenas assumindo o papel da isca, mas a própria isca está transferindo a sua identidade para a pessoa a quem procura. O alvo. É isto o que você tem, Alex. Está me dizendo que o seu homem é três pessoas: ele mesmo, a isca e o alvo. E repito. De forma alguma, Charlie. Não confirmarei nada disto, nem remotamente, sem um exame completo. Isso pode lhe dar direitos que você não tem: três razões para se livrar. De forma alguma!

— Não estou lhe pedindo que confirme coisa alguma! Só quero saber se é possível. Pelo amor de Cristo, Mo, há um homem muito experiente em assassinatos rondando por aqui com uma arma, matando gente que ele diz desconhecer mas com quem trabalhou há três anos. Ele nega que esteve em determinado lugar, quando suas próprias impressões digitais provam o contrário! Diz que algumas imagens lhe vêm à mente — rostos que não consegue localizar, nomes que ouviu mas não sabe onde. Diz que nunca foi a isca; nunca foi ele! Mas foi! É! Isto é *possível*? Isto é tudo o que quero saber. Poderiam a tensão; o tempo e as pressões diárias perturbarem-no deste jeito? Dividi-lo em três?

Panov prendeu a respiração por um momento. — É possível. — disse calmamente. — Se os fatos que você relata são precisos, é possível. Isto é tudo o que lhe direi, porque há muitas outras possibilidades.

— Obrigado — e Conklin fez uma pausa. — Uma última pergunta. Digamos que havia uma data — um mês e um dia — muito significativa para o dossiê do enganado, o dossiê da isca.

— Tem que ser mais específico.

— Serei. Era a data em que o homem cuja identidade foi tomada para isca foi morto.

— Então, obviamente não é parte do dossiê de trabalho, mas é do conhecimento do seu homem. Estou acompanhando?

— Sim, ele a conhecia. Digamos que esteve lá. Ele se lembraria?

— Não como isca.

— Mas como um dos outros três?

— Presumindo que o alvo também conhecesse este dado, ou que a tivesse comunicado através da sua transferência, sim.

— Há também um lugar onde a estratégia foi formulada, onde a isca foi criada. Se o nosso homem estiver nas proximidades desse lugar e se a data da morte estiver próxima, ele será levado para lá? Esta necessidade apareceria, e se tornaria importante para ele?

— Sim, se estivesse associada com o lugar original da morte. Porque a isca nasceu lá. É possível. Isto dependeria de quem ele foi naquele momento.

— Supondo que ele foi o alvo?

— E conhecesse o lugar?

— Sim, porque uma outra parte dele o conhecia.

— Então, ele será levado para lá. Seria uma compulsão inconsciente.

— Por quê?

— Para matar a isca. Ele mataria tudo o que estivesse à vista, mas o objetivo principal seria a isca. Ele mesmo.

Alexander Conklin recolocou o fone no gancho, o inexistente pulsava, os pensamentos tão convolutos que teve que fechar os olhos novamente para encontrar forças. Estivera errado em Paris... em um cemitério nos arredores de Paris. Desejara matar um homem pelas razões erradas, porque as verdadeiras razões estavam acima da sua compreensão. Lidava com um homem enlouquecido. Alguém cujas aflições não eram explicadas em vinte anos de treino, mas compreensíveis se se pensasse nas dores e perdas, nas intermináveis ondas de violência... todas findando em futilidade. Ninguém sabia verdadeiramente nada. Nada fazia sentido. Um Carlos fora cercado, morto hoje, e outro tomaria seu lugar. Por que fizemos isto... David?

David. Por fim digo o seu nome. Já fomos amigos antes, David. . . Delta. Conheci a sua esposa e os seus filhos. Bebemos juntos algumas vezes, em postos avançados da Ásia. Foi o melhor oficial de serviço estrangeiro no Oriente. E todos sabiam disso. Ia ser a chave da nova política, o que estava sempre à mão, perto. E de repente aconteceu aquilo. A morte veio dos céus, no Mekong. E você mudou, David. Todos nós perdemos, mas só você se tornou Delta. Na Medusa. Eu não conhecia você assim tão bem — drinques e um ou dois jantares não fazem uma amizade tão pr xima —, mas poucos de nós nos transformamos em animais. Você se tornou um, Delta.

E agora tem que morrer. Ninguém mais pode suportá-lo. Nenhum de nós,

— Deixe-me, por favor — disse o General Villiers para o seu ajudante, enquanto se sentava na frente de Marie St. Jacques, em um café de Montmartre. O auxiliar assentiu com a cabeça e se dirigiu a uma mesa afastada do reservado; ele se afastaria, mas ficaria de guarda. O exausto velho soldado olhou para Marie. — Por que insistiu que eu viesse para cá? Ele queria que você ficasse longe de Paris. Dei-lhe a minha palavra.

— Longe de Paris e longe da corrida — disse Marie, comovida com a visão do rosto perturbado do velho. — Sinto muito. Não quero ser outra carga para o senhor. Ouvi as notícias pelo rádio.

— É insano — disse Villiers, pegando o brandy que seu auxiliar pedira para ele. — Três horas com a polícia, vivendo uma terrível mentira, condenando um homem por um crime que era meu.

— A descrição foi precisa, fantasticamente precisa. Ninguém poderia deixar de reconhecê-lo.

— Ele mesmo me deu os dados. Sentou-se em frente ao espelho de minha mulher e me disse o que devia dizer, enquanto olhava o seu próprio rosto da maneira mais estranha possível. Disse que era o único jeito. Carlos só poderia se convencer se eu fosse à polícia e iniciasse uma caça a ele. Ele estava certo, é claro.

— Ele estava certo — concordou Marie. — Mas não está em Paris, Bruxelas ou Amsterdã.

— Como disse?

— Quero que me diga para onde ele foi.

— Ele mesmo lhe disse.

— Ele mentiu para mim.

— Como pode ter certeza?

— Porque sei quando ele me diz a verdade. Compreende, nós dois a reconhecemos.

— Vocês dois...? Acho que não estou entendendo.

— Eu sei. Eu tinha certeza de que ele não lhe contara. Quando mentiu para mim ao telefone, dizendo as coisas que disse com toda aquela hesitação, sabia que eu percebia que era tudo mentira. Não consegui entender. Não consegui juntar as coisas, até que ouvi as notícias pelo rádio. As suas e a outra.

Aquela descrição... tão completa, tão total, até mesmo da cicatriz em sua têmpora esquerda. Então percebi. Ele não ia ficar em Paris nem perto de Paris. Estava indo para longe — para onde esta descrição pudesse significar alguma coisa — para onde Carlos pudesse ser conduzido e entregue às pessoas com quem Jason tem um acordo. Estou certa?

Villiers colocou o copo na mesa. — Dei-lhe a minha palavra. Você deve ser levada para um lugar seguro no campo. Não entendo as coisas que está dizendo.

— Então, vou tentar ser mais clara — disse Marie, inclinando-se para a frente. — Havia um outro noticiário no rádio, um que obviamente o senhor não ouviu porque estava com a polícia ou no seu retiro. Esta manhã dois homens foram encontrados mortos em um cemitério próximo a Rambouillet. Um deles é um assassino muito conhecido em Saint-Gervais. O outro foi identificado como um antigo funcionário do Serviço de Inteligência americano, residente em Paris; um homem muito controverso, que matou um jornalista no Vietnã e teve a possibilidade de escolher: retirar-se do Exército ou enfrentar uma corte marcial.

— Está dizendo que estes incidentes têm relação? — perguntou o velho.

— Jason recebeu instruções da Embaixada Americana para ir ao cemitério na noite passada encontrar-se com um homem que veio de Washington.

— *Washington*?

— Sim. Seu acordo era feito com um pequeno grupo de homens do Serviço de Inteligência americano. Tentaram matá-lo na noite passada; acham que devem matá-lo.

— Bom Deus, por quê?

— Porque não podem confiar nele. Não sabem o que ele fez nem onde esteve durante um longo tempo. E ele também não pode lhes contar. Marie fez uma pausa, fechando os olhos por um instante. — Ele não sabe quem é. Como não sabe quem são eles; e os homens de Washington pagaram outros homens para matá-lo ontem à noite. Este homem não quis ouvi-lo; pensam que ele os traiu, roubou-lhes milhões, matou homens dos quais ele nunca sequer ouviu falar. E não é verdade. Mas ele não tem nenhuma resposta clara, também. É um homem com apenas fragmentos de memória, e cada fragmento o condena e acusa. É quase totalmente amnésico.

O rosto enrugado de Villiers estava atônito, os olhos atormentados pela lembrança. — "Por todas as razões erradas..." Foi isso que ele me disse. "Eles têm homens em todos os lugares... as ordens são para me executar imediatamente. Estou sendo procurado por homens a quem não conheço e não posso ver. Por todas as razões erradas."

— Por *todas* as razões erradas — enfatizou Marie, estendendo a mão por cima da mesa e tocando o braço do homem. — E eles têm homens espalhados por todos os cantos, homens com ordens de matá-lo assim que o encontrarem. Onde quer que vá, estarão à sua espera.

— Como saberão para onde ele está indo?

— Ele lhes dirá. Faz parte de uma estratégia. E quando fizer isto, eles o matarão. Está entrando em sua própria armadilha.

Por alguns momentos Villiers ficou em silêncio, sentindo-se culpado. Por fim falou num sussurro. — Deus Poderoso, o que fiz?

— O que achou que estava certo. O que ele lhe convenceu de que era o certo. Não pode se culpar; nem a ele, na verdade.

— Ele disse que escreveria tudo o que acontecera com ele, tudo de que se lembrasse... Como esta afirmação lhe deve ter sido dolorosa! Não posso esperar por essa carta, senhorita. Nós não podemos. Preciso saber de tudo o que tem a me dizer. Agora.

— O que podemos fazer?

— Ir até a Embaixada Americana, ao embaixador. Agora. *Tudo*.

Marie St. Jacques recolheu a mão lentamente enquanto se recostava. Os cabelos ruivos espalharam-se no espaldar estofado da banqueta. Os olhos estavam distantes, enevoados com as lágrimas que se formavam. — Ele me contou que sua vida começou em uma pequena ilha do Mediterrâneo chamada Île de Port Noir...

O Secretário de Estado entrou furioso na sala do diretor de Operações Consulares, a seção do departamento que lidava com as atividades clandestinas. Caminhou a passos largos pela sala e foi até a mesa do atônito diretor, que se levantou à vista do poderoso homem, com uma expressão que era um misto de choque e espanto.

— Senhor Secretário?... Não recebi nenhuma mensagem do seu escritório, senhor. Eu teria vindo aqui imediatamente.

O Secretário de Estado jogou um bloco oficial de papel amarelo sobre a mesa do diretor. Na parte de cima da folha havia uma coluna de seis nomes, escritos com traços grossos por uma caneta de ponta de feltro.

BOURNE
DELTA
MEDUSA
CAIM
CARLOS
TREADSTONE

— O que significa isto? — perguntou o secretário. — Que diabo *significa* isto?!

O diretor da Op-Cons inclinou-se por cima da mesa. — Não sei, senhor. São nomes, é claro. Um código para o alfabeto — a letra D — e uma referência à Medusa; isto ainda é uma informação classificada como confidencial, mas já ouvi falar dela. E suponho que o nome "Carlos" deve se referir ao assassino; quisera que pudéssemos saber mais sobre ele. Mas nunca ouvi "Bourne" nem "Caim" nem "Treadstone".

— Então, venha até o meu escritório e ouça a gravação de uma conversa telefônica que acabei de ter com Paris. Aí então ficará sabendo de tudo sobre estes nomes! — explodiu o Secretário de Estado. — Estão gravadas coisas extraordinárias naquela fita, inclusive assassinatos em Ottawa e Paris e alguns acordos muito estranhos que o nosso Primeiro-Secretário teve na Rua Montaigne com um homem da CIA. Há também graves mentiras sobre as autoridades de governos estrangeiros e sobre as nossas próprias unidades do serviço de inteligência — e ainda sobre os jornais europeus — tudo sem o consentimento ou o conhecimento do Departamento de Estado! Isso é um logro global espalhando desinformações por mais países do que sequer ouso pensar. Estamos providenciando o vôo, em custódia diplomática, de uma mulher canadense — uma economista do Governo de Ottawa, que está sendo procurada por assassinato em Zurique. Fomos *forçados* a dar asilo a uma fugitiva, a subverter as leis — porque se esta mulher diz a verdade, estamos fodidos! Quero saber o que está acontecendo. Cancele tudo que estiver em sua agenda — tudo mesmo. Você vai passar o resto do dia, e a noite toda se for preciso, pro curando esta maldita coisa. Há um homem rondando por aqui, um homem que não sabe quem é, mas que tem mais informação confidencial na cabeça do que os computadores do serviço de inteligência!

Passava da meia-noite quando um exausto diretor das Operações Consulares conseguiu fazer

conexão; quase a esquecera. O Primeiro-Secretário, na Embaixada de Paris, sob a ameaça de demissão instantânea, lhe comunicara o nome de Alexander Conklin. Mas Conklin não pôde ser encontrado em lugar algum. Ele retornara a Washington em um jato militar que saíra de Bruxelas naquela manhã e que desaparecera de Langley às 13h22min, sem deixar um número de telefone — nem mesmo um número de emergência — onde pudesse ser encontrado. E pelo que o diretor fora informado sobre Conklin, esta sua omissão era extraordinária. O homem da CIA era comumente conhecido como tubarão-assassino; comandava estratégias individuais pelo mundo todo, onde quer que houvesse suspeita de traição e deserção. Vários homens em muitas estações precisariam de sua aprovação ou desaprovação a qualquer momento. Não era lógico que ele rompesse este fio por doze horas. Como também não era normal que os seus registros de telefonemas tivessem sido apagados; não havia nada dos últimos dois dias — e a Agência Central de Inteligência tinha regulamentos específicos para estes registros. Investigações sobre responsabilidades eram a nova ordem. No entanto, o diretor da Op-Cons percebera um fato: Conklin fizera parte da Medusa.

Usando como ameaça a vingança do Departamento de Estado, o diretor pedira um circuito fechado de leitura dos registros de telefonemas de Conklin feitos nas últimas cinco semanas. Relutantemente a CIA liberou a projeção dos registros, e o diretor passara duas horas em frente a uma tela, instruindo os operadores em Langley a repetirem as fitas até que ele mandasse parar.

Oitenta e seis caracteres haviam sido acionados, e a palavra Treadstone mencionada; nenhum respondera. Então o diretor voltou-se para as possibilidades; havia um militar que ele não considerara devido a sua notória antipatia pela CIA. Mas Conklin lhe telefonara duas vezes em doze minutos há uma semana. O diretor apelou para as suas fontes no Pentágono e descobriu o que procurava: Medusa!

O General-de-Brigada Irwin Arthur Crawford, oficial de carreira, encarregado do banco de dados do Serviço de Inteligência do Exército, antigo comandante em Saigon ligado às operações secretas — ainda classificadas como confidenciais. *Medusa.*

O diretor usou o aparelho da sala de reuniões, que não era ligado à mesa telefônica. Discou para a casa do general em Fairfax, e quando o telefone tocou pela quarta vez Crawford atendeu. O homem do Departamento de Estado se identificou e perguntou se o general se importava em ligar para o Estado, ficando então sob verificação.

— Por que eu iria fazer isto?

— Refere-se a um assunto relativo à Treadstone.

— Telefonar-lhe-ei então.

Dezoito segundos depois ele telefonou, e nos dois minutos seguintes o diretor passara a informação do Estado.

— Não há nada lá que desconheçamos — disse o general. — Desde o começo há um comitê de controle para isto; o Escritório Oval recebeu um relatório uma semana depois da inauguração. Nosso objetivo foi procurar seguir as regras, pode estar certo disso.

— Queria poder acreditar nisso — respondeu o homem do Estado. — Isto está relacionado com aquele negócio em Nova Iorque há uma semana? Elliot Stevens — aquele Major Webb e David Abbott? Onde as circunstâncias foram, podemos dizer, consideravelmente alteradas?

— Você está ciente das alterações?

— Sou o chefe Op-Cons, general.

— Sim, claro que estaria... Stevens não era casado. O resto é compreensível. Roubo e homicídio eram preferíveis. A resposta é afirmativa.

— Compreendo... Seu homem, Bourne, voou para Nova Iorque ontem de manhã.

— Sei. Sabemos — isto é, Conklin e eu. Somos os herdeiros.

— Esteve em contato com Conklin?

— Falei com ele pela última vez por volta das 13 horas. Ligação não registrada, reservada. Ele insistiu nisso, francamente.

— Ele desapareceu de Langley. Não há qualquer número onde possa ser encontrado.

— Sei disso também. Nem tente. Com o devido respeito, diga ao Secretário para afastar-se disso. Você também, não se envolva.

— *Estamos* envolvidos, general. Estamos trazendo a canadense através de um visto diplomático.

— Pelo amor de Deus, por quê?

— Fomos forçados, ela nos obrigou.

— Então mantenha-a isolada. Você *tem* que fazer isto! Ela é nossa solução, seremos responsáveis.

— Acho melhor se explicar.

— Estamos lidando com um homem doente. Um esquizofrênico com múltiplas personalidades. Ele é um pelotão de fuzilamento ambulante; poderia matar uma dúzia de pessoas inocentes de uma só vez, uma só explosão na cabeça, e ele nem saberia.

— Como o senhor sabe?

—. Porque ele já matou. Aquele massacre em Nova Iorque — foi *ele*. Matou Stevens, o Monge, Webb — até mesmo Webb — e mais dois outros que você não conheceu. Agora entendemos. Ele *não* foi responsável, mas isso não altera nada. Deixe-o por nossa conta. Para Conklin.

— Bourne?

— Sim. Temos provas. Impressões digitais. Elas foram confirmadas pelo Bureau. Foi ele.

— Um homem de vocês deixaria impressões digitais?

— Deixou.

— Não poderia — disse o homem do Departamento de Estado.

— O quê?

— Diga-me, de onde surgiu esta conclusão de insanidade? Esta esquizofrenia múltipla ou sei lá como você a chama?

— Conklin conversou com um psiquiatra — um dos melhores —, uma autoridade em abalos nervosos por estresse. Alex descreveu todo o seu histórico — e foi brutal. O médico confirmou nossas suspeitas. As suspeitas de Conklin.

— *Confirmou-as*? — perguntou o diretor espantado.

— Sim.

— Baseado no que Conklin disse? No que ele *achou* que sabia?

— Não há outra explicação. Deixe-o conosco. É um problema nosso.

— O senhor é um tolo, general. Devia se ater ao seu banco de dados ou talvez a uma artilharia mais primitiva.

— Sinto-me ressentido.

— Ressinta-se à vontade. Se o senhor fez o que penso, não vai lhe restar muita coisa mais além de ressentimento.

— Explique-se — disse Crawford rispidíssimo.

— O senhor não está lidando com um homem louco, nem insano, ou com qualquer dessas esquizofrenias múltiplas — e duvido que o senhor entenda alguma coisa mais sobre isso do que eu. O senhor está lidando com uni homem amnésico, um homem que vem tentando há meses descobrir quem é e de onde vem. E de acordo com uma gravação de telefonema que temos aqui, estamos sabendo que ele tentou lhe dizer isto, tentou dizer a Conklin, mas Conklin não ouviu. Nenhum de vocês ouviu... Vocês mandam um homem para fora em trabalho especial, secreto, durante três anos — três anos — para prender Carlos, e quando a estratégia falha, presumem o pior!

— Amnésia?... Não, você está enganado! Falei com Conklin; ele ouviu. Você não entende, nós dois conhecíamos...

— Não quero ouvir o seu nome! — interrompeu o diretor das Operações Consulares.

O general fez uma pausa: — Nós dois conhecíamos... Bourne... há anos. Acho que você sabe de onde; já me disse o nome. Foi o mais estranho homem a quem já conheci, tão perto da paranóia quanto qualquer um naquelas circunstâncias. Aceitou missões — riscos — que nenhum homem são aceitaria. Mesmo assim, nunca pediu nada. Estava tão cheio de ódio!

— E isso o tomou candidato a uma prisão psiquiátrica dez anos mais tarde?

— Sete anos — corrigiu Crawford. — Tentei avisar que selecionasse alguém da Treadstone. Mas o Monge disse que ele era o melhor. Eu não podia discutir isso, não em termos de habilidade. Mas fiz as minhas objeções. Ele era psicologicamente um caso limite; e sabíamos por quê. Eu estava certo. Ainda afirmo isso.

— O senhor não vai afirmar nada, general. Vai cair do cavalo. Porque o Monge estava certo. O seu homem é o melhor, com ou sem memória. Ele está nos trazendo Carlos, entregando-o diretamente para vocês em frente às suas portas. Isto é, vai entregá-lo, a não ser que vocês o matem. — A respiração baixa e brusca de Crawford era precisamente o que o diretor temia ouvir. Continuou. — Não pode entrar em contato com Conklin, pode? — perguntou.

— Não.

— Ele fracassou, não foi? Tomou suas próprias providências, desviou pagamentos através de terceiros desconhecidos entre si, com fontes impossíveis de serem checadas, todas as conexões com a Agência e a Treadstone obliteradas. E agora existem fotografias nas mãos de homens que Conklin nem conhece. Não me fale em pelotão de fuzilamento. O de vocês está em forma, mas vocês não o podem ver — nem sabem onde está. Mas está preparado — meia dúzia de rifles prontos para atirarem quando o homem condenado aparecer. Estou descrevendo bem o cenário?

— Não espera que eu responda a isso — disse Crawford.

— Não precisa. Aqui é da Operações Consulares; já estive lá uma vez. Mas vocês estavam certos sobre uma coisa. Este é seu problema; pertence a sua corte. Não nos envolveremos. Esta é a minha recomendação para o Secretário. O Departamento de Estado não pode saber quem são vocês. Considere esta chamada não registrada.

— Entendido.

— Sinto muito — disse o diretor com sinceridade, percebendo a inutilidade na voz do general. — Algumas vezes tudo explode.

— Sim. Aprendemos isso na Medusa. O que vai fazer com a moça?

— Nem sabemos ainda o que vamos fazer com você.

— Isto é fácil. Eisenhower na conferência: "Que U-Dois?" Vamos continuar, sem resultados preliminares. Nada. Podemos apagar a moça dos livros de Zurique.

— Diremos a ela. Pode ajudar. Cercá-la-emos de elogios; com ela tentaremos uma posição mais substancial.

— Tem certeza? — interrompeu Crawford.

— Sobre a posição?

— Não. A amnésia. Tem certeza?

— Ouvi aquela fita pelo menos umas vinte vezes, ouvi a voz dela. Nunca estive tão certo de alguma coisa em toda a minha vida. Por acaso, ela chegou há algumas horas. Está no Hotel Pierre, sob vigilância. Nós a traremos para Washington de manhã, depois que soubermos o que vamos fazer.

— Espere aí! — A voz do general elevou-se. — Não amanhã! Ela está aqui...? Pode me arranjar um visto para vê-la?

— Não cave o seu próprio túmulo, general. Quanto menos nomes ela souber melhor. Ela estava com Bourne quando ele telefonou para a embaixada; ela já sabe do Primeiro-Secretário, e agora, provavelmente, de Conklin. Ele tem que agüentar a queda sozinho. Fique fora disto.

— Você acabou de me dizer para *entrar* nisso.

— Não desta forma. O senhor é um homem decente, como eu. Somos profissionais.

— Você não entende! Temos fotografias, sim, mas elas podem ser inúteis. Elas já têm três anos, e Bourne mudou, mudou drasticamente. É por isso que Conklin está em cena — onde, não sei — mas está. É o único que o viu, mas era de noite e estava chovendo. Ela pode ser a nossa única chance. Ela esteve com ele — viveu semanas com ele. Ela o conhece. É possível que o reconheça antes de qualquer outro.

— Não entendo.

— Explico tudo. Entre os muitos talentos de Bourne está a habilidade em mudar a aparência, em desaparecer na multidão, no campo ou entre árvores — estar onde não se pode vê-lo. Se o que você diz é certo, ele não deve se lembrar, mas tínhamos uma palavra para ele na Medusa. Seus homens costumavam chamá-lo... camaleão.

— Este é o seu Caim, general.

— Foi o nosso Delta. Nunca houve ninguém como ele. E é por isso que a moça pode ajudar. Agora. Dê-me o visto! Deixe-me vê-la, falar com ela.

— Se lhe dermos um passe, estaremos reconhecendo-o. Não sei se podemos fazer isto.

— Pelo amor de Deus, você acabou de dizer que somos homens decentes! Não somos? Podemos salvar a vida dele! Talvez. Se ela estiver comigo e o encontrarmos, poderemos tirá-lo de lá!

— De la? Está me dizendo que sabe exatamente onde ele estará?

— Sim.

— Como?

— Porque ele não iria a nenhum outro lugar.

— E o tempo? — perguntou o incrédulo diretor das Operações Consulares. — Sabe quando ele estará lá?

— Sim. Hoje. É a data de sua própria execução.

35

O rádio transistor berrava um rock em vibrações metálicas, e o motorista do táxi, de cabelos longos, batia com a palma da mão no volante e acompanhava o ritmo com o maxilar. O táxi entrou na Rua Setenta e Um e ficou preso na fila de carros engarrafados desde a saída da East River Drive. Os ânimos iam se tornando arrebatados enquanto as máquinas roncavam paradas e os carros se adiantavam apenas para frearem ruidosamente logo em seguida, a centímetros dos pára-choques dos carros da frente. Eram 8h45min, a hora mais movimentada do tráfego de Nova Iorque.

Bourne encostou-se no canto do assento e ficou a olhar para a rua ladeada de árvores por baixo da aba do chapéu e por detrás das lentes escuras de seus óculos de sol. Já estivera lá; era uma sensação indelével. Já andara por aqueles quarteirões, já vira as entradas das casas, as fachadas das lojas e as paredes cobertas de hera — tão deslocadas naquela cidade, mas tão apropriadas àquela rua. Já notara antes os jardins do terraço e os associara com um jardim muito gracioso a alguns quarteirões dali, na direção do parque, além de um par de elegantes portas francesas no fim de uma... sala... grande... complicada. Esta sala ficava em um prédio alto, estreito, construído com pedras marrons, irregulares e pontudas, com uma coluna de janelas largas, em caixilhos de chumbo, que se elevavam em quatro andares. Janelas com vidros grossos refratários à luz tanto para dentro como para fora, em sutis flashes de púrpura e azul. Vidros antigos, talvez, ornamentais... à prova de balas. Uma residência de granito marrom com uma escada de largos degraus do lado de fora. Eram degraus estranhos, diferentes, incomuns, todos cruzados com arestas pretas que se salientavam na superfície, protegendo quem descia. Os sapatos não escorregavam no gelo ou na neve... e o peso das pessoas que subiam a escada imediatamente acionava instrumentos eletrônicos dentro da casa.

Jason conhecia a casa, sabia que se aproximava dela. O eco em seu peito acelerou e foi ficando cada vez mais alto à medida que se aproximava do quarteirão. Logo a veria, e enquanto segurava o pulso trêmulo percebeu por que Parc Monceau tocara tais cordas nos olhos de sua mente. Aquela pequena parte de Paris era muito parecida com este pequeno trecho da Upper East Side. Exceto pela isolada introdução de uma maltratada pia de água benta ou uma mal concebida fachada branca, os quarteirões podiam ser idênticos.

Pensou em André Villiers. Escrevera tudo de que se lembrara, pois a memória lhe viera nas páginas de um bloco de anotações comprado às pressas no Aeroporto Charles de Gaulle. Desde o primeiro momento, encontrado como um homem semi- morto, de quem foram retiradas balas de revólver, que acabara de abrir os olhos em uma sala úmida e encardida na Île de Port Noir, até as amedrontadoras revelações de Marselha, Zurique e Paris — sobretudo Paris, onde o manto de assassino lhe caíra sobre os ombros e a experiência de matador provara ser sua. Era, sob todos os pontos de vista, uma confissão, terrível tanto em relação ao que não podia explicar quanto ao que descrevia. Mas era a verdade como ele a conhecia, infinitamente mais justificativa depois de sua morte do que antes. Nas mãos de André Villiers ela seria bem usada; decisões acertadas seriam tomadas em relação a Marie St. Jacques. E a certeza disso dava-lhe a liberdade de que ele precisava agora. Pusera as folhas em um envelope e o enviara para Parc Monceau do Aeroporto Kennedy. Quando a carta chegasse a Paris, ele estaria ou vivo ou morto; mataria Carlos ou Carlos o mataria. Em algum lugar naquela rua — tão parecida com uma há milhares de milhas de distância — um homem cujos ombros flutuavam rigidamente acima de uma cintura afilada vida à sua procura. Era a única coisa da qual tinha certeza; porque ele também faria o mesmo se estivessem em seu lugar. Em algum lugar daquela rua...

Lá estava! Estava lá; o sol da manhã luzindo sobre o esmalte preto da porta e dos metais reluzentes,

penetrando as janelas que se elevavam com uma coluna larga e brilhante de azul-purpurino, ressaltando o esplendor ornamental do vidro, mas não a sua resistência aos impactos de rifles de grande potência e armas automáticas de pesado calibre. Ele estava aqui, e, por motivos — emoções — que ele mesmo não podia definir, seus olhos ficaram marejados e a garganta embargada. Tinha a incrível sensação de que voltara para um lugar que era tão parte sua como o seu próprio corpo, ou o que quer que tivesse sobrado de sua mente. Não um lar; não havia conforto ou serenidade quando olhava aquela elegante residência da East Side. Mas havia mais algo — uma irresistível sensação de retorno. Estava de volta ao começo, o começo, da partida e da criação, noite negra e irrupção da alvorada. Alguma coisa estava lhe acontecendo; segurou o pulso com mais força, tentando desesperadamente controlar o impulso quase incontrolável de saltar do táxi e atravessar a rua correndo em direção àquela monstruosa e silenciosa estrutura de pedra granítica e vidros de intenso azul. Queria subir correndo os degraus e bater os punhos contra a pesada porta escura.

Deixem-me entrar! Estou aqui! Vocês têm que me deixar entrar! Não entendem?

JÁ ENTREI!

As imagens apareciam-lhe em frente aos olhos; ruídos assaltavam-lhe os ouvidos. Uma dor aguda continuava a explodir em suas têmporas. Estava em uma sala escura — aquela sala —, olhando para uma tela onde outras imagens, imagens interiores, continuavam a aparecer e desaparecer em sucessão rápida, ofuscante.

Quem é ele? Rápido. Você está muito atrasado! Você é um homem morto. Onde fica esta rua? O que ela significa para você? Quem você encontrou lá? O quê? Bom. Não complique; diga o mínimo possível. Aqui está uma lista: oito nomes. Quem são os contatos? Rápido! Aqui está outra. Métodos de misturar crimes. Quais são os seus?... Não, não, não! Delta deve fazer isto, não Caim! Você não é Delta, você não é você! Você é Caim. Você é um homem chamado .Bourne. Jason Bourne! Você cometeu um lapso. Tente de novo. Concentre-se. Esqueça tudo o mais. Apague todo o passado! Ele não existe para você. Você é apenas o que é aqui, o que se tornou aqui!

Oh, Deus. Marie dissera isto.

Talvez você saiba apenas o que lhe foi dito... Repetido várias vezes. Até que não houvesse mais nada... Coisas que lhe foram ditas... mas você não pode reviver... porque elas não são suas.

O suor escoria-lhe pelo rosto umedecendo os olhos, enquanto ele afundava os dedos no pulso, tentando expulsar de sua mente a dor e os ruídos e luzes. Escrevera para Carlos que voltava para pegar documentos secretos... "proteção final". Naquele momento a frase lhe parecera muito fraca; quase a riscara. Queria uma razão mais forte para estar voando para Nova Iorque. Ainda assim, o instinto lhe dissera que deixasse a frase; fazia parte do seu passado... de alguma forma. E agora ele a entendia. Sua identidade estava dentro daquela casa. Sua identidade. E viesse Carlos à sua procura ou não, ele teria que descobri-la. *Teria!*

De repente tudo parecia loucura! Balançou violentamente a cabeça para trás e para a frente, tentando sufocar a compulsão, silenciar os gritos que o rodeavam... gritos seus, sua voz. *Esqueça Carlos. Esqueça a cilada. Entre naquela casa! Foi lá; lá foi o começo de tudo!*

Chega!

A ironia era macabra. Não havia proteção final naquela casa, apenas uma última explicação para si mesmo. E não tinha sentido algum sem Carlos. Os que o procuravam sabiam disto e não lhe davam importância; queriam-no morto por isto. Mas ele estava tão perto... teria que descobri-la. Está lá.

Bourne levantou o olhar; o motorista de cabelos compridos observava-o pelo espelho retrovisor. — É uma enxaqueca — disse Jason secamente. — Dê a volta no quarteirão. Neste mesmo quarteirão. Estou um pouco adiantado para o meu encontro. Dir-lhe-ei onde me deixar.

— O dinheiro é seu, senhor.

A casa de granito marrom estava agora atrás deles, passando rapidamente, em uma breve abertura do trânsito. Bourne virou-se no assento e olhou-a pelo vidro de trás. O ataque retrocedera, os ruídos e imagens do pânico pessoal diminuíam; apenas a dor permaneceu, mas também passaria logo, ele sabia. Foram minutos extraordinários. As prioridades haviam sido desviadas, a compulsão tomara o lugar da razão, o empurrão do desconhecido fora tão forte que por um momento ou dois ele quase perdera o controle. Não podia deixar que aquilo acontecesse de novo; a própria armadilha era tudo. Tinha que ver aquela casa novamente. Tinha o dia todo para trabalhar, para apurar sua estratégia, suas táticas para a noite, mas um segundo e mais calmo julgamento fazia-se, agora, necessário. Outros viriam durante o dia, avaliações mais corretas. O camaleão que havia nele seria colocado em ação.

Dezesseis minutos mais tarde era óbvio que o que quer que ele pretendesse estudar não tinha mais importância. De repente tudo ficou diferente, tudo mudara. A fila do trânsito no quarteirão estava lenta, outra casualidade fora acrescentada à rua. Um caminhão de mudança estava estacionado em frente à casa. Homens de macacões fumavam seus cigarros e tomavam café, retardando o momento de começarem a trabalhar. A pesada porta preta estava aberta e um homem de paletó verde, com o emblema da companhia de mudanças no bolso esquerdo, estava em pé no *foyer*, prancheta na mão. A Treadstone estava sendo desfeita! Em poucas horas estaria vazia, uma casca. Não podia ser! Eles tinham que parar!

Jason inclinou-se para a frente, com dinheiro na mão. A dor já passara; tudo agora tinha que ser movimento. Tinha que alcançar Conklin em Washington. Não mais tarde — não quando todas as peças já estivessem sobre o tabuleiro —, mas agora! Naquele instante! Conklin tinha que lhes dizer que parassem! Toda a sua estratégia era baseada no escuro... sempre no escuro. O reflexo de qualquer luz deveria aparecer primeiro em um dos corredores, depois no outro, depois contra as paredes escuras e as janelas escurecidas. Tudo adequadamente estudado, devagar, aparecendo em uma posição, depois em outra. Um assassino seria levado para uma construção de pedra à noite. À noite. Aconteceria à noite! Não agora! Saiu.

— Ei, senhor! — gritou o motorista pela janela aberta.

Jason se inclinou. — O que é?

— Eu só queria agradecer. Isto faz...

Um *tiro*. Por cima do seu ombro! Seguido de uma tosse que era o começo de um grito. Bourne olhou espantado para o motorista, para o filete de sangue que lhe apareceu na orelha esquerda. Estava morto, fora morto por uma bala destinada a Jason; uma bala que viera de uma janela em algum lugar da rua.

Jason jogou-se ao chão, depois pulou para a esquerda e girou para o meio-fio. Mais dois tiros vieram em rápida sucessão: o primeiro alojou-se no lado do carro, o segundo explodiu no asfalto. Inacreditável! Estava marcado antes mesmo de a caça começar! Carlos estava *lá*. Em posição! Ele ou um dos seus homens ocupara um andar alto, uma janela ou um telhado de onde se podia ver toda a rua. Ainda assim a possibilidade de morte indiscriminada causada por um assassino de uma janela ou um telhado era loucura; a polícia logo viria, a rua seria bloqueada, até mesmo uma cilada invertida poderia ocorrer. E Carlos não era louco! Aquilo não tinha sentido. Nem Bourne tinha mais tempo para especulações; tinha que sair da cilada que lhe fora armada... da cilada ao inverso. Tinha que alcançar o telefone! Carlos estava lá! Às portas da Treadstone! Ele o trouxera de volta. Efetivamente, ele o trouxera de volta! Aquela era a sua prova!

Levantou-se e começou a correr, desviando-se por entre os pedestres. Chegou à esquina e virou à direita — a cabine estava a vinte passos, mas também era uma armadilha. Não podia usá-la.

Do outro lado da rua havia uma fiambreria com uma pequena placa retangular acima da porta: TELEFONE. Jason saiu do meio-fio e começou a correr de novo, evitando os automóveis. Um deles estaria fazendo o trabalho ordenado por Carlos. Esta ironia também era macabra.

— A Agência Central de Inteligência, senhor, é fundamentalmente uma organização para descobrir fatos — disse o homem que estava na linha, condescendentemente. — O tipo de atividades que o senhor descreve não é a nossa especialidade, apesar de alguns filmes e escritores desinformados acharem que é.

— Maldição! *Ouça-me*! — disse Jason, fazendo uma concha com a mão no bocal do telefone, dentro da loja cheia de gente. — Apenas diga-me onde está Conklin. É uma emergência!

— O seu escritório já lhe informou, senhor. O senhor Conklin saiu ontem à tarde e espera-se que volte no final da semana. Já que diz conhecer o senhor Conklin, sabe do acidente ocorrido em serviço. Ele sai com muita freqüência para fazer fisioterapia...

— Pode parar com isto! Eu o vi em Paris — fora de Paris — há duas noites. Ele saiu de Washington para ir ao meu encontro.

— Quanto a isto — interrompeu o homem em Langley — quando sua ligação foi transferida para o meu escritório, já tínhamos checado. Não há registro de viagem do senhor Conklin neste último ano.

— Então é assunto morto! Ele estava lá! Se está à procura de códigos — disse Bourne desesperadamente —, não os tenho. Mas alguém que trabalha com Conklin reconhecerá estas palavras: Medusa, DeIta, Caim... Treadstone! Alguém tem que reconhecer.

— Ninguém reconhece. O senhor já foi informado disso.

— Por alguém que não reconhece. Mas há os que reconhecem. Acredite-me!

— Sinto muito. Eu realmente...

— Não desligue! —. Havia outro jeito; um que ele não se importara em usar, mas agora não havia alternativa. — Há cinco ou seis minutos, saltei de uni táxi na Rua Setenta e Um. Alguém tentou tirar-me a vida.

— Tirar... a vida?

— Sim. O motorista falou comigo e inclinei-me para ouvir o que ele dizia. Este movimento salvou-me a vida, mas o motorista está morto, com uma bala no crânio. Esta é a verdade, e sei que o senhor tem meios para checá-la. Há pelo menos meia dúzia de carros de polícia por lá agora. Confira. É o aviso mais veemente que lhe posso dar.

Houve um breve silêncio em Washington. — Como o senhor perguntou pelo senhor Conklin — pelo menos usou o seu nome —, vou acompanhar este caso. Onde poderei encontrá-lo?

— Espero na linha. Esta chamada está sendo feita por um cartão de crédito internacional. Emissão francesa em nome de Chamford.

— Chamford? O senhor disse...

— *Por favor.*

— Volto logo.

A espera era intolerável, e ainda pior por causa do severo olhar de Hassid, contando moedas com uma das mãos, um pãozinho na outra, e migalhas soltas pela barba. Um minuto mais tarde o homem de Langley voltava à linha; a raiva agora substituía o compromisso.

— Acho que esta conversa chegou ao fim, senhor Bourne ou Chamford, ou como achar melhor. Telefonamos para a polícia de Nova Iorque; não houve qualquer incidente na Rua Setenta e Um como o que o senhor descreveu. E o senhor tinha razão. Temos meios de checar tudo. Aviso-o de que existem leis sobre telefonemas como este, e penalidades bem rígidas. Bom dia, senhor.

Ouviu-se um estalido. A linha ficou muda. Bourne fitou o disco com descrença. Durante meses os homens em Washington estiveram à sua procura, querendo matá-lo pelo silêncio que não podiam

entender. Agora, quando ele se apresentava — quando se lhes apresentava como o único objetivo de seus três anos de acordo —, era demitido. Eles ainda não o iriam ouvir. Mas aquele homem o ouvira. E voltara à linha para negar uma morte que ocorrera há alguns minutos. Não podia ser... era insano. O fato acontecera.

Jason colocou o fone no gancho, sendo tentado a fugir da loja cheia. Ao contrário, encaminhou-se calmamente para a porta, pedindo licença por entre as filas de gente próximas ao balcão, os olhos nos vidros da frente, perscrutando a multidão na calçada. Lá fora tirou o sobretudo, carregando-o no braço, e trocou os óculos escuros pelos de aro de tartaruga. Pequenas alterações, mas ele não ficaria tanto tempo onde estava indo para que isso representasse um grande erro. Atravessou rapidamente o cruzamento em direção à Rua Setenta e Um.

Na próxima esquina misturou-se com pedestres que esperavam o sinal abrir. Virou a cabeça para a esquerda, a face comprimida no colarinho. O trânsito se movimentava, mas o táxi desaparecera: fora retirado dali com precisão cirúrgica, um órgão doente e feio excisado do corpo para que as funções vitais novamente entrassem no processo normal. Isto demonstrava a precisão de um assassino mestre, que sabia com precisão o momento de enfiar suavemente uma faca.

Bourne virou-se ligeiro, invertendo a direção, e rumou para o Sul. Tinha que encontrar uma loja, tinha que mudar a aparência. O camaleão não poderia esperar.

Marie St. Jacques estava irada enquanto permanecia de pé na frente do general Irwin Crawford na suíte do Pierre Hotel. — Vocês não ouviram! — ela acusou. — Nenhum de vocês ouviu. O senhor tem idéia do que lhe fez?

— Muito claramente — respondeu o oficial. Havia desculpas em seu reconhecimento, não na voz. — Só posso lhe repetir o que já disse. Não sabíamos a que *ouvir*. A defasagem entre a aparência e a realidade ultrapassava o nosso entendimento, e obviamente o dele próprio. E se estava além do dele, por que não poderia estar além do nosso?

— Ele tem tentado conciliar a aparência e a realidade, como disse o senhor, há muitos meses! E tudo o que fizeram foi mandar homens para que o matassem! Ele tentou dizer-lhes isso. Que espécie de gente são vocês?

— Imperfeita, Srta. St. Jacques. Imperfeita mas decente, acho. É por isto que estou aqui. A contagem do tempo começou e quero salvá-lo se puder, se nós pudermos.

— Deus, vocês me deixam nauseada! — Marie parou, balançou a cabeça e continuou suavemente. — Farei o que o senhor me pedir, sabe disso. Pode encontrar esse Conklin?

— Estou certo que sim. Ficarei nos degraus daquela casa até que ele não tenha outra escolha a não ser ir me ver. Entretanto, talvez não seja propriamente ele a nossa preocupação.

— Carlos?

— Talvez outros.

— O que quer dizer?

— Explicarei no caminho. Nossa principal preocupação agora — nossa *única* preocupação agora — é achar Delta.

— Jason?

— Sim. O homem a quem você chama Jason Bourne.

— E ele desde o início foi um dos seus — disse Marie. — Não havia ficha alguma para limpar, algum pagamento ou perdão que estivesse sendo barganhado?

— Nada. Tudo lhe será contado no devido tempo, mas não agora. Fiz algumas manobras para que você possa ficar em um carro oficial em frente à casa. Você usará binóculos e poderá reconhecê-lo melhor do que ninguém. Talvez consiga vê-lo. Rezo para que consiga.

Marie foi ligeiro até o armário e apanhou o seu casaco. — Uma noite ele me disse que era um camaleão...

— Ele se lembrou? — interrompeu Crawford.

— Lembrou-se do quê?

— Nada. Ele tinha grande habilidade para entrar e sair de situações sem ser notado. Foi isto o que eu quis dizer.

— Espere aí — disse Marie. Aproximou-se do militar, os olhos de repente pregados nele de novo. — Está dizendo que temos que encontrar Jason, mas há uma forma melhor. Deixe-o vir até nós. Até mim. Deixe-me nos degraus daquela casa. Ele me verá, me dirá alguma coisa!

—. E entregando a quem quer que esteja lá dois alvos?

— O senhor não conhece o seu próprio homem, general. Eu disse "me dirá alguma coisa". Mandará alguém, pagará um homem ou unia mulher na rua para me entregar uma mensagem. Conheço-o. Fará isto. É o caminho mais certo.

— Não posso permitir tal coisa.

— Por que não? Vocês já fizeram tudo o mais tão estupidamente! Cegamente! Façam uma coisa com inteligência!

— Não posso. Esta sugestão poderia até solucionar problemas que você nem conhece, mas não posso fazer isso.

— Dê-me uma razão.

— Se Delta está certo, se Carlos veio à sua procura e está naquela rua, o risco é muito grande. Carlos conhece-a por fotografias. Ele a matará.

— Estou ansiosa para me arriscar.

— Pois eu não. Eu gostaria de pensar que estou falando pelo meu Governo, quando digo isso.

— Francamente, não acho que o senhor fala pelo seu Governo.

— Deixe isto para outros. Vamos, por favor?

— Serviço Geral de Administração — falou a desinteressada voz da telefonista.

— O senhor J. Petrocelli, por favor — disse Alexander Conklin, a voz tensa, os dedos limpando o suor da testa, de pé perto da janela, o telefone na mão. .— Depressa, por favor!

— Todo mundo está tão apressado... — As palavras foram cortadas e em seu lugar ouviu-se o tilintar do telefone.

— Petrocelli, Divisão de Reclamação de Faturas.

— O que os seus empregados estão fazendo? — explodiu o homem da CIA, o choque calculado para ter o efeito de um tiro.

O silêncio foi breve. — Neste instante, ouvindo uma besta fazendo uma pergunta idiota.

— Bem, ouçam mais. O meu nome é Conklin, da Agência Central de Inteligência, CIA, licença Quatro-Zero. Você sabe o que isso quer dizer?

— Não entendi nada do que tem dito seu pessoal nestes últimos dez anos.

— Então é melhor que entenda isso de uma vez. Levei quase uma maldita hora, mas acabei de encontrar o despachante de uma companhia de mudança aqui de Nova Iorque. Ele disse que tinha uma fatura assinada por você para retirar toda a mobília de uma casa de granito marrom, na Rua Setenta e Um, número 139, para ser mais claro.

— Ah, sim, lembro-me disso. Qual é o problema?

— Quem lhe deu esta ordem? Esse território é nosso. Retiramos o nosso equipamento na semana passada, mas não pedimos — repito, não pedimos — mudança alguma.

— Espere um instante — disse o burocrata. — Vi a fatura. Quero dizer, li-a antes de assiná-la. Vocês, meus camaradas, me deixam espantado. A ordem veio diretamente de Langley com prioridade.

— De *quem* em Langley?

— Só um instante e já lhe digo. Tenho uma cópia da fatura em meu arquivo; está aqui em minha mesa. — O barulho de papel podia ser ouvido pelo telefone. De repente o barulho parou e Petrocelli voltou a falar. — Aqui está, Conklin. Faça a sua reclamação para o seu próprio pessoal do Controle Administrativo.

— Eles não sabiam o que estavam fazendo. Cancele a ordem. Chame de volta a companhia de mudança e diga-lhes para saírem de lá! Já!

— Agora mesmo, senhor fantasma.

— O quê!??

— Traga uma requisição de prioridade por escrito aqui para o meu escritório antes das três horas da tarde e pode ser — pode ser, apenas — que eu consiga isso para amanhã. Aí recolocaremos tudo em seus devidos lugares.

— Recolocarão tudo de *volta*?

— É isso mesmo. Você nos manda tirar, tiramos. Você nos manda recolocar, recolocamos. Temos métodos e procedimentos a seguir, tal como vocês.

— Aquele equipamento — aquilo tudo estava hipotecado! Não era — não é — uma operação para a Agência.

— Então por que está me telefonando? O que você tem a ver com tudo aquilo?

— Não tenho tempo para explicar. Apenas tire todos os seus homens de lá. Telefone para Nova Iorque e tire-os de lá! Essas são ordens Quatro-Zero.

— Podem ser até Cento e Quatro e você continua fazendo bazófia. Olhe, Conklin, nós dois sabemos que você pode ter o que quiser se eu puder ter o que preciso. Faça tudo direitinho, legalmente.

— Mas não posso envolver a Agência!

— Mas eu também não posso me envolver.

— Aquele pessoal tem que sair de lá! Estou lhe dizendo... — Conklin parou, os olhos na casa de granito marrom lá embaixo, do outro lado da rua, seus pensamentos momentaneamente paralisados. Um homem alto vestindo um sobretudo preto subia os degraus de concreto. Parou e ficou imóvel em frente à porta. Era *Crawford*. Mas o que ele estava fazendo? O que ele estava fazendo ali? Perdera a razão, estava fora de si! Ele era um alvo em mira, podia estragar a cilada!

— Conklin? Conklin...? — A voz flutuou fora do telefone enquanto o homem da CIA desligava o telefone.

Conklin virou-se para o homem atarracado que estava ali perto, em uma janela ao lado. Trazia um rifle na imensa mão, com um visor telescópico preso ao cano. Alex não sabia o nome do homem e nem queria sabê-lo. Já pagara muito para não ser sobrecarregado.

— Está vendo aquele homem lá fora com o sobretudo preto, parado na porta? — perguntou.

— Estou sim. Ele não é quem procuramos. É muito velho.

— Pois vá lá e diga-lhe que há um aleijado do outro lado da rua que quer falar com ele.

Bourne saiu da loja de roupas usadas na Terceira Avenida, parando em frente à janela de vidro sujo para avaliar sua aparência. Serviria, tudo estava bem coordenado. O chapéu de tricô de lã preta cobria-lhe a cabeça até o meio da testa; o paletó do exército, amassado e remendado, era bem grande para ele; a camisa de flanela xadrez, vermelha, e as largas calças de fazenda cáqui, mais os pesados sapatos de sola grossa e bico redondo compunham um traje bem-coordenado. Agora só faltava treinar uma forma de andar que combinasse com a roupa. O caminhar de um homem forte e cujo corpo já começara a mostrar os efeitos de uma vida de tensão física, cuja mente já aceitara a cotidiana inevitabilidade do trabalho duro, e o prêmio eram seis pacotes de dinheiro no final do turno servil.

Encontraria aquele jeito de andar; já o usara antes em algum lugar.

Mas antes de esquadrinhar a imaginação, devia dar um telefonema; havia uma cabine telefônica no quarteirão, um tubo metálico onde havia um telefone preso por uma corrente de aço dentro de unia concha acústica. Encaminhou-se para a cabine, as pernas automaticamente mais rígidas, os pés imprimindo peso sobre a calçada, os braços rigidamente encostados ao corpo, os dedos das mãos um pouco separados e curvados pelos anos de trabalho servil. Uma expressão severa, rígida, em seu rosto viria mais tarde. Não já.

— Belkins, Mudanças e Guarda-móveis — anunciou a telefonista de algum lugar no Bronx.

— Meu nome é Johnson — disse Jason com impaciência, mas educadamente. — Receio ter um problema, e espero que possam me ajudar.

— Tentaremos, senhor! Do que se trata?

— Eu estava a caminho da casa de um amigo na Rua Setenta e Um... um amigo que morreu recentemente, o que me deixou muito pesaroso... para pegar algumas coisas que eu lhe havia emprestado Quando cheguei lá, a caminhoneta de vocês estava parada em frente à casa. É muito embaraçoso, mas acho que seus homens levaram junto as minhas coisas. Com quem posso falar sobre isso?

— Bem senhor teria que falar com o despachante.

— Pode me dizer o seu nome, por favor?

— Como?

— O seu nome.

— Claro. Murray. Murray Schumach. Farei a ligação.

Dois estalidos precederam um longo ruído abafado na linha.

— Aqui é Schumach.

— Sr. Schumach?

— Isso mesmo.

Bourne repetiu toda a sua embaraçante história. — É claro, posso facilmente obter uma carta do meu procurador, mas o item em questão quase não tem valor...

— O que é?

— Uma vara de pescar. Não é uma das mais caras, mas tem uma carretilha muito antiga, do tipo que não encrenca a cada cinco minutos.

— Sim, sim, sei o que quer dizer. Pesco na baía de Sheepshead. Já não fazem mais essas carretilhas como antigamente. Tenho a impressão que é por causa da liga.

— É, acho que o senhor tem razão, senhor Schumach. Sei exatamente em que armário ele a guardava.

— Ora, mas que diabo, é apenas uma vara de pescar! Vá até lá e procure um camarada chamado Dugan, o supervisor do trabalho. Diga-lhe que eu lhe autorizei a pegá-la, mas vai ter que assinar por isso. Se ele bronquear, diga-lhe para sair e me telefonar, porque os telefones da casa estão desligados.

— Senhor Dugan. Muito obrigado, senhor Schumach.

— Céus, aquele lugar está um inferno hoje!

— Desculpe-me, não entendi bem.

— Nada, nada. Um espertalhão me telefonou dizendo-me que saísse de lá. Com o trabalho da firma garantido em dinheiro. Pode acreditar nisso?

Carlos. Jason podia acreditar sim.

— É difícil, senhor Schumach.

— Boa pesca — disse o homem da Belkins.

Bourne encaminhou-se para o lado oeste da Rua Setenta com a Avenida Lexington. A três quarteirões para o sul, descobriu o que procurava: uma loja de sortimentos e roupas para marinheiros. Entrou.

Oito minutos mais tarde saiu carregando quatro cobertores marrons e seis largos cintos de lona com fivelas de metal. Nos bolsos do uniforme estavam duas lanternas. Elas estavam no balcão parecendo algo que não eram na verdade, acionando imagens em sua memória, de volta a um tempo em que havia significado e objetivos em sua mente. E raiva. Jogou o equipamento sobre o ombro esquerdo e saiu em direção à Rua Setenta e Um. O camaleão tomava a direção da selva, uma selva tão densa quanto aquela esquecida de Tam Quan.

Eram dez e quarenta e oito quando chegou à esquina do quarteirão ladeado de árvores que escondia os segredos da Treadstone Seventy One. Encaminhava-se para o início — o seu início —, e o medo que sentia não era pelo dano físico. Estava preparado para isso, todos os tendões tensos, os músculos de prontidão; seus joelhos e pés, mãos e cotovelos preparados para serem usados como armas, os olhos eram alarmes que mandariam sinais instantâneos para estas armas. Seu medo era muito mais profundo. Entraria no lugar de seu nascimento e estava atemorizado com o que poderia encontrar lá — lembrar lá.

Pare! A armadilha é tudo. Caim é para Charlie e Delta é para Caim!

O trânsito estava bem menos intenso, a hora do grande movi mento cessara, a rua estava nos estertores silenciosos da madrugada. Os pedestres passavam sem pressa alguma; os automóveis desviavam-se calmamente do caminhão de mudanças, as buzinas iradas haviam sido substituídas por expressões de irritação. Jason atravessou no sinal para o lado da Treadstone; a estrutura marrom, estreita e alta, da casa, coberta de granito pontiagudo e irregular e com grossos vidros azulados ficava quase no final do quarteirão. Com os cobertores e os cintos no lugar, e já cansado, o trabalhador de passo lento caminhava ao lado de um casal muito bem-vestido, dirigindo-se à casa.

Chegou aos degraus de concreto enquanto dois homens musculosos, um preto e um branco, traziam pan fora uma harpa coberta. Bourne parou e gritou em dialeto vulgar.

— Ei! Onde está o Dugan?

— Onde mais? — respondeu o branco, apontando com a cabeça para a casa. — Sentado em uma cadeira de balanço.

— Ele não fez força o dia todo, não carregou nada mais pesado do que aquela prancheta, meu chapa — acrescentou o preto. — Ele é um *executivo*, não é isso, Joey?

— É um cara nojento, é o que ele é. Que qui há?

— Schumach me mandou — disse Jason. — Ele queria outro homem por aqui e achou que vocês precisavam desse material. Pediu-me que trouxesse isso.

— Murray, o perigoso! — riu o preto. — Sabe, meu chapa? Ainda não lhe tinha visto. Acabou de ser contratado?

— Leva essa merda para o executivo — rosnou Joey, continuando a descer os degraus. — Ele pode *designar* uma função para isso, que tal essa, Pete? *Designar* — gosta da palavra?

—. Adoro, Joey. Você é um bom dicionário.

Bourne subiu os degraus marrom-avermelhados, passando pelos homens, e foi até a porta. Entrou e viu a escada à direita, e o corredor estreito e comprido à sua frente, que dava para outra porta a trinta pés dali. Já subira aqueles degraus mais de mil vezes e caminhara por aquele corredor mais algumas centenas de vezes. Voltara, e uma sobrepujante sensação de terror o assaltou. Começou a andar pelo corredor estreito e escuro; podia ver raios de luz entrando pelas distantes portas de estilo francês. Aproximava-se da sala onde Caim nascera. *Aquela* sala. Segurou os cintos no ombro e tentou parar de tremer.

Marie inclinou-se para a frente no banco de trás do sedã oficial, de binóculo em punho. Algo acontecera; ela não tinha certeza do que era, mas podia muito bem imaginar. Um homem atarracado e

baixo passara em frente aos degraus da casa de granito marrom poucos minutos antes, diminuindo o passo ao se aproximar do general, obviamente dizendo-lhe alguma coisa. O homem continuara a atravessar o quarteirão e segundos mais tarde Crawford o seguira.

Conklin fora achado.

Teria sido um pequeno progresso se o que o general disse fosse verdade. Pistoleiros, desconhecidos do empregador e este, por sua vez, desconhecido deles. Pagos para matar um homem... por motivos errados! Oh, Deus, ela os desprezava a todos! Homens irracionais e estúpidos. Jogando com a vida dos outros, sem saber de nada, e achando que sabiam tanto!

Eles não o haviam escutado! Nunca o escutaram, até que fosse tarde demais, e agora apenas com proibições severas e lembranças fortes do que deveria ter sido — se as coisas tivessem acontecido como deviam, mas não foi o que aconteceu. A corrupção veio da cegueira, as mentiras vieram da obstinação e dos embaraços. Não criem problemas para os poderosos — o *napalm* já dizia tudo.

Marie olhou pelo binóculo. Um homem da Belkins se aproximava dos degraus, cobertores e cintos sobre o ombro, caminhando atrás de um casal idoso, obviamente moradores do quarteirão, que haviam saído para uma caminhada. O homem com o uniforme e o chapéu de tricô preto parara; começou a conversar com dois homens que carregavam um objeto de forma triangular.

O quê? Havia alguma coisa... alguma coisa estranha. Ela não podia ver o rosto do homem, fora do alcance de sua visão, mas havia algo com relação ao pescoço, o lado da cabeça... o que era? O homem começou a subir os degraus, era um homem de aspecto grosseiro, preocupado com o seu dia de trabalho, antes mesmo de ele ter começado... Um homem desleixado. Marie largou o binóculo; estava muito ansiosa, pronta a ver coisas que não estavam lá.

Oh, Deus, meu amor, meu Jason. Onde está você? Volte para mim. Deixe-me encontrá-lo, não me deixe por causa destes homens cegos e irracionais. Não deixe que eles nos separem.

Onde estava Crawford? Ele prometera mantê-la informada sobre tudo. Fora uma estúpida. Ela não confiava nele, em nenhum deles; não confiava na inteligência deles. Ele prometera... onde *estava* ele!

Falou para o motorista: — Pode abaixar a janela, por favor? Está muito abafado aqui dentro.

— Sinto muito, senhorita, não posso — respondeu o motorista militar, vestido com roupas civis. — Mas vou ligar o ar condicionado, está bem?

As janelas e portas eram controladas por botões que apenas motorista podia alcançar. Estava presa em uma tumba de vidro e metal, em uma rua escura, ladeada de árvores.

— Não acredito em uma palavra! — disse Conklin capengando com raiva, em direção à janela. Inclinou-se no parapeito, olhando para fora, a mão esquerda no rosto, a junta do dedo indicador encostada nos dentes. — Nenhuma maldita palavra!

— Porque não quer acreditar, Alex — contradisse Crawford. — A solução é bastante fácil, Está aqui mesmo e é muito simples.

— Você não ouviu aquela fita. Você não ouviu Villiers!

— Ouvi a mulher; e ela é tudo o que tenho para ouvir. Ela disse que nós não ouvimos... você não ouviu.

— Então ela está mentindo! — Desajeitadamente, Conklin se virou. — Cristo, é claro que ela está mentindo! Por que não? É mulher dele. Fará qualquer coisa para tirá-lo do anzol.

— Você está errado e sabe muito bem disso. O fato de ela estar aqui prova que você está errado. E prova que estive errado em aceitar como verdade o que você me contou.

Conklin respirava ofegantemente, a mão direita tremia segurando a bengala. — Talvez... talvez nós, talvez... — Não terminou. Olhou para Crawford desamparado.

— Devemos deixar que tudo se solucione? — perguntou o militar calmamente. — Você está

cansado, Alex. Não dormiu nesses últimos dias, está exausto. Vou fazer de conta que não ouvi nada disso.

— Não. — O homem da CIA balançou a cabeça com os olhos fechados, o rosto refletindo seu profundo desgosto. — Não, você não ouviu nada, e eu não disse nada. Eu só gostaria de saber por onde devo começar, que diabo!

— Sei — disse Crawford, indo até a porta e abrindo-a. — Entre, por favor.

O homem atarracado entrou, os olhos faiscando ao verem o rifle encostado contra a parede. Olhou para os dois homens, a compreensão estampada no rosto. — O que houve?!

— O exercício de pontaria foi suspenso — disse Crawford. — Acho que vocês já podem recolher este material.

— Que exercício? Fui pago para protegê-lo. — O pistoleiro olhou para Alex. — O senhor quer dizer que não precisa mais de proteção, senhor?

— Você sabe exatamente o que queremos dizer — disse rispidamente Conklin. — Todos os sinais estão suspensos, todas as estipulações.

— Que estipulações? Não sei de nenhuma estipulação. Os termos do meu contrato são muito claros. Estou protegendo-o, senhor.

— Bom, ótimo — disse Crawford. — Agora o que precisamos saber é quem mais lá fora está protegendo-o.

— Quem mais, onde?

— Fora desta sala, deste apartamento. Em outras salas, na rua, talvez até em carros. Precisamos saber.

O homem atarracado foi até o rifle e o pegou. — Receio, cavalheiros, que os senhores estejam confusos. Fui pago por um contrato individual. Se outros também foram contratados, não sei de nada. Não os conheço.

— Você *sabe* muito bem! Você os conhece! — gritou Conklin. — Quem são eles? Onde estão?

— Não tenho nenhuma idéia... senhor. — O gentil pistoleiro segurou o rifle no braço direito, o cano virado para baixo, em direção ao chão. Levantou-o alguns centímetros, não mais do que isso, num movimento quase imperceptível. — Se os meus serviços não são mais necessários, vou embora.

— Pode *alcançá-los*? — interrompeu o general. — Nós o pagaremos generosamente.

— Já fui generosamente pago, senhor. Não seria correto aceitar dinheiro por um serviço que não posso realizar. E por isso é desnecessário continuar.

— A vida de um homem está correndo perigo lá fora! — gritou Conklin.

— E a minha também — disse o pistoleiro aproximando-se da porta, a arma levantada. — Adeus, cavalheiros. — E saiu.

— Jesus! — urrou Alex, indo até a janela. A bengala bateu contra o aquecedor. — O que podemos fazer?

— Para começar, livre-se daquela companhia de mudança. Não sei que papel aquilo faz em sua estratégia, mas agora é apenas uma complicação.

— Não posso. Já tentei! Não tenho nada a ver com isso. O Controle da Agência pegou os nossos papéis quando retiramos o equipamento. Viram que uma loja estava sendo fechada e disseram à Administração do Serviço Geral para fazer o diabo conosco.

— Com toda a rapidez — disse Crawford assentindo com a cabeça. — O Monge deixou todo aquele material sob assinatura; sua declaração absolve a Agência. Está nos arquivos dele.

— Seria muito bom se dispuséssemos de vinte e quatro horas. Nem mesmo sabemos se temos vinte e quatro minutos.

— Ainda assim vamos precisar disso. O Senado fará inquérito. Secreto, assim espero... Feche a rua.

— O quê?

— Você me ouviu — feche a rua! Chame a policia, diga- lhes para fechar a rua!

— Através da Agência? Isto é uma questão doméstica.

— Então farei isto. Através do Pentágono, da Junta de Comandantes, se preciso. Estamos aqui inventando desculpas, quando tudo está exatamente em frente aos nossos olhos! Limpe a rua, feche-a, traga um caminhão. Ponha-a dentro dele, coloque-a num alto-falante! Deixe-a dizer o que quiser, deixe-a gritar à vontade. Ela estava certa. Ele virá ao encontro dela!

— Você sabe o que está dizendo? — perguntou Conklin. — Vão fazer perguntas. Jornais, televisão, rádio. Tudo virá a público. Publicidade.

— Estou ciente disso — disse o general. — Também estou ciente de que ela nos conseguirá isso, se não der certo. Ela tem que fazer isso de qualquer forma, não importa o que possa acontecer, mas eu preferiria antes tentar salvar um homem de quem jamais gostei e nunca aprovei. Mas já o respeitei, e agora o respeito ainda mais.

— E quanto ao outro homem? Se Carlos realmente está lá fora, você está lhe abrindo os portões. Estará lhe oferecendo de mãos beijadas a fuga.

— Não criamos Carlos. Criamos Caim e abusamos dele. Usamos a sua mente, a sua memória. Devemos-lhe isso. Vá lá embaixo e traga a mulher. Vou usar o telefone.

Bourne entrou na grande biblioteca onde os raios do sol brilhavam através das duas elegantes portas francesas, abertas no outro lado da sala. Além dos vidros da janela ficavam os altos muros em volta do jardim... tudo à sua volta lhe era doloroso; conhecia os objetos e não os conhece agora. Eram fragmentos de sonhos — mas sólidos, que podiam ser tocados, sentidos, usados — de forma alguma efêmeros. No canto, uma mesa comprida, encostada à parede, onde o uísque era servido, poltronas de couro onde os homens se sentavam e conversavam, prateleiras que abrigavam os livros e outras coisas — escondiam-nas — e que apareciam com o toque de alguns botões. Era a sala onde nascera um mito, um mito que correra todo o sudeste da Ásia e aparecera repentinamente na Europa.

Viu a grande saliência tubular no teto, e a escuridão voltou, seguida por raios de luz e imagens projetadas em uma tela. Vozes gritavam em seus ouvidos.

Quem é ele? Rápido. Você está muito atrasado! Você é um homem morto! Onde fica esta rua? O que ela significa para você? Quem você encontrou lá?... Métodos de morte. Quais são os seus? Não!... Você não é Deita, você não é você!... Você é apenas o que é aqui, o que aqui se tornou!

— Ei! Quem é você, afinal? — A pergunta foi gritada por um corpulento homem sentado em uma poltrona perto da porta, prancheta sobre os joelhos. Jason passara por ele.

— Você é Dugan? — perguntou Bourne.

— Sim.

— Schumach me mandou. Disse que você precisava de outro homem.

— Para quê? Já tenho cinco, e essa merda desse lugar tem os batentes muito estreitos, quase não se pode passar por eles.

— Não sei. O Schumach me mandou, é só isso que sei. Disse-me para trazer essas coisas. — Bourne deixou cair os cobertores e cintos.

— Murray mandando coisas? Quero dizer, isso é novidade.

— Eu não...

— Eu sei, eu *sei*! O Schumach mandou você. Pergunte ao Schumach.

— Você não pode. Ele in mandou dizer-lhe que estava indo para Sheepshead. Vai voltar esta tarde.

— Oh, grande! Vai pescar e me deixa com essa merda... Você é novo. É biscateiro?

— Sou.

— Este Murray é grande. Tudo o que preciso é de outro biscateiro! Dois idiotas espertos e agora

quatro biscateiros.

— Quer que eu comece aqui? Posso começar aqui.

— Não, seu idiota! Biscateiros começam em cima, nunca ouviu falar disso? É bem mais longe, *capisce*?

— Sim, eu *capisce*. — Jason apanhou os cobertores e as tiras de lona.

— Deixe esses trens aqui — não vai precisar disso. Vá lá para cima, último andar, e comece a carregar os móveis pesados de madeira, os mais pesados que puder, e não me embrome.

Bourne circulou o lance do segundo andar e começou a subir os estreitos degraus para o terceiro andar, como se estivesse sendo levado por uma força magnética muito além da sua compreensão. Estava sendo empurrado para outra sala no alto da casa de granito marrom, uma sala que abrigava tanto c conforto do silêncio quanto a frustração da solidão. O andar de cima estava escuro, não havia luz acesa nem raios de sol entrando pelas janelas. Chegou ao último andar e lá ficou, parado, por um momento, em silêncio. Que sala era aquela? Havia três portas, duas do lado esquerdo do corredor, uma do lado direito. Encaminhou-se devagar em direção à segunda porta, à esquerda, quase escondida no escuro. Era ali; era ali que seus pensamentos lhe voltavam na escuridão... lembranças que lhe obsedavam, lhe doíam. A luz do sol e o mau cheiro do rio, a selva... ruídos de máquinas no céu, vindos do céu. *Oh, Deus, como doía*!

Pôs a mão na maçaneta, girou-a e abriu a porta. Estava escuro, mas não de todo. Havia uma pequena janela no fim da sala, uma sombra escura se abaixou, fechando-a, mas não completamente. Podia ver uma fina linha de luz, tão estreita que mal aparecia, onde a forma escura se encostava contra o batente da janela. Dirigiu-se à janela, àquela fina linha de luz.

Um arranhão! Um arranhão no escuro! Girou aterrorizado com os artifícios da sua próprIa mente Mas não era artifício! Havia um brilhante cintilar no espaço, o reflexo do brilho de um metal.

Uma faca lhe retalhava o rosto.

— Eu teria muito prazer em vê-lo morrer pelo que fez — disse Marie olhando Conklin fixamente. — E esta constatação me repugna.

— Então não posso lhe dizer mais nada — respondeu o homem da CIA atravessando a sala, capengando até o general. — Outras decisões poderiam ser tomadas — por ele e por você.

— Poderiam? E por onde ele começaria? Quando aquele homem tentou matá-lo em Marselha? Ou na Rua Sarrasin? Quando o procuraram em Zurique? Ou quando atiraram nele em Paris? E ele durante todo esse tempo não sabia por que tudo acontecia. O que poderia ele fazer?

— Aparecer! Que diabo, aparecer!

— E ele apareceu. E quando o fez, você tentou matá-lo.

— Você estava lá! Estava com ele. E você não perdeu a memória.

— Presumindo que eu soubesse a quem me dirigir, você teria me ouvido?

Conklin respondeu ao seu olhar. — Não sei — respondeu cortantemente, e virou-se para Crawford. — O que está acontecendo?

— Washington vai me telefonar de volta daqui a dez minutos.

— Mas o que está *acontecendo*?

— Não estou muito certo que você queira ouvir. Invasão federal às leis e estatutos estaduais e municipais. É preciso obter licenças.

— Jesus!

— Olhe! — O militar de repente inclinou-se na janela. — O caminhão está indo embora.

— Alguém se intrometeu — disse Conklin.

— Quem?

— Vou descobrir. — O homem da CIA capengou até o telefone. Havia pedaços de papel em cima da mesa, números de telefone escritos às pressas. Escolheu um e discou. — Ligue-me com Schumach... por favor... Schumach? Aqui é Conklin, da CIA. Quem lhe deu a ordem?

A voz do despachante na linha podia ser ouvida por toda a sala. — Que ordem!? Sai de cima de mim! Estamos fazendo aquele trabalho e vamos terminá-lo! Francamente, acho que você é doido...

Conklin bateu o telefone. — Cristo... oh, *Cristo*! — Sua mão tremia quando pegou o fone. Levantou-o e discou novamente, os olhos em outro pedaço de papel. — Petrocelli. Reclamações — ordenou. — Petrocelli? É Conklin de novo.

— Você sumiu. O que aconteceu?

— Não há tempo. Ouça-me. Aquela requisição de prioridade do Controle da Agência. Quem a assinou?

— O que quer dizer com quem a assinou? O camarada lá de cima, o que sempre assina McGovern.

O rosto de Conklin ficou branco. — Era isso o que eu temia — sussurrou enquanto abaixava o fone. Virou-se para Crawford, a cabeça tremendo enquanto falava. — A ordem para a Administração do Serviço Geral foi assinada por um homem que se aposentou há duas semanas.

— Carlos...

— Oh, Deus! — gritou Marie. — O homem carregando os cobertores e os cintos! O jeito da sua cabeça, do pescoço. Virado para o lado direito. Era ele! Quando sua cabeça dói ele a vira um pouco para a direita. Era Jason! Ele entrou.

Alexander Conklin voltou para a janela, os olhos presos na porta de madeira laqueada do outro lado da rua. Estava fechada.

A mão! A pele... os olhos escuros naquela fina estria de luz. *Carlos*!

Bourne jogou a cabeça para trás quando o fio da lâmina cortou-lhe a carne debaixo do queixo, o sangue jorrando, manchando a mão que segurava a faca. Levantou o pé direito, chutou o joelho do atacante invisível, depois girou e jogou o salto esquerdo contra a virilha do homem. Carlos gritou e a navalha apareceu novamente no escuro, agora vindo em sua direção, a linha de assalto desta vez diretamente para o seu estômago. Jason pulou para trás, cruzando os pulsos, golpeando, sustando o braço escuro que era uma extensão da arma. Torceu os dedos para dentro, virou suas mãos juntas, forçando o antebraço por baixo do pescoço ensangüentado e depois esticando o braço para cima. A faca cortou-lhe a roupa e passou por seu peito. Bourne moveu o braço para baixo, torcendo o punho agora em seu poder, empurrando o ombro contra o corpo do assassino e girando novamente enquanto Carlos se desequilibrava para a esquerda, o braço quase fora do encaixe.

Jason ouviu o barulho da faca ao cair no chão. Cambaleou em direção ao barulho e ao mesmo tempo tentou pegar a arma que estava em seu cinto. Mas ela se embaraçou na roupa; ele rolou no chão, mas não tão rapidamente quanto devia. A biqueira de metal de um sapato bateu no lado de sua cabeça — na têmpora — e ondas de dor atravessaram-no. Rodou de novo, rápido, mais rápido, até bater contra a parede; encolheu-se sobre os joelhos, tentando enxergar através das indistintas sombras da escuridão quase total. Vislumbrou o contorno de uma mão contra a fina linha de luz que vinha da janela; jogou-se contra ela, suas próprias mãos agora eram garras, seus braços aríetes a golpearem. Agarrou a mão, torcendo-a para trás, quebrando o pulso. Um grito encheu a sala.

Um grito e o ruído grave, mortal, de um tiro. Uma incisão gelada fora feita na parte superior esquerda do peito de Bourne a bala se alojara entre o ombro e a espádua. Na agonia, agachou-se e levantou-se de novo, empurrando o matador com a arma contra a parede, em cima da quina de um móvel. Carlos afastou-se, enquanto dois tiros silenciosos dispararam selvagemente. Jason mergulhou para a esquerda, conseguindo livrar a arma e apontando-a para os ruídos da escuridão. Atirou, a

explosão surda fora inútil. Ouviu a porta bater, fechando-se. O matador escapara pelo corredor.

Tentando encher os pulmões de ar, Bourne arrastou-se até a porta. Quando se aproximou dela, seu instinto ordenou-lhe que ficasse de lado e batesse com o punho na parte de cima da madeira. O que se seguiu foi a essência de um terrível pesadelo. Súbito, ouviu-se a explosão de uma pistola automática, enquanto a madeira ficava em pedaços, os fragmentos voando pela sala. No instante em que o tiroteio parou, Jason empunhou sua arma e atirou diagonalmente através da porta; o tiroteio se repetiu. Bourne girou novamente, afastando-se, encostando-se na parede. O tiroteio cessou e ele atirou de novo. Eram agora dois homens muito próximos um do outro, querendo acima de tudo matar-se um ao outro. *Caim é para Charlie e Delta é para Caim. Pegar Carlos. Encurralar Carlos. Matar Carlos.*

Em seguida já não estavam a centímetros um do outro. Jason ouviu passos correndo, depois o ruído de um corrimão sendo quebrado enquanto um vulto corria escada abaixo. Carlos fugia. Aquele porco, aquele animal, fora buscar socorro; estava ferido. Bourne limpou o sangue do rosto, do pescoço, e passou pelo que ainda restava da porta. Abriu-a e saiu para o corredor estreito, a arma na mão. Com muita dor conseguiu subir a escadaria escura. De repente ouviu tiros vindos de baixo.

— Que diabo está fazendo, homem? Pete! Pete!

Dois ruídos metálicos encheram o ar.

— Joey! Joey!

Mais um tiro; e barulhos de corpos caindo em algum lugar lá embaixo.

— Jesus! *Jesus*, Mãe de...!

Dois ruídos metálicos novamente, seguidos por um grito gutural de morte. Um terceiro homem fora morto.

O que aquele terceiro homem dissera? Dois sabidões e agora quatro biscateiros. O caminhão de mudanças era uma operação de Carlos! O assassino trouxera com ele dois militantes — os primeiros três biscateiros. Três homens armados, e ele estava apenas com um revólver. Encurralado no último andar da casa. E Carlos ainda estava lá dentro. Lá *dentro*. Se ele pudesse sair, Carlos é que estaria encurralado! Se pudesse sair. *Sair*!

Havia uma janela no fim do corredor. Jason virou-se em direção a ela, cambaleando, segurando o pescoço, encolhendo o ombro para minorar a dor no peito. Abriu a janela; pequena, de vidro fino, enquanto os raios de luz púrpura e azul entravam pelo vidro. Era inquebrável, o batente preso com rebites; não havia jeito de tirar nenhuma das vidraças. Em seguida, seus olhos voltaram-se para baixo, para a Rua Setenta e Um. O caminhão de mudanças se fora! Alguém o levara embora... um dos militantes de Carlos! Sobraram dois. *Dois* homens, não três. E ele estava no andar de cima, havia sempre mais vantagem para que está no andar de cima.

O rosto retorcido de dor, um pouco encurvado, Bourne aproximou-se da primeira porta à esquerda, paralela ao último lance da escada. Abriu-a e deu um passo para dentro. Pelo que podia ver, a sala era um quarto comum: lâmpadas, mobília pesada, quadros nas paredes. Pegou a primeira lâmpada, puxou o fio da parede e levou-a para perto do corrimão. Depois levantou-a acima da cabeça e jogou-a para baixo, dando um passo para trás, enquanto o metal e o vidro se quebravam lá embaixo. Houve outro tiroteio, as balas estilhaçando o teto. Jason gritou, deixando que o grito se transformasse em choro, e o choro em lamento prolongado. Depois o silêncio. Foi até o corrimão. Esperou. Silêncio.

Aconteceu. Podia ouvir os passos lentos e cautelosos; o matador estivera escondido no segundo andar. Os passos se aproximaram, ficando mais nítidos. Uma sombra apagada projetou-se na parede. Agora. Bourne levantou-se de onde estava e atirou quatro vezes, em rápida sucessão, contra a figura que estava na escada. Uma linha de furos de bala e o sangue jorrando apareceram no colarinho do homem. O matador girou, urrando de raiva e dor, enquanto o pescoço se arqueava para trás e o corpo era arremessado pelos degraus abaixo até ficar imóvel, esparramado, o rosto contra os três primeiros

degraus. Nas mãos uma automática, parada.

Agora. Jason correu para a escada, desceu-a correndo, segurando-se no corrimão, tentando manter o que lhe restava de equilíbrio. Não podia perder um minuto; talvez nunca mais tivesse outro. Se ia chegar ao segundo andar teria que ser agora, imediatamente depois da morte do militante. E assim que pulou por cima do corpo morto, Bourne constatou que era mesmo um militante, e não Carlos. O homem era alto e tinha a pele muito clara, as feições nórdicas.

Jason correu para o saguão do segundo andar, procurando as sombras, agarrando-se às paredes. Parou, ficou ouvindo. Ouviu um arranhão agudo a distância, um breve ruído vindo de baixo. Agora sabia o que devia fazer. O assassino estava no primeiro andar. E o som não fora deliberado, não fora alto nem suficientemente prolongado para ser uma armadilha. Carlos estava ferido — uma rótula esmagada ou um pulso quebrado poderiam desorientá-lo a ponto de fazê-lo colidir com um móvel qualquer ou raspar a roupa contra a parede com a arma na mão, perdendo por um breve instante o equilíbrio, como Bourne perdia o seu. Era isso o que precisava saber.

Jason agachou-se, subiu de novo a escada para perto do corpo estendido nos degraus. Tinha que descansar um pouco, estava perdendo as forças e muito sangue. Tentou comprimir a carne do alto de sua garganta e pressionar o ferimento no peito — qualquer coisa que pudesse estancar a hemorragia. Inútil; para permanecer vivo teria que sair da casa de granito, ir para longe do lugar onde Caim nascera. Voltou a respirar novamente; estendeu a mão e alcançou a arma automática nas mãos do morto. Estava pronto.

Estava morrendo e estava pronto. *Pegar Carlos*. *Cercar Carlos*... *Matar Carlos*! Não podia sair, sabia disso. O tempo não estava do seu lado. O sangue se escoaria antes que isso acontecesse. O fim era o começo: Caim era para Carlos e Delta era para Caim. Apenas uma pergunta agonizante permanecia: quem era Delta? Não importava. Tudo isso ficara para trás agora, logo seriam as sombras, não violentas, mas pacíficas... a liberdade da própria pergunta.

E com a sua morte Marie ficaria livre, o seu amor ficaria livre. Homens decentes cuidariam dela, orientados por um homem decente em Paris, cujo filho fora morto na Rua du Bac, a vida destruída pela amante de um assassino. Dentro dos próximos minutos, pensou Jason, silenciosamente checando o pente de balas da automática, cumpriria a sua promessa para aquele homem, levaria avante o acordo que tinha com homens a quem desconhecia. Fazendo isto, conseguiria provar tudo. Jason Bourne morrera uma vez neste mesmo dia; morreria de novo, mas levaria Carlos consigo. Estava pronto.

Abaixou-se, ficando de bruços, as mãos acima dos cotovelos, arrastando-se no topo da escada. Podia sentir o cheiro de sangue abaixo dele, o odor adocicado penetrando-lhe nas narinas; mostrando-lhe um aspecto prático: o tempo estava correndo. Chegou ao último degrau, colocou-se de pé, procurando no bolso uma das lanternas que comprara na loja de artigos do Exército e da Marinha na Avenida Lexington. Sabia agora por que sentira a compulsão de comprá-las. Reportara-se à esquecida Tam Quan, completamente esquecida a não ser por suas brilhantes e ofuscantes luzes. Os sinaleiros lhe haviam lembrado de alguma coisa; eles poderiam incendiar toda a selva agora.

Puxou o pavio encerado de dentro do sinaleiro, levou-o aos dentes e mordeu a corda, encurtando o pavio para pouco mais de dois centímetros. Do outro bolso tirou um isqueiro de plástico; pressionou-o contra o sinaleiro, os dois em sua mão esquerda. Depois, segurou a arma contra o ombro direito, encostando o metal contra o pano de sua roupa ensopada de sangue; era mais seguro. Estendeu as pernas e, como uma cobra, começou a descer o último lance da escada, a cabeça para baixo, os pés para cima, as costas arranhando a parede.

Chegou no meio da escada. Silêncio, escuridão, todas as luzes apagadas... Luzes? Luz? Onde estavam os raios de sol que vira no corredor há alguns minutos? Eles se haviam escoado por um par de portas francesas no outro lado da sala — aquela sala — depois do corredor, mas agora Jason só via a

escuridão. A porta fora fechada, a porta abaixo dele, a única que restava naquele corredor, também estava fechada, marcada por um tênue raio de luz no alto. Carlos tentava fazê-lo escolher. Por trás de qual das portas? Ou o assassino estaria usando uma estratégia melhor? Estaria ele na escuridão daquele mesmo corredor escuro?

Bourne sentiu uma pontada de dor na espádua, depois o sangue jorrou, encharcando a camisa de flanela por baixo do uniforme. Outro aviso: restava pouco tempo.

Encostou-se contra a parede, a arma apontada para a escuridão do corredor. Agora! Puxou o gatilho. As explosões em *staccato* rasgaram as colunas e o gradil do corrimão caiu, as balas ricocheteando nas, paredes e na porta lá embaixo. Soltou o gatilho, segurando o isqueiro na mão direita e o sinaleiro na esquerda. Acendeu o isqueiro e encostou-o no pavio. Depois levou a mão de volta à arma e novamente apertou o gatilho, fazendo explodir tudo lá embaixo. Um candelabro de vidro caiu ao chão, as balas ricocheteando a escuridão. E subitamente — *luz*! Luz ofuscante quando o sinaleiro acendeu, incendiando a selva, as chamas subindo pelas árvores e paredes, os caminhos escondidos e os corredores de mogno. O cheiro fétido da morte e da selva estava em todos os lugares, e ele estava lá.

Almanc para Delta. Almanac para Delta. Abandone! Abandone!

Nunca. Não agora. Não no fim. Caim é para Carlos e Delta é para Caim. Cerque Carlos. Mate Carlos!

Bourne pôs-se de pé, as costas contra a parede, o sinaleiro na mão esquerda, a arma explosiva na direita. Mergulhou na rasteira vegetação atapetada, abrindo a porta com um pontapé, molduras de prata flamejando e troféus caindo das mesas e prateleiras, explodindo no ar. Contra as árvores. Parou; não havia ninguém naquela sala tranqüila, elegante, à prova de som. Ninguém na selva.

Girou e voltou para o corredor, furando as paredes com um prolongado tiroteio. Ninguém.

A porta no final do corredor estreito e escuro. Lá dentro ficava a sala onde Caim nascera. Onde Caim morreria, mas não sozinho.

Segurou o fogo, passando o sinaleiro para a mão direita por baixo da arma e pegando no bolso o segundo sinaleiro. Tirou-o do bolso e de novo puxou o pavio e levou-o aos dentes, cortando a corda, desta vez a poucos milímetros do contato com a gelatina incendiária. Aproximou o sinaleiro da chama, a explosão de luz foi tão brilhante que lhe doeu nos olhos. Desajeitadamente, segurou os dois sinaleiros na mão esquerda e movimentando-se, as pernas e braços perdendo a batalha para o equilíbrio, aproximou-se da porta.

Estava aberta. O assassino estava se ajeitando, mas no instante em que olhou para aquela porta, Jason instintivamente soube de algo que Carlos não sabia. Fazia parte do seu passado, da sala onde Caim nascera. Estendeu a mão direita, encostando a arma entre o antebraço e o quadril, e pegou na maçaneta.

Agora. Abriu um pouco a porta e arremessou para dentro os dois sinaleiros acesos. Uma explosão em staccato de um revólver Sten ecoou através da sala, através de toda a casa, mil ruídos mortos formando um acorde, contínuo, enquanto as balas se alojavam na porta forrada por uma placa de aço.

O tiroteio cessou, o pente de balas terminara. Agora. Bourne colocou de novo a mão no gatilho, jogou o ombro contra a porta e entrou, atirando em círculo enquanto rolava no chão, movendo as pernas como se fossem ponteiros de relógio. Tiros retornavam selvagemente, enquanto Jason apontava sua arma em direção aos tiros. Um urro de fúria ecoou na escuridão da sala; Bourne percebeu então que as cortinas haviam sido fechadas, interrompendo a luz das portas francesas. Mas então por que havia tanta luz... uma luz que aumentava da escuridão? Era-lhe opressivo, causando-lhe explosões na cabeça, agudas pontadas de dor nas têmporas.

A tela! A imensa tela fora baixada do teto e esticada até o chão, a flama brilhante e larga era o fogo branco de uma chama fria e brilhante. Jogou-se para trás da mesa, procurando a proteção de um bar de

frio cobre; levantou-se e puxou novamente o gatilho, desencadeando novo tiroteio — o tiroteio final. Acabara o último pente de balas. Levantou a arma pela coronha e jogou-a contra a figura vestida de macacão branco com um lenço de seda que lhe caíra do rosto.

O *rosto*! Ele o conhecia! Já o vira antes! Onde?... Onde? Em Marselha? Sim... Não! Zurique? Paris? Sim e não! De repente surpreendeu-se naquele instante na luz escura e trêmula, o rosto do outro lado da sala era conhecido de muitos, não apenas dele. Mas de onde? Onde? Como tantas outras coisas, ele o conhecia e não o conhecia. Mas ele o *conhecia*! Apenas não conseguia se lembrar do nome.

Pôs-se de pé detrás do bar de frio cobre pesado. Um tiro, dois... três, a segunda bala abriu-lhe a carne do braço esquerdo. Puxou a pistola automática do cinto, restavam-lhe três balas. Uma delas tinha que ir de encontro ao seu alvo — Carlos. Havia um débito a ser pago em Paris, e um contrato a ser cumprido, o seu amor estaria longe e seguro com a morte do assassino. Pegou o isqueiro de plástico, acendeu-o e encostou-o em um pedaço de pano que estava pendurado em um gancho. O pano pegou fogo, ele o segurou e atirou-o para a sua direita, enquanto se jogava para a esquerda. Carlos atirou no pedaço de pano em fogo, enquanto Bourne girava nos joelhos, apontando a arma e puxando o gatilho duas vezes.

O vulto perdeu o equilíbrio mas não caiu. Ao contrário, agachou-se, depois se levantou como uma pantera, as mãos espalmadas. O que estava fazendo? Então Jason percebeu. O assassino agarrou uma ponta da imensa tela branca, puxando-a do teto para baixo com todo o seu peso e força.

Ela desceu sobre Bourne, obliterando-lhe a visão e bloqueando-lhe todo o pensamento. Ele gritou enquanto a tela branca caía sobre ele, de repente mais amedrontado por causa dela do que por causa de Carlos ou outro ser humano qualquer sobre a face da terra. Aquilo o deixou aterrorizado e furioso, cortando-lhe os pensamentos em fragmentos; as imagens cruzavam-se em seus olhos, enquanto vozes iradas lhe gritavam nos ouvidos. Levantou a pistola e atirou contra aquele barulho terrível. Enquanto batia com as mãos selvagemente contra a tela, tentando empurrar o pano branco para longe do seu corpo, entendeu. Ele atirara a sua última bala, sua *última*. Como uma lenda chamada Caim, Carlos conhecia e distinguia pelo som todos os tipos de armas existentes sobre a face da terra; ele contara os tiros.

O assassino arremessou-se contra ele, a automática na mão apontada contra a sua cabeça. — A sua decisão, Delta. No dia marcado. Por tudo o que você fez.

Bourne encurvou as costas, rolando furiosamente para a direita; pelo menos morreria em movimento! Tiros encheram a sala, como agulhas quentes entrando pelo seu pescoço, furando suas pernas, cortando sua cintura. Girar, girar!

De repente os tiros pararam, e na distância ele podia ouvir ruídos de insistentes batidas contra a madeira e o aço, cada vez mais fortes. E uma batida ensurdecedora no corredor escuro fora da biblioteca, seguida por gritos de homens correndo, e de algum lugar no mundo lá fora, o barulho insistente de sirenes.

— Aqui dentro! Ele está aqui dentro! — gritou Carlos.

Que loucura! O assassino orientava os invasores em sua direção, em *sua* direção! A razão era insana, nada na Terra tinha sentido.

A porta foi aberta por um homem alto vestido com um sobretudo preto; tinha mais alguém com ele, mas Jason não podia ver. As névoas encheram-lhe os olhos, formas e sons tramando-se obscuros, manchados. Ele estava rolando no espaço. Para longe... longe.

Mas de repente viu uma coisa que não queria ver. Os ombros rígidos que flutuavam acima da cintura afilada correndo para fora da sala em direção ao corredor mal-iluminado. *Carlos*. Seus gritos haviam aberto a armadilha! Ele *invertera* a armadilha! No caos, trapaceara os caçadores. Estava *fugindo*!

— Carlos... — Bourne sabia que não podia ser ouvido; e o que saiu da sua garganta sangrando foi

apenas um sussurro. Tentou novamente, forçando o som a sair do seu estômago. — É *ele*. É... *Carlos*!

Havia confusão, ordens gritadas inutilmente, comandos engolidos em consternação. Então divisou um vulto. Um homem capengava em sua direção, um aleijado que tentara matá-lo em um cemitério nos arredores de Paris. Não restara nada! Jason rastejou em direção à chama ofuscante, flamejante. Agarrou-a e segurou-a como se fosse uma arma, fazendo pontaria para o assassino de bengala.

— Venha! Venha Chegue perto, seu bastardo! Queimarei seus olhos! Você pensa que vai me matar mas não vai! Vou matá-lo! Vou queimá-lo!

— Você não entende — disse a voz trêmula do assassino aleijado. — Sou eu, Delta. Conklin. Eu estava enganado.

A flama chamuscou suas mãos, seus olhos!... Loucura. As explosões estavam a sua volta agora, cegando, ensurdecendo, pontuadas de guinchos agudos que vinham da selva, e rompendo a cada detonação.

A selva! Tam Quan! O úmido e quente odor fétido estava em todos os lugares, mas eles haviam chegado lá! O campo da base era deles!

Uma explosão à sua esquerda, ele podia vê-la. Bem alta, acima do chão, suspensa entre as árvores, as pontas agudas de uma gaiola de bambu. O vulto lá dentro se movimentava. Estava vivo! Era preciso chegar até ele, alcançá-lo!

Um grito veio da sua direita. Ofegante, tossindo por causa da fumaça, um homem capengava em direção à densa folhagem, um rifle na mão. Era ele, o cabelo loiro visto na luz, um pé quebrado por causa do salto de pára-quedas. O bastardo! Um sujeito imundo que treinara com eles, estudara os mapas com eles e voara para o Norte com eles... o tempo todo armando uma cilada contra eles! Um traidor com um rádio onde comunicava aos inimigos exatamente onde procurá-los naquela selva impenetrável que era Tam Quan.

Era Bourne! Jason Bourne. Traidor, sujo!

Pegue, não deixe que ele alcance os outros! Mate-o! Mate Jason Bourne! Ele é seu inimigo! Fogo!

Ele não caiu! A cabeça que fora separada do corpo ainda estava lá. E vinha em sua direção! O que estava acontecendo? Loucura. Tam Quan...

— Venha conosco — disse o vulto que capengava, saindo da floresta para o que sobrara de uma sala elegante. Aquela sala. — Não somos seus inimigos. Venha conosco.

— Deixem-me! — Bourne emergiu de novo, agora para trás da tela caída. Era seu santuário, seu esconderijo de morte, o cobertor jogado sobre um homem à morte, o linho para o seu caixão. — Vocês são meus inimigos. Vou levá-los todos comigo! Sou *Delta*! Caim é para Charlie e Delta é para Caim! O que mais querem de mim? Fui e não *fui*! Sou e não *sou*! Seus bastardos, *bastardos*! Venham! Cheguem mais perto!

Outra voz foi ouvida, uma voz mais grave, mais calma, menos insistente. — Tragam-na. Tragam-na para cá.

De algum lugar longe as sirenes se aproximavam num crescendo, e em seguida pararam. Veio a escuridão e as ondas carregaram Jason para o céu noturno, apenas para jogarem seu corpo para baixo novamente, deixando-o cair em um abismo de águas revoltas e violentas. Estava entrando na eternidade da memória sem peso. Uma explosão encheu o céu, um diadema de fogo levantou-se das águas escuras. E em seguida ouviu as palavras faladas das nuvens, enchendo a terra.

— Jason, meu amor. Meu único amor. Segure minha mão. Segure-a. Com força, Jason. Com força, meu querido.

E a paz chegou com a escuridão.

EPÍLOGO

O general colocou o arquivo no sofá ao seu lado. — Não preciso disto — disse para Marie St. Jacques, sentada à sua frente, numa cadeira de espaldar reto. — Já repeti isto tudo muitas vezes, tentando achar onde erramos.

— Vocês fizeram suposições quando ninguém podia fazê-las — disse a única pessoa, além dos dois, na suíte do hotel. Era o Dr. Morris Panov, psiquiatra. Ele estava perto da janela; o sol da manhã entrava, deixando seu rosto nas sombras. — Permiti que fizessem suposições, viverei com isto para o resto da minha vida.

— Faz quase duas semanas, já — disse Marie impaciente. — Eu gostaria de saber mais especificamente. Acho que sou capaz de entender.

— Você é. Foi uma insanidade chamada licença.

— Insanidade — concordou Panov.

— E também proteção —. acrescentou Crawford. — Assino esta parte. Deveria continuar por um bom tempo ainda.

— Proteção? — Marie franziu a testa.

— Chegaremos lá — disse o general, olhando para Panov. — Do ponto de vista de todos, é vital. Acho que todos nós aceitamos isso.

— Por favor! Jason... quem é ele?

— Seu nome é David Webb. Era oficial de carreira do serviço estrangeiro, um especialista em Extremo Oriente, até a sua separação do Governo, há cinco anos.

— Separação?

— Renúncia por acordo mútuo. Seu trabalho na Medusa impedia uma carreira sistemática no Departamento de Estado. "Delta" era indigno, e quase todos sabiam que ele era Webb. Tais homens são quase sempre malvistos nas mesas diplomáticas de reunião. Não acho que deveria ser assim. Ferimentos viscerais são facilmente reabertos com a presença deles.

— Ele era tudo o que dele diziam? Na Medusa?

— Sim. Estive lá. Ele era tudo o que diziam.

— É difícil acreditar — disse Marie.

— Ele perdeu algo muito especial, e não pôde suportar isso. Apenas pôde continuar, ir em frente.

— O que era?

— Sua família. Sua mulher era de Thai; tinham dois filhos, um menino e uma menina. Ele estava locado em Phnom Penh, sua casa era nas margens do Rio Mekong. Numa tarde de domingo, enquanto a mulher e os filhos estavam fora, no dique, um avião se extraviou em círculos e mergulhou, bombardeando a área. Quando ele chegou ao rio, o dique fora bombardeado, a mulher e os filhos estavam flutuando na água, os corpos estraçalhados.

— Oh, Deus! — sussurrou Marie. — A quem pertencia o avião?

— Nunca foi identificado. Hanói disse que não era seu, Saigon disse que era nosso. Lembre-se, o Camboja era neutro; ninguém queria ser o responsável. Webb teve que ser transferido; foi para Saigon e treinou para a Medusa. Trouxe um intelecto de especialista para uma operação muito brutal. Tomou-se Delta.

— Foi quando ele se encontrou com d'Anjou?

— Mais tarde, sim. Delta já era bastante famoso na época. O Serviço de Inteligência norte-vietnamita oferecera um prêmio. extraordinário por sua cabeça, e não é segredo que entre os nossos

muitos queriam que a sua captura fosse bem-sucedida. Depois Hanói descobriu que o irmão mais novo de Webb era oficial do Exército em Saigon, e tendo estudado bem Delta — sabendo que o irmão estava perto — decidiu armar uma cilada; eles nada tinham a perder. Raptaram o tenente Gordon Webb e levaram-no para o Norte, mandando de volta para o Cong um informante com a notícia de que ele estava preso no setor de Tam Quan. Delta mordeu a isca; juntamente com o informante — um agente duplo —, formou um grupo de medusianos que conheciam a área e escolheu uma noite em que nenhum avião de combate poderia voar para o Norte. D'Anjou estava nesta unidade. E outro homem a quem Webb não conhecia, um homem branco, comprado por Hanói, técnico em comunicações, que podia reunir os componentes eletrônicos de um rádio de alta freqüência no escuro. O que ele realmente fez, delatando a posição do grupo. Webb conseguiu vencer a cilada e encontrou o irmão. Também descobriu o agente duplo e o homem branco. Os vietnamitas escaparam na selva; o homem branco não. Delta o executou assim que o divisou.

— E esse homem? Os olhos de Marie estavam presos em Crawford.

— Jason Bourne. Era um medusiano de Sidney, da Austrália; um atravessador de armas, tóxicos e escravos por todo o Sudeste da Ásia. Um homem violento com um recorde criminal que era não obstante brilhante — se o preço fosse bastante bom. Estava nos interesses da Medusa empanar as circunstâncias de sua morte; tornou-se um desaparecido em ação de uma unidade especializada. Anos mais tarde, quando a Treadstone estava sendo formada e Webb voltou, ele próprio tomou o nome de Bourne. Porque preenchia os requisitos de autenticidade, de investigação. Tomou o nome do homem que o traiu, do homem que ele matara em Tam Quan.

— Onde estava ele quando foi chamado para a Treadstone? — perguntou Marie. — O que fazia?

— Lecionava em uma pequena universidade de Nova Hampshire. Levava uma vida isolada, alguns diziam que destrutiva. Para ele. — Crawford pegou o arquivo de registros. — Estes são os fatos essenciais, senhorita St. Jacques. Outras áreas são da competência do Dr. Panov, que já deixou bem claro que minha presença não é necessária. Há no entanto um pequeno detalhe que deve ser muito bem entendido. É uma ordem direta da Casa Branca.

— A proteção — disse Marie, e suas palavras eram uma declaração.

— Sim. Aonde ele for, seja qual for a identidade que vier assumir, ou o sucesso de seu disfarce, ele será integralmente vi giado. Durante todo o tempo, mesmo que! nada aconteça.

— Por favor, explique-me isso.

— Ele é o único homem vivo que viu, Carlos. Como Carlos. Conhece a identidade dele, mas este conhecimento está bloqueado em algum lugar de sua mente, faz parte de um passado do qual não se lembra. Percebemos pelo que ele disse que Carlos é alguém que muitos conhecem — uma figura bastante conhecida de um governo de algum lugar, ou das comunicações, da sociedade, ou do grupo de banqueiros internacionais. Isto coaduna com uma teoria corrente, O problema é que algum dia esta identidade poderá vir à tona na mente de Webb. Sabemos que vocês conversaram muito com o Dr. Panov. Creio que ele confirmará tudo o que eu lhe disse.

Marie virou-se para o psiquiatra. — É verdade, Mo?

— É possível — respondeu Panov.

Crawford saiu da sala e Marie serviu-se e ao médico de café. Panov foi até o sofá onde o general estivera sentado.

— Ainda está quente — disse, sorrindo. — Crawford estava suando nos seus famosos costados. Ele tem todos os motivos para isso, todos eles têm.

— O que vai acontecer?

— Nada. Absolutamente nada até que eu lhes diga que podem continuar. E isto pode não ser daqui a muitos meses, um par de anos, por tudo que sei. Não antes que ele esteja pronto.

— Para o quê?

— As perguntas. E fotografias — pilhas delas. Estão fazendo uma compilação fotográfica, uma enciclopédia baseada nas esparsas descrições que ele lhes forneceu. Não me entenda mal; um dia ele terá que começar. Ele vai querer isso, nós todos queremos que ele o faça. Carlos tem que ser preso, e não é intenção minha fazer qualquer chantagem para que eles nada façam. Muitas pessoas deram muito; *ele* deu bastante. Mas agora é ele quem vem em primeiro lugar. Sua cabeça está em primeiro lugar.

— É isso que quero dizer. O que vai acontecer a ele?

Panov colocou a xícara em cima da mesa. — Ainda não estou muito certo. Tenho muito respeito pela mente humana para enganar você com psicologia barata; tem muita coisa em mãos erradas. Já estive em todas as reuniões — eu mesmo insisti nisto — e conversei com os outros especialistas e neurocirurgiões. É verdade que podemos entrar com uma faca e encontrar os centros mais agitados, reduzir as ansiedades, dar-lhe um pouco de paz. Até mesmo, talvez fazê-lo voltar ao que foi. Mas este não é o tipo de paz que ele quer... e há um risco muito maior. Podemos retirar muitas coisas, tirar as coisas que ele já encontrou — continuará a encontrar. Com cuidado. Com o tempo.

— Tempo?

— Acredito que sim. Porque os padrões já foram estabelecidos. Há crescimento, a dor do reconhecimento e a excitação da descoberta. Isto lhe diz alguma coisa?

Marie olhou para os olhos escuros e cansados de Panov; havia uma luz neles. — Para todos nós — disse ela.

— Isto mesmo. De certa forma, ele é um microcosmos simbolizando todos nós. Quero dizer, todos nós tentamos descobrir quem afinal de contas somos nós, não é?

Marie foi até a janela da frente da casa à beira-mar, as dunas elevando-se atrás, os jardins cercados. E guardas. A cada cinqüenta pés um homem armado. Ela podia vê-lo a muitas jardas dali, perto da praia; ele observava as conchas na água, saltando pelas ondas que iam bater gentilmente na praia. As semanas haviam sido muito boas para ele. Seu corpo estava coberto de cicatrizes, mas inteiro de novo, de novo firme. Os pesadelos ainda estavam lá, e alguns momentos de angústia lhe voltavam durante o dia, mas de qualquer forma eram bem menos aterrorizantes. Começava a enfrentar, começava a rir de novo. Panov estivera certo. As coisas estavam acontecendo para ele; imagens lhe voltavam mais claras, com significado mais profundo, quando antes não tinham significado algum.

Algo acontecera agora! Oh, Deus, o que era? Ele se jogara na água e se debatia, gritando. De repente, ele saiu, pulando as ondas em direção à praia. A distância, na cerca de arame farpado, um guarda se virou, um rifle foi posto debaixo do braço e um rádio portátil tirado do cinto.

Ele começou a correr pela areia molhada em direção à casa, o corpo sendo arremessado para a frente, gingando, os pés cavando furiosamente a superfície macia, deixando para trás espumas de água e areia. O que era?

Marie ficou gelada, preparada para o momento que sabiam que um dia chegaria, preparada para o som de um tiro.

Ele entrou porta adentro, o peito arfando. Olhou para ela, os olhos tão claros quanto ela jamais os vira. Ele falou com voz macia, tão macia que ela quase não podia ouvi-lo. Mas o ouviu.

— Meu nome é David...

Ela caminhou lentamente em sua direção.

— Olá, David — disse.

Fim

Este *ePub* teve como base a digitalização em *Doc* feita por **argo_3_nauta**.

Para este arquivo utilizei uma capa norte-americana, na formatação coincidi alguns detalhes com a capa para manter a estética.

Maio de 2014

LeYtor